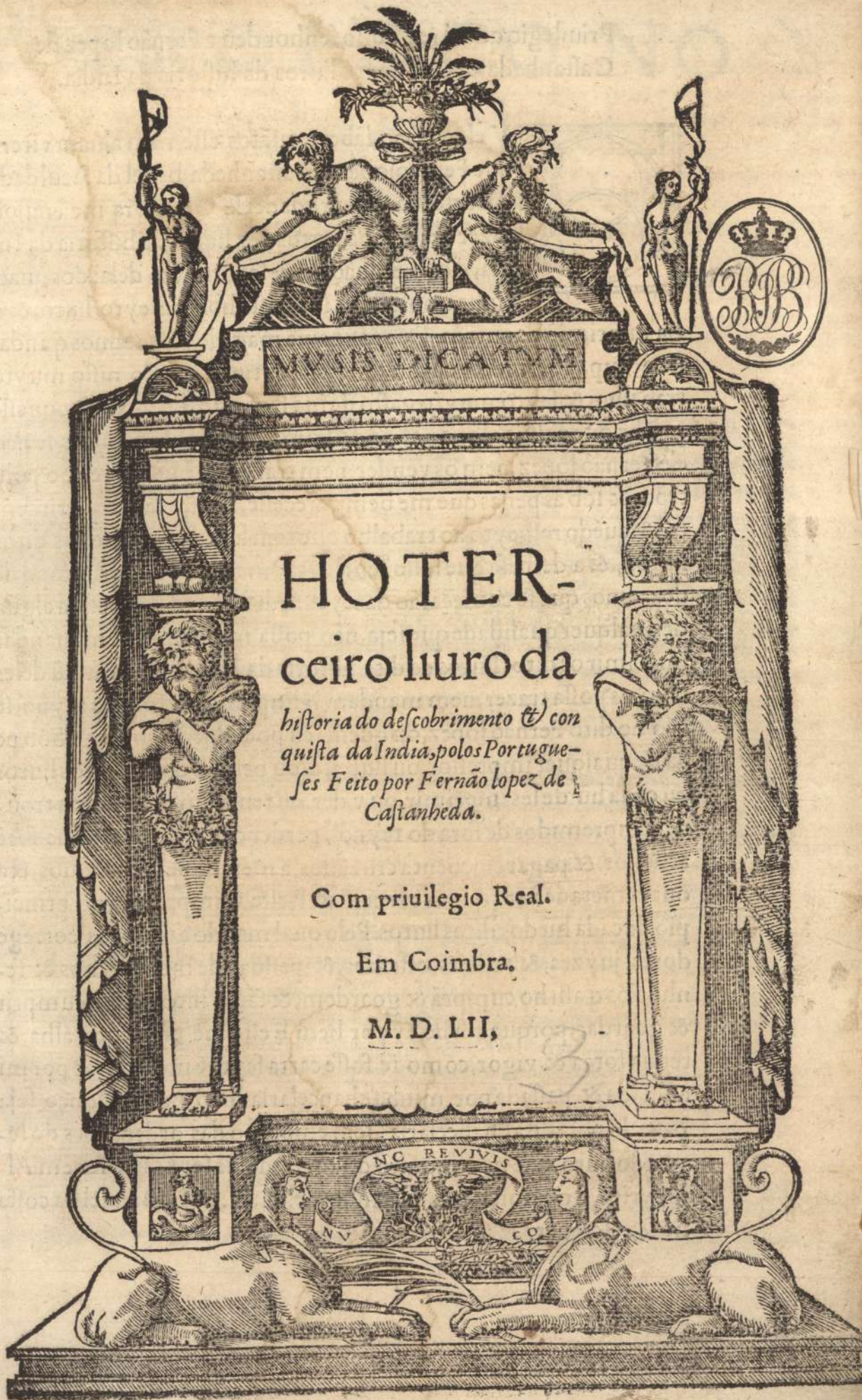




Priuilegio que el rey nosso senhor deu a Fernão lopez de
Castanheda, pera todos os liuros da historia da India.



V el rey faço saber a quãtos este meu aluara virem
que Fernão lopez de castanheda, bedel da faculdade
das artes da vniuersidade de Coimbra me enuiou
dizer q̃ ele tinha feytos dez liuros da historia da In-
dia, q̃ começauão do descobrimẽto dela: dos quaes
tinha impressos à sua custa ho primeyro liuro, & q̃
ria imprimir os outros. E porque auia mais de vinte annos q̃ anda-
ua occupado no fazer da dita historia: & tinha leuado nisso muyto
trabalho, & feyto muyto gasto de sua fazêda: me pedia que ouuesse
por bẽ que pessoa algũa não podesse imprimir os ditos liuros se não
ele Fernão lopez, nem os vender, nem trazer de fora do reyno polo
tẽpo, & sob as penas que me bem parecesse. E visto seu requerimen-
to, & auẽdo respeyto ao trabalho que tem leuado em fazer os ditos
liuros, & a despesa que nisso tem feyta, me praz que por tempo de
dez annos que se começarão da feytura deste em diãte, pessoa algũa
de qualquer qualidade que seja, não possa imprimir, nem mandar
imprimir os ditos liuros da dita historia da India, né cada hũ deles
nem os possa trazer, nem mandar vir impressos de fora do reyno, se
não ho dito Fernão lopez, ou quem seu poder pera isso teuer. Sob pe-
na de qualquer impressor, ou liureiro, ou pessoas que os ditos liuros
ou cada hũ deles imprimir, ou v der. ou teuer em sua casa, ou trou-
uer empremidos de fora do reyno, perder os volumes que lhe fore
achados, & pagar cincoenta cruzados, a metade pera os catiuos, & a
outra metade pera quem os accusar. E este se imprimira no princi-
pio de cada hũ dos ditos liuros. Pelo qual mando a todos os correge-
dores, juyzes, & justiças, officiaes, & pessoas de meus reynos & se-
nhorios q̃ assi ho cumprã & goardem, & fação inteiranẽte cumprir
& goardar, porque assi ho ey por bem E este me praz que valha, &
tenha força & vigor, como se fosse carta feyta em meu nome por mi
assinada & passada por minha chancelaria: posto que este não seja
passado pola dita chancelaria, sem embargo das ordenaçõs do se-
gundo liuro, que ho contrairo dispõe. Ioão de seyxas ho fez em Al-
meyrim, a quatorze dias de Junho, de. M. D. LII. Manuel da costa
ho fez escreuer.

PROLOGO NO

terceiro liuro do descobri-

mento & conquista da India, pelos Portugueses

Dirigido â muyto alta & Serenissima Raynha

dona Caterina de Portugal nossa

senhora.



Por Fernão lopez de Castanheda.



ITO LIVIO HISTORIADOR ROMANO

muyto alta & Serenissima Raynha N.S. Pola historia que escreueo da fundação de Roma & do mais que os Romãos fixerão na conquista de seu Imperio, foy antrele tão celebrado, que por isso ho tenerão em grande admiração nas provincias estranhas. Em tanto que muytos naturais delas, sendo Roma naquele tempo a mays notavel cousa do mundo, mais hião a ela por vera Tito liuio que a suas grandezas. E ho mesmo fixerão outros muytos historiadores de suas cousas, que por ventura não forão tão famosas, se aqueles que as escreuerão as não souberão tão bem representar, Porque na sua eloquencia consiste muyto, serem elas grandes ou pequenas, o que sentindo bem aquele grande Alexandre teue Achilles por tão bẽ aueturado em ter Homero por escriptor de suas façanhas, como testificação aqueles dous versos tão notorios que disse quando vio a ymagem Dachiles, & desejou tanto que Homero fora em seu tempo pera escreuer suas cousas, que dizẽ dolhe hũa vez hũ seu q̃ lhe leuaua hũa grã de noua, pergũtou se era Homero resuscitado. E vendo eu quã estimados erão os historiadores de cousas dignas de memoria. Posto que fique muyto abaixo do engenho de Homero & não chegue á eloquẽcia de Tito liuio. Deume ousadia a escreuer o que os Portugueses fixerão no descobrimento & cõquista da India serem as façanhas tays, que em grandeza, fama & admiração, tenerão muyta auantagem ás q̃ escreuerão Tito liuio & Homero. E tenho que ganhey muito em ser ho primeyro Portugues que na nossa lingua as resuscitey, estão mortas de cincoenta annos, & não somente em Portugal, mas em outros reynos onde deseiaão muyto de as saber. Do que he testemunha imprimirse agora em Paris em lingua Frãcesa ho primeyro liuro desta historia, que tornou na mesma lingua mestre Nicolao, que ca foy lere dantes no Collegio Real & afora isto fuy tambem ho primeiro que mostrey ha engano que muytos tinham q̃ na lingua Portuguesa não se podia escreuer quanto quisessem assi como nas outras, se ouuesse quem ho soubesse fazer E ajudou me a mostrar esta verdade aquele grande poeta Portugues de muyto grande erudição ho doutor Francisco de Sá, com as obras que tem compostas na nossa lingua em prosa & em verso, outro Terẽcio de nosso tempo, outro Plauto. & outro Virgilio. E outro tão marauilhozo engenho como ho de cada hũ destes. E ho galardão que me derão algũs vossos Portugueses, foy acanharem me as obras de meus trabalhos diante de sua alteza. Poendo nelas tachas, sem as nomearem pera que eu não soubesse de que me auia de defender. Porque se ho soubera eu ho fixera & farey se ho souber, que não sou eu de qualidade, nõ tenho tão pouca obrigação donrra que não atente muito bem ho que faço. E mays em cousa de tãta importancia que auia dir diante dos olhos de sua alteza, & se me eu detive vinte tantos annos em escreuer esta historia, foy porque a fizese como auia de ser, principalmẽte na verdade. E esta certifico a. V. A. que a não

foube em minha casa, nem a mães perguntar por escripto aos que a sabião, porque me não respõdessem como sacertãse, ou por occupação, ou por outra qualquer causa. Mas que a fuy saber à India passando na via gẽbrauas, & terriueis tormẽtas: com q̃ me vi perto da morte & sem esperança da vida cõ trabalhos de grande fome & de muyto mayor sede. E lã com mil perigos, em muyto espantosas peleias de bõbardadas & espingardas sem conto: E antrelas foube eu a verdade do que auia descreuer de muytas cousas de vista & outras douuida. E não de quaesq̃r pessoas, senão de capitães & fidalgos, pessoas de muyto credito que forã presentes a elas, enformandome por mim mesmo dos mais que pude ho mais miudamẽte que mo podião dizer: E afirmandome de todos com iuramento, que se gundo sua lembrança me falauam verdade. E pelo mesmo modo ho fiz despoys de tornar a Portugal, onde me acabei de formar do que não pude saber na India de muytos fidalgos & Capitães que eram ia vindos de lã, que nunca deixey de ir buscar onde estauão, posto que fosse longe. Que tambẽ me custou muyto trabalho, caminhando por calmas & por frios. O que duuido q̃ outrem podera sofrer. E bem pode ser que estes aque pergũte y lhes não lembraria de me dizerem algũas particularidades, ou pelo grande discurso do tempo se esquecerão dalgũs nomes proprios de Capitães ou doutras pessoas que dirião hũs por outros. Porem a realidade da cousa como passou, foy verdade yra polos muytos que cõformauão nela, & por achar que era assi em cartas me suas q̃ algũs escreuião a outros do que passaua. E assi em trelados & lembranças que muytos curiosos escreuerão do que se faz iana queles tẽpos. E foy me grande ajuda pera me não contentar tudo o que me dixião ho tẽpo que andey na India, & o que vi dela, que se isso não fora bem me poderão enganar como a que não tinha visto a terra, nem sabia como se podião ou não podião fazer nela as cousas, nos lugares em q̃ acõtecerão. E por isso que ha descreuer historias ha de fazer as diligẽcias que eu fiz & ver a terra de q̃ ha de tratar como eu vi, que assi ho fixerão esses historiadores antigos & modernos. E bem sentia isto el rey dõ Afonso ho quinto de Portugal, quando mandou Gomez canes da zurar cronista destes reynos a Alcacere pera lã escreuer como testemunha de vista, o que os nossos fizessem. E soube se ho sitio da terra de que auia descreuer, & aprede se as particularidades da guerra pera saber como auia de falar. Porque muyto sobre natural ha de ser ho engenho que ha de saber escreuer do que nunca vio. O que se me não pode dizer Porque vi tormentas, vi batallas no mar & peleias na terra, & espedagar nanios, & bater muros & vècer a i migos, & falo como esprementado, E se isto souberão os que tacharão minhas obras, bem creio que ho não fixerão, antes me ajudarão polo muyto q̃ todos meus naturaes me deuem em ilustrar suas honrras & de seus antecessores que forão no descobrimento da India & em sua conquista, que estauão & estenẽrão sepultadas, se eu não fora. Mas não quero que me deuão isto, aassi polo presente como polo futuro, se não. a. V. A. Porque eu por este desgosto de todos saberem tachar & poucos fazer estaua determinado de da qui por diante, não sair a luz com meus trabalhos, se não fca saber camanha & quam singular merce me. V. A. fez em se auer por seruida dos douliueros que emprimi, & dizer que não ouuera ho q̃ vay neles destar encuberto tanto tempo. E com ho fauor de tamanha merce não temi inueiosos, nem mal dizẽtes. E publicarey ho terceyro, & prazendo a nõso senhor publicarey logo os outros de bayxo do emparo de. V. A. & por isso a. V. A. se deu ho que se da qui por diante souber das cousas da India, como se deuẽ outras muyto grãdes & muy assignadas merces que faz cada dia a seus vaßalos, que sam muy largas de contar. De modo q̃ se somos os mais bem auenturados pouos do vniuerso, por ter ho mays excellẽte & singular Rey dos que reynão em todo ele. Por nos defender das muyto grandes & ensofriueys oppressões, que os outros pouos padecẽ, como he notorio. Aassi ho somos sem ter por Raynha & senhora a. V. A. cuias heroycas virtudes não tem conto & aquem outra nenhũa princeza he igol.

Liuro terceiro da historia do des

cobrimento & conquista da India pelos Portugueses per
mandado do inuictissimo rey dom Manuel de glo
riosa memoria, em que se contem as coulas
que forão feytas no tempo que Afon
so dalbuquerque a
governou.



Capit. j. De como dō Fernando Coutinho Marichal de Portugal, determinou
com ho governador Afonso dalbuquerque, que fossem sobre Calicut; & de
como forão auisados da disposição de Calicut.



Etido Afonso dal
buquerque de posse
da governança da
India, dō Fernā
do coutinho Ma
richal de Portu
gal (posto que no
liuro segundo por erro se chama dom
Francisco) que ja entendia na carrega
pera Portugal, como trazia por regi
mento; deu hũa carta delrey ao gover
nador, em que lhe screuia que era seu
seruigo q̃ ho Marichal destruisse Ca
licut, se lhe bem parecesse; & que acer
ca disso seguisse ele governador seu
parecer. E sobre tudo ho marichal lhe
pedio que ho ajudasse nisso, & ele lho
prometeo dizendo que lhe parecia bẽ
destruirse Calicut: & que a instruçã
de como se poderia fazer lhes daria
Cojebiquin là morador, tamanho ami
go dos Portugueses, que por amor dis
so se perdera em tẽpo de Pedraluarez
cabral (como disse no liuro primeyro)
Perao q̃ foy logo chamado, & foy se
cretamente a Cochim, & lhes disse q̃
Calicut estaua em desposição pera se
lhe fazer muyto dano, por quanto ho
çamorim era na serrra, & na cidade a

uia poucos nayres, a respeyto dos muy
tos que auia quando el rey hi estaua, &
esses tinham pouca lembrança de nin
guem ir sobreles; & que toda a fortale
za da cidade era da banda do sul onde
estaua ho çame delrey, q̃ he ho seu
pagode, que seria hũ tiro de besta do
mar, & ali auia hũa tranqueira bem ar
tilhada, porque como daquela banda
auia boõ desembarcadoyro receauase
el rey que por ela se entrasse a cidade,
& por isso a mandou fortalecer. Porẽ
que da banda do norte donde a desem
barcação era dificultosa não auia ne
nhũa fortaleza, & por isso se podia ali
melhor desembarcar q̃ na outra parte;
& que ainda que não fizessem mais q̃
queimar vinte naos nõuas que os mou
rostinhão ã estaleiro pa mãdar aq̃le
ãno ao estreyto carregadas despecia
ria, q̃ seria muyto grande coula por q̃
nã poderiã tã asinha fazer outras, & q̃
el rey de Calicut recebiria nisso muy
ta perda, por amor dos dereytos q̃ per
dia por não ter outra rēda. Auida esta
instrução por Cojebiquin propos ho
Marichal em conselho o que lhe el rey
seu senhor mãdaua acerca de Calicut,
& a enformação q̃ tinha. E vista a per

da q̃ el rey de Portugal recebia de Calicut no seu trato da especiaria, & a disposição em que a cidade estaua, & ho muyto que se ganhaua em lhe queimar as vinte naos, que fossem sobrela & a destruissem. E isto determinado por quanto ainda a mayor parte da armada da India estaua varada, & se faria detença em se deitar ao mar, assentaráo que fosse a gēte em tres naos da armada do Marichal que estauão carregadas, & assi nas velas da India que logo podessem ir. E fazendo se isto prestes chegou a Cochim Vasco da silueira, que por mandado de Duarte de lemos hia (como disse) a pedir a armada ao governador, a quem dando este recado deu tambem ho terlado da prouissam de Duarte de lemos & ho seu regimento. O que visto pelo governador ouue as prouissões por boas, & disse q̃ lhe obedecia, & que logo dera a armada se nã esteuera com ho Marichal de caminho pera Calicut, que da volta q̃ prazendo a Deos tornassem ele despacharia logo a armada pera Duarte de lemos. E vendo Vasco da silueira a muyta honrra q̃ se aparelhaua naq̃la viagem, como ele era muy especial caualeyro offreceose ao governador pera ir coeleto que lhe ele teue muyto em merce, porque ho conhecia por tal.

Capit. ij. De como ho governador & ho Marichal partirão pera Calicut pera a destruir, & chegarão a ela. E de como ho governador desembarcou primeyro & a causa porque.



Restes tudo o que era necessario pera ho governador & ho Marichal hirem sobre Calicut, partiranse

na entrada de Ianeyro de mil & quinhentos & dez, & leuariã consigo mil & seyscētos homens pouco mais ou menos, & ho Marichal leuaua bandeira na gauia, & obediciãlhe os capitães de sua armada que erão os q̃ disse, & ao governador obedicião os da armada da India, que erão dom Antonio denoronha seu sobrinho capitão da fortaleza de Cochim, e cujo lugar ficou Antonio real alcaide mór & patrão mór da ribeira, Manuel paçanha, Fernão perez dandrade, Iorge da silueira, Ayres da silua, Francisco pantoja, Iorge fogaça, Duarte de melo, dom Ieronimo de lima, Francisco pereyra continuo, Manuel de lacerda, Antonio pacheco, Simão dandrade, Diogo mendez, Vasco da silueira, Francisco de miranda chichorro, Felipe rodriguez & Simão martinz. E chegarão a Calicut aos dous dias de Ianeyro hũ dia aa tarde, & as naos grossas surgirão de fora do arrecife & as de remo de dentro: & aqui se passarão ho governador & ho Marichal às duas galés de que erão capitães Simão dandrade & Diogo mendez, & no porto não acharão nenhũs paraos q̃ lhe contrariassem. Surta a nossa frota ho governador & ho Marichal fizerão conselho sobre a ordem que terião em dar na cidade, & antes que ho governador propoesse, pediõlhe ho marichal q̃ pois ele tinha ganhada na India muyta hõrra, & podia ainda ganhar muyto mais, que lhe pedia que lhe desse a dianteira naq̃le feyto pera poder ganhar algũa que leuasse pera Portugal pois a hia buscar tão longe. Ho governador lhe disse q̃ era contente de lhe fazer aquele seruiço, porque a ninguẽ deuia tanto como a ele que ho liurara de seus inimigos &

ho restituira em sua honrra que fizesse quanto quisesse, porque ele era governador. E outorgada a dianteira ao Marichal foy determinado q̃ desembarcassem âte manhaã, porque a artelharía dos immigos lhe não fizesse tanto nojo, & que fosse a desembarcação defronte do çarame delrey: & q̃ ho marichal & ho governador desembarcassem primeyro q̃ nenhũ dos capitães: & que ao Marichal seguissem os capitães da armada de Portugal, & ao governador os da India. O q̃ logo algũs teuerão a maõ final dizêdo que como hi auia duas cabeças logo algũa auia darrar, que pera que era se não seguirẽ todos ao governador, & ho Marichal leuasse a diãteira. E ho principal a q̃ isto pareceo mal foy a Manuel pãçanha, que a fora ho dizer disse que pois assi cra q̃ tudo seria morrer em seruiço delrey com dous filhos que lhe ainda ficauão. Acabado ho conselho, & recolhidos todos a seus nauios aperceberan se pera ho que auião de fazer, que estauã muy aluorçados pera dar na cidade pola fama que tinhã destar muyto rica. E duas oras antemanhaã toda a gente estaua embarcada cõ seus capitães, & caladamente arrancarão pera terra com a claridade da lũa que os alomeaua. E ho regedor da cidade por elrey de Calicut estaua com sua gente prestes em suas estancias esperando polos nossos & tinha mais de trinta mil nayres, & os mais deles frecheiros, & começouse antreles muy grãde arroido, assi da grita da gẽte como das bombardadas que desparauão como sentirão que os nossos se chegauão: & erão os pelouros tão bastos que algũs acertauão nas lanças dos nossos q̃ hião aruoradas, & a causa porque não acer-

tauã nos bateis, era porque as estâncias da artelharía, & o çarame delrey estauão tão altos que senhoreauão por cima do mar, & os tiros passauão por alto, & receãdo ho governador que por hirem assi juntos como hião lhes fizesse a artelharía muyto dano, mãdou cõ consentimento do Marichal que se espalhassem os bateis, porem que cada hũ seguisse a seu capitão mór, & assi se fez. E como ho governador se viu apartado do Marichal mandou apertar ho remo aos da sua cõpanhia pera defronte do çarame, posto que tinha dada a dianteira ao Marichal: & como eles por serẽ da India sabião melhor a terra q̃ os de Portugal, & mais leuauão seus bateis & paraos enseuados & os remeiros mais destros no officio q̃ os do Marichal, leuarãlhe tanta auantajem que chegarão primeyro a terra: & tambẽ porque como ho Marichal fosse descansado sobre ter a dianteira vendo que era muyto cedo deixou se ir muyto de vagar, & por isso descayo cõ os seus abaixo do çarame hũ boõ tiro de berço. Ho governador que hia auiado pera terra tão q̃ chegou poiou nela com sua gente, & não esperou pelo Marichal, vendo q̃ não chegaua nẽ parecia. E rompendo por antre grãde multidão de bombardadas, & frechadas que os nossos não tinhão em cõta remeteo com atranqueira: & por muyto bem que os immigos a defenderão, pelejando muy efforçadamente os nossos a entrarão, matãdo & ferindo muytos deles, & por força lha fizerão deixar leuando os diante desi desbaratados ate ho çarame, q̃ estaua dali a tiro de bẽsta, & por sua fortaleza estaua cheo de molheres & meninos q̃ se ali recolherã, & guardauão muytos nay

res com que se ajuntarã os que fugião, & fazendo coeles corpo fizeram rosto aos nossos, que nẽ por isso deixarão de os cometer com muyto grande impeto chamando por Sanctiago: & assi se começou a peleja, que foy muyto mais ferida que na tranqueyra, porque os inimigos se defendião como homẽs q̃ de terminauão de vencer ou morrer. E assi morrerião bem duzentos deles, & os outros fugirão, & dos nossos morrerã muy poncos: & entre tanto que a peleja duraua algũs dos nossos pozerão fogo ao çarame, & ardeo todo com quanto estaua dẽtro. E acabada a peleja, porq̃ os nossos não entrassẽ a cidade antes que ho Marichal chegasse mandou ho governador a dõ Antonio de noronha que com outros capitães tomasse as bocas das ruas que sayão pera aquela parte & as teuesse, porque os não saltealẽ os inimigos: & despois disto veo ho Marichal.

Capit. iij. Do que ho Marichal disse ao governador, porque desembarcara primeyro. E de como ho Marichal entrou a cidade & fez grande mortindade nos inimigos: & de como foy morto, & os nossos forão desbaratados.



Quando chegou aa tranqueyra vẽdo o q̃ era feyto, & que não auia ali mais q̃ fazer, dagaçado de lhe parecer que lhe nã goardara ho governador a palavra que lhe dera: da primeyra ètrada diff, e logo muy foltamente, que mal lhe guardara ele o que lhe prometera. E dizendo outras palauras contrele muy asperas tirou

ho capacete da cabeça, & pos hũ barrete vermelho que lhe leuaua hũ paje, & tomou hũ pao na mão: & segundo estaua apaixonado cuydarão algũs q̃ queria ir espancar ho governador, q̃ a este tempo estaua armando algũs caualeyros: a que logo foy dito como ho Marichal era chegado, & que se hia pera a cidade muyto menẽcorio porque não esperara por ele. A isto deixou ho governador os caualeyros, & foyse pera ho Marichal, que chegando ho governador a ele lhe disse. Que he isto Afõso dalbuquerque, a voõsa palavra he hũ pouco de vẽto: direis que tomastes Calicut. Eu ho tomey coeste barrete vermelho, & coeste pao, que nã he mais necessario pera desbaratar os mourinhos da India. Ho governador por ser õde era, & tãbẽ por por o marichal ter mais gẽte q̃ ele, respõdeolhe mãsamente: verdade era q̃ ele tomara Calicut, & q̃ sua era a toda a honrra: & q̃ se não esperara que desembarcasse, fora porq̃ ho vira descayr muyto abaixo do çarame, & ele ficara tão perto de terra, que se esperara por ele mataranlhe toda a gente com a artelharia: & por esta causa desembarcara primeyro, & não por lhe viurpar sua honrra. E ele se não ouue por satisfeyto coestas desculpas dizendo que erão palauras: & ainda muyto menencorio chamou Gaspar ho linçoa, & preguntoulhe se se atreuia a leualo aos paços del rey de Calicut, porq̃ là acharia com quẽ pelejar pois ho não achaua ali: & ele lhe mostrou ho lugar onde estauão os paços, q̃ seria dali mais de mealegoa porque era no cabo da cidade. E determinado ho Marichal de ir là mãdou desembarcar dous tiros d'artelharia dos bateys chamados cães pera os levar diante, & entregou os a

Pedrafonso da guiar: & mandando dar às trombetas abalou pera os paços del rey, leuando obra de teyscentos homens em que entráuão todos os seus capitães, & logo lhe ali disserão algũs que não deua de ir aos paços del rey por que erão muy longe, & que a cidade era tão espalhada, que pera matar gente não auião de matar mais da que era morta: & que pois lhe tinhão desseyta sua fortaleza, q̃ era ho principal porq̃ forão, & queymarhe as naos q̃ estauã varadas, que lhas queymassem, & recolhessem a artelharia da tranqueyra & do çarame, & roubassem a cidade por aquela parte: & despois de vagar passarião a diante. E ele estaua tão menencorio que nunca quis se não hir, mandando dizer ao gouernador onde hia, que se ho quisesse seguir que ho seguisse. E posto que lhe a ele não pareceo bem a ida do Marichal, vendo que hia quis ir a posele: & mandou a dom Antonio de noronha que ficasse na praya, alli pera a goardar como pera recolher a artelharia da trãqueyra, & queymar as naos dos inimigos que estauão varadas. E mandou a Rodrigo rabelo, & a Manuel de lacerda, & a Simão dandra de que ficassem coele com a gente de suas capitãias, que seria mais de duzẽtos homens. E começou logo dom Antonio de mandar fazer o que lhe ho gouernador mandara que fizesse. Ho marichal que hia pera os paços del rey, hia desfarmado como disse, & dizendo. Quem cuydara agora que ho Marichal vay alli caminho dos paços del rey & chegando a eles achou muytos nayres recolhidos com ho regedor da cidade, que se acolhiã ali como a fortaleza, & ali foy a peleja muy grande dos nossos cõ os inimigos, de que forão mortos

oyteta, & os outros fugirá, & os nossos entrarão os paços, q̃ logo começarã de roubar porque auia neles muyta riqueza, & desmandauanse, espalhandose por muytas partes. O que vendo Manuel paçanha disse ao Marichal q̃ maldalle poer fogo aos paços & se recolhesse a praya, porque se ho assi não fizesse terião os inimigos tempo de se ajuntar (que ho poderião fazer em breue por ler a terra muyto pouuada) & que se assi fosse lhes fariã muyto dano, por que auião dachar os nossos carregados de fato, & que se não auião de poder de fender. Ho Marichal não querendo tomar seu conselho, lhe disse que bem sabia como pelejauão os mourinhos da India, & que os fazião em Portugal muyto valentes a el rey seu senhor, que ele auia de descansar & se recolheria quando fosse tempo. Neste instante chegou ho gouernador aos paços, & quando soube que ho Marichal estaua dentro não quis entrar, & com os seus capitães, & gente que trazia se pos em hum terreyro que se fazia diante dos paços pera defender que não entrasse muytos nayres que acodiã pera entrar: & estes quando virão ho gouernador se deixarão estar nas bocas das ruas q̃ ali se fazião, & tirauão aos nossos muytas frechadas, de que ferirão algũs, & hum deles foy Fernão perez dãdrade que foy ferido em hũa perna, & por isso se entrou nos paços com outros. E assentandose em hum alpendre, foy ter coele ho Marichal, que hia muyto cansado & afrontado: & pedindo que lhe dessem de beber, hum dos nossos lhe deu hũa cabacinha com vinho de que bebeo. E nisto lhe derão hum recado do gouernador que dizia q̃ se recolhesse que era tempo, porque carregauão

muytos inimigos: & como dali à praya era longe que os poerão em afronta antes que lá chegassem. A que ho Marichal respondeo, que se foisse ho governador entre tanto na dianteira, porque ele ficaua poendo fogo aos paços, & que lhe hia na traseira. Ho governador mandou logo os feridos diate, porque não embarçassem os seus se ouuessem de pelejar. E indo na traseira de sua gēte abalou pera a praya, & ho Marichal mandou logo poer fogo aos paços, em que aueria bem duas oras que estaua. O que vendo os mouros se tornarão a fazer em corpo. E em ho governador abalando se descobrirão por bocas de traueſſas, & por detras de valos dortas que entestauão naquele caminho por onde ho governador hia, & outros se descobrirão junto dos paços, & tirauão aos nossos frechas sem cōto sem se bolir donde estauão. O que ſintindo os nossos começarão de bradar hūsaos outros que se recolhessem por q̃ andauão espalhados; que foy neſta manha a cobiça de roubar q̃ muytos estauão metidos polas caſas dos mouros & deixauão as lanças às portas pera hirem mais despejados, & se carregare melhor, não lhe lembrando que podião os inimigos que erão muytos tornar ſobreles, como tornarão & polas lanças dos nossos q̃ vião às portas conheciã os inimigos eſtárẽ dētro, & eſperauãnos & ao ſayr os matauã com as ſuas meſmas lanças, & era a reuolta muyto grande, aſſi da grita da gēte como do fogo que ardia muy brauo: & ho Marichal ſayou ja com algũa afronta quaſi nas coſtas do governador, & ali ho cercatã os inimigos tirandolhe muytas frechadas, & azagunchadas darremeſſo, com que tratauão tão malos nossos que ſe come

çarão de deſbaratar, & os inimigos carregauão de cadauez mais ſobre os nossos, em tanto que foy forçado ao Marichal voltar a eles com ate trinta dos nossos, fidalgos & caualeyros porque ho deſapreſtaſſem: & os inimigos que os virão tam poucos deſcarregão ſobreles com grande impeto, & antes que ho fizeſſem dous nayres ſe apartarão hum pouco do corpo dos ſeus, & ficandoãtreles & os nossos, poſerão no chã os eſcudos & agomias & ſe abraçarão, como que ſe eſpedião hum do outro. E tornando a tomar as armas remeterão eles ſoos aos nossos, & matará algũs primeyro q̃ os mataſſem, & logo arremeterão os outros. Eniſto bradarã Baſtiã de ſouſa & Ruy freyre (que erão dos que ficauão com ho Marichal) dizendo à gente que voltaſſem, que pelejauã os capitães mōres, porque coiſto acodirẽ ao Marichal. Mas ninguem po de acodir, ou nã couſou, por os inimigos ſerem muytos, & porque os frechauão ſem piedade, & todos ſe querião acoller: & ſe ho governador não fora diate todos fugirão ſem vergonha, nem ho governador não pode acodir pola deſordem que a gēte trazia. O que vido os inimigos garrará de todo com ho Marichal, & com os que ho ajudauão, & chegauãſe a eles tao ſem medo que lhes decepauão as pernas por as leuarẽ deſarmadas; & tamanho deſejo tinhão de os matar, que com quanto os nossos os atraueſſauão com as lanças, aſſi paſſados de parte a parte corrião por elas ate chegar a eles, & os decepauã. E aſſi decepados matará ho Marichal & Manuel paçanha muytos mouros, & deſpois cayrão mōrtos. E bem proniſticou Manuel paçanha ſua morte no que diſſe eſtando no porto de Calicut: & aſſi

acabou com quatro filhos que lhe já tinham mortos em outras batalhas, como contey a tras, & de cinco que leuou á Índia escapou ho mais moço, que se chamaua Ambrosio paganha, que tambein aqui ouuera de acabar se ho não mandara ho anno passado pera Portugal, porque lho não matastem como aos outros, & ficasse dele algum filho que perpetuasse sua geração. Morreo aqui tambem Vasco da silueira, que ho fez como valente cauleyro, que ferido de muytas frechas se topou na boca de hũa traueffa com trinta nayres, & cometendoos com muyto efforço matou tres com a lança, & passando auante foy morrer com ho Marichal; com quem tambẽ os mouros matarão Ruy freyre, Pero fernandez tinoco, Francisco de miranda chichorro, Felipe rodri guez, & outros a que não soube os nomes ate treze todos fidalgos & cauleyros, que todos morrerão como muyto valentes homẽs, dando suas vidas pelas de muytos mouros que matarão pri meyro que morrestem, sem lhe ho gouernador poder socorrer pola causa que disse. E vendo ele a multidão dos inimigos que carregaua, & por ser ho lugar por onde hia muyto estreyto pera voltar tanta gente, & por os nossos começarem de fugir com medo do que acontecera ao Marichal não se quis deter & proseguio auante passando se á dianteira por conselho dos fidalgos que hião coele pera ter a gente que se desmandaua & fugia, & eles ficarão na tra seira. E ho conselho foy muyto boõ pera ho tempo, porque ainda cõ se ho gouernador passar á dianteira, era ho medo tamanho nos nossos que não deixauão de fugir por os inimigos os perseguirem, & apertarem muyto de to-

das as partes, assí por abertas q̃ sayão ao caminho como por de cima dos vallos das hortas que entestaão nele, que erão tão altos que os mouros ficauão sobre os nossos & os ferião: & tão brauamente carregarão sobre ho gouernador que ho fizerão deter. E aqui foy hũa braua & aspera peleja, em que foy morto Gonçalo queymado alferes, & assí outros muytos feridos & antreles ho gouernador de duas zagunchadas, hũa no braço dereyto de que despois ficou aleijado & outra no pescoço, & esta foy pequena. E andando assí ferido veo hum pelouro de bombarda da parte dos inimigos & deulhe nos peytos, & em lhe dando chamou ele por nossa senhora de goadalupe, tão deuo tamẽte que rogou a nosso senhor que lhe não fizesse mal, como não fez mais que derribalo no chão. E em memoria deste milagre mandou ele despois este pelouro (que parece que algũ seu criado recolheo) a nossa senhora de goadalupe, com mil cruzados de smola, pera se comprar renda com que ardesse pera sempre hũa alampada diante da imagem de nossa senhora, & està esta alampada antre as alampadas dos reys. E os frades do mosteyro de nossa senhora de goadalupe tẽ este milagre escripto com outros muytos que nosso senhor tem feytos por rogo de sua gloriosa madre, & ho leem aos estrangeiros que ali vão em romaria, principalmente aos Portugueses. E caindo ho gouernador da pancada que lhe deu ho pelouro, em ele caindo acodirão muytos inimigos pera ho matar, & fizerão se não fora Dinis fernandez de melo, & Antonio de souza de Santarem que ho defenderão com muyto efforço. E bradando algũs dos

nosso que matauão ho governador, a codirão os fidalgos que hião natrafeira, & com sua chegada se afastarão os inimigos. E ja a este tempo ho governador estaua posto sobre hum pade, & tinhão às costas hum Fernão caldeira seu paje & outros. Estando ele em seu acórdio disse aos fidalgos que não era nada, & assi abalarão pera a praya. E coisto que aconteceu ao governador acabarão os nossos de se desbaratar: & sem os fidalgos os poderem ter fugião a quem mais podia, & os inimigos a pes eles, ferindo & matando. E indo coesta afronta tamanha, hum fidalgo chamado Ruy galuão filho de Duarte galuão tomou às costas hum Aluaro vaz que selhe encomendou, porque de ferido não podia andar: & ele como muyto efforçado caualeyro que era ho saluou, leuando ho às costas ate a praya nã, lhe lembrando ho perigo de sua vida, & valeo aos nossos que era a praya perto: que se fora mais longe poucos ouuerão de escapar dos nossos segundo hião desbaratados: & ainda ouuerão de morrer os mais segundo os mouros hião apertando, se não fora por dom Antonio, Rodrigo rabelo, & os outros capitães que estauão na praya, que vendo os assilhes acodirão logo, & Rodrigo rabelo foy ho primeyro que acodio a dom João de lima & a Antonio pacheco que hião cercados de muytos nayres, & tão feridos que se não podião defender & tambem de cansados. E vêdo os inimigos ho socorro que acodia aos que leuauão de vencida teueran-se com medo das espingardadas que os do socorro tirauão, & assi da artelharria das galês que logo começou de jogar, & com quanto se os inimigos te

uerão hião os nossos tão defatinados, que muytos não parauão ate ho mar a que se deitauão, que com defatino do medo não vião as galês a que se podião recolher sem nadarem. E porque se não lançassem mais ao mar mandou dom Antonio a Simão martinz, & a Diogo mendez capitães das galês que se recolhessem a elas pera recolherem nelas a gente, & assi ho fizeram: & entretanto embarcarão ho governador muyto fraco. E como foy embarcado Fernão caldeira aruorou ho seu guião & começou de bradar muyto alto, dizendo que ho governador era viuo que se recolhessem todos, & assi ho fazião: & tambem porque dom Antonio, & Ruy da cunha & Rodrigo rabelo esteuerão na praya ate que os nossos foram todos recolhidos. E ho derradeiro que se recolheo foy Jorge botealho de pombal que andaua com Rodrigo rabelo, que apanhou muytas armas daqueles que as deixauão pera se lançarem ao mar: & vendo ficar hũ arnes tornou por ele, porq̃ não ficasse aos inimigos. E por ser ho perigo grande que estauão eles perto, & em terra não auia dos nossos se não ele, começaram de lhe tirar lanças darremesso do batel de dom Antonio, & do de Ruy da cunha porque se tornasse, & não querêdo ele sem leuar todas as armas ho mandaua dom Antonio prender: o que Rodrigo rabelo não consentio, dizendo que antes perderia quanto tinha del rey que prenderenlhe aquele homem, & não lho prenderão.

Capítulo. iiii. Do dano que receberão os nossos dos inimigos, & do que os inimigos receberão deles, & do mais que passou.



Cabados os nossos de embarcar, que era já bem noyte, depois de curado o governador, & os outros feridos, q̃ forão muytos, mādou ele saber pela frota os que falecião, & achouse que falecião setenta & oytto homens. s. ho marichal, Vasco da silueira, Manuel paçanha, Ruy freyre, Lionel coutinho, Frâncisco de mirãda chichorro, Felipe rodriguez, Pero fernandez tinoco, & outros capitães, fidalgos & cauleyros ate vinte, & os outros erão homẽs não conhecidos. E posto q̃ esta perda foy muyto grande, os inimigos a receberã muyto mayor, por q̃ lhe foy queymada a mayor parte da cidade: & nas casas, & no çarame del rey forão queymadas quinhentas & setẽta almas antre molheres & meninos, & forão mortos a ferro mil & cento & trinta homẽs de peleja, segũdo se despois soube pelos mouros de Cochĩ, & de Cananor, q̃ ho souberã dos d̃ Calicut: & foy tomada toda sua artelharía, & queymadas vinte naos nouas q̃ estauã pera ir a Meca. E se não fora ho desbarato dos nossos ganharão eles muyta honrra: & todauia fizerão hũ feyto notauel, por q̃ desta vez ficou ho poder do çamorim abatido de todo, & os mouros da Índia enuergonhados, por q̃ erão dantes tão soberbos eõ Calicut, & confiauão tão em sua fortaleza, que não somente lhes parecia que a não auia os nossos dousar de cometer, mas ainda falando & muytas vezes sem proposito dizião, huios a Calicut. Assi q̃ recolhidos os nossos ho governador se alargou de terra & surtigio ao mar pera dali despedir pa Portugal a Pedrafonso daguiar, que por morte do Marichal ficaua por capitão mór

da sua armada. E refusingo Pedrafonso de se partir dali, dizendo que tinha necessidade de tornar a Cochĩm pera despachar sua armada, disselhe ho governador q̃ era ja tarde, & que as naos que estauão em Cochĩm por carregar que erão muytas, & poderião fazer tanta detença, que por ser muyto fora de moução quando partissem inuernaria em Moçambique, que seria grande de seruiço del rey seu senhor, por isso q̃ se partisse com tres que ali tinha carregadas, & q̃ em Cochĩm lhe despacharia logo outras tres q̃ nomeou, & q̃ as outras era seruiço del rey q̃ ficasse na Índia cõ a gente q̃ fora nelas, & cõ a artelharía, por q̃nto Duarte de lemos q̃ andaua na outra costa lhe mādaua pedir a armada, & dādolha, ele ficaua sem nenhũa armada, o q̃ seria causa de se perder a Índia, por quã soberbo ficara el rey d̃ Calicut polo desbarato dos nossos, & q̃ se ho visse se armada hiria tomar Cochĩ por isso era seruiço del rey q̃ lhe ficasse as naos, & gẽte q̃ dizia. Ao q̃ querẽdo Pedrafonso cõtrariar, o governador lhe disse q̃ ele hia cõtra ho seruiço del rey, & que assi ho auia de escreuer a sua alteza: & mais q̃ leuando a seu cargo dous cões pedreiros quãdo fora cõ ho Marichal aos paços del rey de Calicut os deixara lá, & fugira q̃ os auia de pagar: & coisto lhe pos outros medos, q̃ não somente Pedrafonso se calou a tomarlhe ho governador a armada, mas a tudo o que dali por diãte lhe quis tomar, q̃ ate as trôbetas lhe tomou, & se ele queria cõtrariar p̃gũtaualhe logo pelos cões. E coesta armada que ho governador reteue ficou ele muyto poderoso, & pode cõ ajuda de nosso senhor fazer as grandes cousas que despois fez, o que não fizera se ho Marichal não mor-

rera, porque lhe não ouuera doufar de tomar a armada, & sem ela ouuera de ficar hum pequeno capitão do mar, & não governador. E vendo Pedrafonso daguiar que não podia levar a melhor do governador deulhe tudo quanto quis, & partio-se com tres naos pera Cananor & dahi pera Portugal.

Capitolo. v. Do que ho' governador fez despois que foy em Cochim. E de como se perderão nos baixos de Padua Bastião de souza & Francisco de saa indo pera Portugal,



Espois de partido Pedrafonso daguiar pera Cananor se partio ho governador pera Cochim, onde deu a capitania do nauio que fora de Vasco da silueira a hum Antão nogueira cunhado de Duarte de lemos: a quem escreueo por ele, que pelo desastre de Calicut, & por a armada da India estar ainda varada não se partia logo & lha leuaua: porem que se partiria tanto que fosse deitada ao mar, & que lá se darião as galês como el rey seu senhor mandaua. E escreueo a dom Afonso de noronha seu sobrinho capitão de cacotorã que estaua prouido por el rey da capitania de Cananor, rogandolhe muyto que partisse logo, & escriuia a Duarte de lemos que lhe desse embarcação se lha ja não tinha dada. E partido Antão nogueira despachou ho governador pera Portugal Bastião de souza, & Francisco de saa, & Gomez freyre que tinham suas noas carregadas: & indo por sua via,

jem Bastião de souza & Francisco de saa que hião ambos juntos forão dar nos baixos de Padua, & por ser ho tempo bonança não fizerão as naos mais que abrir & assentar-se na area, & antes que se enchessem dagoa se foy a gente nos bateys a hum ilheo que está junto dos baixos, onde se saluarão com muyto mantimento, & muyta fazenda. E estando allí por quanto dali era perto a Cananor, & com a bonança que fazia poderião lá ir nos bateys, de terminarão os capitães de ir neles. E porque ouue deferença sobre quaes hiriã coeles, disse Fernão de magalhães, aquele que descobrio ho estreito de Todos os sanctos, nauegando de Seuilha pera Maluco, que bem vião que não podião ir todos juntos, & por se escusarem brigas que estauão ordenadas, que fossem os fidalgos & homens principaes com os capitães, & que ele ficaria com os marinheiros & outra gente baixa, com tanto que lhe promettessem eles de tornar por ele, ou fazer com ho governador que mandasse o que lhe eles jurarão, & com ficar Fernão de magalhães quis a gente baixa ficar, que doutra maneyra ouuera de auer brigas. E estando ainda Fernão de magalhães no batel, ja que se querião ir, disselhe hum marinheiro cuydando que se arrependia de ficar. Senhor & não prometestes vos de ficar cõ nosco, disse ele, si, & vedes me vou, & foyse pera eles, & ficou: em que mostrou muyto esforço, & confiança nos homens.

Capitolo. viij. Do que aconteceu a Pedrafonso daguiar em sua viajem, & de como chegou a Portugal.



Gomez freyre ho outro capitão de sua conserua seguido por sua via, jem chegou a Moçambique, onde achou ho capitão moor fazendo agoada. E partido daqui tanto auante como ho cabo das correntes, fez hũa nao chamada a gala, lega hũa agoa tão grossa que foy necessario acodirlhe ho capitão mór, & meteolhe dentro vinte cinco homens, que não podião achar por onde fazia agoa, porque era por debaixo da carlinga: & despois dachada foy tomada cõ grande trabalho, porem ho lugar era tão perigoso que pareceo a todos, que posto que se tomasse, que pera ficar segura não se escusaua descarregar-se a nao, porque se nauegasse sem lhe fazer este remedio auia de tornar a fazer a mesma agoa. E por isso se determinou em conselho que tornasse a Moçambique pera se hí correger. E a gente da nao foy tão aluoroçada com esta determinação parecendolhe que erão perdidos, que todos de hum acordo disserão que não auião de consentir que a nao tornasse a tras sem ho capitão mór tornar nela, & se não que antes querião q os matasem Portugueses, que serem comidos dos peixes. E vendo ho capitão mór este aluoroço por não dar lugar a que se mataste aquella gente quis tornar na nao: & primeyro que partisse tomou ho nauio a Brasteixeira pera tornar nele, & deulhe a sua nao em q ho mandou pera Portugal, & tornou-se pera Moçambique, leuando consigo a Gomez freyre, porque se a nao se fosse ao fundo se saluasse a gête naqueles dos nauios, & teue bem de trabalho ate

Moçambique, porque tornou a nao a abrir a mesma agoa. E descarregada em Moçambique, em a tirando a môte se partio pelo meyo que não aproueitou mais pera nada. O que visto por ele, & que não auia outro remedio se não deixar ali a carga: mādou logo fazer dous fornos, em que se fez muyta cal perare bocar & argamassar algũas casas em q alojou a especiaria. E feyto isto se partio pera Portugal a oyto de Junho de mil & quinhentos & dez, que era bem fora de tempo, & chegou a Lisboa cõ Gomez freyre a dezanoue Doutubro do mesmo anno.

Capit. vij. Deco

mo indo ho governador pera ho estreyto do mar roxo deixou a ida por saber que fazião turcos hũa armada na ilha de Goa.



Eytas todas estas cousas que digo, & sendo toda a armada da India destinada ao mar disse o governador aos capitães, fidalgos caualeyros, & pessoas principaes que andauão coele, que por comprir a prouisão del rey seu senhor queria levar a armada da India a Duarte de lemos que andaua na outra costa: & que não queria deixar nenhũa na India por não auer dela necessidade, por quanto as naos de Calicut que poderão hir a Meca com especiaria forão queymadas. E naquela moução estaua

certo: não poderê nauegar de Calicut pera ho mar roxo, porque em Feue-
reyro, Março ate meado Abril que
ela duraua não auião os mouros de
poder fazer outras naos, E todos apro-
uarão sua determinação, que posto
que assi a dissesse em publico, a ver-
dade era q̃ ele queria ir sobre Ormuz,
& vingarse da treyção que lhe hi fora
feyta (como disse no segundo liuro, &
porque se os mouros nã apercebessem
sabendo sua ida dissimulaua com di-
zer que leuaua a armada a Duarte de
lemons, & por isso a leuaua toda & tanta
gente. E aparelhandose pera partir
Iorge da cunha, Frãcisco de souza mã-
cias, Ieronimo teixeira & Luis couti-
nholhe disserão que eles não ficarão
na India, se não por lhes parecer que
por ser tarde não poderião passar de
Moçambique, & que por as suas naos
serê de mercadores eles não erão obri-
gados a seruir coelas a el rey de Portu-
gal, se não se lhes pagassem, por isso se
queria que fossem coele que lhes auia
de dar outro mantimento a fora o que
leuauão de viagem. Ao que ho gouve-
rnador respondeo, que se ele podera fazer
o que pedião que ho fizera de boa vò-
tade, mas que bem sabião q̃ não tinha
comissam del rey seu senhor pera dar
mais soldo do que cada hum trazia de
Portugal, & por isso lhes nã podia dar
mais do que trazião: quanto mais que
ele os não deteuera nem detinha, nẽ
ficarão na India, pelo que compria a el
rey seu senhor, se não por não terem
tempo pera partir, & pois ficauão que
não era muyto fazerem aquele seruiço
a el rey: & mais que eles não folgarião
que ele soubesse que ho não quizerão
seruir. E despois de estes capitães per-
fiarem muyto q̃ lhe dessem outro sol-

do, & não querêdo ho governador dar
lho ouuerão de ir coele: que se partio
de Cochim na fim de Ianeyro de mil
& quinhentos & dez, leuando a via de
Cananor, & deixou por capitãem Co-
chim Antonio real q̃ era alcaide mór
& patrão mór da ribeira, porque leua-
ua consigo dom Antonio de noronha
seu sobrinho, & leuaua vinte duas ve-
las. s. deza sete naos, de que erão capitães
esele, dõ Antonio de noronha, Fernão
perez dandrade, Iorge da silueira, Ay-
res da silua, Francisco pantoja, Duarte
de melo, dom Ieronimo de lima, Frã-
cisco pereyra coutinho, Bernaldisfrey-
re, Manuel de lacerda, Frãcisco de sou-
za mancias, Iorge da cunha, Francisco
coruinel, Luis coutinho, Ieronimo tei-
xeira & Garcia de souza. E duas caraue-
las, de que erão capitães Antonio pa-
checo & Iorge fogaça. E duas galês, de
que erão capitães Simão dandrade &
Diogo mēdez, & hum bargantim, de
que era capitão Simão martinz. E che-
gando ele a Cananor deu a alcaydaria
mór da fortaleza a Diogo mendez, &
a capitania da sua galé deu a Diogo fer-
nandez de beja: & estando hi chegarã
Bastião de souza, & Frãcisco de sa nos
bateis, em que partirão dos baixos de
Padua, & disserão ao governador ho
perigo em que ficaua Fernão de maga-
lhães com a outra gente. E posto q̃ ho
governador soube q̃ eles teuerã muyta
culpa em se perderem por não guarda-
rem ho regimento que lhes dera, dissi-
mulou coeles & emprestoulhes dinhei-
ro pera suas necessidades, & mādou a
Antonio pacheco por Fernão de ma-
galhães, & polos outros, que os trou-
ue todos a Cananor, onde ainda a-
chou ho governador: q̃ partido de Ca-
nanor soube a monte Deli q̃ Frãcisco

de fousa, Ieronimo teixeira, Jorge da cunha & Luis coutinho o querião deixar & irselhe, iduzidos por Ieronimo teixeyra que se fossem todos andar armada de Ceylão pera dentro, por que ali se carregarião de presas, o que ele sabia de quando fora a Malaca com Diogo lopez de sequeyra, & que dali sem tornarem aa India se hirião pera Portugal, como fizera Diogo lopez. E porque isto não ouuesse efeyto tirou ho gouernador a capitania a Ieronimo teixeyra, & aos outros tomou as menajens, que não fossem hũs às naos dos outros, porque ali se fazia a conjuração, que foy desfeyta coeste talho. E costeando ho gouernador dali a costa foy ter ao porto de Batalã onde estauão duas naos de mouros de Meca que forão tomadas pelos nossos capitães, & forão vendidas a hũs mercadores da mesma cidade. E estando aqui ho gouernador lhe foy dado hum recado de Timoja, que compria muito a seruiço del rey de Portugal ver se coele, que lhe mandasse logo dizer onde queria que se vissem. E per conselho dos nossos capitães foy a vista no ilheo Donor que está ao mar dele onde se virão. E Timoja lhe disse caminho seruidor fora sempre del rey de Portugal, & assi ho era: & por isso lhe dizia que hoçabayo senhor da ilha de Goa, & no reyno de Daquem mandaua fazer em hũa cidade que estaua na mesma ilha vinte naos de castelos como as nossas, de que cinco estauão quasi acabadas: & assi tinha feytas algũas fustas com fundamento de fazer hũa grossa armada que andasse por aquela parajem pera pelejar com a sua armada, & com as naos que fossem de Portugal, & com as de nossos amigos, de

que ja tinha tomadas algũas, & que tinha artelharia, & muyta & muy boa gente branca todos turcos que sabião bem pelejar, & por isso lhe conselhaua que não fosse fora da India, & fosse logo sobre a cidade de Goa, porque esta ua em disposição pera a tomar sem perigo, porque hoçabayo era morto, & hũ filho que lhe sucedera chamado também çabyo, não estaua na cidade que era na terra firme a fazer guerra a hũa cidade que se lhe rebelara, & que leuara a mayor parte da gente de goarniça que tinha em Goa, que por esta caula era muy facil de tomar, & querendo ir tomala iria coele, & leuaria a dianteira, & que as suas naos poderião entrar no rio de Goa. E sabido isto pelo gouernador chamou logo a conselho, & propôs nele o que lhe Timoja dissera: & per todos foy acordado que se deuia de trabalhar por se tomar Goa, quanto mais podêdo se auer daquela maneira, & por isso deuia ho gouernador de deixar dir onde hia & ir a Goa, que aquilo parecia ordenado por nosso senhor. E de tudo isto foy feyto hum auto per Lourenço de payua que era secretario, em que todos assinarão. E assi foy feyto outro sobre ho gouernador pedir a todos os capitães, fidalgos & cauleyros, que sendo caso que ele falecesse na tomada de Goa, que eles ouuessem por gouernador da India a dom Antonio de noronha ate vir de çacotorã dom Alfonso de noronha seu hirmão, q̃ elrey seu senhor mandaua que lhe sucedesse na gouernança, o que lhe todos prometerão, & assinarão ho auto que se disso fez. E assentado que se tomasse Goa, cõcertou ho gouernador cõ Timoja que fosse por terra sobre a fortaleza de Cintãcora, em que estaua

hum capitão do çabayo com gente de goarnição toda branca, & que trabalhasse por a queymar, porque aquella gente não fosse socorrer Goa. E concertado isto, se partio dali Timoja, & foyse a Honor, onde junta muyta gēte foy sobre Cintàcora indo por terra, & sua armada ho foy esperar ao cabo Darama,

Capit. viij. De como estã situada a cidade de de Goa cabeça do senhorio do çabayo.



Sta ilha a que nos chamamos Goa, chamão os canarins, q̃ sã os gētijs naturaes da terra Tigoari, foy do senhorio do reyno d̃ Daquem, em cuja costa estã a cincoenta legoas de Dabul: nauegando pera ho sul esta ē dezaseys graos da bāda do norte fera de sete ou oyto legoas de roda, pouco mais ou menos. Tem duas barras, a principal de que se seruem estã na foz de hũ rio que se chama Pangim, & ao longo dele duas legoas da barra estã situada hũa cidade que tem ho nome da ilha. E da barra pera dentro da banda da ilha estaua hũ baluarte, onde agora estã ho castelo de Pangim: & da banda da terra firme estaua outro baluarte & ambos com artelharía. E defronte da mesma ilha de Goa, onde se chamaua ho vao de Gondalim, q̃ se chama agora ho Passo seco se faz outra ilha antre a de Goa, & terra firme que se chama Iũa & he despouada: & ho rio q̃ fica antrela & a de Goa he tão estreyto, & de tão pouca agoa, que com baixa mar

se passa quasi a pē enxuto: porē ha nele muytos lagartos dagoa, que tambem ha nos outros rios. E despois que ho çabayo foy senhor desta ilha, pera a fortalecer, mādou que todos os condenados à morte por justiça fossem lançados naquele rio com grande soõ de trôbetas & bacias, que os lagartos teuerão por sinal da ceua que lhe lançauão, por que comem homēs, & acodião logo como ouuião as trombetas, & daqui se acostumarão ali, de maneira que se deixará ficar, & fizerão casta q̃ ha agora ali muytos, & quem ouuer dentrar por este passo ido da terra firme ha de passar a Iũa & dahia Goa. Tem esta ilha outro passo da bāda do leuante obra de hũ quarto de legoa d̃ste Passo seco, q̃ se chama Benastarim, & dhũ passo ao outro era a ilha cercada d̃ muro & baluartes: & ao longo do muro da parte de dētro era a terra a lagadiça, de modo que ficaua muyto forte, & em Benastarim estaua hũa pouoação de gentios, como ainda agora estã, & aqui he ho rio mais largo que no Passos seco & vay alargado de cada vez mais ate outro passo q̃ tē a ilha que se chama Agacim onde a trauessa de mar que ha dela à terra firme, he mais d̃ hũa boa legoa, & aqui se faz outra barra que se chama Goa a velha, onde a ilha tem hũa fermosa praya. E no tempo que esta terra foy de gentios esteue hi a propria cidade de Goa, q̃ os mouros destruyrão: & foy muyto grãde & nobre, segundo ainda então parecia na soma de cantaria laurada, & em muytos piares que hiestauão. E nesta barra, ou pera melhor dizer, baya defronte Dagacim, se vem meter hũ rio que vem da terra firme por hũa comarca que ha nome Salsete. A mayor parte desta ilha he cercada

de rochedo & vasa: a terra e si he muy fermosa & viciosa de muytos & grandes palmares q̃ dá muito vinho, azeite vinagre & jagra, q̃ sabe quasi como açucar, & arecaes que dão areca com q̃ se come ho betele, & e tudo isto se faz muyto dinheiro, & tem agora muytos Portugueses disso muyta renda. Ha tambem muytas hortas em q̃ ha muytas & muy singulares frutas da terra, & muytas & muy fadias agoas: ha muito arroz & outros ligumes & deles differêres dos nossos & todos pa comer, & ha grãde soma de gergelim, de que se faz muy bõ azeite q̃ escusa o nosso, & he em tanta abastança que se faz em lagares como ho nosso. Ha nela muito gado, de vacas & de bufaros, & muytos porcos & galinhas, & muyto & bõ pescado, & alli outros muytos mantimentos da terra & do mar. He muyto pouuada de gentios que se chamão canarins, hũs bramenes & outros doutras calidades, tem muytas casas doração de seus idolos a que chamão pagodes: & ha per toda ela muytos & grandes tanques feytos de ladrilho (em que podẽ nadar nauios) pera se lauarẽ os gentios & mouros. Nesta ilha como digo duas legoas da barra pelo rio de Pangim acima, defronte doutra ilha chamada Diuari estaua situada a nobre cidade de Goa, não tão polida como agora, porẽ bẽ arruada & de boas casas altas de sobrados de pedra & cal & cercada de muros baixos, & tinha boa fortaleza & grandes almazẽs, & hũs paços do çabayo: era pouuada de mouros mercadores estrangeiros, muy honrrados & ricos todos brancos, & tambem de gentios naturaes da terra, & doutros filhos de mouros & de gentias que se chamauão neiteas. Era cida

de de grãde trato por ser de bõ porto & por hirem a ela muytas naos de Mecca, Dadem & Dormuz com grande soma de caualos q̃ pagauã muytos de reytos, q̃ era a mayor parte da rêda q̃ rêdia a alfandega de Goa. Esta ilha cõ as duas q̃ disse, & outra chamada Chorrão que està muyto perto dela erão do senhorio do reyno de Daquem cujo derradeiro rey a deu cõ estoutras tres ilhas, & com a terra do Balagate dêtro na terra firme a hũ mouro seu vassalo que se chamaua çabayo por ser bõ caualeyro, & manhoso na guerra, pera q̃ a fizesse a el rey de Narsinga seu vizinho: & despois se leuãtou este çabayo como disse contra el rey seu senhor quando se lhe leuantarão os outros capitães que lhe gouernauão ho reyno, & despois que se ho çabayo leuantou fortaleceo a cidade mais que dantes, & mãdou fazer na entrada do rio de Pangim os dous baluartes que disse, & ambos bẽ artilhados, & tinha neles alcaides & gente branca de goarnição que os goardauão, & assi na cidade em que de cõtino tinha hũ capitão cõ muytos turcos de peleja, por q̃ se não fiaua doutros pera fazer coeles guerra: & tinha a ilha tambem goardada que ninguẽ não entraua por mar nem por terra se não cõ muyto grande recado de goardas que estauão em todos os paços q̃ erão Pangim, Agacim, Benastarim, Gondalim & Daugim. E nestes se registraua todo ho homem que entraua na ilha, & lhe escreuiã todos os sinaes que tinha em seu corpo & donde era, & assi ho deixauão entrar. E isto fazia ho çabayo porque lhe não fizessem treição, & coela lhe tomassem a cidade, & assi ho fazia ho filho despois q̃ lhe succedeo no senhorio.

Capít. ix. De como o gouernador chegou à barra de Goa, & de como dō Antonio d' noronha tomou os dous baluartes da barra.



Artido Timoja, par-tiofe ho gouernador pera Goa, a cuja barra chegou hū dia a horas de vespera, & em chegando foy ter Timoja coele, & de caminho deu na fortaleza de Cintâcora, & a tomou & queimou, & nos ilheos de Goa se embarcou em sua armada, q̄ seria de ate doze cotias em q̄ leuaua boa gente de guerra. Surto aqui ho gouernador acordou em cōselho de mandar sondar ho rio pa ver se poderião entrar as naos como dizia Timoja, & q̄ hiria a isso ho piloto mór em hū batel com dom Antonio de noronha q̄ auia de ir tomar ho baluarte q̄ estaua na ilha de Goa abaixo de Pāgim: & auia dir em hūa fusta, & auião dir coele Simão dādrade na sua, & Simão martiz no seu bargantim, & Iorge fogaça no seu batel: & q̄ entretāto q̄ dō Antonio desse no baluarte da ilha, daria Timoja no outro da terra firme: & vista a disposição da barra que tornasse ho piloto mór com recado ao gouernador. Isto assentado partirāse os que auião dir, & tanto que apparecerão começarão os imigos de tirar dos seus baluartes, & logo Timoja se apartou com suas cotias a cometer ho baluarte da terra firme, & dom Antonio cō os outros capitães cometeo ho da ilha ē que estaua cufogogi hū mouro capitā de Goa, que tanto q̄ soube pelas vigias q̄ tinha como a nossa frota parecia ao mar receādo o que foy acodio logo cō gente de caualo a socorrer a fortaleza de Pāgim, & dahi se passou ao baluar-

te da barra que estaua abaixo dela, & mandou dar fogo a essa artelharía que tinha: de que hū pelouro deu na proa da fusta de dom Antonio & leuou hū pedaço dela, & por muy pouco errou de ho matar. Ecō tudo ele com os outros capitães não deixarão de passar a uante & pōiarão em terra, onde ho pri-meiro que poiou foy Iorge fogaça, & com ho seu guiā se meteo antre os imigos que erā muytos, & pelejou cō muyto efforço às cutiladas & lâçadas, & os nossos tambē: & nisto foy ferido cufogogi em hūa mão cō hūa seta da nossa parte q̄ lha passou pela palma, & como a dor era mortal não pode mais esperar & saioffe da peleja: o que fin-tindo os seus fugirão logo & desemparrarão ho baluarte, ficando algūs mortos. Desemparrado ho baluarte os nossos ho entrarão, & tomarão algūs mantimentos, & armas que hi acharão, & dom Antonio mandou recolher os tiros que estauão nele: & fazendose isto chegou Timoja, que tambē tomou ho outro baluarte, cō matar algūs dos imigos, & tomado o queimou. E ajuntado com dom Antonio se forão à fortaleza de Pangim onde se acolhera cufogogi, q̄ vendo quā asinha os nossos tomarão ho baluarte, temendo que fizessem assi a fortaleza por ele estar tã ferido que nã podia estar cō sua gēte na peleja caualgou & foisse pa Goa ho mais secretamente que pode. E cuydando os imigos que estaua na fortaleza quiserão defēder a desēbarcação aos nossos, & nã poderão por mais que trabalharā, & ferirā os nossos neles tã riço q̄ os fizerā recolher paa fortaleza & entrarão coeles & matarão muytos & os outtos fugirão sem morrer nenhū dos nossos.

Capit. x. De como ho governador sabêdo o que dom Antonio tinha feyto entrou pera dentro de Pangim, & do recado que mandou â cidade.



Omada a fortaleza d' Pangim foylhe posto fogo, & assi â pouoaça & ardeo grande parte de tudo. E por ser ja q' li noyte dom Antonio nã quis passar dali, & mãdou recolher a artelharía. E despois de recolhida q' era noyte mandou ho piloto mór com recado ao governador, assi do q' tinha feyto como da disposição da barra, & da sonda que tomara, & no caminho achou ho piloto mór Nuno vaz de castelo branco, que por mandado do governador hia em hũ batel a saber o q' era feyto, & ôde ficaua dom Antonio: porque quando ele vio ho fumo da fortaleza de Pangim que ardia cuydou q' era em Goa, por amor do outeiro que está sobre pangim, que parecia da barra onde ele cuydaua que era a cidade, porque ainda nã sabia onde estaua. E com quanto Nuno vaz achou ho piloto mór, & soube ho recado que leuaua ao governador: todauia ho foy saber de dom Antonio, & sabido tornou ao governador, posto que era passada grã de parte da noyte. E estando ja ho governador eformado de tudo, determinou de ao outro dia com a viração mãdar todos os nauios peqños cõ a mais gente que podessem levar: o que logo mandou dizer Nuno vaz a dô Antonio, & que se posseſse acima donde chamaõ Rabandar, que he auante de Pangim hũa boa mea legoa da cidade, & q' ali esperasse ate ele ir cõ os nauios, por que as naos grandes entrarião despois.

E ao outro dia como foy tempo se partirão os nauios pera onde estava dom Antonio, que era onde lhe ho governador mandara: & hião coeles muytos pagueres de Cananor, & paraos de Cochim que ho governador ali deteuera, pera lhe ajudarem a desembarcar a gente, porque tinha poucos bateys. E aqle dia a tarde despois de ho governador saber q' as naos grandes podião entrar pera dentro, tẽdo tempo, que então falecia: & deixandoas a recado se foy pera onde estava dom Antonio, & achou â fala coele hũa cotia que sayra da cidade, em que estauão algũs mouros, que em seu trajo parecião homẽs honrrados, que como virão surta a galé em q' hia ho governador, q' era a de Diogo Fernandez de beja, abalrroando coela saltarã dentro, & forãse deitar aos pẽs do governador, beijandolhos: & fazendo os ele levantar, lhe disserão q' erão mercadores Dormuz vassallos delrey de Portugal, & nauegauão com seu seguro. E sabẽdo como ele estaua na barra lhe leuauão refresco, de galinhas, carneiros, & fruytas q' lhe despois derão, & lhe disserão como ho capitã de Goa fora ferido na tomada do baluarte da barra: & por isso, & por os mouros verẽ tãto aqinha tomados os baluartes, & por auer na cidade pouca gente dar mas, & estar ho hildacao longe desconfiauão os mouros de Goa de se poderem defender, & determinauão de se lhe entregar se ele cometesse a cidade. E por esta noua lhes prometeo ho governador aluicaras, & deixando cõ ſigo algũs deles despedio logo os outros pera que se tornassem â cidade, & dissessem aos moradores dela que ele nã auia de fazer guerra se nã a quem aquisesse, & se eles a nã quisessem q'

lha não faria, mas antes os deixaria viuer liures como viuão, & ainda mais se mais podesse ser, & os trataria como a Portugueses: & lhes quitaria a terça parte dos dereytos que pagauão ao hidalção. E todos os que tinham terras, rēdas & soldos do hidalção, ho teuessem como dantes, & ho mesmo vsaria com os pagodes & mezquitas: & q̃ assi mouros como gentios viuessem liurementemente em suas feitas. Por isso que lhes rogaua que folgassem de ser vassallos delrey de Portugal, & de ho terē por senhor, & a ele por amigo. Sabido este recado por elles hōrrados da cidade, como já esta uão abalados pera se darē determinaranse em ho fazer, & differão a çufogogi, que se ele quisesse pelear cō ho gouernador que pelejasse, porque ho não auião dajudar: dandolhe as rezões por que. E vendo ele isto não se atreuendo a defender se foy da cidade, & passou-se pera a terra firme, pera se ir ôde esta uia ho Hidalção,

Capit. xj. De como a cidade de Goa foy êtregue ao gouernador, & do q̃ fez despois dentrar nela.



Artido çufogogi effes mouros honrrados de Goa é nome de todos os moradores dela mã darão dizer ao gouernador pelos mouros Dormuz, que eles lhe entregarião a cidade, com condição que alem de todas as seguranças que lhe daua, de q̃ faria hũ seguro affinado por ele, lhe seguraria tambem as fazendas & pessoas, affidos mouros como dos gentios. O q̃ ho gouernador fez, & isto somēte aos mercadores & naturaes da terra, mouros,

bramenes & canarins: porem que a fazenda dos lascarins, turcos, & doutra qualquer gēte darmas que nã entrasse neste seguro, & fosse perdida pera el rey, & pera as partes. Do que os mouros forão contentes por não poderem al fazer, & lhe mandarão dizer que ao dia seguinte fosse tomar posse da cidade: q̃ sabido por algũa gente darmas que auia nela fugio pera a terra firme. E ao outro dia com a viração se foy ho gouernador pera a cidade que estava dali a tiro de bombarda, & chegãdose parela começou de se descobrir ho porto, em que auia muytas naos de mercadores, & outras varadas & começadas de fazer, & muytas fustas, & outros nauios. E pelos muros da cidade appareceo muyta gēte, que faya a ver a nossa frota. E antes que ho gouernador chegasse ao cays forão esses principaes da cidade êtregarlhe as chaues dela, & fazendolhe sua reuerencia, lhe disse hũ em nome de todos. Esta tua supita vida, & a tempo que esta cidade estava desemparrada, assi do hidalção que foy nosso senhor, como dos lascarins que a goardauão, nos faz parecer que Deos ta quis dar pera se acrecentarem com tamanha cousa como esta, as cutras muyto grãdes que tu & os frangues tēdes feytas nestas partes. E pois ele quis mudar ho senhor a Goa nos outros ho não podemos estoruar, & ta entregamos. E doje por diante nos sometemos ao senhorio delrey de Portugal, & nos metemos debaixo de teu emparo, pera que nos trates como a seus vassallos, & nos fauoreças como a teus seruidores. E dizendo isto lhe deu as chaues, que ho gouernador tomou cō muyto grãde prazer, louuando o que fazião, & prometendolhe o que lhe pedião. E dādo

muytas graças a nosso senhor pola muy grande merce q̃ lhe fazia: desembarcou no cays aos dezasete de Fevreyro do anno sobredito: & entrou logo na cidade pela porta da ribeyra cō a gente feyta em esquadras, & a bādeira real, & tanjēdo diāte suas trôbetas. E certo q̃ era muyto pera louuar ho senhor deos vendo entrar os nossos tã pacificamēte em hũa cidade de mouros tã poderosa sendo os nossos tã poucos. Entrado ho governador na cidade repartio logo se us capitães, & gente pelas portas dela, & pelos muros, em q̃ mādou fazer estācias muy bem artilhadas: & a fortaleza deu a dō Antonio de noronha, porque auia de ser capitão: & ele se apoucentou nas casas q̃ forā do çabayo, em q̃ achou muytas molheres do hidalcā, & moças q̃ lhe alifcarão, & pela cidade muytos & bōs caualos Darabia & da Persia. E hũas grādes casas dalmazē q̃ estauā ātre a fortaleza & as casas do çabayo, estauā muytos mantimētos, muyto breu, muyta estopa, pregadura & cordoalha pa as naos, & fustas dos turcos q̃ se fazião pa a armada q̃ se ordenaua, o q̃ se pos em recado: nã lamente o que estaua dos muros a dentro, mas també no dos muros a fora, assi como na fusta lha, & naos q̃ estauā varadas, & outras q̃ estauā quasi feytas, & começadas de fazer: & antrelas estaua hũa quilha cō codaste & roda, & muyta liacão ja posta, q̃ dizião os nossos q̃ acabada seria demil & duzentos toneys segundo ho fundamento da armação, & disse se q̃ ja lhe ardera outra daq̃le tamanho que tinhā feyta na primeyra cuberta. E nesta armada pos ho governador grāde vigia, porque lha não queymassem os mouros, q̃ esperaua de se a pueitar dela: & depois disto ouue em seu poder

todos os arrēdamētos das tanadarias d Goa que tinha na terra firme, & desco. briolhos Crisnā, q̃ era então moço, & era filho doutro Crisnā, q̃ fora rendeiro daq̃la terra: & assi ouue os jts de quanto rendia a alfandega de Goa, & o q̃ se pagaua de soldo, & mantimēto aos lascarins q̃ estauā na cidade. E achou q̃ a alfandega rēdia doze mil pardaos douro, & as ilhas anexas a ela cinco mil & as tanadarias da terra firme. s. Caste Antruz, & Bardes rendião sessenta & cinco mil, a fora outras muytas q̃ auia. E vendo ho governador quão grossa cousa era Goa, louuaua muyto a nosso senhor por lha assi entregar, & dizia a se us capitães q̃ da sua mão a tinha, & pois era hũa cousa tamanha, assi na abastança dos mātimentos como na grādeza da renda q̃ era muy necessaria pera conseruação do estado da Índia delrey seu senhor, & assi pa proueito de sua fazenda. E por tanto lhe parecia muyto necessario q̃ a goardassem cō todo ho boō recado, & diligencia q̃ podessem: o q̃ se não podia fazer sem q̃ inuernassem ali todos aquele inuerno, por q̃ cō sua estada faria a gēte assento, o q̃ seria ao cōtrairo se se fosse logo por mais gēte q̃ deixasse nela. E aprouado por todos este parecer, mandou ho governador entrar as naos grandes pera dētro, surgirão junto da cidade, & proueo os passos da ilha, q̃ se chamāo tanadarias, q̃ em nossa lingoa querē dizer almoxarifados, q̃ assi ho sam, por q̃ os tanadaries que estāo neles arrecadāo os dereytos das mercadorias q̃ entrāo por eles. E estas tanadarias etregou a algũs dos nossos, a que mādou que nã deixassem entrar na ilha, nẽ sayr dela nenhũa pefsoa sem leuar sua chapa como se costumaua dātes. E esta chapa era como selo

se não que era aberta de parte a parte, & punhasse cō almagra, & deu a estes tanadares escriuães, & piães gētios, & assi algũs dos nossos pera goarda dos passos: & deu a capitania de Goa a dō Antonio, & a feytoria a Fracisco coruinel, & a alcaydaria mór a Gaspar d̃ payua: & assi pueo outros muytos officios.

Capit. xij. De como o gouernador mandou duas embaixadas, hũa a el rey de Narsinga, & outra a el rey de Vengapor, pera fazer amizade coeles.

PRouidos os officios da cidade, proueo ho gouernador as tanadarias da terra firme, assi pera se não perderẽ, como pãse arrecadar ho dinheiro que se lã deuia ao hidalcã, q̃ ho gouernador dizia q̃ se auia de pagar a el rey de Portugal, pois era seõor de Goa cabeça daquelas terras do Balagate. E por quanto as tanadarias erã na terra firme, não ousou daueturar nelas nhũs dos nossos pera oster lã por tanadares, & quis atetar ho vao cõ gētios, & mouros dos moradores de Goa, fazendo cõta que naq̃les não se auenturaua mais, que hirente cõ ho dinheiro que estaua ainda no mato, & nã era del rey seu seõhor, & nos nossos aueturauase a vida, que lhos poderião matar a todos. E a cada tanadar destes deu hũ escriuão gētio, & quinhentos piães, q̃ todos auião de ser pagos do dinheiro q̃ arrecadassem: & encomendoulhes muyto q̃ trabalhassem por trazerẽ a gente da terra a obediencia del rey seu seõhor. E por que elẽ receaua, que por ho hidalcã ser muyto poderoso lhe fizesse guerra, pera ver se podia cobrar Goa, deter mĩnou de se liar cõ elrey de Narsinga seu

vezinho, pera q̃ ou ho ajudasse, ou fizesse guerra, como fazia ao hidalcã, & coisso lhe estoruaſſe que a não fizesse a ele: & pera isso lhe mandou a ebaixada, q̃ lhe ouuera de leuar Pero fernã dez tinoco, q̃ foy morto em Calicut. E fez ebaixador a hũ Gaspar chanoca, homem de boa casta, & caualeyro da casa del rey seu seõor, que mandou bẽ acõpanhado, assi de gẽte de caualo dos nossos, como de piães da terra, & todos bẽ atauados, & deu lhe algũs caualos q̃ desse da sua parte a elrey de Narsinga. E a instruçã da embaixada q̃ leuaua del rey de Portugal foy, q̃ ele folgaua muyto de ho ter por amigo, & que assi ho seria seu, & mandaua ao seu gouernador da India que ho fosse, & ajudasse sempre em suas guerras contra seus inigos, pedindolhe licença pera fazer hũa fortaleza em Baticala, porque ali lhe era muyto mais necessaria que em outro nenhũ porto dos que tinha, por amor da carregaçã que se hi fazia pera Ormuz. E o gouernador lhe mādaua dizer da sua parte, que el rey seu seõor lhe mandara que tomasse Goa pera ho ajudar mais facilmete cõtra ho çabayo q̃ lhe fizera sempre guerra, & por esta causa tomara Goa donde da parte del rey seu seõor lhe mandaua aq̃les caualos. E se quiseſſe entẽder em cõquistar ho reyno de Daquẽ, q̃ ele ho ajudaria, & cometeria logo de fazer guerra ao hidalcã. E mādou mais a Gaspar chanoca que de caminho fosse pela cidade de Vengapor, & falasse ao rey dela, & lhe desse de sua parte hũ presente de peças de bocado & dez carlata, pedindolhe, que pola amizade que tinha cõ elrey seu seõor, lhe deixasse cõprar em sua cidade duzentas seelas, & outras tantas cubertas pera caualos, de que tinha

necessidade, & em companhia de Gaspar chanoca, mandou ho governador hũ frade de sam Francisco chamado frey Luis, pera que visse se podia conuerter el rey de Narſinga a noſſa ſctã fee. E indo Gaspar chanoca por Vêga por deu ho presente a el rey, que se excusou de dar licença pera se comprarẽ as ſelas, & cubertas, dizendo que a não podia dar ſem aonſentimento del rey de Narſinga. E proſeguindo Gaspar chanoca ſeu caminho, chegou a Biſnegar, õde eſtaua el rey de Narſinga, que ho mandou receber cõ grande ſolenidade, por ſer embaixador de quẽ era, & fez lhe muyta honrra, & recebeo cõ muyto prãzer a ebaixada, & presente: & moſtrou grande contentamento do governador ganhar Goa. Porẽ deſpois ſe ſoubẽ que lhe peſaua porq̃ auia medo aos noſſos, & pareceo lhe que tendo eles Goa lhe não hirião nenhũs caualos Darabia, & da Perſia, como hião quando era de mouros, & tudo iſto diſſimulou, mas não deſpachou ho embaixador dali a grande tempo.

Capit. xiiij. De como fortalecendo ho governador a cidade de Goa ouue hũa a motinação antre os noſſos, & por cujo conſelho.

Entendẽdo ho governador e fortalecer, aſſi os muros da cidade pera os fazer mais altos como a fortaleza, ordenou, que pera mais breuidade, & a obra ſer mais forte que os noſſos a fizelſem, & repartio ha per quartos pelos capitães, a que mandou que deſſe a cada hũ meſa aos de ſua capitania. E pa eſte lhe ordenou hũ rãto e dinheiro gaſto cada meſ, ſegundo a gente a q̃ auia de dar meſa. E juntamente coeſta obra

mandou acabar as naos que eſtauão comẽçadas, & todas as deſpeſas deſtas obras ſe faciã do dinheiro q̃ ſe auia das tanadarias da terra firme que eſtaua a obediencia del rey de Portugal, por q̃ a quella gente não he ſe não de viuã quẽ vence, & tanto lhe daua pagarem aos noſſos como aos mouros, & por iſſo pagauão ſem trabalho, & hião a Goa tomar ſeguros do governador. O que ele vendo, & tendo a couſa por mais ſegura tirou os tanadares mouros, & mandou em ſeu lugar algũs dos noſſos de baixa forte; & eſtes arrecadauão os de reytos, & os mãdauã a Goa à feytoria. E vendo Tímoja como as tanadarias eſtauã pacificas por el rey de Portugal pedio ao governador q̃ lhas arrẽdãſe, & que ele tomãria a goarda delas ſobre ſi, & cõ eſſa condiçãõ lhas arrendou ho governador por quarenta mil pardaos douro. E andando ho governador occupado neſtas obras que digo, comẽçarã ſe de agaltar algũs capitães cõ ho trabalho que era muyto grande, porq̃ nã ſomẽte trabalhauão de dia, mas vigiã uão de noyte, que ho governador nã ſe fiaua da gente da terra. E dos capitães que ſe mais agaltarão foy Ieronimo teixeira, Luis coutinho, Jorge da cunha, & Francisco de ſouſa mancias, q̃ mais cõ vergonha que com vontade ſeguirão ho governador: a q̃ apertauã muyto que lhes deſſe licença pera ſe hirẽ pa Cochim, porque tinhã necessidade de inuernar lá, pera ho corregimento de ſuas naos. O que ho governador diſſimulaua, & dilataua a repoſta, pola necessidade q̃ tinha deles & de ſua gẽte. E affirmou ſe que quando Jorge da cunha viu que ho governador lhe não daua licença, que lhe a motinou a gẽte ao que ho ajudauão dous da ſua capitania,

hũ chamado Esteuão bayão, & outro Francisco de figueiredo. E puocarão o bra de nouecentos homẽs q̃ nã comessẽ as mesas de seus capitães, & q̃ lhes pedissem hũ cruzado pera cada mes, & não lho querendo dar q̃ roubassem a cidade, & lhe possessem fogo. Do que sendo ho governador auisado deu em hũa casa, em q̃ estauão juntos quasi todos estes cõjurados, de que prẽdeo algũs, & despois por ser ho tẽpo que era os soltou, & por se achar que Jorge da cunha era mais culpado que eles, pelo que fizera, & ho não auia de castigar como merecia. E dali por diante nunca aqueles capitães cessarã de fazer requerimentos ao governador, pera q̃ os deixasse ir: & por ele nã querer darlhes licença, se publicauão por muy agrauados dele. E durando estas cousas teue ho governador recado q̃ no porto de Baticalã estauã carregãdo certas naos de mouros sem terẽ seu seguro, & dizẽdo seus donos que lho não auião de pedir: & por isso ho governador as mandou tomar por Fernã perez dãdrade, Simão dãdrade seu irmão, & por Jorge da silueira, & eles não acharão mais de duas, & tomarãnas carregadas darroz, & daçucar. E sabẽdo ho logo ho governador, deu licença a Ieronimo teixeira cõ suas importunações q̃ fosse inuernar a Cochĩ, & tornoulhe a capitania da nao q̃ lhe tinha tomada, & mãdou-lhe que passasse por Baticalã, & leuisse as duas naos de mouros q̃ os nossos tomarã, & as entregasse em Cochĩ na feytoria: & ele ho fez assi, & foyse coe Jorge da silueira, ainda que foy contra ho regimẽto que tinha do governador que era que tornasse a inuernar a Goa, & disse se q̃ Ieronimo teixeira lho fizera fazer: mas ele deu por escusa q̃ ho

seu piloto, & mestre se nã atreuerã a leuarlhe a nao a Goa por ser ja iuerno, & ser muyto mã dẽ bolina: & Fernã perez & seu hirmão tornarã a iuernar a Goa.

Capit. xiiii. De como Antão nogueyra tomou hũa nao de mouros no cabo de Goardafum; & de como leuando dõ Afonso de noronha pera a India se perdeo na costa de Cambaya, & morreo dõ Afonso, & os outros forã catiuos.



Antão nogueyra que ho governador mandou de Cochĩ cõ recado a Duarte de lemos, chegou a çacotorã, onde ho não achou, q̃ era ido a Melinde muyto doente pera se curar, por ser a terra de bõs ares, & çacotorã muyto doetia. E q̃ndo se partio deixou mandado a Frãisco pereyra de berredo capitão do nauio sam loão, q̃ leuasse pera a India a dõ Afonso de noronha: & despois de chegar Antão nogueyra de Cochĩ se perdeo ho nauio de Frãisco pereyra cõ tempo que deu a costa: & despois disso embarcou, dõ Afonso, & Francisco pereyra cõ Antão nogueira pa hirẽ dar armada ate q̃ tornasse Duarte de lemos de Melinde. E andando ante ho cabo de Fartaq̃, & ho de Goardafum, toparão hũa nao de mouros de Cãbaya da cidade de Reynel. E vẽdo eles que os nossos os querião tomar poserãse em defẽsa, por q̃ erã muytos, tirandolhe as bombardadas, com que se defenderão bẽ quatro oras q̃ não lhe durou mais a poluora q̃ trazião, & por lhe falecer os poderão os nossos abalroar: & despois de abalroados foy a peleja muyto mais aspera que dantes com muytas pedradas, frechadas & arremessos de lanças que os inimigos tirauã,

& os nossos trabalhauão quão podião polos entrar, mas nunca poderão ate q̃ aos mouros se lhe não acabou todo ho almazẽ cõ que se podião defender. E despois que não teuerão cõ que tirar tirauão cõ pedaços de jarras, & cõ panelas de manteiga quẽte feruendo. E em q̃nto ouue cõ q̃ pelejar semp̃ pelejarã: & de muyto feridos & cansados, forão entrados dos nossos, que em toda esta peleja não receberão nenhũ dano. Entrada a nao achouse nela muyta & muy grossa riqueza, porque auia cinco ãnos segundo os mouros disserão que andaua tratando fora de Cambaya. E por çacotorã não ter porto pera aquela nao inuernar seguramente, que era ja boca de inuerno, pareceo bẽ a dõ Afonso, & a Antão nogueyra & aos outros que arribassem à India, & que là inuernariã. E auido este conselho, pera q̃ a nao dos mouros fosse segura, passarão ho capitão dela, & ellẽs mouros principaes ao nauio Dantão nogueyra: & na nao dos mouros poserão por capitão a Fernão Iacome cunhado de dõ Afonso, & derãlhe algũs dos nossos pera hirẽ coele, & assi se partirão caminho da India, indo dõ Afonso no nauio Dantão nogueyra, que por a nao andar pouco esperaua por ela: & nisto se deteuerão tãto, mais do que se ouuerão de deter, que q̃ss̃ começaua ho inuerno na costa da India. E indo alamar tanto auante, como Batitalã, deulhes hũ tẽporal de vento por dauante muyto grande, & não podẽdo a nao sofrer ho payro ouuerã darribar: & coesta pressa ho piloto mouro leuou a nao a Dabul, õde se perdeu na costa. E Fernão Iacome, & os outros forã catiuos, & leuados ao tanadar de Dabul, que os mãdou ao Hidalcão seu seõor & ho nauio correo ate a enseada de Cãbaya, & perdeu se defrõte do lugar de

Damão õde deu em hũ baixo, de q̃ os nossos ficarão sem esperança de saluação, por ser a terra de imigos. E cõtudo temendo dõ Afonso mais a morte do mar que a da terra, lançou se logo a ele em hũa boya do nauio pera escapar nela, cõ quão lhe todos disserão q̃ ho nã fizesse, por q̃ ho rolo do mar era muy grande & que ho mataria, mas ele não quis se não lançar se: & dizẽ que aconselhado de dous mouros, que lhe disserã que eles ho saluarião. E assi se lançou tã bẽ hũ frade de sam Frãcisco q̃ hiacoele de çacotorã, que se chamaua frey Antonio do loureyro, q̃ hia por custodio à India pera là fazer mosteiros da sua ordẽ. E indo dõ Afonso pa terra na boya, & chegãdo a ela arefaca da goa que era grande ho tãrnaua ao mar, & ho rolo que era muyto mayor reuolueo a boya sobrele & deulhe na cabeça, & tantas vezes lhe fez isto que ho matou: porẽ frey Antonio escapou & sayo a saluo. E assi Francisco pereyra, Diogo correa, & os outros que se lãçarão despois que ho mar asselegou, & forã se a terra onde forão catiuos pela gẽte dela, por mãdado dhũ capitão delrey de Cambaya que ali estaua em hũa pouoação, que os estaua esperando. E este capitão que se chamaua Miacoje, era cunhado do capitão da nao dos mouros em q̃ se pdeo Fernão iacome, q̃ como disse hia neste nauio, & como ele deu em seco fugio a nado pera terra, & contou a Miacoje como os nossos lhe tomarão por força a sua nao, & por isso se aluorogou a gente da terra tanto contra os nossos que os querião matar a todos, & escassamente Miacoje os pode salvar em hũa casa, onde os mandou goardar por sua gẽte: & isto por amor de hũ mouro granadi q̃ ali estaua q̃ auia nome Cideale, q̃ vẽdo os nossos se foy a Miacoje, & lhe disse

q̃ os não consentisse matar, nê que recebessem nenhũ dano, por q̃ Meligupim seõor da q̃la terra, & grande priuado del rey de Cábaya, ho não auia de auer por bẽ, por q̃ ele trataua cõ mais de trinta naos que lhe os nossos podião tomar em vingança, & ainda por essa causa hiriã sobre a q̃le lugar, & ho queymariã, q̃ lhes lēbrasse o q̃ ho visorey fizera e Dabul por menos q̃ aquilo. E q̃ tãbẽ el rey de Cábaya por rogo de Meligupim mãdaria queymar a q̃le lugar, por isso q̃ não bolisse cõ os catiuos, se não q̃ lhestizesse honra; & por q̃ sabia que el rey de Cábaya & meligupim folgariã de saber q̃ estauão ali a q̃les catiuos se hia logo a Chãpanel pera lho dizer. E por isto q̃ Cideale disse a Miacoje, teue ele muyto grãde cuydado de goardar os nossos, & teue bẽ que fazer em os defender da gente da terra, de q̃ muyta parte se foy a casa onde eles estauão pera a queymarẽ, & bradauão q̃ lhos dessem: & os nossos estauão em grande agonia vendo q̃nto se trabalhaua por sua morte. Enisto os foy ver Cideale, & em entrando lhes disse em castelhano, Deos vos salue Christãos, efforçay, por q̃ eu vos ajudarey em tudo o q̃ poder, por q̃ sey q̃ soys de muyto preço, & homens hórados; & espero dẽ fazer por vos mais do q̃ fez Cideale ho torto pelos catiuos q̃ catiuarão em Diu, & eu não samturco se não granadi; & disselhes como se hia a Champanel a dar cõta de seu catiueiro a Meligupim seõor da q̃la terra, & ho mais q̃ dissera ao capitão q̃ os goardaua. E encomẽdãdo os a Deos se partio pera Chãpanel, onde contou a Meligupim o q̃ passaua acerca dos nossos. E por q̃ ele desejava dẽ servir a el rey de Portugal, & ter amizade cõ ho gouernador, cõtou logo a cousa a el rey, & fez coele q̃ mãdasse pelos nossos, pera

q̃ esteuessem e sua corte, & q̃ lhes mãdasse arrecadar a fazenda q̃ os da terra ouuerão toda antes q̃ se ho nauio dessezesse. E el rey de Cábaya ho fez assi, & mãdou recado ao seu capitão q̃ a ouessee; & ele fez grandes diligências sobre a auer, & aos q̃ soube q̃ a tinham mãdou dar muytos tormentos, assi pera confessarẽ se tinham mais como por q̃ lha não derão pa el rey de Cábaya pois era sua por costume do reyno. E coesta diligencia se cobrou toda a fazenda & se pos e recado, & assi esteue ate q̃ despois se entregou a seus donos quando sayrão de catiueiro (como direya diante) E e quãto se ela arrecadua Miacoje mandou os catiuos a Chãpanel, saluo a Frãisco pereyra de berredo q̃ estauaua doẽte, & a outros sete q̃ ficarã coele; & a ele fazia Miacoje muyta honra por amor do capitão seu cunhado, q̃ lhe rogou que assi ho fizesse, porque q̃ndo hião pelo mar hũ nosso marinheiro lhe quísera dar cõ hũ pao, & Frãisco pereyra lho tolheo, & ainda espancou ho marinheiro & daqui ficou ho mouro seu amigo; & por isso Miacoje lhe fazia muyto gaalhado. E estando ali naquele lugar mandaua aos nossos que apanhassem os cauacos de hũas naos que se ali fazião del rey de Cábaya, & deu ho cuydado de mandar os outros a Frãisco pereyra. E auendo dous meses que erão catiuos forão leuados com os outros a corte del rey dẽ Cábaya, o de este uerã ate que sayrão de catiueiro, como direya diante.

¶ Capit. xv. De como ho Hidalção se partio com grade exercito pera tomar Goa; & como Timoja foy lançado das tanadarias da terra firme.

¶ Hegado çufogogi capitão que foy de Goa em tempo dos mou

ros ao hidalção, contoulhe como os nossos a tomarão, & como as tanadarias da terra firme estauão por eles: o que ho Hidalção sentio muyto por ser cousa tão principal de seu senhorio & temer-se que dali lhe conquistasse a terra firme, & por isto determinou de a tomar logo, o que lhe pareceo que poderia fazer facilmete por que tinha muy grossa gente, & ho governador muyto pouca; & mais que se a gête da ilha fosse da sua parte, como esperaua q̃ não auião os nossos de ter mantimentos, assi por os não poderem auer da terra por ele ser señor do cápo, como por os não poderẽ auer per mar, por q̃ por ser inuerno não se podia navegar a costa da India, & tãbem por os nossos nã poderẽ sayr de Goa: por esta rezão fazia conta de os tomar a todos, & a frota q̃ tínhão, & apagalos de toda na India. E coesta determinação fez paz cõ el rey de Narínga, que foy disso contẽte, posto q̃ neste tẽpo tinha ouida a embaixada q̃ lhe leuou Gaspar chanoca que não soube nada da paz do Hidalção cõ el rey tão secretamente se fez, & el rey ho trazia em dilações sem lhe responder ate ver se ho Hidalção tornaua a tomar Goa, pera q̃ se a não tomasse etão aceitarã a amizade del rey de Portugal pelo dano que lhe podia fazer de Goa, & se a tomasse escusaria a amizade, porque sabia que lhe não era necessaria se os nossos terẽ Goa. E por esta causa não quts tãbẽ el rey de Vengapor dar licença pera a compra das seelas & cubertas ã sua terra. Feyta esta paz partio-se ho Hidalção pa perto de Goa, & dali mandou recado aos mercadores de Goa, & a toda a outra gête da terra da determinação q̃ leuaua, & as causas que ho mouerão a tomar aquella empresa, rogãdolhe q̃ ho ajudassem

leuantandose cõtra os nossos. E eles lhe mandarão pmetter que entrando qual quer capitão seu na ilha se leuantarião logo cõtra os nossos, porque estauão os mouros muyto escandalizados do governador, porque mandara matar hũ seu caciz homẽ muyto hõrado atreles, & de grande credito, & mandou ho matar polos seus alabardeiros, porque foy certo q̃ indose hũa moura fazer Christã à cidade este caciz a afogou, por que a não podetirar daquelle pposito. Etẽdo ho Hidalção certeza dos mouros & gëtios que se leuãtarião cõtra os nossos, abalou pera a fralda do mar cõ seu arrayal, que era de muyta gente & foyter à serra que se chama Dogate dõ de a terra firme de Goa se chama Bala gate. E esta serra he doze legoas d Goa & he tão alta que se gastã dous dias em sobir ao cume, onde he muyto chaã, & dali pa baixo muyto fragosa; & tẽ certos passos, & em cada hũ hũa fortaleza cõ gête de goarniça. E da parte de Goa cerca esta serra as terras do hidalção como muro, & q̃ si ao pé dela estã agora a cidade de Bilgão, õde ficou ho hidalção cõ seu arrayal. E dali mãdou a Pulatecão seu capitão geral boõ caualeyro, & turco de nação, & assi a hũ capitão del rey de Narínga cõ muytos turcos de caualo & gëtios de pê que fossem lãçar Timoja fora das tanadarias que tinha arrẽdadas, & lãçado passassẽ auãte; & assentassem ã terra de Salsete defrõte da ilha de Goa da banda Dagaci, & de Benastari, per õde principalmẽte entraria a ilha se podessem, & assi por outros lugares. E ã Pulatecão ganhar a terra q̃ tinha Timoja, não ouue nada q̃ fazer, por q̃ a sua gente tanto que soube a ida dos inimigos fugio a mór parte dela pa Honor, & Timoja se foy cõ a outra pera Goa, leuãdo algũ dinheiro das rẽ

das que tinha arrecadado q̃ entregou à feytoria, de que se affirmou que ele senegaua a mór parte. Et tão q̃ ho creio ho governador, & por isso ouue secreta mēte algũ desgosto antrele & Timoja, & nunca se mais fiou dele. E sabēdo ele a vida dos imigos sobre a ilha, acordou cō seus capitães, que pera estar segura era necessário goardarense per mar, & per terra os passos do vao de Gondalī, de Benastari & Dagaci; & a goarda do vao que agora he ho Passos seco deu a Francisco de Sousa mancias, & a Francisco pereyra coutinho, e foy feyta hũa trāqueyra bē artilhada, & no mar esta ua hũ nauio pegado cō a terra firme. A goarda de Benastari se deu a Garcia de Sousa, q̃ tinha em terra outra tranqueyra, & no mar estaua Ayres da silua no seu nauio. A goarda do rio Dagaci que era largo foy dada a Fernão perez dandrade, & forão coele Luis coutinho no seu nauio, & Diogo fernandez de beja na sua galē, & sayrão por Pangī, & entrarão por Goa a velha, & deitaran se todostres defronte Dagaci junto dōde se ho rio estreita pa Benastari ho mais perto que poderão da terra firme, de maneyra que podião pescar com sua ar telharia qualquer cousa que decesse pe lo rio de Salfete, onde se esperaua q̃ os imigos fizessem suas jagadas pera pas sarē a ilha. E dentro no rio de Benastarim antre ele & Agaci mandou ho gouernador q̃ esteuesse Simão dādrade na sua galē: & deu a goarda da praya de Goa a velha a Jorge da cunha cō sessenta de caualo dos nossos, & muytos piães da terra, de q̃ era capitão hũ Canari valente homē, que auia nome Menayque. E a fernão perez mandou ho gouernador q̃ mandasse piães gētios à terra firme sem saberē hūs dos outros a saber o que fazião os imigos: o q̃ Fer-

não perez fazia cō muyto cuydado, & ho gouernador ficou cō os outros capitães em goarda da cidade, & teue nela Timoja que nã quis q̃ fosse aos passos, porque se não fiaua dele. E como não sabia o q̃ lhe sucederia mādou acabar cō breuidade hũa das naos dos rumes, & deitouha ao mar, & pos lhe nome sã Ioã, & deu a capitania dila a Nuno vaz de castelo branco. E nisto chegou Pulatecão, & assentou seu arrayal na terra firme da outra banda do rio de Benastarim detras dhũ oyteiro que està defronte da pouoação, que logo os nossos foberão.

Capit. xvi. De como Pulatecão assentou arrayal sobre a ilha de Goa defronte de Benastari, & de algũs re cadoss q̃ ouue ātrele & ho gouernador.



Passados q̃tro ou cinco dias despois da vinda de Pulatecão, hũ dia pela festa appareceo sobre ho oyteiro q̃ esta defronte de Benastari hũ mouro cō hũa bandeira de paz. E sabendoho Garcia de Sousa lhe mandou mostrar outra, q̃ era sinal que lhe daua seguro. Então deceo ho mouro à praya, & perguntou em portugues aos nossos q̃ esta uão da outra banda, quē estaua por capitão na q̃le passo. Garcia de Sousa lhe disse o seu nome, & ele disse q̃ era Portugues, & auia nome Ioão machado, & fora degradado d Portugal na armada de Pedraluarez cabral, & q̃ fora deitado em Melinde, dōde fora ter a Diu sabēdo a arauia, & hi andara muyto tēpo a soldo de Meliquiaz, & despois se fora pa ho hidalcão, dizēdo q̃ era turco, & assi ho cuydauão os mouros: & por isso ho hidalcão cō quem viuia lhe dera hũa capitania de gēte brāca, & ho estimaua muyto: porē que cō tudo isso lhe lembraua que era Christão, & Portu-

gues, pelo q̃ desejava ho bẽ dos nossos, E por eissa causa lhes dizia q̃ Pulatecão trazia muyta gẽte, & ho hidalcão ficava muyto perto dali, cõ muyto mais pa se ajutar coele, & q̃ era por toda quarẽta mil homens os mais deles turcos, & gente branca do estreyto, & tinhão de terminado de entrar a ilha: & q̃ folgara muyto de dizer isto ao governador, pera lhe acõselhar q̃ não quisesse guerra cõ ho hidalcão que era muyto poderoso, & mais em sua terra, & q̃ lhe avia de tolher os mantimẽtos, & por ser inverno lhe não avia de poder ir de fora: & por isso que ouvesse boõ cõselho, & lhe deixasse a ilha & a cidade antes de se ver em perigo. Garcia de Sousa lhe disse que prmeyro se aq̃le rio tornaria de cor de sangue, que os imigos entrassem a ilha. E agardeceolhe muyto seu aviso, dizendo q̃ ho mandaria dizer ao governador: que q̃ndo isto soube pareceolhe manha de Pulatecão, pera ho es pantar cõ ho poder de gẽte que trazia: & pera lhe contraminar a manha, mandoulhe hũ recado por hũ caualeyro q̃ fora sobrinho de João da noua, q̃ avia nome Abalde, & sabia arauia & outras muytas ligoas. Este cõ seguro de Pulatecão, & arrefens que ficarão em Benastarí, se passou ao arrayal dos imigos: & disse a Pulatecão da parte do governador, que ele se espantava muyto do hidalcão querer guerra coele, q̃ era capitão mór del rey de Portugal, com quẽ os mais dos reys da Índia, & assi outros señores folgauã de ter amizade & paz, principalmente seus vezinhos, pelo que devia muyto de folgar de ho ter por amigo, & estar coele em paz, porq̃ tendo guerra bẽ sabia quãto mal lhe podia fazer em lhe tolher que não ouvesse nenhũs caualos, porque os não

podia auer se não por mar, onde sabia bẽ quã poderoso era el rey seu senhor, & tirandolhos, & deixado os ir a el rey de Narsinga, q̃ ho destruyria muyto affimha, por isso que visse bẽ o q̃ fazia. Pulatecão respondeo que ho Hidalcão folgaria de ter paz, & amizade cõ el rey de Portugal, cõ tão to que não perdesse Goa, q̃ era a principal cousa de seu senhorio: que se ho governador lha soltasse em paz, que ele folgaria daceitar sua amizade, & q̃ aceitãdoha daquela maneyra veria quanto a desejava, pois podendo ho danar ho deixava de fazer: & ou lhe alargasse Goa ou não, que lhe resgatasse as molheres & moças do hidalcão que tomara em Goa. Tornando Abalde a coesta reposta, João machado que assi avia nome aq̃le Portugues que foy dar ho aviso a Garcia de Sousa, foy coele, dizendolhe que desejava muyto de falar cõ ho governador, pera lhe dizer cousas de muyta importancia, que lhe releuauão: mas pois não podia ser que lhe dizia em forma que oulhasse bẽ por si, & que se fosse em quanto podia, porque ho poder dos mouros era tamanho, q̃ despois de entrarẽ a ilha receava que lhe tomassem a cidade sem se poder valer. E tudo isto contou Abalde ao governador, que confiava tanto na goarda que tinha nos passos, q̃ lhe parecia q̃ era impossivel entrar se por eles a ilha, posto q̃ os imigos fossem em galês, quanto mais que não podião ir se não em jangadas: & assi ho disse a seus capitães, por cujo conselho respondeo a Pulatecão, que não avia de alargar Goa, nem resgatar as moças, nem as molheres, porque as tinha por filhas, & esperava de as tornar Christaãs, & casalas cõ Portugueses pa pouoar Goa coeles. E desta reposta ficou Pulatecão

muy espantado, porque sabia muy bê quã pouca gête ho governador tinha, & passou logo sua tenda ao lôgo do rio de Salfete, onde mandou fazer certas jangadas pera passar nelas sua gente â ilha por quãto não tinha outros nauios em que a passasse.

Capit. xvij. De como as jãgadas dos inimigos forão acabadas, & do mais que passou antrelas, & os nossos.

E Porque se temeo que se os nossos sentissem q̃ se fazia as jãgadas, lhas poderião ir queymar nos bateys e hũa noyte muyto escura q̃ chovia, por ser entrado ho inuerno, mandou fazer na boca do rio hũa estacada, em q̃ mādou fazer hũa estãcia de artelharía miuda, sem os nossos ho sentirẽ por amor da tormẽta q̃ fazia. E q̃ndo amanheceo q̃ Fernão perez vio a obra q̃ estaua feyta quis cometer de entrar ho rio cõ conselho dos outros capitães q̃ hião e bateys sele, Luis coutinho, Bernaldi freyre, & hũ lorge dorta, q̃ despois q̃ esteue na goarda, mandou ho governador q̃ esteuessem coele, & Diogo fernandez lhes hia nas costas na sua galê: porẽ os nossos por mais q̃ trabalharã nũca poderã entrar ho rio cõ os muytos tiros q̃ lhes tirauão os inimigos. E considerando q̃ receberião môr perda nos muytos q̃ poderião morrer em entrar ho rio, do q̃ receberião de pueito se ho entraassem, não quiserão mais insistir e ho entrar, & tornaranse onde estauão. E despois disto acabarão os inimigos de fazer as jãgadas, que sam desta maneyra duas almadias grãdes cõ traues pregadas em ambas de duas muyto juntas, & taboas pãgadas por cima, & e cada hũa destas cabia muyta gente: & nas proas & popas das almadias auia dir os remeyros.

Acabadas estas jangadas, determinãdo Pulatecã de êtrar a ilha, mandouas hũ dia pola manhaã tirar do rio de Salfete pera ho rio Dagacim, tẽdo os nossos em tão pouco, que lhe parecia q̃ de dia poderia entrar a ilha. E coeste pensamẽto se quiserã os seus passar do rio Dagaci pera ho de Benastari. O q̃ vẽdo Fernão perez cõ os outros capitães se partirão donde estauão aboga arracada, & se forão poer na boca do rio de Benastari a esperalos: & por isso os inimigos deixarão ho caminho q̃ leuauã, & meteranse âtre hũ ilheo q̃ se chama ho dos bugios, & a terra firme, & deixarãse estar. E quando Fernão perez se foy pera a boca do rio esperando de pelejar cõ os inimigos, Luis coutinho nã quis ir coele, & foyse meter no seu nauio, & deixou Fernão perez, q̃ pregũtou a lorge dorta que farião, & ele respondeu q̃ fizesse o que quisesse, por q̃ morreria coele. E vendo Fernão perez como os inimigos se punhão em concruasam dêtrar a ilha, mandouho dizer ao governador, q̃ foy logo por terra a Agacim cõ gente de caualo & de pẽ. E vendo da praya a cousa como estaua, & q̃ se não podia fazer nojo aos inimigos, mādou aos capitães q̃ esteuessem como estauã: & q̃ mādaria a dõ Antonio q̃ se fosse ajutar coeles no seu batel, parecẽdo, lhe que abastarião todos pera defender q̃ os inimigos não entraassem ho rio, & defeyto abastarão se eles entrarã de dia. Ho governador não somente mādou ajuntar cõ os outros a dõ Antonio, mas acrescentou a gente em todos os passos da ilha por onde parecia que se podia entrar: & encomendou a lorge da cunha q̃ visitasse muytas vezes ho passo Dagacim, & mandou algũas cotias que andassem do Passo seco ate on

de estava Simão dandrade visitado os passos & os nauios, pera q̃ lhe dessem recado do que passasse. E quando foy ao despedir das cotias não as achou, & pregutando por elas, disseranlhe algũs gentios & mouros seus amigos, que ho Xabandar as furtara, & as mādara aos inimigos pera passarem à ilha, & mais q̃ lhe fazia fogos e lugares sectetos. E xabandar he officio antre os gentios & mouros, como antre nos patrão da ribeira: & este de Goa era gentio. E sabēdo ho gouernador isto dele, mādouho chamar estando à porta da ribeira, & pguntadolhe pelas cotias, ele se começou de embaraçar de maneyra que pareceo a roindade, & por ela ser tamanha, não lhe quis ho gouernador mais esperar, & mādouho matar pelos seus alabardeiros, o que os gentios sentirão muyto por ser principal antreles, & indinaranse muyto mais do que estauão pera se leuantar contra ho gouernador em os mouros entrando na ilha.

Capit. xviii. De como çufolari, & çufogoci capitães do Hidalcão entrarão a ilha cō algũs dos inimigos: & do que fizerã nesta êtrada lorge da cunha, Francisco de Sousa mancias, & Frãcisco pereyra coutinho.

Vendo Pulatecão que lhe contrariarão os nossos a entrada do rio de Benastarim, nã quis mais cometer a entralo de dia, & determinou de ho fazer de noyte, pera o que lhe logo sobreueo hũa muyto escura, & de grãde tormenta de vento, & de chuua: & como ele a viu assi mandou a çufolari hũ mouro valente caualeyro que fosse por capitão da gente das jangadas, que se-

rião ate mil homens, & que se fosse de-reyto ao passo de Benastarim, & hi de sembarcasse: & ho mesmo mādou açufogoci que fora capitão de Goa, que entrasse pelo passo de çancalim, onde estauão as cotias que lhe dera ho xabandar de Goa carregadas de gente, & que ele entraria despois. E duas horas ante manhaã fazendo a tormenta que digo abalou çufolari cō as suas jangadas, remãdo aboga furda ao lôgo da terra firme, pera que nã fossem sentidos dos nossos bateys, que estauão na boca do rio de Benastarim da bāda da ilha. Porē Fernão perez que estava mais perto da terra firme os sentio logo, & mandādo leuar fatexa, & dar fogo a hũ faleão que tinha lhes começou de tirar, ao que logo acodirão todos os outros capitães q̃ disse que ali estauão, & tirauão muyto a miude, de maneyra que fizerã deter os inimigos que não passassem da boca do rio de Benastarim: porque como as jangadas serão gtandes acertaualles a arrelharia, & fazialhes muyto nojo. Porē çufolari que tinha abocado ho rio, quãdo os nossos acodirão, sem ser sentido teue tempo de passar auante, & cuydando q̃ ho seguissem os nossos, trabalhou por tomar terra ho mais asinha que pode, & poiou antre a pouoação Dagaci, & a de Benastarim cō obra de trezentos turcos que leuaua em duas jangadas, q̃ cō ho grãde escuro que fazia forã dar em hũa vasa, ôde atolarão, & se encherão todos de lama: & q̃ndo se alli virão não ousarão de passar dali, porque não vião por onde auião de ir, & esperarão a manhaã. E não poderão estar tão calados que Menayque ho capitão gentio q̃ por ali andaua com seus piães os não sentisse, porque sentia a reuolta q̃ hia no rio, & logo lhe pareceo que os

inimigos querião entrar a ilha. E sabêdo a verdade q̃ ali estauão inimigos, como era amigo dos nossos, & muyto leal mãdoulgo recado a Garcia de Sousa, q̃ era ho capitão q̃ estaua dali mais perto, & ele veo muyto de pressa cõ parte desses q̃ tinha, & os outros deixou a seu hirmão Pero de Sousa pera goarda do passo. E ajuntandose Garcia de Sousa com Menayque, erão tão poucos, & os turcos estauão em lugar tão forte que lhe não podião fazer nada. E parecêdo a Garcia de Sousa, que sendo algũa gente mais os poderiã desbaratar, mãdou dizer por Menayq̃ a Jorge da cunha q̃ andaua em Goa a velha, que lhe acodisse pera matarẽ aq̃les inimigos. E com q̃nto lho Menayque disse, & quã poucos erão nunca quis ir coele, & se fora, sempre os inimigos forão desbaratados: porq̃ como os inimigos estauão desesperados de socorro pela resistencia que virã fazer aos nossos, vendo gente de cavallo contrasi, & piães ouueranse de desbaratar logo, & estes desbaratados não ouuerão os da terra dousar de se leuantar contra os nossos, como despois leuantarão pela entrada daq̃les: & não somente não quis Jorge da cunha acudir a Garcia de Sousa. Mas despois que vio que a ilha era entrada se foy caminho da cidade fugindo, como q̃ os inimigos forã a pos ele, indo rodeado por lugares perigosos sem recolher os seus, q̃ fugião como homens desbaratados. E sabendo Garcia de Sousa q̃ Jorge da cunha se não queria ajuntar coele, acodio a Benastarim, onde ouuia muitas bombardadas. Este era seu hirmão Pero de Sousa, que cõ esses q̃ lhe ficarão pelejaua cõ çufogogi, que entrou por çancalim nas cotias, & veo a Benastarim, onde achou muy dura resistencia, assi de

bombardadas como despois de lançadas & cutiladas: porẽ como os nossos erão poucos, & eles muytos não pode a resistencia durar muyto. E a nossa estância foy entrada dos inimigos com morte de Pero de Sousa, & doutros nossos que cõ quanto vingarão bem sua morte com muitas dos inimigos, eles ficarã senhores da estância cõ hũ camelo q̃ tinha, & cõ outra artelharia. E quando Garcia de Sousa chegou, q̃ foy começando ho dia desclarer, ja achou os inimigos senhores de Benastarim: & como ho nã sabia ouuerã de matar se não fora Ayres da silua que lhe acodio no seu barel, & ho saluou com os seus. E ho desastre de estar este passo sem gente, pola ida de Garcia de Sousa fez q̃ os inimigos entrassẽ a ilha q̃ doutra maneyra a nã entrã estes sôs, & os de çufolaria entrarão, q̃ os outros nũca poderão, porq̃ dõ Antonio cõ os outros capitães & sua gente, matarão tantos deles despois q̃ os abalroarão, q̃ a agoa se tornou de cor de sangue, & aq̃les q̃ escaparão fugirão a nado pera a terra firme, & dõs nossos não morreu nenhũ, posto q̃ algũs forão feridos: entre os q̃es foy Fernã perez. E acabada dauar a vitoria, com que dom Antonio estaua muyto ledo cuydado q̃ tolhera aos inimigos q̃ não entrassem a ilha, foy lhe recado q̃ era entrada, & por onde: & mandoulho dizer Menayque, q̃ tãbem se foy logo caminho da cidade, & vioffe em grande perigo ate chegar a ela, porq̃ os da terra lhe sayão muitos pa os matar, & ele se defendeo sempre muyto bẽ, no q̃ ganhou muyto louvor. E sabida a noua da entrada da ilha por dom Antonio, ouue conselho com os outros capitães sobre o que farião. E asentou, que por quanto podia ser que ho passo de Benastarim teria ainda al-

gũ remedio, que ele & Bernaldím freyre ho fossem socorrer nos bateys, & de caminho se ajuntaria coeles Simão dândrade na sua galê que estava dentro no rio. E que Fernão perez, Diogo fernandez de beja, & Luys coutinho ficassem onde estauã, & esperassem ate verem recado do gouernador, & assi se fez. E chegando dom Antonio com Simão dândrade, & Bernaldím freyre ao nauio Daires da silua acharão q̃ ja ele & Garcia de souza, & outros muytos erã idos pera a cidade por lhe tirarem da estancia de terra muytas bôbardadas, & ho nauio ser muyto pesado & auer dir de vagar. E vendo dom Antonio que não auia ali remedio, & que estava certo ser toda a ilha leuãtada, determinou de se recolher com os outros à cidade, & que assifarião os que ficauão em Agacim. E por ho nauio Daires da silua ser muyto pesado como disse, & auer de ir muyto de vagar, & ser a pressa grande ho não quizerão levar, & ho queymarão & meterão no fundo, despejandolhe primeyro a artelharía na galê. E isto feyto partiranse pera ho Passo seco, que estava tambem tomado dos inimigos que ho tomarão sem peleja: porque sentindo Francisco de souza mancias, & Francisco pereyra coutinho que Benastarim era entrada dos inimigos, embarcaranse logo no batel do nauio que tinham: & foy tamanha a sua pressa, que podêdo saluar a artelharía da estancia cõ a deitarem na praya do muro abaixo, dõde a poderão levar no batel ao nauio a deixarão, & assi hũa escada de tres troços que tinham pera a seruentia do mar: & se quando ouuirão as bombardadas da peleja de Benastarim lhe forão acodir ainda lhe poderão valer, que ho nã ganharão os inimigos. E chegando dom

Antonio cõ os outros ao Passo seco Pedro gonçaluez piloto do gouernador q̃ estava no nauio que ali ficou de Francisco de souza, disse a dom Antonio o q̃ ele & Francisco pereyra fizerã: & por que ho nauio não podia ir se não com a maré, esperarão dom Antonio & os outros ate ser prea mar pera ho leuarem, temendo que os inimigos ho tomassẽ. E neste tempo que esperarão esteuerã em grande perigo, porque os inimigos lhes tirauão de terra muyto rijo cõ a artelharía que tinham na estancia, & assi cõ muytas frechadas, & os nossos tambẽ a eles ate que veo a maré que se forão.

Capit. xix. De como os mouros & gẽtios da cidade se levantarão cõtra os nossos, & do que fizerão Nuno vaz de castelo branco, & outros. E de como sabendo ho gouernador q̃ a ilha era entrada dos inimigos se recolheo à cidade.



Ntrada a ilha pelos inimigos, & tomados os passos dela: ao outro dia pela manhã foy dito ao gouernador que a ilha era entrada, & os passos tomados. E como ainda não tinha este recado dos capitães que estauão neles não creio de toda aquela noua; mas mãdou logo repicar ho sino da vigia, & tanger as trombetas, pera que se ajuntassem os nossos, & assi os piães da terra, a que el rey de Portugal pagaua soldo, & como eles estauão da leuanto não acodião como dantes, que logo sayão a q̃lquer repiã. No q̃ ho gouernador foy conhecêdo q̃ estauã leuãtados, porẽ dissimulou, & mãdaualles q̃ se fossem à pressa a Benastarim, pera q̃ indo lhe despejassem a cidade sem q̃ entêdessem q̃ queria q̃ lha despejassem,

porque lhe derão trabalho se a nã des-
pejarão: & eles se forão por se hirem a
juntar com os immigos. E determinã-
do ho governador de socorrer a Bene-
nestarim, cuydando que ainda nã fos-
se tomado, mandoulá Frâncisco de saa
com trinta de caualo, & algũs espingar
deiros de pé. E despejada a cidade da
gente da terra, ficando os capitães em
suas estancias: nã lhe parecendo ao go-
uernador que a cousa estaua tão dana-
da tornou-se à ribeira (onde estaua quã-
do lhe derão a noua) pera mandar por
mar hũ camelo a Benastarim, & ele ir
por terra a fauorecelo, por fazer crer
aos Canarins que nã temia a vinda dos
mourôs: & ido deixou a goarda da por-
ta da cidade a Nuno vaz de castelo brã-
co, & acôpanhauão Dinis fernãdez,
Ioão teixeira, Bastião roiz da moeda,
Antonio fernandez homem preto, Dio-
go goterrez, & outros q̃ por todos erã-
dez. Enisto hiã calafates, & marinhei-
ros dos nossos q̃ trabalhauã na ribey-
ra cõprar de comer à praça, q̃ se faz
diante da q̃la porta da cidade. E os nos-
sos que estauão sobrela virão sayr cer-
tos turcos & canaris, & matarão hũ ca-
lafate, & derribarão hũ clerigo muyto
ferido. E entã acabarão de conhecer q̃
a gente da terra era leuantada cõtra os
nossos, & foy logo dito ao governador:
& ele mãdou a Nuno vaz q̃ sayse cõ
obra de noue homẽs, & fosse dar nos
immigos, & se recolhesse logo, por q̃ nã
cuydassem q̃ lhes auia medo. E eles vẽ-
doho sayr recolherãse às boticas dos
mercadores de panos dalgodã q̃ ali ti-
nhã, & tẽ hũa grande rua q̃ se chama
dos bachares, porq̃ assi lhe chamão na
lingoa da terra: & os q̃ se acolherão às
buticas fecharão as portas, & por isso
Nuno vaz nã achou mais q̃ o calafate

que jazia morto, & ho clerigo que esta-
ua ferido. E vendo ele que lhe nã sayã
nenhũs dos immigos passou auante pe-
ra ver se achaua algũs: & despois de ir
boõ espaço por a q̃la rua virou per hũa
traueſſa, & foy ter a outra rua que hia
pera a cidade, & indo por ela foy ter jũ-
to de hũas casas grãdes de pedra & cal
que tinhão hũa grande cerca, em que
parecia aruoredo, como q̃ era pomar:
& por cima desta cerca parecião muy-
tas pontas de zagunchos muyto luzẽ-
tes. E em hũ alpedere q̃ se fazia á por-
ta desta cerca apparecerão algũs turcos,
& arabios com zagunchos & cofos. Nu-
no vaz que vio que erão muytos diffi-
mulou que nã hia pera lã, por nã hirẽ
coele mais que noue dos nossos, a que
disse que se tornassem: & tornando-se
que queria abocar a hũa traueſſa q̃ a-
traueſſaua da rua, porque hia pera as
casas onde vio os immigos, apparecerão
Dinis fernandez de melo, Bastião roiz,
Antonio fernandez, & Ioão teixeira,
& outros que despois ho governador
mandou apos ele, que lhe bradarã, di-
zendo, Acolheiuos q̃ vos tomã a rua:
& isto pelos immigos que sayão da ca-
sa que erão muytos, & forão riço cõtra
ele. E chegando ele á boca da traueſſa,
chegauã eles tambem, que nã teue ele
mais tempo que pera abaixar a lança,
& dizer Sãctiãgo, ferindo neles, & em
ele dando per hũa parte deu Dinis fer-
nandez cõ os outros pela outra, & aper-
tauão com os immigos muy brauamẽ-
te, porem eles tinhão tanto efforço, &
erão rão destros no pelejar que tomauã
nos cofos os botes dalgũs da cõpanhia
de Nuno vaz, & lançauãnos de si, & to-
marão as lanças a dous, & derão coeles
no chão: & ho mesmo quifera hũ dos
immigos fazer a Nuno vaz, querendo

lhe acolher a lança debaixo do braço e lhe tirando hũa lançada, como defeyto colheho: & em a tẽdo allí tirou Nuno vaz por ela tão riço que deu cõ ho mouro aos pès, & foy logo sobrele & matou ho com a espada tendo a lança com a mão. E Dinis fernãdez por lhe acodir se chegou tanto aos inimigos que veio a braços com hũ deles, a que os outros acodirão, & ouueranno de matar se não fora por Bastião rodriguez & Nuno vaz que lhe acodirão ferindo muyto riço nos inimigos: & coisto foy a peleja tão trauada de espingardadas & lançadas de parte dos nossos, & de zagũchas & pedradas da parte dos inimigos que era cousa espantosa, & ajuntouse muyta gente da sua parte, porq̃ os mercadores gentios quando virão andar a cousa tão baralhada sayão das boticas com arcos que tinham escondidos, & ajudauão os turcos, que contudo não poderão soffrer as espingardadas dos nossos que os ferirão mortalmente, & derribarão cinco mortos, & os outros começarão de se retirar pela rua dentro como que querião acolher là os nossos: & allí era porque tinham muyta gente a que os nossos não poderã escapar se là forão. O que receando Nuno vaz, & tambem por ver quantos os inimigos erão, & quão poucos os nossos os não quis seguir, & tornou se pera a porta da cidade indo ferido em hũa perna, que lha passarão cõ hũa frecha per baixo dhũ giolho, & leuou a adarga empena da doutras muytas, & foy ferido muyto Bastião rodriguez quando socorreo a Dinis fernandez, & tambem Diogo goterrez foy ferido em hũ pé de que ficou aleijado. E por Nuno vaz ir allí ferido, & os outros mandou ho governadora Gaspar de payua que goardasse a

porta com outros: & nisto chegarão algũs da capitania de Iorge da cunha cõ muytos piães da terra a pos eles pera os matar, & allí mouros com bõbas de fogo que lhe vinhão lançãdo. E vindo allí acodirão da cidade algũs dos nossos espingardeiros, que os liurarão dos inimigos, & os recolherão. E eles contarão ao governador como Iorge da cunha vinha desbaratado: & a pos estes vierão outros, ora dous ora quatro segũdo se ajuntauão, & sempre os seguiã os inimigos como aos primeyros, & por hirẽ allí espalhados forão mortos tres de caualo & algũs piães: o que não fora se os Iorge da cunha leuara em hũ corpo, & desta maneyra entrarão os inimigos a ilha passados algũs dias de Mayo q̃ era ja inuerno. E sabendo ho governador como erão êtrados por Benastarim, pareceolhe que era escusado ir là Francisco de saa com tão pouca gente como leuaua, & por isso lhe mãdou recado que se tornasse, & quem ho leuou ho achou quasi enuolto com os inimigos, porque indo ele pera Benastarim em chegando às duas aruores vio os de traues per outro caminho q̃ hia pera Benastarim, & logo endereyrou pareles. E cusolarim que os vio ir mandou despregar hũa bandeira q̃ lhe leuauão enrolada, pera que os nossos foubessem q̃ auia ali capitão. E cõtudo Francisco de saa não deixou de chegar aos inimigos: & começando os nossos de se emburilhar coeles, deuse ho recado do governador a Francisco de saa que logo recolheo os seus & se foy pera a cidade: & os inimigos ho seguirão de maneyra que a ele lhe foy forçado de voltar a eles muytas vezes cõ os seus, & allí foy ate a cidade, & nestas voltas ouue algũs feridos dambas as partes. E quãdo ho go

de saa chegou, andaua ho governador na ribeira pera mädar ho camelo a dõ Antonio de quem lhe foy recado do q̃ tinha feyto, & como tudo era lã entrado: & por isso perdeo a esperança de poder foster a ilha, & ajuntou a gente que tinha, & sayo coela diante da porta da cidade, pera recolher os nossos que se acolhessem dos passos, & os defender dos inimigos se fossem a pos eles. E estes erã os moradores da cidade, que por serem muytos fazião mais mal que os proprios turcos que ainda erã poucos, & se os da cidade se não leuãtarão pouco aproueitara aos turcos por mais que forão entrãr a ilha pera a tomar, que nunca ho poderão fazer sem ajuda da gente da terra, que tambem se leuãtou vendo leuantados os moradores da cidade, se não Menayque & Timoja cõ todos os de suas capitãias. E estando alli ho governador recolhendo os nossos q̃ hião dos passos sendo aida hũ bõ pedaço do dia por passar, decerão dous dos de lorge da cunha p hũ oyteiro abaixo, õde agora esta nossa senhora do môte pera hũa porta da cidade que se chama do mandouim, & hũ se chamaua dõ Anrique deça que hia diante, & outro Antonio vogado q̃ hia detras, & nas costas lhes hião muytos inimigos. E decendo pelo oyteiro matarão Antonio vogado, que se defendeo primeyro muyto bẽ, & matou hũ mouro: & ficando ele deixãdoho em poder dalgũs que ho acabassem de matar, apertarão tanto os outros com dom Anrique que lhe deceparão ho caualo, & como era perto dhũ esteiro que se faz daqla bãda do mãdouim deitou se do caualo em lho decepando, & com muyto efforço defendẽdose dos inimigos se arremessou na vasa do esteiro, & ali se saluou,

porque logo lhe acodirão da cidade. Ali esteue ho governador ate bem tarde recolhendo os nossos, & goardando as naos & fustas dos turcos q̃ estauão em terra no varadoyro: & sabẽdo q̃ todos os dos passos erã recolhidos se recolheo a cidade, & mandou recado a dom Antonio que se recolhesse cõ os outros capitães que estauão no rio de Benastarim: o que alli foy feyto.

Capit. xx. De como Pulatecão entrou na ilha de Goa com ho resto da sua gente, & pos cerco a cidade: & do q̃ ho governador fez despois disso.



Abido por Pulatecão como os moradores da cidade, & alli todos os da ilha erã leuãta dos cõtra os nossos por sua parte, & os seus recebidos pacificamente, passouse a ilha cõ todo ho resto da gente que lhe ficaua que serião bem dez mil homens todos mouros & turcos gẽte branca, & efforçada que sabia muy bem pelejar. E como foy na ilha mandou assentar seu arayal õde chamã as duas aruores obra de mea legoa da cidade caminho dõ Benastarim: & em quanto se as tendas assentauão foy sua gente dar vista a cidade, que polo pouco tempo que auia que estaua em poder dos nossos, ainda ho governador ho não teuera de lhemandar leuãtar os muros, & estauã baixos, & fracos como os mouros os tinhão, & algũa parte que se refizera a nossa maneyra estaua ainda por exugar, de modo que a cidade estaua bẽ fraca. E por que os inimigos ho sabiã confiados em sua multidão, & efforçados com apouquidade dos nossos se chegarã aos mu-

ros ho mais que poderão, tirando com muytas frechas: & assi trazião espingardões com que tirauão muytos farpões, & outros tiros de besta, & esteuerão a moor parte do dia neste jogo sem os nossos receberem dele nenhum dano antes fizerão muyto aos mouros ate que lhes foy necessario retirar-se pera seu arrayal. E vendose ho governador cercado, porque os inimigos se não aproveitasssem das naos, & nauios de remo que estauão varados dantes que lhe fosse entregue a cidade mandou que lhe possessem fogo: & ou por lhe não ser bem posto, ou ou por os inimigos acodirem logo a isso, fez-lhe ho fogo muyto pouco nojo, & eles ficarão senhores da frota que estaua varada. E porque se ho governador receou que coela lhe queymassem a sua que estaua no mar, a mādou muyto bem goardar por grã parte da sua gente, & com a outra se recolheu à cidade com determinação de se soste-ner nela ate a sayda do inuerno, parecendo-lhe que pola guerra que cuydaua que ho Hidalcão ainda tinha cō el rey de Narzinga não poderia mandar sobrele mais gente que aquela, & na entrada do verão chegaria a armada de Portugal, & com a gēte que viesse pelejaria com os mouros, & os deitaria fora da ilha. E isto praticou com dō Antonio seu sobrinho, & com dom Ieronimo de lima: a que parecendo assi bem ho governador: juntos todos os capitães, fidalgos & pessoas principaes de sua armada lhes disse. Ainda que senhores a eñrada dos turcos à primeyra face nos ameece com muyto grandes trabalhos & perigos immensos, bē creio eu que ho voosso efforço he tanto mayor do que eles podem ser por muyto grandes que se jáo, que vos fará ver

aquilo que não verão outros, em que ho medo teuer mais entrada q̃ em vos, porque estes taes affombrados dele não vem mais que a fadiga dos trabalhos, que por derradeiro acaba coeles. E os taes como vos ainda que vem a fadiga que digo não deixão de ver quantos bēs se seguē dela, assi como merecimēto diāte de nosso seño-rem em pelejar por exalçamento de sua sanctafé diante del rey meu seño-rem, pois coestes trabalhos lhe acrecentaes seu estado, & diante dos homēs por amor do bem comū: rezão tendes logo de vos arriscardes por hū mal que acaba tão asinha a ganhar tantos bēs que durão pera sempre, & polo que de vos conheço como companheiro de tantos ānos. Bem sey que ho trabalho q̃ se nos aparelha vos não impedirá que ganheis os bēs q̃ digo, & mais sendo eles ho fim pera que viesstes: deueis de esperar em nosso seño-rem que nos ha de ajudar a alcançalo, especialmente nesta guerra, pera que vejáo os mouros as grādes marauilhas que fez com os nossos despois que conquistão a Índia, & que assi como os ajudou em tantas guerras, como vencerão pelejando com tantos inimigos que cobrião ho mar & a terra, assi nos ajudará, pera que defendamos esta cidade, que he a principal cousa da Índia, assi em fortaleza como em riqueza, & em que os mouros tem mais sua esperança: & por isso cōstituyão nela como vistes contra nos a cabeça da guerra. E se a sostemos a este impeto presente, crede-me que não teremos mais necessidade de pelejar na Índia, & q̃ todos os reys dela hão de ter nossa amizade em muyta estima, & auer-se por muyto ditosos de ter paz cōnosco, & cōfirmarão por verdadeira a opinião que tem de nos

de sermos mais valentes que os rumes, & se a perdemos ficamos de todo em descredito, porque os inimigos não nos hão de desculpar que tínhamos fracos muros, nem poucos mantimentos: antes hão de multiplicar todo ho de nossa parte pera engrandecerem mais sua vitoria. E crede que com ho esforço de la, & saberem que nos podem vencer hão logo de fazer todos liga cõtra nos, & nos hão de perseguir ate nos tomar (o que Deos não queyra) aquilo que afentaráo nossos antepassados, sendo muyto menos que nos, & por ventura não também apercebidos. Lembremos senhores que temos as costas toda a hõra da Christandade destas partes, & a do estado del rey nosso senhor: & posto que percamos a vida sobre foster estas duas cousas que alcançamos gloria pera sempre: & se se elas perderem com ficarmos viuos, que nã temos desculpa que nos salue de muyto grande pena, & que ficamos com vida peor que morte: doãuos mais as feridas da hõra que as da carne, porque as da carne tem remedio, & as da honra não tem nenhum: que ainda que se re staurem com se saber a verdade nunca se acaba de saber tão vniuersalmente que fique a mentira notoria a todos. Por isso oulhay o que vos cumpre, que eu nã sey que mais diga, se não que a defenſa da cidade não pode mais durar com trabalho que ate a vinda da armada de Portugal que sera daqui a tres meses, & cõ ho bizcoyto & arroz que temos, & com ho gado que ha nas ilhas de Diuar & Chorão nossas vezinhas nos manteremos, em que pes aos moradores desta, que sem causa se levantarão contra nos: & que me digais que vi ra ho Hidalção com grande poder de

gente, & que nos não poderemos depois sayr da cidade, eu sey certo que nã pode vir por amor da guerra que tem com el rey de Bisnagar, a quem por essa causa mãey embaixador, & a estes inimigos que nos tem cercados bem me atreuo conueſco a defenderlhes a cidade ate ho fim do mundo. E pois senhores estais todos nesta reputação, não somente comigo, mas com el rey meu senhor, & com todos os da India: peçouos polo que deueis a este credito que ho não percais: & porque conferuandohõ com vos defender neste cerco ficais em paz, & ganhais tantas cousas como disse. A esta pratica do gouernador ajudarão também dom Antonio, dom Ieronimo, & outros dous ou tres capitães, dizendo que era muyto bem esperar ho cerco, & trabalharẽ por se foster ate a vinda das naos de Portugal, & todos os os outros se forão com seu parecer, ainda que algũs ho fizerão mais com vergonha que com vontade, como direy a diante. E affentado que defendessem a cidade, fortaleceoha ho gouernador ho melhor que pode, & fez seys estãcias em cinco partes do muro que estauão mais fracas, & destas era muyto mais fracas que todas onde se agora chama ho postigo do maldouim, onde estaua quebrado hũ lanço do muro, & esta deu a dom Antonio de noronha, & outra a porta q' se agora chama de sancta Caterina deu a Ayres da silua, as outras deu a Simão dandra de, lorge fogaga, dom Ieronimo de lima, & a Diogo fernandez de beja: & assi ordenou quartos que vigiassem de noyte, & de dia, & ele quis ser ho sobre rolda por a cousa estar mais a recado. E porque tinha necessidade de gente mãdou logo recado per hũa cotia a lorge

da silueira & a Ieronimo teixeira que
erão darmada a Batalha, que na ora se
fossem a Goa pera inuernarem coele
fazendolhe a saber da maneyra que
estaua. E com quanto lhe ho recado
foy dado, eles não quizerão fazer o que
lhe ho governador mandaua, dando
porexcusa o que tenho dito a tras.

Capitolo. xxj. De como Pulatecão com
bateo a cidade, & da resistencia que
achou nos nossos.



Osto que Pulatecão
tinha por certo que a
mayor dificuldade de
tomar os nossos, auia
de ser no êtrar da ilha,
porque tanto que en-
trasse logo os tomariam: não ho teue assí
despois que os seus forão dar vista à
cidade na dura resistencia que achar-
rão: & por isso mandou que ninguê
cometesse mais os nossos sem ele ir
em pessoa, parecendolhe que sem ele
se não poderia tomar a cidade. E as-
sentado seu arrayal hum dia pola ma-
nhã fez seys esquadrões cada hum
de quinhentos homens, & mandou que
dessem combate aas estancias que os
nossos tinhamo feytas: & ele com outra
muyta gente hia nas costas destes es-
quadrões pera os refrescar quando
fosse necessário. Os inimigos como
hião muytos, & com ho esforço que
lhe daua Pulatecão chegaran se quasi
ao muro, tirando muytas frechadas, &
farpões & quadrelos, & outros tiros
que tirauão com espingardões: os nos-
sos os receberão com muytas seta-
das, espingardadas, & pedradas, &

tão brauamente lhe resistirão que os
fizerão quebrar do impeto com que
vinhão. Ho governador neste tempo
corria com muyta presteza todas as
estancias efforcando os nossos, dizen-
dolhes que se daquela vez sosteues-
sem a furia dos inimigos, que dali por
diante os acharião mais brandos. E
eles recebião muy bem estas palauras,
& como digo as punhão em effeyto,
em tanto que era muyto pera espan-
tar como sendo tão poucos, & estan-
do com tão fraco emparo como era
ho muro da cidade se podião defen-
der a tamanho numero de gente, que
samente ho retenir dos alaridos que
dauão era pera fazer medo, quãto ma-
is tanto genero darmas com que os
combatião. E estando assí ho com-
bate em peso, çufolarim que combatia
a estancia de dom Antonio apertou
tanto com os de sua capitania que os
fez chegar ao quebrado do muro pe-
ra sobirem a escala vista: o que não po-
dendo soffrer dom Antonio, mandou
abrir hum postigo que alí estaa, &
com algũs sayo a pelejar com os im-
migos, & ele & os que ho acompanha-
uão ho fizeram tam bem que por muy-
tos que os inimigos erão os fizeram
retirar com grande dano. O que vi-
sto por Pulatecão mandou cessar ho
combate com muytas palauras injurio-
sas que disse aos seus porque não en-
trarão a cidade. E despois de ho com-
bate durar bem quatro horas se reco-
lheu pera seu arrayal, com muytos fe-
ridos & algũs mortos, & dos nossos
não morreo nenhum, pelo que ho go-
uernador louuou muyto a nosso seño-
r, & dando muyto louuor a todos os se-
us de quão bem ho fizeram mandou

curar algũs que forão feridos : & todos aquella noyte fizeram grande festa por lhes nosso senhor fazer tamanha merce, que allí se defenderão dos inimigos. O que Pulatecão sentio muyto, & parecendolhe que tinha necessidade de mais do que ele cuydaua pera tomar a cidade, mandou fazer hũa estancia darterharia no varadoyro das naos junto da porta que agora se chama de sancta Caterina, & mandou assentar hi hum camelo que foy tomado em Benastarim, & allí algũs falcões & berços que se tomarão quando a ilha foy entrada. E esta estancia foy feyta de noyte, & quando amanheceo appareceo muyto medonha, & temerosa com os tiros que tinha, & com ser goardada de muytos turcos & rumes que fazião outro arrayal, & tinham todas suas tendas embandeiradas & fazião grandes algazaras por quebrarem os corações aos nossos, & logo mandarão desparar a artilharia no nosso muro, principalmente na estancia de Ayres da silua que como disse estaua sobre aquella porta: a que ho governador logo acodio & achou ja os nossos às bombardadas com os inimigos, que tambem lhe tirauão com algũs berços que tinham. E durado ho combate por esta parte chegou Pulatecão com ho corpo de sua gente, & mandou combater pelas outras, mas tão pouco fizeram os seus como no dia passado, posto que apertarão muyto com a estancia de dom Antonio por onde lhes parecia que poderia entrar a cidade: ao que ele com os que ho acompanhauão resistia muyto valentemente, & allí se tornarão os inimigos sem fazerem mais que dantes, de

que Pulatecão estaua muyto agastado, & parecendolhe que por serem os seus poucos não entrarão a cidade, mandou recado ao Hídalcão, que já sabia que vinha por caminho pera entrar na ilha que lhe mandasse mais gente, & que apressasse sua vinda dizendo-lhe ho aperto em que os nossos estauão, & quão bem se defendião. E entre tanto que este recado foy, ele não deixaua de mandar correr a cidade, & os inimigos se chegauão tanto ao muro, que não ho podendo ho governador soffrer mandaua a Dom Antonio que sayisse a pelear coeles, o que ele fazia com muyto efforço, que sempre leuaua ho melhor dos inimigos, posto que não auia dia que não pelejassem: porque nenhum se passaua que Pulatecão não mandasse combater os nossos, & não abastaua de dia, mas tambem de noyte, especialmente despois que sabido polo Hídalcão seu recado lhe mandou mais gente, que lhe vinha cada dia: & por isso como digo apertaua de cada vez mais os nossos pera ver se os podia tomar antes da vinda do Hídalcão, pera ganhar tamanha honra como aquella fora: & por isso não somente os combatia de dia mas todas as noytes lhes mandaua dar rebates per todas as estancias, principalmente pola de dom Antonio, & muytas vezes vinhão os inimigos tão caladamente & de supito que os não sentião os nossos, nem os vião com ho grande escuro que fazia ate não sobirem sobre ho quebrado do muro, donde dom Antonio com os seus os derribauão por força, & certo que soffreo aqui coeles muyto grande trabalho, porque

não auia nenhũa noyte que não pelessem, de maneyra que nem de dia nem de noyte nunca descansauão, & não era isto soo nesta estância, mas em todas, que nunca se viu gente sofrer tanto trabalho como estã. Pois ho gouernador não se pode contar quão immenso era o que tinha, porque trabalhaua com ho espírito em cuydar como se auia de defender a tamanho numero de inimigos, & abastados de tantos petrechos pera ho entrarem, & ele posto com tão pouca gente detras dhum muro tão fraco & tão baixo, & sem artelharía & com poucos mantimentos, & em inuerno que se não podia sair por não ser ho tempo pera nauegar. E sobre tudo sem nenhũa esperança de socorro, se não dali a tres meses & ainda. E pera descansar desta afrição que trazia no espírito não tinha nenhum tempo, porque todo affi de dia como de noyte gastaua em correr as estancias pera ver como as defendião, & efforçar os que estauão nelas, & de não poder andar andaua a caualo, & affi a caualo comia, porque os inimigos erão tão continos que não dauão vagar pera mais. E coestas oppressões, & outras, Iorge da cunha & Francisco de Sousa mancias que não estauão bem com ho gouernador, começaram de dizer que ele queria foster a cidade, o que não podia ser por nenhũa via por ho numero dos inimigos ser muyto grande em demasia, & eles muyto poucos & mal apercebidos pera se defender, que deuia da largar a cidade & irse antes que ho inuerno fosse mayor, porque despois não se poderia ir. E isto não o dizião ao gouernador, se não nas estancias

on t: estauão, com que começarão da uoraçar algũa gente que dizia em publico que ho parecer daqueles capitães era muyto boõ. E ainda que ho gouernador foy auisado deste aluoroço, dissimulou que ho não sabia, nem quis falar nisso por não poer em disputa se era bem foster a cidade ou alargala, porque se viesse a isso poderia ser que aueria muytos a que parecesse bem ho parecer de Iorge da cunha & de Francisco de Sousa, & seria ho aluoroço mayor: & pera dissimuladamente a pagar ho que se leuantaua, rogo a dom Antonio & a dom Ieronimo de Lima & a outros dous capitães de quem se fiaua, que como de si estranhassem a Iorge da cunha & a Francisco de Sousa o que fazião, & que dissessem a gente que ho gouernador faria muyto mal de alargar a cidade, porque melhor seria auenturar se a defenderse nela, que auenturar se ao mar onde estaua certo perder se a armada: & eles ho fizeram alli, porem Iorge da cunha & Francisco de Sousa não se quizerão desdizer do que tinhão dito, & affirmarão que ho gouernador fazia mal de foster a cidade.

Capitulo.xxij. De hum auiso que deu Ião machado ao gouernador da determinação dos inimigos contra os nossos, & do mais q despois foy.



Omegandose este aluoroço entre os nossos, nhũa noyte foy dito ao gouernador que da banda do Mandouim fala ua hum homem em

C iiii

Portugues, dizendo que era João machado que lhe queria falar, que lho chamassem, porque releuaua falarlhe. O que sabido pelo gouernador, se pos sobre ho muro daquela parte: & sospeitando que seria algum auiso que lhe quereria dar do que os inimigos ordenauão contrelle não quis que ho ouvisse nenhum dos circunstantes, & por isso os mandou afastar dali. João machado lhe disse que Pulatecão determinaua de lhe queymar a frota com cotias cheas de lenha seca, de & de enxofre: porque queymada a frota, lhe não ficasse em que se podesse saluar, que bem tinha por certo que ho tomaria & a quantos estauão com ele como chegasse ho Hidalcão que tinha junta muyta gente de caualo & de pee pera vir sobrele: & que a gente que tinha era tão grossa que era escusado parecerlhe que lhe poderia resistir, & porque sabia que ho Hidalcão auia de vir muyto cedo lhe daua aquele auiso pera que se recolhesse a frota em quanto tinha tempo. Isto dito foyse João machado, com lhe ho gouernador agradecer muyto ho auiso que lhe daua, prometendolhe por isso muytas merces, & rogandolhe com grande instancia que ho auisasse de tudo o que os inimigos ordenassem contrelle. E ele lhe prometeo de ho fazer assi, dizendo que posto que andasse entre os mouros não deixaua de ser Christão, & desejar muyto de os nosos leuarem ho melhor dos mouros. Porém ho gouernador não acabaua de crer que isto era assi, & pareciahe que aquilo era ardil de Pulatecão pera lhe fazer medo, & que coele deixasse a cidade, do que ele estaua bem

fora, porque lhe parecia que era venho a vinda do Hidalcão por amor da guerra que tinha com el rey de Narsinga, & fazia conta que seja não teuera, que Gaspar chanoca que estaua por embaixador em Bisnagar lho escreuera, que não faltaria pera isso patamares, que por lhe darem dinheiro trouuessem as cartas. O que Gaspar chanoca não fez, porque como disse a ras ele não foy sabedor da paz que ho Hidalcão fez com el rey de Narsinga por ser muyto secreta. E com quanto ho gouernador fazia estas contas consigo, comunicou com dom Antonio, & com dom Ieronimo de Lima & Simão dandrade o que lhe differa João machado, & isto com juramento que ho não descobrissem a nenhuma pessoa porq não atacassem ho aluorogo que andaua entre os nossos, pera que despejassem a cidade: & assi lhe disse a rezão porque não cria que ho Hidalcão auia de vir sobre Goa: ao que eles disserão que se não fiasse nisso, porque como aquela cidade importasse tanto ao Hidalcão que bem poderia ser, que posto que perdesse alguma coisa em fazer paz com el rey de Narsinga, que a faria, & que Gaspar chanoca ho não poderia auisar disso por cousas que cada dia socedião sem homem cuydar nelas, & por isso que bem poderia vir ho Hidalcão sem ho ele saber, & que se viesse que auia de vir muyto poderoso, pelo que lhes auia de ser forçado de deixar a cidade, mas entre tanto que não vinha, ele a não alargasse & se defendessem ho melhor que podessem, posto que auia de ser com muyto trabalho, principalmête pola falta dos mões

timentos que tinham, porque alguns que poderiam auer das ilhas de Diuuar & Chorão, auião de ser tão poucos que auião de comer por regra, mas que tudo se soffreria por não se alargar a cidade aos inimigos. E assentados neste parecer, assentarão também que auendose a cidade dalargar que ho não dissesse ho governador se na mesma hora em que ho ouuesse de fazer, porque segundo os mais dos capitães erão de voto que se alargasse sentindo que ho governador imaginaua de a alargar em algũ tempo, apertarião coele que a alargasse logo, como de feyto apertarão despois que João machado falou coele, & posto que não souberão o que lhe disse, parece que reuelandolhe a carne o que era. Dali por diante Jorge da cunha, Francisco pereyra coutinho, & Francisco de saa, & assi outros fazião publicamente requerimentos ao governador que alargasse a cidade em quanto ho inuerno não era tamanho que não podesse sair da barra, por que despois não poderia, & mais que se não podião saluar na cidade por nenhũa maneyra. E não somete os capitães fazião estes requerimētos, mas também a gēte miuda induzida por eles, & bradauão ao governador, dizendo que os não matasse. E como ele tinha os principais capitães por sua parte, que erão dom Antonio, dō Ieronimo, Simão dandrade, Manuel de lacerda, Ayres da silua, Jorge da silua, Jorge fogaça & Diogo fernandez de beja, respondia a todos estes requerimentos, & a todos estes brados que ele sabia bem se se podia a cidade defender ou não, & que em quã

to a afronta não fosse mayor, que ele não auia dalargar a cidade, nem eles lho auião daconselhar se outra mayor causa da que tinham. E vendo ho governador como este desauer, & conhaimento de requerimentos hia tanto a uante que lhos fazião publicamente, porque os que lho fazião não dese parairem a goarda das estancias em que estauão, requireo a cada hum dos que lho fazia que lhe desse a menagem de goardarem as estancias em que estauão, & de as não desempararem se não por seu mandado, & isto com lho requerer da parte delrey seu senhor: que eles fizerão mais com vergonha que com vontade. E como ho governador isto entendia, quasi que não dormia de noyte por roldar as estancias, pera ter nelas os que as ajudauão a goardar aos que estauão nelas por capitães, porque de noyte lhe dauão os inimigos mayor trabalho com quererem entrar a cidade como ja disse: & pera ho governador saber a verdade se goardarião as menajēs que tinham dadas aqueles de que não confiaua, antes das horas que os inimigos costumauão de vir mandaua fazer repiques falsos, & estes taes os ouuindo fugião com medo, & deles saltauão do muro por ser baixo, & fazião cousas muyto vergonhosas pera Portugueses; o que ho governador dissimulaua, porque não fazia aquilo pera mais, se não pera saber o que tinha neles.

Cap. xxiii. De como Pulatecão cometeo côcerto de paz ao gouernador, & ele ho não quis, & de como chegou ho Hidalcão ao arrayal.



ENDO Pulatecão
quão bem se os nos-
sos defendião, & q̃
os não podia entrar
andaua agastado de
lhe succeder tão mal
aquela empresa, em
que ele cuydou de ganhar tanta hont-
ra como fora tomar a cidade, porque
esta era a conta que elle tinha feita quã-
do viera cercar Goa. E porque sabia q̃
que a vinda do Hidalcão não tardaria,
quis ver se podia ganhar por manha a
honrra que não podera ganhar por for-
ça, & auer a cidade por concerto: & pa-
recialhe que ho faria ho governador,
assi por ter pouca gente como por não
ter mantimentos cō que se podesse so-
ster. E pera esta negociação, escolheu a
Ioão machado, que foy ao governador
com recado, ficando em atiefens a Pu-
latecão Abiraldez ho galego de que fiz
menção a tras. E ho governador não
quis que lhe falasse Ioão machado na ci-
dade, porq̃ nã visse quão fraca estaua,
que com tudo não se podia acabar de
fiar dele, & faloulhe na galê de Simão
dandrade que estaua aa porta do Man-
douim, onde Ioão machado foy leua-
do em hũa almadia. E estando ambos
sōs sem outra pessoa algũa, porque se
não soubesse ho recado q̃ Ioão macha-
do trazia, disse ele ao governador que
dizia Pulatecão que se lhe quisesse alar-
gar a cidade q̃ ho deixaria ir em paz
com todos os nosos & leuar quanto ti-
nhão na cidade, com condição que lhe
pagasse a valia de corêta caualos, & de
certos alifantes que lhe morrerão quã-
do decera da serra de Gate. E este parti-
do lhe fazia porq̃ desejava de ter ami-
zade coele, por ser tão boõ caualeyro,

& por saber q̃ ho Hidalcão seu seño-
r folgaria também de a ter, assi como a ti-
nhão todos os outros reys & senhores
da India, que do mais bem sabia quão
pouca gente tinha pera se defender ao
grãde poder que auia de trazer ho Hi-
dalcão por quem esperaua cada dia, &
que despois que ele viesse & soubesse
quão fraco estaua, & quanta necessida-
de tinha de mâtímêtos como ele sabia,
que lhe não quereria a cidade com ne-
nhũ partido, se não tomalo. Ao que ho
governador respõdeo muyto dissimu-
lado, que quem dissera a Pulatecão que
ele tinha pouca gente & muyta necessi-
dade de mâtímêtos que ho enganara,
porque nas naos os tinha que lhe aba-
stassem hũ anno, & com a gente que ti-
nha não auia medo ao Hidalcão por
mais q̃ teuesse: porẽ que por ele ser na
India hũ seño- r tão principal, & ele ter
necessidade dauer de sua terra algũa
madeira pa corregimêto das armadas
q̃ el rey trazia na India, assentaria paz
coele com condições mais arrezoadas
do que erão pagar-lhe os seus caualos &
alifantes, em cuja morte ele não tinha
culpa, pois estando dallssego na cida-
de que se lhe entregara, ho vinhão buf-
car sem ele desafiar ninguem: & quãto
ao que lhe dizia de elle entregar Goa
lhe não parecia rezão ella por ser del
rey de Portugal seu senhor, de que ti-
nha poder pera ganhar cidades, mas
nao pera as alargar despois de ganha-
das, posto que perdesse sobristo a vida.
E que se todauia se ouuesse de falar
na paz, q̃ era necessario auer tregoas a-
te se acabar dallentar. Ioão machado
disse ao governador q̃ ele diria aquilo
a Pulatecão & ainda muyto mais pera
abonação de quão seguro ele estaua

na cidade: porem que soubesse certo que Pulatecão sabia muyto bem como estaua pelos moradores da cidade, assi mouros como gentios que de attentarem muyto bem como ele estaua, & de ho saberem mandarão eles conselhar ao Hídalcão, que mandasse sobre Goa ou fosse pera se tomar, & que sem duuida que não tardaria dez dias: & que não tendo Pulatecão tomada a cidade antes de sua chegada lhe auião de queymar a frota, como lhe ja tinha dito: & despois tomar a cidade, & matar quantos esta uão dentro. E pera lhe descobrir este segredo fizera ele por leuar ho recado de Pulatecão, & assi se offreceo muyto ao governador pera ho seruir em todo o que podesse. E porque esperaua de fazer muyto seruico, assi a nosso senhor como a ele se não hia pera a cidade, & se deixaua andar antre os mouros, onde auia muytos annos que andaua contra sua vontade, mas que sempre sua tenção fora de ser Christão, & ho era. E ho governador lhe agardeceo muyto ho offrecimêto que lhe fazia, dizendo que de cadauez que se ele quisesse tornar pera os nossos que ele lhe faria muyta merce em nome del rey senhor, & lha faria fazer, & que dissimulasse muyto bem, como ateli que era mouro, porque assi lhe poderia mais aproueitar. E despois que praticarão nisto hum pedaço tornou-se Ioão machado pera ho arrayal, & deu a resposta a Pulatecão: que quando a ouuio ficou muyto espantado do coração do governador estando como estaua. E porem concedeo as treguas por seys ou sete dias porque vísse se ho podia atraer ao que

ele queria, mas nunca pode. E neste tẽpo chegou ho Hídalcão ao arrayal sem os nossos ho saberem, mais que verem sinais disso na multiplicação dos mouros em muyto grande quantidade, assi de pee como de caualo, E sospeitando-se isto erão tantos os requerimentos sobre ho governador que despejasse a cidade & se recolhesse aa frota que se não sabia dar a conselho, mas como vísse que os inimigos não cometião a cidade como dantes, parecialhe que ainda ho Hídalcão não seria vindo. E nisto amanheceo hum dia hũa nao dos inimigos metida no fundo que não parecia mais dela que hum pedaço do masto, & estaua no canal defronte do varadouro das naos. E na noyte do dia em que ela assi appareceo entrou na cidade hū bramene de Tímoja que ho governador trazia por espia com outros no arrayal, & dissellhe como ho Hídalcão era vindo: & a causa de se aquella nao ali meter, era pera se tapar ho canal, porque tapado nã podesse sayr a nossa frota, que ho Hídalcão determinaua de mandar queymar com cotias cheas de lenha seca, & de breu & de enxofre, porque queymada a frota não terião os nossos em que se saluar, & então os tomaria: porque temia que querendo os tomar antes de ser a frota queymada se acolherião a ela, & fugirião. E sabido isto pelo governador communicou ho logo com dom Antonio, & com os outros quatro que ja disse. E assentou com seu conselho, que pois a cousa hia daquela maneyra, & estaua claro não poder defender a cidade, & a frota juntamente por não ter a gente que abastasse,

nem artelharia, que lhe tomarão os inimigos a mais quando entrarão a ilha: que ho melhor & mais seguro seria recolherse à frota, & defenderse nela antes que na cidade, porque os inimigos não tinham frota em que podessem pelejar coeles. E na cidade como era fraca dos muros & eles muyto poucos, & os inimigos muytos em demasia podianlhos derribar & entrarlos, & como não teuessem frota em que se acolher ficarião de todo perdidos: & ainda que por ser inuerno não podessem sayr da barra que passa rião o que ficaua do inuerno naquele rio de Pangim, & ali se defenderião melhor dos inimigos que na cidade.

Capitolo.xxiiii. De como ho governador despejou a cidade, & a causa porque



Quando este assento tão secretamente que ninguém ho não soube, logo na noyte seguinte mādou ho governador ao piloto moor que fosse em bateys ver se poderia a nossa frota sayr por antre a terra, & a nao que os inimigos tinham alagada no canal; & achou q si posto que muyto estreitamente. Com que ho governador ficou muyto desaliuado por estar com grande medo que lhe teuessem ho canal garrado. E logo mandou em barcar ho cobre da nossa feytoria, & outra fazenda: & assi essas poucas de peças d'artelharia que lhe ficarão, mas não que ninguém soubesse ho pera que se fazia, mais que dom Antonio, & os outros. Porem logo se sospeytou

ho pera que seria, com o que todos os que desejaão que se despejassem a cidade forão muyto ledos, & cessarã de seus requerimentos. E ho governador q ja sabia ho grande poder de gente que estaua sobrele, receando que se fosse sentido que se recolhia ho entrassem os inimigos, com que os nossos se verião em muyta afronta, mandou deitar por onde eles poderião entrar pães de cobre, & pastas, & fardos de pimenta, porque em quanto se occupassem em apanhar esta fazenda se recolhessem os nossos. E estando nisto foylhe dito per Ioão machado que ho Hídalção lhe queria mandar por ele hum recado que desse arrefens entre tanto que lhe ele fosse falar. E dado a Braldez em arrefens foy ho governador ouuir ho recado do Hídalção a galé de Simão dandrade como da outra vez: por que era tão rescutado que lhe parecia que ho Hídalção, mais mandaua Ioão machado pera espiar como estaua, & que fazia, que pera lhe mandar recado: & com quanto tinha visto nele algũs sinais, ou muytos pera se fiar dele. Todauia não podia acabar consigo que ho fizesse, por auer tanto tempo que conuersaua com os mouros, & parecialhe que os auisos que lhe daua seria com medo que ho não prendesse, & despois que se visse antre os inimigos lhe descobreria ho seu segredo: & por isso lhe não queria falar se não na galee, onde lhe ele disse da parte do Hídalção outro tal recado como lhe trouera de Pulatecão. E despois de lhe ter dito o que lhe mandaua, lhe disse que ho Hídalção lhe não mandaua aquele recado se não polo deter que não

fugisse em quanto se fazia prestes para lhe queymar a frota, & já que lhe não queymasse, nem ho podesse tomar, queria ficar em paz coele para lhe não tolher os caualos que lhe hião Dormuz, porque disto se receaua muyto: porem que a verdade era que ho Hidalcão desejava de lhe fazer todo ho dano que podesse. E nem por isto lhe ho governador quis descobrir como se queria acolher aa frota, antes dissimulou coele, dizendo que auia de ver se podia foster a cidade ate ho verão que fosse a armada de Portugal & que quanto aa paz ele tomaria sobriço conselho, & mandaria a reposta ao outro dia. E nesta pratica deteu ho governador a Ioão machado do meo dia ate quasi noyte, porque não dissesse ao Hidalcão que lhe vira embarcar algũa artelharía, que se não pode esconder que ele não visse. Partido Ioão machado, & recolhido Abalde, ho governador fez ainda recolher da feytoria a mais fazenda que pode: & despois concertou com dom Antonio, que pera seu recolhimento fer mais sem reboliço ele se embarcasse primeyro na galé de Simão dandrade, & dom Antonio ficasse na cidade, & mandaria matar quantos caualos auia nela, & despois recolheria a gente á porta da ribeyra, & se embarcaria coela em corpo porque não ouuesse algum desmancho. E isto andou ho governador dizendo aos capitães pelas estancias, pedindo a todos que se recolhessem com grande alhezeço, porque não fossem sentidos dos inimigos, que foubessem que andauão todos muyto alerta a escutalos: & que se sintissem que se recolhião que a-

uião logo de escalar a cidade, & entrarião coeles, & que lhes darião affaz de fadiga. E andando assi correndo as estancias oulhaua a cidade mostrando a magoa que tinha por a deixar tão cedo: & ouue algũs que lhe conselharã que mandasse pegar fogo aos paços do Hidalcão & ao almazem, em que auia muyta poluora, enxofre, & muytos tanques de azeite para que os inimigos se não lograssem daquilo. E hũ caualeyro chamado Ioão gonçaluez de castelo brãco lhe disse q ho não fizesse porque pareceria desesperação de não tomar Goa, que ele esperaua de a tomar muyto cedo, & que melhor acharia então tudo que destruylo ho fogo: & mais que se os inimigos vissem ho fogo que logo auião da diuinar o que era & escalarão a cidade, que melhor se recolheria a gente com outro final que com aquele. O que pareceo bem ao governador, & mandou que se não posesse ho fogo, & que se recolhessem os nossos redido ho quarto da modorra. E isto assentado embarcouse, & despejada a fazenda que se pode despejar da feytoria, & mortos os caualos que auia na cidade, redido as horas que estauão ordenadas que foy aas duas despois de mea noyte começarão os capitães das estancias de se recolher com sua gente, & dom Antonio que lhes auia de ir nas costas (posto que ho governador tinha mandado ho contrairo) mandou dar fogo ao almazem. E como os inimigos ho virão, & não ouirão ho sino da vigia, pareceolhes o que era, & entrarão logo algũs per hum cano que estaua da banda do mandouim, & outros pelo quebrado do muro. E vendo recolher

dom Antonio derão auiso aos de fora, de que entrarão mais, & pegarão com os que se recolhião às frechadas & lançadas; & dom Antonio, dom Ieronimo de Lima, Manuel de lacerda, & outros fidalgos que ficauão nas costas, pelejarão tambem que fosteuerão ho impeto dos inimigos ate que os que hião diã te se recolherão à porta da ribeyra. Porém os inimigos despois que conhecerão claramente que a cidade se despeja ua entrarão nela tantos, que se todos ou uerão de pelejar com os nossos, eles se não poderão embarcar; mas não peleja uão todos, porque muytos se ocupauão em apanhar ho cobre, & a pimêta que ho governador mandou deitar polas ruas, que aproueitou muyto. E cõ tudo como eles erão muytos, & carregauão muyto sobre os nossos, embarcaramse eles com trabalho immenso, principalmente dos capitães que forão por derradeiro. fustendo todo ho impeto dos inimigos, de que chouião pedradas, frechadas & lançadas, & foy a peleja muyto grãde; & quis nosso senhor que sem nenhũ dano dos nossos, se não de algũs feridos pouca cousa.

Capit. xxv. De como sabendo ho governador que não podia sayr da barra sem grande perigo, assentou diuernerar no rio de Pangim; & do que aconteceu a Fernão perez dandrade, & a dom João de lima.



Espois de se os nossos embarcarẽ que seria manhaã clara foy forçado ao governador deterse todo aqle dia diante da cidade pera

se afrota leuar, porque era necessario fazerse de vagar por estar toda bẽ amarrada; & se não fora a muyta necessidade que tinha de ancoras mandara dar piques a muytas amarras, segundo a quele dia os nossos forão perseguidos dos inimigos, porque em todo ele camanho foy nunca deixarão de tirar ou com artelharía, ou com espingardões, ou com frechas, com que algũs dos nossos forão feridos. E ao outro dia derradeiro de Mayo em q̃ fazia tres meses, & meyo que ho governador estaua em posse da cidade; & em que auia vinte dias que os inimigos entrarão a ilha começou a nossa frota de sayr com a decente dagoa pera Rabandar, porque antrela & a cidade queria ho governador surgir, pera hi se aparelhar porque não podia diante da cidade por amor dos tiros que lhe tirauão; & ho primeyro capitão que sayo foy Francisco de Sousa mancias, & a posele os outros. E em a frota emparelhando com ho varadoyro, õde os inimigos tinhão a estãcia com ho camelo, & outra artelharía pera combaterem a cidade, começarão de tirar coela aos nossos com que lhe fizerão muyto nojo, principalmente no rey pequeno, em que hũa bombardada leuou dous negros em pedaços de quatro que estauão dando à bomba, & na capitayna deu outra hũa palmo do lume dagoa, & paissou ho costado da nao cortando dentro hũ liame, & quis nosso senhor que hia ja ho pelouro tão morto, que caíndo em hũ barril de plouora que estaua deffundado, não fez nenhum nojo. E a nao frol da rosa, de que era capitão Bernaldim freyre, que estaua bem pegada com ho muro da cidade quando se leuou,

recebeo tãta oppressam de frechadas, & outros tiros que lhe tirauão com os espingardões, que conueo ao capitão mandar alargar hũa ancora, & deixala com ho cabre por se acolher, porque doutra maneyra mataranlhe toda a gente. E como foy em Rabandar com a frota, sabendo ho governador o que lhe a cõtecera, porque sabia que tinha muyta necessidade da âcora que lhe ficara, mandou a Nuno vaz de castelo brãco q fosse no batel da mesma nao a toma-la: & isto porque Bernaldi freyre era a inda mancebo, & pareceolhe que não teria animo pera ir leuâtara âcora por quanto se corria nillõ grande perigo. E posto que Nuno vaz estaua ferido acietou a ida. E estando leuando a ancora chouião as frechas sobre ho batel, & se não fora a padellada matarão quantos hião dentro, porem ferirãlhe muytos, & a hũ criado de Bernaldi freyre que hia com as costas na padellada da banda do muro foy ferido de hũ ferro quadrelo que tirauão os espingardões, & passando ho pades, & hũa espaldeira dhũ corsolete com que estaua armado ho trancou polas costas ate lhe passar ho peyto, & alli ho teue trancado ate que Nuno vaz se tornou, porque vêdo ele que por levar aquela âcora lhe auia de matar quãtos leuaua a quis antes deixar que perdelos, & mais porque lhe tinham feridos muytos dos marinheiros. Etendo leuantada hũa braça do cabre se tornou pera a frota, & deu conta ao governador do que lhe acontecera. E naquilo chegou ho piloto mór, que vinha de ver a barra, & disse ao governador que por nenhũ modo podia sayr dela sem muyto perigo de se perderẽ as naos por ser ja ho tempo muyto verde. E sabido isto por ele chamou acon-

selho, & nele mandou ao piloto moor que dissesse como achara a barra, & o que lhe parecia do perigo das naos, & ho mesmo mandou a todos os outros pilotos & mestres que ali estauão jutos, & ho piloto moor: & eles disserão que sem duuida estaua mais certo perderense as naos ao sayr da barra que saluarense. E sobristo lhe pediu ho governador seus pareceres, que dados forão diuersos, porque hũs auião por mayor perigo inuernar naquele rio, que o que se podia correr ao sayr da barra por amor da cõtínua guerra que lhe os inimigos auião de fazer de terra pola estreiteza do rio: & que lhes auião de fazer muyto dano com a artelharia que lhes ficaua, & que auião de morrer de fome, porque não tinham mantimentos, nem agoa, que melhor seria trabalharem por sayr da barra & verem se podião ao menos tomar a ilha Danjadia que era perto, & onde ja inuernarão naos nossas. E os deste parecer forão Francisco de Sousa mancias, Francisco de saa, Francisco pereyra coutinho, Iorge da cunha, Iorge fogaça & Ayres da silua. Os outros todos teuerão ho contrairo, dizendo que posto que ho perigo da guerra que se esperaua fosse grande que, que muyto mayor seria perderense quaesquer naos da frota, porque sem elas não lhes ficaua saluação, nem tinham em que se defender, nem com que fizessem guerra aos inimigos, porque lha não podião fazer se não por mar: & que se os mouros da India os acolhessem na terra sabendo que não tinham armada que se ajuntarião todos contrelles, & lhes porrião muyto cruel cerco, & que se não tinham mantimentos que não podia ser, que por intercessam de Timoja nã

ouueſſem algũs da terra firme: & das ilhas de Diuar & Chorão, & da melma de Goa em que farião saltos:quãto mais q̃a guerra duraria hũ mes & meo & no mais que era bem pouco pera se a uenturarem a tanto como era perder a frota que tínhão. E deſte parecer foy ho gouernador: e eſte ſe goardou muyto contra vôtade dos que tínhão ho cõtrairo, eſpecialmente de Iorge da cunha, que ele por ſi meſmo requereõ ao gouernador da parte del rey que ſe foſſe, & não inuernaffe ali porque eſcãdalizaua ho pouo. E tanto inſiſtio naquilo que lhe diſſe ho gouernador que ſe nã fizeſſe procurador de concelho, porq̃ ali auia diuerner. E aſſentado iſto aſſentou ſe que inuernaffe antre Rabãdar & Pangĩ por ſer ali ho rio mais largo, & as naos poderẽ hi melhor eſtar. E aſſi foy aſſentado, q̃ ſe mandaffe Fernão perez dandrade no nauio ſam loã, de que era capitão a Anjadiua a buscar mantimentos, & foſſe coele Timoja q̃ era ſenhor dela pera lhos fazer vèder, & logo partirão a bõs, E coeſte aſſento mandou ho gouernador leuar ancora pera ſurgir onde digo: & deſpois que ſurgio tirou a capitania da nao a Frãciſco de ſouſa mancias, porq̃ quando ſe le leuou de diãte da cidade Frãciſco de ſouſa foy demdar a barrade golpe ſẽ ſaber ſua determinação nẽ eſperar por ela. Pelo que ho gouernador mandou a pos ele, pera q̃ ho fizeſſem tornar por força ſe não quiſeſſe por ſua vontade: & pera exemplo que outro capitão nã fizeſſe ho ſemelhãte a ſeu capitã môr, lhe tirou a capitania da nao. E como ele eſperaua de ſer ali muyto cõbatido dos inimigos apercebeoſe darrombadas, & toldos em todos os nauios, & padefadas nos bateys: & pos os nauios mais

fortes onde ſe eſperaua mayor perigo, & os fracos onde ho poderia auer menos. E conhecendo ele ho deſcontentamento que auia em algũs por inuernar ali corria as naos, & eſforçaua a gente, dizendo que muyto pouco tempo auia de ſofrer aq̃le trabalho de ſe defender dos inimigos: porem não era eſte o que a gente receaua, q̃ pera a peleja do mar aſſaz auia dela, & artelharia, mas não auia mantimentos ſe não hũ pequeno payol de biſcoyto na nao frol da roſa, q̃ ho gouernador goardaua pa os doêtes que auia na frota, & aſſi hũ pouco darroz & hũ pouco daçucar: & Fernão perez que hia com Timoja por mantimentos a Anjadiua indo defronte do dente da barra, andaua ho mar tão groſſo q̃ lhe deu com ho nauio â coſta & perdeo ſe, mas ſaluou ſe a gente & a artelharia, & deſpois mādou ho gouernador por tudo, & não quis mais auenturar outro nauio vèdo como ſe aquele perdera: nẽ Timoja não ouſou de ſe ir. E por na frota auer grande neceſſidade dagoa por não ſer ainda ho rio doce q̃ chouiã pouco, mandou ho gouernador a dom loã de lima no batel dhũ nauio, de que era capitão que foſſe da banda de Bardes a buscar agoa, & que viſſe ſe auia agoada q̃ abaſtaſſe â frota. E eſtando dõ loã fazendo agoada por ſer a terra toda cuberta daruoredõ deu hũã grande cõpanhia dos inimigos ſobrele tão de ſupito que os não viu ſe não em ho cometendo: & com quanto ſe ele quiſera defender deles cõ os ſeus, carregarão eles tanto q̃ os fizerão recolher ao batel, & quaſi afogados, porque os apreſſauão muyto, & feriranlhe algũs de frechadas: & com tudo dom loã leuou agoa, porem pouca a reſpeyto da gente da frota.

Capit.xxvi. De como ho governador foy cercado de estácias d'artelharia de todas as partes do rio, & do muyto grãde trabalho que os nossos passauão, assi de fome como de guerra.



Abendo ho Hidalcão como ho governador estaua tão de vagar no rio de Páim, & vendo que queria ter hi ho inuerno, determinou de lhe fazer á guerra, & mandou logo fazer hũa estância d'artelharia na agoada de Bardès, onde dom Ioão tomara agoa, & deu ho cargo desta estância a cufogo gi com gente d'armas que ho acompanhasse: porem ho governador não quis que se tomasse ali mais agoa, & nã por medo que os nossos pelessem cõ os inimigos, mas porque a terra era cuberta d'arvoredo, & sem peleja lhe poderião os inimigos fazer muyto dano. E auêdo algũa necessidade da goa quis nosso senhor que começou de chouer, & fez se ho rio doce com a agoa do moute, & coisso não ouue na frota necessida de de se tomar agoa fora: & se isto não fora não auia saluacã nos nossos, por q̃ como esta estância foy feyta logo se fize ra outras de todas as partes. Por q̃ vêdo ho Hidalcão que não era necessaria na cidade a artelharia q̃ se tomara nos pagos mādouha levar a estas estácias. E ho camelo com outra artelharia sua & nossa foy posta na fortaleza de Páim pera defender que nã podessem os nossos passar pera a barra, & em hum oytiro que está sobre a fortaleza mādou apouentar Pulatecão com tres mil ho mēs todos mouros estrájeiros pa goar darem aquela fortaleza. E como estas estancias forão feytas começou a artelharia de tirar a nossa frota q̃ toda esta

ua em lugar que lhe podião fazer nojo & hum tiro foy dar na nao de Bernaldim freyre, & matoulhe hũ marinheiro, & quebrou hũa perna a hũ gormete: & dalí por diante tiraua esta artelharia tão amiude, que somete ho camelo deitaua cada dia cincoêta pelouros pouco mais ou menos com que os nossos tinham assaz fadiga, & recebião muyto dano, assi de mortos como de feridos, & não auia ninguem que ousasse de andar pelas pontes das naos, porque logo lhe tirauão com a artelharia, & hũ dia matarão hũ marinheiro na nao do governador que hia pola coxia da ponte. E como os inimigos sabião que aquela era a capitayna por amor da bandeira que tinha na gavia tirauão a ela uais q̃ a nenhũa outra, tanto que foy necessario ao governador alargar se dõde estaua, & hir se lançar pegado com ho rio q̃ vem dantre a ilha de Diuar & a terra firme. O que visto pelos inimigos fizeram ali outra estância, onde poserão hũ tiro, que tambem fazia muyto dano ao governador, porem não tão como ho camelo: os outros capitães tambem se mudauão por fugir do mal que lhes fazia a artelharia, o que era muyto grande trabalho por a gente estar doente & fraca da fome q̃ padecia, q̃ como disse por falta de mantimentos que auia era a regra muyto apertada, & esta era darroz lamente que não auia carne nẽ pescado mais que algũ que se tomava de noyte. E pera ho governador ver se se podia dar a isto algũ remedio, porque a gente não passasse com desesperacã falou se com Timoja & Menayque que estauão agasalhados na nao de Nuno vaz de castelo brãco. E dizêdo lhe eles que na ilha de Chorão & na de Diuar se poderia auer algum arroz & carnes,

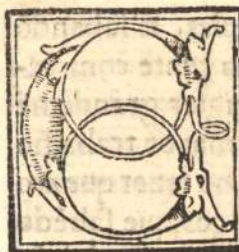
mandou là dom Antonio com outros tres capitães em seus bateys, & hũ deles foy João Nunez de lãõ: & partirão hũa antemanhã, & hia coeles Menay que com algũs piães seus. E chegados à ilha de Chorão sayrão em terra, & Menay que hia diante descobrindo: & como tudo estaua leuâtado não acharão os nossos mais que hũ pouco darroz, & cinco vacas, & isto tomarão pagãdo ho muyto bê a seus donos, & sem lhe fazerem nenhũ mal por os não escandalizarem. E coisto se tornou dom Antonio à frota, mas aquilo não foy nada pera quanta gente auia nela, & por isso tornou à ilha de Diuar, onde andauão algũas vacas, & tomou algũas pelejando, porque os immigos acodirão logo das estancias onde stauão: & vêdo que os nossos hião tomar as vacas as afastarão pera detras do oyteiro, em q̃ agora está a hermidã de nossa senhora de Diuar. E coisto ficarão os nossos sem esperança de auer mais carne, como defeyto não ouuerão: & a regra do arroz se hia estreytando de cada vez, pera que abastasse, & era a fome tamanha que se armãua aos ratos, & comiãnos. E os que tinhão arcas encoyradas de ferruannas & deitauão os coyros de molho & comiãnos pisados, & os q̃ isto tinhã estauão contentes, mas a gente baixa q̃ não tinha mais que a sua regra sem outra nenhũa ajuda bradauão com fome, & dizião ao gouernador que lhes desse de comer pois os queria ter ali: & ele se via tão agastado com mágoa de não poder dar o que lhe pedião, que era pera auer dó dele. E cõ tudo sempre mostrãua grande ânimo, & dizia que efforçassem que ele tinha que lhes dar muy largamente, que se lho mais cedo differão que mais cedo lho dera.

E determinou d̃ fazer boa boca à gête com ho bizcoute de frol da rosa, & mãdou fazer rol de todos os que auia na frota pera saber quantos erão, porque ho bizcoute era tão pouco que pera a-bastar era necessario dar-se por onças: & porque pera isto auia necessidade de grande tento, não ho quis fiar de Bernaldim freyre, que era mancebo, nem de seu despenheiro, & deu a chaue do payol que ele tinha a João gôçaluez de castelo brãco, que era escriuão da mesma nao frol da rosa, & mandoulhe que não desse ho bizcoute sem seu assinado: & isto lhe disse perante todos. E em secreto lhe mandou que sempre desse menos ametade ou a terça parte do q̃ fosse no mandado, segundo visse que era a soma que lhe mandasse dar, por que por ele efforçara gente, & lhe não dizer quão pouco bizcoute auia mãdaria sempre dar o que lhe pedissem: por em que ele fizesse o que lhe dizia em secreto, posto que lhe mandasse ho contrario em pubrico, & ainda q̃ por sua pessoa lhe dissesse que comprisse o que lhe mandaua, porque vendo a gente q̃ ele mandaua dar quanto bizcoute lhe pedissem cuydaria que ho auia em abundança & efforçaria, & se se aqueixasse sem dele que não queria fazer o q̃ lhe mandaua que lhe não desse disso, por que ele sabia a verdade do que lhe mãdaua, & q̃ melhor seria dar a gête culpa a ele de não fazer o q̃ lhe mãdaua, que saber a verdade de quão pouco bizcoute auia, & ir-se pera os immigos com desesperaçãõ, & João gôçaluez ho fez assi. E vendo as partes que ele não compria os mandados do gouernador tornauão logo a ele a fazer-lhe queixume: & ele mostrãua grande menecoria contra João gôçaluez de nã

fazer o que lhe mandaua pois auia bizcoute em abundancia. E como a sua nao estaua perto de frol da rosa, bradaua logo por loão gonçaluez, & dizia que desse ho bizco que mandaua dar, & q ho desse logo: porem ele fazia o que tinha por regimento. E as vezes se via ho gouernador tão enfadado coestes queixumes que punha a culpa a loão gonçaluez, & dizia que não sabia que lhe fizesse que era de sua cõdição: mas como agente se não satisfazia coisto, bradaua ao gouernador q ouuesse piedade deles, & que os não deixasse morrer, & às vezes ho apertauão tanto, principalmête despois q conhecerão quão pouco bizcoute auia, que ele dagastado, & sem saber o que fizesse tiraua polas barbas, & dizia. Tomay aqui que agora não tenho outro mantimento q vos dar, & consolaua os ho melhor que podia mostrâdo grãde magoa de lhes nã poder valer como desejava: e partia da sua regra com aqueles que lhe parecia que tinham mais necessidade, posto que todos a tinham aiaz. E os capitães que lhe querião mal vendo a necessidade de que a gente tinha incitauãna cõtrelle, q se ele não inuernara ali como lhe eles disserão que esteuerão fora daquelle trabalho, & porque ho eles adiuiñhauão, lhe conselharão que não inuernasse: que era hũ maniaco q os auia ali de matar de fome, & mais que auião de vir os inimigos em jangadas, & os auia de matar a todos. E coisto & cõ a fome que a gête passaua andauão todos muyto pasmados, & assombrados com medo, & tres dos nossos fugirão pera os inimigos, hũ galego, hũ asturiano & outro. Estes descobritão ao Hidalcã ho grande trabalho que hia antre os os nossos, & ho medo que tinham dos

inimigos hirem sobreles. E sabendo ho gouernador como a gente começaua de fugir mandou vigiar grandemête sobriisso, tanto que mayor trabalho tinham os capitães em ho fazer que em se defender dos inimigos, que sabêdo o que hia antre os nossos os apertauão muyto, com que a gente baixa de cada vez auia môr medo. E tambem isto chegaua a algũs dos honrados, & auia hitaes que de siso conselhauão ao gouernador ardis pera que os inimigos não tomassem as naos com jangadas. E ele vendo quão encarnado andaua neles ho medo não ousaua de lho tirar com rezões, porque via que lhe aproueitauão pouco, & que se lhe hirião pera os mouros com desesperação: mas dissimulando com prudência agardcialhes os conselhos que lhe dauão aprouandolhos por muyto bõs, & dizêdo que assi ho faria. E coesta manha os efforçaua, & sostinha em confiança de se poderem defender dos inimigos: & despois disto metiãsse em sua camara, & oulhaua pera ho ceo chamãdo muy deuotamente a nosso senhor, & pedindolhe por sua paixão que lhe valesse em tamanha agonia, & que tirasse ho medo aos que ho tinham por seus peccados, que a eles ho atribuya & não a outra causa. E na verdade não auia algũa pera ho auerem, porque a sua nao, & a de dom Antonio estauão tão bem artilhadas, que elas somête abastauão pera pelejar com vinte naos de rumes.

Capítulo.xxvij. De como ho gouernador deu na fortaleza de Pangim, & desbaratou Pulatecã, & ho fez fugir, & tomou a artelharía da fortaleza.



Stando ho governador cō todos os nossos nesta fadiga foy lhe dado hñescripto de Ioão machado, em que dizia que sabendo ho Hidalção pelos nossos q̃ fugirão ho aperto que tinham da fome, determinaua mandar cotias cheas de lenha seca acelas pera lhe queymar a frota, & que fazia prestes oytenta nauios de remo, pera que fossem nas costas daquelas balsas de fogo, & matassem os nossos que se deitassem ao mar despois que a nossa frota ardesse. Vista esta carta pelo governador, mostrouha a dō Antonio & aos outros capitães, & inuentarão que pera q̃ desuiassem as balsas da frota mādasssem poer nas proas dos bateys hñs garoupezes como os das naos, se não q̃ fossem mais pequenos, & q̃ teuessem hñs arpeos pera desuiar as balsas da frota. E isto se fez sem ninguem saber ho pera que, senão os que digo, porque se se soubera segundo a gente comum andaua aluoroçada com medo fugirão todos pera os inimigos. Mas este apercebimento dos garoupezes foy de valde, porque as balsas não vierão: & assi ho tornou Ioão machado a escreuer ao governador, dizendolhe que todauia esteuesse apercebido, porque os inimigos se apercebião pera hirem pelejar coele por mar, & que visse o que lhe cōpria porque erão muytos. Ho governador pelo medo que entendia q̃ os nossos tinham, & ho receo que tinha de lhe fugirem se souberem que os inimigos queriã pelejar. Teue este auiso de Ioão machado tão secreto que ho não disse se não a dō Antonio, & rogoulhe que pera mayor certeza do que auia de fa-

zer que ele fosse ver aquela armada q̃ se fazia, & ele foy & achou que era assi: pelo qual comunicarão ambos que seria boõ tomar se a artelharia de Pangã, porque na peleja que se esperaua auião de receber dela muyto dano, & por isso era necessario tomar se ou encrauar se, porque nã podesse tirar tão asinha. E praticado isto primeyro com dom Antonio propolo despois ho governador em cōselho com todos os capitães da frota, a que pareceo bem, & alientarão que se fizesse. Pera o que tambem foy assentado que abastarião trezêtos homẽs que ho governador escolheisse de hñ rol que se faria de todos os da frota. E porque Pulatecã não podesse acodir com sua gente à fortaleza ordenouse que ao mesmo tempo que se desse nela, que seria duas horas antemã, se desse tambem no arrayal de Pulatecã que estaua sobre hñ oyteiro hñ tiro de bēsta donde os nossos auião de desembarcar, porque vendose ele assi cometer perderia ho tēto dacodir à fortaleza. E ho dar no seu arrayal foy encomendado a dom Antonio, & a Simão dandrade, que com cem homẽs auião dir por este oyteiro que digo da parte do ponente, donde ficaua a cidade, & pela do norte auia de ir Simão martiz com algũs espingardeiros & bēsteiros a poer se em hñ passo estreito que ali estaua, porque se Pulatecã fosse socorrer a fortaleza (que era a que le ho caminho) lho impidisse. E da parte do sul, de que ficaua a barra esteuessem no mar Diogo fernandez de beja na sua galē, & Afonso peñõa na sua fusta bem pegados com terra defronte dhũ rellio que ali estaua pera que varejassem cō a artelharia, & impedisse aos do arrayal, que podiã por ali socor-

rer aos da fortaleza, de que ho cometimento foy encomendado a Manuel de lacerda, que com Bastião de miranda, & Nuno vaz de castelo branco cometerião ho muro hũ pouco afastado da torre da fortaleza, & pegado coela cometerião dõ Ieronimo de lima, & Ayres da silua, Iorge fogaça, Fernã perez, dom loão delima, & outros capitães. E em quanto estes pelejassem, Dinis fernandez q̃ auia dir em hũ parao cõ corêta marinheiros, teria cuydado de recolher aartelharia, pricipalmête ho camelo, & coele os mais dos tiros q̃ podesse: & pera ho fauorecer auia dir ho governador no seu esquife. Isto assĩ asentado foy logo posto em obra, & ho governador mandou embarcar os que estauão escolhidos pera este feyto sem outros nenhũs mais, posto que muytos quizerão ir, & se offrecerão pera issõ. E ho governador lho agardeceo muyto, & cõtentauaos cõ lhe dizer q̃ era mais seruico del rey ficarêlhe oulhando por suas naos q̃ hirê pelejar. Embarcados todos começarão de remar a boga surda, & partirão pera terra sem serê sentidos. E chegados a ela tangerão as trôbetas do governador, & os seus atabales, q̃ mandou levar no seu batel. E foy tudo tangido cõ tamanho aluoroço q̃ parecia q̃ era ali junto ho mũdo todo. E em começãdo de tocar estes instrumentos poyarão os nossos em terra cõ grãde ligeireza, & cada capitão foy cometero q̃ lhe estaua encomêdado. Dõ Antonio & Simão dandra de tomarão pelo oyteiro acima, q̃ ja disse caminho do arrayal dos inimigos. E chegãdo a eles cometerãnos cõ tamanho impeto, que cuydarão q̃ era todo o mũdo sobreles, & mais como acordauão toruados do sono, parecĩalhes q̃ era assĩ como digo:

& fora desĩ cõ medo começarão logo de fugir, por q̃ na verdade os nossos apertauão muyto, matando & ferindo neles sem nenhũa piedade. Pulatecão q̃ se vio assĩ cometer, & ouuido ho grãde arroydo q̃ fazião osatabales & trôbetas cuydou q̃ toda a força dos nossos hia sobrele: & por issõ determinãdo de se acolher à fortaleza, recolheo a mayor parte dos seus, & encaminhou para ella. E chegando ao passo onde estaua Simão martiz, achouse ébaraçado cõ as espigardadas, & sétadas q̃ os nossos começarão de desfechar, cõ que derribarão algũs dos inimigos. E como Pulatecão vinha descuydado de tal cousa, pareceolhe q̃ estaua cercado, & ho medo lhe fez crer q̃ não tinha outra saluação, se não fugir: o q̃ pode bẽ fazer por ir nas costas dos seus, q̃ fizerão como ele. E Simão martinz foy hũ pouco a posele, matando & ferido algũs, & nã quis ir mais auante por ter pouca gẽte, & os inimigos serẽ muytos. E tãbẽ por q̃ a diante era a terra larga, ôde se não podia tãbẽ ajudar como na estreita: mas posto q̃ eles escaparão de Simão martinz, tornarão a cayr nas mãos de dom Antonio, de Simão dandrade, & dos seus q̃ carregando muyto sobreles os fizerão fugir per outro cabo, por onde não estaua Simão martinz, & não acharão lã tão pouco ôde se acolher: por q̃ assĩ como os nossos poyarão q̃ cada hũ cometeo ôde estaua ordenado, remeterão logo ao muro Manuel de lacerda, Bastião de mirãda, & Nuno vaz cõ os q̃ leuauão em suas capitãias. E por ser ho muro baixo sobião polas lâças, Manuel de lacerda foy dos primeyros que subio. E sentindo os inimigos q̃ os entravão, cõ quanto ho desacordo do sono ê q̃ estauão lhe pos logo algũ espanto, &

não deixarão dacodir ao muro, & cometerão muy riço os nossos que estão sobrele, & com hum bote dazagũcho derão dele abaixo cõ Manuel de lacerda. E nisto sobirão Bastião de miranda, Nuno vaz de castelo branco, & os que hião coeles: & tambem Manuel de lacerda que tornou logo a sobir, & assi todos os outros capitães com sua gente. E começouse tudo dencher de grande estrondo que se fazia dos brados, assi dos nossos, como dos inimigos, & do tom dos golpes que dauão, com que os inimigos forão tão assombrados de medo que se derão por perdidos, & tomarão por remedio fugirem per hũa porta da banda do sul, onde ficaua a barra. E ali defronte estauão Diogo fernandez de beja & Afonso pessoa: & com quanto lhes ho governador defendeo que não saysssem em terra, era Diogo fernandez tão efforçado que vendo os inimigos não se pode sofrer que não fosse a terra na sua barqueta, & leuou consigo oytto homens, & foy cometer aqueles primeyros inimigos q̃ sayrão da fortaleza. E como ainda erão poucos auinhalle bem coeles, se não quando saem muytos de roldão, & achando ho com tão poucos remeterão a ele pera se vingar do mal que lhes era feyto, & tratauão mal, & feriranlhe tres homens, pelo que foy forçado a Afonso pessoa varar a fusta em terra & acodirlhe. E porem era ho socorro ainda tão pequeno pera quantos os inimigos erão q̃ tinhão a barba em teso, & pelejauão com muyto efforço. E nisto acabaranse de desbaratar os inimigos da fortaleza, & despejando ha de todo derão lugar aos nossos capitães que podessem sayr

apos eles, & Manuel de lacerda, & Nuno vaz seguirão apos algũs que tomarão pelo oyteiro acima caminho do arrayal, não lhe parecendo ainda que Pulatecão fosse de todo desbaratado. E dom Ieronimo de lima, dom João de lima, Jorge fogaça, Fernão perez & os outros capitães seguirão a pos os outros que fugirão pera onde Diogo fernandez de beja, & Afonso pessoa estauão pelejando, a quem os inimigos desapressarão do aperto em que os tinhão cõ a vinda dos nossos: & assi os que pelejauão como os que sayrão da fortaleza se desbaratarão de todo, & fugirão caminho da cidade, ficando deles mortos trezentos, & dos nossos nenhum, somente forão feridos algũs, antre os quaes forão Fernão perez dandrade & dom João de lima. E estes trabalharão muyto em ajudar a Dinis fernandez a recolher ho camelo, leuando ho quasi nos braços, & assi a outra artelharia. E desbaratados os inimigos que os nossos se ajuntarão todos, forão buscar a fortaleza se achauão nela algũs mantimentos, & recolhidos algũs poucos que acharão, & assi algũas armas tornou-se ho governador pera a frota muyto ledo por desfazer aq̃la força q̃ os inimigos ali tinhão, de q̃ recebião muyto grande dano.

Capit. xxviii. De como ho Hidalcão cometeo amizade ao governador, & ele a não quis, & a causa porque.



Vyto espantado ficou ho Hidalcão quãdo soube ho desbarato de Pulatecão, & a tomada da fortaleza de Pangim, &

que os nossos leuarão toda a artelha-
ria sendo tão poucos, & tão cansa-
dos da maa vida que tinham, como
ele muy bem sabia. E este desbarato
de Pulatecão lhe fez perder dali por
diante ho credito que tinha nele, &
ho não encarregar mais de cousa ne-
nhua: & porque se temeo que os nos-
sos com ho fauor daquela vitoria não
corressem ate a cidade, mandou fa-
zer hũa estancia em Rabandar dal-
gũa artelharia sua: & deu a goarda de
la a çufolarim, em que ja tinha gran-
de confiança por ele ser ho primey-
ro capitão que entrara na ilha, & deu
lhe a mesma gente que Pulatecão ti-
nha em Pangim, & ho mesmo po-
der. Mas dali por diante não podião
os inimigos fazer ho dano que faziã
dantes aos nossos: porque a artelha-
ria com que tirauão não tiraua tão fu-
riosa como a nossa que era de metal
& a sua era de ferro. E vêdo ho Hi-
dalcão como os nossos estauão desa-
liuados do trabalho dos combates, &
que por derradeiro lhe não podia fa-
zer nenhum mal. E que como ho tẽ-
po desse vao q̃ ho governador se po-
deria ir liuremente, & lhe ficaria por
inimigo, que lhe seria grande perda
por amor dos caualos Dormuz que
lhe hião a Goa, que lhe podia tolher
tomando as naos que não fossem a
Goa: & pola necessidade que ele ti-
nha deles seria necessário auelos dou-
tra parte, ondelhe auião de custar
muyto caros. E por esta causa pois
não podia danar ao governador, lhe
pareceo bem telo por amigo, & fazer
paz coele, o que ele cuydou que acei-
tasse por a necessidade em que esta-
ua de mantimentos. E deu ho cuyda

do de fazer esta paz a çufolarim que
mandou recado ao governador por
João machado, dizendo que ho Hi-
dalcão desejava de ser seu amigo, co-
mo ho erão todos os reys & senhores
da India. E pera fazer esta amizade
lhe pedia q̃ se vissem ambos, ou mã-
dasse algũ de seus capitães, pera que
falando se no mar a fizessem. E João
machado disse em segredo ao gover-
nador a causa porque ho Hidalcão
desejava aquela paz: & a fora essa auia
outra que lhe mais doya, que era di-
zerse que el rey de Narsinga lhe que-
ria tornar a fazer guerra, pera lhe to-
mar Ráchol, hũa sua cidade que lhe
ho Hidalcão tinha tomada, & se assi
fosse que se não poderia deter, & se
auia de partir, por isso q̃ fizesse a paz
a seu proueito: o que lhe ho governa-
dor agardeceo muyto, & respondeo a
çufolarim, que ele lhe respõderia por
hũ dos seus capitães. E este foy Fer-
nãõ perez q̃ se viu coele, levando hũa
instrução do governador pera a ma-
neyra de que auia dassetar a paz,
que era darlhe ho Hidalcão hũa das
tanadarias da terra firme a mais per-
to de Goa pera el rey de Portugal seu
señor: & q̃ esta não queria pera mais
que pera mandar cortar nela madei-
ra, & nã lhe ser necessario pedila de
cada vez que dela teuesse necessida-
de: & que não cuydasse ho Hidalcão
que ho fazia por amor da renda da
tanadaria, porque el rey seu senhor
era muyto rico, & não auia mester
mais renda. E quando nao quisesse
dar a tanadaria, que lhe deixasse fa-
zer hũa fortaleza no passo de Bena-
starim, & coisso ficaria satisfeyto: por
que tendo aquela fortaleza, como era

tão perto da terra firme aueria facilmente a madeira que lhe fosse necessária. Ouvidas por çufolarim estas duas condições com quanto ho governador as fazia muyto faciles não lhe parecerão se não muyto duras de conceder, porque bem vio que erão armar-se ho governador pera tomar Goa, & disse logo que ele não tinha poder do Hidalcão pera fazer amizade com taes condições como aquellas, que lhe parecia que abastaua pois ho governador estaua tão apertado não lhe fazer mais guerra, & dar-lhe mantimentos & deixalo ir, & que se deuia de contentar coisso, & não querer cousas impossíueis que ho Hidalcão não auia de fazer, & porque ho ele sabia lho daua logo por reposta. Fernão perez respondeo que ho governador não podia cousas impossíueis, porque pera hum senhor tamanho como ho Hidalcão, o que ho governador podia era muyto pouco, & posto que fora muyto que lho auia de conceder por ficar seu amigo, pois sabia que não ho sendo lhe podia fazer muyto nojo, impedindo que lhe não fossem nenhũas naos Dormuz a Goa com os caualos, de que ho Hidalcão tinha tanta necessidade como eles sabião, & que não cuydasse que estaua apertado, porque não ho estaua quẽ fazia guerra aos que ho tinhão cercado: & se ho dizia por algũs maos homens que fugirão da frota pareles, que lhe dirião que tinhão grande necessidade de mantimentos, que os não cresce porque isso dizião por desculpa da maldade que cometerão em deixar ho governador em tal tempo. E cõ todas estas rezões nã pode pare-

cer bê a çufolarim ho dar data nadaria nem ho fazer da fortaleza: porẽm ficou em aberto que falaria com ho Hidalcão, & que se ele fosse contente que se tornaria a ver, & se não que lhe mandaria a reposta por Ioão machado. Efoy que ho Hidalcão nã queria: & disse-lhe Ioão machado que lhe não desse disso, porque a guerra delrey de Narsinga era certa, & que ho Hidalcão auia dacodir por força. E mais que se ho governador quisesse que ho podia catiuar facilmente, não indo a isso mais que ate quinze caualeiros dos principais de sua frota: & que se podia fazer, porque ho Hidalcão ficaua cada noyte soo na fortaleza da cidade com suas molheres, & algũs capados que ho seruião & toda a gente d'armas se recolhia à cidade, & a casa em que ele dormia ficaua em hũa torre da banda do mar, & ali tinha certos cofres de dinheiro em ouro, que se tambem poderiam leuar coele, porque indo os que ele dizia sobirãõ por hũa escada à torre, & primeyro que a gente acodisse da cidade ho poderiam leuar com os cofres. E pera mais segurança que foubesse ele a noyte em que auia de ser, & que teria maneyra pera fechar de fora a porta da casa em que dormia ho Hidalcão. E parecendo isto bem à primeyra face ao governador fez sobrisso conselho, em que ho propoz: & ouue algũs que disserão que não era bem que se cometesse: por que como auia de estar ho Hidalcão a tão mau recado que alli se podesse tomar, & q̃ parece metira: & se ho fosse como estaua certo q̃ ho era perderião quinze homens, que pera ho

tempo seria muy grande perda. Outros disserão que se deuia de fazer, porque assi como Ioão machado po, dia mentir, assi podia falar verdade: & se ele qui era fazer treição diffiera q̃ fora o gouernador ao feyto, mas pois dizia q̃ fossem caualeyros, que falaua verdade: os quaes se se perdessem por tamanho ganho como aquele seria que não era nada. Ho gouernador com quanto lhe pareceo bem a primeyra poerse aquilo em obra, despois que ouuio no conselho o pareceres foy da parte dos que dizião que não era bem auenturarense a perder quinze homens dos principais, que pera ho tempo seria muyto grã de perda. E ho receo de os perder lhe fez desconfiar que não seria assi o que dizia Ioão machado, & por isso não quis que se atentasse a aquele feyto, de que despois Ioão machado deu muyta culpa ao gouernador, afirmandolhe que sem duuida se acabara se se cometera. E então conheceo ho gouernador que se enganara.

Capitolo. xxix. De como ho gouernador mandou enforcar hũ caualeyro chamado Ruy diaz, & de como se seguiu por isso prender certos capitães.



Este tempo foy descuberto ao gouernador, por algũas pessoas e segredo, que Ayres da silua & Francisco de sou

sa mãcias andauã damores cõ algũas moças mouras, que forão tomadas em Goa nas casas do cabayo, que ele tinha com outras na camara do leme da sua nao, pera mandar a Portugal aa rainha, & erão ainda mouras que foy causa de ele mais sentir o que Francisco de souza & Ayres da silua fazião, & mais em tempo que tanta necessidade tinhão de darem bõ exemplo de si, & não fazerem cousa de que todos auião de receber muyto grande escandalo, & porque tam graue crime não ficasse sem castigo, posto que disso lhe pesou muyto, os mandou prender ambos sobre suas menajens: sobre o que ouue grande murmuração em toda a gente da frota, & os que não querião bem ao gouernador ho culpauão de prender a queles capitães em tal tempo, & da qui se começaram muytos mexericos. E indo isto assi soube ho gouernador que hum Ruy diaz natural Da lanquer filho dhum Ioão paçanha escriuão da hí entrava de noyte na sua camara do leme pola parte de fora, & dormia com hũa moça moura de stas que digo, pelo que ho gouernador ho mandou prender pera ho castigar crimemente. E mandando proceder contrelle, ordinariamente julgou com seu ouuidor, que se chama ua Pero dalpoem, que Ruy diaz fosse enforcado, & mandou ao seu meirinho que ho fosse enforcar aa nao de Bernaldim freyre. E como isto foy sabido por Manuel de lacerda que tinha a Ruy diaz por parente, & ho agasalhoua por tal na sua nao, ficou disso muyto agastado, & mais porque sabendose que ele era seu parente

ho condenauão a hũa morte tão ciuel & por isso se foy logo aa galee de Simão dandrade que tinha amizade coele, & com Fernão perez dandra de seu hirmão. E pedtolhes que pois Ruy diaz era conhecido por seu parente, que pedissem ao gouernador que ho mandasse degolar, & não enforçar. E Fernão perez porque conhecia ho gouernador, & sabia que não auia de querer, quiserase escusar daquele negocio, dizendo que estava ferido em hum braço, onde ho ferirão natomada do camelo: mas não se pode escusar por lho rogarẽ muyto, não somente Manuel de lacerda, mas todos os outros capitães que se logo ajuntarão na galee como souberão ho caso, por serem amigos de Manuel de lacerda. E todos juntos com Lourenço de payua que era secretario do gouernador, consultarão que juntamẽte fossem pedir que Ruy diaz morresse degolado: & isto disse despois Lourenço de payua ao gouernador, mas outros disserão que ho conselho era que Ruy diaz não morresse, porque auia sospeita que ho gouernador ho mandaua enforçar de seu poder absoluto, porque não dera conta disto aos capitães. E logo despois desta consulta se embarcarão no batel de Manuel de lacerda, ele, Simão dandrade, Ayres da silua, Fernão perez & Iorge fogaça, pera hirem aa capitayna: & porque entre tanto que hião se não enforcasse Ruy diaz que jaa estava na nao de Bernaldim freyre de caminho perlongaão coela, & pediranlhe que deteuessse ho meirinho, que não executasse a justiça ate não hirem falar ao go

uernador. E Bernaldim freyre que estava agastado de se Ruy diaz enforçar na sua nao, disselhes que tam bem queria ir coeles ao gouernador a pedirlhe que mandasse fazer aquella justiça em outra nao, & que Francisco de saa que estava coele deteria ho meirinho, & assi lho rogarão eles. E ele despois de idos por ho meirinho querer enforçar Ruy diaz, lhe cortou ho barão, & não consentio que ho enforcasse, requerendolhe ho meirinho da parte del rey que lhe deixasse executar a justiça, como ho gouernador mandaua, fazendo sobrisso grandes protestações, & a grita da gente da nao era muy grande, & assi ho aluoroço. O que vendo ho gouernador parecendolhe o que era, pera ir acodir meteose no seu batel com quarenta homens armados, & querendo abalar chegarão os capitães que digo, & saltarão logo dentro no batel do gouernador Simão dandrade, Manuel de lacerda & Fernão perez, & começarão de lhe pedir a quilo a que vinhão, & segundo ho aar que ele mostraua criasse que lhes concederia o que pedião, se não quando entra Iorge fogaça muyto menecorio, & disse ao gouernador que como mandaua ele enforçar hum caualeyro sem dar conta aos capitães, & sem lhes mostrar suas culpas. E indo ho gouernador pera Iorge fogaça pera lhe responder escorregou em hũa toste do batel & cayo, & deu hũa canelada, de que ficou logo como homem indinado, & disse aos capitães que entrassem na nao, & que laa lhes responderia: & despois de serem entrados todos dentro, lhes

preguntou por quẽ estauão os seus nauios. E eles responderão rindo que por quem auião destar, se não por el rey de Portugal, cujos vassallos eles erão pera fazerem o que ele mandasse. Disse então ho governador que por a onção q̃cometerão, & desafesle go compria a seruiço delrey seu senhor que fossem presos pois vinhão juntos em alcatea. E por seus peccados era necessario que ele fosse ho carcereyro: & logo os mandou meter todos debaixo da cuberta de sua nao presos, & alli a Frãscisco de saa, por quem logo mandou, & a Iorge fogaça mandou deitar ferros por amor das palauras que lhe dissera. E isto feyto mandou enforçar Ruy diaz: & como ho governador prendeo estes capitães cõ paixão arrependeose dali a dous dias, porque como erão os principais da frota fazianlhe muyta mingoã, & por isso quísera reconciliar coeles, & come teo ho por dom Antonio, o que eles nunca quíserão, & responderão que pois ho governador os prendera que presos querião ir ate Cochim, & dali ate Portugal, nem quíserão mais sayr debaixo de cuberta. E vendo ho governador que insistião em estar presos, porque os seus nauios não podião estar sem capitães deu as capitãcias a outros fidalgos. A galee de Simão dandrade a Antonio dalmada, ho nauio de Manuel de lacerda a dom João de lima, ho Dayres da silua a Antonio de matos, & ho nauio de Iorge fogaça a outro.

Capitolo.xxx. De como sabendo ho governador que os inimigos auião de vir pelejar coele, mandou a dom Antonio que com outros capitães

fosse primeyro pelejar coeles: & de como se apercebeo pera isso.



Om a prisam destes capitães, que erão os principais da frota, se indinou muyto a gente cõtra ho governador & diziam muyto mal dele, principalmente esses capitães que lhe querião mal, & dizião à gente que agora virião quão mania co era, que em tal tempo prendia os capitães, de que tinha tanta necessidade: & que não tendo mantimētos não quísera amizade com ho Hídalção que lha offrecera, & não queria se não fazer sua vontade, que era mata los a todos: nem auia outro remedio, se não morrerem com fome, pois nã tinhão que comer hum mes que ainda estaua por passar do inuerno. E isto tudo sabia ho governador muy bem, mas dissimulaua por não prender tantos. E estando alli a cousa mandou-lhe João machado que se fizesse prestes, porque sem duuida tal dia hia cufolarim pelejar coele por mar, & que leuaua oytenta paraos cada hum com sua bôbarda na proa, & muytos mouros: & que auia dir em hũa galee que ho viso rey dom Francisco tomara aos rumes, que ao recolher dos nossos lhes ficara na ribeira, por não estar ainda acabada de concertar: & que tinha prometido ao Hídalção de desbaratar os nossos, & tomalos, & tinha cõuidados muytos pera que fossem ver como ho fazia. E mais q̃ auia de levar diante as cotias acefas pa queymar a nossa frota. O q̃ sabido polo governador aſsentou cõ conselho de todos os capitães q̃ fos-

sem pelejar com os inimigos antes que viessem, porque vindo se punhão em risco de receber deles muyto dano por amor dos nossos bateys que erão poucos, & não se podião repartir pera pelejar com os inimigos, & defender as naos se as quisessem queymar: o q̃ estaua certo fazerem, porque como os seus paraos erão muytos hũs podião pelejar, & outros dar fogo às naos não auendo bateys que as defendessem, por isso era melhor buscar os inimigos que esperar. E também indo os nossos em sua busca crendo eles que por cansados de fome, & de trabalhos nã estauão pera isso, lhes quebraria os corações, de mane yra que com ajuda de nosso senhor os desbaratarão, & ficarião liures de os mais não cometerẽ. E assentouse q̃ dom Antonio fosse fazer este feyto cõ os outros capitães, & ho governador com os doctes & feridos ficasse na frota. E coesta determinação hũ dia antes do que Ioão machado dizia em que os inimigos auião de vir (tendo ho governador posta sua frota em lugar que podesse socorrer a dom Antonio se fosse necessário) em começãdo a viração depois de comer, mandou Diogo fernandez de beja, & Antonio dalmada nas suas galès, & Afonso pessoa na sua fusta, & Ioão gonçaluez de castelo branco no parao de firol da rosa, que se fossem deitar a Rabãdar a ver se lhe sayã os inimigos: & isto pera ver quantos seriam, & ficauão os bateys prestes pera acodirem às galès se lhe saysem os inimigos. E não sayndo mãdou ho governador que as galès & fusta passassem auante ate ficarem da cidade a tiro de bombardã grossã, & Ioão gonçaluez chegasse defronte da cidade pera auer vista da armada dos inimigos, & que

mostrafazia a gente de ser pouca ou muyta: & mandoulhe q̃ como visse a frota voltasse logo pa as galès, a q̃ mãdou que fizessem hũ certo sinal a hũacotia de Timoja q̃ estaua a Rabandar pera lhe fazer ho mesmo sinal, pera coele mandar os bateys. As galès & fusta forão surgir ôde lhes mandarão, & cõcertarão sua apelação de guerra, & Ioão gonçaluez passou auante ao lógo da ribeira bem esperto do remo, que alli lhe compria, porque em chegando ao varadoyro muytos paraos que ali estauão bem apadeitados, & com as proas nagoa, & as popas ainda em terra lhe tirauão com sua artelharã, & por alli estarem não sayrão a ele. E com todos estes tiros não deixou de ir auante ate defronte do esteiro de Mandouĩ, onde estaua outra soma de paraos, & a galio, ta pera çufolarim, & a reuolta q̃ hia na ribeira acodio pelos muros muyta gẽte a velo. E visto tudo por ele sem receber nenhũ dano se foy ajuntar com as galès, & como chegou fizeramse os sinais q̃ estauão ordenados, & coeles partio logo dô Antonio, que foy no parao da capitayna, & forão coele Simão dandrade & Fernão perez dandrade, que com quanto estauão agrauados do governador, vêdo que a cousa importaua a seruiço de Deos & del rey não se quiserão lembrar da grauos & forão pelejar, & outro tanto fizeram os outros prestes, que todos forão com os capitães q̃ mais lhe aprouue: & serã por todos os que hião com dom Antonio bem trezentos homens. E chegado ele onde as galès estauão furtas com a fusta & parao, vio que estaua çufolarim da banda da ilha de Diuar com obra de trinta paraos, & andaua muyto soberbo com seu sombreyro, & mãdandose abanar

com hũ rabo de boy: & dabanda da cidade estauão ainda os outros paraos, q̃ erãõ cincoenta todos abicados nagoa, porem com toda a gente que auia de pelejar. Dom Antonio que viu alli os inimigos dhũa parte & doutra, pareceolhe que ho querião tomar no meyo: & por isso fez dos seus bateys dous esquadrões, & pera si tomou hũ de quatro com ho seu, & dos tres erãõ capitães dõ Ieronimo de lima, dom Ioão de lima seu hirmão & Garcia de souza, ho outro era de seys, de que erãõ capitães Bernaldi freyre, Iorge da cunha, Luis coutinho, Antonio de matos & outros dous. E a estes encomẽdou que fossem pelejar com os paraos que estauão da banda da cidade: & alli a estes como aos outros q̃ auião dir coele pediu muyto que não desparassem toda sua artelharía junta, se não que acabãdo hũ de tirar tirasse outro, & porq̃ ostiros erãõ berços, que alli como fossem tirando lhes metessem logo as camaras pera q̃ sempre tirassem, & que deste modo os não poderião entrar os inimigos: porq̃ doutra maneyra serião logo desbaratados. E mandou que as galês & fusta se leuassem & fossem apos ele pera ho fauorecer.

¶ Capit. xxxj. De como dõ Antonio pelejou com gusolarim, & ho desbaratou: & do que fizerão Simão dandrade, & Fernão perez dãdrade, & de como dom Antonio foy ferido mortalmente.



¶ Denados alli estes dous esquadrões, partiose dom Antonio coeles pera a cidade, & em partindo começaram os inimigos de deitar ao mar os paraos que estauão abicados da banda

da cidade. E os inimigos erãõ tantos na ribeira & pelos muros que tudo estaua cuberto deles, & a causa era porque gusolarim tinha conuidado a todos que saysem a ver como tomaua os nossos, que em vendo abalar os inimigos arrancarão com grande furia, remetendo cada esquadrão onde era ordenado. Dõ Antonio se foy dereyto pera gusolarim, q̃ como digo se chegaua parale muyto soberbo, fazêdose abanar como que este uelle em sua casa sem temer nenhu perigo, se não q̃ndo ele começou d sentir camanho era esperar os nossos tiros, q̃ tirando na ordẽ que disse começarão de varejar muyto furiosos por todas as partes leuando em pedaços algũs dos remeiros que hião descubertos, & alli outros dos homens d'armas que se descoabrião. E posto que os inimigos també tirauão com sua artelharía nã lhes aproueitaua porque despararão todos juntos. E nosso senhor parece q̃ quis goardar os nossos que lhe nã fizesse nenhu nojo, & por isso cobrarão eles muyto mayor efforço do que leuauão, & dãdo grandes gritas tirauão auante quanto podião. Era muyto pera espantar como quatro bateys nossos oufauão de cometer trita paraos, & hũa fusta che os dartelharía & de gente branca muyto costumada a pelejar, & a vècer, & muy bem apercebida pera a peleja: & que vinha toda com propósito de não escapar nenhum dos nossos de morto, ou de preso: & a fora aqueles que estauão daquela parte outros muyto mais da banda da cidade, & na terra gente sem conto, que somente os gritos & estrondo da artelharía erãõ pera espantar aos nossos, quanto mais sabere que se não podião saluar sem ao menos desbaratarem quantos estauão no

mar, & assi ho dizia dom Antonio aos seus efforçando os pa a peleja: ele mandou endereytar ho seu parao cō a fusta de çufolarim determinando de a abalar: o que çufolarim com toda sua soberba não ousou de esperar, & fugio, & foyse na bolta da cidade pera se meter no esteyro do Mandouim òde esta ua dantes: & ho mesmo fizerão os seus paraos, & não auia esperar hū por outro, se não fugir quem mais podia, & os nossos deposeles. E os outros paraos que estauão da banda da cidade que pelejauão cō ho outro esquadrão dos nossos bateys, també estauão em grande aperto, que lhe tinham os nossos mortos muytos remeyros, & morta outra muyta gente. E como lhe falecião os remeyros, & vendo desbaratado ho seu capitão môr em quem tinhã sua confiança retiraranse pera terra ate hirem varar nela, temendo que os abalroassem os nossos: & ho mesmo fizerão os outros que fugião com çufolarim, tanto que poderão aferrar terra, & os que não poderão fugirão pelo rio acima. Os nossos que virão os inimigos varar quizerão chegar a eles & aferralos, mas não poderão porque lhe tinham atupido ho caminho com muyta madeira: & como os seus bateys demãdauão mais agoa que os paraos dos inimigos não poderão nadar, & quasi que ouuerão de ficar em seco, & virãse em grande perigo com os muytos tiros q̃ lhes tirauão de terra, & assi frechadas, & virotes com espíngardões. Neste tempo dom Antonio que hia a pos çufolarim não ho deixaua, & mandou apertar ho reino tanto que encaualgou a fusta & tolheolhe que se não acolhesse ao esteiro onde leuaua a proa, & por isso foy necessario a çufolarim mandar arribar

ao lôgo da fortaleza, cujo muro & assi ho da cidade estaua cheo de frecheiros & espíngardeiros, q̃ seruirão muy bẽ a dom Antonio que hia dando caça a çufolarim, que tiraua quanto podia caminho da porta que agora se chama de sancta Caterina. E passando dom Antonio ao longo da porta da ribeira, tiraranlhe com hũa bombardã grollã que lhe ouuera de quebrar ho parao em dous pedaços se lhe dera em cheo, mas quis Deos que lhe deu ho pelouro em hū bordo de q̃ lhe leuou hū pequeno: porem ele não deixou de seguir a fusta, que chegando à porta de sancta Caterina bem esperta do remo pos a proa em terra, & ficou hū pedaço em seco. E como a gente que estaua na ribeira era muyta & lhe acodio logo: a força de braço poserão mais dameta de dela em seco, & tão ligeiramẽte, que em a fusta ensecando, & em a gente puxando por ela, tudo foy hum. E tam bem no mesmo tempo chegou dom Antonio rompendo por grandes nuẽs de frechas & seetas que lhe tirauã de sobre ho muro da cidade & sem nenhū dos seus receber algũ dano pos a proa na popa da fusta, onde hiaõ auia dos pera saltar nela Simão dandrade, Fernão perez, Simão rangel, hū Ião deiras, & hū arraes que fora paje do gouernador, & todos cinco saltarão logo na fusta, com cujo medo os inimigos a despejarão. E indo dom Antonio pera entrar apos estes cinco em poendo ho pẽ na fusta veu hũa frecha do muro, & ferioho no lagarto da perna ezquerda em descuberto, & atormetouho de maneira que não podẽ entrar, & cayo no seu parao, que com a grande pancada q̃ deu na fusta se alargou dela, ficando nela os cinco q̃ digo sem mais entrar nhũ

dos q̃ hião no parao, porq̃ como virão dom Antonio por lhe acodir não curarão dos que ficauão na fusta, sobre quẽ logo carregarão os inimigos, & os cercarão de todas as partes (saluo da banda do mar) tirandolhe como a aluo com zagunchos, com frechas, com pedras, & com setas, & tudo tão basto que os não errauão: & valialhes que andauão bem armados, especialmente os dous hirmãos, que eles erão ho emparo dos outros tres, defendendose dos inimigos com muyto tento, & pelejando cõ grande esforço, tanto que os inimigos os não poderão entrar com quanto erão tãtos como digo, & sobre ho muro muyto mais, q̃ tabẽ de lâ tirauão por a fusta estar quasi ao sopê dele. E ali estaua ho Hidalcão, q̃ se posera cuydãdo q̃ auia de ver tomar os nossos, mas violhe fazer cousas por òde os despois teue em muyta estima segundo pareceo. E eles ho merecião por as cousas que fizeram por se defender, principalmente Fernão perez, & Simão dandrade, a que neste conflito derão por diante cõ hũ zaguncho em hũ corsolete que lhe passarão ho delgado dele, & ho ferirão hũ pouco, por onde se pode julgar quão forçosos braços auia antre os inimigos, & quão boas armas tinhão. Em todo este trabalho em que os cinco estauão não auia quem os socorresse, porque os do parao de dom Antonio se afastarão coele, porq̃ virão que a ferida era mortal, que logo lhe derão grandes acidentos, & os outros bateys como digo que estauão ao longo da ribeyra, pelo canal estar atupido não podião nadar, & por isso não acodião: o que vêdo hũ mestre da nao de Luys continho que hia coele no batel como homem efforçado, disse que se lhe despejassem ho

batel, que não ficassem mais que seys ou sete marinheiros que ho podessem remar que ele ho faria nadar pelo canal, & hiria por Simão dandrade, & polos outros quatro. O que ele fez despejandolhe ho batel, & indo achou q̃ Diogo fernãdez de beja punha a proa da sua galé em terra pera poyar & socorrer aos nossos, & pa se tornar a alargar alargou hũa ancora por popa: q̃ nãdo vio hir ho batel teuesse, & louuou muyto ho mestre pelo que fazia, que por ho batel ser pequeno, & ir despejado ho leuou leuemente pelo canal por onde os outros não podião ir. E chegãdo à popa da fusta por onde não tinha ninguem que ho impedisse, foy socorrer os cinco com os sete marinheiros: & pelejando todos, se recolherão com muyto trabalho ao batel, saluo Ioão deiras que se deitou com os inimigos, & ficou coeles: & em se os nossos recolhendo atarão hũ cabo na fusta pera ver se a podião levar, & não poderão por estar muyto em seco, então a deixarão, & se forão ajuntar cõ os outros bateys que estauão às bõbardadas com os inimigo, de que matarão muytos sem dos nossos morrer nenhũ, se não forão algũs feridos: & posto q̃ este feyto foy muy grande, muyto mayor fora senão fora ho ferimento de dõ Antonio, que segũdo era efforçado & fauorecido da vitoria não se ouuera de contêtar com a do mar, & ouuera de prouar a uela na terra ou que ymar os paraos.

Capit. xxxij. De como faleceo dõ Antonio da ferida q̃ ouue na batalha, & de algũs recados que ouue antre ho Hidalcão & ho governador sobre concerto, q̃ por derradeiro não ouue effeyto.

Qomo os do parao de dom Antonio virão que ele estava ferido, & tão mal, leuam-no à galé Dantonio dalmada, donde recolhidos Simão dandrade & os outros fizeram sinal de recolher. E recolhidos todos partiram-se já noyte pera onde estava ho governador, que ficou muy agastado quando vio dō Antonio tão mal, que logo aquella noyte lhe acodio febre, & continuauão os accidentes. E estando, ele assi ao outro dia foy João machado à frota à visitar da parte do Hidalcão a Simão dandrade & a Fernão perez, & disselhes que lhes mandaua pregutar como ficarão da peleja que teuerão na fusta, & que ficara tão contête deles por quão bem pelejarão que ho terião por amigo pera o q̃ lhe dele comprisse. E disselhes João machado que ho Hidalcão vira a peleja de sobre ho muro, & pergunta despois a João deiras q̃ homẽs erão, & ele lho dissiera, & seus nomes: & que ho Hidalcão se mostrara muyto magoado de não ter algũs vassallos como a queles, & dera ê rosto coeles aos seus. E mais disse ao governador q̃ os mouros vendo alli pelejar aqueles homẽs, & a proa da galé de Diogo fernandez posta em terra, q̃ cuydarão verdadeiramente que querião os nossos saltar nela. E ho governador lhe disse que ho não fizerão, porque ele lhe defendera que ho não fizessem, & isto porq̃ lhe não queria dar tanto trabalho junto, & poreim que là viria seu tempo. E não lhe disse como dom Antonio estava ferido porque ho não disse ao Hidalcão, & se ensoberbecesse coisso. E dada resposta per Simão dandrade & Fernão perez a João machado, ele se foy pera ho Hidalcão, a quem contou o que

lhe ho governador diffiera, que estava muyto triste, porq̃ aquele mesmo dia acodirão herpes a dom Antonio, de q̃ faleceo dahia a tres ou quatro dias. E sua morte foy muyto sentida, não somente do governador que era seu tio, mas de todos quantos auia na frota, porque a fora ser muyto efforçado, & de muyto boõ conselho, era de tão boa condição que todos lhe querião bem: & com quanto auia a quebra que disse antre ho governador & Fernão perez dandrade, era ele tamanho amigo de dom Antonio que tomou cuydado de ho leuar a enterrar. E foylhe dada a sepultura na terra firme da bāda d̃ Bardes debaixo dhũ penedo perto do mar, donde depois per mandado do governador foy leuada sua ossada a sē da cidade d̃ Goa & enterrada na capela mōr. E estādo ho governador com esta tristeza da morte de dom Antonio, soube ho Hidalcão que era certo fazerse elrey de Narīnga prestes pera lhe ir tomar a cidade de Rachol, & por isso tornou a cometer amizade ao governador, & deu ho cuydado disse a çufolarim que mādou recado ao governador por João machado a quem ele disse a verdade, porque ho Hidalcão cometia amizade, & mais que era a noua tão certa que ho Hidalcão era já passado à terra firme, & deixaua em seu lugar a çufolarim, por isso que dilataffe ho concerto, que a ida do Hidalcão não podia tardar muyto. Etendo ho governador este auiso mādou a Pero dalpoẽ seu ouuidor q̃ fosse a terra pera falar cō dous mouros honrados, que çufolarim mandaua pera assentarẽ este concerto. E os mouros estauão em terra, & ho ouuidor no mar em hũ batel. E estando falando sobre ho concerto que digo João dei-

ras aquelle que se passou aos imigos vinha em cõpanhia daqueles dous mouros, & como era homem baixo começou de se gabar aos marinheiros q̃ hiã no batel, mostrandolhes quão bẽ vestido andaua, & assi hũ caualo em que vinha, & dizendo que tinha tanto soldo cada mes, que aquella era a terra da verdade, que outro tanto deuião eles de fazer & não tirar pelo remo. O que ouuido ho ouuidor disse aos mouros pelo lingoa, que pera que trazião ali aquelle velhaco fugidío q̃ ho mãdassẽ calar: & não querendo eles mandalo, disse a hũ Ioão dilhães bombardeiro que hia coele, que era muyto certo espigardeiro que tirasse com a espingarda a Ioão deiras, & que se ho mataste que ele lhe faria fazer merce: o q̃ Ioão dilhães fez & derribou morto Ioão deiras, do que os mouros ouuerão muyto grande mençoria, & se forão sem mais falar no cõcerto. E tambem çufolarĩ ficou muyto agastado, & mandou dizer ao gouernador que se espantaua muyto dele mãdarlhe matar aquelle homem indo cõ seguro: & ho gouernador lhe respõdeo que ele não sabia parte de tal cousa. E se gundo tinha sabido Ioão deiras fora morto por sua culpa pelo que dissera, & que não se espantasse de ho matarẽ, porque a ele mesmo se tal cousa dissera ho matarão os seus cauleyros que não sufrião cousa mal feyta: & coisto ouue por algũs dias interpolação no cõcerto. E despois porque ho Hidalcão mãdou preguntar a çufolarim o que tinha feyto tornou a mandar recado ao gouernador, a quem Ioão machado disse que lhe parecia que ho Hidalcão não auia daceitar a amizade com as condições que ele queria, por q̃ perdia nisso muyto: & tambem porque tinha por fama

q̃ ele não tinha nenhũs mantimentos. E por ho gouernador não querer mais falar em concerto com çufolari, se não com ho Hidalcão, vierã dous mouros principais com poder do Hidalcão a nao do gouernador, & por arrefes deles & de Ioão machado foy leuado Abraldez ao Hidalcão, & esteue là dous dias, q̃ tantos esteuerão os mouros cõ ho gouernador sem se tomar nenhũa cõcrusam no concerto, porque na verdade ho gouernador pedia muyto pola amizade. E porque os mouros cressem que ele estaua muyto abastado de mâtimẽtos banqueteaou os naq̃les dous dias, como quẽ estaua muyto bẽ abitalhado, & q̃ndo se forão mandoulhes dar hũ par de sacos de bizcoyto, & hũ barril de muyto boõ vinho, porque se ho Hidalcão deixasse de lhe dar o que lhe ele pedia pela amizade, cuydando que estaua em falta de mantimentos, q̃ lho desse. E defeyto ho Hidalcão ficou espantado quando lhe os mouros disserão os banquetes, & ho mais que lhes ho gouernador dera, & porẽ nũca quis aceitar a amizade com as condições que ho gouernador queria, porque perdia muyto mais do que ganhaua, & então cessarão os concertos: mas em quãto se falou neles nũca os nossos forão a terra que lhes os mouros não enchessem os bateys de refresco, & algũs que erão amigos do gouernador ho mandauão visitar coele.

Capit. xxxiij. De como ho gouernador mãdou os doẽtes q̃ tinha a Anja diua, & de como ouue mâtimẽtos.



Despois disto auẽdose os imigos por defenganados, q̃ auião sempre de leuar ho peor dos nossos não os qui-

serão mais cometer. E ainda q̃ eles esta uão liures da guerra, tinha os a fome e tamanho trabalho que tomarão antes por partido ho da guerra, porque não auia dia que não adoecessem & outros morrião. E não dando ainda ho tēpo lugar pera que ho governador saylle, determinou em conselho de mandar os doentes que auia na frota na nao de Nuno vaz de castelo branco a Anjadiua, porque lhe dizia Tímoja que se a nao podesse lá ir, que ele iria também nela, & lha carregaria ali de mantimētos, pera se foster em quanto lhe ho tempo não desse lugar pera sayr & ir a Cananor. E com quanto ho governador sabia que ho tēpo não era pera sayr, por efforçar a gente com esperança daueralgũs mantimentos mandou carregar na nao os doētes da frota, que erão trezentos, & mandou a Nuno vaz que se podesse sayr que se fosse a Anjadiua: & ali pordinheiro, & por resgate dalgũas molheres bramenas aueria mātímētos que lhe mandaria no nauio Dantonio de matos que iria coele, & ele se iria cō os doentes a Cananor. E entregues no esprital, se iria a Cochim, & diria a Ieronimo teixeira, & a Iorge da silueira que se fossem parele a Cananor, & ho mesmo diria aos capitães das naos de Portugal, se fossem chegadas, & tudo isto lhe deu por hũ regimēto assinado por sua mão. Neste tempo tinha cufolarim mandado assentar em Pangim hũa bombardã grossã de camara pera mandar tirar aos nossos quando se fossem, que bem lhe parecia que não auia de tadar muyto: & estava na fortaleza muyta gente de goarnição. E porque ho governador sabia isto, mādou a Nuno vaz que partisse de noyte, & que ho leuassem à toa. E partiose na étrada de

Iulho: & emparelhãdo cō a fortaleza de Pangim, parece que sentirão os inimigos a nao, & despararão a bôbarda, & acertou ho tiro na nao, & deu no cabrestante do conuēs, & leuoulhe a cabeça, & matou hũ dos nossos, & escalarou outros. E todauia Nuno vaz passou auante & foy surgir em hũ poço antre Pangim & a barra pera ver ao outro dia por onde saya, & por lhe ho tempo não dar lugar pera sayr esteue ali ate meado Iulho. E vindo hũ dia no seu parao de dar rezão ao governador da causa porque não saya, lhe meterão da fortaleza dous pelouros no parao: & hũ deles lhe leuou a fralda dhũ caçote q̃ leuaua vestido, & não lhe fez outro mal. E meado Iulho abonancãdo ho tēpo algũa cousa sayo Nuno vaz à toa: & indo defronte do baluarte da barra se ouuera de perder, por lhe tirarem de los inimigos hũa bombardada, com q̃ lhe passarão ho costado da nao pelo côues, onde algũs dos nossos recolhião à toa do cabrestante, & deu e hũs estrēs que jazião sobelos alcatrates, ôde jazia hũ doente encostado com que ho tiro deu nomeyo da nao, & os que leuauão a toa soltarão com medo ho focayro, & a nao ouuera de dar à costa se logo não acodirã outrosa tomalo, & Nuno vaz não pode surdir mais auãte que ate defronte dagoada, ôde surgio por se mudar ho tempo supitamente, & ho mar tornar muyto grosso, tanto que ho piloto moor que hia em dous bateys das toas disse a Nuno vaz que se tornasse & ele não quis. E vendo Tímoja ho tēpo tão forte sayose da nao & tornou se pera ho governador na sua cotia, nem tam pouco sayo ho nauio Dantonio de matos por esta causa. Ali esteue Nuno vaz furto ate ho quarto da prima renz

dido, em que rêdeo ho vento a loeste, & aloesnoeste com que sayo às voltas: & assi foy ate que em se poendo ho solaferrou Anjadiua, & surgio. E ao outro dia chegarão Antonio de matos & Timoja, que logo se partio pera Ancolã, que sam dahí quatro legoas, dõde mandou dizer a Nuno vaz que fosse lá com Antonio de matos, & ele foy deixando os doentes e Anjadiua, em Têdilhões, & em Ancolã foy carregado Antonio de matos de muytos mantimentos que Timoja tinha feytos. sc. carnes de porcos monteses, & veados tudo salgado em jarras, & assi muytas galinhas, & muyto arroz: & disto se leuaua tambem muyta soma aos doentes a Anjadiua. E feyto tudo isto em quatro dias, partiose Nuno vaz pera Anjadiua, & por achar ainda os doentes muyto fracos se deixou estar, & mandou a Antonio de matos que se partisse pera onde estaua ho governador.

Capit. xxxiiij. De como ho governador se partio do rio de Pangim pera Anjadiua, & do perigo que passou ao sayr da barra: & de como chegarão naos de Portugal.



Ve com sua chegada foy muyto ledo, pera refrescar sua gente primeyro que sayse ao rio cõ aqueles mantimentos que mãdou repartir polas naos. E acabado ho mes de Julho como não se corria tamanho perigo na nauegação da costa da India como dantes, determinou de se partir, & irse concertar a Cananor pera tornar sobre Goa, & tomala: o que então calou consigo sem dar conta a niguê. E vindos os quatro dias Dagofo,

ele se partio com toda a frota, que foy bem seruida de bombardadas, assi ao passar por diante da fortaleza, como por diante do baluarte da barra: & por ser ainda ho tempo algũ tanto verde correrão as naos muyto risco ao sayr dela, & milagrosamente lhe goardou nosso senhor frol delamar, q̃ deu muytas pãcadas na area, & ho cirne tambẽ tocou: & frol da rosa ficou em seco da banda da terra firme defronte de Pangim. E porque a gente cõ medo se que ria sayr dela & deixala por perdida, se foy ho governador meter nela (por se não perder) & muyto contra vontade de todos os fidalgos & capitães da frota, que lhe fizerão grandes requerimẽtos que se não metesse na nao, porque como fosse sabido em Goa virião logo os inimigos em seus paraos, & versehião em perigo de se perderem todos. Mas ele não quis se não irse à nao de fora da barra onde já estaua, dizendo que por saluar aquela nao del rey seu senhor pe lejaría com quantos mouros auia em Goa, & se auenturaria aqual quer perigo, quanto mais que esperaua em nosso senhor que os inimigos não auião doufar de vir, porque bem sabião quã pouco auião de ganhar nisso. E metido na nao esperou nela ate vir outra maré com que sayo fora com a nao salua. E no proprio dia indo ao cabo da rama ouue vista de quatro naos de gauiá que vinhão demãdar a terra: & estas erão de Portugal que partirão aquele anno, & era seu capitão mór hũ fidalgo chamado Diogo mendez de vasconcelos que el rey mandaua a descobrir Malaca, & erão seus capitães Baltesar da silua, Pero quaresma, & Ieronimo cerniche. E quando estas naos virão a frota do governador tã perto do rio de Goa

& os da frota virão a elas, & q̃ hão de mandar a terra, ouue grande aluoroço assi em hūs como em outros cuydando que fossem rumes; & todos se poferão em armas pera pelejar. E ho governador mādou dizer per Lourêgo de payua a Simão dandrade, Fernão perez, & aos outros capitães que ainda hão presos na sua nao, & debaixo de cuberta (que assi o querião eles) que lhes pedía que subissem peracima, pera q̃ cō seu conselho ordenasse de pelejar com a q̃las naos se fossem rumes, & eles não quizerão ir: respondendo que com q̃ ho governador ouuera conselho pa os prēder q̃ coesse se aconselhase do q̃ auia de fazer, q̃ quando conhecessẽ q̃ erão rumes eles se poerã nos seus lugares a defender as naos del rey, & farião o q̃ se pre fizerão ate morrer. E requererão a Lourenço de payua como secretario que fizesse hū auto do que lhes ho governador mandara dizer, & do q̃ eles respondião pera el rey de Portugal saber a verdade. E nisto forão conhecidas as quatro naos que erão Portuguezas polas cruces das velas, & foy ho prazer muyto grande em todos. E Diogo mēdez foy ver ho governador, & lhe disse como vinha de Portugal outra armada de cinco naos pera a carrega, de q̃ era capitão mōr hū fidalgo chamado Gonçalo de siqueyra, & erão seus capitães Jorge nunez de lião, Manuel da cunha, Diogo lobo, & Lourêgo moreno que hia por feytor de Cochim. E indo ho governador na volta Danjadiua, foy ter coele Gōçalo de siqueyra cō duas naos de sua conserua, q̃ as outras duas nã chegauão ainda. Coesta frota tamanha se foy ho governador a Anjadíua, onde esteue obra de q̃troou cico dias. E neste tempo lhe deu Diogo mē

dez as cartas que trazia del rey parele; em que lhe dizia que mandaua Diogo mendez a descobrir Malaca (se ainda não era descuberta) & assentar lá feyto ria; & se ouuesse dir a isso, mandaua ao governador que lhe desse piloto q̃ ho leuasse a Malaca, & assi lhe desse conselho pera o que auia de fazer, & ajuda se fosse necessaria pa ho executar. E isto mesmootrazia Diogo mendez por regimento que mostrou ao governador, que depois de vistas as cartas falou cō Nuno vaz de castelo branco, cō Garcia de souza & com Francisco serrão q̃ forão a Malaca com Diogo lopez, que lhe dissessem o que lá passara pera que soubesse o que auia de respōder a Diogo mendez. E sabido isto mandou ajutar estes tres com todos os capitães & fidalgos da frota, assi os que andauão na India como os de Portugal, & perate todos disse a Diogo mendez q̃ lhe trouuera hūas cartas del rey seu señor, em que lho encomēdaua q̃ lhe dissesse perante aqueles fidalgos & capitães q̃ queria dele. Diogo mendez respōdeo que ele era capitão mōr daquelas quatro naos, em cuja carrega el rey seu señor tinha parte, & a outra era de mercadores, & hia pera fazer o que dizia e seu regimento, como tinha dito. Em que lhe tambem sua alteza mandaua q̃ indo ter onde esteuesse sua senhoria que lhe pedisse piloto, conselho & ajuda; & isto era o que queria & lhe pedia da parte de sua alteza, & da sua. Mandou etão ho governador a Nuno vaz, Garcia de souza & a Francisco serrão que dissesse cada hū por si o que acontecera e Malaca a Diogo lopez. E isto dito disse ho governador a Diogo mēdez, que bem ouuia como indo Diogo lopez de siqueyra a Malaca com mais

navios q̃ os seus, & melhor armados d̃ artelharia & gente, viera de là desbaratado cō lhe tomarẽ bateys, & gēte que ficaua catiua sem ele poder resistir aos inimigos: q̃ como queria ele ir a Malaca com quatro naos tão podres como as suas, & tão mal armadas cō artelharia de ferro & pouca gēte: & palhe ele dar ajuda não podia ser por quanto vinha de Goa cō a cabeça q̃brada, ò de ficaua hũa grãde armada de turcos, & se cria ua hũa força muy pjudicial pera ho seruiço de Deos & del rey seu señoer, a q̃l ele determinaua de desfazer naq̃le verão, & q̃ se ho ele quiseisse ajudar nisso ele lhe daria despois toda ajuda q̃ podesse pera ho feyto de Malaca. O que pareceo muyto bẽ a todos os q̃ estauão presentes: & Diogo mendez disse que ele não podia respõder sem falar com seus capitães: & pois todos estauão de caminho pera Cananor q̃ là lhe respõderia. E isto assentado, partio-se ho gouernador pera Cananor.

Capit. xxxv. De como indo Francisco pantoja caminho de çacotorã pera trazer dom Afonso tomou a nao meri: & de como Duarte de lemos se partio pera a Índia.



Antes de sua partida mandou a Francisco pantoja q̃ fosse a çacotorã com carta sua, em que escreuia a dom Afonso de noronha seu sobrinho (nã sabẽdo ainda q̃ era morto) que logo se viesse pera a Índia no mesmo nauio: & escreueo a Duarte de lemos se hi esteuesse a causa por q̃ lhe nã leuara a armada. E atrauessando Francisco pantoja aquele golfão da costa da Índia pera çacotorã, lhe deu hũa grãde

temporal, & durando ele forão vistos no mar muytos fardos de roupa: & logo pareceo a Francisco pantoja q̃ era algũa nao de mouros que alijaua cō tormenta, porque tambẽ em algũs fardos que se tomarão, se conheceo q̃ era roupa de cambaya, mandou então Frãisco pantoja pelo rasto dos fardos, & foy topar com hũa nao muyto grande que parecia ser doytocentos toneis, & era del rey de Cambaya, & auia nome meri: & era a mayor nao q̃ andaua naq̃le golfão, & muyto nomeada por sua grãdeza em muytas partes, & carregaua tanta mercadoria, que não hia nenhũa vez a Ormuz que não pagasse de dereytos na alfandega de vinte mil xara. fins pera cima, & andaua por capitão dela hũ mouro chamado alecão parête del rey de Cambaya, & trazia consigo muytos mercadores honrados, & muyta gente de peleja. E a nao tinha ho masto cortado q̃ lho cortarão os mouros com a tormenta, & andauão tão cansados cō os trabalhos dela, q̃ como lhes Francisco pãtoja mandou tirar logo se renderão. Tomada esta nao Francisco pantoja se foy coela a çacotorã, onde achou Duarte d̃ lemos q̃ hi iuernara, & achou por capitão da fortaleza a Pero correa hirmão de Diogo correa q̃ esta ua catiuo e Cãbaya, por q̃ falecera Pero ferreyra fogaça q̃ era capitão. & por Antonio ferreyra seu sobrinho q̃ era alcayde mór, cuja era a subcessã da capitania estar doente lha não deu Duarte de lemos, & a deu a Pero correa. E aqui soube Francisco pantoja como no Abril passado partira dom Afonso pa a Índia, & os outros q̃ ja disse, & todos teuerão, q̃ pois là não erã q̃ se perderião no mar, porque Alecão ho capitão de meri nã dizia como estauão catiuos

em Cambaya. E vendo Duarte de lemosa nao q Francisco pantoja trazia, & sabendo quão rica era quisera a mandar descarregar na feytoriao q Frãcis co pantoja contradisse, & se aqueyxou muyto: dizendo q aquela nao não pertencia à feytoria de çacotorã, nêele lha podia tomar pois nã era da sua bãdeira, se nã da do gouernador Afonso dalbuquerq, & que a ele a auia de leuar fazendo sobrisso grandes requerimentos & protestações: a q Duarte de lemos respondeo que tambẽ ele era gouernador & capitão mór do cabo de Goarda fum ate Cãbaya, em cujos limites ele tomara aq̃la nao, & por isso q a ele pertencia: quanto mais q ainda q não fora capitão mór, q el rey seu señor mandaua que na mais perto fortaleza donde se tomava apresã se entregasse, & q ele ho fazia assi. E mādou descarregar da nao o q lhe melhor pareceo, & ho mais cõ os catiuos deixou nela pera se leuar à India: pera õde se partio logo pera ir pedir a armada a Afonso dalbuquerque, porq bem vio pelo q lhe ele escriuia, & pelo que soube de Goa q se não ajuntaria ho gouernador tão cedo coele, nem lhe mandaria a armada. E partindo caminho de Cananor, leuou consigo seu hirmão gaspar cão, & Frãcisco pãtoia.

Capit. xxxvi. Dalgũas cousas q se fizeram na costa do Malabar estado ho gouernador em Cananor: & de como chegou Duarte de lemos a Cananor, & forão soltos, Simão dandrade & os outros.



Chegado ho gouernador a Cananor, sem sayr è terra mandou logo Simão dandrade, & os outros presos

que ia disse a Rodrigo tabelo capitão da fortaleza, & q os não deixasse sayr dela sem seu recado, & todauia não deixaua de trabalhar por recõciliar coeles o q eles não querião, & respõdião sempre a quẽ lhes nisso falaua q não erão eles os homẽs q se auião dagrauar por muytos grandes erros, quãto mais por tão peq̃nos como fora o que fizeram: & que não ficarião na India por nenhũ preço, se não q se auião de ir pera Portugal. Do que pesaua muyto ao gouernador por eles serẽ homẽs antigos na India, & sabião muy bẽ as cousas dela, & erão muyto pera mandar & aconselhar como capitães prudentes, & pera pelejar como caualeyros muyto elforçados, que tudo tinhão quando era necessario: & por isso ho gouernador sentia muyto estarem agrauados dele, & quererẽse ir em tẽpo q tinha deles necessidade grandissima. E chegado ele a Cananor despachou logo pera Cochĩ a Bastião de miranda pera ir là corregêr a galẽ que fora Dantonio dalmada que por ser morto lha dera: & assi mādou a Nuno vaz de castelo branco que fosse mandar fazer na sua nao as obras mortas que lhe alnda falecião, & entre goulhe dellas molheres que tinha das que tomara em Goa, pera que as leuas se a Cochĩ, & se apouentassem è hũa torre da fortaleza, & teria cargo delas hũ Gonçalo afonso mealheiro. E indo Nuno vaz a trauez de Calicut, achou Ieronimo teixeira, & Iorge da silueira que hião embusca do gouernador: & sabẽdo que ficaua em Cananor forãse là. E chegado ho gouernador, mādou prender a Iorge da silueira, & lhe tirou a capitania da nao, porque contra seu mandado se fora inuernar a Cochim, & lhe leuara muyta gẽte, de q despois

teue grande necessidade no cerco de Goa. O q̃ Ieronimo teixeira sentio grã demête por ser notorio que por seu induzimêto fora Jorge da silueira inuernar a Cochí, & por isso & polo passado que fizera em Goa quis dali por diante mal ao governador; & també chegou a Cananor Francisco marecos no nauio bretão, q̃ vindo cõ ho Marichal não passou & inuernou em Moçambique, & assi se hia ajûtando pouco & pouco grã de frota pa ho governador tornar sobre Goa como determinaua, & pera isso se aparelhaua q̃nto podia. E porque entretanto não partiſſe as naos de Calicut cõ pimêta pera ho mar roxo, mādou goardar a sua costa a Simão mizcaldeira, a q̃le boõ caualeyro do tempo do visorey, & deuſe pera isso dous nauios, de q̃ ho fez capitão mór: & pediu a Diogo mēdez de vascōcelos de quẽ ja tinha prazme de ho ajudar no feyto de Goa, que cõ as naos de sua capitania andasse darmada de monte deli ate Baticalã, pa tomar algũas naos se saysem de Goa pera q̃lquer parte. E e quãto hiãdou não achou nada em que podesse fazer presa, & Simão martiz si que tomou hũa nao de Meca muyto rica, em q̃ se acharão muytas peças de grande preço, & soma de moeda assi douro como de prata; & antre os catiuos que se nela tomarão forão dous judeus q̃ despois ho governador fez Christãos, & a hũ foy posto nome Francisco dalbuquerque, & ao outro Alexandre datayde, que sayrão muy boõs homẽs & seruitão de lingoas. E pa melhor goarda daquela costa mandou ho governador a Garcia de souza que cõ outros dous nauios a fosse goardar em outro cabo desuiado dõde andaua Simão martiz: & Ieronimo teixeira por dar desgosto

ao governador meteo e cabeça a Garcia de souza q̃ não era sua honra ir õde andaua Simão martiz, que lhe nã auia dobedecer. E conselhoulhe que assi ho disſesse ao governador, & foy coele aisso, & ajudauao tanto q̃ parecia ser mais ho caso seu que de Garcia de souza. E entẽdendo ho governador a cilada disſimulou, dizẽdo a Ieronimo teixeira q̃ pera que falaua e obediência pois Simão martiz andaua em hũ cabo, & Garcia de souza auia dãdar e outro, q̃ não auia necessidade de mais q̃ de tomar e muytas naos. E insisti do Ieronimo teixeira, ho governador ho mādou ir, & ficãdo soo cõ Garcia de souza desseſz lhe a opinião que tinha, & fez q̃ fosse onde ho mandaua: & ele por hũ cabo & Simão martiz polo outro tomarão algũas naos, & por isso não partirão pera Meca outras muytas que estauão pa partir. E em q̃nto assi andauão na fi Dagosto ou na eſtrada dẽ Setẽbro, chegou Duarte de lemos a Cananor; & posto q̃ a sua capitania não tinha vigor na Índia, & soube que estaua ali ho governador nã quistirar a sua badeira dẽ capitão mór, o que lhe foy tachado. E cõ tudo ho governador lhe fez ho mais cortẽs & hõr rado recebimento que pode: & como Duarte de lemos ſabia da prisam de Simão dandrade & dos outros, pediu ao governador que os mādasse soltar, por q̃ ele os queria ir ver, & não queria velos como apresos. Ho governador aida q̃ não tinha võtade de os soltar ſẽ recõciliarẽ coele mādou os soltar & ouue os por restituydos e suas capitancias, ſaluo a Jorge fogaça por a descortetia q̃ lhe diſſe, & mādou ho soltar sobre sua manajẽ, & os outros aceitarão as solturas, & não as capitancias, dizẽdo q̃ se auião dir pa Portugal, & por isso as nã q̃rião

Capit. xxxvij. De como soube Duarte de lemos q̃ elrey mādaua q̃ se fofse pa Portugal: & d̃ como ho governador mādou recado a el rey de Cambaya sobre os catiuos que tinha.

DEspois disto deu ho governador cōta a Duarte de lemos da causa por q̃ se não fora ajuntar coele. E como todos os capitães da Índia, & fidalgos q̃ andauão nela, lhe conselhauão q̃ tornasse sobre Goa, & a tomasse, se não que se pderia a Índia: & que Diogo mēdez de vascōcelos q̃ hia pera Malaca tãbẽ lhe dizia que ho ajudaria: o que pareceo bẽ a Duarte de lemos. E pa mais ratificação fez ho governador outro conselho e que Duarte de lemos foy presēte, em q̃ se assentou por todos que vista a necessidade que auia de se tomar Goa, & a q̃ ho governador tinha de gēte pera esse feyto. E por quãto a moução pequena pa Malaca, q̃ he e Dezēbro era dahĩ a q̃tro mēses: & Diogo mēdez auia desperar por ela, que ajudasse ao governador no feyto de Goa. E a sua ida pa Malaca seria no Abril seguinte q̃ era a moução grãde & a melhor: & isto cō condição q̃ ho governador lhe desse a esse tēpo tudo aq̃ lo de que teuesse necessidade q̃ lhe podesse dar. E assi lho pmeteo ho governador: a quẽ tãbẽ ali pmeteo Duarte de lemos q̃ ho ajudaria no feyto de Goa, & assi todos os capitães das naos de carga. E com tudo ho governador lhe não quis dizer sua determinação acerca de Goa, por q̃ não queria q̃ ninguẽ entēdesse que desejava de a tomar, por q̃ se temia q̃ se ho entēdessem que muytos por lhes parecer q̃ lhe danauão ho não q̃rrião ajudar, & por isso encobria tanto sua determinação, q̃

nos cōselhos não fazia mais que ppor as causas que auia pa se tomar Goa, & não daua seu parecer nẽ assinaua, mas fazia assinar aos outros os seus: & de tudo mādaua fazer autos pelo secretario pa que ninguẽ podesse negar o q̃ tinha dito & assinado. Neste tempo se tinha dado aconhecer ao governador Alecão capitão da nao meri por parēte del rey de Cábaya & trataua coele p meo de Francisco pantoja amizade & paz pa el rey de Cábaya cō condição q̃ ho soltasse: o que ho governador não q̃ria, por q̃ esperaua que sem isso auia el rey de Cambaya de querer paz coele por intercessam de Meliquiaz, q̃ sempre se mostrara seruidor del rey de Portugal, & que Alecão se resgataria por dinheiro. E nisto soube dos nçstos q̃ esta uão catiuos e Cambaya, & pareceolhe q̃ seria algũ deles dō Afonso seu sobrinho (por aida não saber q̃ era morto) & por isso começou de lãçar mais mão pela amizade que Alecão requeria pa ver se poderia auer por ele os catiuos, dissimulando que não sabia q̃ estauão catiuos, nẽ Alecão o queria descobrir por nã auer rezão pera se trocarẽ, por que não queria ele resgatar se nã por amizade, & sobristo ouue cartas d̃l rey de Cábaya pa ho governador. O que sabendo Duarte de lemos se mostrou muyto queixoso contra ele, dizēdo que lhe tomaua o q̃ pertēcia a sua capitania & perantele disse a Alecão que ele era capitão mōr de Cambaya: & por isso a ele, & nã ao governador auião de ser dadas as cartas, & coele se auia de fazer a amizade, & assi outras palauras muyto soberbas q̃ ho governador dissimulou por amor que a capitania de Duarte de lemos chegaua ate Cambaya, & por tēporizar coele que lhe deixasse

a armada ate tomar Goa, & disselhe. Tiremos nos os catiuos que lá temos, & deixemos agora esses mandos: se me el rey de Cambaya aqui tẽ por vezinho, & sabe q̃ tenho naos, gẽte & poder del rey meu seõor, não sera boõ que fauoreçais voseste feyto, & q̃ lhe respõdamos de maneyra q̃ ajamos os Christãos fora de seu poder. E todavia Duarte de lemos aperfiou muy menẽcorio, q̃ ele era capitão mõr de Cábaya, & que a ele prẽcião as cartas, & coele se auia dẽ fazer a amizade, & despois dẽ feyta ele tiraria os catiuos. E agastado ja ho governador dẽle, lhe disse q̃ não ate Cábaya, mas que ate Goa lhe deixaua seu poder: q̃ lhe rogaua muyto q̃ lhe castigasse os mouros de Goa, q̃ lhe derão muytos couges nõ pefcoço: & coisto se nõ tomou nenhũa cõcrusam neste negocio. E o governador soffreo tudo isto a Duarte dẽ lemos, & outras muytas sobraçarias q̃ lhe fazia, assi pola causa q̃ digo como pola puissam q̃ ele tinha de ser capitão ate Cábaya, & não queria que parecesse q̃ desobedecia aos mãdados del rey seu seõor que se ele prezaua de goardar ao pé da letra. E começãdo da uer desgostos antre ho governador & Duarte de lemos, chegou hũa nao da conferua de Gõçalo de siqueyra, em q̃ veio hũa via dẽ cartas pa o governador, & vinha nela hũa pa Duarte dẽ lemos, e que lhe el rey mandaua q̃ entregasse ao governador a armada que trazia, & se fosse pa Portugal, & outra carta ao governador q̃ lhe desse ebarcação pa se ir pa Portugal. E coeste recado ficou ele tẽperado, por q̃ dãtes não auia que ho soffresse, nem ho governador podia coele. E não se lebrando ele do passado não deixaua de ho tratar tão hõrradamẽte como dantes. E cuydãdo q̃ toda

uia quisesse ir coele a Goa como tinhãtẽtado, disselhe que não descobrisse a ninguẽ que el rey ho mãdaua ir pera Portugal, & que ele tambem ho fãria assi, porque a gẽte que trazia lhe nãdesobedecesse, & fosse coele a Goa em hũ corpo como andaua, pera que fosse mais hõrradamente: o que lhe ele teue muyto em merce, & ho ouue por grande honra. E vendose ho governador desembaraçado da sujeição de Duarte de lemos apreissou mais ho cõcerto da armada pera ir a Goa, & entretãto tornou a falar com Alecã sobre ho negocio que dãtes traziaõ pera ver se podia auer os catiuos a seu troco, & pera isto rogou a hũ chatim gẽtio morador em Cananor, que lhe fosse com reposta às cartas del rey de Cambaya, em que lhe respondia que folgaria com sua amizade, & pedi dolhe os catiuos a troco Da leção. E encomendou muyto ao chatim que soubesse os nomes dos catiuos, & quantos erãõ: & Alecã escreueo tambem sobrisso a el rey de Cambaya. E coestes recados se partio ho chatim, & o que fez se dira a diante.

Capit. xxxviii. De como hũ príncipe de Cochĩ que andaua leuãtado sabẽdo que era morto ho rey velho que estaua nõ pagode, pedia ho reyno a el rey de Cochĩ que entãõ reynaua, & de como querendolho el rey de Cochim entregar lhe foy contraria do pelos nossos.

PAssãdo isto e Cananor, morreo e Cochĩ aq̃le boõ velho & leal amigo dos Portugueses q̃ fora rey e tẽpo de Duarte pacheco q̃ estaua metido no pagodẽ. E segũdo seu costume como ja disse ho rey q̃ reynaua era obrigado por ley a meterse nele

& deixar ho reyno ao q̃ auia de ser rey a pos ele, que era aquele principe: que quando el rey de Calicut foy sobre Cochĩ (por lhe el rey não querer entregar os nossos q̃ lhe deixara ho conde almirante) não quis ajudar el rey de Cochĩ a defender ho reyno, & lançoise cõ el rey de Calicut q̃ lhe pmeteo de ho fazer logo rey, & dali por diante sempre andou cõ el rey de Calicut chamándose principe de Cochĩ. Este sabẽdo como ho rey q̃ estaua no pagode era falecido mandou dizer ao q̃ reynaua, q̃ segũdo seu costume se fosse meter no pagode, & lhe deixasse ho reyno: & em lhe mãdado este recado foyse meter cõ algũa gente de guerra que tinha jũta na ilha de Vaypi, & fezse forte em hũ pagode q̃ hi esta, dõde tornou a mãdar a el rey d Cochĩ ho mesmo recado por algũas vezes de q̃ el rey estaua muyto agastado, & mandou ho dizer ao feytor, & al cayde mór, & assiaos outros officiaes, q̃ derão cõta de tudo a Bastião de miranda, & a Nuno vaz de castelo bráco, q̃ praticando sobre o q̃ farião naquele negocio, determinarão de per todos os modos que podessẽ toruar que ho principe nã fosse rey de Cochĩ nẽ entrasse nele, & sobriũo ho matarẽ por quanto lhe não prẽcia ho reyno, & tinha pddo ho dreyto dele por q̃ fora tredo a el rey, cujo sucessor era e ajudar cõtre le a elrey de Calicut quãdo destruyo & queymou Cochĩ, matando primeyro a tres herdeiros do reyno: & a fora isso se ele fosse rey pola amizade que tinha cõ el rey de Calicut ho auia dajudar & fauorecer cõtra os nossos, & assi ho disserão a el rey de Cochĩ, q̃ folgou muyto coisso, & ho mãdarão tamẽ dizer da ppria maneyra ao prícipe, q̃ não deu nada por suas ameaças, mas tinha jũta

sua gẽte, & trabalhaua q̃nto podia por entrar em Cochĩ. O que sabido pelos nossos, dterminarã de goardar os rios por õde ele podia ir. E forão a esta goarda Nuno vaz de castelo branco, & Bastião de miranda ensenhos bateys armados dardelharia, & bẽ fornidos de gẽte darmas, & corrião aqueles rios de noyte & de dia. E vẽdo el rey de Cochĩ como ho principe insistia tanto e auer ho reyno, & sabia q̃ por seus costumes ho deuia dauar se hũa vez entraua nas suas casas, por q̃ logo ele & os seus regedores, & vedores da fazẽda lhe auião dobedecer por rey, mandoulhe comer pelo Caymal de Palurte seu vedor da fazẽda, q̃ ele lhe daria rẽda cõ que se manteuẽsse hõradamẽte õde quisesse tirãdo Cochĩ, & q̃ desistisse d pedir ho reyno: & ho prícipe não qs,ãtes lhe mãdou dizer q̃ lhe despejasse as suas casas, & lhe deixasse ho reyno q̃ era seu de dreyto segũdo seu costume. E coesta reposta ficou el rey muyto triste, & logo despejou as casas & se mudou pa outras. O q̃ sabido pelos nossos se forã logo a ele Nuno vaz, Bastião de miranda, & Diogo pereyra q̃ era escriuão da feytoria, q̃ se chamaua ho malabar dal cunha, que sabia muyto bẽ a lingua: & q̃ndo chegarão a el rey de Cochĩ acharão q̃ estaua coe el rey da pimẽta cõ muytos frecheiros & adargados. E el rey quãdo os vio mostrou coeles muyto prazer & lhe fez muy alegre recebimento, & lhes deu conta do q̃ ho prícipe respondera a seu recado, & como ho estaua cõtando ao rey da pimenta: então lhe disse Diogo pereyra q̃ por essa causa vinhão ali. E lhe dizião da parte del rey de Portugal, & do seu gouernador da India q̃ ele se tornasse pa suas casas, & as não deixasse, nẽ fizesse

côta q em Cochí auia dauar outro rey senão ele, & os q decêdessem dele por dreyto: por q pera isso era ele rey por elrey de Portugal, & coroado por ele. E q ho tirano q queria vsurpar ho rey no, nã tinha dreyto nele polas rezões q lhe ja derão, & por isso jurauão por seus juramêtos verdadeiros q ho auião de matar onde quer q podessem. Ao q elrey respõdeo q ho tomassem viuose podessem, & ho não matastem: & ho mais lhes agardeceo muyto, & lhes ofreceo gête se a quisessem pa os ajudar. E vêdo elrey da pimêta esta amizade dos nossos com elrey de Cochí, cõfirmou de todo a q tinha coele, & lhe deu obediência de seu vassalo cõ juramento de ho ser sempre, & isto por amor dos nossos: & de tudo se fez hũa escriptura que assinou. Isto feyto tornaranse Bastião de miranda & Nuno vaz a goardar os rios: e ao outro dia pola manhaã ficou Nuno vaz ôde se chama ho peso & Bastião de mirãda foy da outra bãda do rio de Crãganor. E estando ali Nuno vaz vio vir contrele hũ tõe grãde cõ hũ sombreyro aleuãtado: & cuydãdo que fosse ho prícipe, foy logo cõtra ho tõe, & por força fez q se deteu esse, & soube que hia nele hũ seño de Paliporto: que visto por hũ Chrião da terra que hia cõ Nuno vaz pera conhecer ho prícipe, lhe disse que era aquele seño, & ouuera ho Nuno vaz de matar, se não fora por hũ dos seus remeiros, que affirmou nã ser aquele ho prícipe, se nã hũ seño de Paliporto. E Nuno vaz ho deixou ir, sabêdo primeyro dele como ho prícipe ficaua no pagode de Vaypicõ tudo prestes pera se ir meter e Cochí, & ficaua coele ho Mangate caymal, & també ho Nambião de Parau que se ficaua embarcãdo

pa ir visitar elrey de Cochím, por ser grande seu amigo: o que cuydou Nuno vaz que seria manha do prícipe pera cõ ho nãbiã meter gête em Cochí pa ho ajudar, & por isso indo na volta de Vaypiõ de topou cõ ho Nãbiã q trazia consigo tres tões de guerra carregados de gête, não ho quis deixar passar cõ aquele aparato, dizêdolhe que a cousa não estaua pa deixarẽ entrar gête estrangeira em Cochí, que se ele quisesse ir acõpanhado de ate trita nayres q ho poderia fazer, & ho Nãbiã não qria, & q sera forçadamẽte passar auãte, ao q lhe Nuno vaz resistio. E nisto ouue tanta detença q foy recado do Nãbiã a elrey de Cochí, q mãdou dizer a Nuno vaz p Candagorã, q Nãbiã era seu amigo, q lhe pedia q ho deixasse passar, do q se Nuno vaz agastou muyto vêdo ho pouco recado que elrey tinha em Cochí a tal tẽpo que alli deixaua entrar nele gête: & disse a Cãdagorã q se elrey queria cõsentir q entrasse e Cochí pera ho despoer do reyno, q ele nẽ os outros nossos ho não auião de cõsentir: & se elrey queria desistir do reyno q eles ho fosterião ate ho mandarẽ dizer ao gouernador que hiria tomar posse dele. E cõtudo Cãdagorã insistiã que deixasse ir ho Nãbiã com toda sua gête: o que Nuno vaz consentio, cõ tãto que Cãdagorã ficasse em arrefes ate ho Nãbiã ir a elrey & tornar. E sabêdo ho prícipe a goarda q estaua no caminho por ôde ele auia dir pa Cochí não quis ir acõselhado dos seus, & tornou se a recolher no pagode, ôde os nossos nã forão por não terẽ gête cõ que podesse pelejar coele e terra: & por isso acordarão q eles & elrey de Cochí escreuesse ao gouernador o q passaua, pedidolhe que acodisse logo, & alli ho fizerão.

Capit.xxix. De como ho governador chegou a Cochim, & ho príncipe a leuantado fugio de Vaypi com seu medo: & de como nenhũ dos capitães q̃ auião dir pera Portugal quise rão ir com ho governador a Goa, & do que dizião contrele.



Abido isto pelo governador, embarcouse logo na nao de Jorge da silueira, & partiose pera Cochim leuando consigo a Gonçalo de siqueyra, & assi todos os outros capitães q̃ auião de ir aquele anno pera Portugal, saluo a Duarte de lemos que ficou com a outra armada da India com todo seu poder & mando, pera q̃ teuesse tudo prestes, & fossem a Goa em ele tornando de Cochĩ. E chegado ho governador a Cochim, ho alcayde mór & os outros lhe derão cõta da afronta em que estaua el rey de Cochĩ por amor do príncipe a leuantado que lhe pedia ho reyno. E o que Nuno vaz & Bastião de miranda tinhamo feyto na goarda de Cochim pera ho príncipe se não meter de posse do reyno, & como estaua no pagode de Vaypi. El rey de Cochim como soube que ho governador era chegado ho foy logo ver, & lhe cõtou ho trabalho em que estaua, pedindolhe estreitamente que ho liurasse dele. E antes que lhe ho governador respondesse, quisera q̃ lhe fizera el rey de Cochĩ duas cousas que importauão muyto ao seruigo del rey seu senhor, & ao proueito de sua fazeda, & a quietação de Cochim: a hũa foy que visto quãtos males os mouros de Cochim cometião contra os nossos consentisse que el rey seu senhor teufesse jurdição sobreles, & com aquilo ele mesmo ficaria mais senhor deles: a ou

tra foy que mandasse aos mercadores de Cochim que dessem na feytoria a pimenta por cobre, & que ho deuia de fazer, pois por causa da nossa feytoria ele tinha dobrada renda que dantes. E dambas se el rey escusou mostrãdo como ho não podia fazer. E por ho governador estar de partida não apertou muyto sobriſso: porem prometeo a el rey de ho liurar da fadiga em q̃ estaua, affirmandolhe que não auia de consentir que outrẽ fosse rey de Cochĩ se não ele, & que ele ho ajudaria, porque assi lho mandaua el rey seu senhor, & não foy necessario fazer ho governador nada contra ho príncipe, por q̃ como ele soube que ho governador era em Cochim se retirou logo pera dentro das terras del rey de Calicut, õde os nossos não podião ir. E sabendo ho governador del rey de Cochim, & del rey da pimenta como auia carga pera as naos da quele anno, & pera as q̃ ficarão do outro, & pera hũa que trouuera Duarte de lemos: tornou a propor em conselho cõ os fidalgos & capitães as causas q̃ auia pera tomar Goa, pa ver o q̃ lhe dizião. E eles disserão o q̃ tinhamo dito, & assi ho assinarão: & ho mesmo tornarão a dizer em outro conselho, que sobriſso ouue. E depois que assinarão seus ditos, disse ho governador que a ele tãbem parecia muyto bem ver se podia tomar Goa, ou ao menos queymarlhe a frota quando a não podesse tomar: & depois de assinar seu parecer disse lhes, Em cousa tão certa como he crer que cada hũ de vossas merces tem tão cuydado do seruigo del rey meu senhor como das suas cousas próprias, & que assi ho farão, parecia escusado lêbrarlhes que ho fação, especialmente vendose tão claramente que lhes lembra,

como parece nos conselhos que me derão tantas vezes que tome Goa, tirado sempre ao fito que toinada seria grande seruiço del rey meu senhor, porque não se tomando perdersehia o que tẽ ganhado na India. Mas quando vejo q̃ este conselho não vem acompanhado do frecimento de suas pessoas, & gente de suas capitãias pera este feyto, parece muyto necessario lembraruos senhores que a gente que eu tenho não he cousa nenhũa pera hũ feyto tão fãçanhoso como este: & porque vos não pareça que falo de graça, eu não tenho mais que mil & duzentos homens, duzentos & cincoẽta das naos de Diogo mendez, setenta da nao de Iorge Nunez de lião, trinta & seys do nauio de Francisco marecos, quarẽta da nao de Duarte de lemos, & cem malabares os outros sam da ordenança da India. Estes como digo he cousa muyto pouca pera cometer hũa cidade, de que agora sahi desbaratado que ha de star apercebida pera se defender da vingança que sabe que auemos de querer tomar, porque este credito temos na India. E se eu for pera isso, & por falta de gente não poder com sua resistencia, perdesseha de todo o que el rey meu senhor tem ganhado na India, com vir a lume a grande armada que hi fazẽ os turcos, e ujas fustas ja não deixauão nauegar as naos de nossos amigos, & por isso eu fuy a Goa & deixei a ida do estreito. E a fora esta armada dos turcos que he tão boa gente de peleja como eu sey, farão logo corpo coela ho poder del rey de Cambaya, ho del rey de Calicut & ho do grão soldão, a que nenhũ nosso podera resistir, os quaes todos estão liados & confederados pera nos deitarem fora da India, & com eu ir a

Goa, de maneyra que cõ ajuda de nosso senhor a tome deffarseha esta liga, porque ho çabayo ficara destroçado, & ho poder do soldão, nẽ ho del rey de Cambaya, nẽ ho del rey de Calicut nã terão onde se ajuntar, nem onde fação corpo, porque não tñhã na India outro lugar mais pprio pera isso q̃ Goa. E pois senhores vedes ho pro & cõtra do seruiço del rey meu senhor, da sua parte vos requeyro, & da minha peço muyto que me ajudeis neste feyto cõ vossas pessoas, & com vossa gente: porque a fora fazerdes o que soys obrigados ao seruiço de S. A. ganhais muyta honra, que sem duuida sera toda vossa porque com vossa ajuda despois da de nosso senhor se fara este feyto tão honrado que mais não pode ser. A esta pratica do gouernador respõdeo logo Gõçalo de siqueyra: dizendo que ele dera sempre de si muyto boa conta nos carregos que lhe forão encomendados, & q̃ ele não fora à India pera pelejar, por isso que não auia dir a Goa. E tambem que as cousas da guerra erão incertas, & muytas vezes sahia ho fim delas bẽ desuiado do que se cuydaua, & se gastaua mais tempo em se fazer hum feyto do que parecia antes que se começasse, & assi poderia ser naquele, & q̃ se gastaria ho tẽpo da partida pera Portugal, & q̃ inuernarião na India ou em Moçambique no q̃ el rey perderia muyto, por isso que não podia ir a Goa. E ho mesmo disserão os outros capitães, não lhes lembrando o que tñhã prometido ao gouernador que irião coele se fosse a Goa, parecendolhes que não fosse: o que lhes ele trouue a memoria, & disselhes q̃ ho feyto de Goa prazendo a nosso senhor se podia acabar ate a entrada de Dezembro, & que ate

a fim dele era ho verdadeyro partir pera Portugal, & que entretanto que eles fossem a Goa ficaria recado ao feytor de Cochim, que com ho alcayde mór lhes carregasse as naos, o que se faria facilmente porque auia carrega em abastança. E desta maneyra em chegando a Cochim da vinda de Goa se partiria logo. Porem como os capitães não desejaão nada a honra do gouernador, & lhes parecia que naquele feyto lha a judariaão a ganhar nũca quiserão ir coe ele por mais que nisso insistio com grãdes requerimẽtos. E vêdo que lhe não aproueitaua nada, determinou de se tornar a Cananor, & encomẽdou a carrega a Gõçalo de siqueyra, que deixou em seu lugar pera que a fizesse cõ Antonio real alcayde moor & feytor de Cochim, & mandoulhes q̃ se carregassem primeyro as naos que ficarão na India do anno passado. E isto ordenado mandou chamar todos os capitães que auiaõ dir pera Portugal, & perate Gonçalo de siqueyra & outros fidalgos lhes disse, Senhores eu vos requeri da parte del rey meu senhor, & pedi muyto por merce da minha que fosseys comigo a Goa por importar tanto a seruiço de. S. A. como me tendes dito: digo uos q̃ me vou embarcar pera ir a Goa com ajuda de nosso senhor, quem me quiser seguir sigame. E logo se foy embarcar na galé de Bastião de mirãda, q̃ ainda não estaua bẽ acabada de concertar, & assi como se embarcou sayo pola barra fora, não indo coele mais q̃ Jorge da silueira na nao botafogo, que lhe ho gouernador deu pera ir a aquele anno pera Portugal, & este quis ir com ho gouernador a Goa, porque vio que auia tempo pera ir & vir. E chegado a Cananor achou Duarte de lemos muy

to fora de ir coele a Goa, como lhe prometera, porque entre tanto que foy a Cochim não faleceo quem andasse a Duarte de lemos com a cabeça ao derredor, & lhe disse que pera que queria ir a Goa ganhar honra pera ho gouernador, que se ele fora capitão moor como era dantes que fora bem ir: mas capitão raso que ho nã deuia de fazer, porque ho gouernador não ho auia de deixar ir da maneyra q̃ lhe tinha prometido, nem auia de fazer cousa algũa por seu cõselho, antes ho auia de abater. E neste conselho foy culpado Ieronimo teixeira, & não abastou mudarẽse Duarte de lemos & outos capitães q̃ estauão e Cananor, mas faziã todos jũtos conselho, contra o que ho gouernador tinha determinado sobre a ida de Goa, dizendo que era impossuiel tornarse por sua fortaleza, & por estar nela grande multidão de gente, & que não seruia de nada tornarse pera o que compria ao seruiço del rey: & posto q̃ a ho gouernador tomasse, que a tornaria a perder como fizera da outra vez, & que eles não querião ficar cercados, & pder a viagem pera Portugal, & zõbauão muyto da q̃la ida, & dizião muyto mal dele: & escarnecião de Diogo mendez de vasconcelos, porque deixaua de ir a Malaca fazer seu proueito, & se hia a perder com ho gouernador, & se fiaua em suas palauras. E tão danada andaua a cousa pera estoruaem q̃ ho gouernador não fosse a Goa, que foy dito ao secretario e segredo p̃ Ieronimo teixeira q̃ disse ao gouernador q̃ diogo mēdez lhe queria fugir pa Malaca cõ os seus capitães. E isto era mētirã, & por tal lho teue ho gouernador q̃ndo ho soube, & dissimulou cõ ho secretario. E vêdo estes q̃ nã podião estoruar

a ida do governador, amotinarão bẽ quinhentos homens dos que auião de ir coele todos sãos, & os melhores da Índia, que quãdo ho governador se ouue embarcar ficarão alapardados, & se forão por esses palmares fingindo que fugião porque ho governador os queria ter na Índia por força.

Capit. xl. De como ho princepe leuãta do quísera tornar a Cochí despois da partida do governador: & como foy desbaratado per Nuno vaz de castelo brãco, & per Lourenço moreno.



Artido ho governador de Cochí, soube o ho prícipe aleuãtado, & a determinação q̃ leuaua de ir a Goa. E vendo ho tẽpo desposto pera auer eteyto fazerse rey de Cochí tornou-se a Vaypico a gente que tinha dantes, & com outra que lhe deu el rey de Calicut. E sabido isto por el rey de Cochim socorreose logo a Gonçalo de siqueyra, pedindolhe ajuda: & ele mandou logo goardar os rios a Nuno vaz de castelo branco, que ficou em Cochí pera mandar acabar de concertar a sua nao, & assiã Lourenço moreno, & a outro, & todos tres forão em bateys armados. E antes que fossem foy descuberto a Gonçalo de siqueyra como ho príncepe tinha doustõnes em hũa enseada cuberta daruoredos, pera se embarcar secretamẽte com hũ seu regedor, pera ao outro dia ante manhaã se ir meter ẽ Cochí. O que sabido por Nuno vaz, Lourenço moreno, & polo outro se deitãrão secretamẽte hũ de hũa parte da enseada onde estaua ho prícipe, & outro da outra, que se não vião os bateys

por estarem debaixo do aruoredos, & ho outro estaua mais afastado, & tinhã antre si seus sinais, & ali esteuerão toda a noyte. E querẽdo amanhecer chegou ho prícipe com sua gente, & ele se embarcou com ho seu regedor cada hum em seu tõe com algũs nayres pera ir mais dissimuladamẽte, & partirão ficando-lhe a outra gente à borda dagoa: E os nossos em ho prícipe emparelhãdo coele fizerão seus sinais, & remeterão aostõnes. E como ho prícipe cuydaua que hia muyto secreto, em os vendo deuse por perdido por quão pouca gente leuaua, & por isso mandou remar pera terra cõtensão de fugir, & tomou terra em hũa grande vasa, por lhe terẽ tomado ho canal, & ali se lançou na vasa onde os nossos não poderão chegar por os seus bateys demandarem mais agoa que os tões: mas a pressa dos inimigos foy tamanha que lhes ficarão os tões que os nossos tomarão, & acharã neles as insinias do prícipe, que erão ho seu sombreiro de pẽ, suas trombetas de marfim, & seus atabales: & assiã hũs panos que se chamão purauas que sã de algodão muyto fino cõ lauores douro. E posto que a gente do prícipe appareceo ẽ terra os nossos não quíserão sayr a eles, porque não podião por amor da vasa, & tornaranse pera a fortaleza, onde foy el rey de Cochí a saber aquelas nouas, que forão parele de muyto contentamento por saber q̃ ficaua seguro no reyno, pois o que ho pretẽdia perdera as insinias que forão dadas a el rey de Cochim pera final de sua vitória. E porque ho prícipe vio quão mal lhe socedera naquela empreza, & por ficarem suas insinias a seu inimigo (que antreles he grande agorro) perdeoa esperança de ser rey, & nã

intentou mais de tornar a Cochim. E vendo Nuno vaz de castelo branco q̃ a sua nao tardaua em se acabar de concertar, & que se chegaua a partida do gouernador pera Goa, quis antes ir coe le que esperar pola nao: & partio se pera Cananor com recado del rey de Cochim, & de Gonçalo de siqueyra sobre o que acontecera ao príncipe leuãrado: com que ho gouernador folgou muyto quando ho soube. E a este tempo estaua ele pera se partir pera Goa, por q̃ tinha auiso de Timoja que ho Hidalcão estaua bem metido pelo sertão da terra firme, porque tinha guerra com el rey de Nartinga sobre Rachol, pelo q̃ l auia de ter leuado muyta parte da gēte q̃ estaua em Goa. E sabēdo q̃ todauia Duarte de lemos não auia de ir coe le a Goa não quis deixar de lhe comprir o que lhe tinha prometido, que era fazelo capitão mōr das naos que ficarão do outro año pera hirem pera Portugal, que erão sete, & deulhe hũa nao pera seu hirmão: & deulhe licença que fosse carregar a Cochim seu ordenado, porque de ho conhecer por assomado não queria q̃ fosse por nã auer lã reuoltas antre le & Gonçalo de siqueyra. E ele lhe deu sua fé de não entēder em Cochi em mais, que em carregar seu ordenado: & com todas estas boas obras, ele & os outros amotinãrão os quinhentos homens q̃ disse.

¶ Capit. xli. De como ho gouernador partio pera a cidade de Goa, & do conselho que ouue sobre a cometer,



Restes ho gouernador pera sua partida, embarcou se com mil & duzētos homens de peleja, os mil & ceto Por

tugueses, & os cento malabares q̃ hião debaixo da capitania dhũ nayre que fora goazil del rey de Cananor, muyto boõ ho mē & efforçado, & grãde seruidor del rey de Portugal. E esta gēte se embarcou em perto de trinta velas antre naos grossas, nauios redondos, carauelas & galēs, cujes capitães a fora ho gouernador forão estes: dō Ieronimo de lima, dom Ioão de lima, Simão dādrade, Fernão perez dandrade, Francisco pereyra coutinho, Manuel de la cerda, Ayres da silua, Garcia de souza, Duarte de melo, Francisco pantoja, Pero da fonsaca de crasto, Bastião de miranda, Antonio de saa, Diogo mēdez de vasconcelos, Gaspar de payua, Baltesar da silua, Pero quaresma, Iorge nunez de lião, Anibal cerniche, Iorge da silueira, Manuel da cunha, Ruy galuão Iorge botelho, Diogo fernãdez de beja, Gaspar cão, Simão martiz & Antonio de matos. E partindo ho gouernador em Nouembro foy ter a Honor & hi soube de Timoja que Goa estaua muyto forte, por q̃ tinha hũa tranqueira daltura de dez palmos, & de duas faces entulhada darea, que começaua onde agora sam as casas Dantonio correa que se chamaua naquele tēpo ho esteiro de Timoja, & acabaua abaixo do cays da cidade em hũ canto do muro que se ali faz, onde estã hum baluarte antes da porta que se agora chama de sancta Caterina, & auia nela muytas estacias dartelharía grossa & miuda, e cuja goarda estauão muytos turcos, & mouros brancos do mar roxo que ho Hidalcão trazia a seu soldo: & daquela tranqueyra pera dentro estauão as naos & fustas dos inimigos, que por todos quantos estauão na cidade serião ate nouemil homens, & ali cōcertou ho gouerna

dor com Tímoja que fosse coele a Goa pera ho ajudar a tomala, & q̃ fosse por terra cō a mais gente que podesse. E sa indo ho gouernador do rio Donor foy a tormêta tamanha que se lhe coçobra rão dous bateys, em que se afogarão algũs homẽs, & perderanſe muytas armas, & daqui foy ter á barra de Goa, onde quíſera auer conſelho ſobre ho modo q̃ teria em cometer a cidade: & foylhe dito por todos os do conſelho q̃ ſe não deteuſſem, & que entraſſem logo pera dentro, & aſſi como viſſem aſſi farião: porque poderia ſer q̃ estaria a cidade doutra maneyra do que dizia Tímoja. Entrado dentro deſpejouſe-lhe logo Pági, & os noiſos que ſayrão em terra tomarão ainda algũs dos inimigos & leuarãnos ao gouernador: & eſtes lhe diſſerão q̃ ho Hidalcão eſtaua na terra firme ſobre a cidade de Rachol, que lhe el rey de Narſinga tinha tomada, & na diſpoſição de Goa, concertarão como o que Tímoja tinha dito. E com tudo ho gouernador mandou a dō Ioão de lima que fosse no ſeu batel ver a cidade, & forão coele dom Chriſtão de lima ſeu hirmão, & hũ capitão da ordenança, & hũ Antonio de moura. E começado dom Ioão de mpa relhar com a trãqueyra, começarão de chouer ſobrele as bōbardadas, & por ſe coſer cō terra ho mais que pode não recebeo delas nenhũ dãno: & fazendo remar muyto riſo foy perlōgãdo pola tranqueyra ate chegar á fortaleza deſfrente dhũ baluarte que eſtaua acima da porta da ribeyra q̃ tinha as bōbardas tapadas, & deſtapandose com a viſta do batel lhe tirarão os inimigos cō a artelharia, & chegou dom Ioão tão perto que os ouuia falar, & aſſi os que eſtauão em terra & pelos muros, q̃ erã

muytos & todos gente limpa ſegundo moſtrauão ſeus atabios. E viſto por dō Ioão muyto bem ao que hia, tornouſe com muyto perigo, & da volta achou dom Ieronimo ſeu hirmão, & outros capitães que hião em bateys pera ho recolher receando que ho meteſſe no fundo a multidão dos pelouros. E indo aſſi todos ouuera hu pelouro dhũa bombarda groſſa de leuar a dom Ieronimo. E eſcapãdo deſte perigo & doutros chegarão ôde ho gouernador eſtaua ſurto acima de Rabandar deſfrente de Banganim, & ali ſe paſſou a nao de Manuel da cunha, porq̃ ſoube q̃ dela melhor que da ſua veria de roſto a trãqueyra da cidade que eſtaua dali muyto perto, & aſſi a gente pelos muros & pelos oyteiros. E tambem eſtauão coele os capitães da frota pera verẽ ho meſmo cō quãto a artelharia da tranqueyra varejaua amiude. E ſabẽdo ho gouernador de dō Ioão de lima o q̃ vira, ouue conſelho cō todos os capitães & fidalgos da frota: em q̃ deſpois de muytos debates, foy aſſentado que por quãto ſe não podia dar cōbate á cidade ſe não domar, donde era impoſſiuel fazerſe couſa que preſtaſſe: era neceſſario tomarſe a tranqueyra, & fazela deſpejar dos inimigos, porque ganhada a ribeyra & a artelharia poderião mais a ſua vontade eſcolher lugar pera ho cōbate antes que os inimigos foſſem ſocorridos: & q̃ ao dia ſeguinte em amanhecendo deſembarcaria ho gouernador com todos os capttães: de q̃ Diogo mendez de vaſconcelos, dō Ieronimo de lima, dom Ioão de lima, Diogo fernandez de beja, Manuel de lacerda, Simão dandrade, Fernão perez dandra de, Antonio rapoſo, Gaſpar de payua, Nuno vaz de caſtelo branco, Manuel

da cunha, Ayres da silua & Gaspar cõ
cõ ate quinhentos homẽs repartidos ẽ
tres escoadrões cometerião juntamẽte
a tranqueyra no meyo & nos cabos, &
hirião assi repartidos, porq̃ tamẽ se
repartissem os que a goardauão ẽ tres
lugares, & teuesse menos força: & nas
costas destes escoadrões hirião algũs
mestres dos nauios com marinheiros,
& bombardeiros que leuarião rocas de
fogo, pera que em os capitães entrãdo
a tranqueyra posessem fogo à frota dos
ĩmigos que estaua varada: & desta gẽ-
te hiriã por capitão Antão vaz ho me-
stre da nao de Diogo mendez por ser
mais antigo que todos os outros. E en-
tre tanto que estes capitães desembar-
cassẽ, ho gouernador cõ os outros cõ
todo ho resto da gẽte soberia por aq̃las
ladeiras onde agora estãõ nossa seõora
do rosayro & sancto Antonio, & se hí-
ria dereyto à cidade pa a porta dos ba-
chares, porque saindo por ali gente pe-
ra acodir à tranqueyra lhe atalhasse, &
se não acodisse, se não pola porta de sã-
ta Caterina fõmente, pera lhe dar nas
costas, porque cometidos os inimigos
por diãte & por detras fossem mais a-
sua desbaratados: & quando não fos-
se necessario pera nenhũa cousa destas
buscaria por onde entrasse na cidade
daquela parte ate ho Mãdouim. E por
que os inimigos não acodissem todos
aa tranqueyra, & se repartissem & te-
uessem menos força, ordenouse que as
gales, & ho nauio de Bastião de mirã-
da com outros que demãdauão pouco
fũdo fossem surgir do cays ate ho Mã-
douim, & tirassem de noyte com a ar-
telheria, porque cuydassẽ os mouros
que naquele lugar auião os nossos de
desembarcar, & acodissem ali & não
fossem tantos na tranqueyra.

Capít. xliij. De como ho gouernador to-
mou a cidade de Goa em dia de sctã
Caterina com grande destroyção
dos inimigos.



Omado este assento, pe-
dirão todos os do cõselho
ao gouernador muyto e-
streitamente que ficasse
nas naos, porq̃ sendo cou-
sa que nosso seõor não quisesse que lhe
acontecesse algũ perigo que ficauão to-
dos perdidos, & se perderia o q̃ el rey
d Portugal tinha na India. E ele respõ-
deo que por nenhũ modo auia de dei-
xar de ir coeles, porque quando lhe acõ-
tecesse o que eles receauão, cada hũ de-
les era pessoa pera ter ho cargo que ele
tinha: & que lhe não reprecassẽ mais
nissõ porque auia dir coeles, & assi ho
fizerão. E tornandose a seus nauios os
que auião de surgir do cays ate ho Mã-
douim ho fizeram com muyto grande
perigo & trabalho, porque não tinham
conto os pelouros q̃ lhe tirarão da trã-
queyra. E furtos os nossos diãte da cida-
de no lugar que digo, dali a pouco ouui-
rão rumor de gente sobre ho muro da
quela parte & crecia de cada vez mais,
pelo que pareceo que os inimigos cuyda-
uão q̃ daquela banda auia de ser ho cõ-
bate, & por issõ acodião ali. E fazẽdose
os nossos prestes pera o que auião de fa-
zer, quãdo foy antemanhaã vinte cico-
de Nouẽbro de mil & q̃nhẽtos & dez
em dia da bẽ aueturada sancta Cateri-
na de monte sinay, embarcouse ho go-
uernador cõ todos os capitães em seus
bateys, & em rõpendo a alua saltou em
terra cõ a bãdeira real, cõ grãde estrõ-
do de trõbetas & gritas: & tomãdo por
aq̃las ladeiras por õde auia de ir, come-
çou de sobir por elas acompanhado de
stes capitães, Francisco pereyra couti,

nho, Pero dafonseca de crasto, Antonio de saa, Balthazar da silua, Pero quaresma, Iorge nunez de lião, Iorge da silueira, Anibal cerniche, Ruygaluão, Iorge botelho, Antonio de matos, Bastião de miranda, & Simão martiz, q̃ todos leuauão a melhor gēte q̃ tinham. E os bombardeyros somente & algũa gente do mar ficauão oulhando polos navios: & ho mesmo fizerão os outros capitães que auião de cometer a tranqueyra, que juntamente desembarcãrão e ho gouernador desembarcãdo, & a cometerão com grãde impeto dō Ieronimo de lima, Manuel de lacerda, Diogo fernandez de beja: & dō Ião de lima no cabo que acabaua no canto do muro da cidade, Diogo mendez de vasconcelos, Gaspar de payua, Nuno vaz de castelo branco, & Gaspar cão no meyo: & no cabo q̃ acabaua no esteiro de Tímoja, Simão dãdrade, Ayres da silua, Fernão perez dandrade, Manuel da cunha & Antonio raposo. E e os nossos desembarcando começa a artelharia dos inimigos a desparar da tranqueyra, & cobrirse tudo de fumo, & soar muyto grande toruadã das bombardadas, que os nossos parecia q̃ não tinham em cõta, assi rōpião por antre os pelouros, que sendo tão bastos não matarão nenhũs deles (o que foy milagre de nosso seõor). E rōpendo os nossos por ãtre tamanhos perigos, chegarão à tranqueyra, a que os inimigos acodirão pela porta de sancta Caterina, & cõ os primeyros acodio ho capitão da cidade, & parou ali, mandando a gente que acodisse a todas as partes, porque em todas a peleja era muy crua: & como os inimigos erão sem conto pera os nossos, resistiãlhe fortemente a entrar e a tranqueyra, principalmēte onde estaua ho

capitão, que aqui era a mōr força da peleja. E tambẽ aqui os inimigos recebião mayor dano de mortos & feridos com seetadas, espingardadas & lançadas. E passada bẽ mea ora que pelejauão, começaram os do escoadrão de dom Ieronimo de sobir a tranqueyra hũs pertroços que tinham arrimados, outros por piques, & entrarão por força por mais que se os inimigos defendião: & ho mesmo começaram logo de fazer os outros escoadrões, mas cõ tudo os inimigos teuerão efforço & tornarão de nouo a pelejar, tão bem que se deteuerão hũ pedaço sem se retirar. E neste espaço e que muytos forão mortos acabarão os nossos de romper a tranqueyra, & entrarão todos, & mesturaranse com os inimigos cada hũ por onde podia, que de muyto feridos (& mortos os que digo) se começaram de retirar pera a porta de sancta Caterina, que os de dētro da cidade tinham mea aberta pera os recolherem, & acertouse que denuolta com algũs que se primeyro quiserão recolher, forão Diogo fernandez de beja, Dinis fernandez de melo, dom Ieronimo de lima, Vasco dafonseca, Antonio vogado Ião lopez daluĩ, Gaspar cão, & outros ate dez. E recolhidos aqueles poucos de inimigos, que os de dentro quiserão fechar a porta por que os nossos não entrassem, chegou Dinis fernandez, & meteo por antre as portas hũa chuça que leuaua & não a deixou fechar, ao que logo acodio Diogo fernandez de beja, & ajudou tambem a Dinis fernãdez, q̃ por mais q̃ os inimigos carregarão de dentro nunca a poderão fechar: & bradando Diogo fernandez, & Dinis fernandez q̃ lhes acodissem, & esteuerão e risco de lhes não poderẽ acodir, por q̃ cõ os muytos

mouros quasi que os nossos não podião romper nem podião ir se não hũ diãte do outro, & estes forão dom Ieronimo & os outros, & hũ trabalhauão por abrir a porta, outros pola defender dos inimigos que estauão de fora & querião entrar. E vendo estes como os nossos defendião não curarão dêtrar por ela, & tirarão ao longo do muro pera a porta dos bachares, & outros se hião pera ho oyteiro de sancto Antonio; & quando os mouros de dentro que trabalhauão por ter os nossos q̃ estauão na porta os virão fugir, & virão que os nossos começauão de recrecer, desesperados de a defender a deixarão: porẽ como homẽs acordados, & que determinauã de se defeder, porq̃ se retirauão cõ os rostos nos nossos, tirandolhe muytas frechadas, porque os mais destes crão frecheiros. E cõ tudo assi como a porta foy aberta etrou logo Dinis fernãdez, que ao entrar foy ferido em hũ braço, de que despois ficou aleijado, & Diogo fernandez de beja, dom Ieronimo de lima, Vasco dafonseca, Antonio vogado, João lopez daluim, Gaspar cã, & outros fidalgos & cauleyros ate dez, & em eles entrando começarão de vir muytas pedradas, frechadas, & azagũchadas que tirauão muytos inimigos q̃ estauão sobre ho muro daquela porta, & tão amiudẽ q̃ parecia que chouião & fazião ter estes nossos que estauão dentro, mas nisto entrou Manuel de la cerda & apos ele dom João de lima, q̃ ao entrar lhe derão tamanha pedrada na cabeça que lha fez incrinar, & ouue raõ de matar se não fora ho capacete; & assi entrarão Mendafonso ho de tãgere, & Ayres da silua que foy ferido de hũa frechada em hũ calcanhar, & isto do muro, & coestes entrarão algũs

de suas capitãias, de que logo foy morto ho meyrinho da nao Dayrẽs da silua & nas costas destes forão Gaspar de payua, Fernão perez dãdrade, Manuel da cunha, Antonio garcẽs & outros, que serião ate trinta, que cõ Ieronimo de lima & com os outros se fizerão em hũ corpo & derão nos inimigos tão brauamente que os fizerão retirar, porem com muyto concerto, & retirauanse espalhados, hũs pera as casas do çabayo indo por onde agora he a orte de sam Francisco, outros pera a porta da cidade ao longo do lanço do muro que vay desta porta de sancta Gaterina para ella, & outros ao longo do muro que vay da mesma porta pera a da ribeyra. E vendo isto os nossos espalharan se tambẽ apos eles seguin do cada hũ ho capitão que conhecia, porque ja a ordem das capitãias era peruertida, & seguião pelos mesmos lugares por onde hião os mouros. E indo dom Ieronimo ao longo do muro pera a porta da cidade com outros capitães adiantouse deles, & desuiouse cõ Gaspar cã, Mendafonso, Antonio vogado, Vasco dafonseca, João lopez daluim & outros ate quize apos os mouros que hião fugindo pera as casas do çabayo, & sobião per hũa la deira que se fazia õde agora esta a orte do mosteiro de sam Francisco, onde a este tẽpo estaua hũ tanq̃ & duas aruores, & mais acima õde agora he ho dormitorio deste mosteiro, se fazia hum muro que corria dali ate as casas do çabayo, de modo q̃ cercaua ho terreiro, que agora he da see, & destas casas que ficaua tão alto sobre aq̃la parte por onde hia dom Ieronimo, que sobião a ele per hũa grãde escada de pedra, & por isso era a cidade ali muyto forte. E ido dom Ieronimo cõ os que digo apos os

inimigos vinhão já outros de refresco acodir a estes, & aos que fugião pelas outras partes, & derão de roldão sobre dom Ieronimo & os de sua cõpanhia junto do tanque que digo: & foy aquí hũa muyto braua peleja, & bem pera espantar: porque sendo os inimigos tantos, que auia bem trinta pera cada hũ dos nossos, elestinhão a barba em teso como homẽs que se não lembrãõ da morte, com quanto todos estauão muyto feridos, principalmente Vasco da fonsca que cayo morto, & dom Ieronimo que de se lhe ir muyto sangue, & se rem as feridas mortais cayo desfmayado: & como ele estaua por escudo dos seus retiraranse em ele caíndo, & tambem porque ho peso dos inimigos foy tamanho que ho não poderão softer. com quanto aquí já pelejauão Ayres da silua, & outros algũs que acodirão. & começando os nossos de se retirar Menda fonsco de tangere que era muyto efforçado bradou, dizendo volta a eles, & Ayres da silua que estaua pegado coele, lhe disse que da boca lho tirara, & bradou q̃ fizelhem volta: & eles ambos forão os primeyros que voltarã & os outros os seguirão, & apertarão com os inimigos tão de verdade, ferindo os, & matando os que os fizerão retirar ate ho pé da escada que digo indo apos eles, & dom Ieronimo ficou desabafado, & como aquí a reuolta fosse muy grande, allí pola peleja como pola grita dos inimigos, que cuydauão q̃ lhe não auião os nossos descapar, acodirão hi esses capitães que entrarão primeyro: & dos primeyros q̃ chegarão onde estaua dõ Ieronimo ainda viuo, forão dom Ioão seu hirmão, Gaspar de payua & outros. E dom Ioão se quizer deter coele pelo allí ver tão ferido

& fraco: & ele lhe disse q̃ nã se detenesse, & fosse acodir aos nossos que pelejauão, & ele ho fez leuando as lagrimas nos olhos com magoa de ver como dõ Ieronimo ficaua, que acabou logo seus dias. E passando dom Ioão auante foy ajudar aos nossos, dantre os quaes sayo hũa voz que lhe disse. A senhor dom Ioão q̃ esta he a de Calicut, & isto por que se vião tão poucos antre tantos inimigos: & disse dom Ioão que não seria se não vitoria que lhe nosso senhor daria. E a este tempo começarão de recrecer muytos dos nossos, porque os mais dos capitães que cometerão a trãqueyra erão entrados na cidade, & entrou coeles Diogo mendez de vasconcelos, fazendo tocar as trombetas pera efforçar os nossos q̃ estauão em muyto grande trabalho, por serẽ todos tão poucos pera tamanha multidão d'inimigos como auia na cidade, & Diogo mendez tomou pera a porta da ribeyra por onde vinha hũ grande corpo d'inimigos, & antreles algũs de caualo: & Diogo mendez com os que hião coele, deu nelles com tão grande furia que os fez retirar pera a porta da ribeyra ficando muytos mortos, & ido muytos feridos. E se despois de nosso seõor Diogo mendez não acodira a este tempo, & não fizera retirar os inimigos, ouueran se os nossos de ver em grande afronta & perigo segundo os mouros recrecerão pera os tomarem antreles, & os que defendião ho pé da escada, & matarẽnos a todos porque viã quão poucos entrãuão dos nossos de fora pera os ajudar: & cõ a fugida destes os que defendião ho pé da escada começarão da froxar, & retirar se por ela acima pera as casas do çabayo, & porem cõ grande tẽto: & a barafunda era muy grande, allí do arroy

do da gente, como da braueza das frechadas, pedradas, & zagunchadas que os inimigos tirauão indo se retirando porque não fossem os nossos apos eles como hião com quanto forão aqui feridos quasi todos: & Manuel de lacerda foy ferido na maçaã dhũa face com hũa frecha, de que ho ferro lhe entrou todo na carne, mas nê por isso deixou de ir com os outros ate cobrarem encima ho terreyro, onde forão ter coeles Fernão perez dandrade que hia ferido & Manuel da cunha, que com algũs dos nossos hião socorrer a dom Ieronimo (que virão dali decima onde ja andauão quando cayo) & despois de serẽ encima no terreyro, vêdo os inimigos quão poucos erão, & que lhes nã hião mais nas costas, remeterão a eles com hum geyto de homẽs que auião vergonha de fugirem de tão poucos: & como os nossos ho erão não podendo sofrer ho peso de tamanho corpo como fazião os inimigos retirarãse pera hũs degraos que estão a modo de theatro ao longo das casas do çabayo: & os inimigos com quanto erão tantos & affõ, brauão muyto aos nossos não se chegauão a eles, como que se lhes punha diante algũa cousa de q̃ auião medo. E despois se soube q̃ vião hũ homẽ muyto grãde de corpo armado dar mas brãcas de q̃ auião tamanho medo que não ousauão de chegar aos nossos: & creose que este homem era ho apostolo Sanctiãgo, em que ho gouernador tinha muyta deuacão & era caualeyro da sua ordem. E não ousarem os inimigos de se chegar aos nossos, lhes deu tamanha ousadia que tornarão sobreles, & derribarão morto hum de caualo que era abexim: & ho caualo deste foy tomado per hum criado de Manuel de lacerda,

a quem ho deu, que logo caualgou nele trazendo ainda metido na face hũ troço da frecha que ho ferio, & remeteo aos inimigos de caualo, que serião ate oyto, & andauão diante dos de pee, & com a lança derribou algũs. E coisto & com Diogo mendez chegar ao terreyro desbaratarãse os inimigos de todo & fugirão sem ordem hũs pela banda do Mandouim & dali ate a porta dos bachares lançando se por cima do muroos que não podião sayr pela porta, & antrestes foy dos primeyros ho capitão da cidade, & os nossos os seguião, não dando vida a ninguém, não somente dos mouros mas dos gentios de qual quer genero & idade que fossem, porq̃ affi ho tinhão jurado por mandado do gouernador, por amor da treycão que fizerão. E despejandose affi a cerca & fortaleza, vinha ho gouernador cõtra a cidade, & sem a ver nem saber o que hia neia, se não ouuindo ho estrondo da artelharia, & despois a grita da gente, mandou saber por Simão martiz o que hia na cidade. E chegando ele aa porta de sancta Caterina achou algũs dos nossos que sayão a dar a noua ao gouernador, que despois de despedido Simão martiz tirou a diante, & chegando quasi aa rua dos bachares achou os mouros que fugião da cerca & da tranqueyra, & affi outros & deu neles, & porque se defenderão se deteu ele todo aquele espaço que os nossos esteuerão em perigo sem lhes poder acodir, & os nossos pelejarão tambem que pôserão os inimigos em desbarato & os fizerão fugir. E nisto foy dito ao gouernador o que hia na cidade, & querẽdo entrar pola porta dos bachares achouha fechada, porque quando os mouros se despejauão algũs deles se a-

juntarão & tornarão a entrar, & resistiram-lhe dō João de lima & Manuel de lacerda com outros, tão riço que os tornarão a deitar fora, & por q̃ outros não fizellẽ ho mesmo fecharão as portas. E abertas entrou ho governador na cidade com grande arroydo de trôbetas por q̃ se ajuntassem os nossos. E entrando na cidade dando muytas graças a nosso senhor por tamanha merce como lhe fizera, que quatroçêtos ou quinhentos homens forão os que a tomarã a noue mil turcos, coracones & outra gente branca do mar roxo toda boa gente de peleja; & ele êtrado na cidade, foy ela despejada de todo dos inimigos, apos quem os nossos quizerão ir, mas ho governador não quis, dizendo q̃ eles estuão muyto cansados, & que se os inimigos voltaassem sobreles q̃ se virião em grande perigo, & poderião perder o q̃ tinhão ganhado, que despois de descãfados ho farião se os inimigos não quisessem despejar a ilha; & então se apoderou da cidade, & mandou trazer os feridos, antre os quaes forão Simão dandrade, que ho trouuerão muyto ferido da tranqueyra que là ficou, & allí forão feridos Manuel de lacerda & dō João de lima, a que ho governador beijou nas faces & os abraçou, dizendo, Filhos que não sey que vos faça, se não q̃ romperey as vestiduras diante del rey por q̃ vos faça merce, q̃ vos hōrrastes a vos & ami. E allí forão feridos outros muytos capitães & fidalgos, que chegarão q̃ lã trezentos, & morrerião trita pouco mais ou menos: dos quaes forão dō Ieronimo de lima, Vasco dasõseca, Antonio vogado, & Antonio garcês, q̃ primeyro q̃ morressem matarão muytos mouros, de que nesta tomada morrerião pto de quatro mil almas. E des-

pois de tomada a cidade, armou ho governador muytos caualeyros, & hũ deles foy Manuel da cunha, cujo padrinho foy Fernão perez dádrade, & ambos de dous fizeram aq̃le dia tão boas cousas, q̃ merecerão muyto bẽ ho nome de caualeyros, & não sōmente eles mas quantos se acharão naquele feyto, q̃ se começou em tōpendo a alua, & se acabou às dez horas do dia, que foy como disse da bẽ auenturada sancta Caterina, a cuja honrra & memoria esta porta por onde os nossos entrarão se chamou dali por diãte de sancta Caterina, como agora se chama.

Capit. xliij. Do grande & rico despojo que foy achado em Goa, & do mais que ho governador fez.



Mandados pelo governador os caualeyros q̃ disse, mandou dar fogo ao arrabalde, poloter allí jurado por a treycão q̃ lhe fizerã os canarins q̃ morauão nele quando receberão os mouros da outra vez q̃ se lhe deu a cidade; & ho arrabalde foy todo queymado & arrasado, & ho mesmo ouuera de ser na cerca se ho governador não teuera necessidade dela pagalhado dos seus. E também mandou arrasar o arrabalde, por q̃ se os mouros fossem sobrele q̃ não teuessem lugar e que assentassem estácia pera lhe darẽ bateria como da outra vez. Feyto isto ordenou suas estancias dardelharia cõ capitães pelos muros, & baluartes da cidade pera goarda dela; & ho mesmo fez nas naos dos rumes, de q̃ algũas achou acabadas, & allí galeotas & fustas; & a fora esta fazenda q̃ se tomou forra pera el rey de Portugal, se achou

dentro na cidade muyta artelharía, & muytas armas & munições, & grande soma de diuersos generos de bõs mâtímetros. E assi foy achado muyto marfi & lacre, mercadorias de grãde preço e toda a India, & duzentos & cincoenta quitais de cobre, q̃tambẽ valião muyto, & a fora esta riquiza & outra muyta de muyta diuersidade que se repartio antre elrey & as partes, q̃ todos ficarão ricos: se tomarão catiuos pera elrey q̃ renderão de resgate mais de vinte mil cruzados. E recolhido o gouernador à fortaleza õde auia de pouisar, foy logo a ele Crisnã pedir seguro pera os bramenes & gẽte da ilha, & assi pera os q̃ fugirão da cidade cõ medo dos nossos: & ho gouernador lho deu pa todos, saluo pera os mouros ou neyteãs, nẽ pera nenhũs desta casta, porq̃ determinaua de os destruyr & desarreigar de Goa. E q̃ndo Crisnã foy pedir este seguro leuou ao gouernador os liuros dos redímetros da alfandega de Goa & suas tanadarias, & assi os em q̃ estauão os gastos da armada dos rumes, & os nomes dos reys & señores, & grandes mercadores q̃ dauão ajuda parela, & erão elrey de Calicut, elrey d̃ Cananor, elrey de Cambaya, muytos señores do mesmo reyno & do Balagate, & algũs mouros mercadores de Cochĩ, & hũ de Cananor chamado Mamele, q̃ da soma q̃ tinha pmetida ficaua aida deuẽdo hũ resto, & assi os d̃ Cochĩ, & por isso depois ho gouernador lho mādou pedir, pera q̃ soubessem q̃ sabia suas royndades & pouca lealdade. E sabẽdo os mouros & neyteãs de Goa a exceição q̃ ho gouernador fizera no seguro, não quiserão esperar ho effeyto de sua determinação, & em tres dias se despejãrão da ilha, & os gẽtios ficarão. E sabendo

ho gouernador aida dos mouros, mādou logo a esses passos dela homẽs baixos, que forão degradados de Portugal dous a cada passo cada hũ cõ cẽ piães canaris, & mādoulhes q̃ seguissem ho alcão aos inimigos que fugião, & q̃ não dessẽ vida aos q̃ tomassem: & não quis mandar a isto outros homẽs, porq̃ perdẽdofe perdiaffe muyto, & nestoutros não. E cõ quanto aqueles erão de baixa forte, & degradados, lêbrandolhe que erão Portugueses, cõpirão tambẽ o q̃ lhes ho gouernador mādou q̃ matarã na terra, & fizerã afogar nos rios mouros & mouras sem cõto, & catiuarão algũas aluas & de boõ parecer q̃ leuarão ao gouernador, q̃ ele despois cõ ajuda d̃ nosso señor fez tornar Christãas & as casou em Goa: & estes homẽs q̃ assi forão correr aos mouros, mandou ho gouernador tomar posse das tanadarias da terra firme: & assi ho fizerão, & entretãto pueo eleas da ilha de Goa pera q̃ esteuelli a recado. E por ho seguro q̃ tinha dado aos gẽtios, lhe não quis bolir em suas fazẽdas, sõmente q̃ pagassem ho tributo q̃ pagauão ao Hdalcão: & as dos mouros & Neyteãs tomou pera repartir pelos Portugueses, q̃ esperaua de casar em Goa, porq̃ cõ ajuda de Deos todo poderoso determinaua de fazer ali corpo de gẽte pera poder sostetar a India: to q̃ se podia fazer muyto bẽ por esta terra ser ppria delrey de Portugal, & não emprestada como Cochĩ & Cananor, & muyto abastada de mâtímetros, s. trigo, arroz, carnes, & outros muytos q̃ lhe hião da terra firme, como ja disse. E por esta causa determinou de a fazer muyto forte, & pera a deixar assi se fosse fora da India, como esperaua: & por q̃ pera isso tinha necessidade de gẽte, fez cõ Diogo

mendez que ho ajudasse cō a sua, & q̃ partiria pera Malaca na moução grande q̃ era em Março: por q̃ pera ho auia mento de sua partida pera Portugal, não montaua ir mais em hũa moução que em outra, pois auia desperar na Índia a cō que partisse pera Portugal, & que em satisfação do seruiço que faria a elrey seu señor em dilatar sua partida pera Malaca, ele ho ajudaria como lhe tinha pmetido, & mandaria logo hũ feytor a Cananor pera que entretanto lhe fizesse prestes as cousas necessarias pera sua viagem. E isto lhe disse ho governador perante algũs fidalgos, pe dindolhe q̃ ho quisesse fazer. E vendo Diogo mēdez camanho seruiço fazia naquilo a elrey, cōcedeo a dilação de sua partida, & ajuda pera fazer a fortaleza: & a mesma ajuda cōcedeo també Jorge Nunez de lião, prometendo ao governador de se não ir de Goa cō sua gente ate não ser tempo de sua partida pera Portugal. E ho governador despedio logo pera Cananor ho feytor pera as cousas de Diogo mendez, em cōpanhia de Manuel da cunha, a que deu a capitania de Cananor q̃ vagaua por q̃ Rodrigo rabelo que estaua nela por capitão, auia dir pa a de Goa, por ter hũa prouisão pera lhe ser dada hũa que elrey mandaua fazer em Baticala ou outra qualquer que se fizesse. E chegado Manuel da cunha a Cananor achou ainda hi a Duarte de lemos & os outros capitães que não quiserão ir cō ho governador ao feyto de Goa escusandose com a partida de Portugal, & quando souberão quão bem socedera: & como ho governador ficaua pesoulhes a todos muyto de suceder tambem, por q̃ ficarão mentirofos no que quiserão a diuinhar que aquele feyto auia de suce-

der mal, & com inueja de tanta honrra quanta se nele ganhou, dizião q̃ ho governador fizera mal de tomar Goa por q̃ a não auia de poder foster, & q̃ lha auia de tornar a tomar como da outra vez, & q̃ era cousa de q̃ elrey não auia dauar nenhũ pucito, se não perda: não lhe lêbrando q̃ assinarão cico cōselhos em q̃ acordarão que sem se tomar Goa não se podia foster a Índia, & dizião muyto mal do governador, assacando, lhe muytos falsos testemunhos se lho merecer, por q̃ a todos tinha feytas boas obras: & sobre tudo muyto amigo do seruiço de Deos & delrey.

Capit. xliiij. De como ho governador começou de fazer a fortaleza & cerca de Goa, & do q̃ fizeram Fernão perez dandrade & Jorge botelho.



Chegado Manuel da cunha a Cananor, etregoulhe Rodrigo rabelo a fortaleza, & partiõse logo pa Goa onde achou ho governador trabalhando na fortaleza q̃ fazia muyto forte: & era ho mestre daq̃la obra Thomas fernādez de q̃ faley no liuro segundo, & a pedra parela se ouue de muytos & muy bõs edificios de cá tolaurado q̃ auia ao derador da cidade, & por toda a ilha, que por nã seruirẽ aos nossos, & assi pola necessidade que ho governador tinha os mādou desfazer pa fazer a fortaleza & cerca. E todas estas obras forão repartidas pelos capitães q̃ cō a gēte de suas capitāias trabalhauão nelas a q̃rtos, assi altos como baixos, & hũs erão cauouqueyros, outros fazião cal, & outros erão pedreyros, & quanto mais honrrados & fidalgos, tanto melhor trabalhauão & se prezauão do officio que lhe era dada polo governador: & ho desejo de ho fazerem lho fazia saber

sem ho nũca aprēderem:& não sòmēte tinham os nōssos trabalho na fortaleza, mastambem na ribeyra, trabalhādo em acabar a armada dos inimigos & deitala ao mar, porque se tornassem que não ficasse a armada em terra como da outra vez. E a gente da terra se espantaua do muyto grande trabalho que tinham:& tambem ajudauão a trabalhar em tudo:& as despesas que se gastauão nestas obras não custauão nada a el rey, porque todas se pagauão com ho grande despojo que se tomou na cidade de que lhe veo muyta parte, antes cō pagar se alli a gente do seu soldo, & mantimēto se poupaua pera del rey ho dinheiro em que se lhe ouuera de pagar, & isto foy alli & nã como depois algũs quizerão dizer, cuydando q̃ danauão ao governador q̃ fizera mal de tomar Goa, porque auia mais de custar a fazer & a manter do que ela rendia. E isto por lhe auorrecher ho trabalho que leuauão em fazer a fortaleza, que logo pola primeyra com ho aluorço que tinham lhe não pareceo nada:& depois que ho esprementarão, & virã que a gente adoecia coele, então lhes pareceo mal a tomada de Goa, & peor fazer se a fortaleza:& coisto dizião do gouernador mil males, que posto que ho sabia dissimulaua, fazēdo a todos muytos fauores, assi com obras como com palauras, & porque naquele tempo era a moução da vinda das naos Dormuz a Goa pera trazerem caualos, & quicã que não virião por saberē que era dos nōssos, no que se perderia muyto, mandou a Fernão perez q̃ fosse no seu nauio correr a costa do Balagate ate Chaul, mandandolhe q̃ quantas naos achasse, alli com caualos como com mantimentos, que a todos desse seguro em

seu nome & as fizesse arribar a Goa, & trabalhasse por saber nouas Dormuz & do mar roxo se auia rumes, ou se esperaua que fossem à India:& lhe mandasse logo as nouas como as soubesse, & mādou por seus capitães pera seguirem sua bandeira, Pero dafonseca de crasto & Antonio de saa. E partido Fernão perez coeste regimento foy ter ao porto de Dabul, dando caça a hũa nao de mouros Dormuz que leuaua caualos, & os mouros não dizião que erão de lá:& metidos no porto vararão a nao em terra, & saluaran se em duas atalayas. O que visto por Fernão perez, & que não podia tomar a nao, mandou dizer ao tanadar de Dabul, q̃ lhe mandasse logo toda a fazenda daquela nao, se não que não sayria do porto nenhũa vela que a não tomasse. E ho tanadar não sòmēte mandou reposta, mas em surgindo tiraranlhe com algũs tiros dardelharia dhũ baluarte q̃ estaua na entrada da barra, & por isso Fernão perez desembarcou com sua gente & ho tomou por força sē receber nenhũ dano, & depois ho mandou derribar, & recolher os tiros que tinha. E feyto isto tornou se ao mar, onde andou ate março:& entretãto que Fernão perez isto fazia, Iorge botelho & Simão Afonso bisigudo partirão por mandado do gouernador em duas naos pera andarem dar mada sobre ho porto de Calicut, alli pera tomarem hũa galé que ho gouernador sabia que auia de levar pilotos ao mar roxo, pera que trouessem rumes a India que dizião que estauão pera hirem, & pera que toruassem que de Calicut não fosse nenhũa nao a Meca, & andarão ābos ali quatro meses sem sayr a galé, nē menos sayo nao nenhũa. E andado ali foy ter cō Iorge

botelho hũa nao grande que trazia muyta gente branca com que pelejou, & morrerão na peleja algũs dos nossos, & a nao foy espedaçada das nossas bombardadas que quanto hia nela se perdeu, saluo algũs fardos de roupa, & cento & vinte mil cruzados em hũ cesto: & assi se estorou que não fosse nenhũa nao de Calicut ao mar roxo. E coestas presas & outras que os nossos fazião se pagaua ho soldo, & mantimẽto à gente que ho governador trazia.

Capit. xlv. Do q̃ Duarte de lemos fez em Cochim, & do que Francisco de saa & Manuel da cunha fizerão em Cananor.



Vendo tãbẽ oyto dias ou dez q̃ Goa era tomada, despachou ho governador a Nuno vaz de castelo branco pera q̃ fosse a Cochia cabar de cõcertar a sua nao que lá ficara, & acabada a carregasse de especieria, & se tornasse a Goa pera ir coele ao mar roxo, onde esperaua dir, & deu lhe hũa carta pera el rey de Cochĩ, em que lhe escreuia ho feyto de Goa, & pedia que desse auimento à carga das naos com breuidade. E escreueo ao feytor q̃ fizesse acabar de cõcertar algũs nauos dar armada q̃ estauão em Cochĩ & lhos mandasse logo. E chegado Nuno vaz a Cochim, foy dar a carta do gouernador a el rey, cõ que estauão muytos mouros mercadores deesses principais que ja tinhão noua da tomada de Goa, mas não muyto certa, & pesaua lhes muyto. E el rey de Cochim folgou muyto douuir a tomada de Goa q̃ lhe

Nuno vaz contou: & ainda q̃ Mamale macar & Chirinamacar hirmãos mouros ho ouuirão, com ho pesar que dillo tinhão como homens desacordados perguntarão a Nuno vaz se era verdade o que dizia: & ele lhe disse que si, & q̃ era ainda muyto mais do que tinha dito: & Mamale que era ho mais velho meteo ho dedo na boca despantado (que assi fazẽ quando se spantão muyto) & disse. Agora acabou ho gouernador de dar volta à chaue da India é fauor de seu rey. E andando Nuno vaz occupado no corregimento da sua nao, mandoulhe ho gouernador hũ regimento, em que lhe mandaua que das moças q̃ tomara em Goa a primeyra vez, que estauão em Cochĩ como disse, tomasse vinte quatro que logo hião nomeadas, & as repartisse por tres capitães dos que auião dir pera ho reyno, q̃ erã Gonçalo de siqueyra, Garcia de souza, & loão nunez pera as leuarem de sua parte à raynha, & que as outras mãdas se vender em pregão & a recadaisse ho dinheiro como q̃ drilheiro mór q̃ era, & Nuno vaz ho fez assi. E estas moças mandaua ho gouernador à raynha pera seu seruico por serem nobres & fermosas & aster por virgẽs: perem neste tempo se soube que Duarte de lemos sendo elas mouras peccaua carnalmente com hũa delas, & assi outros cõ outras. E isto se soube, porque indo hũ dia Nuno vaz a velas pera lhes dar de vestir, sobindo pela escada sentio que bulia hũ degrao, & por q̃ lhe pareceo mal & a escada ser escura mandou trazer hũa tocha com que vio que ho degrao estaua fendido, & encerado por cima da fenda por se não enxergar: & parecendolhe aquilo algum misterio por q̃ Duarte de lemos poufaua, e hũa

hũa casa pegada com a torre em que estauão as moças, quis saber a causa da fenda daquele degrao, & encerramento dela: & pera isso mandou acontar hũa moura velha que tinha cargo de seruir algũas daquelas moças, que confessou antes de a acontarem, q Duarte de lemos despregara aq̃le degrao, & por ele tiraua de noyte a moça que queria, & assi outros dous que tam bem tirauão as que querião, & as tinhã de noyte e suas camas, & antemanhaã as tornauão: & isto por hũa casa a que hião ter da em que poufauão per hũa tauoa que tirauão dhũ repartimento q̃ as repartia, & a mesma confissãm fizeram outras molheres. O que Nuno vaz escreueo ao governador a Goa: & assi de hũ grande aluoroço que Duarte de lemos fizera e Cochisobre a carregação da sua nao, porque querêdo ho feytor carregar primeyro as naos que ficarão do anno passado, como tinha por regimento do governador. Sabêdo ho Duarte de lemos foyse ao peso ôde pefauão a pimeta leuando cõigo seu hir mão, & os capitães da sua capitania, & assi outros homẽs, & disse ao alcayde mór & ao feytor que hi estauão que se não auia de dar carga a outrẽ primeyro que a ele, & quando lha não quisessem dar primeyro q̃ a tomaria às cutiladas. E respondêdo lhe ho feytor mansamente que auia de comprir o que lhe ho governador mandaua; ele muyto menecorio começou de dizer que não tinha de ver com ho governador, nẽ ele podia mandar na sua carga. E por aquí começou de se soltar em muytas palauras soberbas & mal insinadas, assi contra ho governador como contra ho feytor, & contra ho alcayde mór, & quasi q̃ ouue arrancar das espadas, & se não acodira

Gonçalo de siqueyra ouuera de ser hũ muyto mau recado, & ho alcayde mór sayo dali quasi arrepelado, & cõ a loba rasgada. E com tudo as naos que ho governador mãdaua se carregarão primeyro: do que Duarte de lemos ficou muyto menencorio, & tão brauo q̃ não podia ninguem coele, & sobre hũs serradores que serrauão madeira pera ho corregimento da nao de Nuno vaz q̃ ele quisesa tomar, ouue tamẽ mãs palauras com ho alcayde mór, que lhe tolheo que os não tomasse, & jurou que a largaria as escoras aa nao pera que se fizesse em pedaços. E sobre ho mesmo caso ouue tamẽ rezões cõ Nuno vaz, & lhe disse q̃ lhe daria cõ a nao à costa. Porem não ouue os serradores, nẽ deu com a nao aa costa: & tudo isto com ho das moças escreuia Nuno vaz ao governador, & assi ho alcayde mór & feytor: & auisos de cousas de Calicut que erão necessario q̃ ho governador soubesse. E indo ter estas cartas a Cananor, forã tomadas per Frãisco de saa, & p Manuel da cunha capitão da fortaleza que era seu primo, & abrirannas, & virão o que dizião. E como Francisco de saa era grande amigo de Duarte de lemos auisou ho do que hia nas cartas cõtrele: & não abastou a Francisco de saa & a Manuel da cunha abrirem estas cartas & não as deixarem ir ao governador, se não tomarão tamẽ as que mãdauão ho feytor & alcayde mór ao governador, em que hião cousas que releuaua muyto fabelas ele, pelo que compria ao seruiço del rey de Portugal. E ho mesmo fizeram a outras cartas que ho governador mandaua Cochim: & assi abrirão hũa via de cartas que ho governador mandaua a elrey seu senhor, em que lhe escreuia ho feyto

de Goa, & como Duarte de lemos & os outros capitães não quizerão ir coele tendolhe prometido de ir. E tudo isto Francisco de saa escreueo a Duarte de lemos com que ho fez estar peor com ho governador do q̄ estaua, & dizer dele piores cousas do que dantes dizia, & assios outros todos. Esta via q̄ foy aberra mandou ho governador a Manuel da cunha pera que a desse a Gôçalo de siqueyra q̄ a leuasse, & ele lha não quis dar, & deu a a Francisco de saa, q̄ partio primeyro pa Portugal, q̄ como digoa abrio, & vio os segredos que hiã dentro: & destas eburilhadas se seguiu muyto deseruiço de Deos & del rey, assi em todos estes capitães que hião pera Portugal dizerem muyto mal do governador, & semear em grandes escandolos antrele & a gente da India cõ que lhe leuarão pa Portugal algũa da ordenança dela, de q̄ ho governador tinha muyta necessidade. E indo Gôçalo de siqueyra & Duarte de lemos ter a Moçambi q̄ quando hião pa Portugal, acharão hi hũ Ioão ferrão que hia por capitão de duas naos pera a India: & dize dolhe eles muyto mal do governador polo que escreuia deles a el rey: ele lhes disse q̄ não curassem disso porque el rey estaua muyto bẽ coele, & se auia por muyto bem seruido dele. E isto os abrandou tanto que lhe escreuerão, pedindolhe perdão do passado, & pedindolhe que escreuesse bem deles a el rey & mandarãlhe bem oytenta homẽs q̄ lhe leuauão enganados pera Portugal. E isto soube despois ho governador por Ioão ferrão quãdo foy ter a India.

¶ Capít. lxxvj. De como el rey de Cãbaya mandou ao governador Diogo correa & Francisco pereyra de

berredo, & de como o governador tirou a capitania de Cananor a Manuel da cunha.



O governador que nã sabia nada destas cartas que se tomauã em Cananor, estaua muyto espantado de lhe não responderẽ de Cochim & julgaua mal quẽ ho não fazia atribuindolho a ter pouca lembrança do seruiço del rey, & pouco temor de ho ele castigar por isso: se não quando começou de lhe ir as orelhas o que era que ele não podia crer por a cousa ser tão fea, que se não esperaua dos que a fazião. E estando nesta duuidã de isto ser assi, tirou ho dela Nuno vaz de castelo branco que chegou de Cochim com a sua nao acabada, & carregada de especieria, & lhe contou tudo o que disse. E mandando ho governador pedir a Manuel da cunha a via das cartas que lhe mandara pera dar a Gonçalo de siqueyra, respondeolhe q̄ a dera a Francisco de saa que a leuasse porque a fora partir primeyro que Gonçalo de siqueyra, soubera que estaua Gonçalo de siqueyra tão de vagar (por lhe el rey da pimenta entreter a com q̄ auia de carregar) que lhe parecera melhor dala a Francisco de saa. E estado ho governador confuso sobre o que fãria neste caso, porque sentio muyto o que fizerão Francisco de saa & Manuel da cunha por pjudicar tão ao seruiço del rey & assellego da India, chegarão a Goa Diogo correa & Francisco pereyra de berredo q̄ estauão catiuos e Cãbaya, & vinha coeles ho Chatigẽtio de Cananor, q̄ o governador mãdara a saber del rey d Cãbaya se q̄ria res-

gatar os nossos que laa estauão catiuos: & contarão ao governador como Miligupí, aquele priuado del rey de Cambaya, sabendo ao que ho Chatim hía, tomara ho negocio nas mãos, & fizera com el rey de Cambaya, que alem de dizer que era contente de resgatar os catiuos dera aqueles dous pera mostra do governador saber q̃ os nossos estauão catiuos. E estes dous forão escolhidos, por Miligupí ter coeles amizade, & p̃ eles escreueo ao governador quanto desejava de hater por amigo, & que era verdadeiro seruidor del rey de Portugal. E Diogo correa & Francisco pereyra, pedirão ao governador que os tornasse logo a mandar a Cambaya, ou mandasse resgatar os outros catiuos q̃ laa ficauão, porque quando lhes el rey de Cambaya dera licença pera hirem a India fora com aquela cõdição, & eles lhe derão suas fees de ho fazerẽ assi. E ho governador lhes disse que os mãdaria, ou mandaria resgatar os catiuos: por rem como soube que dom Afonso seu sobrinho era morto arrefeceo disso, & mais polas grandes occupaões q̃ tinha: & não mandou a Diogo correa por q̃ teue necessidade dele pera ho mandar por capitão de Cananor, por estar determinado de tirar a capitania a Manuel da cunha pelo q̃ sabia dele. E assi ho fez, & mandou a Diogo correa que tomasse a menajẽ a Manuel da cunha, & lho mandasse a Goa: donde despois de vindo, lhe ho governador tomou a menajem que não sayse da cidade. E esta foy a causa porque Diogo correa não tornou a Cábaya, & tão pouco tornou Francisco pereyra: porque receandose ho governador que não passassem algũs mouros à ilha, lhe mãdou & a Duarte de melo q̃ em bateys armados ro-

deassem a ilha do passo seco ate Benastarim. E andando eles nesta goarda, tirando hũ dia hũ berço do batel de Francisco pereira deulhe ho rabo dele na canela de hũa perna, & fez lhe hũa grande ferida, de que ficou tão mal que foy necessario deixar a goarda do passo, & foyse à cidade, dõde despois ho governador (por ela ser muy pjudicial pera feridas de pernas) ho mandou a Cananor pera se hí curar, por q̃ ho capitão era seu tio. E despois disto succedeo ir ho governador fora da India, & por isso não mãdou mais recado a Cábaya.

Capit. xlvij. Dos embaixadores que algũs reys & príncipes da India mandarão ao governador a fazer coele paz: & como o governador arrêdou as tanadarias da terra firme a Merlao hirmão del rey Donor.



A neste tempo estaua ho governador de posse das tanadarias da terra firme da ilha de Goa, & tinha postos nelas tanadares Portugueses, & escriuães homens conhecidos. Na tanadaria Dantruz estaua por tanador hũ Diogo camacho, & por escriuão Diogo guisado: & na de Caste a pedraluarez que fora paje do conde dabrates, & Gaspar machado por seu escriuão: e Cintacora Bras vieyra criado del rey & Diogo de salas: & em outras pos outros homens de menos calidade porque erão mais perigosas. E determinando ho governador de fortalecer & ennobrecer Goa pera o que disse, começou de casar daquelas moças que tomou em Goa, assi mouras como bramenas que tinha feytas

Christãos & casava as com homens Portuguezes. E pera comouer outros a fazerem ho mesmo daua a estes que casauão tanadarias dos passos da ilha almoxerifados na alfandega, & na fortaleza; & assi escreu aninhas destes cargos, & dos da justiça a huns perpetuos a outros por annos següdo lhe parecia: E a estes & a outros em q não cabião officios daua da fazêda de raiz que fora dos mouros, & Neyteãs, & aos criados del rey pagaua tambem em casamentos, & a algus mais alé do q era ordenado, & a todos daua grandes priuilegios de priuiminências de suas pessoas, & de não pagar tributos; & assi muytos fauores mandandolhes cada dia presentes, chamando filhas a suas molheres, saindo a recebelas a porta da igreja q ndo lá hiã & fazendoas assentar em seus lugares, & indo as a visitar por sua pessoa muytas vezes, & tratandoas ppriamête como a filhas, pelo q se comouião os homens a casar: de maneyra que antes que ho governador partisse de Goa, casarã mais de cento & cincoenta homens, em que entrãuão muytos criados del rey, & outros homens conhecidos. E era palouar a nosso senhor a inclinação com q casauão sendo tão lóge de sua terra, & comolheres tão estrangeiras de sua natureza, & terra tão noua pareles & tão cercada de inimigos, onde ho perigo estaua tão certo: & bẽ parecia que aquí lo era ordenado por nosso senhor, pera que aquella cidade fosse a que agora he. E a fora os officiaes que ho governador pos na fortaleza, fez iuizes de que foy ho primeyro hũ Frãcisco da madureyra casado, & assi vereadores & almotações. E porque sendo Goa do Hidalcão se lauraua nela moeda, mandouha ho governador tambem laurar, assi de pra-

ta como douro & de cobre, & mādou a pagar a moeda dos mouros, & q se cunhasse do cunho da Portuguesa, & a de prata se chamasse esperas, & meas esperas por amor da diuisa del rey que era espera, & a do ouro Manueis, por ho nome ser Manuel, & a do cobre leais, por amor da lealdade dos Portuguezes: & tiroulhe ho nome de bazaruco, como lhe chamauão os mouros a esta moeda de cobre. E coisto se enobrecia a cidade de cada vez mais, & crecião as mercadorias, & a noua dos nossos a terem romada: & do fundamento que ho governador fazia se diulgaua cada dia por essas terras comarcãs, & dahi mais auante. O q quebrou grandemête os corações aos reys & senhores da Índia, que todos cuydauão que com a armada que ali fazião, & com se fazer em hũ corpo ho poder do soldão, del rey de Cambaya, do Hidalcão & del rey de Calicut que lançarião os nossos fora da Índia, & os desarrengarião de la, porque assi estaua ho côcerto feyto antre estes principes: & por isso todos os outros da Índia dauão ajuda pera a armada que se fazia em Goa. E quando a virão e poder dos nossos ficarão enfreados de todo: & sabêdo como ho governador queria fazer nela cabeça, desesperando de os nossos não sayrẽ nunca da Índia, determinará de pedir paz ao governador, & reformar as que tinham dantes, & pagar a varias que pagauão. E ho primeyro foy el rey de Baticala que auia muytas quas não pagaua, mandou logo coelassu ebaixador, offrecêdo ao governador lugar pa fazer logo a fortaleza e seu porto, q sabia q el rey de Portugal desejava de fazer. E o governador tomou as parias & cõcedelhe paz & amizade & não quis a

fortaleza por nãoauer dela neceſſidade. Ho ſenhor de Chaul tambem mādou embaixador cō as parias q̄ deuia do tempo do viſorey, & aſſi mandou hũa nao carregada de manimentos: & ho meſmo fizerão, Meliçaz capitão de Diu, el rey Donor, el rey de Vengapor, E el rey de Narſinga tambem mādou ſeus ebaixadores, & como ſoube q̄ Goa era tomada, não quis deſiſtir da guerra que fazia ao Hídalcão, nem lhe quis pagar parias que pagaua dantes. Era fermosa couſa de ver todos eſtes ebaixadores quanto ennobreção Goa, que parecia que eſtaua ali hũa grande corte, & ho gouernador os detinha pa q̄ hũs viſſem os outros, & todos jũtos viſſem fazer aquella fortaleza, de que ſe todos eſpantauão muyto, & muyto mais a gēte da terra de tamanhos príncipes terem neceſſidade de paz cō ho gouernador, & jaſe contentauão de ſerem vaſſallos del rey de Portugal. E deſpois que ho gouernador vio que os embaixadores tinham bẽ viſto a fortaleza que fazia, & lhe pareceo q̄ não virião mais ebaixadores, comẽçou de deſpachar aqueles, concedendo a hũs o que pedião, & reſpondẽdo aos outros que ele reſpõderia por ſeus embaixadores aos que os mandauão. Tambẽ neſte tẽpo veo ao gouernador hũ embaixador de Merlao capitão gentio, & de grãde fama antre os gēios, que era ſobrinho daquelle rey Donor q̄ deu Mergu ao viſorey, & por ſua morte pertencia ho reyno de deſto a eſte Merlao que digo: mas ſeu tio por deſcontentamento que tinha dele lho tirou quãdo faleceo & ho deixou a outro hirmão de Merlao que era mais moço, que deſpois que reynou nũca mais pagou as parias que ſeu tio pagaua, & era grande immigo

dos noſſos, & cō medo da tomada de Goa mandou as parias ao gouernador como diſſe. E eſte Merlao deſpois da morte de ſeu tio eſteue ſempre cō gēte ſua de pẽ & de caualo nas terras de Batecalã por ſerem perto Donor a que fazia guerra cõtinuamente pera ver ſe podia cobrar ho rayno q̄ era ſeu de deſto. E ſabẽdo que ho gouernador tomou Goa, mandoulhe dizer por eſte embaixador que digo ho agrauo q̄ lhe ſeu tio fizera em lhe tirar ho reyno, & a força q̄ lhe ſeu hirmão fazia em lho ter: & q̄ ſe ho quiſeſſe receber por vaſſalo em nome del rey de Portugal que ele ſeria muyto contente de ho ſer, cō tanto que ho fauoreceſſe pera cobrar ſeu reyno, pera que não queria mais q̄ arrendar as tanadarias da terra firme de Goa: & cobrando ele ho reyno que era ſeu, ele pagaria as parias que ſeu tio pagaua, & ſeu hirmão queria pagar, & ſeruiria ſempre a el rey de Portugal como ſeu vaſſalo & ſua feytoria. E conſiderando ho gouernador a valentia de Merlao, & ho poder que tinha & valia antre os gentios, & que coſtumara ſempre fazer guerra aos turcos, & p duas vezes os teuera cercados e Goa ſendo capitão del rey de Narſinga, pareceo, lhe que compria muyto ao ſeruico del rey ſeu ſenhor lançar mão deſte homẽ & recolhelo: & que ele muyto melhor q̄ nenhũ dos noſſos ſaberia gouernar a terra firme, & teria a gente aſſeſſegada por ſer conhecido antreles. E reſpõdeolhe que era contente de fazer o que pedia, & mādou por ele a Batecalã, onde embarcou com ſua gēte & caualos, & foranno receber a Cintacorã, onde auia de deſẽbarcar dous capitães dos noſſos com dous mil piães da terra pa que ho acõfanhaſſem ate Goa, & mādou

dou cartas aos tanadares da terra firme por onde passasse que ho recebessem, & obedecessem como a pessoa del rey de Portugal. E isto porque Merlao folgasse mais de fazer o que mandara dizer que faria, porque fazendo ho tinha por muyto certo acrecentar grãde mente no proueito da fazenda del rey sem lhe custar gente nem outro gasto. E todos os tanadares fizeram muyto bẽ o que lhes ho governador mandou. E vindo Merlao a Goa, lhe fez ho governador grande recebimento, & assia outro gentio chamado Içarao, que fora capitão principal del rey de Nasfinga, & a ambos de dous deu caualos & loyas, & os mandou apousentar muyto honradamente, & fez cõtrato cõ Merlao, q̃ tirãdo tres meses de hũa paga de soldo que a gente da terra ficaua deuẽdo aos turcos, dali por diante pagasse da renda por as tanadarias q̃ el rey de Portugal tinha na terra firme corenta mil pardaos douro, que pola nossa moeda erã trinta & oytto mil cruzados: & que lançandose fora da tanadaria de Põdã Melicagi mouro capitão do Hídalção que ainda estaua nela, que ficasse tambẽ aquela tanadaria, & pagaria então cadano sessẽta mil pardaos douro, que erã cincoenta & seys mil cruzados: & isto pagaria e quatro pagas, como ho pouo era obrigado de pagar ao Hídalção. Feyto este cõtrato, & assinado por Merlao & polo governador: ele mãdou ajuntar todos os veiquibaris, que sam capitães gẽtios, que antes da vinda dos mouros mãdauã a terra, & erã naturais dela, que os mouros tinhão lãçado fora do senhorio, & despois da tomada de Goa ho governador os recolheo, & agasalhou. E a estes entregou ele Merlao pola mão, pera q̃ ho teuessem por

seu governador, dizendolhes ho cõtrato que tinha feyto coele. E todos ho receberam por seu capitão & governador cõ muytas festas & tãjeres a sua vsãça: & perãtestes entregou ho governador a Merlao a gouernança das tanadarias da terra firme. Pera õde se partio logo com Içarao acõpanhado de cinco mil piães da terra seus, & cincoẽta homẽs de caualo. E chegado às tanadarias tomou posse delas, & a gente da terra folgou muyto de ser gouernada por ele.

Capít. xlviii. De como determinando ho governador de ir ao mar roxo, mandou a Diogo fernãdez de beja derribar a fortaleza de çacotorã: & do que ho governador passou com Diogo mendez de vasconcelos.



Endo o governador por noua certa que os rumes estauão em Adẽ pera vir à Índia a chamado d̃l rey de Calicut, & do Hídalção, & del rey de Cambaya, pera que todos e hũ corpo deitassem os nossos fora da Índia, determinou de os ir buscar & pelejar coeles, esperando em nos se senhor de os desbaratar, & despois tornarse a Ormuz, & inuernar hi & acabar a fortaleza q̃ deixara começada, porque sentia muyto a treição que lhe fez Cojeatar. E estando a fortaleza de Goa em tal ponto que lhe não falecia mais que a caua pera se acabar, mãdou a Diogo fernandez de beja que fosse diante esperalo a çacotorã, cuja fortaleza mandaria entretanto derribar & arrasar, & recolheria os nossos q̃ estauão nela, & assia gente da terra q̃ se quisesse recolher coele. E mãdaua a derribar porque a gente da terra geralmẽte era

mais amiga dos mouros que dos nossos & leuantauasse muytas vezes cõtreles quando lhe os mouros fazião guerra: & mais a terra era tão pobre de mantimẽtos que os nossos se não podião manter & por isso auião de ser muyto poucos, pelo que estauão em grande perigo se lhe os mouros, que auia muytos ao derador fizessem guerra que lhe não podião focorrer da Índia tão alinha, & mais não seruiã ali de nada aq̃la fortaleza, porque não queria el rey de Portugal trazer ali armada cõtra ho estreyto porque não podia inuerner em çacotorã polas causas q̃ digo: & mandou mais ho gouernador a Diogo fernãdez que ho esperasse em çacotorã ate a fim de Mayo, & quando não fosse ter coele q̃ se fosse a Ormuz com cartas q̃ lhe deu pera el rey Dormuz & pera Cojeatar que pagassem as parias a Diogo fernãdez, notificandolhe q̃ era gouernador da Índia, & que tinha tomada Goa, & dali se tornasse a Goa em Agosto, & se ajutasse com a armada que hi achasse, & deulhe pera esta viagem ho rey grãde que foy de dom Ieronimo de lima, & alfi a capitania mór de Antonio de matos, & de Gaspar cãoque mādou coele. E partido Diogo fernandez pera çacotorã foy dito em segredo a Diogo mendez de vasconcelos que ho gouernador ho nã auia de deixar ir a Malaca & ho queria levar ao mar roxo. O que sabido por ele não ho pode crier pola promessa que lhe o gouernador tinha feyta, & por quão bem ho tinha ajudado, que ele com a sua gente ajudou a fazer a fortaleza & cerca, & fez aquele Baluarte que està sobre a porta que se chama ho de Malaca, por amor que aqueles q̃ ho fizeram hião pera la: & cõ tudo Diogo mendez disse ao gouerna

dor perante algũs fidalgos q̃ ele tinha muyto bẽ comprido coele que se chegaua ho tempo pera a sua ida de Malaca, que lhe pedia que ho ajudasse como tinha prometido. E ho gouernador respondeu que ele lhe prometera de lhe dar toda a ajuda que podesse pera ir a Malaca, porque indo como hia não era seruico del rey seu senhor, polo grãde perigo a que se auenturaua de ho matarem com quantos leuaua, & lhe tomarem as naos & mercadoria de que hião carregadas, porque muyto mais gente leuara Diogo lopez de siqueyra & mais naos, & melhor armadas que as suas, & não ousara de pelejar com a armada de Malaca. E pera ir como compria a seruico del rey seu senhor, ho deteuera & pedira que fosse coele na tomada de Goa, cuydando que lhe podesse dar ajuda, que lhe não podia dar por quãto as cousas succederão doutra maneyra q̃ ele cuydaua: porque bẽ sabia por quão certa se tinha na Índia a vinda dos rumes a ela. E pera seu alfiessẽgo & credito del rey seu senhor, era necessario ir ele ao mar roxo a buscalos pera pelejar coeles, donde não podia tornar a inuerner a Índia, senão a Ormuz, õde tinha mandado del rey q̃ fosse acabar a fortaleza que ficara começada, & asselegar el rey Dormuz nas pareas que auia de pagar: & pera isto não tinha ele tãta gente quanta lhe era necessaria, & ainda dessa que tinha de necessidade auia de deixar em Goa, ao menos quatrocentos homẽs Portugueses, porque se os mouros tornassem como da outra vez que achassem quem lhes resistisse: & por esta rezão lhe não podia dar, não sãmẽte a ajuda que ele quísera mas nenhũa, do q̃ lhe pesaua muyto pola obrigação em q̃ lhe era: & pera ele ir a Ma-

laca, assi como viera de Portugal, que lhe não parecia bem porque tinha cartas de Ruy daraujo, em que lhe dizia q̃ ho Bendara & el rey de Malaca esperauão que fosse sobreles grande armada a vingar o que fizerão a Diogo lopez: E coeste medo tinha tirado da prisão a ele, & aos outros; & apouentado em hũa casa, em que lhes mandarão dar al gũa mercadoria da q̃ fora tomada na nossa feytoria, pera que Ruy daraujo começasse de tratar cõ os mercadores da terra, & a fora isto lhe fazia ho Bendara cada dia mil auõdanças, dizêdo q̃ desejava de ser vassallo del rey de Portugal, & q̃ por isso castigara muyto riço os que fizerão ho alevantamêto cõtra os nossos. E estando em Malaca coeste medo se ele fosse como viera de Portugal, perderião os inimigos de todo ho credito dos nossos, & aluoracarsehião pera fazerê o que fizerão da outra vez & começarião logo nos nossos q̃ tinhã em poder. E sua ida a Malaca não seruiria mais que disto, por isso q̃ não deuia dir lá. E por q̃ ele não ficasse defauiado, & pola obrigação em que lhe era, & a amizade q̃ lhe deuia, lhe queria fazer hũ de dous partidos q̃ l ele mais quisesse. Ho primeyro era que se quisesse ir coele ao mar roxo com suas naos que se obrigaria a carregarlhe a sua camara, & as de seus capitães & quíntaladas de drogas. E as naos de pimenta q̃ ho seu feytor faria prestes no inuerno: & em quãto as naos andassem em sua companhia, a sua gente seria paga de soldo aa custa del rey, & isto por as naos serem de mercadores. Ho outro partido era que se por cansado nã quisesse ir coele, que lhe daria aquela fortaleza de Goa onde ficasse: porê que as suas naos auia dir coele com ho partido que dizia: &

q̃ nisto não sòmête faria a el rey muyto seruiço, mas que seguraria sua armada. O que ouuido por Diogo mendez, se agastou muyto, & respõdeo que ele auia dir a Malaca como lhe el rey mandaua, posto que soubesse q̃ os perigos de là erão em dobro. E começou de se a queixar do governador: q̃ muyto mãsamente lhe disse que se não agastasse, & que cuydasse no que lhe cometia, & ho praticasse com os seus capitães & com seus amigos: & auido seu conselho, lhe desse ou mandasse a reposta. Ao q̃ Diogo mendez respondeo que aquella lhe daua por final, & q̃ logo se aparelhaua pa sua partida. E porque ho governador se começou de gastar desta reposta meteranse no meyo os que hi estauão, dizendo a Diogo mendez que se não agastasse, que sem payxão mãdaria depois dizer ao governador o q̃ atenta uia cõ seus capitães, & logo ho fizerão ir pera apousada: & ho governador ficou dizêdo aos que hi estauão por quãtas rezões vinha bem a Diogo medez ir coele, rogando a todos que lho conselhassem, especialmête a Fernão perez dandrade que era grande seu amigo, q̃ ho fez assi, mas Diogo mendez nunca quist tomar seu conselho. O que sabido polo governador, porque via claramête que se Diogo mendez fosse a Malaca no mais que com ho apercebimento que tinha, não podia deixar de se perder: porque não parecesse que ho encontrava como imigo, pos aquele feyto em conselho, & propondo nele tudo o que dissiera a Diogo mendez, foy acordado por todos que ele nã fosse a Malaca da maneyra que estaua, & que a sua armada ficasse sobre ho governador pa dar cõta dela, & da pda q̃ recebesse el rey ou as partes por não ir a Malaca. Isto a

que Diogo mēdez fugisse com a armada pos lhe pena de degredo, & perdimento da fazenda que se não fosse de Goa sem sua licença & a cada hũ dos pilotos de sua armada, mandou sopena das vidas, & perdimento das fazēdas, que posto que se Diogo mendez quisesse ir eles não fossem coele, & sob a mesma pena lhe descobrissem sua ida como a foubessem. E com tudo isto Diogo mēdez determinou de ir a Malaca, & por segurar ho gouernador dissimulou coele fazendole muyto esquecido de sua ida: & assi se fazia a todos, por q̃ ninguem sospeytasse que ele se queria ir: & deu cōta de sua ida a seus capitães, & Pero quaresma lha contrariou, dizēdo q̃ era escusado falar nisso, pois esta ua certo não poder sayr da barra sem ho gouernador ho saber, & como ho foubesse auia de mandar apos ele, & pera se defender seria necessario pelejar, & farsehia hũ muyto mao recado, por isso que não curasse de tal ida, & visse se podia acabar por bẽ com ho gouernador que lhe desse licença pera ir. O que Diogo mendez não quis fazer, & disse que fosse o que quisesse que não a uia de deixar de ir a Malaca: & Baltesar da silua não estaua em Goa que a doeceo & foyse curar a Cananor, & Diogo mendez insistia em ir, porque ho piloto de Baltesar da silua chamado dalcunha ho pereyra, lhe dizia que ele ho tiraria de noyte fora da barra & ho levaria a Malaca, & não deixasse de ir porque se faria lá muyto rico, & ho mesmo lhe dizia ho seu mestre. E este piloto de Baltesar da silua, ho fora também Dafonso lopez da costa quando com os outros capitães fugio Dormuz ao gouernador, & ele foy o que lhes prometeo de os levar à India, & por esta

promesa lhe deu Diogo mendez a capitania do nauio. E também Anibal cerniche disse a Diogo mendez que não deixasse dir, porque ele ho seguiria. E Diogo mendez fez conta que se os outros capitães não quisessem ir, que faria capitães os mestres das naos, & faziassse prestes quanto podia.

Capitulo. xlix. De como querēdo Diogo mendez de vaíconcelos fugir pera Malaca foy preso com outro capitão seu, & do mais q̃ se sobrisso fez.



Ordenando Diogo mendez assi sua partida, foubes o gouernador como hum Duarte tauares escudeyro do conde dabrantes que ele tinha por tanadar na ilha de Chorão, fora fazer hũ salto na terra firme, onde ho catiuatão os inimigos: & cuydando ho gouernador q̃ se poderia ainda auer, mandou laa Diogo mendez, Manuel de lacerda, Pero dafonsca de crasto, & Nuno vaz de castelo brãco com a gēte das suas naos & nos seus bateys. E chegando eles ao passo de çancalim por onde Duarte tauares passara, poyarão na terra firme, onde auendo lingoa da terra souberão que Duarte tauares era ja muyto metido polo sertão, que ho leuauão ao Hídalcão. E vendo que não podião fazer nada nem leuauão mantimēto pera fazerem todos detença, acordarão que Diogo mendez, & Manuel de lacerda se tornassem pa a cidade, & Nuno vaz & Pero dafonsca ficarião e quato lhes abastasse esse mantimēto que tinhão: & assi se fez. Et tornando se Manuel de lacerda & Diogo mendez pera a cidade chegarão ja noyte: & como Diogo

tinha mādado recado aos mestres das naos que esteuessem a pique, porque a quella noyte auião de partir: não curou de desembarcar na cidade, & foyse às suas naos que estauão antre Kabandar & Pangim, & hi achou dos seus capitães Anibal cerniche fomite, que Pero quaresma não quis, & Baltesar da silua não era vindo de Cananor. E estando as naos a piq, partiuse logo Diogo mēdez levando os bateys as naos atoadas, & em toda a noyte não pode mais chegar que ate abaya da agoada, & ali lhe começou de vêtar a viração que ho de tinha, & assi Anibal cerniche & ho nauio de Pero quaresma, que ho de Baltesar da silua era ja fora da barra. Disto foy logo ho governador auisado por Manuel de lacerda que era goarda do rio de Pangí, & acodindo à ribeira despedio lames teixeira em hũa fusta cō hũ escriuão perate que reqresse da sua parte a Diogo mendez que se não partiuse & se tornasse pera dētro, & quando não quisesse que lhe tirasse por alto: & quando coisso não quisesse que ho metesse no fundo, & ho mesmo mandou a Dinis fernandez de melo, q̃ mandou em hũ parao despois de lames teixeira: & tambẽ forão outros bateys, antre os quaes foy ho de Manuel de lacerda, & mādou a Simão dandrade que fosse por terra com gente decaualo, & se possesse fora na praya, & fauorecesse os q̃ mandaua nos nauios, & se lhe parecesse bẽ que fosse falar cō Diogo mendez & lhe conselhasse que não possesse sua honrra no risco em que a punha. E assi mandou muytos bateys & paraos com gente pera que ajudassem os que hião diante, de q̃ chegou primeyro lames teixeira, & achou Diogo mendez que andaua as voltas na baya da agoada pa

sayr por lhe ser ho vento ponteiro, & achou na boca da barra Duarte da silua deluas capitão da galé que fora de Diogo fernandez de beja, & fazia requerimentos a Diogo mendez q̃ se tornasse pera dētro, & por não querer lhe tirou naq̃la hora hũ tiro por alto, cō que lhe derribou a verga grande, & lames teixeira lhe mandou tirar outro, cō que lhe matou dous gormetes. E vendose Diogo mēdez sem remedio de poder sayr amaynou & surgio: & mais porq̃ lhe disserão que estaua ali ho governador, cō quẽ não queria pelejar, que cō os outros bẽ ho fizera. E entretãto ada uatambẽ Dinis fernandez às bõbardas cō Anibal cerniche, que quando lhe fazião requerimentos da parte do capitão mór que amaynasse, respondia que não conhecia outro capitão mór se nã Diogo mēdez de vasconcelos, cuja badeira lhe elrey de Portugal mandara q̃ seguisse, nẽ quis nunca amaynar nẽ surgir ate que não vio que Diogo mēdez amaynaua & surgio. Ho mestre da nao de baltesar da silua que andaua de fora quando vio furto Diogo mendez atribou a ele cō a viração q̃ vêtava, & perguntoulhe em voz alta, q̃ todos ho ouirão que lhe mandaua que fizesse, & ele respondeo q̃ surgisse, & assi ho fez. Surtas todas as naos, Rodrigo rabelo q̃ estaua em terra com muyta gente de caualo & de pê (& fora por mādado do governador pera levar Diogo mēdez) se foy à sua nao, & nela & nas outras prēdeo os pilotos, mestres & escriuães delas, & assi Anibal cerniche & despois mandou apregoar em todas, q̃ ho governador em nome delrey seu senhor pdoaua aos outros todos, & lhes daua seguro de nũca receberẽ pena por serẽ naq̃le feyto. E isto fez ho governador

por se lhe não amotinár a gente com medo, Feyto isto pediu Diogo mēdez a Rodrigo rabelo q̃ comelsem primeyro que partissem, por q̃ era tarde pera ser antes de comer, & assi ho fizerão, E em todo este tempo nunca Diogo mēdez se queyrou do governador, nē disse nenhũa cousa contrelle, & sempre se mostrou muyto ledo & prazenteiro. E acabando de comer deixou Rodrigo rabelo nas naos pessoas de recado, que ho governador mandaua que ficassem por capitães ate q̃ ele prouesse: & foy se pera Goa leuando Diogo mēdez no batel de Manuel de lacerda, & Anibal cerniche & os mestres, pilotos & escriuães em outros a muyto recado, & no caminho acharão Nuno vaz de castello brãco, que aquele dia à tarde se fora à cidade do paíso em que estaua. E como chegou mādou ho ho governador na sua nao, & que fosse coele ho seu ouuidor Pero dalpõem, pera q̃ requeresse a Diogo mendez que se não fosse, & quãdo não quiseisse que ho metesse no fundo, & aos nauios da sua companhia: & vendo os Nuno vaz vir meteo se no seu batel com ho ouuidor & foy se pareles: & assi forão de companhia ate a cidade, onde chegarão bem noyte. E leuado Diogo mēdez ao governador, & assi os outros, despois de falar coeles hum pouco forão postos em bõ recado: & dali a poucos dias ho governador com votos dos do conselho, julgou com ho seu ouuidor que Diogo mendez fosse degrado pera Portugal pera o de seria leuado nas primeyras naos que partissem cõ os autos de suas culpas. E entretãto estaria preso sobre sua menajem na fortaleza de Goa, & q̃ Pero quaresma perdesse a capitania da nao, & fosse degrado pera Portugal

posto que não quísera ir com Diogo mēdez, porque não disserão ao gouernador q̃ se queria ir como lhe ele tinha mādado que dissesse, & em quãto não fosse pera Portugal esteuesse preso em Goa. E que Anibal cerniche fosse degolado, & assi os mestres & pilotos das naos fossem enforcados & perdidas suas fazendas pera el rey. E logo que a sentença foy dada, se veo a ela com exceição por parte de Antão vaz mestre de Diogo mendez, & do piloto Danibal cerniche, cõ priuilegio pera não morrerem enforcados, & por isso se mudou q̃ morressem degolados, & entretãto que durou a dilação desta excepção forão enforcados ho piloto de Baltesar da silua & o mestre Danibal cerniche nas vergas das mesmas naos, em q̃ cometerão aquele delito: o que a todos pos muyto espanto, principalmente a algũs embaixadores que ainda estauão em Goa, & todos sayrão a ver aquela justiça: & quando souberão a causa por q̃ se fazia pareceolhes bem. E por amor destes embaixadores porque auão de saber a desobediência de Diogo mendez a castigou ho governador tão rijo & pera exemplo dos nossos, & assiera necessario pera ho credito do governador: & despois que aqueles dous forão enforcados logo se ele moderou contra os outros, & deu suas vidas a hũ dos embaixadores q̃ lhas pediu por conselho dos nossos, leuando os ja a padecer, & mudoulhe a pena de morte em degredo pera outras naos, & despois reuogou a sentença Danibal cerniche em degredo pera Portugal por quanto era estrangeiro, & deu a capitania de sua nao a dom João de lima, & a de Pero quaresma a Gaspar de payu, & a de Baltesar da silua a lames teixeira, & a de Diogo mē

deza Fernão perez dandrade, que cõ licença do gouernador teue cõprimêto com Diogo mendez sobre a tomar, & Diogo mendez foy muyto contente q̃ a ele tomaſſe, & logo Fernão perez ſe foy pera a nao & ſe êtregou dhũ cofre que tinha quatorze mil cruzados pera a armação da nao, de q̃ ho feytor dela a uia de ter a chaue, mas não ho auia dabrír ſem Fernão perez.

Capit. l. De como indo ho gouernador pera ho mar roxo achou ho vêto cõ trayro, pelo q̃ l mudou ſua ida pera Malaca.



Eytas todas eſtas couſas, ordenou ho gouernador ſua partida pera ho mar roxo, diſſi polas cauſas que diſſe, como també por ſe eſcuſar ho gaſto de mantimento & ſoldo que faria a gente que tinha, & por eſcuſar deſpeſa que as naos farião ſe eſteueſſem ê porto, por q̃ de neceſſidade ſe auião de tirar a môte, & elas eſtauão ainda as mais pera na uegar. Eaſſentada ſua partida deixou ê Goa perto de quatro cêtos homêſ com os caſados, em que entrauão oytêta de caualo: & os ſoldos deſta gente ſe auião de pagar das rêdas da ilha q̃ ficauão arrendadas por doze mil cruzados, & tãbê das rêdas das tanadarias da terra firme, & aſſi de ſeyſcêtos mil rês porque ficaua arrêdada a caſa da moeda, ho ouro & a prata ſomente porq̃ no cobre ſe ganhaua muyto pera el rey, & a fortaleza ficaua muyto bẽ baſtecida de mâtimentos. ſ. trigo, ligumes, arroz, mâteiga & carne: & bẽ prouida de muytas munhões & d muyta artelharía, & por ſeu alcaide môr Francisco pantoia, & no mar ficaua por capitão môr Duarte de melo cõ algũs paraos & fuſtas, de q̃ fi-

cauão por capitães algũs caſados, & aſſi ficaua a nao lionarda, & ho rey peq̃no, & Sãcto ſpiritu pera as corregerê: & aſſi a rumelã que fora tomada ê Diu & hũa nao noua das de Goa que ainda eſtaua ê picadeiros, & outro nauio nouo dos turcos que ſeria doytêta toneys, cõ regimento aos capitães q̃ no começo do mes Dagoſtoſayſê logo fora da barra pera goardarê ho mar & fazerê preſas, & aſſi deixou encomendado ao capitão q̃ fizeſſe hũa torre em Benaſtarim pera defender a entrada aos mouros ſe quiſeſſem por ali entrar, & a traça da torre ficaua a Thomas fernãdez: & no meſmo paſſo auia pedra laurada em abaſtãça. E preſte todas as couſas pa a partida do gouernador, ele ſe partio de Goa na fim de Março, & os capitães que hião coele, que hia em frol de lamar, forão Fernão perez na nao trindade, dom Ioão de lima na anunciada, Gaſpar de payua em ſancto Antonio, Iameſ teixeira ê Sancta cruz, Baſtiao de miranda no bretão, Ayres pereyra na taforea, Iorge nunez de lião em Enxobregas, Diniſ fernãdez de melo na nao çabaya que os mouros fizerão em Goa, Pero dalpõem em ſancta Caterina, Simão dandrade na joya, Antonio dabreu em Sanctiago, Nuno vaz de caſtelo brãco em ſam Ioão: tãbê naos de Goa, Duarte da ſilua na galé grãde, Simão martiz na pequena, Afonſo peſſoa em hũa galeota de Goa, Simão Afôſo beſigudo em hũa carauela latina, Iorge botelho ê hũa redôda, Pero daſonſeca de craſto em ſancta Maria da juda, Simão velho de ſoure na garça: doutra ſancta Maria da juda Mêdaſoſo de tangere, Antonio de ſaa do roſayro. E aos dous dias de ſua nauegação q̃ q̃ria dobrar os baixos de Padua, achou

ho vento tão ponteyro, & ho mar tão grosso que lhe foy forçado payrar. E sabêdo ali por todos os pilotos & mestres que não podia ir a Ormuz por aquele vento ser geral, arribou a Goa, & na barra fez conselho, em que se acordou: que por aquela armada não fazer tamanho gasto como faria se inuernasse na Índia, seria seruiço delrey ir a Malaca onde estauão os nossos catiuos, & a fazenda delrey tomada. E feyto disto assento que os do conselho assinarão, mandouho ho gouernador dizer ao capitão de Goa, & mandoulhe mais algũa gente & dali se foy a Cananor, onde deixando por alcaide moor da fortaleza a Ruy galuão foy a Cochim, onde sabendo se que queria ir a Malaca ficarão muy tristes Cherinamarcar, & Mamalemarcar hirmãos, por amor do trato que laa tinhão, & coelestambem Antonio real & Diogo pereyra, porque indo laa ho gouernador, & assentando feytoria ficauão eles sem mais trato: & por isso determinando de ho estoruar fizerão com elrey de Cochim que ho fosse ver aa nao, & lhe conselhasse que não fosse a Malaca porque era a moução gastada & perdersehia, & quando não quisesse tomar seu conselho que lhe fizesse sobriisso requerimentos da parte delrey de Portugal, & eles não ousarão de os fazer, porque os ho gouernador não entendesse, porque sabião que era muyto prudente, & por isso entendeo ele muy bem os requerimentos delrey de Cochim quando lhos fez & não quis se não ir. E porque pera ir a Malaca algũs nauios de sua armada que auião mester corregidos corrião risco de se perderẽ por nã saber se là aueria

onde se concertassem, deixou os e Cochim cõ seus capitães, que forão estes, Pero dafonseca de crasto, Mẽ dafonso, Simão velho, Antonio de saa: & allí hũa nao noua que se fizera em Cochim, cuja capitania tinha Diogo pereyra de Cochim, & tambem ficou Manuel de lacerda no cirne por capitão moor de todos com regimento que entrando Agosto fosse logo correr acosta de Calicut, & despois se fosse Agoa aiuntar com Diogo fernã dez de beja, pera quem lhe deixou prouisam que com os seus capitães ho ouellessem por seu capitão moor, & assi Duarte de melo & os outros que ficauão em Goa: & por amor da gente que ficou aqui lhe não ficarão mais que oytocentos Portugueses & duzentos piães gentios despadas, & escudos, & frechas: com que se partio a vinte Dabril,

Capitolo. Ij. Do

que aconteeo ao gouernador indo ca ninho de Malaca, ate achar elrey de Pacem,



Artido o gouernador de Cochim, seguindo por sua viajem, q queria acabar de passar a ilha d Ceilão, lhe deu hum temporal de vento com que se perdeo a galé de Simão martiz, a que Fernão perez dandra de acodio tão asinha no seu batel que lhe saluou a gente toda, & assi hũ tiro dartelharia. E ceilando a tormẽta que se fazia leste oeste com a ilha de çama tra, topou hũa nao de Cambaya que

hia pera Malaca, & os nossos a tomaram por hir sem seguro do governador, que vendoha foy muyto ledo, porque teue sua viagem por segura de que hia muy receoso: que cuydaua pelo que lhe disserão em Cochim que não seria a moução verdadeyra, & coesta nao affentou que ho era: & desta parajem donde se tomou esta nao ate a uerem vista da ilha de çamatra, tomarão os nossos outras quatro naos també de Cambaya q̃ hião pera Malaca sem seguros, & todas leuauão muyta mercadoria & de muyto p̃ço. Tomadas estas naos foy o governador aferrar ho porto da cidade de Pedir na ilha de çamatra como ja disse, & elrey de Pedir lhe mandou noue Christãos dos nossos q̃ fugirão de Malaca, & hũ deles era Ioão viegas, que deu ao governador recado da amizade da parte delrey, & lhe disse que era grande amigo delrey de Portugal, & bem ho mostrara no boõ tratamento que fizera a ele & aos outros nossos despois que ali forão: & contoulhe como despois de Ruy daraujo lhes creuer, matara elrey ho Bédara por se lhe querer levantar com ho reyno, & mais queria ho matar, & na cõjunção de sua morte fugira de Malaca pera Pacem hum mouro principal dela que auia nome Nahodebuega xabandar dos guzarates, que fora ho principal que fizera levantar Malaca contra os nossos, & despois disso quiserã fugir Ruy daraujo & os outros catiuos, & forão f̃tidos na noyte em que ho querião fazer, & por isso se nã saluarão mais que ele cõ oyto, & Ruy daraujo ficou com cinco, & que outros erão ja tornados mouros & leuados fora de Malaca. E assentada amizade com elrey de Pedir, partio se ho governador pera a cidade de Pacẽ

tambem na mesma ilha de çamatra, & porque não pode fazer agoada em Pedir, mādouha fazer no reyno de Achẽ onde estaua hũa pouoação de pescadores, & forão a isso dom Ioão de lima, Antonio dabreu, & Nuno vaz de castelo branco nos seus bateys: & dom Ioão & Antonio dabreu leuauão as pipas às naos, & Nuno vaz ficaua e terra fazendoas encher a oyto marinheiros q̃ estauão coele. E partidos dom Ioão & Antonio dabreu com ho primeyro caminho, começa de sayr gente de hummato, em que estaua hũa cilada de mouros & todos trazião armas. Nuno vaz como os vio sayr, mandou de pressa chegar as pipas que tinha ao mar, & cercandose coelas lhes ficou detras com os oyto que tinha pera se defender dos inimigos, de que sayo grãde soma da cilada, & cometerão os nossos muyto riço com muytas frechadas, & cico deles que erão besteiros se defendião aas seetadas, que se isso & as pipas não forão não escaparão segundo a furia dos inimigos era grande. E por Nuno vaz fazer sinal aa frota com hũa bandeira, lhe mandou ho governador acodir, & dom Ioão, & Antonio dabreu vendo a bandeira fizerão volta aa terra, posto que estauão perto da frota: & quando chegarão aueria quasi hũa hora que Nuno vaz & os outros se defendião, & tinhão lhe feridos tres homens, & os nossos tambem ferirão algũs dos inimigos, que vendo ho socorro que vinha fugirão, & os nossos acabarão de fazer a agoada. E feyta ho governador seguio sua rota & foy surgir no porto de Pacẽ, õde se deteu algũs dias pa saber se auia carga pa as naos da armada de diogo mēdez q̃ nã se achou: e

assí pera auer del rey de Pacem Nahoda beguea, que ele deseiaua dauer, & el rey andou em dilacões, dizêdoque ho daria, ate que mādou dizer que era fugido: & foubesse que el rey ho deixara fugir pera ir dar auiso a el rey de Malacca, pera por isso ho perdoar. E tambẽ tinha ho governador vėdidas duas na os das de Cambaya a el rey de Pacem por vinte cinco mil cruzados, & dilatouse tãto a compra que entẽdeo que ho nã queriã deter, & ficando coele ĩ amizade sem mais detença se partio. Enauegando ao longo da costa de camatra tanto auante, como hũ ilha chamada Poluoreyra, ouuerã os nossos vista dhũ iungo grande que fazia mostra de setecẽs stoneys, & por ho vėto fer pordauante nã poderã as naos ir a ele, & forã por mādado do governador os bateys de dom Ião de lima, de Nuno vaz de castelo branco & de Dinis fernandez de melo sem os capitães hirẽ neles, somete dõ Ião de lima, & assí foy ho batel do governador & ho de Pero dalpõem: & chegãdo ao jũgo hũs agora, & despois outros se ajuntarã ao derredor dele dizẽdolhe da parte do governador q̃a maynasse, & mādafẽ ho piloto à capitania. Ho piloto q̃ era ho capitão & seõor do iungo, & era jao & os que hiã coele q̃ seriã trezentos homẽs, disse que nã podia ir à capitayna, mas que mandaria lã dous homẽs, & nã deixaua seu caminho apercebẽdo os seus pa a peleja, & os bateys hiã coele. E vendo os nossos que os ĩmigos nã amaynauã, determinarã de abalroar coeles. E chegãdo a este tẽpo Afõso pessoa na sua fusta, aferrou primeyro por que era mais alta que os bateys: & sendo ele ho primeyro que quiseria sobir ao jũgo foy ferido em hũ perna

que os ĩmigos lhe atrauestarã cõ hũ lança, tirando decima cõ muytas & cõ outros arremessos, & defenderã que os nossos os nã aferrassem: & nisto a nao de Pero dalpoem q̃ estaua pto do iungo & lhe ficaua debaltrauento (que as outras estauã ajudauẽto) foy sobre ho iungo & quiser a abalroar, mas nã pode, & dizẽ que por culpa do piloto & do que hia ao leme, & escorrẽdo ho iungo ficoulhe ajudauẽto & nã pode mais tornar sobrele, & assí anoyteceo. E sabẽdo ho governador o que passaua tẽdo ĩa tempo pera isso, ao outro dia às dez horas ho foy aferrar, & entrarã os nossos os ĩmigos por mais que se defederã, & em entrãdo matarã obra de corenta & ferirã muytos, & os nossos erã duzentos homẽs, de q̃ morrerã tres. Os ĩmigos que se virã tratar tã mal, ordenarã hũ fogo artificial cõ azeyte de terra, & outros matereais que fazẽ grãde labareda mas nã queyma tanto como parece. E isto fazẽ quãdo se vẽ em taes apertos. E auisado ho governador dıssõ leuaua ho seu batel muy bẽ esquipado com hũ cabo dado pelos escouuẽs, cõ tal recado que poẽdo os ĩmigos ho fogo se podesse logo desaferrar, & assí ho fez recolhẽdo se os seus na nao. E desaferrado ho iungo os ĩmigos apagarã ho fogo: & apartãdo se hũ pedaço da frota surgirã, & assí surgirã os nossos muyto perto deles. E nisto appareceo hũa panguẽiaoa q̃ sam hũs nauios daq̃la terra cõprirlos & rasteiros, veyros & remeyros em estremo, & nesta hia Nahoda E auẽdo os nossos vista dela, mādou o governador a Nuno vaz, & a Ayres pereyra q̃ a fossem tomar: & forã, & Ayres pereyra chegou primeiro no seu batel: os marinheiros d̃ nahoda vẽdo os nossos

ir pareles lançá-ſe logo ao mar q̃ era pto de terra, & ele ficou ſo & ſo pelejou rão brauamente que ferio todos os noſſos, & de muyto ferido cayo ainda viuo nem moſtreo ate que lhe não tirarão hũa manilha que trazia em hũ braço, & nela andaua hũ oſſo que ſe não pode ſaber de que era, ſomente dizerſe que quẽ ho trazia nã podia morrer a ferro & parecia ſer aſſi ſegundo as grandes feridas q̃ tinha aq̃le mouro, cuja morte o gouernador tomou por boa eſtreia de ſua empreſa, porque ele fora cauſa de matarẽ os noſſos em Malaca, & por que ſe a paguejaõ não pode leuar ao gouernador foy queymada deſpois de a deſpejarẽ. E ſtando os noſſos aſſi ſurtos ſem hirẽ ao jungo q̃ eles chamauão brauo por quão bem ſe defendera, appareceo outro q̃ era de mercadores, que hião de Ceilão & Choramandel pera Malaca, & forão a ele dõ Ioão de lima no ſeu batel, & Anrique de ſaa no de Nuno vaz de caſtelo branco, & Baſtiã de miranda & Simão aſonſo nos ſeus nauios, & ho jungo amaynou logo como lhe mandarão q̃ amaynaſſe & ſurgio jũto da poluoreyra. E ſurto mãdou o gouernador meter nele a loão viegas q̃ fez quadrilheiro pequeno, & achouſe que eſtaua carregada de roupa fina d̃ Paleacate & d̃ bẽgala, & doutras couſas q̃ forã aualiadas em cẽto & cicoẽta mil cruzados: & niſto pareceo outro ao mar, & Nuno vaz foy a ele por manda do do gouernador, & como era tarde não pode chegar ſe não noyte, & os q̃ hião nele nã quizerão amaynar. E apparelhãdo ſe Nuno vaz pa pelejar coeles, ſaltou ho capitão & outros muytos em hũ parao grande, & em hũa almadia q̃ traziaõ por popa, & ſaluarã ſe leuãdo hũ cofre com quatorze mil cruzados,

ſegundo ſe deſpois ſoube doutros que forão tomados no jungo, em que ainda ſe achou fazenda que foy aualiada em vinte mil cruzados. E leuado ho jungo ao gouernador, ſoube dalgũs que ficarão nele que Ruy daraujo era viuo, & deſpois da fugida dos outros noſſos el rey de malaca quizerã por força fazer mouto a ele & aos que ficarão ate fana rẽ algũs deles, & q̃ paſſarã muytos tormentos porque negaſſem a fẽ de noſſo ſeñor Jeſu Chriſto.

Capit. liij. Do cõcerto que ho gouernador fez com el rey de Pacẽ deſpois de ho ter em ſeu poder, & de como chegou a Malaca.



Min todo ho eſpaço que ficou deſte dia deſpois que ho gouernador ſe deſaferrou do jungo brauo, ele nẽ outro ne nhũ capitão o poderã tornar a abalrroar, & por q̃ por a noyte que ſobreueyo não podia ſer ſe não ao outro dia, encomendou a todos os capitães que vigiaſſem com muyto cuydado que ſe lhe não foſſe, porque determinaua de ho queymar ſe ao outro dia ſe ſe lhe nã ãtregãſſe, & eles teuerão tãta diligencia em fazelo fazer, que parece que deſeſperando os do iũgo deſe ſaluar. E ſabendo por Fernão perez dandrade que naquela frota hia ho gouernador, determinarão de ſe lhe ãtregar, pera o que ho outro dia quaſi aas dez horas ſe meterão dous deles no parao do jungo, & forã ſe ao gouernador, a que diſſerão que não ſabião que ele ali hia porque ſe ho ſouberão logo ſe lhe ãtregarão, & agora q̃ ho ſabião ho fazia; oq̃ ſoubelle q̃ erão

mercadores de Pacê que vinhão com mercadoria da outra banda da ilha de çamatra, q̃ lhe pedião que goardasse a paz & amizade que estaua assentada com el rey de Pacem auia lannos. Ho governador porque vira quão bem se os do jūgo defenderão, & q̃ ho trajo da q̃les que lhe falauão não era de mercadores, pareceolhe q̃ era gente q̃ hia ē ajuda del rey de Malaca, & mais por a sospeyta que teuera del rey de Pacem q̃ ho quiserá deter, & por isso apartou a q̃les dous homēs, & preguntoulhes q̃ gente erão, dizēdo q̃ lhe dissesse a verdade, se não q̃ ficarião obrigados a grã de castigo, por q̃ ele sabia algũa cousa do q̃ preguntauateles parecēdolhes q̃ era assi, lhe differão q̃ na q̃le jūgo hia ho verdadeyro rey de Pacē a pedir ajuda aos señores da ilha Dajaoa, pa q̃ ho restituysen ē seu señorio q̃ lhe tinha tomado a q̃le que se chamaua rey de Pacē, que sēdo governador de çoltāzina (que alli se chamaua ho rey q̃ hia no jūgo) se leuātara cō a terra, porque çoltāzina queria gouernar ho reyno sem ele entēder nisso, o que ele não queria senā q̃ esteuesse metido em hũa casa como statua, & por isso ho deitou fora do reyno cō ho muyto fauor & ajuda q̃ teue pa isso: & q̃ a detença q̃ ho rey de Pacē q̃siera que ho governador fizera ē sua terra fora por q̃ não topasse cō çoltāzina, temendo q̃ se cōcertasse coele, & se fizesse vassallo del rey de Portugal por q̃ ho restituysen em seu reyno. O q̃ sabido polo governador folgou muyto cō a q̃le acerto, & logo assentou de restituyr çoltāzina em seu estado se ele quisesse ficar vassallo del rey seu señor & seu tributario. E coesta determinação ho mandou visitar por Fernão perez dandrale, & por ele lhe mādou hũ presēte

dandoosse por muyto seu amigo pera o q̃ lhe dele cūprisle, & q̃ ho mesmo fizera logo como ho achou se se lhe dera aconhecer, mostrando que lhe pesaua muyto do mal q̃ fora feyto aos seus, o q̃ lhe ele teue muyto em merce desculpada de ho não ir ver por estar doente. E por isso, & porque ho governador o queria granjear pa ho atraher a restituyrle por ele em seu señorio, & ficar por isso vassallo del rey seu señor ho foy depois ver, & ele lhe disse ho mesmo que lhe mandara dizer, & q̃ teria a cidade a obediência del rey de Portugal, & lhe pagaria cadāno pareas: & ho governador lhe deu palaura de ho fazer, por q̃ a fora a causa q̃ ho obrigaua como disse, ficaua el rey de Portugal cō grande credito na q̃las partes, & mais era Pacē a principal cousa de çamatra, & muy importante ao trato de Malaca por amor da pimenta. E assentada esta amizade ficou çoltanzina por seguro na companhia do governador, q̃ se lhe acōtecer mais outra cousa q̃ seja de cōtar, seguiu sua viajē, & foy demādar os baixos de Capacia, & não entrou por o dē etreu Diogo lopez de siqueyra quando foy a Malaca, se não polo canal dos jūgos q̃ he de doze braças peracima, & dali foy ter ao porto de Malaca ho primeyro dia de Iulho, o dē achou muytos jūgos de diuersas partes da q̃la banda do sul de q̃ Malaca he a mayor escala, & alli a uia naos doutras partes da bāda do norte: & ho governador surgio jūto da ilha das naos, que como disse estā hũ tiro dē bōbarda da cidade, o dē foy grande aluoroço cō sua chegada, principalmēte nos mouros que estauão no mar, temēdose que lhes fizesse algũ dāno: o que ele podera fazer, mas não quis por abriādar mais a el rey de Mala, pera que

por bẽ ficassem amigos, do que el rey estaua bem fora, porque da ida de Diego lopez de siqueyra a Malaca perdeu muyto ho credito da valẽtia dos nossos. E com tudo porque não estaua tão fortalecido como lhe era necessário, dissimulou com ho governador mandando-lhe dizer que a ele lhe pesara muyto do que fora feyto aos nossos em sua terra, tanto que mãdara por isso matar ho Bendara que fora ho culpado neste caso, de que nunca soubera nada se não depois de feyto, que se ho soubera não consentira que se fizesse. E porque quẽa ele não saberia como isto fora, lho mandaua dizer pera que ho não culpasse; & tambem pera saber se hia de paz, ou de guerra, porque pera paz erão escusadas tantas naos; & que ele estaua muyto prestes pera a receber, & pera ter amizade cõ el rey de Portugal. Ho governador posto que lhe pareceo a disculpa enganosa, recebeu ha porque ouuesse Ruy daraujo & os outros nossos que estauão catiuos, & respondeo a elrey que ele sabia bem que a morte de Bendara fora pola treycão que ordenara aos nossos, & sabia q̃e letinha toda a culpa, & por isso lhe não daua nenhũa no que era feyto, nem hia se não pera paz & pera guerra a quem a quisesse: & que as naos que trazia não erão de carga se não da gouernança da Índia: porẽ que leuauão muytas & muy ricas mercadorias, & q̃ valia muyto em Malaca, mas q̃ ele não auia de falar na paz nem assentar nenhũa amizade ate lhe não serem entregues os nossos, & a fazenda del rey seu senhor que fora roubada. Ao que el rey respondeo fora de proposito, dizendo que a fazenda que se roubara fora muyto pouca, & que os Christãos deles morrerão & outros se

tornarão mouros, & erão espalhados por diuersas partes, que era necessário tempo pera os auer que ele faria de maneyra que tudo se fizesse à sua vôtade, & não se passou mais este dia. E depois q̃ foy noyte forão falar ao governador cinco capitães chis de cinco jungos da China que estauão no porto, & disserã-lhe que tanto que ele chegara, que logo el rey de Malaca lançara mão deles, & de todos os capitães estrangeiros que estauão em terra, & assi de sua gente, pera que ho ajudassem a pelejar cõ os nossos, & que eles teuerão maneyra pera fugir, porque não querião ajudar el rey, que lhes tinha roubada sua fazenda como tirano, & homem sem verdade; & sobriisso lhe mandara aquele dia reter dous jungos pera a guerra que esperaua, & era certo que auia de querer, porque na cidade auia vnte mil homens, & os dez mil muyto bõs de guerra & bẽ armados, & de laudeys, de laminas, despadas & escudos que lhe leuarão os guzarates, & a fora estes vinte mil que erão naturays, em que tambem entrãuão muytos jaos, auia muytos turcos, rumes, corações & persianos, que erã muy bõs frecheiros, & mais tinha el rey vinte alifantes de guerra, & por isso a não duuidaria quando a quisessem coele. Ho governador folgou muyto com estes capitães chis, & agradeceo-lhe muyto ho auiso que lhe derão, & prometeolhes de lhe restituyr os seus jungos, quer el rey de Malaca quisesse paz quer guerra, & eles se lhe offercerão pera ho ajudar.

Capitolo, liij. De como Ruy daraujo a uisou ho governador de tudo quanto el rey de Malaca determinaua, & do mais que succedeo.

DEs pois destes recados dantre ho governador & elrey, se passaram dous ou tres dias q̃ lhe elrey nã mādou nhũ o q̃ ele teue logo a maõ sinal, mas dissimulaua pa ver se podia auer por bẽ os nossos. E nestes dias lhe mādou Ruy daraujo recado por intercessã de Ninachatu q̃ sempre lhe fizera muyto boas obras: & por este lhe escreueo q̃ soubesse certo q̃ elrey d̃ Malaca sabia quantos Portugueses trazia & quantos malabares, & que tinha em muyto pouca cõta sua armada por amor do grande poder de gente que tinha que era tanto como lhe os chatins tinhão dito, & q̃ todos os estrangeiros trabalhauão muyto com elrey que nã fizesse paz coele, porque nã auia doufar de cometer a cidade com tão pouca gente, & que vinda a moução de se tornar pera a lndia se tornaria: & posto q̃ oufallsse de a cometer que lhe nã desse disso pois tinha gente em abastança pera se defender, porque nã auia ali nenhũ que nã morresse sobrisso, & q̃ nã gastasse quãto tinha. E os mouros de Cambaya insistiã nisto grãdemẽte, & pera ajuda da defenõsa da cidade lhe derão corenta bombardas, & ajuda uaos ho seu xabandar q̃ era estante de todos os mercadores de Cambaya, pefsoa muy principal e Malaca, & de muyto credito com elrey. E os mouros malayos lhe persuadiã ho mesmo p̃ seus cacizes que sobrisso lhe faziã muytas pregações, dizendo que os nossos erãõ arrenegados, ladrões & queriãõ senhe rear todo ho mundo, & como assentaõ sem em Malaca nã auiaõ mais de deixar tratar nela os mouros & auiaõ de tomar a terra pera si: porque desia maneyra ho tinhãõ feyto na lndia, por isso que os nã recebesse em sua cidade

nem fizesse paz coeles. E a fora todas estas persuasões peitarãõ a elrey tão grossamente que a fora ele de si fer mal inclinado pa os nossos, se inclinou muyto mais, & desejava de os destruyr. E mandara logo recado ao seu lasamane, que era almirante do mar, que andaua correndo a costa com grãde frota, que se fosse a Malaca & desse supitamente na nossa & a queymasse, & que algũa de pagueiaoas que estaua da pôte pera dentro sayria naquele instante, pera q̃ tomassem os nossos no meyo & nã ficasse nenhũ, & entre tanto elrey se fortalecia de trãqueyras & cauas, & que a fora a gẽte que tinha & alifantes, tinha oyto mil tiros de fogo antre bõbardas & espingardões, & pera ho deter ate que viesse ho lasamane dissimulaua coele, por isso que se nã ofiasse em suas palauras, nẽ falasse na paz ate nã ser entregue dele & dos nossos que estauã catiuos, & da fazẽda que fora tomada, porque sem elrey fazer primeyro, esta entrega nã auia dauer paz nem amizade, nem fizesse conta dela. E isto vio ho governador claramente porque elrey insistiã em fazer paz sem entregar os nossos nem a fazẽda, & tãtas vezes falou nesta paz sem fazer o que lhe ho governador pedia, que ele lhe mandou dizer que lhe nã parecia boõ sinal de paz ter por força os nossos, porq̃ elrey de Pedir que tinha noue que forãõ ter coele fugidos, como fora em seu porto lhos mandara a nao antes de lhe falar em paz, & ele nã queria mandar os q̃ tinha q̃ escaparãõ da destruição q̃ Bẽdara mādou fazer neles. Aoq̃ elrey deu algũa escusa, & insistiã q̃ se fizesse as pazes primeyro. E coisto armauãse pagueiaoas, & sayãõ fora da pôte como q̃ faziãõ mostra & logo se tornauãõ pera

dêtro, & em saíndo desparaua muyta artelharía na cidade. E ho governador dissimulaua a tudo fazendo q̃ ho não entendia. E hũ dia porque foubesse como se auia dauer com a cidade se viesse a pelejar, mandouha ver por quatro capitães, que forão em quatro bateys armados ao lōgo da ribeyra, a q̃ logo sayrão de dêtro do rio vinte panguêjaos armadas. Ho governador que as viu, & se temeo q̃ pelejassem cō os nossos, mandou em seu socorro outros, & cō sua ida se tornarão as panguêjaos a recolher dêtro no rio: & despois disto tornou ainda el reya mandar ao governador os mesmos recados que dantes, & ele lhe respondeo como das outras vezes: acrecetando mais que se os nossos forão tomados ẽ guerra, ou por represaria, q̃ se não espantara de os não dar, mas sendo tomados debaixo de seu seguro andãdo desarmados, & sem auer causa pera que os espedaçassem que se espantaua muyto de não querer dar a queles q̃ escaparão pois req̃ria amizade, & q̃ ho defenganaua que não auia de falar nela ate lhos não entregar, & que foubesse q̃ leuaua muyto trabalho cō os seus q̃ ho importunauão muyto que pelejassem pois não auia conculsam naquele negocio. Ao que el rey não respondeo, & logo se passauão tres ou quatro dias que não mãdaua recado. E ho governador ainda q̃ entedia que aquilo era desprezo sofrião por amor do q̃ digo, & assi porque el rey de Portugal lhe mandaua q̃ não fizesse guerra, se não despois q̃ de todo não podesse mais, que se isso não fora nem a ele lhe falecia juyzo pera entender ho pouco medo que el rey auia dos nossos, & q̃ tudo o que fazia era pera escarnio deles, nẽ lhe falecia animo pa se vigar por guerra,

& assi lho aconselhauão esses capitães homens mancebos desejosos de pelejar polo seruiço de Deos & del rey de Portugal, & dizião que se não auia de sofrer tanto desprezo, & que tẽpo era que se vingasse a treição que fora feyta a Diogo lopez de siqueyra. E ho governador dissimulaua, alegãdo ho regimẽto que tinha, dizendo que quando de todo em todo el rey não quisesse o que lhe pedia q̃ então se vingaria. E vendo çoltanzina tamanha dilacão, cuydou q̃ ho governador auia medo de pelejar com a cidade, nem menos teue que poderia escapar que não fosse tomado, & por isso fugio & se foy pa el rey de Malaca, & assi fugio a mais da gẽte q̃ estaua coele, q̃ ho governador sentio muyto, & logo soube que çoltanzina estaua com el rey por auiso de Ruy daraujo, q̃ ho auisaua de quãto se fazia na cidade: & isto por meyo de Ninachatu.

Capit. liiij. De como Fernão perez dãdrade com outros capitães poserão fogo à cidade por mandado do governador, pelo q̃ el rey lhe mãdou lo go Ruy daraujo & os outros nossos.



Entendendo ho governador ho mau proposito del rey, & determinando de lhe fazer alguma mostra de guerra pera saber que forças erão as suas, quis primeyro dar cõta disso a Ruy daraujo & aos outros, & esforçalos, temendo que receberião dos inimigos algum dano: & escreueolhe hũa carta, cuja sustancia foy, que ele era obrigado a morrer em iusta guerra por seruiço de Deos, & del rey de Portugal, seu seõor & que aquela era

muy iusta, pois via bem a determinação del rey, a que era necessario desenganalo com lhe poer as mãos; & que se por isso ele com os outros corresse al gũ perigo que ouesse paciência. Ao que Ruy daraujo respondeo como caualeyro, & como Christão, & dizia q̃ não quisesse nosso senhor que a nossa armada recebesse reues nem abatimento por se dar vida a ele & aos outros, q̃ erãõ obrigados a morrer polo serviço del rey de Portugal, cujos vassallos erãõ: que qualquer perigo q̃ padecesse ho to maua das mãos de nosso senhor, & ho auia em boa ventura, que soubesse certo que el rey de Malaca não queria paz por lho estoruaem os estrangeiros & os guzarates de Malaca, por isso q̃ lhe possesse as mãos, & que fosse logo, por que quanto mais tardasse, tanto mais daua lugar a el rey que se fortalecesse. Mostrada esta carta polo governador em conselho, posto que ho parecer de todos foy q̃ dessem logo nacidade, quis ele primeyro fazer hũ requerimento a el rey, & apos isso algũa mostra d' guerra, resumindo no requerimento (q̃ foy assinado por ele & per todos os capitães) o que fora feyto a Diogo lopez de si queyra, & as delongas que fazia sobre a entrega dos nossos & da fazêda: certificandolhe que pois os não queria entregar q̃ lhe auia de fazer todo ho mal que podesse, desenganandoho que as naos que leuaua na sua armada não aguardauão moução, nem perdião viagem, nem querião carga, nã a deixauão tomar aos inimigos del rey seu senhor, porque como lhe mandara dizer erãõ da governança da India, por isso q̃ lhe não daua estar ali mais dous annos que dez, & que se não quisesse se não guerra que fosse certo que auia de perder

seu estado, & que sua fosse a culpa, por que não podia ter coele mais cõprimẽtos dos que ateli teuera, & que do que a uia de fazer, lhe daua por final mudar hũ anel dhũ dedo ao outro, q̃ logo mudou perante ho mestejeiro del rey de Malaca, por quem lhe mandou este requerimento. A que el rey respondeo q̃ ho seu coração era boõ, & que ele não tinha em conta Ruy daraujo nẽ os outros, & q̃ logo os mandaria: & nã hião com a reposta, porque lhes ficauão fazendo de vestir, & q̃ entretranto mãdasse tirar as nossas naos diante do porto, pera lhe parecer que nã estauão de guerra: & assi outras palauras boas, de que ho governador fez muy pouca conta, por q̃ todas lhe parecerão enganos. Porem porque el rey não tiueffe achaque de não entregar os nossos & a fazêda, mandou afastar os nauios de diate do porto, & esperou cinco ou seys dias sem el rey comprir o que dissera, antes como ho governador soube por Ruy daraujo nestes dias, mandou assentar sua artelharía em todos os lugares, de que podia offender aos nossos. O que sabido polo governador, mãdou a Fernão perez dandrade, em q̃ tinha muyta confiança, que com dez capitães outros fossem em seus bateys a queymar algũas casas dos inimigos que estauão metidas no mar, & alli a tres naos de Cábaya, por q̃ os guzarates perdesse a cõfiança que tinhão de levar sua carga nem trabalhassem por estoruar a paz. E vinda a preamar, partiose Fernão perez com os outros capitães, & pegados cõ as casas deranlhe fogo: & começado darder mandou el rey com muyto grã de pressa Ruy daraujo & os outros, mãdando dizer ao governador q̃ lhe não fizesse guerra, porque nã queria se nã

paz, & que a fazenda ele a mandaria logo, que mandasse aos nossos que lhe não queymassem a cidade. E Ruy daraujo disse ao governador, que tudo o que el rey dizia erão mentiras, & que a sua armada de panguejaos não sayia a pelejar com os nossos bateys, porque ouuera el rey medo que entre tanto lhe fosse ho governador tomar a boca do rio com os outros bateys, & com a galé & fusta, & forçadamente pelejassem as panguejaos: & que ele não queria que os seus pelejassem no mar sem ho Lafamane. E com tudo por ho governador comprir de todo com el rey, mandou cessar ho fogo das casas, porem q se possessem as naos de Cábaya polas causas que digo, & assi foy feyto. E nesta reuolta mandou ho governador tirar os dous jungs dos chins donde os inimigos os tinham, & mādoulhos dar: & disse aos capitães que estauão liures para fazerem o que quisessem, mas que lhes pedia muyto que se deixassem estar alguns dias pera verem como pelejauão os nossos, & hofim que auia clauer Malaca pera leuarem nouas a sua terra. O q eles fizeram dizendo que erão vassallos del rey de Portugal, & que o de lhe servirião serẽ remidos por seus vassallos q estauão prestes com sua gente que ja tinham cobrada pera ho serem se pelejasse, & que se a vitoria ficasse coele & os nossos teuessem assento em Malaca, que cadanno virião a ela com jungs carregados da China.

Capítulo. lv. De como vendo ho governador que el rey de Malaca queria coele guerra, assentou com seus capitães de dar na cidade.



Obrado Ruy daraujo & os outros nossos, mandou ho governador dizer a el rey que dali por diate tomaria conculam na paz que assentaria com certos apontamẽtos que lhe mandou, de que erão os principais, que lhe auia de dar lugar pera fazer hũa fortaleza, porque pelo que fora feyto a Diogo lopez não oufaria de deixar feytoria em Malaca, se não em fortaleza, & q auia de pagar a dinheiro a fazenda que fora roubada na nossa feytoria: ao que el rey respondeo que tudo faria, mas nunca o quis comprir, nem nunca mais mādou sobrisso nenhũ recado ao governador, & por seu mandado leuauão a vender a frota algũa especiaria & hũ papo dal mizqre, & algũas galinhas: & às vezes como q fazia escarnio do governador hia hũ daqueles q lhe leuarão ho derradeyro recado, & falaua lhe em outras cousas muyto fora da sustancia do recado que lhe leuara, & muyto esquecido de responder a bem de feyto, & isto tã sem nenhũa vergonha, como q ho governador fora algũ doudo, & ele se espataua de tamanho desauergonhamẽto, & de tanta soberba como el rey lhe mostraua, não samente nisto, mas em sayrẽ algũas vezes as panguejaos fora da ponte com muytos espingardões tirados por cada parte, outras apareciã todas as estancias embandeiradas, & desparaua toda a artilharia, & outras vinhão echadiços da cidade, que dizião ao gouernador que auião logo de chegar ao porto tantos jungs armados, q el rey mandaua vir pera ho goardarẽ: & tudo isto pera ho espantar & se ir. E tantas sobraçarias recebeo, que não podendo mais soffrer, determinou de romper a guerra com el rey, & pera saber q

H

modo tinha de defenſam, & que ſoma de gente tinha, & onde eſtaua ſua artellaria aſſentada, mādou dar na cidade hũ rebate com bateys armados de bõ bardas groſſas, & aſſi duas barçaſas cõ pridas q̃ tinha tomadas. E neſte rebate ſe vio que acodio da banda do norte onde eſtaua a pouoação dos mercadores muyto mais gēte, que da banda do ſul onde moraua el rey, & que a ponte era ho lugar mais forte, & em que el rey tinha mais confiança, por ele eſtar ali cõ a ſua principal gente de guerra & com ſeus alifantes, & eſtar pegada cõ a pôte a ſua mezquita, que dizia Ruy daraujo que era hũ lugar muy forte pera os imigos: & tambem pera os noſſos ſe lha ganhalleſſem, porque podião ſegurar ſua embarcação cõ pequenas trāqueyras, & ficaua em ſua mão poderem pelejar com a gēte da pouoação grande, ou cõ a da pequena onde moraua el rey: & entrando por outro cabo acodiria todo ho pouo de Malaca, que era tamanho como ja diſſe, & mais ganhada a ponte ficaua a força dos inimigos partida em duas partes, & hũa não podia ſocorrer a outra, ſe não pola ponte, que cem homẽs poderião defender deſpois de ganhada a quanta força de gēte os cometteſſe, fazēdo como digo hũa tranqueyra pequena. E dizia mais Ruy daraujo ao gouernador, que ſe hũa vez ganhalle a ponte que não lhe ſeria neceſſario pelejar mais porque el rey ſe lhe entregaria: mas ſegũdo ſe deſpois vio, não foy aſſi, nẽ Ruy daraujo não ſabia iſto tambẽ como lhe parecia, & os capitães dos Chins que eſtaũo melhor inſtrutos na força d̃ Malaca, & vião a dos noſſos quam pouca era a ſeu reſpeyto por ſerem as dezanoue partes da gente menos que os inimigos: cõſelhauão ao go-

uernador q̃ não ſayſe em terra, dizēdo-lhe a grande força de gente que auia nela, que melhor tomaria os inimigos a fome, porque como na terra não auia mantimentos de ſua colheita, ſe lhe tolleſſe ho carroto que lhe hia por mar, não terião que comer & entregar ſe lhe hião. E porque iſto era couſa muyto cõprida, & ho gouernador tinha neceſſidade de tornar à India na moução não quizeſperar tanto, & chamando a cõſelho, diſſe aos que ſe ajuntarão q̃ lhe diſſeſſem ſe auião de pelejar, porq̃ ele tinha pera ſi que não deuia de poyar em terra, ſe não auendo de fazer fortaleza de qual quer maneyra que podeſſe ſer, porque ſe não podia ſegurar Malaca doutro modo: porq̃ pera aſſentar feytoria ſem fortaleza ẽ poder de tão maa gente como a de Malaca, lhe não parecia ſeruico del rey ſeu ſenhor, & lhe parecia muyto grande ter ele feytoria em Malaca por ela ſer eſcala de todo mũdo & tão principal como ſabião: por iſſo que lhe diſſeſſem todos ſeus pareceres. E todos forão de comũ acôrdo que ſe deuia de caſtigar el rey de Malaca, & derribar ſe ſua ſoberba, & ſe ſe podeſſe fazer fortaleza, q̃ ſe fizeſſe porq̃ ſeria muyto ſeruico del rey d̃ Portugal. E coeſte acôrdo, aſſentou ho gouernador que no dia ſeguinte, que crão vıte quatro dias de julho veſpera do aposto lo Santiago, em que ele tinha ſingular deuacão, ſe deſſe na cidade, & antemanhaã como ouuiſſem tanjer hũa ſó trõbeta ſe ajuntarião todos abordo da capitayna embarcados com ſua gēte nos ſeus bateys, & aſſi na galé & na fuſta, & q̃ deſembarcarião os capitães cõ a gēte feyta em douseſquadrões, hũ em q̃ foſſem dom loão de lima, Gaſpar de payua, Fernão perez dandrade, Iameſ tei

xeira & Bastião de miranda desembarcaram no cabo da pôte dõdestaua a mezquita & as casas del rey, & ele cõ a bandeyra real desembarcaria no outro cabo da ponte da banda da cidade. E desembarcaram coele Duarte da silua, Iorge nunez de liao, Simão dâdra de Ayres pereyra, Ioão de souza, Antonio dabreu, Pero dalpõem, Dinis fernandez, Simão martiz caldeyra, Simão afonso besigudo, & Nuno vaz de castelo branco, & que desembarcados acodirão todos ao meyo da pôte, & q̃ dali lhes diria ho tempo o que auião de fazer, porque como ele nã tinha visto a cidade, não se sabia determinar no q̃ faria. E sabido polos capitães dos Chis como ho gouernador tinha assentado de pelejar, offreceranselhe cõ toda sua gente pera ho ajudarẽ, & ele lho agoar decco, & não quis dize do que a vitoria estaua nas mãos de Deos: & que se por ventura ele não sayse coela, & eles ho a iudassẽ, poderião despois receber mãs obras dos inimigos tornãdo a Malaca, ou pelo mesmo feyto tomarião vingança em algũa gẽte sua que ainda andaua em terra; & tambẽ não queria que fossem feridos em suas peçoas ou mortos algũs deles. Mas que lhes rogaua q̃ se posessem todos na galé que auia destar mais perto dõde os nossos auião de pelejar, pera verẽ como pelejauão, & dessem d'isso nouas em sua terra, & q̃ lhe emprestassem as barcas dos seus iugos pera a desembarcação dos nossos, porque os bateys da sua armada não abastauão: & eles ho fizeram assy.

Capit. lvi. De como ho gouernador acometeo a cidade, & ganhou a pôte & a mezquita com grande destruyção dos inimigos: & de como se tornou a frota, & aa causa porque.



O outro dia q̃ foy vespera de santiago, chegaram os capitães cõ sua gente a bordo da capitayna duas horas ante manhaã. E feyta per todos a cõfissam geral a hũ clerigo que os assolueo, abalou ho gouernador coeles: & em amanhecendo que os inimigos os virão ir, começaram de tirar cõ sua artelharia q̃ tinham assentada em suas estancias, de hũa & da outra bãda da pôte, & era tanta & tiraua tão a miude que fazia tremer ho mar & a terra, & tudo era cuberto de fumo. E certo q̃ nunca ate aquele dia despois que os nossos começaram a conquista da Índia, cometerão couza tão forte como estaua a quella ponte. nẽ em que esteuesse tanta artelharia, nem que teuesse tanta gẽte pera a defender, & tão determinada a morrer sobriço como esta: & jugando a artelharia dos inimigos, receberam os nossos dela algũ dãno ate chegarem a terra, onde poyarão repartidos como estaua determinado dando hũs & outros hũa grande grita, & tanjẽdo as trõbetas, & os inimigos derão outra, tocãdo tambem seus instrumetos de guerra, que fazem hũ som aspero & espantoso, & assy era a couza muyto espãtosa, porque os inimigos erã muytos em demasia, & a môr parte deles bẽ armados d'armas defensiuas, & todos de offensiuas, hũs cõ arcos & frechas, outros cõ lanças & padeses tão compridos como os de Biscaya, & outros com zarauatanas cõ que tirauão hũas frechas curtas & delgadas emheruadas cõ tanta força que logo trancauão: & as feridas destas sam sem cura. De todos estes generos d'armas forão os nossos bẽ seruidos despois que chegaram às trãqueyras q̃

estauão dhũa banda & da outra da pôte, & em ambas a peleja foy muy crua, & durou hũ boõ pedaço que os inimigos se defendião valentemête: & assi morrerão deles muytos, & muytos dos nossos forão feridos. E cõ tudo os q̃ hião com ho governador como erão mais q̃ os outros que pelejauão na outra tranqueyra da bāda da mezquita entrarão primeyro, & fizerão recolher os inimigos à boca da rua principal da cidade, onde se teuerão, & se defendião com muyto efforço. Dõ Ioão de lima, Fernão perez, Gaspar de payua, Bastião de miranda & Iames teixeyra como entrarão a tranqueyra da banda da mezquita forão dar cõ el rey, que vinha cõ muyta gente & a principal que auia na cidade, & trazia seus alifates armados cõ grandes espadas atadas nos dentes & seus castelos encima cheos de frecheiros, & el rey vinha encima dhũ destes alifantes diate de todos: & foy este esquadrão tão medonho que essa gēte miuda dos nossos auēdo medo se começaram de retirar, & Fernão gomez de lemos & Vasco fernandez coutinho se deixarão estar quedos, & poserão as lâças no alifante del rey, & feriranno tão mortalmente que por mais que ho mestre q̃ ho mandaua o quizerá fazer passar auante nũca pode, antes ho alifante ho acolheo cõ a trõba, & ho lançou fora de si, & cõ grande furia virou atras, & deu nos outros alifantes, & desbaratou os, & ele morreo: & aqui foy hũa muyto grande briga, porque vendo el rey que ho alifante fugia, lançou se fora dele, & começou de pelejar: porque os nossos erão já muytos, que acodio logo dom Ioão de lima, & coele Martim guedez, & assi acodirão Fernão perez, Bastião de miranda, Gaspar de payua,

Iames teixeyra, & sua gente vēdo que seus capitães pelejauão. Dos inimigos também auia muytos, & pelejarão muybrauamente, & forão mortos muytos, & el rey foy ferido em hũa mão de hũa lâcada, & saluouse polo nã conhecerẽ, q̃ doutra maneyra fora tomado, & forão feridos muytos dos nossos, principalmente os capitães & outros homens assinados que pelejauão na diateyra: & como el rey foy ferido q̃ fugio, os seus se retirarão logo pera ho oyteiro onde estauão as suas casas, & fizerã se ali em corpo: os nossos os não quizerão mais seguir, por acodirẽ ao governador que estaua em grãde aperto. Por q̃ ao tēpo que os nossos começaram de pelejar cõ el rey, se apartarão dele tres capitães seus cõ obra de setecentos dos inimigos, & acodirão à pôte pera a bāda da cidade & derão na traseira do governador q̃ pelejaua cõ tamanho peso de gēte dos inimigos, que nẽ ele nẽ os seus se podião valer hũs aos outros. E sentindo eles os inimigos que lhe dauão na traseira, por q̃ se os seus não desbaratasem, mandou a Ioão de souza, Ayres pereyra de berredo, & a Antonio dabreu q̃ cõ a gēte de suas capitānias fizessem rosto aos inimigos: & eles ho fizerão cõ tanto efforço, que sosteuerão ho seu impeto que não passassem da pôte. E estando nisto acodirão os outros capitães que desbaratarão el rey, ouuindo a reuolta q̃ hia na pôte, & derã nas costas dos inimigos cõ grãde grita, ferindo os muyto riço. E q̃ndo se eles virão tomados no meyo lançarã se todos ao rio cõ medo da morte, cuydando de se saluar, mas não poderão por q̃ ho peso da mōtante dagoa que hia pera dêtro os leuou todos a terra, & os nossos os matarão, & antreles forão os tres capitães del rey, de q̃ hũ a

uia nome Tuambâdam homem muyto principal & priuado del rey sobre todos. Feyto isto tornarão estes capitães a acodir ao governador que estava pelejando com ho corpo da gête na boca da prícipal rua da cidade por q̃ os inimigos como erão muytos, & viã apouq̃dade dos nossos faziãlhe rosto muyto fadameite, & pelejauão cõ muyto esforço: & todauia os nossos os fizerão retirar pola rua a diante ate dar em bocas doutras ruas que sayão a ela, & os inimigos se meterão nelas. E vendo que a qui podião tomar os nossos no meyo, teueranfe muyto riço. O que vendo ho governador, como sabia que el rey cõ sua gente ficaua do outro cabo, & podia vir sobrele: & por q̃ pera quão poucos tinha não podia entender em duas partes, recolheose à ponte com determinação de se fazer forte nela, & da bnda da cidade começou de fazer hũa tranqueyra cõ a mesma madeyra que ali tinhão os inimigos, & mandou afentar logo hum par de tiros tambem dos que forão seus que varejauão aque la rua principal toda ao longo. E encomendou isto a Nuno vaz de castelo branco, & a Jorge nunez de lião, & q̃ feyta a tranqueyra a goardassem. E começando estes tiros de varejar, os inimigos, se recolherão as outras ruas da cidade: & porem não deixauão por outras partes por onde os tiros não varejauão de dar rebates aos nossos, & toruualos do que querião fazer, & cõ muytos espingardões que tinhão sobre os terrados das casas lhe fazião algũ nojo: & no cabo da ponte da banda da mezquita, quísera ho governador começar outra tranqueyra, mas não pode polos muytos rebates que lhe dauão os inimigos. E os nossos andauão tão cansa-

dos a pelejar, & tão desfueados da noyte passada que se nã podião ter em pé, porque passaua de meyo dia & a calma era muyto grande, assi pola fazer como por se lhes dobrar cõ ho trabalho, o que os faziã enfraquecer, tanto que não auia quẽ os fizesse trabalhar, por que ja a natureza não podia soffrer mais trabalho & deffalecia, & não auia cõ que lhes tornar as forças, porque como os batey serão poucos pera a gente de sembarcar não ouue neles lugar pera mantimento, & tambem por ho governador polo dito de Ruy daraujo se confiar que se faria forte na ponte, & que dali mandaria por mantimento aa frota quando lhe fosse necessario: & mais q̃ como ganhasse a ponte el rey quereria paz. E quando vio que tudo era ao côtrayro do que trazia imaginado, determinou de se tornar aa frota, porque pera mandar laa por mantimento não podia ser sem ir laa algũa gente, & qualquer que tirasse da que tinha, lhe faziã tamanha mingoa que mais não podia ser: & pera se fazer forte na ponte não podia, porque gête tão cansada como a sua não podia fazer tranqueyras, & sem elas posto q̃ se recolhesse na mezquita sem mantimento, estava certa sua perdição, por quão certo tinha acodirem os inimigos sobrele, & por isso de terminou de se tornar aa frota. Mas nẽ por isso deixou de prouar se se podia fazer forte, animando os nossos a trabalharem. E vindo a viração, mādou a Gaspar de payua que com cento dos nossos posesse ho fogo aa cidade daquela parte que estava junto da ponte, & ho mesmo mandou a Simão martiz que fizesse da banda da mezquita onde estauão as casas del rey: & ambos ho fizerão assi, & dhũa banda & da

outra arderão muytas casas, & nas del rey se queymou ho seu estrado, & hũa cadeira dourada, & muytas alcatifas, & cortinas de seda borladas douro, & muyta riqueza. E entre tanto ho gouernador deu conta a algũs dos capitães de sua determinação de se recolher, dizendo as causas porque: & pois sabião por onde auião de desembarcar, & como auião dir apercebidos, que esperaua em nosso senhor de tornarem muyto cedo a ganhar a cidade & ficar senhores dela. E parecendo bem aos capitães o que ho gouernador dizia, mãdou fazer sinal de se recolherem, & seria ao sol posto, & ele foy ho primeyro q se recolheo, porque vendo a gente q se recolhia se recolheffe logo, q se desmandauão algũs a roubar, que roubarão duas casas del rey cheas de mercaderia, & isto leuarão da cidade, & setenta & duas bombardas que estauão naquelas estancias da ponte, delas de metal & outras de ferro, & hũas tirauã pelouro de ferro cuberto de chumbo, & outras de pedra. E isto feyto foy posto fogo aa mizquita, de que ardeo ho telhado q era dola, & por dentro muytas obras que erão de madeyra: & assi foy queymada hũa grande casa de madeyra que estaua assentada sobre hum carro que tinha trinta rodas, cada hũa tamanha como hum quarto. E esta casa mandara fazer el rey de Malaca pera andar nela pela cidade el rey de Pão que ele casaua com hũa sua filha, & tinha pera isso aparelhadas grandes festas, & hũa das inuencões dela era esta casa, que estaua toldada de seda por dentro, & embandeirada por fora, & toda ardeo. E vêdo el rey de Pão o que os nossos fizerão desta vez, fugio logo pera sua terra. Feyta esta destruyção

que os nossos sembarcauão, acodirão os inimigos de todas as partes & fizeramlhe algum nojo de feridas, mas não então nem dâtes não morreo nenhũ, & dos feridos tão pouco, se nã dos que ferirão com setas heruadas, de q morrerão algũs a que não fizerão logo defensiũs, porque a Fernão gomez & a outros a que os fizerão viuerão, & os feridos passarão de setenta, & dos inimigos forão feridos sem conto & morrerão muytos.

Capitulo. lviij. De como hũ mercador jao principal homẽ de Malaca mãdou pedir seguro ao gouernador, & lho deu, & de como ho gouernador mandou hum messajeyro a el rey de Sião.



Esta cidade como disse auia muytos laos, q sam os mais valentes homẽs, & mais determinados de todas aquelas partes, & entre les auia dous principais que auião nome, hũ Vtetimutaraja outro Quate patir: & estes competiã ambos sobre quem precederia na honrra, estado & valia, & Vtetimutaraja leuaua sempre auãtajẽ em tudo por ser mais rico de dinheiro, que tinha mais jungos que Quate patir nem nenhũ outro mercador de Malaca, & tinha moor trato, & mais poderoso de gente, porque tinha seys mil homẽs laos seus catiuos os mais deles casados que morauão ao derrador dele, & dhũ seu gërro & dhũ filho que tinha. E era tão poderoso q el rey de Malaca lhe auia medo, & por isso ho amimaua muyto, & ho deixaua ter pouoaçã sobressi na pouoação dos mer

cadores, & por esta causa valia muyto mais sem preço que Quatepatir & desprezauase dele, que nunca lhe quis dar por molher hũa filha que tinha solteyra, & por todas estas rezões erão inimigos. E vendo Vtetimutaraia ho desbarato q̃ os nossos fizeram na ponte, & que não aproueitou a elrey ter a gente que tinha pera lhes resistir, temendose que ho governador tomasse a cidade, & destruyse tudo, quis segurar-se pera isso, & mandou-lhe hum grande presente de sandolos & outras cousas, mandandolhe pedir seguro pera toda sua familia, assim na terra como no mar. E por ho governador saber sua valia & poder & ho ter de sua parte, lhe concedeo ho seguro com condição que não fosse cõtrele: & pera ainda ho mais segurar, & fazer dele amigo, ho mandou tambem visitar com presentes, & por amor dele não tocou em nenhum jũgo Dajaoa. E posto que teue coele todas estas amizades, nem por isso ele deixou de dar ajuda a elrey de Malaca despois deste seguro. E mandandolho ho governador estranhar, respondeu que ele daua ajuda a elrey ainda que era pouca, & que ho fazia por ser estrangeiro, & não podia viver em Malaca se ho assi não fizesse. E com tudo ho governador lhe manteue ho seguro por ter menos inimigos com que pelear. E segundo se despois soube Vtetimutaraia nã pedia este seguro ao governador se não pera se poupar & ficar inteiro, porque esperaua cedo por hũ grande senhor Dajaoa chamado Patehonum, que auia de ir sobre Malaca cõ hũa grande armada, que auia annos que fazia

pera a tomar, & fazer-se senhor dela, & pera isto mandaua diante tantos jaos a morar nela, & hião poucos & poucos pera dissimulação, porque quando fosse teuesse em terra grande corpo de gente que se leuantasse contra os malayos, & por esta rezão queria Vtetimutaraia estar inteiro com seu poder: & tambem fazia conta que tão desbaratados podião ficar os nossos ou os malayos qualesquer que vencessem, que lhe seria facil couisa acabar de desbaratalos com ho poder que tinha, & fazer-se senhor da cidade, antes que Patehanum chegasse, & coesta determinação quis ho seguro. E ho governador por ter tambem de sua parte mercadores de Malaca, lhes mandou dizer por Ninanachatu que não q̃ria coeles nenhũa guerra, senão paz & amizade, & por amor deles não destruyra a cidade, & deixara de a roubar, porque esperaua de a foster coeles, o que eles crerão ainda que não mandarão reposta: mas dali por diante aconselharão a elrey que fizesse paz com ho governador, & se lhe offercerão a pagar por ele a dinheiro a fazenda que lhe pedia. E elrey não quis assi por amor dos mouros estrangeiros lho contrariarem, como por ele se auer por muyto iniuriado dos nossos lhe entrarem a cidade, & tornou a reformar todas as estancias que tinha, & fazelas muyto mais fortes, & assentar nelas muyto mais artelharía da que tinhão dantes. E a rua principal da cidade que começaua da ponte, mandouha atalhar com hũa tranqueyra, em que tambem mandou assentar artelharía, & polos lugares por onde os nossos desembarcarão mādou meter

muytos abrolhos heruados: & pera mais animar os jaos liures que auia na cidade, mandoulhes pagar soldo. E de tudo isto foy logo ho gouernador a uisado por Ninachatu, o que quísera storuar q̃ não fosse auâte cō mādār leuar hū jūgo grāde cheo de gēte & dar telharia: & mādou a Antonio dabreu q̃ hia por capitão q̃ fosse surgir junto da pôte, & dali detēdesse cō a artelha ria q̃ se não fortificassem os imigos. Este Antonio dabreu era hū fidalgo da ilha da madeira, & por ho jūgo ser grāde não pode passar do banco com quantos remedios lhe fizerão, nem menos outro mais pequeno, porque erão ja as agoas quebradas, & foy forçado esperar pelas viuas. E vendo os Chins que a tomada de Malaca se dilataua, pedirão licença ao gouernador pera se hirem, & pediranhē arroz, porque da cidade por causa da guerra não podião auer nenhum mātimento. E ho gouernador lho deu em abastança, & assi lhes deixou leuar a pimenta que tinhão nos seus jungos, posto que sabia que era dhū mouro malayo. E coestas honrras & fauores que lhes ho gouernador fez forão os Chins muyto contentes & dauão muytas graças a Deos por os tirar do poder de tão maa gente como os mouros malayos, & prometerão ao gouernador, que se os elelancasse de Malaca que viria nela tanta riqueza dos Chins que se espantasse, porque polo mau trato que recebião dos mouros não vinhão ja tantos jungos como soyão. E porque hum senhor destes jungos que auia nome Pulata auia dir a cidade de Sião fazer mercadoria, lhe rogou ho gouernador que lhe leuasse hum mellejeiro

a el rey de Sião, que polos Chins sabia que era hum grāde principe muyto rico & poderoso de gente: & por isso ho gouernador desejava de ho ter por amigo, assi pera se fauorecer coe ele como pera auer mantimentos de seu reyno, que era tão perto de Malaca como ja disse. E ho mellejeiro que lhe mandou foy hum daqueles que forão catiuos com Ruy darauio que sabia a lingoa, por quem lhe mādou hūa carta em que lhe dizia como ficaua no porto de Malaca, & o que tinha feyto, & o que determinaua de fazer, que folgaria muyto se ho ele quisesse fazer de mandar gente dos portos a pouoar Malaca despois de tomada: & isto lhe mandaua dizer por que sabia que el rey de Portugal seu senhor pola fama que tinha dele, & saber que era gentio, lhe era muyto afeçoado, & folgaria de ter coele paz, amizade & trato, & coesta carta lhe mandou hūa espada rica. E coisto se partio ho mellejeiro em companhia de Pulata.

Capitolo. lviij. De como ho gouernador se apercebeo pera tornar a pelear com os imigos, & como asentou com os seus que ho fizesse.



E terminādo o gouernador de tornar outra vez a cometer a cidade & ir prouido pera a tomar, & não tornar e tras, mādou leuātā alguās pipas pera coelas cheas de terra fazer tranqueyra sem trabalho, & assi mandou fazer machados, enxadas, & picões, porque de tudo teue necessidade da outra vez, & muyta soma dalma zem de setas porque não auia nenhū.

E isto tudo & mātīmētos mandou carregar no iungo, porque coele determinaua dabalroar a pôte, & nele & nela se fazer forte. E vindas as agoas viuas, por q̃ ho iungo não podia ir sem muyto trabalho & perigo, mādou a certos capitães (de que hũ foy Fernão perez dandrade, posto q̃ estaua ainda ferido) q̃ foissem em seus bateys pera ho goardarê, & pera ho leuarem a toa, & por a carrega que leuaua ser grande não ho poderão leuar sem se passarem nisso algũas marês, porque não podia ir sem a montante dagoa, & coela ainda surdia muy pouco espaço. E vendo isto os inimigos, determinarão de ho queymar com balsas de fogo, o que ho governador soube logo por Ninachatu, que tinha muyto grãde trabalho de saber o que se ordenaua contra os nossos. E sabido polo governador ho ardil pa lhe queymarê ho iũgo, mandou fazer prestes todos os bateys da frota cõ garoupezes muyto compridos, & nas pôtas arpeos com cadeas de ferro, & mādou aos capitães que foissem dormir iunto do iũgo. E na primeyra noyte em que os inimigos auião de lançar as balsas com a decẽte dagoa, vẽ polo rio abaixo tres barcos bem compridos que vinhos arrendendo com hũa chama muy forte, & furiosa que alomeauão tudo ao derrador por grande espaço, a que os nossos bateys sayrão logo dando a gente hũa grande grita, & com os arpeos dos garoupezes defuiarão as balsas que não chegarão ao iungo, nêlhe fizerão nenhũ noio, & dali por diãte teuerão noue noytes este trabalho, porque em todas arreo lançarão os inimigos tres balsas em cada hũa, & as vezes quatro, E cõ todas estas balsas não deixauão estar ociosa a muyta artelharía que tinham

com que tirauão ao iungo por todas as partes, & muytos dos pelouros acertauão nele & ho passauão de parte a parte, principalmente despois que passou ho banco que estaua hum tiro de beesta da ponte, & erão os pelouros de ferro cubertos de chumbo do tamanho dos despeia, & erão em tanto numero, assi estes como outros tiros despingardões, que se ho iungo não fora cercado darrôbadas nenhũ dos q̃ hião nele escapara de ferido ou morto. E cõtudo Antonio dabreu foy ferido dhũ tiro despingardão que lhe deu polas queyxadas, & lhas passou quebrando lhe a mór parte dos dentes, & leuando lhe hũ pedaço da lingua. E sabendo ho governador mandaua poer e seu lugar Pero dalpõem & Dinis fernandez: do que se ele agrauou, dizẽdo que estaua ainda viuo, & tinha pês pera andar, & mãos pera pelejar, & lingua pera mandar o que se auia de fazer, que em quanto teueisse vida nã auia dalargar ho lugar a ninguẽ, que da cama mandaria o q̃ se fizelle. E coisto não quis ho governador poer outros capitães no iũgo: & vẽdo q̃ ele estaua ja perto da pôte & e nado que podia surdir auante cõ qualquer toa, & que se mais dilataste ho cometimẽto da cidade que lhe meterião ho iũgo no fundo, ou lhe matarião quãtos hião nele, determinou de a êtrar. E auẽdo dezasseyes dias q̃ a cometera da outra vez, chamou a cõselho, & disse a todos os q̃ nele estauão. Deos nosso senhor he muyto boa testemunha, q̃ da primeira vez q̃ cõ sua ajuda, & por vosso efforço êtramos a cidade: eu a tornei a alargar cõtra minha vôtade, assi por não irmos puidos pa ficar, como por vos assi parecer bem, porque doutra maneyra eu me não tornara aa frota,

poſto que ſoubera perder a vida, por que nela não ſe perdia nada pois cada hũ de vos pode ter ho cargo q̃ tenho. E em perderſe eſta cidade, ſe perdia muyto ſem comparação, aſſi do ſeruiço de Deos noſſo ſenhor, como del rey de Portugal, cujos vaſſallos ſomos, porque ela he fonte de toda a eſpeciaria, droga & riqueza de todo mundo: pouoada dos mais ricos mercadores que ha nele, viueiro do trato dos mouros que morão em todas as terras descubertas na India & fora dela, de que ſe todos mantem, & com que ſe todos ſoſtem, porque ſem Malaca não podem tratar em tantas partes como tratauão, nem podem abaſtar ho Cayro, Alexandria & Veneza de tanta eſpeciaria, droga & riqueza, porque ela he a fonte de que corria pera Calicut antes que os noſſos conquiſtaſſem a India. E lançados os mouros fora de Malaca, não ſomente ſe apagara ho fogo da ſeyta de Maſamede que não laure mais por diante, mas ainda parece ho mais certo caminho que pode ſer pera os mouros deſpejarem a India, porque deſpois que lhe tirarão a mama de Calicut, ſe lhe tiramos eſta não tem mais com que ſe mantenhão, pois em todas eſtas partes ſe não ſabe outro de que ſe tire eſpeciaria, ſe não deſte que he a principal couſa com que tratão, & tomandolho nos com a deſpeſa que ſe fez na armada que trouuemos, eſcuſamos fazeremſe outras muytas, & muyto grandes em continuas armadas que ſera neceſſário andarem no mar pera defenderem que não leuem a Meca tanta riqueza como leuão, o que podeis bem ver por oyto naos que a

quí temos tomadas que leuão mais que vinte das noſſas, pois que fara em quantas daqui partem cada dia a fora as dos eſtrangeiros: & eſte he ho caminho por onde hia mais pimenta a Meca que de Calicut. E com eſta chaue de mea volta, que he tomar Malaca ſe çarra eſte caminho, & el rey meu ſenhor fica ſenhor de tudo: & poſto que Malaca ſeja muyto grãde, & pareça trabalhosa de ſoſter, iſſo ſeria ſe ho rey dela teueſſe maſtera donde ſe po-deſſe reformar o que ele não tem, ſe não ſe a perder fica de todo perdido, & que me digais que tomada por força ſe deſpouoara dos mercadores gentios, & deſpouoada deles não preſta mais pera nada, nẽ auera hi mais mantimentos, porque por amor deles os trazem de fora. Digouos que abaſta que fique Nina chatu, & ſeus parentes & amigos, a que por amor dele tenho dado ſeguro, que confiados nele hão de ficar, & eſtes farão tornar os outros que eu ſey que hão de permanecer, porque como eles eſtauão coſtumados a viuer debaixo do poder & tirania dos malayos, ſem verdade & ſem juſtiça, deſarrezoados & ſoberbos, & goſtarem da noſſa juſtiça, verdade, & frãqueza, manſidão, & brandura, & a maneyra de que el rey meu ſenhor manda que tratem aos que ſe fazem ſeus vaſſallos neſtas partes: & não digo eu tornarem eles a pouoar Malaca, mas da India virão outros a viuer nela, & farão as paredes douro. Todas eſtas couſas que ditas tenho vos pus diante, pera me dizerdes outra vez, ſe vos parece bem fazer mos fortaleza neſta cidade: porq̃ he

minha determinação de em quanto governar a Índia não desembarcar com gente, nem pelejar se não no lugar que ouuer de foster cō fortaleza, porque auenturar a perder gente em cousa que não ha mais que tomala & deixala, não me parece que he seruiço del rey meu senhor, auéturar a perder hũ homem por quanta riqueza se pode ganhar. Ouuidastodas estas cousas polos do conselho, a moor parte deles se affirmarão q̃ se deuia de tomar Malaca & fazer fortaleza, & lançar os mouros fora, a outros lhe parecia muy dura cousa de pelejar cō tanta gente quãta tinham visto na cidade, & muyto mais dura fazer fortaleza, & dizião q̃ vendo os inimigos que lhe entrarão suas tranqueyras, as tornarião a fazer tão fortes que as não podessem os nossos entrar sem muytos perderem primeyro a vida, & que os que ficassem a perderião tambem despois por ser muytiada a multidão dos inimigos q̃ auia dentro, que com as frechas heruadas os matarião todos; & posto que se tomasse a cidade, que os nossos auião de ficar taes da batalha, que ficarião mais pera jazer em cama que pera fazer fortaleza, em que se não deuia de falar por ser ho tempo muy curto pera tornarem a Índia na moução: & que lembrasse ao governador quanto importaua tornar laa âtes do inuerno por ho perigo em que ficaua Goa se ho Hídalcão tornasse sobrela. E porem como os outros que dizião que se tomasse Malaca erão mais, não se tomou ho parecer destes, & disse ho governador que ele tinha por sem duuida que nosso senhor queria que se tomasse Malaca, pera que ho seu sancto nome ali fosse louuado & exalçado, & ho sinal que

tinha disso era, que sendo os mouros tão auisados & sesudos, & tendo prouadas suas forças com ficar desbaratados, & sem esperança de socorro de nenhuma parte querião ainda guerra, que nosso senhor lhes cegaua os entendimentos pera que não entendessem o que fazião. E assentado que se pelejasse, determinouse que ao outro dia que era festa feyra dez dias Dagofo, duas horas antemanhaã com a preamar cometessem a cidade, & ho jungo abalroasse a ponte, & juntamente poyasse ho governador em terra com sua gente da banda da pouoação dos mercados, & que não sayse em duas partes como da primeyra vez, porque os inimigos estarião melhor apercebidos pera sua defensam do que então estauão: & pera que a gente fosse mais aa sua vontade, fosse tambem a galee & a carauela latina. E pera que se impidisse que os inimigos não acodissem tantos a defender a ponte, que hirião com ho governador duas barcas com algũas peças grossas da telharia, que como ho jungo aferrasse a ponte porsehião dambas as partes da angra a tirar aos inimigos que acodissem, & goardarião as costas aos nossos que auião de trabalhar em hũas tranqueyras que ho governador auia de mandar fazer pera sua segurança.

Capítulo.lix. De como ho governador desbaratado ho poder del rey de Malaca lhe tomou a cidade, & hofez fugir dela.



O dia seguinte, dia do bem auenturado martir, sam Lourenço duas horas ante manhaã forão todos

os capitães a bordo da capitayna com sua gente embarcada nos bateys, onde feyta a confissam geral, & assolto per hum clerigo, partirão pera a cidade com preamar: & se muytas bombardadas & espigardadas teuerão da outra vez muytas mais teuerão desta, porem nã deixarão de passar auante, & ho jūgo parecia hũa torre com suas arrôbadas & seteiras, & artelharia por proa, & por ambas as bandas, & com hũ masto & gauia, & nela muytas lanças, & arteficios de fogo & pedras, & em chegando à ponte abalrroou logo coela por mais que se os immigos defenderão, ante os quaes a reuolta era muy grande, hūs por defenderem a ponte dos que hião no iungo, outros por defender a desembarcação do governador: & erão as bombardadas & espigardadas tantas da tranqueyra, a q̃ os nossos hião desembarcar, que parecia que acada pao estauão duas bôbardas, & a cada bombarde cinco espingardões. Com tudo isto os nossos romperão auante, & poyarão em terra cō grande arroydo de gritas & tanger de trôbetas: & nisto comecão de chouer da tranqueyra grande multidão de frechas, de zarauatanas & darcos, & muytas pedradas, & lanças darremello, & ferirão bem oynta dos nossos: mas eles a fora ferirem sem cōto dos inimigos, matarão muytos, & como eles erão muito mais dos que os nossos podião ferir & matar, defenderanse hũ boô pedaço primeyro que os entrassem. Entrada esta tranqueyra, apartaranse logo Dinis fernandez, Iorge Nunez de lião, Nuno vaz de castelo branco & Iames teixeira, que por mandado do governador hião ordenados pera ganhar a mezquita com a gente de suas capita-

nias, & assi se apartarão outros q̃ também hião ordenados pera cometer a tranqueyra que atalhaua a rua grande da cidade, porque não acodissem ali os inimigos, de que morrerão nela muytos pola defender, & por derradeyro ficou dos nossos. E deixando ho governador nela os capitães que digo cō corpo de gente, foy logo com a gente de sua bandeira dar costas aos capitães a q̃ mandou tomar a mezquita, & estes quando forão acharão ja despejada a ponte por Antonio dabreu, que assi como abalrroou coela assi a axorou dos inimigos que não ousarão desperar os tiros que ho iungo leuaua por proa, & recolheranse aa tranqueyra que estaua daquela banda ante a ponte & a mezquita: & os nossos capitães que hião tomar a mezquita, derão naquela tranqueyra, onde os inimigos forão tão apertados, assi dos nossos por diante, como da artelharia das barcas que iugaua por detrás, que alargarão a tranqueyra & foranse retirando pera a mezquita, & os nossos apcs eles: de maneyra que indo ho governador pera lhe dar costas, achou, que leuauão os inimigos de vencida. E neste tempo acoio tambem el rey de Malaca pera ajudar os seus, & hia sobre hum alifante: & quando soube ho termo em que a cousa estaua, fez volta pera os seus paços, & hião coele obra de tres mil homens apadellados os mais deles. E Dinis fernandez de melo q̃ hia na dianteira dos nossos como chegou aa mezquita (que estaua despejada) não quis passar auante, nem seguir el rey posto q̃ chegou perto de sua gente, porque tinha o governador defeso a ele & aos outros q̃ não passassem da mezquita por cousa nenhũa: & tam-

bem següdo se despois soube não quis
 Dinis fernandez, & os outros capitães
 seguir a gente que hia com el rey,
 porque por outra rua grande parecia
 infinda gente dos inimigos que lhes
 ficaua nas costas se seguissem el rey. E
 vêdo ho governador ganhada a mez-
 quita, deixou e goarda d'la Nuno vaz
 de castelo branco, Iames teixeira, Di-
 nis fernandez & Iorge nunez de liao, &
 tornou-se à pôte a fazer-se forte, onde a-
 chou ja fora do jungo pipas, enxadas,
 pás & cordas que Antonio dabreu ti-
 nha mandado tirar pera se fazer das
 pipas cheas de terra hua traqueyra no
 cabo da ponte da banda da cidade, &
 outra da banda da mezquita: & entre-
 tãto que se as pipas enchão entrarão
 pera dentro da ponte as barcas com a
 artelharía, que postas dhũ cabo & do
 outro varejauão cõ os tiros fortemẽte
 & goardauão as costas aos nossos que
 trabalhauão nas traqueyras da cidade
 que forão feytas breuemente, porque
 não somẽte os baixos, mas os altos tra-
 balhauão a quẽ mais podia, & cõ muy-
 to prazer cauauão areia, & tomandoa
 às costas enchão as pipas, & delas &
 de algũa madeyra fizerão duas tran-
 queyras, & e ambas foy assẽtada arte-
 lharía: & forão feytos toldos na ponte
 & no jungo pera se apouentar a gẽte.
 E entre tanto que se esta obra fazia, os
 inimigos fazião affaz d' nojo aos nossos
 cõ sua artelharía & espingardões, pri-
 cipalmẽte da banda da pouoação grã
 de, onde tnhão as bombardas & espi-
 gardões postos sobre os terrados das
 casas, & a estes não podia a nossa arte-
 lharía fazer nenhũ nojo. O que vêdo
 ho governador por atalhar ao que fa-
 zião, mandou a Gaspar de payua, Fer-
 nãõ perez, Simão dandrade, Pero dal

põem, Antonio dabreu, dõ Ião de lí-
 ma, Ayres pereyra, Simão martiz &
 Simão afonso, que repartidos em duas
 partes fossem com sua gente por duas
 ruas da cidade, & q a corresseõ toda,
 & não dessem vida a cousa nenhũa. E
 ele pera os fauorecer se pos em corpo
 na rua principal com Bastião de mi-
 randa, Duarte da silua, Ião de souza,
 Iorge batelho, & Afonso pessoa. Entra-
 dos estes capitães pola cidade, acharã
 logo algũa resistẽcia nos inimigos, cõ
 que apertarão tão ousadamẽte que os
 leuarão de vencida, & metendose po-
 la cidade, matarão tanta gente do po-
 uo que não se pode crer, & com pressa
 se lançarão muytos ao mar, parecendo
 lhe que laa se saluarião, & afogouse a
 mayor parte, & a outra foy morta por
 algũs dos nossos que acodirão em do-
 us esquifes a fazelo: & desta maneyra
 forão desapressados, & acabaranse as
 tranqueyras. Recolhidos os nossos ca-
 pitães de fazerem esta destruyção na
 cidade, mandou ainda ho governador
 tomar duas casas junto com a pôte da
 parte da pouoação grande & assẽstar
 artelharía nos terrados, & bastecelas
 de gente com capitães: & ho mesmo
 fez na mezquita, & forão os capitães,
 Iorge nunez, Nuno vaz, Dinis fer-
 nandez de melo, Iames teixeira, Ay-
 res pereyra & Bastião de miranda, &
 algũs dos bateys mandou entrar pera
 dentro da ponte, porque goardassem
 de noyte ho rio, & mandou aos q esta-
 uão neles que tirassem os tiros que po-
 dessem em cada quarto da vigia, & os
 outros mandou os pera a frota, pera
 que a gente do mar que hia neles a aju-
 dasse agoardar aos bombardeyros q
 laa ficarão: & nestas obras que digo se
 gastou todo ho dia. E vinda a noyte

que ho gouernador se auia de recolher na pôte, foy primeyro visitar os nossos feridos que estauão agasalhados no jûgo, q̃ não forão mais que os q̃ disse, & nenhũ nã morreo, & dos inimigos forão mortos sem conto.

Capit. lx. Do q̃ ho gouernador fez em Malaca despois de a ter ganhada de todo, & do que el rey fez despois que a perdeu.



Inda a noyte q̃ ho gouernador se recolheo com a gente bẽ cansada de tanto trabalho como leuou aq̃le dia, assentou com seus capitães de ao outro dia ẽ amanhecendo cometer a pouoação onde el rey viuia, q̃ ele não cometeo no mesmo dia que ganhou a pôte, porque em afortalecer se gastou a parte que ficaua por passar despois de ganhada. E como ho gouernador sabia ho grão poder de gente q̃ el rey tinha consigo, & quão boa era de guerra, & quão bẽ armada: & ele quão pouca tinha, pareceolhe q̃ era melhor irse metêdo pola cidade pouco & pouco a saluo da sua gente, que meterse de roldão cõ perigo de se perder. E aq̃la he a prudencia do boõ capitão tomar por manha o q̃ não pode ganhar por força: que se ho gouernador quísse logo esbarrôdar quica q̃ se perdera segũdo os jaos com que auia de pelejar sam determinados, & mais estando a soldo del rey que os auia danimar a pelejarẽ por amor do grãde tesouro que tinha, & sabia que entrando os nossos as suas casas lho auião de roubar. E isto que os nossos sabião os fez muy aluoroçados pa ao outro dia cometerẽ a pouoação onde viuiaõ el rey & ho príncipe com seus mãdarins, que sam os fidalgos. Po-

rem el rey não quis esperar este comento, que bem lhe pareceo que auia de ser como a manhecesse: & como sabia q̃ aos nossos não se tinha nada, não quis perder ho tesouro pois perdia a cidade. E aquela noyte ho mandou carregar ẽ alifantes, & partio se ate manhãa cõ ho príncipe, leuando consigo effes capitães que lhe escaparão na batalha, & assi os gouernadores da terra & seus mandarins, q̃ todos leuarão suas famílias, & foyse el rey meter polo sertão ẽ quintaãs coesta gente ate ver o que ho gouernador determinaua, q̃ lhe parecia q̃ nã quererã mais q̃ roubar a cidade & irse. E partido el rey soube ho ho gouernador em amanhecendo, & acodio logo com grande pressa, mandãdo diante effes capitães com sua gente, q̃ quando sobirão ao oyteiro onde el rey moraua virãno ir tão longe que desesperarão de ho poder alcançar, & por isso ho não seguirão, & ficarão tão agastados de se lhes ir assi el rey com seu tesouro, que se quiserão vingar em queymar as casas del rey & do príncipe, & dos mãdarins, & poserãlhes ho fogo: do que pesou muyto ao gouernador por q̃ sabia quanto fato auia dauar dentro, & q̃ndo quis mãdar apagar o fogo ja era tudo ardido, & perdeose ali muyto moel & muy rico: & por isso ele defẽdeo cõ grãdes penas q̃ ninguẽ não possesse mais fogo, & como os mouros acabassẽ de despejar a cidade, q̃ ele a mandaria roubar. E ẽ algũs dias q̃ se passarão nisso, sãpre o gouernador esteue na pôte & no jûgo, & ẽ algũas casas, e sãpre armada a gẽte de dia & de noyte cõ grãde vigia, por q̃ os inimigos como nã podião logo despejar por serẽ muytos dauã muytos rebates. Neste tẽpo pedirã os mercadores Pegũs seguro ao gouernador

pera hirem a sua obediência, & derálhe quinhentos cruzados porque lhes não mandasse buscar os seus jûgos, que erã feys, & ficarão em sua amizade: & apos eles lhe foy Timutaraia falar & êtregar selhe por seruidor delrey de Portugal, & seu: & disselhe que hũ filho seu que fora na batalha fora muyto ferido. Des sapressado ho gouernador dos rebates dos inimigos, deu lugar que roubassem a cidade, saluo as casas de Ninachatu, q̃ estaua coele do primeiro dia q̃ ganhou a ponte. E repartidos os nossos em quadrilhas roubarão a cidade, & com quáto se não bolio com as casas dos Quelins, nem dos Pegus, nem dos Laos: somente nas dos Malayos & Guzarates, & outros estrangeiros, se achou muyta & muy grossa riquiza de mercadorias, & acharanse soterrados trinta & cinco marcos douro & vinte cinco de prata, & em hũ almazem delrey se achou infindo metal, & assi forão tomados passante de dous mil tiros d'artelharia de metal & algũs poucos de ferro: & antre esta artelharia de metal se achou hũa bombardã grossa, que dizẽ que elrey de Calicut mandou a elrey de Malaca, & assi forão tomadas muytas armas: & com o que se tomou na cidade, & mercadoria que se tomou no porto, assi nas naos de Cambaya & em algũs jungos, & algũs jungos que se venderão, & outros que ficarão pera elrey, & assi em cico mil fardos darroz, ficarão pera elrey pagas as partes da gẽte passante de duzentos mil cruzados, a fora muytos esclauos & esclauas que se tomarão neste desbarato & despois dele. E por q̃ ho gouernador asselegasse a cidade & se tornasse a pouoar como dantes, fez gouernador & justiça dos Charis, qlis, a Ninachatu, & assi de todos os ou-

tros gentios de Malaca, & també por lhe pagar q̃nto seruico fizera no fauor que dera a Ruy daraujo & aos outros catiuos, & assi naqla guerra e lhe dar a uisos das determinações delrey de Malaca. E dos mouros fez gouernador a Temutaraia, que seria homẽ doytena annos, & coestes dous se asselegou ho pouo de Malaca, & se tornou apouoar como dantes de mercadores, saluo dos Malayos, q̃ estes não queria ho gouernador consentir na cidade, nẽ onde os nossos os achauão lhe dauão vida. Neste tempo soube ho gouernador como elrey de Malaca se fora apousentar oyto legoas de Malaca ao lógo dhũ rio q̃ se chama Muar, & deixou ho príncipe seu filho com seu arrayal, esperando como digo que deixasse ho gouernador a cidade: & por ho arrayal do príncipe estar perto do rio, mandou fazer nele estacadas muy fortes porque os nossos bateys não podessem lâ ir, & mais por que teue noua q̃ Lasamane estaua perto de Malaca com sua armada, & assi elrey da ilha de Linga que era sugeyto a elrey de Malaca, caualeyro mancebo, & muyto efforçado, & vinha socorrer a elrey de Malaca, & quando souberão que ho gouernador estaua de posse da cidade tornaranse. E sabẽdo ho gouernador a estacada que ho príncipe mādara fazer, mandou logo lâ Gaspar de payua, Fernã perez, Simão dâdrade, Ayres pereyra, Frâncisco ferrão, Jorge nunez & Ruy daraujo, que a fora a gẽte dos nossos leuarão mil & nouecẽtos homẽs da terra. s. mil Laos q̃ deu Temutaraia, seyscẽtos gẽtios q̃ deu Ninachatu, & trezẽtos Pegus q̃ derão os señores dos iûgos de Pegu. Estes capitães chegãdo as estacadas as arracarão, & o príncipe como o soube fugio pa o desta-

ua seu pay & âtes q̃ se leuâtasse o seu ar
 rayal derã os nossos nele, & tomarãlhe
 sete alifâtes cõ seus castelos d' madeira
 & suas seelas com andores destado la-
 uradas de marfim, & pintadas douro
 de pao muy bem assentado, & titas de
 muytas cores, & leuarão tudo ao gouer-
 nador, que andaua ocupado em fazer
 hũa fortaleza de madeyra onde estaua
 a mezquita, & por dêtro desta fortale-
 za no mesmo dia em que se começou,
 mandou abrir aliceces doyto pês de lar-
 gura pera ho muro doutra de pedra &
 cal, & quis fazer primeyro esta de ma-
 deyra, porque se auia dacabar primey-
 ro que a de pedra & cal, que se fazia de
 cantaria, assi de sepulturas nobres co-
 mo da mezquita, & doutros edificios
 de que ho gouernador não sabia parte
 nem Ruy daraujo lhe soube dar rezão
 deles, & achouse cantaria, & tão fermo-
 sa que não podia mais ser; & muytas de
 stas sepulturas q̃ erã de reys antigos
 estauão metidas debaixo do chão, que
 forão tiradas com muyto grãde traba-
 lho; & assi acharão outra pedra de cabe-
 ça de que se fazia cal. E pera esta obra
 em que os nossos trabalhauão muyto,
 foy grande ajuda pera os aliuar do tra-
 balho muytos malayos escravos, antre
 os quaes entrarão muytos escravos ca-
 sados com molheres, & filhos que forã
 del rey de Malaca, q̃ os Iaos & Chatis
 hião buscar por esses matos por máda
 do do gouernador, & âtreles trouuerã
 outros malayos principais que ho go-
 uernador mãdou justicar por saber cla-
 ramente que forão culpados na morte
 dos nossos que forão mortos em tẽpo
 de Diogo lopez. E vendo quatro mer-
 cadores dos principais de Malaca que
 estauão com el rey ho fundamẽto que
 ho gouernador fazia da cidade, & sabẽ

do como se tornara a pouoar tornarãse
 parela fugindo a el rey, que neste tẽpo
 estaua em muyto grande necessidade
 de mantimẽtos porque não auia dõde
 lhe fossem, & era a fome tamanha em
 Muar q̃ os seus escravos lhe fugião pa-
 a cidade, & ele & ho prícipe se ouuerão
 da partar por jornada de tres dias hum
 do outro, & nã lhe aproueitou, que cre-
 cia a fome de cada vez mais. E vendo
 eles que a sua gente os deixaua por essa
 causa, & desesperados de tornar aco-
 brar Malaca tão asinha, porque não fi-
 casses sòs de todo foranse pera ho rey
 no de Pão, cujo rey como disse era gẽr-
 ro del rey de Malaca, onde segũdo des-
 pois foy dito ao gouernador morreo
 el rey de Malaca de fruxo de sangue, &
 ho prícipe se chamou dali por diante
 rey de Malaca, & se tornou a Muar le-
 uando muytos mantimentos & gente,
 & ali se fez forte com tranqueyras, &
 com artelharía.

Capit. lxxj. De como o gouernador por
 apagar a moeda dos mouros em Ma-
 laca, mandou laurar moeda; & da so-
 lenidade com que foy pregoada.



Ornada Malaca apo-
 uoar-se como dantes,
 estauão todos seus mo-
 radores muyto contẽ-
 tes da justiça em q̃ ho
 gouernador os manti-
 nha, & da verdade q̃ achauão nos nos-
 sos, & dizião que ateli nã ouuera nũca
 aquelas duas cousas em Malaca, & que
 estauão seguros dos roubos passados,
 principalmente ho pouo que era mais
 tirãnizado. E coeste contentamẽto mã-
 darão os mercadores seus jũgos carre-
 gados pera os portos onde os custuma-

uão de mandar, & dali por diante hião muytos a Malaca carregados de mantimentos & despeciaria, com o q̃ ella esta ua muyto abastada & rica, & porq̃ nella não auia moeda se não dos mouros, determinou ho governador de a mandar fazer, assi pera apagar de todo a dos mouros, como pera que mandasse poer na que se laurasse as insinias reaes del rey seu senhor. E tomado sobrisso ho parecer dos Chatins gentios, & outros homẽs honrrados moradores da cidade, mandou logo laurar moeda de stanho, & de duas moedas pequenas q̃ se chamauão caixas, mādou fazer hũa a que pos nome dinheiro, & de dez dinheiros outra, a q̃ pos nome soldo, & outra de dez soldos, a q̃ pos nome bastardo: & porque não auia moeda douro nem de prata, nem nunca a ouuera (se não por peso fazião os mercadores suas compras & vēdas) determinou cõ cõselho dos q̃ digo d̃ mādãr fazer moeda douro & de prata, & a do ouro foy posto nome catholico & pesaua mil rs, & a de prata outro tanto, & chamouse malaques, & ambas forão do mais fino ouro & prata q̃ se poderão afinar: por que auia homẽs que sabião fazer prata baixa & alta, & assi ouro. Acabada de fazer aquella quãtidade de moeda, que pareceo ao governador que abastaria pera começar da pagar a dos mouros, mādouha apregoar d̃sta maneyra. No alifante del rey cõ seu castelo cuberto de veludo, hia aruorada a bandeyra real, & dentro no castelo hião Antonio de souza de Santarem, & hũ filho de Ninachatu cada hũ vestido à sua maneyra muyto ricos & galantes, & diãte deles algũs alifantes adestro com seus castelos també cubertos de panos de seda, & diãte hião os nossos trombetas

& outros muytos instoimentos da terra, & hião dous pregoeiros que pregouão em lingua malaya, que aquella moeda era a que mandara laurar ho muyto alto & muyto poderoso rey dõ Manuel rey de Portugal & de Malaca pera proueito dos seus moradores, & q̃ ho seu capitão mór & governador da Índia mādaua em seu nome que dali a vinte dias não corresse mais a moeda dos mouros sopena de perdimento da fazēda. E dando este pregão tocauão as nossas trombetas, & despois todos os outros instoimentos, & Antonio de souza com ho filho de Ninachatu espalhauão decima do alifante a moeda assi douro como de prata & estanho, & assi correrão toda a cidade acõpanhados de gente sem cõto, que hião pasmados da grande solenidade cõ que esta moeda foy apregoada. Isto acabado mandou logo ho governador poer caibõ da mesma moeda que se apregoou, & coiffo foy apagada a dos mouros, & dali por diante correõ a Portuguesa.

Capit. lxiij. Em que se descreue ho grã de reyno de Sião, & de como el rey de Sião mandou hum embaixador ao governador.



Scapitães chins que leuãrão ho mesteieiro do governador pa el rey de Sião: partidos de Malaca fizerã seu caminho via da china, & da q̃la bãda passando ho estreyto que se chama de Cincapura, entrarão em hũ grande rio, & dahí se forão nos paraos dos seus jungos pelo rio acim ate hũa grande cidade q̃ se chama Vdiã onde estaua el rey de Sião, que he muy grande senhor, assi de terra como de gēte, & foy

ja mayor porque começaua na cidade de Tenagarim em passando Pegu, & dali indo ao longo da costa se estendia ate a póte de Cincapura, de modo que tomava do mar da enseada de Bégala ate a outra enseada em que a costa faz volta pera a China: & de Tenagari corraua dereyto pelo sertão ate a mesma enseada, em que entrava ho reyno de Malaca, ho de Pão & outros reynos q se lhe aleuantarão, & estão fora de sua obediencia. E com tudo he muy grãde seño, & tem muytos & bõs portos em ambas estas costas, & todos sam grandes cidades em q se tratão muytas & muy ricas mercadorias. Em todo este reyno geralmente ha ouro, prata, beijoim q he rezina daruores, lacre, estanho, a que os da terra chamão calim, almizqre, & assi muytos mantimētos: chamaſse Sião por amor da principal cidade que se chama assi, que estã metida pelo sertão trinta legoas ao longo dhũ rio tão largo & tão fundo, que na dão nele jungos carregados, he cidade muyto grande & populosa, & de ricos & fermosos edificios, & de muyto trato, abastada em grãde auõdança de muytos mantimentos, he ho principal assento dos reys deste reyno, & tẽ aqui hũs riquissimos paços & muyto deleytosos com jardins de diuerso aruoredo, & de muytos generos deruas cheiroſas, & de muytos canos dagoa & tanques muy apraziueis, & casas douradas de dentro & de fora. Este rey de Sião como digo he muy rico de thesouros, grão seño de terra, muy poderoso de gente, assi de pé como de caualo, & tẽ muytos alifante de guerra, he gentio, & assi ho sam todos os de seu reyno tirando os dos portos de mar que sam mouros; & estes se vão negociar ao ser

tão não lhe consentem leuar armas: tẽ os gentios deste reyno costumes muyto deluairados das outras gētes. Dão as filhas a quem lhas gaba de fermosas, quando algum morre seus parētes ho comẽ assado, & assanno em tres paos q estão empinados, & juntas as pontas hũas com as outras, & no meyo hũ gãcho de ferro em que ho morto estã de pendurado polas curuas sobre hũ grã de fogueyra, & em quãto ho assam ho chorão os filhos se os tem, & despois daſſado começam de comer & apos eles os outros, & queymão os ossos naquella fogueira: & a rezão que dão porque fazem isto, dizem que porq sua propria carne não pode ter melhor sepultura que eles mesmos. E chegando os capitães Chinsa esta cidade Dudia onde estaua el rey de Sião, mandarãlhe dizer do porto como lhe trazião hũ mesajeiro do gouernador da India por el rey de Portugal q ficaua em Malaca, & logo foy aos paraos dos chins hũ capitão del rey de Sião com duzentos lancharas cheas de muyta gēte: & sabẽdo do nosso mesajeiro ao q hia mãdou o dizer a el rey, que lhe mandou que lho leuasse: & assi ho fez, & forão coeles os capitães chins acompanhados de toda a gēte das lancharas. Indo ho nosso mesajeiro pela cidade, assi por ir com grã de festa, como por ser homẽ de nação, & trajo tão nouo naq̃la terra todos sayão auelo: & acompanhado de grande numero de gente foy ter aos paços del rey, que achou em hũ grande sala assentado em hũ cadeyra alta destado dourada, & a sala paramentada de bordados, & ele vestido muy ricamēte ao modo chin: & todas suas molheres & filhas assentadas dhũa banda & da outra da sala, acompanhadas de suas da-

mas ataviadas de borcados & de sedas & com muyto ouro & pedraria. E recebido ho mellejeiro del rey com muyto galalhado, deu-lhe a espada & a carta: & com tudo folgou muyto, principalmente despois que ouuio o que dizia na carta que lhe ho mellejeiro leo, & perguntou muy miudamente pelo que ho governador fizera em Malaca, & por el rey de Portugal, & seu estado de que ho mellejeiro lhe deu rezão, porque era discreto; & por lhe el rey fazer hõra lhe mandou mostrar toda a cidade, & assi hũ alifante branco que não ha outro no mundo, & tẽ el rey isto em tanta estima q se chama seõor do alifante branco. El rey ficou tão contente do q o governador fez em Malaca, q determinou de ter amizade coele, & mädar lhe seu embaixador sobriõ, & pera fazer coele paz em nome del rey seu seõhor, & despachou logo ho mellejeiro que auia de tornar cõ os capitães chis, & mädou coeles seu embaixador. E assi se partirão todos da qila cidade & forão por terra ate os baixos de Capacia, & ali sembarcarão etres panguéjaoas cõ que chegarão a Malaca, onde ho governador tinha os muros da fortaleza em tal ponto que começauão de fazer asameas, & estaua muyta artelharia asentada. E os capitães chins lhe entregarão ho mellejeiro, dizêdo q tinham comprado o que deuão. E ho mellejeiro lhe trouue hũ carta del rey de Sião parele, & hũ anel com hũ robi, & hum estoque douro, & hũa copa douro. E a mãy del rey de Sião lhe mandou hũas manilhas de pedraria & tres bucetas douro, & pera el rey de Portugal hũa carta do mesmo rey de Sião selada & garrada; & na carta do governador lhe daua el rey muytos lououres sobre ho

feyto de Malaca, que tinha por muyto grãde, offrecêdo seu reyno, sua pessoa, sua gente pera seruiço del rey de Portugal, & assi os mantimêtos & mercadorias q fossem necessarias de sua terra pa isso, & dandose por muyto grãde amigo do governador, & outras muytas cousas damizade. Ho governador fez muyta honrra ao embaixador del rey de Sião, & ouuiolhe sua ebaixada, & por não ser tẽpo pera se partir pera sua terra ho não despachou logo; & assi fez muyta honrra aos capitães chins a q fez merce em nome del rey seu seõhor. Apos este embaixador chegou outro del rey da Iaoa, que he hũa ilha grande q està da banda de leste da ilha de camatra, & tão perto que se apartão ambas per hũ canal de dez ou doze legoas de largo que tẽ muytas ilhas peqnas, & antrelas està cunda que he pedaço da de camatra, em que ha muyta & muy boa pimêta, & passada cunda està pa leste a ilha da jaoa, q jaz leste oeste. A costa da banda do norte sera de ceto & setêta legoas, & a do sul não he aida descuberta, & por isso chamão os marinheiros ao q he descuberto ho meyo desta ilha: tẽ na parte descuberta muytos portos q sam cidades grãdes. s. Tuba, Panaruca, Cidayo & Agaci, & este he ho melhor porto & de moor trato. He esta ilha a mais abaftada darroz, carnes, assi saluajês como domesticas que se sabe no mundo, & assi doutros mantimêtos & todos muyto baratos, nace nela pimêta, canela inda que tão delgada como papel, gengibre, ouro & cobre. A gête do sertão desta ilha sam gentios, & os dos portos do mar mouros: sam os naturais da ilha baços, grossetes aparrados & mal feytos, porẽ as molheres são aluas & de boõ carão, &

de fermosos corpos, grãdes musicas & engenhosas, & tratãse muyto bẽ. Os homẽs andão nuus da cinta pera riba sem nada na cabeça, trazem os cabelos tosões & arrepiados pa cima, & as barbas peladas, o que custumão por galãtaria; a mayor jura que fazẽ he por sua cabeça, & dizem que não ha dauar sobrela nada, & matão quem lhe põe a mão sobrela, & por não andarem hũs mais altos que os outros não fazẽ casa de sobrado. São muyto soberbos, mẽtirofos & tredoros; sam muyto ousados & pelejão sem medo. Suas armas sam boas lanças compridas de ferro, de folha doliueira sem espigão, trazẽ outras armas q chamão crifes que lhes seruẽ como a nos as adagas, trazẽ cimitaras como turcos, & padefes de pao muyto leue & estopento que os cobre dalto abaixo, trazẽ zarauatanas cõ que tirão frechinhas de palmo heruadas, & arcos tão compridos como arco de pelouro de corno de bufaro de duas peças, não estimão a vida por matarem hum grão senhor, & se adocem prometẽ a Deos de tomarẽ outra morte mais hõr rada se lhe der saude, & como sam sãos vanse polo lugar õde morão & matão qntos topão ate q os matão. São tão soberbos q desprezão todas as outras nações do mũdo, & creẽ q não ha nenhũa tão boa como a sua; sam todos muy engenhosos e officios machanicos & grãdes artilheiros, & por isso os estimão muyto na India, & fazem poluora, & sam bõs bõbardeiros; fazẽ muyto boas armas lauradas de tauria & de motamo, & fazẽnas em horas & pòtos por feytiços de que sabem muyto, & dizẽ que quẽ as traz q não pode morrer em batalha nẽ ser vencido, & fazẽ outras q matão como auentão sangue, & estas

que fazẽ cõ feytiços estão em as fazer dez annos pera esperar pelos pontos, em q as hão de laurar, & estas estimão os reys muyto. São grãdes monteiros & caçadores, tẽ muytos caualos, caẽs & aues de caça, & leuão a caçar & a montar suas molheres em carretas cubertas cõ fermosos leytos de maganaria & dourados. Ho principal rey desta ilha he gentio, & mora no sertão, & he grã seõor de terra & poderoso de gẽte. Pola fralda do mar ha outros reys q sam mouros & obedecem a este gentio, & as vezes se lhe rebelão & ele os torna a fugigar. Este rey sabendo q ho gouernador tomara Malaca ficou muyto espantado, & determinando de ter coele paz & amizade, lhe mandou sobriſso seu embaixador, q despois de chegado a Malaca & darlhe sua embaixada, lhe deu hũ presente da parte del rey, que forão hũa dazia de lanças com fundas de pao muy bẽ pítadas metidas nos ferros; hũ pano tão cõprido como hũ beirame, em que estauão pintadas todas as suas batalhas cõ suas carretas cõ castelos de madeyra q tirauão caualos, & alifantes armados com castelos do mesmo, & el rey na q̃las carretas com quatro bandeyras, & pintado com seu estado, & cada cousa destinta por si, & tão natural que não podia mais ser, & deu lhe vinte linos pequenos de sua vſança que sam de fuzileyra, & não da feição dos nossos, & tangense cõ paos como a tabaqs, & tãgedores coeles, q os tãgião acordadamẽte. E ho gouernador folgou muyto cõ a ebaixada dẽste rey e cõ sua amizade por amor dos muytos mãtimẽtos q auia e sua terra, de q Malaca tinha necessidade polos não auer nela, & fez muyta honrra ao embaixador, & mandouho muyto bem apousentar.

Capit. lxiij. Dos muytos ebaixadores que vierao ao gouernador dos reys comarcãos de Malaca.



Estes dias chegou ao gouernador hũ mellejeiro del rey de Campar que he hũ peño reyno na ponta da grande ilha de çamatra defrõte de Malaca, não ha nele se não matas daruoredos que dão ho lenho aloes, a que na Índia chamão calambuco: as aruores sam grandes, & como sam velhas cortãnas & tiranlhe ho lenho aloes, q̃ he ho seu amego ou cerne, & ho de fora se chama aguila. E ambos estes paos sã de muyto preço, principalmente ho calambuco que val na Índia a peso douro, & dão cheiro suauiſſimo esfregãdo ho ãtre as mãos, & a aguila queimado. Este mellejeiro del rey de Cãpar, pediu seguro ao gouernador de sua parte, & assi hũa bandeira das armas reaes pera lhe ir falar, que queria ser vassalo del rey de Portugal, & ficaua no rio de Muar com dez lancharas. E dandolhe ho gouernador ho seguro & a bandeira, foy el rey a Malaca, & fezlhe ho gouernador grandissima hõrra por ser aquele ho primeyro rey que naquelas partes se fazia vassallo del rey seu senhor por sua vôtade, & deu lhe muytas dadiuas. E ele lhe deu de presente pera el rey de Portugal oyto fardos de lenho aloes & aguila, & do us de lacre. E feyto vassalo del rey de Portugal, se tornou pera sua terra muyto contête com muytas couſas que lhe deu ho gouernador, que tambem despachou ho ebaixador del rey da Iaoa, outorgandolhe paz & amizade da parte del rey seu senhor, com cõdição que ele deixasse trazer pera Malaca os mã

timentos q̃ os nossos quisessem trazer, & mandoulhe peças de veludo & dez carlata, & hũ alifante pequeno porque os estimauão là muyto. Tambẽ ho almirante do mar del rey de Malaca que se chamaua Lasamane, homẽ discreto & boõ caualeyro de idade doytenta annos sabendo ho fundamẽto que ho gouernador fazia de foster Malaca, & q̃ ho rey velho que fora dela era morto, & seu filho não tinha esperança de a cobrar, determinou de se ir pa ho gouernador, & mādoulhe pera isso pedir seguro & badeira. E ho gouernador lha mandou, fazendolhe muytos offrecimẽtos por ser da qualidade q̃ era: mas ele não veio, & disse q̃ por lhe escreuerem de Malaca que se não fiasse do gouernador porque ho queria matar. E isto lhe escreueo quem receaua que vindo ele ho tirassem do mado q̃ tinha & ho darem a Lasamane, q̃ receoso de sua vida não quis ir a Malaca, & deixou se estar em Muar com a armada q̃ tinha, & cada dia vinhão ao gouernador embaixadores de muytos reys comarcãos, assi da terra firme como das ilhas: & erão tantos que se não fiaua de les parecendolhe q̃ hião mais a espialo que a pedir paz & amizade. E era tão prudente que sempre fazia crer a estes estrangeiros que tinha muyta gente de guerra, tendo ele muyto pouca & a mais dela doente, & porẽ todos trabalhauão: de que os estrangeiros se espãtauão muyto. E tanto se estẽdia a fama do gouernador por aquelas partes, que não auia nenhũ rey nem senhor que não quisesse sua amizade, & ele a daua a todos. E com ho gouernador ganhar Malaca se dessez quasi de todo ho trato da especiaría dos mouros do mar roxo, porque esta era a principal fõte de que

a leuauão & nã de Calicut. E ganhada malaca ficou aos mouros algũa especia-
ria q̃ auia de Calicut, que era pouca
coufa (a respeyto da q̃ leuauão de Ma-
laca) por amor das noílas armadas que
goardauão a costa do Malabar: & era
Malaca tamanha coufa q̃ tinha necessi-
dade doutro gouernador com gente &
armada como a Índia, porq̃ muyto ma-
is mouros & muyto mais grossa riqui-
za ha de Ceylão pera dêtro, & muyto mo-
res mercadores & mais ricos do que
ha na Índia.

Capit. lxiij. De como Pulatecão ê trou-
hũa noyte na ilha de Goa cõ grãde
poder de gête: & da treycão q̃ orde-
nou aos noílos.



Abêdo ho Hidalcão q̃ ho
gouernador era fora da In-
dia, & q̃ Merlao tinha pou-
ca gente nas tanadarias on-
de estava, determinou delhas tomar, &
pera isso mādou Pulatecão seu capitão
cõ tres mil homens em q̃ entráuão muy-
tos turcos de caualo. E sabêdo Merlao
sua ida, lhe sayo ao encontro cõ quatro
mil piães da terra & trita de caualo, &
desbaratouho. E seguíndolhe ho alcã-
ço os turcos de caualo q̃ hião fazendo
voltas aos de Merlao, matarão Içarao
seu capitão, & cõ sua morte ouue nos
seus tamanho desconcerto q̃ os turcos
que hião desbaratados se tornarão a fa-
zer ê corpo, & voltãdo sobre Merlao
ho poserão em desbarato com tanta
gente morta, q̃ lhe foy forçado fugir &
deixar a terra, q̃ cobrada por Pulatecã
cuydou dêtrar a ilha de Goa como da
outra vez, & mandou cometer a gente
da terra que se leuantasse contra os noí-
los, notificandolhe sua determinação

de tomar Goa. E como na cidade ja nã
auia se nã gêtios, & estauão escaldados
da destruyção q̃ ho gouernador fizera
neles pola treycão passada, não quise-
rão conceder na q̃ lhe Pulatecão come-
tia que fizessem, antes Crisnã ho disse
logo ao capitão, & como Pulatecão es-
tava de posse da terra firme: pelo que
ele & Duarte de melo entenderão em
goardar os passos da ilha cõ fustas &
bateys que tinhão, & assi hũa carauela
& hũa carauelão q̃ poserão no passo
de Naroã, porq̃ por ali podião passar,
da terra firme a ilha de Goa, pera o q̃
Pulatecão se apercebia quanto podia
têdo feytas suas jangadas q̃ fez em An-
truz, & assi algũas fustas de cayro que
fez, pos em obra sua passajẽ a ilha que
fez mado Março e hũa noyte de grã-
de escuridão & tẽpestade de vento &
d̃ chuua, assi como da outra vez. E por
que sabia a grande vigia que os noílos
tinhão no rio de Benastarim & no pas-
so Dagacim, não quis ir a nenhũ deles
por não ser sentido, & lhe embaçarem
a gête como fizerão da outra vez que
se ouuera de pder, & foyse ao ilheo dos
bugios que está defronte Dagacim &
perto dele, & dali costeãdo a ilha pera
Goa a velha, se meteo por esteiros & a
cudadas darrozais, onde desembarcou
com grande parte de sua gête sem ser
sentido dos noílos q̃ vigiauo ho mar
por estarem apartados dali, & por a es-
curidão da noyte ser grande, com que
parece q̃ enganados os noílos q̃ goar-
dauão ho passo de Naroã no carauelão
& na caraueta q̃ não virião os immi-
gos, teuerão tão mã vigia que não sinti-
rão algũs capitães de Pulatecão, q̃ por
seu mandado tambe entrarão por ali,
& derão rão de supito nos noílos que os
matarão, & lhe tomarão ho carauelão,

& a carauelleta. E Pulatecão espalhou allí os seus, porque os nossos não podẽ do acodir a todos os passos da ilha entrassem por algũ, & por isso os mādou tambem entrar por Benastarim, onde forão sentidos do tanadar, que com os que estauão coele por serem poucos fugirão logo pera Goa, & ho mesmo fez ho tanadar Dagacim, & os q̃ estauão no mar despois que foy manhaã q̃ souberão que a ilha era entrada dos inimigos, que aquella noyte entrarão tantos que quando foy sol saydo tinha Pulatecão mais de mil & quinhentos homens consigo, & os outros não fazião se não passar da terra firme & ajuntarse coele em corpos da terra que morauão por ali ao derredor lhe forão logo dar obediencia. E como ele se temia que os nossos por serem poucos senão atreuerião a pelear coele em batalha campal, & se auião de querer defender dos muros a dêtro cõ que não poderia auer effeyto sua determinação que era tomar a cidade, intentou hũ ardil com que não somente os acolhesse fora dela, mas que se lhe não podessem la acolher se os desbaratasse, & mādou a hũ pião da terra que fosse muyto correndo a Goa & dissesse ao tanadar mór que em Goa a velha estauão obra de duzentos mouros que entrarão a ilha, & que os Gãcares darredor vendo que não erão mais se ajuntarão & os tinham cercados q̃ fossem os nossos asinha & q̃ os tomarião, & matarião antes que fugissem. E quando ho pião chegou a Goa coeste recado que foy pola manhaã, achou ho capitão a caualo com obra de corenta ho mēs dos prícipais que inuernauão em Goa, que queria ir socorrer a Benastarim a pelear coestes mouros q̃ lhe ho tanadar dissera que entrarão na ilha,

& defender a outros que nã entrassem: & tinha mandado a Diogo fernandez que era adail que fosse descobrir dhũ cabeça contra Benastarim se parecião os inimigos & que gente era. E em quanto Diogo fernandez foy fazer isto com cico de caualo que forão coele, chegou ho pião canarim cõ ho recado falso de Pulatecão, & deuho ao tanadar mór q̃ tambem estaua a caualo com ho capitão. E porque com aquella noua ouue aluoroço antre os outros piães, que erão seyscentos, perguntou ho capitão que era aquilo, & ele disse que não sabia o q̃ dizia aquele pião que lho perguntasse ele. E sabendo o que dizia, aluoroçouse logo ho capitão como homem mancebo pera ir matar aq̃les mouros, & perguntou ao tanadar mór que faria: dizendo-lhe ele que não sabia, não curcu mais de ho perguntar a outrem. E sem tomar conselho sobre cousa de tanta importancia como aquella, nẽ esperar polo adail & pelos outros, se mudou do caminho que estaua pera fazer a Benastarim, & abalou pera Goa a velha cõ trinta & cinco de caualo com ho tanadar mór & quinhentos piães, de que os trezentos erão canarins & os duzêtos Malabares muyto bõs frecheiros, & era seu capitão hũ que fora goazil de Cananor valête homem de sua pessoa & muyto amigo dos Portugueses. E indo allí descobrio ho pião Canari (que leuara o recado falso) aos outros piães a treycão que estaua ordenada aos nossos, cõselhandolhes que fugissem, porque allí ho auia ele de fazer: & allí ho fizeram que todos os piães Canarins se deixaraõ oficar poucos & poucos como que cansauão & escondianse, & tambẽ os Malabares ficauão atras d̃ casados, que ho capitão leuaua tamanha pressa,

que sobindo ao cume de hũa serra que está sobre Goa a velha não hião coele mais q treze Nayques que sam como cabos d'squodra dos piães: & estes por serem homêes de vergonha & muyto amigos dos nossos. E chegando ho capitão ao cume desta serra, vio quasi ao pé dela em hũ campo obra de mil & quinhentos mouros bem armados todos fechados em hũa pinha, & antreles cinco capitães a cavallo com seus sombreiros & rabos com que os abanauão. Ho capitão que era mais efforçado pera pelejar, que repousado pera capitanejar, como vio aquella gente preguntou ao tanadar que farião: ao q ele respõdeo que não sabia porq lhe parecia aquilo royndade, pois via quanta auantagem auia do numero daquela gente ao que lhe dissera ho pião que leuara ho recado que não parecia nem nenhũ dos outros Canarins, que visse ele o que queria fazer.

Capit. lxxv. De como o capitão de Goa pelejou com os inimigos & os desbaratou: & como despois foy morto & desbaratado, & do que os nossos fizeram despois disto.



Vuida a resposta do tanadar, pregũtou ho capitão aos nossos ho mesmo que lhe pregũtara. E nã respõdendo ninguem, disse ele. Senhores vos calaisuos, pois eu tambem sou bonito vamos auante. Ao que logo respondeo Manuel da cunha como ho mem deseioso de ganhar hõrra, auãte: então disserão todos outro tanto. E dizendo isto decerão todos pola serra abaixo, q era tão ingrime q quasi q lhe

corriã as selas sobre os pescoços dos cavalos, que se os mouros teuerão acorrido ao decer os matarão todos. E chegando dos dous tiros de bẽsta dos inimigos pouco mais ou menos, deteuos ho capitão & fez lhes hũa fala, dizendo. Bem vedes senhores como estes peiros estão quedos, que não he se não cõ medo de nos outros de nos verem tão determinados a cometelos, & pasmão de ver nossa determinação pola deferença que ha de sua multiplicação a nossa pouquidade. Esperemos em nosso senhor que pera sua destruyção nostrouue aqui: por isso senhores como tũestes ousadia pera decer da serra, assi tende pera dar des neles. E lembreus q os q morrerẽ terão certa a gloria pera as almas, & os viuos a hõrra pera os corpos: & coisto moueo pera os inimigos que nunca se desfizerão da pinha em que estauão. O que vendo ho capitão, em chegando deles hum tiro de pedra deteu esse, mãciãdo ao tanadar que fosse com os seus a trauar coele. E disse Pero corefma ao capitão, que se auião de star com os inimigos aos itẽs q receberião deles muyto diano, porque no mais que hũa frecha que cada hum lançasse abastaria pera os matarem a todos, que dessem Santiago & não esperassem mais. Ho capitão lho teue em merce, & louuãdo muyto seu conselho fez de todos hũa fieira pera darem melhor nos inimigos, & correos duas vezes, efforçando os, & dizendo que aia de ficar detras pera ver como cada hum fazia. E mandãdo tanjer as trombetas, dizendo Santiago foy ho primeyro que cometeo os inimigos, & os nossos coele, & os romperão hũa vez, & dando logo volta os romperão outra, deixando hũs mortos & feridos das lanças, & outros pisados

dos caualos, & dos nossos tambem foram feridos algũs poucos, antre os quaes foy mestre Afonso com hum zaguncho: porem os inimigos se desbaratarão logo & fugirão contra ho mar jũto dondestaua Pulatecão, recolhendo a sua gente que passauão da terra firme em jangadas & fustas, & ajuntauanse ali em corpo coele que estaua a caualo. E quando estes virão vir fugindo os outros & os nossos apos eles, começaram de fugir sem aproueitar a Pulatecão effortalos, & remeterão ao mar pera se saluarem nas jangadas, & rão desatinados hião que se afogarão obra de trezentos, & os outros se espalharão pelo campo indo os nossos depos eles, & assi os piães Malabares que ja erão chegados, & eles às frechadas, & os nossos as cutiladas matarião bem quatrocentos dos inimigos, & tomarão os caualos aos capitães. Pulatecão q̃ vio ho desbarato dos seus, como homem acordado determinou de se fazer forte, por que bem vio que estaua certo que fugindo, nem ele nem quantos fossem coele poderião escapar, porque os auia os nossos de seguir, & como os seus hiã desbaratados não auiaõ de fazer volta aos nossos por mais que os effortasse. E porque ja não podia recolher todos por quão desmandados andauão, recolheose com os que mais prestes pode ajuntar, que forão oytenta turcos homens de preço, & que seruião muytas vezes de capitães, & que estauão bem armados, acolheose coeles a hũa mama de terra que se leuantaua naquelle campo, & era cercada de pedra com duas êtradas, & antre hũa & a outra estaua hum padrão de pedra como que antigamente seruira de fortaleza. E vendo ho capitão fazerse aquele cor

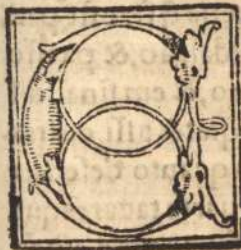
po, conheceo pelos sinaes que ali estaua ho capitão dos inimigos, & assi ho disse a Manuel da cunha, pregũtando lhe o que faria, & ele disse que fossem auante, & ajuntou ho capitão consigo & com Manuel da cunha ate quatorze de caualo, Pero coresma, Antonio correa, Francisco de madureyra, Fernão caldeyra, Fernão correa. Manuel de souza tauares, mestre Afonso, Bastião rodriguez contador & escriuão da camara da cidade & outros quatro. Ho tanadar como vio a determinação do capitão, disselhe que por nenhũ modo fosse cometer aqueles que erão liões, q̃ deixasse ajuntar os seus piães que ja começauão de chegar, & que eles lhos matarião aas frechadas ou farião que se lhes entregassem, porque a caualo não lhes podia fazer nojo pola colheita em que estauão: do que ho capitão parece que se agastou, & com soberba de sua grande & demasiada vitoria, disse que quem vencera mil & quinhentos homens não auia nada, que não auia de temer corenta ou cincoenta mouros fanados & alfenados. E vendo ho tanadar que não queria seu conselho calouse, & ho capitão cometeo os inimigos, ele com Manuel da cunha, & algũs destes quatorze por hũa parte do padrão & os outros pela outra; & pera ainda os inimigos os mais conuidarem a comete los, sayrão ate quasi ho padrão, & como ho capitão & Manuel da cunha (que forão os primeyros) entrarão foran se recolhendo de vagar, & acolhendo os dentro da cerca, dessechão com seus zagunchos muy brauamente, & dos primeyros trancarão hum pelos peytos ao caualo do capitão que logo lho derribarão & tomouho debaixo se se poder leuatar, & ao de Manuel

da cunha deranlhe hũa cutilada polas ancas com que tirou tantos couces que deu coele no chão, & quasi que ho capitão & ele cayrão ambos a hũ tẽpo, & logo forão mortos p algũs dos imigos, de que os outros ferirão muyto mal sete ou oyto dos nossos, & tanto que ouuerão por seu barato de se sayr & não ir mais auante, especialmẽte vêdo morto ho capitão & derribado seu guião. E aqui parece q̃ nosso seõhor quis goardar estes porque se Goa não perdesse & a Christindade da India não recebesse tamanha quebra, q̃ quando os nossos sayrão da cerca assi apertados nẽ Pulatecã os seguio, nẽ outros dos seus q̃ ali estauão juntos se lhe poserão diãte pa os deter & mal tratar, mas vêdo os vir denodados lhe derão lugar q̃ se sayse. E quis nosso seõhor q̃ os nossos se ajũtãrão logo & forãse caminho da cidade se falecer mais q̃ ho capitão & Manuel da cunha: & porẽ ho feyto foy tão façanhoso q̃ mais não pode ser, mas ho capitão não soube agardecer a nosso seõhor a merce que lhe fazia, & quis atribuyr tudo a sua valentia, não tomando ho conselho do tanadar quando lhe disse q̃ não cometesse Pulatecã q̃ os seus piães lho matarião. E este tanadar ho fez ali muyto valentemẽte, que a fora matar muytos dos imigos ajudou com Pero coresima a meter os nossos e acor do de se ajuntarem & hirẽse logo pera a cidade, onde chegarão indolhe os imigos ladrando ate as duas aruores q̃ nunca oufarão de çarrar coeles: nẽ o q̃ Pulatecã fez foy se não como desesperado de se nã poder salvar. E chegados os nossos a cidade, foy grãde aluoroço na gente cõ a entrada dos mouros, & com a morte do capitão pola guerra q̃ se esperaua, & quiserão logo todos fa-

zer seu capitão a Francisco pantoja, q̃ por ser alcaide mór era sua a capitania: mas ele a não quis por a terra estar tão reuolta como estaua, & assi ho disse, o que lhe todos tacharão muyto. E vêdo os officiaes da camara da cidade, & assi os da fazenda del rey, & todos esses fidalgos & cauleyros q̃ auia em Goa como Francisco pantoja não queria ser capitão, lhe fizerão assinar hũ auto q̃ se disso fez, & assinado elejerão todos e camara por capitão a Diogo mèdez de valconcelos posto q̃ estaua preso, vista a necessidade q̃ auia de capitão, & q̃ pera ho tempo outro ho não podia melhor ser, assi por efforçado, como prudente & autorizado. E despois de ho fazerem capitão Francisco pantoja se arrependeo de ho não ser, & requereo que ho fizessem, mas não lhe a proueitou. E feyto Diogo mendez capitão, Crisnã lhe disse que bem sabia q̃ os turcos erão seus imigos por amor dos nossos, & que estaua certo que yma renlhe as casas & destruyrennos, que lhe pedia que os recolheisse na cerca, & que hi se agasalharião nas ruas em tendilhões, do que ho capitão foy contente, & a Crisnã deu casas onde pousasse com sua familia, & os outros agasalharan se polas ruas da maneyra que digo, & hi tinhão suas mercadorias, assi de panos como de mantimentos, de que na cidade auia poucos se ho cerco fosse perlongado, & por isso ho capitão mandou recolher na cidade quãto gado pode auer, fazendo conta que ho mandaria tirar apacer com goarda se os imigos não assentassem ho arayal perto da cidade: & se não que ho mandaria matar & salgar, que mayor medo auia aa fome que aos imigos cõ quanto não tinha mais q̃ duze-

tos Portuguezes que fossem pera pelejar, entre os quaes auia corenta de caualo, & tinha seyscêtos piães Canaris & Malabares, & a outra gête que se recolhia na cerca era muyta, & ho mâtimêto pouco parela, & por isto pos ele grã de goarda no q̃ auia no almazê del rey pera a necessidade. E porque ho arrabalde a que êrão chamauão vila velha (que era daquela parte onde agora està a hermda de Santiago) não ficasse de semparada, mandou aotanadar moor & a Araul branco hũ valête canarim, que cõ seus piães a goardasse & vigiasse sem de dia & de noyte, & a defendesse dos inimigos se viessem, & por os muros da cerca & baluartes, ordenou suas vigias & roldas, & proueo tudo como era necessario.

Capit. lxxvj. De como Pulatecão assentado seu arrayal em Benastarim hia correr a cidade, & d̃ como lhe os nossos sayão & leuauão a melhor.



Ntrada na ilha toda a gête de Pulatecão que erão tres mil homens d̃ peleja, turcos, coraçones, persios & canarins, em q̃ auia cento & cincoeta de caualo, recolheose ele a Benastarim onde assentou seu arrayal, assi por ser ho passo onde lhe podia mais a sãinha acodir socorro da terra firme, como por não ser mais de hũa le goa da cidade & estar a hi perto hũa alagoa pera dar de beber aos caualos & agado. E como assentou seu arrayal, começou de edificar hũa cerca de muro com algũs baluartes cõ determinação de fazer hũa fortaleza pera se recolher nela & defenderse do gouerna-

dor posto que socorresse a cidade, & q̃ daq̃la fortaleza a poderia o Hidalcão tornar a cõquistar, & assi lho escreueo. Et tẽdo assentado seu arrayal, foy cõ toda sua gête dar vista a cidade, & pos a mór parte dela em cilada, & mostrou-se cõ a outra aos nossos, porq̃ parecẽdo lhes poucos os puocasse a pelejarẽ coele, & q̃ os leuaria ate a cilada como que fugia, & ali os mataria a todos, que não ousaua d̃ pelejar cõ os nossos e batalha cãpal, por quão escaldado ficou de ver tã asinha desbaratados os seus quãdo Rodrigo rabelo os foy buscar a Goa a velha. E Diogo mendez como vio os inimigos, & q̃ erão poucos sayo a eles, porẽ doendolhe ho cabelo de lhe terẽ armada algũa royndade hia cõ grande tẽto. E isto lhe fez q̃ chegando a cilada ho tomarão os imigos apercebido, & pelejou coeles cõ tanto efforço, assi seu como dos seus que os desbaratarão cõ matarem & ferirẽ algũs ficando os nossos todos sãos, & tambem ho tanadar mór & Raulu ho fizerão muy valêtemente. E desbaratados os imigos, recolheranse os nossos a cidade, & forão recebidos cõ grande festa; & dali por diãte corrião os inimigos muytas vezes a cidade, & pelejauão cõ os nossos por recórros & com voltas & poendolhe ciladas, porq̃ como disse não ousauão doutra maneyra. E sempre nosso seõor seja louuado os nossos leuauão a melhor dos imigos & matauão muytos, & dos nossos erão feridos algũs; & logo como ho cerco começou, chegou a Goa Francisco pereyra de berredo e hũa fusta, em que leuou trinta homens Portuguezes que lhe deu Diogo correa seu tio capitão de Cananor o de se esteuera curado de hũa doença q̃ lhe dera e Goa átes que ho gouernador fosse pera Malaca.

E sabêdo ele q̃ Goa estaua cercada, disse a seu tio q̃ se queria ir pera lá, & ele mādou coele aq̃les trinta Portugueses, có que ho capitão de Goa folgou muyto por ser em tal tẽpo, & deu a goarda de hũa estancia a Francisco pereyra, pera q̃ a goardasse cõ os que trouuera de Cananor, & mandoulhe dar hũ caualo pera quando ouuessem de sayr aos inimigos.

Capit. lxxvij. De como ho Hidalcão deu a conquista de Goa a seu cunhado Roçalcão, & do engano que Roçalcão fez aos nossos pa ho ajudarẽ cõtra Pulatecão: & de como ho deitou fora da ilha & ele ficou nela, & cercou Goa.



Abêdo ho Hidalcão como Pulatecão ganhara as tanadarias da terra firme de Goa, & tinha senhereada a ilha & cercada a cidade, de terminou de a tornar a cobrar, tanto q̃ fosse desocupado da guerra del rey de Narĩnga: & pera entre tanto começar de fazer ho alicerce, mādou a hũ seu cunhado chamado Roçalcão boõ caualeyro & turco de geração q̃ fosse fazer hũa fortaleza no passo de Benastarim porque receaua de a fazerẽ ali os nossos & lhe tolherẽ a passajẽ pera Goa como ja disse, õde despois de acabada se recolhẽria & faria guerra à cidade ate a tomar, pera o q̃ lhe deu seys mil homẽs de peleja, turcos, coraçones, persianõs, arabios & abexĩns, & deulhe prouisam pera Pulatecão lhe entregar a gẽte que tinha & se ir parele. E pa sostetamẽto de tudo isto lhe deu as rēdas das tanadarias da terra firme. E coeste despacho se partio Roçalcão, & chegou de fronte de Benastari da banda da terra firme, dõde mandou recado a Pulate-

cão, q̃ nunca quis obedecer às puifões do Hidalcão, dizẽdo q̃ pois ele ganhara a ilha q̃ auia de fazer a fortaleza & conquistar a cidade. E vẽdo Roçalcão q̃ não queria obedecer às puifões que trazia, determinou de holãçar fora da ilha por força, pera o q̃ lhe pareceo que lhe era necessario ajuda dos nossos, que determinou dauẽr por engano, a que deu cõr com algũs dos nossos q̃ forão catiuos na nao em q̃ hia Fernã jacome quando indo de çacotorã deu à costa ẽ Dabul q̃ ele trazia cõsigo, & andauão na capitania d̃ loão machado q̃ vinha coele: & assi andauão tambẽ Duarte tauares q̃ fora catiuo na terra firme despois do gouernador tomar Goa a segũda vez, & por este mandou Roçalcão dizer a Diogo mēdez, q̃ ele vinha por mādado do Hidalcão pa destruyr Pulatecão q̃ andaua leuantado cõtrele, & tomara as tanadarias da terra firme s̃ẽ seu mandado, & como tredoro lhe comia as rendas, q̃ se ele o quisesse ajudar a destruyr q̃ se liuraria da guerra q̃ lhe fazia: & q̃ ele lhe pmetia q̃ fizesse paz coele em nome do Hidalcão, & pa isso trazia os catiuos q̃ digo, & em final disso lhe mādaua logo aq̃le: & assi outras palauras, mostrando quanto desejava a paz. E cuydando Duarte tauares que aquilo era verdade, afeyçoouho ainda mais quando ho disse a Diogo mēdez como Roçalcão trazia os nossos q̃ dizia, & com caualos & armas como liures & lhe fazia muyto gafalhado. E ouuindo Diogo mendez isto, & vendo algũa mostra em lhe Roçalcão mādãr Duarte tauares, creio q̃ falaua verdade, & assentou paz coele, & deulhe ajuda por mar contra Pulatecão que foy coela desbaratado, & deitado fora da ilha: no que Diogo mendez errou

muyto, porque sabendo que Roçalcão era cunhado do Hídalção, que sabia q̃ desejava de cobrar Goa não ho ouuera dajudar, se não a Pulateção que era a uentureyro, & por ser soo, & não ter quem ho ajudasse, ouuera de folgar de se fauorecer com os nossos & ouuera de fazer corpo coeles, & por isso fizera q̃lquer partido q̃ lhe cometera, & ouueraho de manter polo que lhe releuaua. O q̃ estava certo que Roçalcão não auia de fazer pelas causas q̃ digo: & assi ho fez que entrado na ilha não deu os catiuos como foy côcertado no assento da paz, antes mandou dizer a Diogo mendez q̃ lhe desse a fortaleza da cidade q̃ era a casa do Hídalção & cabeça de seu reyno, que senão auia de dar a outrê se não a ele. E Diogo mendez lhe respôdeu que a cidade era del rey de Portugal, & que q̃ndo todos os q̃ estauão dêtro perdesse as vidas que então a deixarião. O q̃ ouuido por Roçalcão, determinou de fazer guerra guerreada aos nossos, porque bê entêdeo em sua resposta que os não auia de tomar facilmete, & mandaua correr a cidade de gente de caualo & de pẽ, & isto muyto amiude pera que os nossos saysem a pelejar coeles: & logo pola primeyra que os inimigos hião todos, não queria Diogo mendez q̃ lhe os nossos saysem descubertamete, mas mandou os poer em ciladas antre valos & aruore dos q̃ então auia daquela parte, que entrauão na vila velha indo de Benastari, & os inimigos recebião muyto dãnno dos nossos q̃ndo lhe sayão, porque como os tomauão de supito posto que erão poucos fazianlhe muyto dãnno de feridos & mortos. E vêdo Roçalcão ho ardil de Diogo medez, mudou a serueia do caminho por aquela parte, & en

traua pola rua que agora he dos bachares, & tambẽ Diogo medez teue ali ho mesmo ardil de cilada & sempre os inimigos leuauão ho peor: do que eles andauão muyto agastados, principalmete os turcos q̃ presumião de muyto valêtes. E estando hũ dia hũs poucos na tẽda de loão machado q̃ era seu capitão, começou de falar na guerra, & disse q̃ não cuydaua q̃ se os nossos defendesse tão bê, que auia neles muyto efforço. E auêdo os turcos menêcoria de loão machado gabar os nossos, disserão que se eles forão tão efforçados como tinhão a fama q̃ ja ouuerão de sayr a pelejar coeles, & trabalhar polos lâgar fora da ilha, & não soffrerẽ estar encurralados como gado, & por serẽ couardos ho so frião, & q̃rião cõ manhas ganhar hõrra, & assi disserão outras muytas palauras em desprezo dos nossos. E cõ quãto isto pareceo mal a loão machado como a verdadeyro Christão q̃ era, não oufou de respôder como Christão por não dar de si sospeyta que ho era: mas disse aos turcos que mandasse hũ desafio aos nossos de tantos por tantos, & q̃ saberião se erão valêtes ou nã. E os turcos que desejaão de se puar coeles de corpo a corpo, mandarão logo hũ cartel ao capitão, em q̃ dizia q̃ no arrayal de Roçalcão auia homẽs que desejaũ de se puar cõ os nossos e batalha particular, que se quisesse mandar algũs a isso que ho mãdasse dizer, & q̃ quãtos quisesse que saysem, tantos turcos achariã diante da cidade armados de terçados, adagas & cofos que auião de fer as armas com que auião de pelejar, & que as mesmas trarião os nossos. E o q̃ mais sobriisso succedeo eu ho não pude saber: porem despois que Roçalcão pôs ho cerco aa cidade, ele fez a guerra

mais aptada aos nossos do q̃ Pulatecão a fazia, & não auia dia q̃ lhe não correfse & desse cōbate: mas sempre os nossos cōquão poucos erão lhe sayão, por que Diogo mēdez era muy efforçado & sempre leuaua cō ajuda de nosso sefō sefōr ho melhor dos imigos, & mayor medo auia da fome q̃ deles porque erão poucos pa a muyta gēte q̃ sobreueo pera os gastar como ja disse.

Capit. lxxviii. De como cayo hũ pedaço de muro da cidade cō atormēta do inuerno, & do grande trabalho que os nossos teuerão em defender q̃ os imigos não entrassem por ali.



Estes dias começou entrar ho inuerno com suas tēpestades d̃ grādes chuvas & vētos como ha na q̃la terra, & cō a força da tormenta arrunhou da parte d̃ fora hũ lāço do muro da cidade da bāda do Mādouim q̃ estaua aida velho do tēpo dos mouros, & cayo todo aq̃le pedaço q̃ arrunhou mas ficou daltura dhũ homē, & q̃s d̃s que isto foy de noyte, por q̃ se acertara de ser de dia q̃ os imigos ali esteuerão viranse os nossos ē muyto grande trabalho. E cō tudo ho teuerão assaz em acarretarē algũs falcões q̃ assentarão sobre ho muro quebrado pa se defenderem dos imigos ate buscarē madeira pera fazerē ali hũa tranqueyra por q̃ a nã tinhamō prestes. E despois q̃ foy manhaã q̃ os nossos a andauão buscando, sobreueo Roçalcão cō sua gente pa ētrar por aq̃le quebrado q̃ logo ho soube: ho capitão estaua ali cō todos os q̃ tinha que podião pelejar, & mandou desparar os falcões q̃ estauão alistados, q̃ fizeram hũa grāde esboralhada nos imigos de muytos q̃ cayrão mortos fei

tos ē pedaço, & outros aleijados: porē erão tātōs q̃ nã deixauão de se chegar a lança darremello, & os nossos se defēdião tambē q̃ não lhesa pueitaua serē muytos. E assi durou a peleja todo aq̃le dia em peso se nũca deixarē de pelejar: & nosso sefōr quis fazer tanta merce aos nossos q̃ cōquão poucos erão semp teuerão ho rosto dereyto aos imigos, de q̃ matarão & ferirão muytos, & de les tambē morrerão algũs & forão feridos, & hũ deles foy ho tanadar, q̃ foy ferido de hũa espingardada, de q̃ despois morreo dahi a hũs dias, que foy muyto grande pda pera os nossos por ser muyto valēte homē de sua pessoa, & grāde imigo dos mouros, & q̃ ajuda ua muy bē a matalos. E estando assi na cama ferido, dizia q̃ lhe não pesaua de morrer, se não por q̃ não morria às cutiladas, matando q̃ntos mouros ele de seiaua de matar. Coesta grande perda dos seus, se recolheo Roçalcão ja quasi noyte, & tão destroçado ficou q̃ não po detornar ao outro dia, cō que os nossos teuerão tēpo pera fazer hũa tranqueyra naq̃le quebrado do muro, & fizeram na de palmeyras de duas faças entulhada de terra muyto forte, & assentarão nela artelharía. E parecendo todauia a Roçalcão q̃ poderia entrar por aquele lugar, & q̃ tomaria os nossos de sobre salto, foy logo aquela noyte muyto caladamēte & chegou ao quarto da modorra, & cometeo a tranqueyra de supito cō grande grita dos seus: os nossos que ali vigiaua ouuerāse tão efforçadamēte q̃ sosteuerão este primeyro impeto dos imigos. E nisto acodio ho capitão com a gente de sua sobre rolda: & por que se temeo que os mouros coesta reuolta cometessem as outras estācijas & entrassē por q̃lquer delas mandou aos

que estauão nelas q̃ por nenhũ modo as deixassem, & ele ajudou com os que trazia a defender a tranqueyra, q̃ foy tambem defendida que se afastarão os inimigos que ja estauão pegados coela; & esteuerão alli pelejando ate amadrugada recebendo muyto dâno dos nossos de mortos & feridos, & dos nossos nenhũ. E vêdo Roçalcão quão pouco os seus fazião, & ho dâno que recebião, recolheos & tornou-se ao seu arrayal, & tornou logo outra noyte com ho mesmo rebate, & fez tão pouco como esta. E vêdo ho capitão isto cuydando q̃ os inimigos ho fizessem mais vezes, mandou logo fazer muytos abrolhos de ferro q̃ mandou meter ao pé daquele muro por onde os inimigos cometião, que tornarão ainda outras duas vezes de noyte, & como não vião os abrolhos estrepáse neles, & receberão muyto mayor dâno que das outras. O q̃ vêdo Roçalcão nã quis mais cometer os nossos de noyte, & porque lhes desse maa vida mandaualles tanjer hũa trombeta donde a podessem ouir, por q̃ ouuidoha cuydassem que hia ele & acodissem a tranqueyra & não teuessem nhũ repouso; & assi foy que acodião logo & estauão nela toda a noyte esperando polos inimigos, sofrendo muyto grande trabalho, alli destarem armados como do vento & chuua que fazia, & os inimigos estauão em seu arrayal descansados & rindose deles, do q̃ Ioão machado mandou auisar ao capitão por escripto, & mais que Roçalcão tinha às duas aruores hũa soma de piães q̃ vigiaão em hũa estancia pera darem goarda a aq̃la trombeta que mandaua tanjer, que se os nossos dessem sobreles de supito q̃ matarião todos ou a mayor parte deles. E como Ioão machado era auido

por verdadeyro antre os nossos polo q̃ fizera quando ho governador esteue cercado em Goa creolhe ho capitão o que lhescreuia. E determinâdo de matar os inimigos que vigiaão as duas aruores, mādou a isso Diogo fernandez adail com algũs nossos de caualo, & Araulo cō seus piães, q̃ forão tão quietamente que nũca forão sentidos dos inimigos se não quando derão sobreles, & cercâdo os de todas as partes matarão muytos & os outros fugirão pera ho arrayal de Roçalcão, & contarãohe o que os nossos fizerão, & ele dali por diante não mādou mais tanjer a trombeta; & os nossos ficarão desapressados do trabalho que leuauão de noyte.

Capit. lxi. De como pelo grande trabalho q̃ hia na cidade, assi de fome como doutras perseguições da guerra algũs dos nossos fugião pera os mouros; & de como Ioão machado se foy pera os nossos.



Es pois disto sabendo Roçalcão q̃ festa era ho domingo antre os nossos, & como ho solenizauão & ouuião missa pola manhaã, determinou de cometer a tranqueyra quãdo a ouuisssem, & deitou-se a noyte do sabbado e cilada pto da cidade, por q̃ ho nã vissẽ os nossos senão q̃ndo dessem neles. E ao domingo a horas q̃ lhe pareceo q̃ estarião na missa, sayo de supito & deu cō sua gẽte na tranqueyra, & como ela era muyta (& os nossos no mais q̃ os ordenados a vigia) êtrarána q̃ si em a cometêdoesses q̃ hião na diateyra que serião bem cem homens. O que visto por Roçalcão começou de bra-

bradar a todos que entrassem antes q̃ os nossos acodissem, lembrâdo-lhe que se aquelle dia fossem valentes homens q̃ se lhes acabaria nele ho trabalho dos muytos dias que auião de leuar sobre ganharem aquella cidade, posto que todos morressem sobrela: mas nisto acodio ho capitão com quantos auia na cidade, & derão nos inimigos com tão grande impeto ferindo os cõ as lanças, & outros cõ espingardadas & setadas que os fizeram tornar pola tranqueyra fora ficando algũs mortos dentro, & dos nossos nã morreo nenhũ, & todos ho fizeram ali muyto esforçadamente: & se assi nã fora a cidade esteue muyto perto de se perder, & perderasse se entrãrão mais mouros. E saydos os mouros, mandoulhes ho capitão tirar com a artelharia, & Roçalcão se tornou muyto descontente dos seus: & por se vingar dos nossos mandou assentar hũ camelo no oyteiro onde agora estã a forza da cidade, que he muyto perto dela, & dõ de se parece toda, & mãdaua tirar coele muyto amiude, & deitaua muytos pelouros dentro, o que fazia muyto nojo, não somente nas casas mas na gente q̃ sempre mataua algũs, & adauão os nossos tão assombrados deste tiro que não segurauão em nenhũ lugar, porq̃ nas casas & fora delas sempre fazia dñão. E coisto corria Roçalcão a cidade muytas vezes, & como os nossos lhe sayão mandauallhes tirar com ho camelo & fazialhes muyto mal: & este foy ho primeyro trabalho que começarão de sentir da guerra que era muyto grande, & apõ este outro muyto mayor, q̃ foy ho da fome que sobreueo despois que se gastarão os mantimẽtos q̃ tinham os bachares da cidade gentios, que não ficarão mais que os que auia no almazẽ

q̃ se dauão por muyto estreyta regra: & estes erã arroz & algũa carne do gado q̃ ho capitão tinha viuo pera estas necessidades, & era a carestia tamanha que hũ fardo darroz custaua mil rs & hũ galinha hũ cruzado, & por mais não podião ir nenhũs mantimẽtos aos nossos, assi por ser inuerno como por a mor de hũas fustas dos mouros q̃ esta, uão em Cintacorã, com cujo medo os gentios darredor não ousauão dir, que bem ho podião fazer em paraos cõ hirem ao lãgo da terra: assi que por esta causa de não poderem os mantimẽtos hir a Goa auia nela grande fome, principalmente antre a gente da terra, a q̃ se não daua regra do almazem se não aos que pelejauão, porque se a dessem a todos não auia remedio pera abastar dez dias, & por isso aos que pelejauão se daua regra somente, & os outros não comião mais que pescado cozido em a goa tal, & este fresco q̃ cada dia ho pescauão os pescadores, & de não comer e outra couisa adoeciã muytos de correa & morrião. Era piedade velos deitados por essas ruas doentes & mortos de fome, que não auia quẽ andasse por elas coeles & com ho gado, & erã as moscas tantas que não auia quẽ se valesse, & tambem despois que ho arroz faltou aos nossos adoecerã eles de correa & morrião, & cada dia auia couas abertas, & coestes trabalhos começarão algũs dos nossos denfraquecer, & desesperar de poderem viuer, & pera escapar da morte fugião pera os inimigos deitãdo-se de noyte do muro abaixo & estes erã espingardeiros & bẽsteiros pera os receberem cõ melhor vôtade, & como erã no arrayal dos inimigos, preguntauão logo por Ioão machado nomeandohõ por seu nome mourisco,

E isto cuidando que era mouro, & rogauanlhe que os apresentasse a Roçalcão, dizendo-lhe que vinhão com muyta vontade de ho servir naquela guerra com suas béstas & espingardas. E Ioão machado por se encobrir fazia seu rogo; & Roçalcão folgaua muyto coeles, & eles lhe dizião ho estado em q̄ estauão os nossos. Estes por com prazer a Roçalcão se tornauão mouros, & todos estes erão entregues a Ioão machado, que era capitão da gente branca, que andaua muy agastado por se os nossos hirem pera os inimigos & tornaremse mouros. E indo se alli algũs dos nossos pera os inimigos que serião ate sesenta, hũa festa feyra dendoenças fugio hum caualeyro, q̄ se chamaua Fernão lopez homem de boa casta. E vendo ho Ioão machado como andaua agastado, perguntoulhe que dia era aquele antre os Christãos; & ele lho disse, & a rezão porque lhe chamauão assiaõ que Ioão machado disse que lhe parecia q̄ goardauão muyto mal sua ley, & se não deuiaõ de lançar com os mouros em dia e q̄ ho seu Deos morrera por eles. E não passando mais sobristo, determinou Ioão machado de e todo caso se ir pera a cidade pera efforçar os nossos, & dar lhes maneyra como ouuessem mantimentos, & mostrar lhe como os mouros não tinhão tanto poder que os entrassem por força. E esta determinaçã trazia ele de dias, & sobristo se vira algũas vezes no campo com ho nosso capitão, dissimulando que lhe daua recado de Roçalcão, & mandou a terra firme polo seu dinheiro que lã estaua, & que lhe trouessem dous filhos pequenos que tinha de hũa moura, & mandou o trazer com propósito de os matar, porque os não podia levar consigo

fem ser sentido, & pareceolhe que se ficassem sem ele antre os mouros que se farião mouros, que ateli erão Christãos que ele mesmo os bautizaua quando nacião, & lhes insinou despois que forão de idade ho Pater n̄r & outras orações que insinão aos meninos, com proposito de se ir ainda pera os nossos & leualos consigo; & por a necessidade que então auia de se ir, não quis deixar de se ir posto que os não podesse levar. E porque se não seguisse o que receaua pediu perdão a nosso senhor se naquilo fazia peccado, & afogou os, & deu a entender que morrerão súbito fazendo por eles grande prãto. E como ja tinha seguro do capitão, tomou seu dinheiro & hũ dia fazendo que hia folgar pola ilha, leuou consigo todos os de sua capitania, & alli os nossos que andauão na terra firme, como os q̄ fugirão da cidade. E chegando pto dela, disse aos nossos q̄ de la fugirão se se querião tornar coele parela, principalmente a Fernão lopez, & ele nem nenhũ dos outros nã quizerão se não os q̄ forão catiuos em Dabul q̄ se forão coele pera a cidade, onde foy recebido com procissam, & assi foy leuado a igreja, & ali forão dadas por todos muytas graças a nosso senhor por lhes fazer tamanha merce, como era trazer lhes aquele homẽ em tempo de tamanha necessidade. E certo que ela foy muy grande merce, por q̄ se Ioão machado não fora muy poucos ficarão na cidade que se não forão pera os mouros segũdo ho trabalho q̄ hia da fome & das doenças que dela nacião. E quando virão que ele que estaua fora deles & em lugar onde viuia tão to aa sua vontade se vinha meter nelles sem nenhũ contrangimẽto, os que tinhão proposito de se ir pera os mou-

ros se arrepêderão, & os que honão tinhamão forão confirmados pera ho terê nunca; & todos cobrarão nouo esforço pera suportarê a fome & se defenderê dos inimigos.

Capit. lxx. De como despois de passado Ioão machado pa a cidade apertou Roçalcão mais ho cerco, & de como Frâncisco pereyra de berredo foy por mantimentos a Batecalã, no no que passou grande perigo.



Vyto sentio Roçalcão a ida de Ioão machado pera os nossos, & mais por ser em tempo que cuydaua que selhe auia dêregar por amor da fome que auia antreles. E então duuidou muyto d os poder tomar, porque irse Ioão machado em tal tẽpo não era sem grande misterio, & pregũtaua aos arrenegados se sabião a causa de sua ida, ou se auia algũ trato ãtre ho nosso capitão & ele, & eles dizião que não sabião, somete q se falauão algũas vezes no câpo. E coistoficou Roçalcão mais temeroso, por q se receou dalgũã treyção com quãto lhe os arrenegados dizião que não se receasse de nada, por que os nossos estauão tão trabalhados da fome, que quãdo se bem podessem defender que não farião tão pouco, & q lhes corresse muyto amiude, & que os tomaria ou selhe entregarião, & que ho camelo que estaua na estãcia da forca, não cansasse de tirar porque este daua grande opresam na cidade, em tão que ninguem ousaua dandar por ela. E ouuido Roçalcão isto tornaua esperar de tomar a cidade & corrialhe quasi ca

da dia, às vezes de madrugada, outras em amanhecendo, & à tarde, outras ao meyo dia & em anoytecendo, pera ver se podia tomar os nossos de supito & entralos: poremeles estauão apercebidos a todas as horas q parecia q sempre ho esperauão. E vêdo ho capitão quão amiude vinhão os imigos punhalhes ciladas por todas as partes, & como vinhão descuidados d isso fazialhes muyto dano sem receber nenhũ. E cõ tudo Roçalcão não deixaua de mandar correr a cidade, & de cada vez cõ mais gente & ele hia coela as mais das vezes, & muytas se chegauão os seus tanto aos muros, principalmente de noyte que sobião por escadas q sempre trazião, & chegauão ate as ameas, & auia muy grandes pelejas, & os nossos pola virtude de de nosso seõor sempre ficauão com a vitoria: porque sem sua ajuda não poderão eles tanto tẽpo resistir ã muyto grande força dos imigos sendo eles ja muy poucos, porq a este tẽpo os mais erão doẽtes q não podião pelejar, se nã fazião gente nos muros. E esses sã os assis poucos como erão fazião grandes façanhas, mayormete ho capitão Manuel de Sousa tauares, ho adail Ioão machado, Fernão caldeyra, Pero coresma & outros, de maneyra que sempre os imigos leuauão ho peor. E cõ tudo Roçalcão não deixaua de perfiar em os perseguir de dia & de noyte cõ lhes correr, & cõ nũca ho camelo da estãcia da forca estar quedo sem desparar, & pera q não arrebetasse cõ tantos tiros, resfriauão a cada tiro cõ vinagre. E estes pelouros que de contino cayão na cidade dauão muyta opresam aos nossos com lhe daneficar as casas & matar algũs. E os Canarins q estauão agasalhados pelas ruas em tẽdas padecião dano incõ-

portauel deste camelo, porque não a-
uia dia que não mataſſe deles. E com
todos eſtes trabalhos que os noſſos ti-
nhão, teuerão outro que quãto hia ma-
is ho inuerno por diante tanto lhe mais
cayão pedaços dos muros com as conti-
nuas tormentas de brauas chuuias & fu-
riofos ventos, & iſto por eſtarem ain-
da freſcos. E eſtes lanços que aſſi cayão
erão logo tapados com tranqueyras q̃
os noſſos fazião, & ho eſforço que ti-
nhão lhe daua forças pera iſto, que por
via de natureza eles aſtinhão aſſaz de
blitadas, aſſi com comerẽ muyto mal
como com dormirem peor, como com
nunca deixarem de pelejar. E certo que
não forão i goais aos trabalhos que leua-
rão neſte cerco os que teuerão os da ci-
dade de mutina nẽ os da fome que ſo-
frerão os de perofa. E viuendo aſſi ne-
ſta fadiga, hum dia de ſan Ião pela
manhaã (em que fazia tres meſes que
ho cerco duraua) apparecerão obra de
duzentos mouros de caualo no oyteiro
da forza com que vinha Roçalcão cor-
rer a cidade. E ſabẽdo ho capitão ſayo
lhe no mais que com os noſſos de cau-
lo que erão ate oyteenta, & ſayo tão de
preſſa que tomou os inimigos ao pé do
oyteiro; & começando os noſſos de tra-
uar coeles eſcaramuça, ſaem de detras
do oyteiro obra de ſeyſcẽtos de pé que
Roçalcão tinha em cilada, & começam
de os querer cercar, pera que ficafſem
antreles, & os de caualo que ficauão cõ
tra ho oyteiro. O que vẽdo ho capitão
apartou logo a metade, & mandou ao
adail que cõ vinte, & a Ião machado
que outros tantos rompeſſem os inimi-
gos de pee por duas partes, & que os fi-
zeſſem eſpalhar, & eẽre tanto eie com
os outros quarẽta teria ho roſto aos in-
imigos de caualo, que vendo vir os ſeus

piães apertarão muy rijo cõ os noſſos:
porem ho capitão com os ſeus quarẽta
feytos em hum tropel reſiſtio cõ muy-
to eſforço a ſeu impeto fazendo os ter
com lhe os noſſos matarem & ferirem
muytos, & entre tanto ho adail & Ião
machado rompeião os de pee per duas
partes, derribando algũs com as lanças
& a tropelãdo muytos com os caualos,
& aſſi como os romperão tornarão ſo-
breles outra vez & os romperão, pelo
qual eles ouuerão tamanho medo que
ſe eſpalharão & foranſe ajuntar com os
outros de caualo, & os noſſos ſe ajunta-
rão tambem vendose liures do que os
inimigos lhe querião fazer. E cõ quãto
niſto todos os noſſos ho fizerão muy
valente mête: ho peſo dos inimigos era
tamanho que forão feridos muytos, an-
tre os quẽs foy ho adail, & foy morto
hum de ſaa fidalgo cujo nome não pu-
de ſaber. E eſtando os noſſos em gran-
de aperto, ſouberão na cidade & fo-
rão logo os piães em ſocorro; & ſintin-
do os inimigos ſua vinda fugirão que
nunca os Roçalcão pode ter: & ho capi-
tão os nã quis ſeguir, aſſi polos muytos
feridos que tinha, como porque em co-
meçando os inimigos de fugir, lhes co-
meçou a noſſa artelharia de tirar, que a
teli não tĩrara por os noſſos andarem
meſturados coeles, & a artelharia ma-
tou tambem muytos, que os virão os
noſſos levar às coſtas aos viuos. E paſſa-
do iſto, & eẽrado ho meſ de Iulho por
a fome ir de cada vez em mór crecime-
nto & apertar mais os noſſos cõ adoece-
rem cada dia, mandou ho capitão por
conſelho de todos que foſſe Francisco
pereyra de berredo, que era capitão de
hũa fuſta a Baticala, & trouueſſe os ma-
is mantimẽtos que podeſſe, & ſe achaf-
ſe algũs paraos que lhos quiſeſſem tra-

zer a frete que os tomasse pera isso, & cō quanto a ida era muy perigosa por ser na forca do inuerno Francisco pereyra foy de boa vontade, & quis Deos que nem da ida nem da vinda não correo nenhum perigo, se não em chegando à barra de Batalã que se ouuera de perder com hum temporal, & despois disto negociou tambẽ que leuou a Goa vinte paraos carregados darroz, & assi muytas galinhas & outro refresco, com que os doentes forão muy remeadados, & os sãos tomarão hum verde, & isto foy aida no mes de Julho. E despois disto em Agosto, mandou ho capitão a Bastião rodriguez da moeda escreverão q̃ então era da camara de Goa que fosse a Batalã em outra fusta, & que a leuasse carregada de cobre, pera que a troco dela trouuesse mantimentos & ho outro vendesse, porque tinha necessidade de dinheiro, & deu lhe cartas pera dar aos capitães dalguas naos que fossem de Portugal se os achasse da ida ou vinda: que escreuia ho estado em que estaua, pedindolhes q̃ ho fossem socorrer, & não achãdo nenhũas naos deixasse as cartas na goada Danjadiua, & ele ho fez assi q̃ não achou nenhũas. & passando muyto perigo, assi da ida como da vinda, fez ao q̃ hia, & leuou mantimentos & socorro, & entrou pelo rio de Goa com a fusta toldada de pano vermelho & ebandeirada de muytas bandeiras, & tirou muytas bombardadas. O que vêdo os inimigos se lhes quebrou muyto os corações, parecêdo lhes que vinha socorro aos nossos, por que entrava ho verão.

¶ Cap. lxxj. Do q̃ fez Diogo fernandez de beja indo a Ormuz, & de como tornou a Goa, & do socorro que veio a Goa despois que êtroy ho verão.



Tras fica dito como antes que ho governador partisse de Goa, mandou a Diogo fernandez de beja com tres nauios que ho fosse esperar ao cabo de Goardafum, & q̃ se não fosse ter coele ate meado mayo, que se fosse a çacotorã & derrubasse a fortaleza, & recolhesse os Christãos da terra que quisessem ir coele & dali fosse a Ormuz a pedir as pareas a Cojeatar & coelas se fosse a Goa. E partido coeste regimento, indo por sua viagem tomou hũa nao de mouros q̃ se lhe entregou em paz: & chegado ao cabo de Goardafum vêdo que ho governador nã hia tornou se a çacotorã, & mostrou a prouisam delrey a Pero correa capitão pera se derribar a fortaleza, & a do governador como lha mandaua derribar. E derribada a fortaleza & recolhida a gẽte & artelharia, foy se a Ormuz & não achou hi Cojeatar nem elrey q̃ erão idos aa ilha de Baharem que lha tinhamo tomada seus inimigos, & leuaram consigo toda a gente de peleja, em tão to que não ficarão em Ormuz mais de duzentos homens que podessem pelejar, & bem ho podera Diogo fernandez tomar, mas não ousou por amor das pazes, & esperou a vinda de Cojeatar & delrey, q̃ tornarão muy vitoriosos que cobrarão Baharẽ & mais hũa cidade na costa da Persia q̃ se chama Catifa. E sabendo eles como ho governador governaua a India derão logo as pareas que deuão. Coeste boõ auiamẽto se partio Diogo fernandez pera a India, & chegou a Goa em fim Agosto, onde foy muy bem recebido, assi do capitão como de todos por chegar a tão boõ tempo cō gente que era tão neces-

saria como digo, que traria perto de cem homens & estes são, & eceles se reformarão as estancias tirando os doentes & cansados que estauão nelas, & poendo destes, saluo os que erão da nao de Diogo fernandez (que serião bem quarenta) porque estes ho acompanhauão semp: & ele lhes daua de comer, fazia corpo por si por ser pessoa de preço & de muyto credito, assi cõ ho governador como com todos, & por rem obedecia ao capitão, que a este tempo saya mais sem perigo aos inimigos quando lhe corrião. E logo depois de chegar Diogo fernandez lhe correrão hum dia hũs poucos de caualo: a que ho capitão sayo com os seus de caualo, & Diogo fernandez não sayo logo coele por andar a pee, que por não auer caualos pera os seus não quis ele andar a caualo. E despois de ho capitão ser saydo da cidade que chegou aos inimigos, sayo Roçalcão cõ todos quantos tinha com que estauão em cilada. O que vendo ho capitão tornou-se a recolher pera a cidade donde Diogo fernandez ja saya acompanhado dos seus, & assi dalgũs piães da terra, & não sabendo ho grande poder de inimigos que vinha por virem por antre valos & aruores que por ali auia seguiu seu caminho dereyto pela estrada de Benastarim, & indo assi foy dar de supito com os inimigos, que como ho tomarão a pee poseranno em muyto apto: & a coufa se baralhou de maneira que se ferião com as espadas tão se chegauão hũs aos outros, & dos nossos forão feridos quize nas pernas, antre os quaes foy Manuel de souza taquares, que aquele dia pelejou muyto valentemente. E com tudo se ho capitão não aco dira cõ os de caualo Dio-

go fernandez & os outros estauão em risco de se perderem, posto que pelejarão muyto bem & ferirão muytos dos inimigos, & matarão algũs. E recolhidos os de pee, tornou-se ho capitão cõ todos pera a cidade sem afronta, que não ho quis Roçalcão seguir. E despois disto ouuerão os nossos muytas peijas com os inimigos, em que fizeram muytas valentias, que porque as não soube particularmente as não escreuo principalmente, em hũa peleja em que ho capitão foy ferido de hũa frecha em hum artelho, & em quanto a peleja durou que foy hum boõ pedaço troue metida a frecha, & despois de se recolher lha tirarão. E durando assi ho cerco, na entrada Dagosto chegou a Goa hum João ferrão que fora de Portugal (com outro capitão que se perdeu) a carregar de gengibre à ilha de sam Lourenço, & por não achar carga se passou aa Índia, & foy ter a Goa onde deixou da gente que leuaua. E neste tempo soube Manuel de lacerda que andaua na costa de Calicut ho cerco de Goa, & por isso partio logo peralaa, & com sua partida poderão partir seys naos de mouros de Meca que estauão em Pandarane, podem perderanse cinco com tempo, & hũa que arribou a Baticalã foy despois tomada. E partido Manuel de lacerda, chegou a Goa com seys nauios grandes, de que erão capitães ele, Pero da fonsca de crasto, Mendafonso de Tangere, Francisco lodrê, Simão velho & Antonio de saa natural Dalhandra. E com a vinda de Manuel de lacerda se efforçarão os nossos muyto mais que dantes, porque forão coele bem cento & cincoenta homens, & assi leuoua mantimentos em abundança. E sabendo Ro

çalção ho socorro que era vindo aa cidade por lhe mostrar que ho não tinha em conta lhe corria mais amiude, & de noyte daua rebates mostrádo que a queria escalar que trazião os seus escadas & sobião ao muro: porem não se poderão gabar disto, porque acodindo os nossos matauão muytos deles. E vendo Roçalcão q̃ lhe não aproueitauão aqueles feros, deixou de os fazer & corria de dia, & tambem lhe sayão os nossos, & de todas as vezes saya Manuel de lacerda com sua gente acompanhádo a bandeira real, & algũas não saya ho capitão despois que veo Manuel de lacerda, & daua lhe ho cargo de capitanear a gente por lhe fazer hõrra. E Manuel de lacerda ho fazia sempre muy bem, & assi essẽs principais que forão coele de Cochim: & antrestes erão Mendafonso de tangere & Antõnio ferreyra, & não auia vez que pelejassem com os mouros que não mataissem muytos. E Roçalcão em vingança disto fazia amiudar os tiros do camelo da forza, que era o q̃ mayor oppressão daua aos nossos q̃ as corridas dos inimigos, & se os da cidade se atreuerão a poder trazer ho camelo bẽ ho forão tomar, mas não se atreuião por a distancia ser grande. E passando se isto alli veo ter a Goa hũa nao de Portugal, em que hia por capitão hum fidalgo chamado Christouão de brito que aquele anno de onze partira de Lisboa a dezanouẽ Dabril com outro capitão doutra nao chamado dom Ayres da gama hirmão do conde almirante, & erão da conserua de dom Goarcia de noronha que no mesmo anno partira de Lisboa pera a India por capitão moor de seys naos, ele de santa Maria da juda, Pero mazarinhas de santa

Maria da luz, Manuel de crasto alcofadorado de sam Pedro, lorge de brito de sctã Ofemea, Christouão de brito em Belem dô Ayres na piedade. Eas quatro primeyras em que hia dom Garcia (que ao sayr da barra el rey foy ver em hum batel) leuarão tão mã viajem que chegarão a Moçambique em Feueireyro do anno de doze, como direy a diante. E Christouão de brito & dom Ayres dobrarão ho cabo de boa Esperança a vinte tres de Iulho, & forão ter a Moçambique a treze De agosto, & dô Ayres ouue vista de Baticala vespera de nossa senhora de Setembro, & da hi se foy a Cananor, & Christouão de brito foy ter a Goa onde deu noua da armada que ficaua a tras, & no tempo que hi estue que forão algũs dias, a primeyra vez que Roçalcão correo a cidade lhe sayrão os nossos, q̃ foy hũ boõ quinhão de gente: pelejarão tão riço com os mouros, que despois de matarem muytos os fizerão fugir & forão apos eles ate as duas aruores, & por os mais dos nossos irem a pee & cansarem se tornarão pera a cidade. E esta foy a primeyra vez despois que duraua ho cerco que os nossos desbaratarão os inimigos & os fizerão fugir, porq̃ dantes não fazião mais que remeter a eles & recolherse, & não que os desbaratassem, porque os mouros como se vião acometer não querião mais pelejar & hianse: & os nossos nã curauão mais deles por serem poucos & recolhianse. E deixando Christouão de brito ali da sua gente, se foy pera Cananor, & da hi a Cochim.

¶ Capit. lxxij. De como Roçalcão acabou a fortaleza no passo de Benastarin, & do mais que se fez em Goa.



Endo Roçalcão ho
focorro q cada dia
vinha a Goa, & que
a não podia tomar
nem fazerlhe mais
mal que tela cercada

apressouse a acabar a fortaleza de Benastarim, assi pera comprir o que lhe ho Hídalção mandara, como pera se fazer ali forte se ho governador ho fof se buscar, que bem sabia que ho auia de fazer se tornasse aa Índia, & nem pola occupação da fortaleza deixaua de dar rebates aa cidade como dantes: porrem os nossos como disse não ho sentião, & ja viuião descansados, assi por serem muytos como por terem mantimentos em abastança que lhe hião por mar, & ate Meliquiaz sabêdo em Diu ho cerco de Goa por se mostrar seruidor del rey de Portugal & amigo do governador, mandou duas naos carregadas de trigo & doutros mantimentos, mandando ao capitão de Goa muytos offrecimentos, porque bem sabia que ho governador era fora da Índia. E tão pouco sentião os nossos ho cerco, que deu ho capitão licença a Fernão caldeyra paje que fora do governador & casado em Goa, que fosse tratar pela costa ate Chaul com hum nauio que ho governador lhe dera em casamento com hum aluara que podesse fazer presas nas naos & nauios que não leuassem seguros do governador, ou não fossem vassallos del rey de Portugal pera quem daria a quinta parte do que tomasse. E esta licença se disse que ho capitão dera, mais por danar ao governador que pera goardar seu aluara, por que ainda que ele deuia de goardar seus mandados, entendia-se em outro tempo & não naquêl em que Goa estaua

em tanta necessidade de gente, & mais de tal homem como Fernão caldeira que era boõ caualeyro, & hoem que ho capitão fazia conta de danar ao governador era em acusar a sua licença a Fernão caldeyra, pera a ele executar em tal tempo, & mais que se Fernão caldeyra fizesse algum erro naquelas presas, que ao governador se auia de tornar a culpa & não a ele que era seu sudito, & auia de comprir seus mandados, o que ele não era obrigado a comprir em tal tempo. E assi deu ho capitão licença a algũas pessoas que se fossem pera Portugal, que não foy bem darlha, assi como a hum Gongalo rabelo, que rodrigo rabelo posera por tana dar na ilha de Chorão, & se foy sem dar conta do dinheiro que recebeo, nem ho entregar na feytoria, & mais roubou muyta fazenda a Rodrigo rabelo (cujo criado foy) despois de seu falecimento. E neste roubo foy hum aluara do governador q ficaua na mão de Rodrigo rabelo per que fazia seu sucessor a Manuel de lacerda, se nullo senhor desposesse dele algũa cousa, & da capitania moor do mar a Diogo fernandez de beja. E todas estas licenças que ho capitão deu forão contra ho regimento do governador, que quando se partio deixou com grandes defesas que a gente que ficaua em hũa fortaleza se não passasse pera outra, quanto mais ir tratar nem fazer presas nem irse pera Portugal. Tambem no tempo que ho governador esteue fora da Índia se fizerão algũas desordens com as molheres desses Portugueses que casarão em Goa, sem ho capitão as querer casar: & dizião que ho fazia por serem os casamentos obras do governador a quem ele queria mal pelo

que lhe fizera como a tras disse. E dizem que os desfavoreceo muyto no tempo que foy capitão, principalmente no começo do cerco, dizendo ele & Pero coresma & outros que bem escusado fora casar ho governador homens em Goa, nem fazer dela ho fundamento que fazia estando tão vezinha ao Hidalcão que era hum senhor tao poderoso que não auia de tardar mais em a tomar que em quanto se não desocupasse da guerra que tinha, & que ela tomada ficarião os casados bem auiaados sem terem com que se manter, & casados com mouras & com gentias. E posto que ho Hidalcão não tomasse Goa logo, que continuamente lhe auia de fazer guerra ate a tomar, & os casados auião de leuar todo ho trabalho por defender suas fazendas: porque ho governador não auia de poer outros fronteiros. Porem nosso senhor que he piedoso quis que succedesse tudo ao reues.

Capítulo. lxxiij. De como ho governador soube a treyção que Timutara-ja ordenaua, & de como ho prêdeio & a outros que entrarão nela.



Resfeguido ho governador a edificação da fortaleza de Malaca: & ela posta em ponto pera se defender dos immigos foy ele enformado que Timutara-ja & seu filho, & mais hum genro & hum neto se carteauão com ho rey moço que se chamaua rey de Malaca, offrendose a ajudalo se aquiesse tomar. E pera melhor testemunho da verda de, forão dadas ao governador duas

cartas, hũa de Timutara-ja assinada por ele, em que se disculpaua a elrey de não poder fazer outra cousa, se não estar aa obediência do governador, offrendolhe sua pessoa & a de seu filho, neto & genro, com toda sua gente pera ho ajudar a cobrar Malaca. E a outra era delrey em reposta desta, rogãdolhe que esteuesse prestes pera quando lhe escreuesse que auia de ir sobre Malaca, porque esperaua de ser muyto cedo. E com quanto ho governador vio estas duas cartas que erão pro ua abastante pera castigar Timutara-ja segundo merecia tamanha treyção, não quis logo bolir coisillo pera ver se por bem ho poderia aillesegar por nã fazer aluoroço na terra, de que se despois poderia seguir cousa que ho obrigasse a muyto, pera o que ele não tinha gente que ho podesse ajudar, porque os mais dos oytocentos Portugueses que trouuera estauão doentes, & muytos erão falecidos, assy do trabalho que tinhão em edificar a fortaleza & em mal comer & peor dormir, como da mudança do clima em que estauão & Malaca ser de sua natureza doentia. E sabendo Timutara-ja a doença que hia antre os nossos tinha grande deligência em mandar cada dia saber por pessoas de que se fiaua quantos doentes auia & quantos morrião, & por saber que erã muytos & desprezar os que ficauão viuos por serem poucos & doentes, tomou ousadia de fazer treyção, não somente ajuntandose com elrey mas cõ sua gente & parentes quando elrey nã viesse, & matar todos os nossos & fazer se senhor de Malaca. E pera ter rezão de ho fazer, começou de querer ir contra as ordenações que ho governador tinha feytas acerca da gouernança da

terra, & daua lugar que a moeda dos mouros corresse na pouoação onde ele moraua, por ele ser cabeceira principal nela, nem quis ir com seu filho, neto & genro ao apregoar da moeda, como que ho governador dissimulaua remedeando tudo ho melhor que podia pera não vir a rompimento de castigo, se não quando soube que Timutaraja sem nenhum temor tinha tomado da grão soma descauos, assi del rey como de seus mandarins que ficarão quando el rey fugio da cidade, & os tinha sonegados pertencendo eles por dreyto, a el rey de Portugal, & assi com muy grande soberba & tiranica ousadia roubou ho pouo de Malaca quando a el rey despejou, & assi aos mercadores que se tornarão parela com seguro do governador, & assi atraueisou despois todos os arrozses que vierão de fora, em tanto que ja ho pouo padecia necessidade de mantimentos. E por derradeyro de todas suas diabolicas maldades, indo ho nosso meirinho da fortaleza aa sua pouoação leuaua hum Nayre Christão que era seu pião: & parece que Timutaraja tinha dele algum queixume, mandouho tomar & prendelo com quanto lhe ho meirinho disse que ho não prendesse por que era Christão, que se fizera algum nojo que ho mandasse dizer ao governador & que ele ho castigariatinas ele não quis se não prendelo. E como se determinou em fazer treygão, fez fortes as suas casas com cauas & paliçadas, & erão tamanhos os roubos que fazia & tão excessiuas as tiranias de que vsaua, que quasi que não auia dia em que os mercadores, assi mouros como gentios não fossem com queixume

dele ao governador, & isto porem secretamente, requerendolhe com grande instancia que ho tirasse da terra que era tedor, soberbo & reuoltofo, & que andara sempre em diuisam com el rey de Malaca & tentara por vezes de se lhe levantar com a cidade, afirmando que eles não ficarião nela indose ho governador se simutarajificasse. E Ruy daraujo q̃ também sabia de suas maldades, dizia ho mesmo, & que se hiria, dando muytas & muy euidentes rezões pera que desfizesse de todo sua casa, mostrando por elas quão pouco necessario era pera gouernar Malaca. E isto aconselhou Ruy daraujo ao governador per muytos dias, em tanto segredo que ninguem ho sabia se não eles ambos. E sendo as maldades de Timutaraja tantas que se não podião softer, principalmente de atraueisar todos os arrozses, determinou ho governador de ho castigar & prendelo com seu filho, neto & genro. E isto determinado consigo mandou os chamar, dizendo que queria auer conselho coeles, & eles se escusarão sempre dir a seu chamado. E vendo ho governador que se chegaua ho tempo pera se partir andaua muy agastado de ho não poder acolher sem lhe custar mais que prendelo com os que digo, & não aperta coeles que fossem a seu chamado porque nã lhes parecesse o que era. E cuydando em algũa manha com que os prendesse, acertou que hum mouro Persiano morador na cidade chamado Cojeabrahem, & grande liado de Timutaraja & muyto seu amigo, pediu ao governador ho officio de catual da cidade: & como o governador sabia a amizade q̃ ele tinha cō Timutaraja,

determinando de ho acolher por esta via respondeo a sua petição que não auia de dar os officios da cidade sem conselho dos homens honrrados que morauão nela, que os chamasse todos pera isso: & que perante eles lhe daria ho officio que pedia. E Cojeabrahem disse isto a Timutaraja, rogandolhe que quisesse ir ao governador com seu filho, neto & genrro. E ele disse que seu filho estua doente, & por isso não poderia ir laa: porem que iria ele com seu neto & seu genrro. O que sabido polo governador, não quis se não que fossem todos, porque os que não fossem presentes não se escusassem que ho não fôrão. E ouue sobristo recados, & por derradeyro foy Mutaraja com seu filho, neto & genrro, por hum recado que lhe ho governador mandou per Simão dandrade, que foy armado secretamente com oyto capitães & outros fidalgos, pera que não querendo ir todos, se prendesse. E porque a gente que foisse com Mutaraja não entrasse na fortaleza, & não ouuesse algum aluorço na sua prisão & na dos outros, esperou os ho governador quando ouuerão de ir em hũa casa fora da fortaleza, bem acompanhado de fidalgos armados secretamente, & outra gente prestes, & os quatro entrarão nela. E sentados, disselhes ho governador que antes de falarem em outra cousa, lhes fazia saber que certos mercadores de Malaca q̃ logo hi nomeou, se lhe queixauão deles que lhes deuião certa somma de dinheiro que lhes não querião pagar. E por quanto ho costume del rey de Portugal seu senhor era fazer justiça, assi dos altos como dos baixos, porque nião erão todos igoaes, assi como em nacer & morrer, era necessario

que ele como seu governador a fizesse deles, & por isso auião logo de pagar ouficar na fortaleza ate que pagassem, & auia de ser sem armas, & lhas auião de dar. E Mutaraja disse que verdade era que deuião ho dinheiro que ele dizia, & que logo mandarião por ele & pagarião: porem que as armas era costume dos laos não as darem sem perder a vida: & seu genrro lhe disse que não era tempo de vsarem de seu costume, se não do dos Portugueses, pois erão vassallos del rey de Portugal, & logo deu ho cris que tinha ao governador & ho mesmo fez aos dos outros. E em quanto Mutaraja mandaua polo dinheiro, leuou os ho governador pera a fortaleza, não consentindo que nenhũ dos seus entrasse dentro. E despois que entrarão, mostrou a Mutaraja a carta que ele mandaua ao rey que se chamaua de Malaca. E confessandolhe que era ho final seu, mādou a Ruy daraujo que a lesse alto pera a ouuirem aqueles fidalgos & capitães que estauão coele, & assi a que el rey lhescreuera. E ouindo eles as cartas ficou fora de si, & oulhou pera ho filho, q̃ lhe disse em sua lingua que efforçasse, porque dos grandes como ho governador, era perdoarê grãdes erros. E apos estas cartas leo Ruy daraujo os capitulos das culpas de Timutaraja, que ele negou, saluo a carta del rey & a que lhe ele escreuia, & quanto aos arrozes que a traueissara, disse que ho fizera pera ganhar neles & não a outro fim. Ho governador lhe disse que ate se aquilo prouar auião todos quatro destar presos na fortaleza, & entre tanto q̃ mandassem derribar a tranqueyras q̃ tinhão & cerrar as cauas q̃ mandarão fazer, & que ele lhes prometia de lhe goardar

sua justiça tão inteiramente como que forão naturais Portugueses, & entregou os ao alcaide moor pera que os goardasse.

Capit. lxxiiiij. De como Timutaraja & hum filho seu & hū neto, & hū gérro forão degolados por trefedores.



Om a promessa do gouernador mostrarā os presos algum contentamento, & mandarāo logo fazer o q̃ lhes mādour: & assi restituyrāo per seu mandado o que tinham rou-bado a muytos mercadores, & todos os esclauos que tinham tomados que forão bem quinhentas almas. E logo ho gouernador entendeu em seu despacho, & processou se tanto pelo feyto que se veu a prouar contra os presos tudo o que dizia nos capitulos de suas culpas. E foy dada sentença contra eles que morressem degolados com pregação na praça de Malaca que manifestasse sua culpa. E dada esta sentença, quis ho gouernador poer em cōselho qual seria melhor matarem estes homens ou telos presos, porque se morressem logo, erāo muyto poderosos de gente & dinheiro, & sua gente se poderia leuatar & daria fadiga aos nossos por quāo poucos erāo, & mais estando ho gouernador de caminho pera a Índia, & tendo os viuos estariāo fora destas duuidas & sua gente com receyo de lhos matarem estariāo sempre assese-gados, que seria grande bē ate a terra ser de todo assentada. E postas muytas rezões de cada parte, os mais dos capitães acordarāo que os presos fos-

sem degolados pera exemplo doutros: & posto que ao gouernador parecia melhor que os teuessem viuos, mandou executar a sentença. E forão degolados na praça de Malaca publicamēte Timutaraja & seu filho, neto & genro ao modo que se costuma em Portugal. E por mandado do gouernador esteue dom loão de lima com muytos dos nossos armados e goarda da praça em quanto se esta justiça fazia por se temer que a gente dos mortos fizesse algum aluoroço, mas não ouue nada. E os da terra vendo fazer justiça daqueles quatro homens que erāo tão poderosos ficarāo muy palmados, por que sabião quāto erāo tímidos do rey que fora de Malaca: & todos folgarrāo com suas mortes por se verem liures da sojeição que esperauāo despois da partida do gouernador, & assi algũs embaixadores estrangeiros que ainda estauāo em Malaca ficarāo fora de si, & dizião que não auia homē tão efforçado como ho gouernador, nem de tamanho coração. E tinham por tamanho feyto a morte de Mutaraja & dos outros, como desbaratar & vencer ho rey que fora de Malaca.

Capitulo. lxxv. De como foy Antonio dabreu a descobrir a ilha das mangas & as do crauo: & de como ho gouernador mandou hum embaixador a elrey de Sião.



Este tēpo vierā ter ao porto de Malaca tres panguejaos da terra de Menácabo q̃ está no topo da ilha de camatra da bāda do sul.

do ful q̃ he reyno onde cauão ouro, & o apannãõ sobre a terra como ja disse. Estas tres panguêjoas trazião grande soma doouro a vender a Malaca, & por isso ho governador fez muyta honrra & fauor aos donos delas. E porque isto era quasi na fim de Dezembro, que era a moução de Malaca pera as ilhas do crauo que agora sam as que chamã de Maluco: & assi pera a ilha de Banda onde ha a noz & a maça, despachou ho governador hũa armada pera ir desco- brir estas ilhas, & deu a capitania môr dela a Antonio dabreu, que eratão es- forçado caualeyro como ja disse, & deu lhe a naõ santa Caterina pera ir, & por piloto dela hum Luys botim, & por so- ta capitão Dantonio da breu hum Frã- cisco serrão na naõ cabaya q̃ se tomou em Goa, & por seu piloto hum Gonça- lo doliveyra: foy mais Simão afonso bi- sigudo na carauela latina que ho gover- nador mandou fazer redôda pera esta viajem, & ho seu piloto hum Francis- co rodriguez. Ho feytor desta armada & das mercadorias que hião nela auia nome Ioão freyre, criado da raynha dona Lianor, & seu escriuão hum Dio- go borjes criado del rey de Portugal. Hião nesta armada cento & vinte Por- tugueses & em cada vela vîte escrauos pera a bomba, & todas muyto bem fornecidas de todo ho necessario, & a principal coufa q̃ ho governador deu ao capitão moor em regimento, & que lhe mais encomendou, foy que naque- la viajem não fizesse presas nem toma- dias, nem arribasse sobre nenhũa naõ, nem lhe desse caça, nem sayse em ne- nhum porto, saluo hũa pessoa ou duas. & em todos os portos a que chegasse desse presentes aos reys & senhores da terra, ou aos governadores delas, & pe-

ra isso lhe deu escaleta baixa & outros panos fomenos, & veludo de Meca, q̃ foy tomado em hũa naõ de Calicut, & assi que não toruas- se a carrega a ne- nhũa naõ de Malaca nem doutras par- tes, assi nas ilhas do crauo como na das maças, ou fossem de mouros ou de gen- tios, antes lhes desse todo fauor & aju- da que lhes fosse necessario: & que do mesmo modo q̃ eles carregassem car- regasse ele, goardando em tudo os co- stumes da terra, & em Maluco nem em Banda não saysem nenhũs cria- dos dos capitães nem outras pessoas, saluo ho feytor & seu escriuão, & ate quatro pessoas que lhe pera isso orde- nasse. E deu licença a todos os darmada que podessem resgatar ouro, prata, al- jofar & pedraria lem pagarem dis- so nenhũs dereytos. Despachada esta ar- mada, partio se na fim de Dezembro de mil & quinhentos & onze, & o que lhe succedeo se dira a diante: & dous dias antes de sua partida, partio Naco- da ismael chim em hum jũco seu pera Maluco que ho governador mandou carregar de mercadoria del rey de Por- tugal pera se vender em Maluco, por que não podia a armada leuar quanta era necessaria, & deu parte da carga a Nacoda que tinha molher & filhos em Malaca, & ficou por seu fiador Ni- nachatu, a quem ho governador deu parte da mercadoria que mandou car- regar em outro jungo, que mandou a Pacem a carregar de pimenta pera os Chins & Guores quando viessem. E logo na entrada de Ianeyro do anno de mil & quinhẽtos & doze, despachou ho embaixador del rey de Sião, a que fez muytas merces, & assi aos capitães Chis q̃ vierão coele, & mãdou e sua cõ- panhia seu ebaixador a el rey d Sião, q̃

foy hum fidalgo chamado Antonio de miranda, a que deu hum presente pera el rey de Sião. f. hūas couraças de veludo carmesim, & outras armas brācas muyto boas & bem goarnecidas; hūa adarga danta com hūscordões ricos & hūa fūda de borcado, tres panos dar mar grandes de veludo de cores & cetins an tre talhados que forão del rey de Malaca, borlados douro, obra muyto rica & fermosa, hum bacio dagoa as mãos laurado de bestiães, hūa caldeira de prata & duas albarradas, & duas taças, tudo muyto bē laurado, hūa bēsta com seus tiros & gafa, & quatro ramais de coral muyto fino & grosso, & hūa peça dez carlata: & com Antonio de miranda mandou cinco Portugueses escolhidos gentis homēsa fora outros pera seruiço, de modo que hía hum honrrado embaixador. E tambem direy a diãte o que lhe succedeo. E apos Antonio de miranda partio hum jūgo de Pegú, em que ho governador mandou outro embaixador a el rey, que foy hum gomez da cunha que tambē leuaua presente a el rey & carta damizade: & isto porque nesta cidade auia muytos mantimentos que podião ir a Malaca. E aa partida deste jūgo hum filho do piloto dele se deixou ficar em Malaca, tão afeyçoado estaua aos nosor, & ficarão coele se fēta Pegús que ho governador mandou assentar em soldo pera trabalhar em na fortaleza.

Capitol. lxxvj. De como se leuātou Patequatir contra ho governador, & de como o governador proueo Malaca querendose partir pera a India, & de como lhe fugio el rey de Pacē.



Es pois de degolados Mutaraja & os outros ho governador deu o cargo que tinha Mutaraja de governador dos mouros a hū Ioa, q̃ auia nome Patequatir morador em Vpe homem honrrado & principal, & compitidor de Mutaraja, com que esta ua mal, porque desprezando ho Mutaraja por auer que nã era tão rico como ele, lhe não quis dar por molher hūa filha que lhe pedio, & daqui ficou Patequatir seu inimigo. E por esta causa & por ao governador parecer que sendo Patequatir governador ficaria a terra mais assentada, lhe deu a gouernança dos mouros. E seruindo este officio foy cometido pola molher de Mutaraja q̃ se quisesse casar com sua filha que lha daria por molher, & coela grãde tesouro, com condição que fizesse guerra ao governador, & trabalhasse por vingar a morte de seu marido, & que lhe daria ajuda de todos os seus escrauos, & de todos seus parentes & amigos, que passaria de seys mil homens: o que Patequatir aceitou. E aparelhado muy secretamente pera a guerra, deu hū dia na pouoação grande a que começou de poer ho fogo & matar a gente, & a grãde grita acodio logo ho governador cō os nosos: & foy hūa grande peleja antre eles & os laos, em q̃ morrerão muytos & dos nosos forão algūs feridos, & Patequatir se recolhe pera Vpe, em que se logo fez forte com tranqueyras, & porque dali por diante corria a pouoação grande, conueo ao governador porque a não queymasse de noyte mandar logo fazer hua tranqueyras, que começaua no mar, & chegaua ate onde se fazia a terra alagadiça q̃

que seria espaço dhum tiro de bēsta & tolhia não poderem os inimigos chegar aa cidade, & mais antre atranqueyra & Vpe faziasse hum esteyro que se enchia dagoa cō maré, & em quanto se esta tranqueyra acabaua cada noyte mādaua o gouernador vigiar a pouoação. E ela acabada deu a goarda dela a Afonso pessoa hum boō caualeyro, & deulhe setēta bēsteiros & espingardeiros: & pera a tranqueyra estar tambem goardada por mar, armou no cabo dela hūa albetoga cōm hū camelo & esta ua amarra da aa tranqueyra, & a capitania deu a Afōso chainho & deulhe dez dos nossos pera que ho acompanhasse. E coesta tranqueyra assi goardada ficou Malaca muyto segura de Patequatir, que vendose atalhado daquela maneyra não curou mais de cometer a cidade, & mandou pedir ao gouernador que lhe perdoasse & lhe desse seguro, & que tornaria a sua obediencia. E ho gouernador lho concedeo, mas Patequatir não se fiou disso, & não quis tornar & ficouse assi. E por isso & por ser a moução da India, determinou ho gouernador de se partir, porque a fortaleza era quasi acabada a que pos nome a famosa, a barreyra era em quadra posto que ho corpo da fortaleza não fosse quadrado. A grossura do muro era doyto pēs todo de cantaria: tinha a torre da menajem sobre a ribeyra do mar junto do paço da ponte, & dagoas viuas podia ali chegar hūa nao de duzentos toneys sem carga. Na quadra q̃ a fortaleza fazia ao monte se fazião duas torres que sonhereauão a coroa dele, & em cada quadra das torres que goardauão ho pé do muro auia bombardeiras cō artelharía, & porque ho sitio da terra ho requeria assi, & a mezquita

que ali estaua: era a fortaleza etulhada em altura de mea lança darimas, & mais a torre da menajem podia receber so corro por mar, & tinha dētro em si hū pedaço de cantaria, & outro ē outra torre, & auia agoa pera fazerē outros muytos. A igreja desta fortaleza era da auocação de nossa senhora danunciada. E determinādo ho gouernador de se partir cō conselho desses capitães, fidalgos & caualeyros que andauão coele, fez capitão da fortaleza Ruy de britto hū fidalgo de Santarē, & alcayde mōr & prouedor da fazenda Ruy daraujo, & capitão mōr do mar Fernão perez dandrade. E por q̃ antreles não ouesse deferenças de que se seguisse muyto deseruiço de Deos & del rey seu señor, mandou que Fernão perez desse a menajem a Ruy de britto, & que cō seus capitães lhe obedecessem em tudo, & por tudo assi como a sua propria pessoa. E que fazendo nosso senhor algũa cousa de Ruy de britto q̃ ficasse Fernão perez por capitão da fortaleza, & por capitão mōr do mar hum fidalgo chamado lopo dazeuedo que ficaua por so ta capitão de Fernão perez, que ficaua na nao de dō loão de lima, & lopo dazeuedo na carauela de lames teixeira: & ficauão mais estes capitães, loão lopes daluim, que ficaua na nao de Gaspar de payua, Vasco fernandez coutinho no nauio de Bastião de miranda Pero de faria filho do comencador Aluoro de faria na galee de Duarte da silua, Ayres pereyra de berredo na nao de Nuno vaz de castelo branco, Christouão mazcarenhas na nao Santiago, Christouão garces na nao de Simão dandrade. E ficarão por escriuães da feytoria hum Francisco dazeuedo, Pero salgado & loão jorge,

por almoxarife dos mantimentos hũ Iacome fernandez & seu escriuão Frãcisco cardoso, almoxarife do almagazem Brasafonso, & seu escriuão Diogo camacho, que tambem ficou por puerdor dos defutos & do espirital, & por meyrinho da fortaleza & da cidade, to dos criados delrey d Portugal & de sua mãy, & da raynha sua hirmaã. Ficarão por governadores da terra (não tirado a superioridade ao capitão da fortaleza) Ninachatu dos gêtios, & dos mouros hũ Caciz, dos laos Duperagunata raja, da pouoação da banda da fortaleza a Tuão colafcar jao de nação, & a Ruy daraujo por determinador de seus agraos, & apagador de suas deferêças, & que sempre interuiesse em concerto a antreles. Deixou dordenado ao capitão da fortaleza duzêtos mil fscannão, & cincoêta quinais de crauo, de q pagaria ê Cochã a vintena, & em Portugal quarta & vintena, & ao alcayde mór duzentos mil fsc & cincoenta quinais de crauo no primeyro anno, & da hi por diante trinta, & dos trinta auia de pagar quarta & vintena em Portugal, & dos cincoenta vintena, & a Fernão perez capitão mór do mar cêto & cincoenta mil fsc dordenado, de que se ele agraou muyto, & nã quiesera ficar nẽ os outros capitães por lhe nã deixar mais ordenado q certa cousa cada dia. E ho governador insistio em ficarẽ ate dizer que os prenderia; & por apacificar a Fernão perez, lhe deixou hũ assinado seu de fora em que dizia que não mandando dali a hũ anno quẽ seruissẽ ho cargo que lhe ficaua q ele se podessẽ ir pera a Índia, & hiria na nao em que ficaua por capitão mór doutras duas q forão da armada de Diogo mendez, & que podessẽ carregar a sua camara de

drogas. E tendo ho governador determinada sua partida, que era caminho da Índia soube ho çoltanzina rey q fora de Pacẽ, & mandou dizer ao governador q lhe dizião que se quiria ir de reyto a Índia, q lhe pedia que lhe lembrasse q lhe tinha prometido de horestituyr em seu reyno. A que ho governador respondeo que bem lhe lembrava, & tinha muyta vontade pera ho fazer; mas que não podia ser daquele ferro, porque ele se deteuera em Malaca mais do que cuydara, & que não podia pder a moução pera a Índia polo muyto que lá tinha que fazer, que de laa ho restituyria em seu reyno. E parecendo a çoltanzina que erão aquilo de longas & receando que ho governador ho leuasse a Índia, & que nunca mais tornasse a sua terra, fugio tão secretamente q nunca se soube pera onde fora.

Capit. lxx. vij. De como os mercatores de Malaca conselharão & requerão ao governador que se não fosse, & do que ele respondeo.



Azendo ho governador prestes sua partida, foranno ver os moradores, & esses principais de Malaca, pera lhe persuadirem q se não fosse dela, porque se receauão que ido ele se ajuntasse Quatepatir com elrey que se chamaua de Malaca, & a tomassem ou lhe dessem grande opressão com que se todos poderião perder, ou lhes seria forçado ir se dela. E hũ deles ê nome de todos lhe fez esta fala na sua lingua. Não ha nenhum de nos outros que não estee fora de si com espanço (muyto esforçado & famoso capitão

mais que quantos temos visto, & que quãtos ouuimos dizer) de tua singular prudencia, que tendo ganhada cõ trabalho tão imenso & com vitoria tão sobre natural, a môr cousa q̃ ha no mûdo & mais rica de todas as riquezas de le, queres a desemparrar sem ter ainda de todo tomado aquele assento que he necessario pera permanecer, porque se a das por segura cõ desbaratares el rey & ho fazeres fugir com tanta gẽte morta & ferida, & perdido de todo seu estado & sobre tudo morto: ainda seu filho que representa sua pessoa, & diz q̃ he herdeiro de sua terra & da vingãça de sua morte estã viuo, & oyto legoas daqui em sitio forte & com gẽte na terra, & grãde armada no mar, & muyto lido per parentesco & amizade com todos os reys comarcãos, q̃ tudo isto lhe da muyta esperança de estando tu na terra se restituyr em seu estado, quãto mais se te virido, porque entã todos seus parentes & amigos, que cõ receyo de tua presença lhe negão sua ajuda, lha darão sem medo. E pera confirmação del rey fazer o que digo, não he mais necessario alegar se não que quando Patequatir por vingar a morte de quẽ ho engeitou de parente, com gẽte em prestada se atreuco a leuãtar se cõtra ti, que fara el rey contra os teus que sabe certo que lhe matarão seus parentes, seus vassallos, & que lhe tem por força a terra que foy de seu pay: & pera mais facilmente os desbaratar, ajuntara consigo Patequatir com seu poder, & que logo não tome a fortaleza a fome lha entregara, porque por guerra sempre faleceo mantimẽto em terra abastada, quanto mais nesta que não tem se não o que vem de fora. E posto que por teu muyto grande efforço não tenhas tudo

isto em conta, & a faças q̃ os Portugueses tem fortaleza em que se emparar, armada no mar pa se defender & buscar mantimẽto. Lembrete que os mercadores fojem como do fogo dos lugares em que ha guerra, & que sò a fama de a uer neste fara fugir dele todos os mercadores q̃ soyão de vir a ele fazer suas mercadorias, & se elas fica ele hũ deserto & terra esterile, & coelas hũa casa de tisouro de todas as riquezas do mûdo, porque? que se pode desejar de las, que se aqui nã ache? ouro a môtēs? prata & outros metais sem conto, especiaria & droga sã medida? Nã falo em lenho alces, aguila, sandolos, almizque re, seda solta & tecida, beijoí & outros perfumes, roupa branca, porcelanas & outras cousas muy deleitosas aos humanos, porque sam tantas que enfastiã a quem as tem em costume, & por cima de tudo ser propria & isenta del rey de Portugal & sem nenhũ sobrosso como sam as fortalezas da India, q̃ todas sã feytas demprestado em terra alhea, onde os Portugueses estã como parceiros, & nesta como moradores na terra de seu rey, ôde ele sò reyna sem parceria, em q̃ sempre ha discordia. E pois ha tantas rezões pera te não partires, te pedimos muyto de nossa parte, & te requeremos da delrey de Portugal que te não vas, por q̃ por seu seruico gastaremos quantas mercadorias, quãtas fazendas & quanto dinheiro temos, com tanto q̃ te não vas de Malacã. Ao q̃ ho gouernador respondeo cõ muytos agardecimẽtos dos lououres, & conselho que lhe dauão, & dos offrecimẽtos que lhe fazião, & sobre tudo a boa vontade que entendia que lhe tinhão, & q̃ ele conhecia quão bẽ ho acõselhauão, porem que forçadamẽte lhe era neces-

farião ir visitar a Índia, principalmete a ilha & cidade de Goa, que auia no mais de hũ anno que ganhara ao Hidalcão, q̃ era tão poderoso como eles ouuirião dizer, & que estaua tão vezinho dela: & se lhe não tiuesse dada algũa oppresam, no inuerno passado q̃ ele não esteuera na Índia, lha daria com cerco se passasse outro sem ele estar nela: & pera dar fauor a Goa hia visitar a Índia & não pera deixar Malaca, que bem sabia que era tudo o q̃ eles dizião, & por isso fazia dela muyto fundamêto: mas que nẽ por isso auia de deixar perder os lugares da Índia que se perderião com ele estar muyto tempo ausente de la, & o que ele determinaua destar de Malaca seria no mais que ho inuerno da Índia, que com o q̃ gastaria em sua viagem ate tornar seria hũ anno, em q̃ se muy bem poderia foster a gente que auia de deixar na fortaleza & na frota que ficaua no mar. E que posto q̃ não viessem neste tẽpo mercadores a Malaca, da tornada que ele tornasse assentaria a terra de maneyra q̃ eles tornassem como dantes, & que se ele podera escusar de ir à Índia folgara muyto, mas q̃ nã podia por nenhũa maneyra: & assi lhe deu outras muytas rezões pera sua ida cõ grandes esperanças da tornada ser em breue, do que eles ficaram contentes.

Capit. lxxviij. De como nauegãdo ho governador pera a Índia, se perdeo a sua nao: & como foy morto Simão martinz com outros nossos: & do q̃ aconteo a Simão dandrade.



Ao outro dia despois disto deixando na fortaleza trezentos homens Portugueses & muytos

piães da terra, & na frota duzentos, se partio de Malaca não leuando mais q̃ tres naos & hum jungo, & nele leuaua muyta fazenda del rey seu señoŕ q̃ lhe coubera do seu quinto, & assi algũa sua que valia na Índia: & hia por capitão do jungo Simão martiz, & hião coele dez ou doze Portugueses, & assi hião mais sesenta laos casados, carpiteiros, calafates & ferreyros que leuaua pera a Índia que erão del rey, & auião la dinŕinar outros escrauos del rey a estes officios. E a causa porque ho governador não meteo aquela fazẽda do jungo nẽ os escrauos em frol dalamar que era a capitayna, foy porque fazia tanta agoa que temeo que se fosse ao fũdo, & por esta causa quísera ir na trindade q̃ era hũa das outras naos de sua conserua, & deixou de ho fazer porque vendo a gente a rezão porque ele fugia de frol dalamar não se queria ninguẽ embarcar nela, & todos q̃rião ir nas outras naos, & porq̃ ele desejava de ir nela à Índia pera a renouar embarcouse nela, & nela nem nas outras não leuou mais gente que a necessaria pera as marear. E continuando por sua viagem indo atraues da ilha de camatra defronte da costa Dauru, deulhe hũa grande toruoadã, & por a sua nao ser podre & fazer muyta agoa que não podia nauegar se não em tẽpo feyto, pareceo bem ao seu piloto que surgissem, & assi se fez. E despois de surtos foy ho mar tão grosso q̃ fez caçar a nao & foy ter sobre hũa lagia, em que tocou, & como era podre fezse em dous pedaços, & a popa com ho masto grande que ficou mais sobre a lagia & assentou nela ficou ali sem a cobrir a agoa: & ho governador cõ os que estauão nela se saluãrão, & assi algũfato, porque acodio logo ho batel

da Tridade que estava mais perto surta com as outras, & saluou o que digo, & da proa que acertou fora da lagia se não saluou nada, porque assi como se partio se foy logo afundo. E foy cousa miseravel ver assi partir hũa nao, de q̃a fora os q̃ digo se saluarão algũs a naodo com se pegarem a arcas, & estes forão ter a Pacem, porque a reuolta era tamanha por acodirẽ ao governador que ninguẽ oulhou por estes. E ho governador cõ os outros foy leuado a nao Tridade, & ali se agasalhou pera ir ate a India: & coesta mesma toruocada com q̃ se perdeu a capitayna, se apartou Jorge nunez de lião capitão da nao Enxobregas, do iũgo de que hia por goarda por mandado do governador, por recear ho governador que os laos se leuãtassẽ contra os nossos, que como disse não serião mais que ate treze. E vendose os laos apartados da nao, leuantarãse contra eles atando crifes que leuauão escondidos em paos compridos como hastes, & feytas lanças deles peleirão com os nossos, que se defenderão bem & por muytos que matarão dos laos forão mortos todos por derradeyro. E ficando os laos señores do iũgo, se forão à ilha de çamatra à cidade de Temião. E tornando ho governador a sua nauegação, paissou muyto trabalho com a gente no golpho que se faz de çamatra a Ceylão, porque como a gente creceo na nao, & se deteuerão mais dias dos que cuydarão, faltoulhes a agoa, & morrerão todos com sede se lhes nãso senhor não deparara hũa nao de Dabul, q̃ foy tomada por força, & achou se nela muyta riqueza, & assicatiuos, & agoa: & logo dali a poucos dias topou outra nao, que se rendeo como lhe mādarão que amainasse, & nesta tambem

se achou agoa. E ho dono desta nao disse ao governador que era de Chaul, & que não trazia cartaz, ou seguro, porq̃ ho não trazião as naos dos lugares que pagauão pareas, & porq̃ Chaul as pagaua ho não trazia. E porq̃ ho governador temeo q̃ ho dono da nao lhe não falasse verdade, mādou que ficasse na sua nao com algũs outros, & que a nao fosse em sua conserua ate Cochim pera hi saber se era como ele dizia: & na nao mandou que fosse Simão dandra de por capitão, & mandou que fossem coele quinze dos nossos, & ho piloto & marinheiros da naoficarão nela pera a gouernarem. E cuydando eles que os leuauão catiuos, por se liurar hũa noyte sendo tanto auante como ho cabo de Comorim, gouernou ho piloto mouro a tal rumo, que se apartou muyto da cõserua do governador, & em amanhecendo foy aferrar porto na ilha de Cãdaluz hũa das principais das ilhas de Maldiua, onde estauão muytos Malabares de Calicut, cõ cuja ajuda os mouros da nao prenderão Simão dandra de & os outros nossos, & os atormentarão com muytas injurias & males que lhes fizerão, & não ousarão de os matar por amor do dono da nao que hia em poder do governador que ho matrião, & roubarãlhe quãto leuauão na nao, & despois disto os deixarão ir pera Cochim, onde chegados acharão já ho governador.

Capitolo. lxxix. De como ho governador chegou a Cochim, & das nouas que achou da vinda dos rumes: & de como deu a capitania de Goa a Manuel de lacerda.



Ocabo de Comorim foy o gouernador ter a Cochim na entrada de Feureyro de mil & quinhentos & doze, & hi foy recebido com grandes alegrias quando ho virão uiuo, & souberão como deixaua Malaca, porque muytos cuydauão que fosse perdido, assi polo que Lourenço moreno & Antonio real disserão quãdo partito pera lá, como por q̃ despois de partido deitarão fama os mouros de Cananor & de Cochim que se perdera com toda a frota, & que auião os rumes de vir muy cedo à Índia, porque assi lho escreuera Mirocem ho capitão mór q̃ fora da armada do soldão, que ho viço rey dom Francisco dalmeida desbaratou e Diu, & ele se acolheu á corte del rey de Cambaya que então reynaua, q̃ nũca ho mais deixou ir pera sua terra, & criasse porque não trouesse rumes à Índia. E despois que este rey morreo que foy no anno passado de mil & quinhentos & onze, ho filho que lhe succedeo, deu logo licença a Mirocê que se fosse, & quando se foy escreueo a el rey de Calicut, & assi a todos os reys da Índia nossos inimigos, que se não hía se não pera trazer tantos rumes que deitassem os nossos fora da Índia, pedindolhes que se fizessem todos prestes pera os ajudar. E os mouros de Cochim & de Cananor forão os que mais alioa lharão esta noua. E parecêdo aos mouros de Cananor q̃ isto era verdade, & assi de ser ho gouernador p̃dido, começaram de fazer duas naos de quilha pa mandarem a Meca carregadas de especiaria, & tornarê carregadas de rumes. E coesta reuolta que andaua na Índia, deu a chegada do gouernador muyto

prazer. E sabêdo ele o q̃ os mouros p̃notificauão de sua p̃dição, mādou soltar doze mouros hōrrados de Cābaya & do Balagate & doutras partes q̃ trazia catiuos de Malaca, q̃ se fossem por onde quisessem pera que contassem a tomada de Malaca & como estaua na Índia. E eles ho apregoarão por onde forão, & nas terras donde erão. E sabêdo ho gouernador a êtrada dos turcos na ilha de Goa & ho mais que era feyto despachou logo pera la oyto Catures Dantonio real carregados de gente, & mandou neles prouisam a Manuel de lacerda pera ser capitão de Goa, & Manuel de souza tauares alcaide moor, & Diogo fernandez de beja capitão do mar, & escreueo a Manuel de lacerda q̃ lhe mandaua aquela gente em quanto não hía, porque se ficaua apercebêdo pera ir ho mais de pressa que podesse. E chegados estes Catures a Goa, foy metido Manuel de lacerda na capitania, & Manuel de souza & Diogo fernandez nos outros cargos. E vêdo Manuel de lacerda a carta do gouernador sobre sua ida, respondeolhe logo que não deuia de ir, porque não tinha tanta gente que podesse tomar logo a fortaleza a Roçalcão, & pera estar e Goa sem mais que seria grande abatimento ter enlhes os mouros hũa fortaleza no rosto & ele não a poder tomar, por isso que não fosse ate as naos de Portugal não chegarê que auião de trazer muyta gente, & q̃ então hiria a Goa como cūpria ao estado del rey de Portugal & a sua honrra, & entre tanto ele esperaua em Deos de a cidade não correr nenhũ perigo, por que ele tinha seyscentos Portugueses com que a defender, a fora os piães da terra. E por este recado que foy embreue tēpo ao gouernador, desistio ele de

ir a Goa & ficou-se em Cochim, onde achou bem q̃ concertar em desmãchos que se fizerão em quanto foy a Malaca. Primeyramête na justiça em que Antonio real & Lourenço moreno fazião ausolutamente o que querião: & porque lhes foy dito que hum Simão rãgel natural de Coimbra praguejava do que eles fazião degradaranno pera Goa, & mandarão ê hũa nao de mouros mercadores de Cochim, que no caminho forão tomados por mouros de Calicut, que leuarão lã Simão ranjel catiuo, & hi ho venderão em pregão, & foy vendido a hum mouro do cayro q̃ ho leuou pera laa. E não somête fazião estas cousas & outras na justiça, mas outros muyto grandes excessos na fazêda, fazêdo gastos muy desordenados, assi como em fazerem hũa nao noua de que não auia necessidade & deixarê perder a nao cirne que era ainda pera poder nauegar, & com se corregger escusara ho gasto da nao noua: & assi achou que tratauão em mercadorias de fêlas polo regimento del rey, & gastauão ho dinheiro que mandaua pera a carga da especiaria em outras cousas, & aillacauão ao governador que ele ho gastaua: & porq̃ ele quis apurar a verdade disto & atalhar q̃ ho não fizessê mais, lhe quiserão dali por diãte muyto grãde mal, & despois fez Antonio real capitulos dele como direy a diante.

¶ Cap. lxxx. Do q̃ o governador fez em Cochim, & de como hũ rey das ilhas de Maldíua se fez vassalo del rey de Portugal.



Ambem ho governador acodio a outros grandes males que auia em Cochim na nossa pouoação, que se fazião por estarem os gê

tios mesturados com os Christãos da terra, & as molheres Christãs da terra mancebas do mudo tinhão em suas casas de quinze ate vinte parentes gentios todos, & peccauão coeles carnalmête, & outras Christãs peccauão nas casas dos gentios com mouros: & assi auia casas em que poufauão gentios & mouros de fora de Cochim que tinhão por officio êganar escravos dos nossos q̃ lhe fugissem & os roubassem. E hia este roubo tanto auante q̃ muytos erão roubados de passante de cê cruzados: & nestas mesmas casas dos gentios tinhão muytos dos nossos parte com as gentias. E dando ho governador cõta de tudo isto a el rey de Cochim, ouue dele que lhe desse de marcação pera a nossa pouoação estar sobre si: & auida, mandou que sopena de morte rodo ho gentio, assi homem como molher se despejasse logo da nossa pouoação nê tornasse mais a ela. Efeyto isto tornaranse Christãs bem quatro cêtas pessoas gentias, em que entrarão algũs panicaes & outros honrrados. E neste inuerno mādou o governador fazer em Cochim trinta catures que sam nauios de remo mais pequenos que bargãtis, & isto porque soube que entre tanto q̃ ele foy a Malaca, mandou el rey de Calicut fazer hũs sesenta nauios destes, & como as naos de Cochim sayão do porto hião a elas, & ou as tomauão ou as punhão em grande afronta, & tomauã paraos & pagueres que hião de Cananor pera Cochim pera a nossa fortaleza com cousas necessarias que os feytos mandauão de hũas às outras, & assi que hião de Goa, & pera pelejarê coestes catures, fez ho governador os que digo & pera outras cousas necessarias. Tambem neste inuerno por indu

stria do governador se tornaráo e Cochim Christãos muytos moços filhos de homens honrrados, & pera serẽ melhor insinados na fẽ catholica & terem melhor criação, mãdou os insinar a ler & a escreuer em escola publica que ordenou pera isso, & achou obra de cem moços pera deprenderẽ. E neste inuerno lhe foy dada hũa carta de q̃tro marinheiros nollõs q̃ se pderão coele em frol delamar, em que dizião que forão ter a Age hũ porto del rey de Pacẽ, que lhes fizera muyta hõrra, & os mãdara a Choramandel em hũ jungo de Charins, que tambẽ por serẽ Portugueses lhes fizerão muyto gafalhado, & mãdauão pedir seguro ao governador pera suas naos & jũgos irem a Malaca como costumauão, & mais lho pedião pera hũ jungo q̃ hi inuernaua que leuaua roupa de algũs mercadores de Malaca & assi do rey que fora della, cuja parte lhe entregarião. O que ho governador lhes concedeo, & mais fez merce ao capitão do jungo da parte delrey, que valeria bẽ quinze mil cruzados, & neste tpo lhe chegou hũ mellegeiro de Merlao aq̃lle q̃ lhe arrendara as tanadarias da terra firme de Goa, que era rey. Donor por morte do hirmão q̃ lhe tinha ho reyno por força: & mandoulhe por carta muytos agardeci mētos da hõrra que lhe fizera em Goa, sendo hũ pobre aventureiro. E assi ofrecimentos dami zade & desejos de seruir a el rey de Portugal com todo ho reyno & cõ sua pessoa, & mandoulhe hũa trepeça q̃ fora del rey de Narĩnga toda forrada dourõ & os pēs feytos de torno, obra bẽ feyta & rica. E o governador lhe respõdeo pelo mellejeiro, cõfirmãdõse por muyto seu amigo e nome del rey de Portugal, & seu, & mandoulhe hũ presente:

E sempre Merlao durou nesta amiza dẽ, & pagou bẽ a rēda de Mergeu q̃ seu hirmão não fazia. Na entrada deste inuerno q̃ foy e Mayo, chegou a Cochĩ Pero mazcarenhas capitão dhũa nao da conserua de dõ Garcia de noronha, q̃ aquele anno partira por capitão mōr da armada da carga. E partido de Lisboa, chegou ao cabo de sancto Agostinho cõ toda sua frota, & por ho não poder dobrar tornou a costa de Guinẽ a buscar ṽeto pera nauegar, & foy ter aa ilha de sam Thome, onde fez agoada, & hi lhe adoeceo & morreo muyta gente: & ido dali cõ muyto trabalho parecendolhe q̃ tinha dobrado ho cabo de boa Esperança, foy reconhecer a terra & achouse atras dele. E tornando a sua nauegação q̃ foy em estremo trabalho sa, chegou a Moçãbiq̃ cõ toda a frota e feureyro de mil & quinhētos & doze, & então passauão por ali dõ Ayres & Christouão de brito q̃ hião pera Portugal: & por ser ja boca dinuerno da India & a gēte ir muyto trabalhada, foy necessario ter ali ho inuerno da India, & deu licēça a Pero mazcarenhas que lha pedio pera se ir a India na nao sc̃tã Ofemea de Jorge de brito q̃ era nauio peq̃no, & por isso dõ Garcia ho mandou a India cõ noua ao governador de como ficaua em Moçãbiq̃. E partido, chegou a Cochĩ na fi de Mayo & deu noua ao governador como dõ Garcia ficaua em Moçãbiq̃, & coela folgou ele muyto por dõ Garcia ser seu sobrinho, & logo etregou a capirania de Cochĩ a Pero mazcarenhas q̃ a trazia por elrey de Portugal. E q̃ si no cabo do inuerno chegou ao governador hum embaixador dhũ rey das ilhas de Maldiuã q̃ se mãdaua offrecer por vassalo delrey de Portugal, cõ tanto q̃ lhe restituyse al-

gũas ilhas que lhe tinha tomadas hum mouro principal de Cananor chama-do Mamale cõ ajuda dhũs hirmãos q̃ tinha, & elrey d̃ Cananor lhe tinha da do nome de rey. E ho gouernador aceitou este offrecimento, & prometeo de liurar el rey do Mamale, & assi ho fez despois fazendo cõ Mamale que renũciaſſe ho titulo que tinha de rey daq̃las ilhas de Maldiua.

¶ Capit. lxxxj. De como os inimigos tomam a abarcaça que goardaua a trãqueyra da banda do mar, & de como os nossos desbaratarão os inimigos & cobrarão abarcaça com ho camelo que tinha.

PArtido ho gouernador de Malaca, foy ho desmayo raurinho na gente da terra q̃ todos poſerão toucas pretas, o que Ruy de britto & Fernão perez eſtranharão muyto a Ninachatu, & prometeranlhe de fazerẽ de tal maneyra a guerra a Patequatir que ho lãçaſſem fora de Malaca: & niſto veo no ua q̃ Laſamane que eſtaua em Muar, ſe dizia que queria ir a Malaca pelear cõ a noſſa frota. E ſabido iſto foy acordado q̃ Fernão perez foſſe buscar Laſamane & peleiaſſe coele, aſſi pera eſforçar a gente da terra, como porq̃ no rio de Muar por ſer lugar eſtreyto peleiarã melhor q̃ no porto de Malaca q̃ era largo. E em quãto Fernão perez lá foy, veo Quatepatir de noyte, q̃ fazia muy grande eſcuro, & cõ muyta gente q̃ trazia deu na noſſa barcaça q̃ eſtaua no cabo da noſſa tranqueyra, & tomãdoha ſem ſe os noſſos poderẽ valer leuouha coeles & cõ ho camelo q̃ tinha à ſua fortaleza, & meteo ho camelo dentro, & mādouho aſſeſtar defronte de hũa porta q̃ ſaya pa ho mar, pera que

dali jugaffe cõtra quẽ a cometefſe. E ao outro dia q̃ iſto acõteceo, logo pola manhaã chegou Fernão perez que ſe tornou por nã achar a armada do Laſamane: & ſabẽdo a tomada da barcaça, diſſe a Ruy de britto q̃ lhe parecia q̃ logo ſe deuia de vingar aq̃la offenſa, porq̃ ſe aſſi ſenão fizeſſe Catepatir cobrarã mór eſforço do q̃ tinha, & a gẽte da terra mayor deſmayo do q̃ andaua neles, & perderião de todo o credito dos noſſos. E eſtas rezões deu no cõſelho q̃ ſe logo fez ſobriſſo: & algũs lhas cõtrariã, dizendo q̃ nã era bẽ pelejar cõ a fortaleza da trãqueyra, pois ho gouernador cõ a gente q̃ tinha a nã podera desbaratar: & eles nã erã mais ſãos q̃ duzẽtos & cincoẽta Portugueſes. Ao q̃ Fernão perez diſſe q̃ o gouernador nã tiuera tãta neceſſidade de cometer a fortaleza como eles tinhã, & q̃ quãto era a ſerẽ poucos, q̃ noſſo ſenhor os faria muytos no eſforço, porq̃ pera iſto erã Chriſtãos. E ho parecer de Fernão perez ſe aprouou, aſſi polos noſſos como polo Bẽdara & Catual q̃ eſtauã no cõſelho, & ſe offrecerã a ir cõ Fernão perez cõ mil & quinhentos piães da terra: & foy ordenado q̃ foſſe coeles ao lôgo do mar Afonſo peſſoa com os eſpingardeiros & bẽſteiros q̃ tinha na tranqueyra: & Fernão perez auia de ir por mar ao lôgo da terra cõ ſeus capitães e bateys & em calaluzes, & ſerião os noſſos duzentos: & hião aſſi ao lôgo de terra, porq̃ ſe foſſe couſa q̃ ſayſe os inimigos aos q̃ hião por terra, os defendeſe cõ a artilharia dos bateys. E indo pro da fortaleza, mandou Fernão perez a Iorge botelho de põbal, q̃ era hũ dos capitães q̃ hião nos bateys q̃ deſembarcaſſe primeyro q̃ todos, & pegaffe cõ a trãqueyra, & viſſe a diſpoſição dela:

& ele hofez affi. E em saindo ho noffo camelo, começa de desparar muy riço, & como disse estaua na porta da tranqueyra defronte do mar, q̃ estaua aberta, & estarião em goarda dele obra de cẽ mouros. E Jorge botelho & os q̃ hiã coele como nã tinham em cõta os tiros do camelo, chegarão cõ muyta pressa à porta dõde ele estaua & entrarão: & começando de pelejar cõ os inimigos q̃ estauo em goarda, acodio Fernão perez cõ os seus, & alli Afonso pelloa cõ os q̃ trazia por terra, & cõ sua chegada nã curarão os inimigos d̃ mais resistẽcia & alargarão a porta, & os noffos entrarão todos: & Fernão perez mandou logo poer fogo, porq̃ se os noffos não carregassem d̃ muyta & muy rica fazêda q̃ ali auia, & etre tão viesse Quatepatir cõ ho corpo da sua gente do q̃ se receaua, & os noffos não podessẽ pelejar cõ ho roubo & se desbaratassem como ele ja vira acõtecer algũas vezes, & por isso ele mesmo andaua mandado poer ho fogo cõ deixar os capitães cõ a mör parte da gẽte feyta e corpo, pera q̃ resistissẽ a Patequatir se viesse, & fizellẽ entre tanto recolher ho camelo aos bateys, & querẽdo ho os noffos fazer acharão ho cepo do camelo cheo de sangue fresco: & foubesse despois q̃ era do noffo cõdestabre q̃ fora catiuo na barça cõ os outros, a q̃ Patequatir mandou q̃ tirasse cõ ho camelo quãdo os noffos forão vistsos, & por ele nũca querer tirar lhe cortarão os inimigos a cabeça sobre ho cepo. E estado nisto deizaranse vir pto de q̃tro cẽtos mouros, & diãte deles tres alifantes cõ castelos, em q̃ hiã trinta ou quarenta frecheiros. E affi como os noffos os virão de supito, começaram de bradar. Alifantes, alifãtes: & coisso fugio a mayor parte deles pa os

bateys, principalmẽte os q̃ estauão mais pegados cõ a tranqueyra. E Jorge botelho q̃ estaua na dianteira cõ obra de trita dos do seu batel, se teue esperado os inimigos, de q̃ bẽ se senta se a diãtarão cõ hũ dos alifãtes q̃ era ho mais peq̃no de todos. E Jorge botelho como os vio mandou aos que estauão coele que dessem Santiago, & que não curassem do alifante se não do homem que ho regia que hia assentado na cabeça, porque este morto ho alifante se desbarataria por si mesmo: & alli ho fizerão, & remeterão com grande grita ao alifante chamando Santiago, & leuão o que ho regia espetado nas lanças. E alli como foy leuado q̃ ho alifante não teue quẽ ho gouernasse, atraueffouse, & ainda se bem não atraueffaua quando ho cõ destabre que hia no batel de Jorge botelho despara nele hũa espingarda & dalhe polo coração: & dando ho alifante hũ medonho hurro cayo morto. E neste instante acodio Fernão perez sentindo a fugida dos noffos, & alli por ele sobreuir como pola morte do alifante se desbaratarão os inimigos de maneyra que fugirão, & por a terra ser alagadica & de vasa por amor dos muytos esteyros que ha nela, não quis seguir ho encalço, & mandou roubar muytos gudões, em que auia tanto crauo, noz, maça & sandolo, que de os noffos ho nã poderem levar todo forão chamar ho pouo de Malaca que ho acabasse de levar. E saqueado tudo & recolhido ho camelo & outra artelharia que estaua na tranqueyra, foylhe posto fogo, & affi aa pouoação que estaua despejada, & tudo foy queymado sem nunca Patequatir oular de acodir. E isto feyto tornou se Fernão perez aa fortaleza, onde forão dadas muytas graças a noffo

senhor por aquella vitória, q̃ foy muy grande pera quanta gente tinha Patequatir, & pera quão poucos os nossos erão, de que nenhum não foy morto, somente ouue algũs feridos, & dos inimigos muytos & muytos mortos: & logo Patequatir se mudou dali pera hũa enseada hũa legoa abaixo, por que he ho costume desta gente não estarem mais onde hũa vez sam vencidos. E nestoutro lugar pera onde se foy, se fortaleceo de tranqueyras muyto mais que dantes, & com sua ida ficou ho pouo de Malaca desabafado, & com muyto credito nos nossos & sem nenhum medo de Patequatir.

Cap. lxxxij. De como Fernã perez tornou outra vez a cometer Quatepatir, & da perda que recebeo.



Espos desta vitória, pareceo bem a Ruy de britto & a Fernão perez com conselho de todos os outros capitães & fidalgos, q̃ Fernão perez tornasse sobre Patequatir em quanto a vitória passada estaua fresca. E isto acordado, partio de Malaca hũ dia ante manhaã com os mesmos capitães & gente que leuara da outra vez, & chegando a Vpe, que assi se chamaua ho lugar onde estaua Quatepatir, desembarcou com os seus sendo bem contrariado dos inimigos, com que pelejou hum pouco na primeyra tranqueyra, porque erão tres ou quatro. E desbaratados com morte de muytos deixarão a tranqueyra, & Fernão perez a entrou com os seus, & chegando aas primeyras casas mādoulhes dar fogo: & por saber que a ter

ra era alagadiça & de muytos esteyros, & não se poder andar se não por minhoteiras que era grande ajuda pera os inimigos que andauão leues & despejados, & pera os nossos grande impedimento por andarem armados, determinou com conselho de seus capitães de não passar mais a uante & contentarse com o que tinha feyto & recolherse, & tambem porque os inimigos erão muyto mais que da primeyra, por lhe el rey de Malaca mandar socorro, & despois que queymou algũas lâcharas que estauão em hum esteyro junto desta tranqueyra, começou de se recolher & embarcar-se nos bateys muyto a seu saluo, bem que os inimigos lhe hião nas costas, mas sem fazerem cousa algũa. E recolhendose assi acertou de se embarcar tanta gente em hum parao, em que hia Ruy daraujo por capitão, que não pode nadar com ho grande peso dela, & porque a maré vazaua. O que vendo os inimigos & entendendo o que era, derão todos sobre ho parao com muyto grande grita, & começaram hũs de tirar com lanças da remesão & outros com frechadas, tratando muyto mal os nossos que estauão nele, & como estauão empilhados não se podião defender: ao que Fernão perez que estaua embarcado acodio logo bradando aos nossos dos outros bateys que estauão de largo que acodissem. E tornando eles pera isso, em chegando a eles arremessãse todos neles a quem mais podia & com muy grande desordem, & Ruy daraujo se lançou tambem, mas em se lançando ficou preso em hum tolete do parao pola fralda de malha que leuaua, & como a pressa era grande & ho tempo

pouco mataranno aas lançadas primeyro que se podesse desembaraçar do tolete, & sobriſſo foy grande peleja dos noſſos que acodião com os inimigos que erão tantos que cobrião a terra & metianſe pola agoa a pelear com os noſſos, & tanto os apertarão que ſe ouuerão de retirar, indo Fernão perez ferido, Pero de faria & outros muytos, & ficarão mortos Ruy daraujo, Chriſtouão pacheco, Antonio dazeuedo capitão dhũa carauela, que primeyro que morreſſe pelejou muy valentemente, & aſſi forão mortos outros: de modo que donde os noſſos tinham a vitoria tornouſe aos inimigos. De que Patequatir ficou muyto mais ſoberbo do que era, & mandou logo eſta noua a el rey que fora de Malaca, que lhe mandou diſſo muytos agardecimentos, pedindolhe muyto que continuaffe a guerra, porque coela eſperaua de cobrar Malaca, & que ele ho ajudaria no que podesſe: & logo mandou ao Laſamane que eſtaua com ſua frota no rio de Muar que he dez legoas de Malaca que ſayſe fora & tomaffe os jungos que foſſem pera Malaca ou quaſquer outras velas, & que fauoreceſſe el rey Darguim & ho Dujentana & outros: & aſſi andaua fazendo guerra a noſſos amigos & fauorecendo noſſos inimigos.

Capitulo.lxxxiiij.De como Fernão perez foy buscar holasamane que eſtaua no rio de Muar pera pelear coele, & do que fez: & de como chegarão da India Francisco de melo & Martim guedez.

Tornado Fernão perez a Malaca muyto deſcontente polo que lhe

acontecera, deuſe a capitania da carauela Dantonio dazeuedo a lorge botelho por ſeu boõ eſſorço & ſeruiço que naquella guerra fazia. E dali a algũs dias ſabendo Fernão perez como ho Laſamane era fora do rio de Muar, partioſe logo em ſua busca pa pelear coele, porq ho deſejaua muyto: & alê dos bateys leuou a galê de Pero d faria & ho nauio de lorge botelo, q chegãdo pto do rio de Muar acertou dir diãte d todos, & por iſſo foy logo viſto da armada do Laſamane, & não virão os outros porque a frota eſtaua detras de hũa ponta. E ſendo dito ao Laſamane que apparecia ho nauio, quis lhe fazer crer que lhe fugia, & meteoſe pera dentro do rio & pos ſe detras da ponta que digo pera ho tomar mais aſinha. E lorge botelho que ho entendia em a noſſa frota ſendo tanto auante como a ponta detras de que ho Laſamane eſtaua, meteoſe no rio & paſſou a diãte da frota dos inimigos cõ determinação de lhes atalhar que não podesſem fugir da noſſa frota ſe ho quiſeſſem fazer. Ho Laſamane pola tẽção q tinha deixou paſſar lorge botelho, ſenão qndo Fernão perez aboca ho rio cõ ſua frota, dando os noſſos grandes gritas, & começãdo de tirar muytas eſpingardadas. Ho Laſamane conhecẽdo o q era, poſto q tinha corêta lancharas & muytos calaludos, & ele ficou ſeguro de lhe os noſſes, receaua tâto os noſſos que não ouſou de pelear coeles: & pa que ho não podesſem aferrar, mandou logo alagar algũs calaluzes & lancharas q eſtauão aſtados da terra, pera que ficaffeſſem em baſtida antrele & os noſſos: & como a marê vazaua ficarão logo alagafos, poderem chegar tão aſinha. E niſto os tiros erão muytos de hũa parte

& da outra, allí de frechas como de sêtas, & espingardas, & bôbardadas, de que os inimigos tirauão em mais abastança que os nossos por terem muyto mais bombardas, & allí erão eles também muytos em demasia, por q̃ a fora os q̃ estauão na frota auia muytos em terra q̃ logo acodirão, & as frotas estauão tão perto dela que podião os inimigos que estauão nela chegar aos nossos cō as frechas, de q̃ ho ar andaua todo cuberto. E cō tudo os nossos remarão auãte & chegarão a abalroar os calaluzes & lancharas que estauão alagadas, & dali saltarão em outras que ho não estauão. E aqui foy a batalha em estremo aspera, porque como os q̃ andauão cō ho Lasmãne fossem laos que sam muyto ousados, chegauan se tanto aos nossos que se ferião com as espadas, & forão muytos deles mortos & dos nossos algũs feridos. E porque nisto vaza uia muyto a marê & não ficarem os nossos bateys e n seco, foy necessario mandar Fernão perez que se afastassem, & eles afastados poderão a galê & a carauela jugar com a artelharía, & fizerão muyto grande dano nos inimigos, & os bateys entre tanto poserão fogo às lancharas & calaluzes q̃ tinham tomados: & isto por q̃ por estare em seco os nossos as não poderão tirar pa se aproueitar delas, porê ardeo delas pouco, por q̃ em se os nossos afastado, os inimigos que erão e demasia muytos ho apagarão logo. E sobreuindo a noyte neste tẽpo, recolheose Fernão perez á galê & a carauela pa curarẽ hi os feridos, & duraria esta peleja bẽ tres horas: & porque ao outro dia se não podessem sayr os inimigos com a marê, fez Fernão perez hũa bastida diãte deles dos bateys & da galê & da carauela que tomaua ho rio de

terra a terra. O que entendẽdo ho Lasmãne, & parecẽdolhe que se perderia se esperasse ao outro dia a peleja dos nossos, aq̃lla noyte varou toda sua armada, & fez diãte hũa tranqueyra de duas façes entulhada de terra em q̃ asentou sua artelharía, & coela ficou seguro de os nossos ho poderẽ entrar. E esta trãqueyra & varação de sua armada q̃ ele mandou fazer aq̃lla noyte, foy feyta tão caladamente q̃ nũca ho Fernão perez sêtio, & ele estaua espãtado de quão pouco arroydo se fazia em terra, pelo q̃ cria q̃ ho Lasmãne era ido cō toda sua gente & deixara a armada vêdo q̃ a não podia salvar. E isto fazia ele por q̃ não ouuindo os nossos ho rumor dos seus lhe não tirassem cō a artelharía. E em am nhecẽdo mandou dar hũa aluorada a Fernão perez de sinos, & doutros instormẽtos que os laos costumão na terra, & despois de bôbardadas: do q̃ os nossos ficarão muy espãtados, & muyto mais da obra q̃ estaua feyta. E por Fernão perez ter tão pouca gẽte como tinha, lhe não pareceo bẽ poiar em terra & pelejar cō os inimigos, & cõrẽtouse cō lhe fazer do mar muyto dano cō os esbôbardear a môr parte do dia, & despois se partio pa Malaca, ôde achou Frãcisco de melo ho galego q̃ entãto chegara da India, q̃ o mãdara ho gouernador por capitão môr de Martiguedez, & de lorge de brito, & vinhão cada hũ e seu nauio fornecidos de cl. homẽs Portugueses, & d'artelharía, poluora & outras munções, & mãtimẽtos, & aparelhos pa tirarẽ nauios a môte & pa os cõcertarẽ: & ãtre a gẽte dos nauios hião ferreyros & carpinteiros, & mãdou o gouernador puissã pa fazerẽ seys galês, & mãdou por patrão da ribeira d̃ Malaca a hũ Fernã trigo,

que deu industria pera se tirar amonte ho nauio de Vasco fernandescoutinho que fazia muyta agoa, & foy tirado cō muyto trabalho, & tambẽ ho nauio de Iorge botelho, & este por ser pequeno foy logo corregido & tornado ao mar: & Fernão perez se foy aa ilha das naos onde estaua cō os nauios grossos todo ho tempo q̃ não pelejava, & isto por goardar melhor ho mar, q̃ não viesse os inimigos por elle & tomallem a fortaleza de supito: porq̃ como todos os comarcãos hoerã, era necessario estar a alerta, paq̃ tambẽ não lhe fezessem treição que a gente daquela terra vsa muyto. E sempre quando nacia ho sol & se punha, tinha Fernão perez muy grãde vigia se sayia algũa vela donde estaua. Quatepatir ou da banda do estreyto de Sabão: & a fora isto tinha muyto grande trabalho em ir muytas vezes buscar os inimigos hũas vezes os da armada do Lasamane, outras os de Patequatir, a q̃ sayia por esses esteyros nos bateys a queymarlhe suas lancharas q̃ lhe traziaõ por eles algũs mantimẽtos que lhe mandauão seus amigos.

Capit. lxxxiiij. De como Fernão perez foy buscar mantimẽtos pa a fortaleza, & os trouue com grande perigo de sua vida, & da grande fome q̃ auia antre os inimigos.



Este tẽpo que estes doos capitães chegarão da Índia auia em Malaca muytos trabalhos, aissi de doenças como de fome que hia em grande crecimẽto, por os mantimentos não acodirẽ como dantes, q̃ nenhũs mercadores ousauão dir a Malaca por amor da guerra: & chegou a pouquidade dos mantimẽtos a tãto q̃ nã comião os nossos mais, q̃ arroz

cozido em agoa & sal, por regra, & no mais q̃ hũa vez ao dia, & a mesma este rilidade auia antre os inimigos, & por isso cessou a guerra antre hũs & outros, & a fome foy causa de treguas antreies sem falar nenhũ deles. E vẽdo Fernão perez ho destroço q̃ hia nos nossos cō a fome, determinou cō conselho de todos de ir ao estreito d̃ Cincapura, por õde naq̃le tẽpo q̃ era na fim d̃ Setẽbro passauão jũgos da laoa carregados de mantimẽtos pera partes õde tinham valia: & deixando a mayor parte da gẽte de sua armada nos nauios grossos pera os goardar, se partio indo no nauio de Marti guedez, em q̃ ele tambẽ hia, & leuaua em sua cõserua Pero de faria & Iorge botelho, & aissi outros tres capitães em tres lanchaars: & ho timũgão de Malaca, q̃ he o que arrecada as ancorajãs das naos estrangeiras, & este hia por guia que sabia a terra. E chegado ao estreyto, achou no canal de Sabão hũ grãde jũgo da laoa q̃ estaua surto, que em vendo a nossa frota se quis fazer à vela, mas não pode. Porq̃ Pero de faria mandou aptar tãto rijo ho remo, q̃ antes q̃ desferisse estaua metido antrele & a terra, & impidiolhe q̃ nã chegasse a ela cō muytas bõbardadas que lhe tiraua. E nisto chegarão os outros capitães & rodearãõ, & os q̃ estauão dẽtro se renderão porq̃ os não metessem no fũdo. Tomado ho jũgo achou-se q̃ era de laos q̃ o leuauão carregado de mantimẽtos & d'armas. E do seõor do jũgo soube Fernão perez que leuaua aqueles mantimentos & aquelas armas a Patequatir, que escreuera a laoa q̃ lhe mandasse: & neste jũgo hia hũ seu filho, & por seu conselho se renderão os do jũgo cō determinação d̃ fazerẽo q̃ despois fizerão, & logo Fernão

perez mandou baldear os mantimētos do jūgo nos nauios da sua frota, & a ela mandou també passar a gēte, & ho capitão dele & effes hōrrados ao seu nauio, & ā dauão soltos por q̄ lhes mādou tomar as armas: porē ficarão a cada hū seu cris q̄ trazião secretos, esperādo tē po pa fazerē o q̄ determinauão, & foy matarē Fernão perez & leuantarse cō ho nauio, & cometeranno hū dia pela festa. E estando Fernão perez encoftado, remeteo ho capitão do jūgo a ele & ferio pelas costas cō ho cris q̄ trazia escōdido, & nã lhe deu mais de hūa sō ferida, por q̄ neste tēpo remeterão os cōpanheiros aos nossos, q̄ lançando mão das espadas & lanças q̄ tinham na tolda começarão de ferir os inimigos, o q̄ embaraçou ho seu capitão de maneyra q̄ não pode dar a Fernão perez mais feridas q̄ hūa, por q̄ també algūs dos nossos se abraçarão logo coele. E foy o primeyro Martin gue dez, q̄ antes de ho abraçar lhe deu cō hūa marrão da nao cō que ho derribou, & nisto acodirão outros & tomarãhe ho cris & prenderão, & não ho matarão por q̄ Fernão perez ho mandou assi. Os outros laos vêdo q̄ não auia efeyto o q̄ começarão, derão consigo no mar effes q̄ poderão, & saluaran se a nado por ser pto de terra, & os outros forão mortos & catiuos. E assesegado tudo, Fernão perez mandou meter a tormēto ho capitão do jūgo, pera q̄ confessasse cō que fundamento cometera matalo, & se vinhão mais jūgos e socorro de Quatepatir. E ele confessou a causa por q̄ ho quisera matar, & q̄ ainda ficauão tres jūgos em Cincapura, & q̄ nã auião de ir ate lhes não mandar recado. E assi disse como vinha ali ho filho de Quatepatir & mostrouho. Isto cōfessado, mādou

os Fernão perez prender a boō recado pera os leuar a Malaca, pera òde logo partio cō os mantimētos, & fez cōta q̄ certos tinha os tres jūgos q̄ ficauão e Cincapura, pois não auião de partir sē recado do capitão do jūgo. E chegado a Malaca foy grãdemēte festejado por trazer tão boō socorro, & em chegado logo despedio pera Cincapura a Lope dazeuedo & a Iorge botelho, pera q̄ to massē os tres jūgos q̄ là ficauão. E eles os tomarão sē lhes ficar gēte algũa por q̄ toda fugio primeyro, & coeles ficou Malaca bē abastada de mantimētos. E tãbē chegou Gomez da cunha de Pegu cō outro jūgo cō mantimētos, que deixaua assētada amizade cō el rey de Pegu, & concertado q̄ mandasse mantimentos a Malaca: & assi chegou Antonio de miranda do reyno Sião, òde foy muyto bē recebido. E neste tēpo fugio da prisam ho filho de Quatepatir, q̄ estaua em estrema necessidade de mantimētos polos que lhe tomarão, & assi muy falecido das armas & de gente, q̄ nē el rey de Malaca lhe podia socorrer por estar da mesma maneyra.

Capit. lxxxv. De como Fernão perez desbaratou Quatepatir & lhe tomou a fortaleza: & de como Quatepatir fugio pera a ilha da Iaoa.



Abendo os nossos isto, & parecendo lhes q̄ era tēpo determinarão de o destruir de todo & deitalo fora de Malaca: pera o que se ordenou que fosse Fernão perez & leuas se a galee de Pero de faria & a carauela de Iorge botelho, & os outros capitães nos bateys & calaluzes, em que hī rião passante de duzētos Portugue-

ses entre sãos & doêtes, & por terra ao longo da goa ho catual com mil & seyscentos piaes da terra, os mais deles frecheiros, & da banda do sertão ho feytor Pero pessoa, a que se deu a feytoria despois da morte de Ruy daraujo com obra de setêta espingardeiros & bêsteiros. E confessados todos os nossos, & recebido ho Sanctissimo sacramêto, partito Fernão perez de Malaca hũ dia âre manhaã, & tanto que foy perto donde estaua Patequatir, desembarcou Iorge botelho per seu manda do com a gente de sua capitania, pera q̃juntamente com Pero pessoa cometeeffim a fortaleza, e quanto ele hia desembarcar com toda a gente defronte da porta principal da primeyra tranqueyra, donde ja estaua muyto perto Pero defaria na sua galé varejando com a artelharia tão fortemente que quasi não oufauão de se descobrir os inimigos q̃ hi estauão. E ajuntandose Iorge botelho & Pero pessoa ambos derão Santiago cõ grande grita, & achando aberta a porta desta primeyra tranqueyra, entrou logo Iorge botelho diante com ate oytto homens, rompendo por muytas frechadas que os inimigos tirauão de dentro, & entrãdo por muy bastas lançadas que lhe arremessauão. E vêdo eles a conrusam de Iorge botelho que foy entrar, & vêdo os que lhe hião nas costas, que não fazião se não despende em espingardadas, virão as costas & arreineffanse pera dêtro doutra tranqueyra que hia alem desta, cuja porta fecharão muy bem. A este tempo era Fernão perez desembarcado com toda a gente, & cada hũ comeria por onde podia pera entrarem a segunda tranqueyra q̃ estaua muyto forte, & que os inimigos defendião com grande instancia, & a reuol-

ta era muy grãde & perigosa: Iorge botelho & Pero pessoa que andauão dianteyros por aquela parte onde estaua a porta que era pequena, remeterão ambos a ela pera ver se a podião leuar fora do couce. E andando ambos nesta occupação, meterão os inimigos hũã lâça jaoa por debaixo das portas & ferio Pero pessoa em hũ pé, & como ele era muyto boõ caualeyro a menêcoria disto lhe acrecentou a força de maneyra que ele & Iorge botelho derão com as portas fora do couce, & de dêtro appareceo hũ muro de inimigos que tinhão feyta hũã muy forte bastida de lanças com q̃ forneauão sem descansar, & por cima de las vinhão infindas frechas assí darcos como de zarauatanas, & os inimigos estauão assí medonhos porque estaua ali Patequatir que os animaua. E com tudo Pero pessoa & Iorge botelho se melhorarão dõde estauão, & passarão da porta pera dentro auendo hũ pouco q̃ pelejauão, & assí todos os outros por todas as partes da tranqueyra que os inimigos defendião como homens que tinhão ali sua saluação & ela perdida ficauão perdidos. E vêdo eles a porta entrada por Iorge botelho & Pero pessoa, por õde os nossos começauão de carregar, acodem com quatro alifantes armados com seus castelos. E os nossos que lhe tinhão perdido ho medo não fizeram conta deles, antes hũ Francisco machado christão nouo & alfayate natural de torres nouas da capitania de Iorge botelho em vendo ho alifante dianteiro que se chegaua a eles, foy ho primeyro que remeo a ele & ferio lhe ho ayo com a lança, & apos ele outros & derão coele morto, & sobre ho alifante forão rãtas as espingardadas q̃ ho ferirão, & a dor das feridas ho fez virar

contra os seus. E coísto & cō os nossos que entrarão de roldão apertarē muy rijo com os inimigos, os fizerão fugir desbaratados, & em virando os dianteyros desbaratarão os traseiros & fugirão todos & mais dous alifantes, por que ho ferido morreo & outro foy tomado dos nossos, q̃ nesta peleja matarão tãtos dos imigos q̃ ho chão ficou cuberto deles, & assi deferidos q̃ senã poderão levantar, & Fernã perez não quis seguir os viuos, assi por os nossos estarem muyto cansados, que durou a peleja hum pedaço, em que ho todos fizerão muy bem, como por ser a terra alagadiça & de vasa que se não andaua se não por minhoteiras. E vencidos os inimigos sem falecer nenhũ dos nossos, somente auer algũs feridos, achou-se tanta riqueza de mercadorias que por aqueles que forão na batalha as nã poderem levar todas, mandou Fernão perez chamar os que ficauão em Malaca pera acabarem de levar tudo, & todos vierão assi Christãos como mouros & gentios, que pasmauão de como os nossos poderão desbaratar os, imigosem cousa tão forte como aq̃la era cercada de cauas cheas dagoa que se nã feruião se não por pontes muy estreytas. E roubado ho lugar, foy queymada toda a fortaleza: & carregados todos de muyto despojo, & alli os nauios, se tornou Fernão perez pera Malaca, onde foy recebido com grãde solēnidade & forão dadas muytas graças a Deos polos desapressar daquele immigo que rãta opressam lhes daua, que ficou dali tão destroçado & com tão pouca gēte, & sem nenhũas munições de guerra, & sē lugar em q̃ se podesse acolher, q̃ desesperado de tudo tomou por remedio acolherse a sua terra aa ilha da laoa

& fugindo per esses matos com sua mulher & sogra & algũs poucos de escravos, se foy embarcar onde tinha algũs nauios, & dali se partio pera a laoa. O que sabendo el rey que fora de Malaca ficou muyto triste & sem esperança de se restituyr em sua terra, & cō tanto medo de os nossos ho hirem buscar ao pago onde staua, que he hũa fortaleza em hũ ilheo hũa legoa pelo rio de Muar acima, leuou suas mulheres & casa a ilha de Bintăo, onde se começou de fazer forte, & dali hia aas vezes estar no pago como fronteiro, & dali mandaua ho Lasamane com sua armada a fazer saltos quando podia.

Cap. lxxxvj. De como Fernão perez foy ao estreito de Cincapura, & de como Antonio dabreu que foy descobrir Maluco tornou a Malaca.



Abido em Malaca q̃ Patequatir era fugido pera a jaoa temendo Ruy de britto & Fernão perez que se não fosse laa refazer de gente & tornasse a fazer guerra a Malaca, determinarão q̃ Fernão perez ho fosse esperar ao estreito de Cincapura por onde auia de passar, pa onde se partiologo no nauio de Martiguedez, & forão coele lorge botelho no seu nauio, & outros homẽs principaes em lancharas, porque os nauios grossos ficauão com Lopo dazeuedo em goarda de Malaca, como ficauão sempre quãdo Fernão perez hia fora. E êtrando ele antre as ilhas de Bintăo, ouue hũ dia vista da armada do Lasamane que andaua espalhada per antre stas ilhas, & ele bẽ descuydado da vin

andauão pescando. q̃ aquella armada era do Lasamane, passouse a hũa lanchara pera chegar a ele primeyro que se juntaſſe a ſua armada: & iſto por ſe a lanchara remar & ſer mais ligeira q̃ ho nauio. E ajũtando as outras cõſigo, ho Lasamane como ho vio ir que ho conheceo fugio logo a vela & a remos eaminho do eſtreyto de Cincapura, que he tão eſtreyto, que ſe ſe hũa nao atraueſſar nele tomara de terra a terra, & por ali paſſam todos os jungos q̃ ṽe da China, Patane, Siao & de todas aqlas partes do ſul pera Malaca: do q̃ os noſſos ficarão eſpantados quando ali chegarão. & parcialhes que fazião muyto em paſſarem couſa tão eſtreyta cõ ho nauio & a carauela: & eſtes forão os primeyros nauios noſſos que paſſarão eſte eſtreyto. E vendo ho Lasamane a vôtade que Fernão perez leuaua pera lhe chegar, alargou hũa paguejaoa carregada darroz & munições de guerra, parecendo-lhe que occupados os noſſos naquêle deſpojo ho deixarião: mas não ho fizerão aſſi, & ſe não ſobreuiera a noyte ſempre ho alcançarão. E poſto que ho Lasamane fugiſſe tanto de pelear com Fernão perez, nẽ por iſſo deixaua de ſer muy eſſorçado caualeyro, & tão nomeado antre os mouros, que em quanto ouuer gẽte em Malaca ſempre durara ſua fama: porẽ conhecia q̃ os noſſos tinhão auantagem aos ſeus, & por iſſo nã queria pelear com Fernão perez, & q̃ndo ſe queria louuar, dizia que muytas vezes começara de pelear com os noſſos & q̃ não fora deſbaratado, o que auia por muyto polo q̃ digo, & por iſſo fugia a Fernão perez, q̃ como vio a noyte, & q̃ lhe não podia chegar deixou de ho ſeguir & ſurgio. E ao outro dia fez volta pera Malaca, onde

achou Antonio dabreu q̃ chegara de deſcobrir Maluco, a que não chegou por culpa dos tempos lhe tergarẽ mal, & ele cõ Simão Afonſo não pode mais chegar que às ilhas Damboyno q̃ ſam perto das de Maluco, & hi achou algũ crauo em poder de mercadores que reſgatou, & Frãciſco ſerrão foy ter perto de hũa ilha das de Maluco, que ſe chama Ternate, & hi ſe perdeu a nao, & ele ſe ſaluou com algũs no batel da nao & nele foy ter a Ternate, onde lhe ho rey deſta ilha fez tanta honrra & gaſalhado, & lhe deu tanta fazêda, que ele ſe deixou ali ficar & não quis mais tornar a Malaca. E eſte Francisco ſerrão foy o que mandou enformação de Maluco a Fernão de magalhaes, q̃ fez deſpois treyção aa caſa real de Portugal, querendo-lhe tirar eſtas ilhas da ſua cõquiſta, & dalas à coroa de Caſtela, metêdo em cabeça a Carlos quinto emperador & rey dela que eſtauão na repartição do mar, que coubera a Caſtela. E Antonio dabreu que não ſabia da perdição de Francisco ſerrão, vêdo q̃ não vinha deſpois de ho eſperar muyto tẽpo, ſe tornou pera a ilha de Banda, que he hũa ilha grande, em que ha as aruores que dão a noz nozcada & a maça, que dizẽ que ſe parecem com os noſſos peſlegueiros, ao menos na frol, ſe não que he branca, & as aruores ſam mayo- res, & neſta frol nace a noz: & a frol he a maça deſpois que ſe ſeca. A gente he como ſalua-jẽ & carece de toda policia humana, nẽ tem rey, ſe não gouernãſe pelos mais antigos: & neſta ilha achou tambe algũ crauo. E carregãdo de noz & de maça, ſe tornou a Malaca, que cõ a deſtruição de Parequati ficou pacifica, & abaſtada de mantimentos que vierão d. li por diante.

Capit. lxxxvij. Do que passou em Goa
sendo capitão Manuel de lacerda,
& de como foy morto Mèdafone
de tanjere em Benastarim.



M quanto isto passaua
em Malaca, Roçalcão
q̃ estaua na fortaleza
de Benastarim sobre
a cidade de Goa que ti
nha cercada por terra,
lhe corria muytas vezes cuydando de
afrontar os nossos, que por serem muy
tos os não tinham em nenhũa conta, &
sayanlhe sempre ao encontro & leua
uãos de vencida, & fizeramse nestas
escaramuças muy boas cousas da parte
dos nossos, que os mais deles erão muy
bõs caualeyros, principalmête esses ho
mões conhecidos, assi como Manuel de
souza, Mèdafone, João machado, Dio
gofernâdez ho adail, Diogofernâdez
de beja, Simão velho, Antonio ferrey
ra, Pero dafonseca de crasto, & Diogo
mendez, que fora capitão, que posto q̃
hía debaixo da capitania doutrem sem
pre say a aos mouros & fez muy boas
cousas, principalmente hũa vez que os
nossos pelejarão com os inimigos antre
os bachares, & fugindo os que acompa
nhauão Diogo mendez ficou ele sô so
bre hũ valado, & pelejou ali muy forte
mente ate que lhe acodirão; & posto q̃
os inimigos erão muytos de que ele se
defendeo tambem que nunca lhe po
derão chegar posto que ho ferirão de
muytas frechadas. E outra vez que ho
capitão sayo aos inimigos, em se reco
lhendo disse aos seus que se algũs dos
inimigos que os seguião se desmandas
sem que teuessem tento quando ele dis
sesse volta que voltassem logo, & nisto
desmandarase obra de cento de caualo

pera pegar cõ os nossos, que voltarão
logo polo sinal que lhes tinha dado ho
capitão, que em voltando escoregou,
lhe ho caualo & cayo, & por ser ho pe
rigo muy grande q̃ carregauão os im
migos poleranse os nossos diante do ca
pitão ate tornar a caualgar, em q̃ ouue
detêça por lhe fugir ho caualo. E neste
espaço pelejarão os nossos milagrosa
mête, porque a peleja foy muy crua &
chea de sangue, assi dos inimigos como
dos nossos & todo ho chão estaua cu
berto de frechas; & tornando ho capi
tão a caualgar recolheo os nossos, com
que os inimigos estauão tão pegados q̃
forão coeles quasi ate a caua, & ali fez a
artelharia muyto nojo neles, & coela se
afastarão ficando muytos mortos & in
do muytos feridos; & tambem dos nos
sos ho forão muytos, & assi os caualos,
E muytos outros feytos em armas se fi
zerão polos nossos neste cerco, q̃ não
ponho particularmente porque os não
pude saber por ordẽ, mas forão todos
muy afinados & de muyta fama, com
que sempre os inimigos leuarão ho peor.
O que vèdo Roçalcão vingauasse em
mandar tirar muyto amiude com ho
camelo da forza, & cayão os pelouros
tão bastos na cidade q̃ hũ dia estando
ho capitão a hũa jenela da fortaleza ca
yo hũ pelouro dos que tiraua ho came
lo, & ele vendoho mandou a hũ moço
gentio que passaua que lho trouesle,
& ho moço lho leuaua posto na cabeça:
& nisto vè outro pelouro & dalhe nele
sem fazer nenhũ noio ao moço, & isto
foy a vista de muyta gente. E sendo ne
ste tempo dito ao capitão que tinham
os mouros hũas fust. s em Benastari,
mandou ele a Diogofernâdez q̃ fosse
ver se as podia tomar, & visse a dispo
sição da fortaleza pera mandar recado

disso ao governador que lho mandara
pregutar. E Diogo fernandez foy leuã
do consigo os capitães de sua armada
q̃ hião nos bateys, armados & apades-
sados, & bem esquipados de gente, &
forão pelo Passo seco. E chegãdo diãte
da fortaleza acharão hũa muyto grã
de estacada, & virão que as fustas esta-
uão recolhidas ao rio Dagacim. E que-
rendo Diogo fernandez lã ir, mandou
remar muyto riço, que assiera necessa-
rio pera fugirem às muytas bombarda-
das que os inimigos tirauão da fortale-
za: & passando os nossos com grande
impeto, vêhũ pelouro & deu em Mẽ-
da fonso de tãgere q̃ hia em pẽ na popa
do seu batel bradando que remassem,
& matouho cõ outros dous. O que vẽ-
do Diogo fernandez & quão lãge esta-
uão as fustas, não quis passar auante &
tornouse ficando todos muyto tristes
por a morte de Menda fonso q̃ era hũ
especial caualeyro. E segundo se soube
ele foy muyto cõtra sua võtade a este
feyto por sonhar toda aquela noyte q̃
se via antre frades que cantauão respõ-
so de finados: & carregado muyto coe-
ste sonho nã quisera ir, mas foy por lhe
nã dizerem q̃ deixaua dir por couar-
do. E dali por diante não se fez mais ne-
ste cerco cousa assinada, se nã sayrem
os nossos quasi cada dia a pelear cõ os
inimigos que lhe corrião. E como Ro-
galção teue acabada a fortaleza de Be-
nastarim, mandou passar a ela ho camelo
da forca & asselalo em hũ baluarte so-
bre ho mar, com que os nossos ficarão
de todo desapressados do cerco. E Ro-
galção mādou tirar ho camelo tã cedo
por q̃ se receou q̃ chegasse ho governa-
dor de supito & lho tomasse.

¶ Capit. De como dõ Garcia de
noronha, & Iorçe d̃ melo pereira

capitães mōres das naos da carga
chegarão a Cochim, & de como
ho governador se partio pa Goa.



Este anno de mil & quĩ-
nhentos & doze partio
de Lisboaẽ Março Ior-
ge de melo pereira pera
a Índia por capitã mor
de cinco naos com a sua: & cõ Iorçe de
melo hia Gaspar pereira que fora secre-
tario do Viso rey dom Frãcisco dalmei-
da, & hia por proueedor da fazẽda del
rey de Portugal na Índia & por secreta-
rio do governador. E chegado a Moçã-
bique com toda sua armada partirão
ambos pera a Índia com onze naos, &
chegarão a cochim em Setembro, &
forão muyto bem recebidos do gover-
nador que folgou muyto com sua vin-
da, assi por dõ Garcia ser seu sobrinho
& por leuarẽ muyta gente, de q̃ ele ti-
nha necessidade pera ho feyto de Be-
nastarim: & parece que nosso seõor ti-
nha cuydado dele, por q̃ como auia de
fazer algũa cousa pera q̃ teuesse neces-
sidade de gente logo lha ajuntaua, que
assi foy quando ouue dir tomar Goa q̃
lhe ajuntou vinte tantas naos. E vendo
ho governador q̃ Gaspar pereyra hia
por seu secretario, & saber q̃ fizera na-
que officio cõ ho viso rey algũas cousas
que não ouuera de fazer, apontoulhe
os erros que nisso cometera pa se emẽ-
dar deles & não fazer outros em seu tẽ-
po: & ele lho pmeteo pedidolhe muy-
to q̃ ho fauorecesse. E logo neste tẽpo
pedio Garcia de souza a capitania de
Malaca ao governador por itercellam
de Iorçe de melo pereyra: & querendo
ho hũ dia ho secretario despachar, dis-
selhe o governador q̃ Malaca era grã-
de cousa pera Garcia de souza, & por is-

folha nã podiadar. E ho secretario foy logo dizer isto a lorge d' melo & a Garcia de souza, auendoho de ter em segredo. E Garcia de souza se começou da-grauar do gouernador, pedindolhe licença pera se ir pera Portugal se lhe nã desse Malaca. E sabido polo gouernador como a cousa hia, disse a Garcia de souza q̃ ao presente não podia entêder em cousas de Malaca, que deixasse vir recado do que lã hia, & que então pro-ueria: & coisto amanhou Garcia de souza. E pondo-se ho gouernador em orde pera se partir pera Goa, ho secretario se começou desculsar dir coele, dizêdo que era doente, & que não podia aãdar a posele nẽ soffrer ho seu trabalho, & que pera lhe aturar era necessario que despachasse em dias aprazados, & que não desse reposta às partes sem ho mãdar chamar primeyro. Ao que ho gouernador respondeo que se espantaua muyto de lhe ele reqrer tal cousa, que antes lho ouuera de reprêder se ho ele quisesa fazer, pois sabia q̃ ho despacho das partes era hũa das cousas que na India cõpria muyto ao seruigo de deos & del rey, por isso q̃ as não auia de deixar de despachar ôde quer q̃ lhe pedissem despacho, ou lhe dessem as petições, q̃ se não podia aãdar a posele, que ele lhas mandaria, pera q̃ lhe possesse a vista, & que despois as assinaria ele: porem que dias aprazados que os não auia de dar, porque gastauão ho tempo de que na India auia muyto grande necessidade. E por isto se quisesa ho secretario agrauar do gouernador & ficar em Cochĩ: mas ele não quis por atalhar a embori-lhas que entendia q̃ começaua de fazer antrele & el rey de Cochĩ, & tãbẽ por serem inimigos ele & Loureço moreno & poderse hia recrecer disso muyto

grande deseruiço del rey & pda de sua fazêda. E vêdo ho secretario como ho gouernador o q̃ria leuar a Goa, se agrauou muyto mais, & começou logo de afirmar q̃ Goa nã era pa se foster sem el rey de Portugal estar nela, & q̃ não auia sua alteza dauer por bẽ que se matasse a gête Portuguesa sobre ho castello de Benastari que estaua muyto forte & não se auia de poder tomar sem isso. Etudo isto dissimulaua ho gouernador, posto que ho sabia, porq̃ não parecesse q̃ fazia caso disso. E tendo ele prestes sua partida, partio-se em Outubro de mil & quinhêtos & doze, & ele hia na nao santo Antonio de seyscentos toneys que viera aq̃le anno, & assi leuou outras naos da carga pa lhe leuarẽ gête q̃ leuaua muyta, assi Portuguesa como Nialabar, & hia coele dõ Garcia de noronha seu sobrinho q̃ era a segũda pessoa despois dele, & hia Pero mazcarenhas, que não quis ficar em Cochĩ dizendo ao gouernador que não ficaria indo ele a hũ feyto tão hõrrado como aquele auia de ser. O q̃ ho gouernador lhe teue muyto em merce, & pineteo lhe de lhe dar outra capitania melhor q̃ a de Cochĩ pois a deixaua e tal tẽpo.

Capit. lxxxix Do q̃ ho gouernador fez em Cananor, & das nouas q̃ soube da determinão do Soldão, & da do Hídalção acerca de socorrer a fortaleza de Benastarim.



Artido ho gouernador de Cochĩ foy ter a Cananor pera êtregar a capitania da nossa fortaleza a lorge de melo pereyra que a trazia de Portugal, & pera fazer q̃ desistisse Mamele do titulo q̃ tinha de certas ilhas de Maldi-

ua por quão ho rey delas se fizera vassalo del rey d Portugal coessa cõdição, & em Cananor deu carta de vassalajẽ a seu ebaixador. E metido Iorge de melo de posse da capitania d Cananor, negociou ho gouernador cõ el rey que fizesse com Mamale, que desistisse do titulo q tinha de rey, & que tirasse das ilhas agente de guerra que lã tinha, & não ho querêdo fazer acodiria a isso como era obrigado. E vendo Mamale como el rey das ilhas de Maldiaua era vassalo del rey de Portugal, & o gouernador entendia naquilo, desistio do titulo que tinha, & mādou pedir seguro ao gouernador pa lhe ir falar, & leuou lhe hũa pera dambar goarnecida douro & pedraria, & hũs dãmães & esmeraldas, que despois ho gouernador mādou a elrey d Portugal. E a fora Mamale desistir do titulo que tinha perãte ho gouernador, prometeo lhe de logo mādardar vir a gente q tinha nas ilhas: & coisto se partio ho embaixador das ilhas de Maldiaua. E porque ho gouernador sabia que ho feytor de Cananor & outros officiaes da fazenda tinham todos tratos com os mouros, & auia antres grandes onzenas do q se seguia muyto perigo à fortaleza, porque os mouros, que erã os que tomauão ho dinheiro a õzena não querião pagar, & sobriisso auia briga, & leuantauanse, & auia sempre grãdes aluorõs, & erã os nossos desacatados: do q ho gouernador reprehendeo muyto ao feytor & aos outros officiaes perante Iorge de melo, & deu lhes por regimento q sopena de perdimento da fazenda & dos officios q nenhũ homẽ não trouesse seu dinheiro em cõpanhia dos mouros, nẽ tiuessem coeles contas, nẽ lhes dessem dinheiro ao ganho: somente mandassem sua fa-

zenda em suas naos apartada sobre si, & cõ sua marca. Aqui começou ho secretario de querer semear odio atre ho gouernador & Iorge de melo, a quẽ disse que não deuia de consentir q ho gouernador reprêdesse em sua presença ho feytor nẽ os outros officiaes da fortaleza, que aquilo era seu pois era capitão, & q tinha muyta rezão de se agrauar do gouernador, pois sendo ele hũa pessoa principal & tão pera se fiar em seu parecer & conselho, que não deuia de falar cousa nenhũa com os capitães sem ho primeyro praticar coele, & que assi ho ouuera de fazer sobre ho negocio das ilhas de Maldiaua. E tão ho persuadio a crer isto que Iorge de melo se agrauou do gouernador, & esteue abalado pera vender a capitania a Francisco pereyra pestana, & deixou ho de fazer por lhe ho gouernador não dar licença pa isso, & assi ho disse ao mesmo Francisco pereyra que lha pedia. E daquificou Iorge d melo bazcolejado cõ o gouernador, de maneyra q não quis ir coele a Benastarim: porẽ ele não era obrigado a isso por amor da sua capitania. E assêtadas as cousas de Cananor, ho gouernador se partio pa Baticalã, onde soube que estaua metida hũa nao de Mafamede maçari, q se hia de Calicut pa ho cayro como ja disse: & indo cõ tres naos atraues d cacotorã, lhe deu hũ tẽporal cõ que se lhe pdeo hũa das naos, & arribando às ilhas de Maldiaua se lhe perdeo outra, & outra arribou a Baticalã, q foy esta q o gouernador hia buscar. E sempre Mafamede maçari escapou & se foy ao Cayro, leuando Si mão rangel catiuo, que cõprou em Calicut como ja disse. E chegado ho gouernador à barra de Baticalã, mandou dizer a Damechati gouernador do lu-

gar que lhe mandasse entregar a nao pois era de Calicut que tinha guerra cō el rey de Portugal: & Damechati a mãdou logo êrregar cō a carga que tinha, que era de muyta especiaria & canela, & dali a mandou ho governador a Cochiperã se leuar a carga a Portugal. E estãdo ele aqui, lhe foy falar hũ judeu morador no Cayro de nação espanhol que falaua Portugues, q̃ lhe trazia cartas de cinco Portugueses q̃ estauão catiuos em Adē, & forão do Barganti de Duarte de lemos q̃ se perdeu como disse no segũdo liuro: & estes lhes creuião q̃ auia fama naq̃las partes q̃ ho soldão fazia fũdamẽto de tomar as portas do estreyto de Meca, & fazer hi hũa fortaleza, & de tomar a cidade Dadem. E por isto ser a cousa mais danosa q̃ podia sobreuir pera a cõquista da India, apertou ho governador q̃ lhe dissesse a verdade daq̃las nouas. E ele disse que auia dous annos que partira do Cayro, & q̃ entãose soaua lã o que os nẽssos escriuião, & que ouuita dizer que ho soldão mandara p̃ hũ embaixador pedir a el rey Dadẽ cẽ mil xerafins, & q̃ lhos não quiserã dar, pelo q̃ ho soldão lhe mandara dez mil frechas cō outros tãtos arcos, & hũa arredoma dẽ balsamo, mandandolhe dizer que cō aqueles arcos & frechas ho auia de matar, & em balsamalo cō aquele balsamo: & cō tudo el rey não quiserã dar ho dinheiro. E este judeu conselhou ao governador que deuia aquele anno dir tomar Adē, & que em Honor estauão dous judeus que hũ deles que auia pouco que viera do cayro, lhe daria nouas mais frescas: & por isso ho governador foy á barra Donor, onde lhe ho judeu foy falar leuando consigo outro natural da cidade de Beja. E disseranlhe que aquele mes

mo anno partirão do Cayro, & que era certo fazer ho soldão armada e q̃uez, de que estaua feyta grãde parte, & era sua determinação ganhar ccclã as portas do estreyto & fazer hi hũa fortaleza, pa que lhe ho governador não podesse entrar ho estreyto, porque tinha disso muyto grande medo: & por essa causa queria tomar Adē, a cujo rey mãdara seus ebaixadores, como ho outro judeu lhe dissera, & que ele falara com ho derradeiro embaixador no sertão onde staua el rey Dadẽ. E por ser seu amigo, lhe dissera q̃ aq̃uele anno podia ir seguro á India, por q̃ não auiaõ dir a quele anno rumes, se não pa ho outro, em que ho soldão os auia de mandar pa tomarẽ a porta do estreyto & Adē, polo medo q̃ tinha de a ho governador tomar: & que no ãno seguinte não tornasse a Adē, por q̃ se fosse seria roubado, & q̃ ele tinha isto por tão certo q̃ se auia de tornar a Ormuz. E ele & ho outro aconselharão ao governador, que e todo caso tornasse aq̃uele anno Adē & as portas do estreyto, & pediranlhe seguro pera irẽ a Ormuz, por q̃ não ousa uão de tornar a Adē. E ho governador lho deu: & ali lhe foy tambem falar el rey Merhao, & lhe disse q̃ se apressasse muyto a tomar a fortaleza de Benastari, por q̃ sabia certo q̃ ho Hidalcão fazia prestes vinte mil homẽs pera mãdar em seu socorro, & por isso se ho governador deu pressa em partir.

¶ Cap. xc. De como o governador chegou a Goa, & de como cercou permar a fortaleza de Benastarim & lhe deu bateria.

Chegado ho gouernador a Goa, que se enformou do sitio do castelo de Benastarim, & das estacadas q̃ os

inimigos tinham feytas, assi no rio Daga-
 cim como no de Benastarí pera os não
 entrarem por mar, & assi de como Ro-
 galção tinha seys mil homens, em q̃ en-
 trauão trezêtos de caualo. Ouue logo
 conselho com esses capitães & fidalgos
 que andauão coele & com os q̃ estauão
 em Goa, em que propos quão necessa-
 ria era Goa pa ho estado del rey se so-
 fter na Índia, & quanto perjuizo se lhe
 seguiria de se perder, de q̃ estaua muy
 certo se os inimigos permanecessem na-
 quele castelo que tinham feyto, porque
 tinha sabido q̃ ho Hidalção fazia pre-
 stes vinte mil homens pera mandar em
 seu socorro que farião muy grande difi-
 culdade pa se tomar ho castelo, & se
 ho eles tomaassem antes de chegar este
 socorro ficaua Goa segura de todo, & a
 inda q̃ ho Hidalção viesse sobrela com
 quanto poder tinha, que não somete
 se defederião dele, mas ainda lhe faria
 muyto dâno. E praticado isto, & exami-
 nado polos do conselho, todos derão
 sua voz que ho castelo se deuia logo de
 tomar, saluo Frâncisco pereyra pestana,
 que disse que ho governador deuia de
 carregar as naos da carga & mandalas
 pera Portugal, porq̃ a pimenta era o q̃
 queria el rey de Portugal & não cercar
 aquela fortaleza. E ho governador lhe
 disse que lhe não preguntaua se acerca-
 ria, se não como a tomaria: & sobriisso
 lhe disse algũas palauras asperas: a que
 Frâncisco pereyra respondeo que lhas
 não dissesse, porque ele não era Frâncis-
 co pereyra coutinho a quem as dissera,
 se não sam Frâncisco pereyra. E cõ tudo
 assentouse que a fortaleza se tomasse,
 & q̃ se cõbatesse por mar & por terra,
 & primeyro se cercasse por mar, porq̃
 se atalhasse ho socorro q̃ lhe podia vir,
 & assi os mantimêtos q̃ lhe trazião da

terra firme, & cuydassẽ os mouros q̃
 per mar somete os auião de combater,
 & ali posessem a força de sua defesam
 & artelharia: & ho cõbate se lhe podia
 dar por mar & por terra, porq̃ auia ge-
 te pera tudo, que erão quatro mil Por-
 tugueses com os que estauão em Goa,
 & assi Malabares & Canarins, & dos
 nossos erão quatrocêtos da ordenança,
 de q̃ erão capitães hũ Ioão fidalgo &
 hũ Ruy gonçaluez de caminha: & foy
 esta a melhor & a mais gẽte q̃ se nũca
 ajuntou na Índia ate aquele dia. Auido
 este cõselho, ho governador começou
 logo de se perceber pera a execução, &
 mādou fazer arrôbadas muyto fortes
 ate meos mastos, assi ao nauio de Duar-
 te de melo como à carauela de Ioão go-
 mez cheira dinheiro, porq̃ determina-
 ua da balatroar coeles a fortaleza dos in-
 migos. E por os muros serẽ mais altos
 do que eles erão, & lhe eles não matarẽ
 decima a gente, mādou os toldar todos
 de taboado trincado, & porq̃ não çoco-
 brassem cõ a altura das arrôbadas, mādou
 lhe arrigar pipas vazias dambos os
 bordos: & mandou a dõ Garcia de no-
 ronha q̃ fosse cõ certos capitães que hi-
 rião nos seus bateys, & assi coestes dous
 nauios & entrasse polo passo seco: & os
 capitães cõ sua gente cortarião rãto da
 estacada q̃ os mouros tinham feyta da-
 quella parte, que os nauios podessem en-
 trar & hirião abalatroar cõ a fortaleza.
 E em partindo dõ Garcia, partio ele cõ
 a armada pera entrar per Goa a velha,
 & dali ir ter ao rio de Benastarim a ou-
 tra estacada que estaua da bāda Daga-
 ci. E indo dõ Garcia cõ os dous nauios
 & bateys ja perto de Benastarim, deu
 ho nauio de Duarte de melo em hũa la-
 gia, em q̃ abriu & foy se ao fundo. E sa-
 bẽdo isto ho governador, mādou a dõ

Garcia q̃ se tornasse, & q̃ fosse ter coele por Goa a velha, onde ho achou em muyto grande trabalho de fazer chegar os nauios à estacada pera a cortarẽ porque não podião ali nadar os nauios se não cõ marés: & ho gouernador andaua e hũa fusta fazẽdo os leuar às toas aos bateys em que andauão os capitaes dos mesmos nauios cõ sua gente, & todos tinhão muyto trabalho & andauão e grande perigo, polas muytas & muy continuas bõbardadas que os mouros tirauão, que vendo eles a perfia que ho gouernador tinha de chegar por aq̃la parte, pareceo a Roçalcão que por ela ho queria cometer, & por isso mãdou ali passar toda sua principal artelharria, que fazia muyto nojo aos nossos, de q̃ algũs forão mortos, & a mayor parte dos nauios arrombados, especialmẽte do camelo q̃ fora nosso. E erão os tiros tão bastos, q̃ andando ho gouernador hũa vez em hũ catur pequeno de Malabares diante de todos os bateys, mostrandolhes por onde auião dir & animando os, vẽ hũ pelouro dhũ tiro pequeno & pescou ho Malabar q̃ hia gouernando ho catur & leuouho e pedaços, & gujou ho gouernador cõ ho sangue de maneyra q̃ todos cuydarão que era morto, & parece que assi ho cuydarão os mouros tão perto estauão, & levantarão hũa grande grita. O que entendẽdo ho gouernador, fez dar outra aos seus, & leuantouse em pé pera q̃ ho vissem os imigos: & trabalhou tão naquele dia cõ os nossos, q̃ ao outro amanheceraõ pegados de baixamar com a estacada ho nauio de Pero dafonseca de crasto, & a carauela de loão gomez cheira dinheiro, & estauão arriçados a ela com muy grossos aparelhos. E foy coufa despanto as bõbardadas q̃ lhe ti

rauão da fortaleza, & eles tambẽ a ela, & comẽçarão logo darrancar das estacas, q̃ quãdo veo apreamar tinhão feyto lugar por onde caberia hũ batel, & assi forão cõ algũas marés arrancãdo tãtas q̃ ja podia caber a nao sam Pedro que seria de trezẽto stoneys, q̃ esta era a cõ que ho gouernador q̃ria abalroar a fortaleza, & pera isso a leuaua marauilhosamẽte fortalecida cõ arrombadas detauoadas muy grosso & balas de Cayro & pipas por fora das amuradas, que parecia mais môstruo que nao, & a meyo masto leuaua guindado hũ batel toldado de toldo de coyros crus para emparar os q̃ hião dẽtro das panelas dẽ poluora & outros arteficios de fogo q̃ os imigos poderião deitar. E ao entrar desta nao, de q̃ era capitão Ayres da silua, foy coufa medonha ver as bõbardadas q̃ se tirarão, assi da parte dos mouros como da nossa, & mais quando eles virão q̃ ela queria abalroar cõ ho baluarte em q̃ estaua ho camelo, q̃ pera fazer mais nojo aos nossos tiraua ao lume dagoa, o q̃ era grande impedimẽto para nao poder abalroar cõ ho baluarte: & porq̃ a não metesse no fũdo, a mãdou ho gouernador desuiar dele, tẽdo ele ja cortado hũ braço dhũa vnha dẽ cora q̃ leuaua por proa dhũa bõbardada q̃ lhe ali acertou. E vẽdo ho gouernador ho impedimento q̃ lhe fazia ho camelo pera nã poer a nao õde queria, pmeteo hũ grande preço ao seu cõdestabre se lho quebraisse, & mandoulhe pera isso embarcar hũa espera em hũa barcaça grãde cercada darrõbadas de cayro por dentro & por fora, pera que os tiros dos imigos embaçassem nas arrombadas. E aparelhada esta barcaça, foy posta de noyte defrõte da bõbardeira do camelo, que como digo ficaua

ao lume dagoa com a montante, & de-
tras da barça estaua hũ parao a piq̃,
pera que se por caso fosse arrôbada re-
colheisse ho condestabre & outros que
estauão nela. E quando veo ao outro dia
que os inimigos virão a barça inflada
com ho camelo & da maneyra q̃ esta-
ua aparelhada, começaram de lhe tirar cõ
sua artelharia, & os nossos acodê logo
com a sua, & assi a barça, & começaf
se ho mais espantoso jogo de bombar-
dadas que se podia ver, de que saya ta-
to fumo que quasi se não enxergauão
hũs aos outros, & durou todo aq̃le dia
sem nunca ho condestabre poder acer-
tar ho camelo, porq̃ como os tiros da
fortaleza erão tão bastos não ho deixa-
uão apôtar a sua espera pera acertar: &
por isso lhe errou todo aquele dia, mas
fez tanto dâno no baluarte q̃ ho abriu
todo, & se ho dia mais durara ho pole-
ra por terra, & os inimigos tornarão a
fazer de nouo na noyte seguinte & fi-
cou muyto mais forte que dantes. E tã-
to q̃ ao outro dia foy manhaã, assi eles
como os nossos tornarão ao jogo passa-
do, q̃ durou muyto aspero ate a tarde.
E tẽdo ho condestabre acabada dapô-
tar a sua espera, desfecha no camelo &
metelhe ho pelouro dentro & fele em
pedaços, matâdo ho bombardeiro dos
inimigos, que era hũ galego arrenegado
q̃ fugira da cidade, & assi dous ou tres
homẽs que ho seruião naq̃le mester: &
a isto derão os nossos hũ grande grita
de prazer. E quebrado ho camelo, mã-
dou ho governador chegar sem medo
a nao sam Pedro, que se chegou tanto
que quasi punha a ponta do garoupez
no baluarte. E despois dẽ estar aqui sur-
ta, deixou ho governador encomenda-
do a Ayres da silua que coela & cõ bar-
caças, & outros nauios que ficauão, des-

e continuamente bateria à fortaleza,
& foyse a Goa palha ir dar por terra.
E deixando tudo a muyto recado se tor-
nou por mar.

Capit. xcj. De como se ho governador
tornou a Goa a fazer prestes pera ir
cõbater a fortaleza por terra, & do
que lhe aconteceu com os mouros q̃
forão correr a cidade.



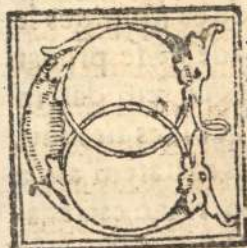
Chegado ho governa-
dor a Goa, começou dẽ
fazer prestes pera ir
cõbater os inimigos
por terra. E andando
nesta occupação, hũ
sesta feyra pola manhaã veyo Roçala-
cão dar vista à cidade, por mostrar ao
governador que ho não temia, & que
ainda era seõor do câpo, & trazia obra
de duzentos & cincoenta de caualo &
muytos de pẽ: & appareceo às duas aui-
res, & hũ facheiro q̃ estaua no oyteiro
de nossa seõora do monte como os vio
derribou ho facho. E ho sino da vigia
da cidade começou de repicar, ao que
logo sahio Manuel de la cerda cõ a gẽ-
te que tinha na cidade, q̃ como disse se-
rão seyscẽtos Portugueses a fora os ca-
natins. E a pos ele sahio Pero mazca-
renhas com quatrocentos da ordenan-
ça. E assi sahio dom Garcia com muyta
gente & outros capitães, sem esperarẽ
por mãdado do governador que anda-
ua por antre a vila velha a pee, vendo
que soma de gẽte era a dos mouros, &
quando assi vio ir os nossos sem espe-
rarem seu parecer, mandou de pressa
por hũ caualo em q̃ caualgou & se foy
a pos eles pa os merer em ordẽ, posto
quedisso não auia necessidade, porque
Pero mazcarenhas & dom Garcia os

meterão nela; & leuauão ordenadas suas batalhas, & que aueria mais de dous mil Portuguezes a fora Malabares & Canarins: & Manuel de lacerda hía com os da cidade diante de todos. E quando Roçalcão vio ir os nossos na quella ordenança & rãtos, começou de se retirar pera a fortaleza, fazendo rosto aos de Manuel de lacerda que pegauão com os seus, & apertarão tanto coeles que fizeram apartar hum grande magote deles pera hũa vala dhũa alagoa que estava contra ho palio seco: & em se estes apartando, foy sobreles Ralu branco nayque canarim muy valente homem, & com seus piães começou de pelejar coeles, & acolherã, selhe sobre a vala, & os seus se metião sem nenhum receyo pola agoa pera lhes chegar: o que vendo Simão dandrade & dom loão deça & loão nauarro, & outros de caualo que serião ate dez, forão acodir aos Canarins, & fizeram tambem todos, que fizeram saltar muytos dos mouros na alagoa, onde se afogarão muytos & outros forão mortos aas lançadas & frechadas. E lançados dali os mouros, forão os nossos mesturar-se com os outros que andauão sobre ho oyteiro de Benastarim aa calcada com os mouros que fugião ho mais que podião pera a fortaleza, onde por terem lugar de se saluar, & que não entrassem os nossos coeles de mestura na fortaleza, poserão fogo a hũa aldea que estava derredor dela, & tamanha pressa leuauão que os primeyros que chegarão entrarão logo na fortaleza & fecharão as portas sem esperarem por algũs que ficauão de fora, que chegados ao muro os alarão acima por toucas que lhe lançarão, & isto a vista

dos nossos, que por amor do fogo se deteuerão algum tanto que não poderão entrar com os mouros nẽ chegar quando alauão os que ficarão de fora. E com a menencoria disto, remeterão assi como hião aos muros da fortaleza, a que dos primeyros q̃ chegarão forão Lopo vaz de sam Payo & Pero mazcarenhas, que pos hum pique pera sobir ao muro, com os da ordenança que tambem querião sobir. E assi chegarão ouros muytos fidalgos & cauleyros, muyto desejosos de pelejar com os mouros & lhes tomarem a fortaleza, & segundo ho desejo que leuauão fizeramno se tiuerão escadas por onde sobir, mas como a pressa foy grande de sayr a pelejar com os mouros, & não cuydarão de vir a tanto, não ouue a quem lēbrasse de as leuar, & como eles não podião sobir, & os inimigos tirauão muytas bombardadas, frechadas & pedradas, não seruió a arremetida dos nossos ao muro mais que de ferirem obra de vinte, de que forão feridos Lopo vaz de sam Payo de tres frechadas, & Ruy galuão & Manuel de lacerda que derribarão do caualo com hum penedo que lhe deu na cabeça, & acodiolhe dom loão deça que ho leuantou, & assi forão feridos outros a que não soube os nomes, & forão mortos de bombardadas Diogo correa, que fora capitão de Cananor, & Iorge nunez de lião capitão da nao Enxobregas, & hum Martin de melo. E vendo ho gouernador ho dano que os nossos recebião sem fazerem nenhum aos inimigos, mandou os afastar, & recolheose ao oyteiro, onde os recolheo a todos. E ali perante todos beijou na face a Pero mazcare-

nhas porque quísera sobir ao muro polo pique, louuandoho grandemēte defforçado: & isto porque lhe queria dar a capitania de Goa, & tiralaa Manuel de lacerda. E assi ele como outros ouuerão grande menencoria do governador beijar na face a Pero mazcarenhas, & murmurarão dísso: a que dom loão deça disse rindo que se calassem, porque se ho governador por cousa tão pouca beijaua na face a Pero mazcarenhas, auia dali a poucos dias de beijar a eles no traseiro por outras muyto grandes que auião de fazer. E recolhidos todos os nossos, ho governador se foy pera Goa.

Capit. xcij. De como ho governador cercou a fortaleza por terra: & de como dādolhe bateria sayrão os mouros hũa noyte a darlhe rebata, & do que fizerão.



Acabado de apparellhar todo o que lhe era necessario pera combater a fortaleza por terra, mādou assentar sua tenda, & as dos outros capitães ao derrador da fortaleza, com muytos dos nossos que as goardassem ate ho outro dia, que foy acompanhado detres mil Portugueses com os quatrocentos da ordenança: & hião coele estes capitães, dom Garcia de noronha, dom loão de lima, Pero mazcarenhas, Manuel de lacerda, Simão dandrade, Diogo fernandez de beja, dom loão deça, Diogo mendez de vasconcelos, Lopo vaz de sam Payo, Jorge dalbuquerque,

que, Garcia de souza, Fernão gomez de lemos, Duarte de melo, Ieronimo de souza, Antonio de saldanha, Ruy galuão, Antonio de saa, Francisco pereyra de berredo, Gonçalo pereyra, Antonio ferreyra fogaça. E Anriq̃ homem, Ruy gonçaluez, loão fidalgo todos tres capitães da ordenança, & assi outros muytos fidalgos & caualleyros: & a fora estes nossos hião muytos piães Canarins & Malabares, cujos capitães erão Crisnã & Ralu branco, & diante de todos hia a artelharia de campo em carretões, & assi mantas parela & bancos pinchados. E a goarda dísso foy encomendada a Manuel de souza tauares que era alcayde moor de Goa. E chegado ho governador a Benastarim, aquela noyte assentou suas estancias d'artelharia que podessem bater os baluartes & lanços do muro da fortaleza, de que estauão as estancias no mais que trinta passos, & todos tinham mantas porque os tiros dos inimigos lhe não fizessem danno. E porque ho tambem não recebessem os bombardeiros antre estancia & estancia, estauão pipas cheas de terra, detras das quaes se eles acolhião. E detras desta tranqueyra estaua a tenda de dom Garcia, & mais abaixo a de Pero mazcarenhas com as dos capitães da ordenança & a gente dela ao derrador delas, & assi a dos outros capitães, & todos detras do oyteyro de Benastarim que as emparaua da artelharia dos inimigos que lhe não podesse fazer nojo. E quando amanheceo ao outro dia começou logo a nossa artelharia de bater ho muro & baluartes q̃ estauão naq̃la frôteria, de que tambem lhe respõderão os inimigos muy asperamente porq̃ tinham

ali assentada parte da sua artelharía, & a outra tinham da banda do mar, dõ delhe os nossos tambẽ dauão batería, posto questauão ali mais pera tolherẽ socorro de gente & de matimẽtos aos inimigos, que pera lhes darem batería do mar, que por se não dar dele bem a foy o gouernador dar por terra: & era a reuolta muy grãde & medonha, por que se os nossos tirauão, na fortaleza não estauão quedos, & tão amiude que nem hũs nem outros se enxergauão cõ fumo, & assi a fortaleza como ho arrayal parecia que ardião em fogo. Mas com tudo os nossos fazião muy pouco nojo na fortaleza, por os baluartes que estauão naquela frontaria das nossas estancias serem todos mociços, nem no muro que era dẽtullo ate as ameas: porem dentro na fortaleza fazião os nossos muy grande danno com dous quartas que tinham nas estancias, com que lhe deitauão dẽtro muytas pedras & matauão muytos. E coisto se acharã os inimigos muy salteados, & muyto mais com lhes faltarem os matimẽtos, porque lhes não acodião da terra firme como quando erão señores do mar. E vendose Roçalcão naquele estado, & que não podia fazer nenhum nojo aos nossos de dia, quisiẽra lho fazer de noyte mandando acender feixes de palha, a cuja claridade os arrenegados tirauão as espingardadas aos nossos quando parecião, & este ardil tinham quando fazia escuro: & porem os nossos se goardauão tambem que firião muy poucos. E vendose Roçalcão desesperado com ho aperto do cerco, determinou com conselho dos arrenegados de cometer os nossos hũa noyte & tomar-lhes a artelharía, ou matar no arrayal muytos deles, ou ao recolher dos seus

que os seguirião, & pera isso mandou estar prestes sua artelharía na noyte deste rebate que foy ao quarto dalua, porque então lhe pareceo q os nossos dormirião melhor por estarem desvelados da vigia dos outros quartos, & quando acodissem teria ele acabado hũ facanhoço feyto: & coesta determinação sayo com muytos dos seus ao quarto dalua fazendo grande lũar. E ficãdo ele aa porta da fortaleza, remetẽ effes seus principaes capitães aas nossas estancias, cuja goarda tinha Manuel de Sousa tauares, que logo acodio como muy efforçado caualeyro que era: porem como ho corpo dos inimigos era grande, não pode resistir a seu impeto, & mais porque foy ferido. E neste cometimento algũs dos inimigos passarão das nossas estancias pera dentro & sem valer a dom Garcia acodir, ouuera de ser hũ grande desmancho se não acodira Pedro mazcarenhas com os da ordenança, que comẽçarão as lançadas com os inimigos, & assi outros fidalgos & gente que acodio. E com tudo os inimigos leuauão tamanha vontade de se prouar com os nossos, que algũs sem darem polos botes das lâças que lhes tirauão, çarrauão coeles pera os matarem aas dagadas, o que fizerão se não carregarão muytos dos nossos que os fizerão retirar pera a fortaleza, onde se recolberão cõ tanto tẽto que todos escaparão. E os q estauão no muro como os virão apartados dos nossos, dessecharão tantas espingardadas, frechadas & pedradas q os fizerão recolher ao arrayal, onde antes q chegassem pescarão algũs cõ a artelharía, a fora outros q tinham ferido do muro: de maneyra q ainda q não foy em todo, em parte comprio Roçalcão o que de terminou: do que

ho governador ficou muy agastado, & mais porque se lhe forão assi os inimigos sem se vingarem deles.

Capit. xciiij. De como Roçalcão fez certo com ho governador pera lhe dar a fortaleza, & de como lhe foy entregue.



Endo ho governador ho atriuiimento dos mouros, logo na noite seguinte mādou fazer hũa caua aa nossa tranqueyra, pera que lhe os inimigos não tornassem a dar outro rebato, & fortaleceoha mais do q̃ estaua, & dali por diante amudou mais a bateria, porque se vingasse do passado. E entendendo que daquela parte era ho muro moço & os baluartes, mandou mudar das estâncias pera jũto dhũ esteyro, onde se fazia hũa ilhargada da fortaleza pera ver se acharia ali ho muro menos forte; & achouse que não era ali entulhado, porq̃ dos primeyros tiros foy vazado em claro. O que visto por Roçalcão desesperou de se poder defender, porque a durar mais a bateria lhe darião com ho muro no chão & ho entrarião, que bem sabia ele que onde os nossos punhão ho rosto que hião auate. E determinādo de ver se podia fazer paz com ho governador, mādou pedir treguas por hũ dos arrenegados, que aparecendo antre as ameas cõ hũa bandeira de paz, chamou Bastião rodriguez da moeda, que andaua falādo com dõ Garcia, & disse-lhe que dissesse ao governador que Roçalcão pedia treguas, pera ver se poderia auer antreles paz, & que da sua parte pedisse a dom Garcia q̃ mandasse cessar a bateria em quanto se leuasse ho recado ao governa-

dor, & que ele tambem mandaria aos seus que não tirassem aos nossos. E assi foy mandado dhũa parte & doutra, & Bastião rodriguez leuou logo este recado ao governador, a que foy dito por algũs questauão coele que não concedesse as treguas, porque Roçalcão as pedia pa entre tanto fazer outro muro por dêtro: o que parecendo verdade ao governador, não queria cõceder as treguas, nem as concedera se dom Garcia não acodira que lhas fez conceder. E por amor disso disse despois ho secretario q̃ Roçalcão dera seys mil cruzados a dom Garcia, & isto por dizer mal de le, & nã por ser verdade. E assentadas as treguas antre Roçalcão & ho governador, forão ordenadas pessoas pera q̃ falassem na paz. Da parte de Roçalcão, forão dous capitães turcos de muyto credito & autoridade, que forão entregues ao governador, em cujo poder auião destar ate ho cõcerto da paz ser acabado; & da nossa parte auia destar em poder de Roçalcão Ioão machado com quem foy Bastião rodriguez pa trazer resposta do que lhe mandaua dizer per Ioão machado, que era que visse como estaua sem remedio de saluação por não ter por onde lhe fosse socorro de gente nem de mantimentos, nẽ menos muros com que se emparasse dos nossos. E pois sua vida estaua no risco que via que deuia de querer paz, que por ele ser pessoa de tanto preço, & tão boõ caualeyro lha daria, com cõdição que lhe entregasse todos os nossos que durando ho cerco se lançarão coele, ou fossem mouros ou Christãos, & lhe auia de tornar a carauela & ho caruelão que se tomarão no passo de Noroã quando os inimigos êtrarão a ilha & a fora isso lhe auia de entregar todos

os caualos & toda a fustalha que teueſſe, & ſe iſto fizelſſe lhe daria a vida & a quãtos eſtauaõ coele, & quãto teueſſe na fortaleza, & lhe daria paſſajẽ pera a terra firme. E ouuido eſte recado por Roçalcão, ouue conſelho cõ ſeus capitães & peſſoas principaes; & cõ ſeu parecer reſpõdeo ao gouernador q̃ todas as condições da paz aceitaua, ſaluo tornar os arrenegados, porq̃ lho defendia ſua ley, & era por ela grande peccado. Mas ho gouernador nã quis outorgar a paz ſe lhe entregarẽ os arrenegados, dizendo q̃ por couſa do mûdo os deixaria. E iſto era porque erãõ eſpingar deiros, & fazião aos noſſos muyto mal, & mais pera caſtigo q̃ outros nãõ fizelſſe outrotanto. E cornandolhe Baſtião rodriguez eſta repolta, achou ho muyto triſte & tão caſfado do ſpirito q̃ ſe lhe pegaua a boca, & q̃ ſi que nãõ podia falar. E vêdo a determinação do gouernador, por conſelho dos ſeus lhe outorgou a entrega dos arrenegados, cõ condição q̃ lhes deſſe a vida: & coeſta repolta mandou ao gouernador hũ diamão de valia de noue mil cruzados, di-zêdo q̃ lho mandaua em ſinal damiza de, porque lhe parecia q̃ auia de ficar e ſeruiço delrey de Portugal, & auia de ter neceſſidade do gouernador pa iſto: porq̃ polo peccado que fazia em entregar os arrenegados, nãõ ouſaria d'aparecer diãte do Hidalcão ſeu cunhado. E vêdo ho gouernador ho diamão, nãõ ho quis tomar, & pelejou muyto cõ Baſtião rodriguez porque lho trazia, & mais ſem ho cõcerto ſer acabado, q̃ di-rião q̃ por amor do diamão ho fazia, & diſſelhe q̃ eſtaua em pôto de lhe dar cõ hũ punhal polos peytos, & que logo leuaſſe ho diamão, & q̃ diſſeſſe a Roçalcão que lhe prazia de dar a vida aos

arrenegados. E tornãdo Baſtião rodriguez coeſta repolta, & dãdo a Roçalcão paſſaua de mea noyte, & como lhe foy dada perante ſeus capitães, leuãtou ſe ſem falar palaura & foy ſe a ſeu apouſentamêto, donde logo ſe paſſou aa terra firme cõ algũas de ſuas molheres, & cõ hũ arrenegado, q̃ ſe chamaua Fernãdinho, muyto valête de ſua peſſoa, de quẽ ſe ele fiaua muyto, & a q̃ fazia mais bẽ que aos outros, & ele lhe negociou a paſſajem em hũ aalmadia que to-mou fazendo ſe que era dos noſſos, & por ſer de noyte, & lhe ouirẽ falar Portuguez ninguẽ nãõ atentou nele; & Roçalcão ſe foy aſſi ſem acabar a execuçã da paz, porq̃ cuydaua q̃ auia d'entregar os arrenegados, nãõ ho podia acabar cõ ſigo poloauer por peccado grandíſſimo, & por iſſo ſe foy ſem ho dizer a ninguẽ. E os capitães q̃ eſtauaõ coele, eſteuerãõ eſperando hũ grande pedaço q̃ viesſe, & vêdo q̃ nãõ vinha mandarã-no chamar; & quãdo ſouberãõ que nãõ eſtaua na fortaleza, & ſe preſumia ſer ido polos ſinais que auia diſſo, ficarãõ tão triſtes q̃ nãõ ſouberãõ de ſi parte, porq̃ lhes parecia q̃ por nãõ ſer a paz acabada daſſentar de todo ficauãõ em grande perigo, & q̃ lhe nãõ goardaria ho gouernador as condições pois Roçalcão era ido. E coeſta triſteza ſe foy cada hũ deles a ſua eſtãcia determinados de morrerẽ, & os arrenegados ficarãõ cõ Baſtião rodriguez, tambem muyto fora de ſi como os mouros por terẽ ho meſmo temor que eles tindhão. E vêdo os Baſtião rodriguez daq̃la maneyra, lhes diſſe q̃ nãõ oueſſe medo, por q̃ ho gouernador pmetera de lhe dar as vidas, & q̃ cria d'le goardar lhes eſta palaura, ſe eles cõfiados e ſua piedade ſelhe foſſe entregar aconſelhandolhes q̃ aſſi

ho fizessem: o que eles fizeram de muy boa vôtade. E às duas horas despois de mea noyte se sayrão da fortaleza com Bastião rodriguez, o q̃ fizeram difficul tosamête porq̃ os porteiros os não querião deixar sayr ate os capitães não mādare que saysem, p̃metendolhes Bastião rodriguez q̃ ho governador auia de cōprir o que tinha assentado cō Roçalcão. E partido cō os arrenegados, leuouos ao governador, a cujos pés se lançarão pedindo misericordia: & ele disse q̃ ja lhes prometera as vidas, porem mādouos arrecadar muy bẽ. E sabêdo o que Roçalcão fizera, & o q̃ os capitães estauão pa fazer, ao outro dia ordenou seus esquadrões & foyse chegãdo à fortaleza cō determinação que se os mouros se lhe não entregassem de não deixar nehũ a vida. E vêdo os capitães como se chegaua à fortaleza, começaram de dizer hũs q̃ lhe abrissem as portas, q̃ ele goardaria o que tinha p̃metido, outros dizião q̃ se defendessem. E assi cōtra dizendo hũs aos outros, forão abertas as portas da fortaleza, & ho governador entrou nela cō todos os nossos: & como essa gẽte miuda ho vio entrar se arremessarão pa a bãda do rio, onde se lançauão hũs sobre os outros, & sobre taboas nadando, & outros pegados a rabos de caualos. Era grande espãto de ver como se lançauão se n tão medo, & a braua reuolta q̃ hia, em que muytos se afogarã, & mais forão se ho governador não acodira a isso, mādandolhes dar embarcação cō muyta pressa, & apregoar q̃ sopena de morte nenhũa pessoa oulasse de lhe tomar nenhũa cousa sua nẽ tocarlhe nela, nẽ fazerlhes nenhũ nojo em suas pessoas: & por isso os que não teuerão tanta pressa de se lançar a nado passarão em paz

& sem perigo cō toda sua fazenda, & dos q̃ morrerão ficou algũa pouca, & q̃ si todos os caualos ou os mais deles, & os q̃ escaparão a q̃ ho governador deu embarcação, se passarão à terra firme, onde se ajuntarão cō muytos dos que forão a nado que estauão cō Roçalcão, que tinha assentado seu arrayal, & estaua esperando reposta do Hidalcão, a q̃ escreuera ho feyto como passara, & pedidolhe p̃dão dalgũa culpa se a tinha.

Capit. xciiij. Do recado que ho governador mandou a Roçalcão estando na terra firme, & da justiça q̃ fez nos arrenegados que se lançarão cō os mouros no cerco de Goa.



Espejada a fortaleza dos mouros & metido ho governador de posse dela, deu cō todos os nossos muytos lououres a nosso seõor por lha dar, porq̃ coela ficaua a ilha de todo pacifica & se se temer de ser entrada, posto q̃ ho Hidalcão viesse cō todo seu poder. E ficãdo seõhor da q̃la fortaleza, acharão os nossos algũ pouco de mouel q̃ ficou cō pressa, & assi os caualos de Roçalcão quasi todos que ho governador tomou pa el rey por virtude do cõcerto que tinha feyto cō Roçalcão, & mādou logo repayrar a fortaleza do dãnno que tinha recebido da bateria, & deixouse ali estar pa saber o q̃ Roçalcão faria, que bẽ sabia ho recado q̃ tinha mandado ao Hidalcão, & q̃ lhe hia tardãdo a reposta. E como sabia q̃ ele estaua muyto agastado pelo q̃ lhe acõtecera & temeroso do q̃ lhe ho Hidalcão respõderia, quis cometelo cō hũ partido, parecẽdo lhe q̃ ho aceitarã pois estaua e duuidã: & mādoulhe dizer por Bastião rodri-

guez que lhe pesaua muyto de sua ida ser tão supita, porque lhe quísera falar, & offrecer-lhe sua ajuda, porque posto que ateli fosse inimigos, dali por diá te determinaua de ser seu amigo. E como a quem ho tinha nella conta, lhe acôselhaua q se não fiasse e nenhũ seguro q lhe ho Hidalcão mandasse, porq posto q fosse seu cunhado tinha coele muyto grande priuáça çamalcão seu governador, & tanta q mãdaua au solutamente todo ho Balagate: & este era seu inimigo mortal, & auia dafear muyto suas cousas ao Hidalcão, & polo acolher & se vigar dele lhe mãdaria mil seguros, & por isso ele os não deuia daceitar, mas irse pa Goa pa estar mais seguro, & q ho não mataste algũ dos seus a treyção por comprazer a çamalcão. E como ho Hidalcão estava desgo stoso dele polo desastre q lhe acôtecera, nã lhe daria nada de sua morte: & q se se ele quísse tornar a Goa & ficar e seruiço delrey de Portugal, que ele lhe daria ajuda cõ que tomasse as terras firmes de Goa cõ tanto q desse ametade a el rey de Portugal, & q a outra ametade cõ ho mais q ganhasse fosse parele. E pa ho mais attraher a isto, lhe mãdou por Bastião rodriguez hũ bedê de pano azul muyto fino, cairelado, atorçala do & frãjado douro, & hũ alaude muyto boõ, & outras peças miudas todas muyto louças & pera folgarẽ coelas. E chegado Bastião rodriguez a Roçalcã deu-lhe ho presente do governador, & delpois seu recado, a q ele disse q daria a reposta cõ conselho de seus capitães, & entre tanto mandou agasalhar muyto bẽ a Bastião rodriguez, a q foy descuberto secretamẽte q Roçalcão trataua cõ seus capitães de lançar mão dele, & dñũ Portugues que se chamaua Fru

tus de Ceyta q ia hcoele pera ho seruir & os terẽ reteudos ate q lhe ho gouernador mandasse os dous turcos q dera e arrefes de Ioão machado, q ficarão la polo desfarrãjo q Roçalcão fez, & affi ficou Ioão machado. E sabido isto por Bastião rodriguez, mandou logo muy dissimuladamẽte a Frutus de ceyta pera Benastarim a dizer ao gouernador o q passaua, & q ele não hia porq se nã atreuia a saluar, & se quando se fosse algũs mouros o quíssem deter, disse-lhe q hia buscar hũ papel q lhe esquecera, em q estauão hũs apõtamentos de coufas q o gouernador reqria a Roçalcão: & coisto se foy Frutus de ceyta. E sabẽdo Roçalcão como era ido, & que não podia reter mais que hũ sô homẽ, mudouse de sua determinação: & despachando Bastião rodriguez, não respõdeo nada ao q ho gouernador lhe mãdara dizer, se não q lhe dissesse q quando lhe concedera dar-lhe os caualos que lhe pedia, q não fora sua tenção dar-lhe os caualos Darabia & da Persia, se nao os de Cambaya: por isso q lhe pedia q lhe mandasse os seus caualos, & os dous turcos q lhe dera em arrefens: & q não ho fazẽdo assi que aueria guerra antre les, porq tinha reposta do Hidalcão q se deixasse estar, & q cedolhe mãdaria gente & recado do que auia de fazer. E tornada esta reposta ao gouernador, ele se foy pera Goa deixando a fortaleza a boõ recado, & não quis mãdar os dous turcos por amor dalgũs arrenegados q andauã na terra firme, a cujo troco os esperaua dauar: & como foy em Goa, determinou de castigar os arrenegados q tinha e seu poder, cõ tanto q não fosse matalos pola palaura q tinha dada de lhes dar a vida, & disse q lhes pdoara a vida mas não a justiça: & isto

respondeo a algũs q̃ lhe disserão que quebraua sua palaura. E ho pricipal q̃ ho moueo a fazer isto, foy por ser exemplo a outros q̃ não fizessem outro tãto, & tambẽ por não ficar sem castigo hũ crime tamanho como aq̃ le foy. E a justiça foy cõ lhes mandar pubricamẽte & com pregão cortar narizes, orelhas, mãos dereytas, dedos das enquerdas, & entregalos aos moços que lhes depe nassem os cabelos das barbas & das cabeças, & q̃ os enlameassem, & injuriassem, & a Fernão lopez sobre todos por q̃ era de mais qualidade: & por derradeiro foy degradado pera Portugal, & eu ho ví na ilha de santa Helena, onde por seu rogo ho capitão da nao que ho leuaua ho deixou sô: & ali viueo muyto tẽpo, seruindo a nosso seõor arrepedido do peccado q̃ fizera. E differãme q̃ assi ele como muytos dos outros sofierão estes tormẽtos cõ muyta paciẽcia, dizendo q̃ mais merecião pelo graue peccado que cometerão,

Capit. xcv. Do que ho gouernador fez em Goa despois que tomou a fortaleza de Benastarim.



Elo muyto q̃ ho gouernador tinha que fazer e Goa, não pode ir a Cochim despaçar as naos da carga pera Portugal, & por isso mandou dom Garcia que ho fosse fazer, & que leuasse esses nauios que lhe os mouros arrombarão & espedaçarão em Benastarim, pera que se corregessem em Cochim quanto durasse a carregação das naos, & mādou lhe tambẽ que despois de corregidos adasse sobre a barra de Calicut ate lhe mandar recado, & q̃ entre tanto deixas-

se hi algũs nauios q̃ lhe deu pera isso, por q̃ tolheesse a ida das naos dos mouros a Meca, & foy coele o secretario cõ acha q̃ de ir a Cananor polo seu fato q̃ lhe hi ficara: & como là foy mādou dizer ao gouernador q̃ era quebrado, & muyto mal desposto, & que lhe fazia muyto mal andar no mar, q̃ por isso nã podia andar nele que estaria em Cananor. E isto tudo era por não andar cõ o gouernador, a q̃ tinha odio polas rezões que disse. E ho gouernador q̃ bẽ ho entendia, mādou lhe defender q̃ nã fosse a Cochim, & isto por q̃ temia que dānasse el rey de Cochim contrelle como começara de dannar. Porem ho secretario não quis fazer o que lhe mādaua, & foyse a Cochim, onde fez o q̃ direy a diante. E desejando ho gouernador de tornar a fazer Goa tão nobre como era dantes, mandou aos capitães desses nauios q̃ ficauão coele em Goa q̃ fosse ate Chaul & fizesse arribar a Goa quantas naos achassem q̃ trouuessem caualos q̃ sem eles nã se podia ennobrecer, & por amor deles vinhão a ela os mercadores do reyno de Narsinga, & do reyno de Daquẽ que trazião muytas & muy ricas mercadorias, no q̃ el rey de Portugal receberia proueito muy grosso em sua alfandega, & obrigaria a el rey de Narsinga & ao Hidalcão a que rerẽ paz coele. E cõ a diligẽcia q̃ ho gouernador fez em mandar estas naos a fazerem arribar as dos caualos a Goa, vierão a ela ter muytos, a q̃ ele mādou fazer estrebarias em abastança, & deu muytos piães da terra pa lhe darẽ herua: & mandou ao feytor de Goa q̃ lhes desse todo ho mātimento necessario, & que despois faria conta com os donos dos caualos, & lhe pagarião o que deuessem, & mandou os apouentar

muyto bem, & darlhes todo ho neces-
sario pera concerto de suas naos, & dar
lhe carga de especiaria, maça, arroz &
cobre; pelo qual as naos daq̃le anno fo-
rão mais ricas que outras nenhũas que
follẽ doutros portos. E tudo isto fazia
pera prouocar os mouros q̃ folgassem
de ir a Goa, õde os mouros Dormuz q̃
vinhão nas naos que digo derão noua
q̃ Cojeatar era finado, & socedera em
seu lugar Rais Noradi, & q̃ os arabios
tornarão a ganhar a ilha de Baharẽ, &
que el rey Dormuz tinha recebida a ca-
rapuça do Xexeisrael & hũ liuro de
sua seyta. De que ho governador ficou
assaz agastado, porq̃ se lhe ordenaua
maistrabalho em tornar a ganhar Or-
muz do q̃ tiuera se tomara dantes aq̃la
empresa, & se nã fora terse por tão cer-
ta a vida darmada do soldão às portas
do estreyto pa fazer hi fortaleza, õde
de ele determinaua dir pera ho estor-
uar, ele deixara de ir lã por ir a Ormuz
& ganhala antes q̃ ho Xexeisrael
fizera mais pẽ nela. Tãbẽ nestas naos
que vierão com os caualos, foy achado
hũ mercador mouro chamado Cojea-
mir, a que ho governador da primeyra
vez q̃ tomou Goa entregou duas naos
da terra carregadas de mercadoria del
rey de Portugal, & cõ ho embaixador
do Xexeisrael, & cõ ho mellejeiro q̃
lhe o governador mãdaua como atras
disse, & por esse respeyto foy Cojea-
mir bem despachado em Ormuz. E sa-
bendo ele em vindo pera a India como
Goa estaua leuantada contra ho gover-
nador, se meteo no porto de Dabul, &
leuou os caualos q̃ leuaua ao Hidalcão,
& por isto que ho governador sabia ho
mandou prẽder em ferros & a hũ seu
filho, & tomoulhe vinte rãtos caualos
pelos que leuara ao Hidalcão. E a fama

dos muytos caualos q̃ estauão em Goa
forão nela em poucos dias mercadores
do reyno de Narlinga a cõpralos pera
el rey, & foy hũ mellejeiro del rey de
Vengapor cõ embaixada pera ho go-
uernador de grãdes desejos de paz cõ
el rey de Portugal, & de ho servir na
guerra contra ho Hidalcão se a quises-
se emprender, & offrecimento de mã-
dar a Goa muytos mantimentos, & de
gouernar as tanadarias da terra firme
de Goa & dar por elas o que daua Mer-
lao quando as gouernaua, pedindo ao
gouernador q̃ lhe deixasse tirar cadã-
no de Goa trezentos caualos. E coesta
embaixada folgou ho governador
muyto, & respondeolhe por seu em-
baixador, que foy Gaspar chanoca, q̃
mandou tãbẽ cõ embaixada a el rey
de Narlinga, de quem desejaua dauar
Batalã, porque não teuesse onde lhe
fossem caualos, & ficasse em necessida-
de de os cõprar todos em Goa, & man-
doulhe dizer que deuia de dar Batalã
a el rey de Portugal seu senhor, pois
todos os reys & senhores da India lhe
tinhão dado lugares pera trato, & que
lhe deixaria tirar de Goa todos os cau-
los que quisesse. Tãbẽ vierão ao go-
uernador dous embaixadores do Hidal-
cão, por quem lhe mandou pedir paz
& amizade, & licença pera cõprar ca-
ualos e Goa; & o governador fez mer-
ce aos embaixadores & os despachou
logo, & em sua cõpanhia mandou por
seu embaixador a Diogo fernandez a
dail de Goa, & por seu lingoa João na-
uarro, & mãdou coeles ho filho de Gil
vicente por escriuão da embaixada, &
todos bem vestidos & ecaualgados; &
hia coeles hũ capitão Canarim cõ trin-
ta piães pera os servir. E por este embai-
xador mandaua ho governador pedir

ao Hídalcão as tanadarias da terra firme de Goa, & que se as desse que lhe se guraua Dabul, & não impediria ir lhe a gente branca do estreito, & lhe deixaria tirar de Goa quantos caualos quisesse. Neste mesmo tempo chegou a Goa hũa nao de Meliquiaz, que mādaua ao governador carregada de mātīmētos, & nela hũ mestejeiro por quem ho mādaua visitar & dar ho prolfça da tomada de Malaca & de Benastarim: o que lhe ho governador agradeceo muyto, & despachou logo ho mestejeiro com presente a Miliquiaz, com ratificação de grande amizade. E assi despachou hũ embaixador delrey de Cambaya q auia sete meses q andaua coele, & viera ter a Goa com os catiuos q estauão em Cambaya q el rey mandaua ao gouernador, com quem determinadamente quis assentar paz como soube a tomada de Malaca, porque sem ela não era nada ho trato de Cábaya. E pera se assentar esta paz, mādou logo os catiuos que seu pay ho rey passados sempre dilatará de dar: & na verdade Meligopi ajudou a isto muyto. E assi mandou el rey ao gouernador hũ terçado douro, & hũ catle laurado de pedraria falsa, porẽ muyto rica & galante, com hũas cortinas de seda brãca da China lauradas com ouro de pão. E não achãdo ele ho gouernador em Goa, esperou sabẽdo que era em Malaca, & como soube que estaua em Cochim se foy lá, & lhe deu ho presente & a embaixada. A q ho gouernador não respondeo logo, porque como ho assento daq̃la paz era cousa de muyta importância, & por onde ele esperaua de fazer fortaleza em Diu quísera ir em pessoa assentar esta paz & ver se com Meligupim em curate ou em outro porto, & fazia conta

de ho fazer despois da tomada de Benastarim, & por isso trouue ho embaixador consigo: mas quãdo soube as nouas da armada do Soldão & quãto lhe releuaua ir ao estreito, ceifou d̃ sua ida a Cambaya, porq se folle perdia a nau negação do estreito, & se mandasse lá dõ Garcia não podia acodir às torres que fazia nos passos de Goa, nẽ ao corregimento dos nauios em Cochim, nẽ a carga das naos dõ reyno. E auendo sua ida por impedida, lhe pareceo bẽ deixala pera quando ho noíto senhor trouesse do mar roxo, & que de caminho iria a Cambaya, & entre tanto mādou por embaixador a el rey de Cambaya a Tristão degã, hũ caualeyro fidalgo da casa delrey d̃ Portugal, & por escriptuão da ebaixada hũ loão gomez, cuja concrusam foy pedir fortaleza em Diu. Este ebaixador auia de ir na nao de Meliquiaz com ho embaixador delrey de Cambaya, a quem & ao mestejeiro de Meliquiaz primeyro q se fosse ho gouernador mandou mostrar a fortaleza de Benastari que ele fazia muyto forte, & ho lugar por onde sam Pedro abaltroou coela: & isto porque Meliquiaz teuelle pouca confiança no baluarte de Diu, & assi lhe mādou mostrar as estrebarias dos mercadores, & as del rey, em que estauão ate quatrocentos caualos, & auião destar sempre pa qualquer neccesidade que sobreuiesse. E coísto lhẽs mandou mostrar muytas cubertas dármas q se fazião pera estes caualos, & duzentos espingardeiros & outros tantos bẽsteiros que ordenaua em Goa pera estarem em frontaria, assi caçados como solteiros: & os ebaixadores se espatauão muyto de como tudo estaua concertado, & assi ho contarão em Cambaya despois que lá forão.

Capit. xvi. De como ho governador soube q̃ hũ embaixador do Preste que vinha pera el rey estaua preso e Dabul, & quẽ era ho Preste loão & onde teue seu senhorio.

DEs pois da partida destes embaixadores, lhe foy dado recado p̃ hũ mercador gẽtio, que em Dabul ficaua preso hũ Abexim que dizia ser embaixador do emperador de Ethíopia, a que nos chamamos Preste joão, & q̃ lhe trazia sua embaixada, & chegando a Dabul ho prendera ho tanadar da hí: & q̃ pedia muyto a sua senhoria que lhe mandasse pedir que ho soltasse & deixasse ir pera Goa, porque releuaua muyto a el rey de Portugal saber a ebaixada q̃ trazia. E sabido isto polo governador, mandou a Lopo vaz de sam Payo que fosse na sua nao a Dabul, & mandasse dizer ao tanadar da sua parte, q̃ se sp̃taua muyto de prẽder ho embaixador q̃ hia pera el rey seu seõor sem ter recebida nenhũa offensa de sua armada, q̃ lhe pedia q̃ logo lho mãdasse, se não q̃ seria necessario fazer o que ele não queria: & não ho querẽdo fazer se pofesse na boca da barra de Dabul & não deixasse sayr nenhũa nao q̃ nã metesse no fũdo. O q̃ foy escusado fazerse, por que sabido ho recado do governador polo tanadar, logo entregou ho ebaixador & Lopo vaz se foy coele pera Goa. E por q̃ no liuro primeyro toquey breuemẽte que ao emperador da Etiopia chamamos erradamẽte prestes joão, dẽy agora como, segũdo Marco paulo escreue. A q̃le q̃ se soya de chamar prestes joão, teue seu seõorio comarcão cõ as terras do grão cã de Cathayo, que ficaua antrelas & ho grande reyno de

Deli, bẽ dentro no sertão da Índia, & era Christão, & foy vencido & moito em hũa batalha q̃ lhe deu ho grão cã de Cathayo q̃ lhe ocupou seu seõorio, & nũca mais ouue prestes joão: & segũdo isto o q̃ agora chamamos prestes joão ho não he, nẽ menos tẽ tal nome e sua terra, & assi ho diz Frãscaluarez no liuro q̃ fez das cousas do seõorio deste prestes, onde andou muyto tẽpo & soube todas suas particularidades, nẽ menos he bispo, pera q̃ se diga que de presbiter nome latino, q̃ quer dizer bispo se mudou em prestes, porque na terra do prestes ha hũ patriarcha q̃ governa a igreja daq̃las partes, & q̃ ao p̃ste lhe chamão vniuersalmẽte em sua lingoa neguz & agacẽ, q̃ na nossa quer dizer rey ou emperador. E tãbẽ lhe chamão precioso joão, segundo afirma Damia de goys, homẽ de grande erudição & de marauilhozo engenho, & de curiosidade singular. Este nome precioso parece q̃ se cortõpeo em prestes, & daquí lhe chamão os nossos, & outros prestes joão. O q̃ reynaua a este tẽpo era Christão, & seus ateeçores tãbẽ teuerão a ley euangelica, & procederão da raynha Candacia em Etiopia, cuja terra foy aquela que el rey Salamão deu a hũ filho q̃ ouue na raynha Sabba, onde despois de Ierusalẽ forão os primeyros Christãos q̃ se conuerterão na primitiua igreja, de cuja conuersam foy causa ho apostolo sam Felipe, por q̃ indo ele por amoestação do anjo cõtra a parte do meyo dia pelo caminho que vay de Ierusalẽ pera Gaza a deserta achou ho mordomo da raynha Candacia que vinha de visitar ho tẽplo de Salamão cõ offerta da mesma raynha, & despois de lhe sam Felipe declarar hũa profecia de Isayas, da paixão de nosso

senhor que ele hia lendo, ou cantando, cōuerteo ho à sctã fee catholica & bautizouho. E chegãdo ho mordomo a casa da raynha, ela se cōuerteo logo cō to da sua familia, & despois fez baptizar todos os de seu reyno, ôde semp durou a Christadade ategora, & os succẽssores desta sctã rainha forã acrecẽtãdo sempre neste reyno ã tãta maneira q̃ veyo alargar se tãto como agora parece, no q̃ tinha ho preste q̃ entãto reynaua.

Capit. xcvi. Do seõorio do Preste, & de seus costumes: & de como a mãy do preste mandou hũ embaixador a el rey de Portugal.



Ve era emperador de Etiopia & seõor de quize reynos muyto grãdes & todos juntos. Tẽ este seu seõorio da banda do sul ho mar roxo, em q̃ tinha algũs portos pouoados de mouros, que estauãto leuãtados contrelle, se não hũ que se chama ua Maquã & estã em ilha, & dabãda do norte os montes da lũa, do leuante ho Egipto, & do ponẽte os mõtes de Etiopia: a terra d̃ sua natureza he grossa, & daria tudo o q̃ semeassem, mas a gente não he pera nũo, cō tudo da muyto trigo & ceuada, & outros muytos legumes, como ã noõsa terra & doutros generos. Ha nela muytas carnes, & algũ pescado dagoa doce, & do mar nenhũ por estarẽ os portos lõge: ha muyto boas agoas, muytas minas douro, de prata, de stanho, d̃ cobre. Em toda esta terra não ha nenhũã cidade nobre, nẽ castelos nem fortalezas, tudo sam aldeas & lugares grãdes, mas nã passa nenhũ de mil & quinhentos vezinhos, & nenhũ não he cercado, as casas cõmũẽ

te sam redondas & terreas, cubertas de terrados ou de palha cõ currais ao derador pera se agasalhar ho gado. A gẽte deste seõorio he geralmẽte preta & baça & de boõ parecer, he magra & barbara, fraca & pera pouco: & assi tẽ poucas armas & rois, não comẽ mais q̃ hũã vez no dia & esta ã noyte, bebem vinho de mel, porq̃ ho não tẽ duuas, comẽ no chãto em hũas gamelas grandes, & muytos comẽ carne crua, outros assada nas brasas. Tirãdo os fidalgos & religiosos todos andãto nus da cĩta pa cima, & hũã pele de carneyro polas costas atada do pẽ a mãto: nĩguẽ nã morre por justiça, & castigãto cõ açoutes ou mẽbro cortado, segũdo aqualidade do crime, as demandas não se tratãto senãto verbalmẽte, não costumãto escreuer hũas aos outros, & por recados mãto dizer o q̃ querẽ. Neste seõorio os mais sam Christãos, porq̃ tãbẽ algũs sam mouros & gẽtios, porẽ estes sam tributarios ao preste: os christãos tẽ em suas igrejas conegos & clerigos, & sam muytas & de grossas rẽdas, & por isso selhe não paga dízĩmo: & assi tẽ muytos mosteiros de frades & de freyras, tãbẽ muyto ricos, assi de rẽdas como de jurdições, & sam da ordẽ de santo Antão, nẽ ha outra ordem em toda a terra do preste, estãto todos situados em mõtes & em vales, em muytos deles nã comẽ carne todo ho anno, & pescado poucas vezes por ho nã auer na terra: os frades & os clerigos trazẽ as cabeças rapadas & as barbas cõpridas, os clerigos & conegos podẽ casar, & se lhe morre a pri meyra molher não casam outra vez, morãto todos em hũ circuito q̃ tem der redor das igrejas, & as molheres morã fora & lá vãto estar coelast: os filhos dos conegos de necessidade hãto de ser co-

negos, & os des clérigos não, se nã por sua vôtade: as demandas das pessoas ecclesiasticas se tratão perãte a justiça secular. As igrejas sã sumtuosas, & os seus adros sã cercados & fechãse nelas, & nos mosteiros se reza ho officio diuino cõ salmos & profas em lingoa jê caldeu, todas tẽ hũa cortina polo meyo da vília cõ campainhas, & desta pera dẽtro não entrão se não os sacerdotes: outra tẽ polo meyo do corpo da igreja, & dela pa dẽtro não entrão se não pessoas dordẽs, & por isso muytos fidalgos & pessoas hõrradas se ordenão pa entrarẽ dẽtro. Ha nestas igrejas muytas imagens de nosso seõor & de nossa senhora & dos apóstolos, & nã tẽ nenhũ crucifixo, porq se ha a gẽte por indigna de ho ver: nã se diz cada dia mais q hũa missa, & esta cõ diacono & sodiacono, as epístolas & os auãgelhos se dizem às portas. Ho pão de q se faz ho sacramẽto da eucharistia he hũ bolo cozido em hũa grãde fornalha com grande cirimonia, nẽ ho coze se nã hũ sacerdote, & o q diz a missa nã mostra ho bolo ao pouo despois de cõsagrado como se faz antre os latinos. Todos os q ouuẽ missa hã de comũgar ou a não hão douuir, & ho sacerdote lhes vay dar a comunhãõ à porta da igreja, q he do mesmo bolo q cõsagrou: não tomão lauatorio, mas lauão a boca cõ agoa bẽta, nenhũa pessoa se ha dassentar nas igrejas, & por isso estão sẽpre às portas muytos caiaados detraueffa pera se encostarẽ, nẽ pode ninguẽ entrar calçado nẽ cospir, nẽ falar. A vestimẽta com q se diz missa, he feyta como camisa, & a estola furada polo meyo pera a meterẽ pola cabeça, não tẽ manipulo, nẽ amito, nẽ cõtoto: os frades dizẽ a missa cõ os capelos nas cabeças, & os clérigos as

tẽ discubertas. Nhũa missa se diz por esmola nẽ por defuntos, quãdo se fina algũa pessoa vão os clérigos cõ cruz & agoa benta & encenso, & despois de rezarẽ certas orações a leuão a enterrar muyto depressa, & ao outro dia leuão as offertas. Os Christãos desta terra se confessam em pé & assi os absolue: os frades, clérigos & señores trazem nas mãos cruces peq nas de pão, & a gente comũ pequeninas ao pescoço. Trazem tamẽ os clérigos & frades hũs cornichos dẽ cobre cõ agoa bẽta q deitão aos hospedes cõ que pousam, & no comer & no beber deitão tres gotas. Celebrã as festas mouiueis no mesmo tẽpo que antre os latinos, as outras hũas, & outras não: ho seu anno se começa a vinte noue Dagoisto, & he de doze meses, & cahũ tem trinta dias, acabados os meses sobejão cinco dias, & no anno bisexto seys, & chamanlhe cõprimẽto do año. Ho ieiũ da coresma se goarda muy estreytamẽte, mormẽte os clérigos & frades q não comẽ mais de tres vezes na somana. s. terça feyra, quinta & sabado: neste tẽpo não bebẽ nhũ vinho: a outra gẽte a ieiũta toda, nẽ come ninguẽ carne, nem ouos, nẽ leyte posto q estẽ pera morrer. Todos os leygos, assi grãdes como peq nos jeiuão as quartas feyras & festas do anno, tirando do natal ate a purificação, & da Pascoa ate a Tridade: Todos andão na somana santa vestidos de preto ou azul, nẽ falão hũs cõ os outros por dó da paixão de nosso seõor, dizẽdo q Judas por beio de paz trahio a seu seõor. Tẽ muytas cirimonias iudaicas no goardar dos sabados, & õs outras. Q ãdo se da iuramento a alguẽ, vai sse aqle q ho ha dẽ tomar à porta da igreja, & vão coele dous clérigos q tẽ hi encenso & brasas. E poẽdo

o q̃ ha de iurar ambas as mãos nas portas da igreja, lhe diz hũ dos clérigos q̃ diga a verdade, & se iurar falso, q̃ assi como ho lião come a presa no bosquo, assi coma ho diabo a sua alma, & lhe moa seus ossos como he moído ho trigo átre as pedras, & se disser verdade q̃ a sua alma estê cõ os bẽ aueturados, & acada cousa diz Amê: isto acabado toma ho iuramêto. E cõ tudo agête popular diz pouca verdade, aida q̃ he cõ iuramêto, saluo se iurão pola cabeça d'el rey. E me tanto esta gente a excomunhão, q̃ por não cayrê nela farão qual quer cousa ainda q̃ seia e seu periuyzo. Ha no señorio do preste hum patriarcha q̃ na sua ligoa se chama Abima, q̃ na nossa quer dizer padre. E este da ordẽs, por q̃ não ha outro nenhũ bispo. E falecido este, mada ho preste pedir outro ao patriarcha Dalexãdria. Ho preste nã tẽ lugar determinado em q̃ more, ada sempre no cãpo cõ toda sua corte, & traz no seu arrayal ate seys mil tẽdas antre boas & mãs: a somenos gête de caualo he de mulas, & auera cõtinaua mête cincoẽta mil de mulas, os de caualo sam tambẽ muytos, & os de pê não tẽ conto. Tẽ sempre guerra cõ os mouros seus comarcãos q̃ faz por seus capitães, & quando ha necessidade vay ele e peiõa. Ho preste q̃ na q̃le tpo reynaua se chamaua Dauid de idade de õze annos, & a raynha sua mãy gouernaua seus señorios por ser muyto pera isso. E gouernado ela a terra, forão ter a sua corte Ioão gomez hojardo, & Ioão sãches, & Cide mamede, de q̃ disse no liuro segũdo, q̃ leuauão cartas damizade del rey dõ Manuel pera ho preste, q̃ lhe derão nouas do q̃ os nossos faziã na cõquista da Índia. E ouuido q̃ erão Christãos que hião de muy lãge, dese-

jou de saber a verdade pera tomãr cõelles amizade & lianga, & fazer iuntamẽte coeles a guerra aos mouros. E mãdou a saber isto a hũ mercador christão natural do Cayro q̃ tinha coela grãde credito chamado Mateus: & a este mãdou muyto secretamẽte q̃ fosse á Índia, & hi falasse cõ ho gouernador, & da hi a Portugala ver aq̃le rey que mandaua cõquistar a Índia, pa que lhe deu hũa carta e nome do Preste seu filho, & assi hũ pedaço do lenho da vera cruz feyta em hũa cruz peq̃na. E pera ir mais encuberto quis q̃ fosse sô, por q̃ nã podia sayr da terra do preste por nenhũa parte q̃ não fosse de mouros, que se entẽderão q̃ era embaixador, & onde hia matarãno, por q̃ receauão q̃ ho poder dos nossos se aiuntasse cõ ho preste & que çarrassem ho mar roxo. & por isto que a raynha sabia, determinou de mandar este embaixador secretamente. E ele se partiõ pera a Índia, õde foy ter a Dabul, & hi foy preso polo tanadar, por saber q̃ hia ao gouernador cõ recado do preste. E mãdandolho ho gouernador pedir por Lopo vaz de sã Payo, lho deu: o q̃ sabẽdo despois ho Hidalcão, cuio vassalo era ho tanadar, esteue pera lhe cortar a cabeça.

Capit. xcviij. Do que dizia a carta q̃ a mãy do preste mandaua a el rey de Portugal, & do mais que passou em Goa.



Sabido pelo gouernador como ho embaixador vinha & trazia a cruz do lenho, sayo a recebela cõ procissão muy sonẽne, & ele & todos a adorarão e giolhos dando graças a nosso seõor q̃ permitira tão grãde cousa, como era vir ebaixador d'hu

señor tamanho como era ho preste & Christão. E foy leuada a igreja, ôde de spois foy posta em hũa custodia douro que lhe ho gouernador mandou fazer, a que despois do embaixador contar a causa porq̃ vinha, & tudo o q̃ atras disse, lhe mostrou a carta q̃ trazia do preste pa el rey de Portugal, q̃ dizia.

Em nome do padre, & do filho & do Spirito sc̃to, tres pessoas em hũ s̃o deos. A saluação & graça d̃ nosso señoer & redẽptor Christo Iesu, filho de. N. señoer Maria a virgẽ, ho qual foy parido na casa de Belẽ: a graça & benção se ja sobre o amado hirmão, ho Christia nissimo rey Manuel, caualeyro dos mares, sugigador & forçador dos infieis & descridos mouros, prospereuos ho señoer Christo, & vos de vitoria sobre vossos inimigos, & alargue & estẽda vossos reynos: pelos rogos & deuacões dos mestejeiros do redemptor Christo, os quatro euãgelistas, Ioane, Lucas, Marcos & Mateus, suas sc̃tidades & orações vos goardẽ. Fazemos saber ao amado hirmão q̃ a nos chegarão da vossa grãde & alta casa dous mestejeiros, hũ se chamaua Ioane, dizẽdo q̃ era clerigo, & outro Ioão gomez, & disserã. Queremos mātīmẽtos & gentes. E pa esto enuiamos a vos nosso embaixador Mateus hirmão do meu seruiço, cõ licença do patriarcha Marcos q̃ nos da a benção, & mãda os clerigos a Ierusalẽ, padre nosso & de todo meu señoerio este yo da fẽ de Christo & da sc̃ta Trindade. E ele enuiou por nosso mandado a hũ vossa porto da India, dizendo que vos dariamos tãtos mantīmẽtos como os montes: & allí vos dariamos gentes tantas como as areas do mar, & foy nos dito q̃ ho señoer do Cayro fazia armada de nauios pa mãdar cõtra vossas ar-

madras, & nos vos daremos tãtas gẽtes q̃ estẽ no estreyto de Meca. s. Bebe, Almandeb, ou pera enuiardes a Iudã ou ao Toro q̃ façais desterrar estes mouros de sobre a face da terra, & nos por terra, & vos hirmão por mar, que nos somos poderosos em a terra, pera q̃ os offrecimẽtos & offertas que se apresentão ao sepulchro sc̃to, não as dẽ mais a comer aos cães. E este he ho tẽpo achegado da promessa q̃ disse Christo & sancta Maria sua madre, que disserão q̃ no derradeyro tẽpo se aleuataria ho rey da parte dos frãcos, & este daria fiaos mouros. E este he prometimẽto q̃ disse Christo & sua madre, & todo o q̃ vos Mateus nosso embaixador disser recebey como nossa pessoa & o crede, porq̃ ele he ho principal q̃ temos, q̃ se outro teueramos q̃ soubera ou entẽderã mais que ele, nos volo enuiaramos, & quiseramos enuiaruos nossa embaixada pelos vossos q̃ ca enuiastes, & tememos de vos não apresentarẽ nossas cousas como queremos. E coeste ebaixador Mateus vos enuiamos hũa cruz do lenho em q̃ foy crucificado nosso señoer Iesu Christo e Ierusalẽ, q̃ me foy de la trazido, de q̃ fiz duas cruces, hũa nos fica. & a outra vos enuiamos cõ nossa embaixada: & ho dito lenho he preto, & leua hũa argola peq̃na de prata, & quiseramos enuiaruos muyto ouro, mas cõ medo dos mouros q̃ ho tomãsem nos caminhos por ôde auia de passar, ho deixamos de fazer. E se vos ouerdes por bẽ, do q̃ nos teremos muyto cõtentamẽto quererdes nos dar vossas filhas pa nossos filhos, ou tomardes nossos filhos pera vossas filhas q̃ sera mais rezão, no mais se não q̃ a saluação & graça de nosso redẽptor Christo Iesu, & de nossa señoer sc̃ta Maria virgẽ

se estêda sobre vossos estados, & sobre vossos filhos & filhas, & sobre toda vossa casa amê. Mais vos fazemos a saber q se ordenassemos nossas gentes q encheriamos atodo ho mudo, mas não temos nenhũ poder no mar. Christo leu vos queira ajudar, q certo as cousas que tendes feyto na India sam milagrosas. E se quiserdes armar mil naos, nos as abastaremos de mantimentos.

¶ Vista polo governador esta carta, e a menção q fazia dos nossos, q ele mesmo lâgara e Felix andado no cabo de goardafũ, como ja disse, deu se ao q lhe disse Mateus q era embaixador do Preste, & q queria ir a Portugal cõ a q̃la embaixada. E pmeteolhe q na q̃lle año ho mãdaria e hũa nao: & foy em hũa em q auia dir Bernaldim freire por capitão, q auia de partir mais tarde q as outras & logo lhe ordenou nela seu gasalhado & lhe fez merce e nome del rey pa se a perceber, & encomẽdou ho a Bernaldi freire. E andado nisto veyo da terra firme Diogo fernãdes, ho adail, q fora cõ embaixada ao hidalção, sobre q soltas se a el rey astanadarias da terra firme, em q se não tomou nenhũa cõcrusam: assi polo hidalção não querer, como por auer descõcerto antre Diogo fernãdez & Ioã nauarro q hia por sua ligoa, por mil desmãchos q la fez, ate dizer q era neto do turco, & q sabia fundir artelharria, & q não era christão se não turco, & queria ficar cõ ho hidalção. E coisto fugio pola terra firme dẽtro, & tornou se mouro. E ho Hidalção respõdeo ao governador q ele alargaua de todo as ilhas de Goa, posto q erão casa de seu pay & cabeça principal de seu reyno: & as terras ele as não daua então, porque auia vergonha dos outros señores do reyno de Daquẽ, que lhe lançauão ca-

da dia e rosto q os nossos lhe tomãrão Goa, & que lha não podera defender. E cõ tudo q vẽdo ele a amizade do gouernador assentada por algũs dias, que não parecesse q lhe daua as terras com medo & por força, q então faria o que ho gouernador pedia, que deixasse assi estar tudo ate que tornasse do mar roxo, & que os dereytos q as mercadorias pagassem em Goa, saindo por suas terras que não pagarião outro dereyto nenhũ, nẽ menos as q folsẽ de sua terra, ou doutras partes & passassem por ella pera Goa, não pagarião mais dereytos que os q era costume q pagassem, & q não tolheria a seruetiã de Goa pa a terra firme, nẽ que lhe leuassem muyta soma de mantimẽtos. E porẽ ho alargar das ilhas de Goa foy fazer de necessida de virtude, por q bẽ sabia ele q a fora a fortaleza do passo de Benastari, fazia ho gouernador hũa torre em Pangim, & outra na ilha de Diuari, õde se agora chama ho passo de Noroã, & outrã no passo seco. E a pos a tornada de Diogo fernãdez, se vio ho gouernador cõ Roçalcão no passo de Benastarim, por lhe ele mãdar muytas vezes requerer que se vissem ali: & a concrusam desta vista foy pedir lhe Roçalcão pdaõ de lhe não agardecer ho offrecimẽto q lhe mandara fazer por Bastião rodri-guez quando se fora de Benastarim, & fazendo muyto grandes offrecimẽtos de seruidor del rey de Portugal, a q ho gouernador respõdeo desapegadamente q nẽ os aceitaua nẽ engeitaua. E despois disto forão algũs dos nossos ao seu arrayal. & alli vinhão de lã cada dia a Goa, & os moradores da ilha que fugirão pa a terra firme por amor da guerra acabarão de se tornar, os gentios fortemente, & tornarão a laurar & a prouel

tar a terra, & ante estes tornarão muytos officiaes q fazião bombardas & espingardas, q també fugirão da cidade cõ medo que a tomassem os mouros, & dali por diante se fazião muytas bombardas de ferro, & tão boas espingardas como em Bohemia.

Capit. xcviij. De como dõ Garcia foy a Cochí fazer a carrega pa ho rey no, & como Nabeadari assentou co ele paz antre o gouernador & el rey de Calicut, & com que cõdições.



Om Garcia que hia pera Cochim, assia fazer a carrega das naos do reyno como pera mandar correger os nauios que ficarão espadaçados do combate de Benastarin, em passando por Calicut deixou hi algũs nauios dar mada pera goardarẽ ho porto que não saíssem naos pa ho mar roxo, & daqui se foy a Cochim, onde os nauios forão corregidos, & as naos carregadas com muyta diligẽcia. E nestas escreueo ho gouernador a el rey seu seõor a vitoria de Malaca & ho feyto de Benastarin cõ todo ho mais q se passara na India, & assi lhe mandou hũ robí grãde, de muyto preço q lhe mandara el rey de Pegũ, & a raynha outro cõ astres buccas douro & manilhas de pedraria que lhe mandou a mãy del rey de Sião, & hũs chagueres de coyro pera esfriar a goa, & sam de muyta estima, porq as peles sam cortidas cõ hũa cõpostura q val muyto, & ficão cõ hũ cheiro muy suave, & mais hũas peças de pano dalgodão branco finissimo do reyno de Deli. E ao príncipe mādou ho catele de pedraria q lhe mandara el rey de Camlaya, & hũ punhal douro & pedraria, & dous moços laos peq̃nos, & assi ou-

tras peças ricas pera a infante dona Isabel, q despois foy emperatriz, & pera a duquesa de Bragaça hũa del rey. E andando dõ Garcia nesta occupação, lhe foy dada hũa carta de Nabeadari príncipe de Calicut, em q lhe screuia q se ho gouernador quisesse fazer paz cõ el rey de Calicut, que ele faria coele q a fizesse. Ao q dõ Garcia respõdeo que ele ho não sabia, porq el rey de Portugal mandaua ao gouernador q a não aceitasse polas muytas vezes q el rey de Calicut a tinha quebrada: porẽ que cõ tal condição a poderia ele fazer, & tal segurãça poderia dar q ho gouernador quebraria ho regimẽto del rey. E despois de auer antre eles algũs recados sobre este concerto, offreceose ho príncipe de fazer com el rey q desse fortaleza a Calicut no lugar q ho gouernador quisesse, & que lhe daria ametados dereytos que tinha dos seguros das naos q hião a seu porto. O que dõ Garcia escreueo logo ao gouernador, do q ele foy muyto contente, & assentou em ho fazer posto q tinha recado del rey seu seõor pera destruir Calicut: & isto lhe screuia el rey por induzimento del rey de Cochim & del rey de Cananor, a quẽ pesaua mortalmente de Calicut estar em paz, porq estando de guerra tinhão seus portos pouoados de muytos mercadores q trazião muytas mercadorias, & pagauão muyto grãdes dereytos, & por esta causa ho nã querião eles destruir, ainda q ho podião fazer ajutandose ambos de dous, & dissimulauão fazer o q não podião, & eles mesmos ho sostinhão, mandãdolhe mantimentos nas suas naos & armandolhe paraos, & etão escreuião a el rey de Portugal q el rey de Calicut era ho mais mau homẽ que podia auer no mundo. E ho

mesmo fazião escreuer aos feytos das fortalezas de Cochi & de Cananor & a seus escriuães, & ao secretario, & eles ho fazião porq os reys escreueissem bem deles. E vido ho gouernador quanto mais proueitosa era esta paz que a destruyção de Calicut, determinou de a aceitar, & porq estaua pera ir ao mar roxo, onde tinha necessidade de leuar grande armada, & deixando algũa sobre Calicut, nem deixaua cousa q lhe fizesse dano, nem leuaua de que se podesse aproueitar no estreito, & por isso escreueo a dō Garcia q aceitasse a paz, & se fosse logo a Goa, porque auia dir ao mar roxo, & que se chegaua a moução, & quando fosse leuasse consigo a Pero mazcarennhas, que auia de deixar por capitão de Goa cō seu consentimento, & auia de leuar consigo Manuel de lacerda, polo auer alli por seruiço del rey seu senhor, & que ficasse a capitania de Cochim a Jorge dalbuquerque. E dō Garcia se vio cō Nambeadarim e Crãgalor, & assentarão ambos q mandasse ho gouernador dous homens dautoridade pera acabar de assentar cō el rey de Calicut onde auia de ser a fortaleza. E concertado isto, partiose dō Garcia pa Cananor, onde achou Bernaldim freyre & Francisco pereyra pestana que forão ali abarrota. E despois de partido dō Garcia querêdo hũ dia ho embaixador do preste castigar hũa sua escrava por algũa cousa que lhe fizera, bradou el & gritou de maneyra que acodio ho capitão da fortaleza cō muyta gête, & achando as portas fechadas as mādou qbrar & êtroy dētro cō grãde onião, & a escrava do embaixador como ho vio, lhe disse q era molher do ebaixador, & que ele a queria matar & lhe daua vida que a não podia soffrer, nã por

outra causa, se não por que ho reprēdia de peccar cō hũ seu moço no vicio cōtra natura, q lhe requeria da parte de Deos & del rey de Portugal q a tirasse de seu poder. E deu por testemunas outras escravas q ho ebaixador tinha. O que ho embaixador contradisse em tudo, affirmandohō cō juramento, & q aquella não era sua molher, se não escrava: & segundo se despois disse alli era, porem ao embaixador não lhe valeo. E ho capitão lhe tirou a escrava de casa, & também as outras & entregouas a Bernaldim freyre, & ele & ho secretario q lhe aquilo fez fazer, disserão logo que Mateus não era ebaixador do preste se não truão, mouro & espia dos rumes & do Soldão, q o mādauão à India a saber o q el rey determinaua de fazer. Não lhe lembrando q de Venezianos q andauão em Portugal, ou podião lá ir, ho podia ho soldão saber mais dissimuladamente ou por mouros mercadores q hião à India, & dizião mais q sabēdo ho gouernador isto mādaua Mateus a portugal como verdadeiro ebaixador, & q se ele fora amigo do seruiço del rey q ho não ouuera de mādar, se nã quey malo, & por isto não fez Bernaldim freyre nhũa hõrra nẽ gafalhado a Mateus antes toda a desonrra & vituperio, assi na viajẽ como em Moçãbiq, onde inuernarão: & em Portugal, ele & cartas q leuaua do secretario pa el rey, q si q lhe fizesão crer q Mateus era truão enganador, & por esta causa. E escreueo despois el rey ao gouernador, dandolhe a chaqẽs sobre lhe mādar Mateus por ebaixador, em tãto q foy necessario ao gouernador escreuelhe muytas rezões por o de era verdadeyro ebaixador, principalmẽte despois que deu e Adẽ, dõ de se lançarão na nossa frota certos

Abexis catiuos do feytor q̃ ho Soldão tinha em ajuda, que disserão que conhecião Mateus, & que sabião certo que a mãy do preste tinha nele muyta confiança, & ho mãdaua a muytas partes cõ recados dimportácia. E coísto p̃ deo el rey de Portugal a sospeyta que tinha, & ho despachou & mandou com Lopo soarez, como direy a diante.

Capit. xcix. De como Pateonuz foy sobre Malaca com hũa grossissima armada, & do que os noífos fizeram.

RAssando assi estas cousas na India, Fernão perez capitão mór do mar de Malaca vêdo q̃ ella estava segura de guerra, determinou de se tornar pa a India, & porq̃ tinha recado do gouernador q̃ se fosse na moução de Janeiro se quisesse, & q̃ leualle consigo as naos de carga que leuara Diogo mendez. E estãdose apercebêdo pera sua partida, veonou a fortaleza que Pateonuz senhor de Iapora na ilha da Iaoa passara polo estreyto de Sábão cõ hũa grande armada, & alli era. Este Pateonuz era mouro, & muy esforçado caualeiro & fora vassalo do rey gentio da Iaoa, cõtra quem se reuelou como outros senhores mouros que se chamauão reys, & âtes q̃ o gouernador fosse a Malaca auia ânos que fazia hũa grossissima armada, assi com seu cabedal como com ajuda doutros señores seus parentes & amigos, & isto cõ tẽção de ir sobre Malaca, & tomala ao rey q̃ então reynaua & fazerse rey dela: & coesta determinação mandaua ele muytos Iaos morar a Malaca pera os ter de sua mão quando fosse, & estava confederado cõ Mutaraja, aq̃le que ho gouernador mandou

degolar, q̃ lhe tinha pmetida toda sua ajuda. E acabada a armada não distio de sua determinação, posto q̃ soubesse q̃ Malaca estava em poder dos noífos, porque lhe disserão q̃ erão muyto poucos & que facilmente os poderia tomar, por amor da sua armada que era muy poderosa, q̃ seria bẽ de trezentas velas antre jungos, lancharas & calaluzes, & chea de gẽte q̃ era espanto. E Pateonuz leuaua por sota capitão hũ grã señor seu parête, em q̃tãbẽ auia muyto efforço, & ho jũgo de Pateonuz era ho mayor q̃ se nũca vira naq̃las partes, & ho sota capitão apos ele. E fornecida esta armada como digo, partio se pera Malaca, & passando ho estreyto de Sábão foy visto dalgũs de Malaca, q̃ ho forão logo dizer a Ruy de britto, q̃ ho disse a Fernão perez, pa q̃ fosse saber q̃ armada era aquela, & se era tamanha como dizião: & Fernão perez se partio logo a ver se via os inimigos, & forão coele loanes impolím em sancto Antonio, & Lopo dazeuedo, Iorge boteelho, Iorge de britto, Martí guedez, & Pero de faria nos seus nauios, & forão todos ate Sábão & não virão nenhũa coula daq̃la armada, porq̃ como sayo do estreyto de Sábão se meteo logo por outro estreyto que chamão dos Saues, & foy por ele ate se poer defronte de Malaca pera tomar ali lingoa & saber o q̃ fazião os noífos, & por isso não pode Fernão perez a ver vista dela. E crendo que era mentira a noua de sua vinda, tornou se a Malaca: & fazendo se prestes pera a viajem da India, & estando perto sua partida, pareceo ao mar hum dia aa tarde a armada, que era tamanha como disse, & como vinha espalhada, quasi que cobria quanto os noífos alcançauão cõ a vista: do

q̃ eles ficarão espátados, q̃ não crião q̃ se podesse ajuntar tamanha armada, & logo Fernão perez se foy a terra pa mandar embarcar a artelharria das naos de sua cōserua que ja tinha descarregada pera se melhor carregare de mercadoria. E andando nisto, falãdo ele cō Ruy de britto sobre se pelejarião cō os inimigos, se leuantarão de palaura e palaura, que Ruy de britto como superior d Fernão perez ho mādou prēder por lhe não querer obedecer como ho gouernador mandaua e seu regimēto. E preso Fernão perez, determinou Ruy de britto de pelejar ao outro dia com a armada dos inimigos, & hila buscar o de estaua, por q̃ lhes parecesse que a não tinha e cōta, & por isso sembarcou a q̃la noyte na galé de Pero de faria; & como lhe parecesse que tinha muyta necessidade da ajuda de Fernão perez, mādou ho soltar, mādãdo lhe dizer que se fosse pa a sua nao: o que Fernão perez fez (posto q̃ estaua muyto agrauado) por que vio que em tal tēpo como aquele, & em que ho seruiço del rey estaua em tamanho perigo, que os homēs da sua qualidade por lhe acodir não se auião de lembrar da grauos del rey quãto mais de seus capitães, & por isso se recolheu logo a nao. E e amanhecendo a nossa armada se fez aa vela pa ir buscar a armada dos inimigos, q̃ no dia passado não pode aferrar porto, & cayo abaixo da fortaleza obra de tres legoas, & surtigio ao longo da terra. E erão os nossos estes capitães, Pero de faria, cō quē hia Ruy de britto, & Ayres pereyra de berredo, que era alcaide mōr da fortaleza & ficaua nela por capitão: Fernão perez, Iorge de britto, Frãcisco de melo, Marti guedez, Ião lopez daluim, Iorge botelho, Lopo dazeuedo, Antonio

dabreu, Vasco fernandez coutinho, Christouão mazcarenhas, Christouã garces, Afonso pelloa, & Simão afonso bisigudo hia cō Fernão perez, por ser ho seu nauio podre & não a pueitar de todo pera nada. E todas as nossas velas hião embandeiradas & de festa cō trōbetas & atabales, fazēdo grãdes alegrias por q̃brarē ho coração aos inimigos, & ao longo da terra hia Ninachatu & Tuão mafamede cō a gente dela pera ajudarē de terra se podessem, & quãdo não, pera q̃ foubessem os inimigos que tinham os da terra contra si, & que ajudauão os nossos.

¶ Capit. c. De como os nossos começaram de pelejar com os inimigos, & da causa porque não acabarão.



¶ Quando os nossos cō esta ordem orão ter cō os inimigos vetao a viração cō que se eles começaram de fazer a vela, & estauao todos embandeirados & cō grãde alegria de gritas & festas & grãde estrondo de seus sinos & doutros instrumentos que costumão na guerra, & era ho arroido tamanho q̃ parecia destruir se ho mūdo, & fō ele abastaua pera os nossos sēdo tão poucos auerē medo, quãto maistanta gente & tão bē armada & atabiada doutros muytos & muy ricos atabios, q̃ era fermosa cousa & espantosa de ver. E ho mesmo espanto punha ver a pouquidade dos nossos cometer tamanho numero de gente & tão sē medo, q̃ parecia q̃ os não tinham em conta: em tanto que Iorge botelho que leuaua ho nauio mais ligeiro que os outros, se adiantou & fō chegou primeiro aos inimigos, de que se logo apartarão ate quinze caluzes, & a remo en dereytarão parele dando grande grita como que ho tinham nas vnhas,

o q̃ ele nã crêdo pos a proa neles & pas-
soulhes polo meyo sem lhẽ tirar nẽ fa-
zer nenhũa mostra de peleja: & como
hia a vela, & eles a remo nã lhe poderã
chegar. E passãdo ele por eles, nã pa-
rou atẽ hõ jũgo de Pateonuz, q̃ conhe-
ceo ser a capitayna, assi por trazer ban-
deira na gauea, como por ser ho mayor
de toda a frota: de maneyra que indo
Iorge botelho pa abalroar coele, vio
que a gauea do seu nauio nã chegaua
ao chapiteo da popa do jũgo, & por is-
so deixou de ho aferrar, & começou de
lhe tirar as bõbardadas q̃ lhe ficauão
ao lume dagoa, porẽ ho iũgo era tã
forte q̃ os pelouros tornauão pera fora,
& o mesmo fez aos da galẽ de Pero de
faria q̃ vinha a pos Iorge botelho, & tã-
bẽ se pos às bõbardadas ao iũgo. E ni-
sto chegou ho resto da nossa frota, & a
dos imigos neste tẽpo se acabou de fa-
zer a vela, & se currou toda como hũa
espesa mata: o q̃ vendo Iorge botelho
& Pero dẽfaria se tirarão a fora porque
os nã colheffẽ no meyo, q̃ os matarao
todos as frechadas & lâçadas pola grã-
de altura dos iũgos, & por esta rezão
nenhũ dos nossos ousou daferir com
os imigos, que cõ suas gritas & estrôdo
q̃ digo assi çarrados tirarão caminho
do porto de Malaca, indo os nossos de
pos eles às bõbardadas cõ que lhe fize-
rão a fãz de dãnõ atẽ hõ sol posto que
surgirão os nossos pegados cõ terra, se
nã Iorge botelho, que por ser ho seu
nauio muyto veleiro & ligeiro ficou
antre os imigos esbõbardeãdo os & as-
si os outros atẽ noyte. E despois danoy-
tecer, aiũtarãse todos os nossos capitã-
es & outras pelloas principais d'a arma-
da na galẽ de Pero de faria, & Ruy de
britolhes disse q̃ bẽ viã quã poderosa
a frota dos imigos vinha, & a gẽte mais

esforçada q̃ auia naq̃las partes, & eles
quão poucos erã, & metidos ẽ nauios
muyto peq̃nos a respeito dos q̃ traziã
os imigos: & q̃ se fossem desbaratados
q̃ se perderia aq̃la fortaleza, & q̃ tãbẽ
pola multidão dos imigos, q̃ auia me-
do que se repartissem, & q̃ em quanto
hũs pelejasẽ no mar cõ a frota, peleja-
rão outros em terra cõ a fortaleza, em
que nã auia quẽ a defendesse por quã
poucos lá ficauão, & estes doẽtes & fra-
cos, que sobristo lhe dessem seus pare-
ceres. E despois q̃ sobristo ouue muy-
tos & muy diuersos, disse Fernão pe-
rez que por se escusar ho perigo da for-
teza, Ruy de brito se deuia logo de
recolher a ela, & defendela cõ essa gẽte
que teuesse, assi nossa como da terra, &
q̃ ele ficaria cõ a que estaua na frota, cõ
que pelejaria cõ a dos imigos, q̃ espera-
ua em nosso seõnor de desbaratar, porq̃
ainda q̃ fossem muytos & os seus jũgos
tã altos q̃ se nã podião aferrar, ele os
queymaria com panelas de poluora &
meteria no fundo cõ artelharia, & que
nisto nã tenha duuida por q̃ os imigos
a nã trazião: & q̃ quando lhe acõtecer
se algũ defastre, q̃ a gẽte que estaua na
fortaleza abastaria pa a defender atẽ q̃
mandassẽ pedir socorro a India, o que
seria em breue por ser a moução pa ir
lã & tornar da hi a sete meses. E parecẽ
do isto bẽ a todos, & feyto dislo auto,
& assinado por todos, foy Ruy dẽ brito
leuado a fortaleza na galẽ em q̃ estaua,
& despois que foy lã mudouse do que
deixaua assentado cõ Fernão perez &
cõ os outros capitães. E fazendo nouo
cõselho cõ os q̃ estauão na fortaleza, a-
cordou coeles que a nossa armada nã
era poderosa pa resistir ao peso dẽ rãtos
como traziã Pateonuz, e por isso os nos-
sos q̃ estauão no mar se deuia recolher

taíza, & q̃ a galé & nauíos peq̃nos se gēte do mar q̃ abastasse pa os marear se follem pa a India a dizer ao gouernador ho perigo em que ficaua a fortaleza pera lhe mandar socorro. Este accordo assinado por todos, foy leuado a Fernão perez & aos outros capitães cō req̃rimento q̃ se follem pa a fortaleza. O q̃ visto por Fernão perez, respondeo cō conselho dos outros capitães, q̃ pois Ruy de britto dera a menajē ao gouernador por aq̃la fortaleza que a defē desse cō a gente que tinha, & q̃ ele cō aq̃les fidalgos & caualeyros q̃ ali tinha, & a armada q̃ lhe ho gouernador etre gara, esperaua ē noŝo seño de desbaratar os imigos, & q̃ assi ho verião como amañeçesse: & coisto se tornou o que leuou ho requerimēto de Ruy de britto, & ele ido disse Fernão perez aos q̃ ficauão coele. Não tenha señores tão poder a descōfiança q̃ tē os da fortaleza q̃ nos mude do propósito em que estauamos d̃a manhaã cō ajuda de. N. seño pelejarmos cō os imigos & desbaratarmolos cō a ajuda, q̃ espero ē sua misericordia q̃ nos dara pera isso, do q̃ oje vi grandes sinais & muy verdadeiros, q̃ bē vistes quão pouco pfiarão ē nos cometer, sendo eles tãtos & nos tãto poucos, & vindo cō determinação de nos destruir por saberē certo quão poucos eramos, pois se seu efforço & valētia fora tãto quãto pmete ho numero deles, & junta mēte a vôtade q̃ trazião pera nos sumir: naq̃le primeyro impeto de sua chegada ho ouuerão de executar cō nos aferrar logo, porq̃ segūdo a opinião cō que partirão de sua terra, q̃ os muytos vēcē os poucos, auião de dar a vitoria por muy certa da sua parte, & pera ficarē coela nos auião logo daferar, & mais tēdo muyta confiança de si

& nenhũa de nos. E pois ho nã fizerão quando não sabião como nos defendemos, não ho farão sabēdo como offendemos, antes nos hão de ter medo, por q̃ muyto mayor ho hão dauer agora cuydando nas muytas bōbardadas, & espingardadas de q̃ escaparão, do que ho terião quando andassem em voltas na peleja: & isto estã clara, porq̃ niguē não ha medo ao perigo se não quem se vio nele. E eu tenho perami q̃ ho começo da noŝa peleja doje foy obra de noŝo seño q̃ quer q̃ a Christindade permaneça nestas partes, & a manhaã ho auéis d̃ ver craramēte na vitoria q̃ nos ha de dar cōtra estes cões, q̃ porq̃ sam do diabo, teue ho mesmo diabo poder pera meter em cabeça a Ruy de britto & aos do seu conselho q̃ era impossíuel resistirmos a tãtos imigos, não atēdo quão fracamēte se ouuerão oje no primeyro cometimēto. Portanto señores vos peço q̃ isto vos lēbre cō ho mais q̃ vos tenho dito, & q̃ não vos esqueça, q̃ pois pelejamos por seruir a deos & a el rey, q̃ noŝo seño he seruido de fostermos esta fortaleza, como quis q̃ Duarte pacheco de q̃ ja ouuirieis dizer fosse uelle a de Cochim cō menos gente do q̃ nos fomos cōtra ho poder del rey de Calicut q̃ era tres vezes mais q̃ ho de Pateonuz, & mais q̃ ao primeyro jūgo q̃ lhe meterdes no fundo ha de fugir: & como somos poucos, ho menos fūda mēto q̃ auéis de fazer, ha de ser dabalxroar coeles, se não queymalos, & traba-lhar polos meter no fundo,

Capít. c. De como Pateonuz sem ou-sar de pelejar cō Fernão perez, lhe fugio com toda sua frota, & da grã-de destruyção que os noŝos fizerão nela.



A cabadas coísto suas rezões, cō que todos ficarão persuadidos pera a batalha. E assentado q̃ desse cō aq̃la ordẽ, cada hũ se tornou a seu nauio, & se aperceberão todos, assi das almas cō mo dos corpos pera entrarẽ naq̃la peleja, que certo era muy temerosa porq̃ os nossos ao mais q̃ podião ser, serião trezentos homens, & os ãmigos de vinte cõ mil pera cima, & os mais efforçados & melhor armados, & mais determinados q̃ auia do cabo de boa Esperança pa dentro pera q̃lquer das quatro partes do mũdo. E cō quanto os nossos sabião isto não ostemião, antes a gẽte comũ parecẽdolhe q̃ os assombrava, toda a noyte cantarão & foliarão, & dauão muytas gritas, & eles tambẽ lhe respõdião cō outras, & cō muyto tanger dos seus sinos. E na cidade se fazia o mesmo, em q̃ auia grãde duuida de poderẽ os nossos escapar daq̃le lãço; & aquela noyte todos esses laos principais da cidade, & tambẽ algũs Malaios forão visitar Pateonuz, q̃ acharão em cõselho cõ todos os seus capitães sobre o que farião contra os nossos, porq̃ receaua de pelear coeles no mar pelo grãde dãnõ q̃ recebera dos nossos tiros, & parecia-lhe melhor desembarcar & cercar a fortaleza. E estes q̃ digo q̃ forão da cidade visitalo, ouuidos os pareceres de seu cõselho, lhe cõselharão q̃ não pelejassem cõ os nossos no mar, porq̃ tinham muyta poluora & artelharia, & que os auião de meter no fundo: & tambẽ se desembarcassẽ ficando os nossos no mar q̃ lhe auião de queymar a sua frota & ficarião perdidos, porque tendo os nossos ho mar, eles não pediãõ fazer aa fortaleza nenhum nojo, antes ho receberiãõ muy grande, porque os

nossos erãõ muyto efforçados, & sabião muytos ardis: & que o que deuia defazer era meterse no rio de Muar, & dalí mandar recado a el rey de Bintão que lhe mandasse sua armada que trazia artelharia, & ajuntada a sua coela desbaratarião a nossa, & despoys tomarião a fortaleza. E parecendo isto bẽ a Pateonuz, mandou q̃ se leuasse a sua frota toda ante manhã. E assi se começou de fazer a voga surda, mas não foy tão calada q̃ os nossos ho não sintissem: & sabẽdoh Fernão perez, se meteo logo no seu esquife, & correo os nossos nauios, dizẽdo do mar aos capitães q̃ dessem muytas graças a Deos, porq̃ sem peleja lhe fugiãõ os ãmigos, q̃ se leuassẽ porq̃ se lhe não fossẽ, & q̃ lhes encomendaua muyto q̃ trabalhassem polos queymar & meter no fundo, & q̃ nenhũ desse a vela ate lhe não ver desferir ho traq̃te: & assi ho fizeriãõ. E saindo ho sol ambas as armadas tinham as velas diffiridas cõ ho terreno q̃ vetaua: & Pateonuz q̃ viõ a determinação dos nossos, quiserasse acolher, & começou de fugir cõ todos os seus, & os nossos derão apos eles, & em os alcançando começão de lhe deitar panelas de poluora & outros artificios de fogo com q̃ os iungos começarão de arder. E como isto foy tão de supito & tão cõtra a esperança q̃ os ãmigos trazião de ser a victoria sua, por serẽ tãtos como erãõ, foy tamanho ho desmayo destes, em cuics iungos se ateaua ho fogo, q̃ não teuerão acordo pera mais q̃ pera se deitarẽ ao mar, & recolherse aos nauios de remo, & os outros tirauão muytas frechadas, porem não fazião mais que gastalas deualde, & os nossos empregauão bẽ seus tiros, que assi como metiãõ a hũs nauios no fundo, assi desaparelhauão

outros & lhes ferião & matauão muyta gente. E vendo Fernão perez a cousa como hia, temendose q̃ falta de poluora lhe não fizesse alcançar a mercede q̃ lhe nosso señoŕ fazia, mādoua buscar à fortaleza & outras munições pera fauorecer mais sua vitoria, & mādou chamar toda a gēte da terra q̃ folle roubar ho despojo que ficasse dos inimigos, por q̃ os nossos não auião de poder roubar tão. E sabēdo Ruy d̃ brito a vitoria q̃ os nossos hião alcançando, mādou del parar a artelharía da fortaleza & fazer grandes alegrias. E sabendo a gente da terra a causa disso, ficarão todos pasmados, por q̃ por a grande valētia dos inimigos, não se lhe podia meter em cabeça que auião de ser vencidos, mas por mais valentes que erão de cada vez se achauão peor & perdião mais gēte. O q̃ conhecēdo Pateonuz, amarrouse cō cinco iungos de seus parentes porque nestes confiaua mais, & ho seu sota capitão se amarrou cō outro iungo tēdo q̃ os nossos asferrarião, & mandarão aa outra frota q̃ ainda não era queymada, que os rodeasse & lhes ficasse como bastida: & isto porque virão q̃ não tinham remédio pera fugir por q̃ os nossos os alcãçauão, & assi era q̃ chegarão a eles antre as onze & as doze do dia. E parece q̃ quis nosso señoŕ que se juntassem assi os inimigos, pera q̃ os nossos sem andar a caça coeles fizessem a espantosa destruyção q̃ fizerão, & e chegando Marti guedez q̃ foy ho primeyro os do seu nauio, lhe deitirão panelas de poluora em hũa panguieiaoa com q̃ lhe fizerão saltar ao mar a gente q̃ trazia, & após isso aferrarão cō hũ iungo & começarão de peleiar cō os inimigos, pelejando muy efforçadamēte: & loão lopez daluim aferrou cō outro q̃ trazia

obra de duzētos laos, & ele não trazia mais q̃ trinta & dous homēs. E cō tudo abalroou ho iungo por mais cōtrariado q̃ foy dos q̃ estauão nele & entrou dentro, & dos outros capitães, hũs aferrauão, outros queymauão, & não auia nenhũ que não fizesse brauezas nũca cuydada, & assi durou a cousa bē quatro horas ou cōco, q̃ de toda a frota dos inimigos não ficou mais por queymar q̃ a capitayna, & sota capitayna cō os iungos cō que estauão amarradas, q̃ as outras assi velas de gauea, como de remo todas forão gastadas do fogo, & morta muyta gente, & outra se saluou nos iungos que digo. E por isso & por eles serē alterosos e demaisia, estauão muy afoutosto q̃ conhecēdo Fernão perez, mādou passar à sua nao os capitães de tres ou quatro nauios da sua armada, & coeles sua gēte com determinação dabalroar com Pateonuz, ou cō ho seu sota capitão, por q̃ pera quanta gente eles tinham a q̃ ele trazia era muy pouca, & ainda assi não era muyta. E isto feyto seguiu Pateonuz, que entre tanto que se deteu nisto se hia acolhendo, & os outros nauios hião apos ele: & como lhe o vēto serui a popa, alcançou a sota capitayna que hia maistraseira, & determinando de a aferrar, mandou a Fracisco de melo capitão da nao sã Christouão q̃ achou iunto consigo q̃ aferrasse pola proa, & ele aferraria por popa, & assi foy feyto, & cō muyto grande perigo dos nossos, que como os inimigos fossem muytos & muy valētes, peleiaua como homēs q̃ nisso tinham sua saluação: & assi ferirão muytos dos nossos & matarão algũs, antre os quaes foy Simão a fonso besigudo, & Fernão perez foy ferido tão mortalmēte q̃ cayo. E cō tudo os nossos ho fazião tãbē que dauão

que fazer aos inimigos & tinham muytos mortos. E estando a cousa em peso sem se declarar a vitoria por nenhũa das partes, chegou Iorge botelho, & quando ouuio a reuolta que andaua no jûgo, quizer abalroar coele, mas não pode & por isso aferrou com ho outro que andaua atraquado coele, & entra por ele com sua gente. Os inimigos q̃ ho sintirão entrar, repartense logo e duas partes, & hũs ficarão pelejando cõ os de Fernão perez, & outros acodirão d̃ roldão a Iorge botelho, & como ele trazia poucos foy tamanho o peso dos inimigos que não ho podendo sofrer lhes foy forçado recolherse ao seu galeão, & os inimigos forão de volta coele, & a ptauão riço: mas nisto Fernão perez que se tornou alevatar, pelejou tão bravamente com ajuda dos seus q̃ venceu os inimigos com que pelejava: & ficando muytos mortos no jûgo, se lançarão outros ao mar, & estes muyto feridos. E assi como estes forão desbaratados, acodio logo a Iorge botelho, & ambos de dous com sua gente tratarão os inimigos de maneyra que não escaparão se não algũs muyto feridos q̃ se deitarão ao mar, que com seu sangue se tornou logo vermelho: & assi como os dous jûgos forão despejados, assi lhes foy posto ho fogo: & ficado bem ateado, deu Fernão perez caça a Pateonuz que se hia acolhendo com os cinco jûgos, q̃ lhe não ficauão mais de toda a armada que leuara. E dandolhe os nossos caça, desfizeranlhe todos os altos as bôbardadas: & indo Fernão perez pera ho abalroar ja q̃ si noyte, deixasse vir hũa toruoadã tao forte que os espalhou a todos, & a nossa frota correu muyto risco de se perder, principalmẽte as naos grandes que era perto de terra, & sur-

girão em duas braças, & todas muyto espalhadas & assi os outros nauios: & os jûgos dos inimigos tambem surgirão, & assi Iorge botelho que lhes hia mais perto que todos. E ao outro dia se achou sô coeles, porque Fernão perez & os outros esgarrarão muyto, & como foy manhaã Iorge botelho se pos a pelejar com os jûgos que tinham cercado ho de Pateonuz, & queymou os, & meteos no fûdo sem lhes valer frechadas sem conto que lhe tirarão, & quizer fazer outro tanto ao de Pateonuz, & nã pode por lhe falecer a poluora, do que ele tirou hũ estormento pelo escriuão do galeão, pera que se soubesse que ho jûgo não se deixaua de queymar por sua culpa, & não aferrou coele por ser tão alto como disse que era: & ainda q̃ ho não fora, fora doudice aferrar com vinte homẽs que ele teria ou pouco mais, com passante de mil homẽs que andarião no jûgo. E feyta a diligencia q̃ digo pera sua honrra, tornou-se a Malaca, onde Fernão perez chegara aquela manhaã cõ a frota, & ainda estaua na ilha das naos, & dizendolhe Iorge botelho como deixaua ho iûgo de Pateonuz, & que hia por poluora pera ho acabar de queymar, mandoulha dar & logo se Iorge botelho partio em busca do iûgo, que não achou, porque tanto que ele foy ido logo veyo gente da terra & tirouho a toa pera ho alto. E dali se foy Pateonuz não leuando mais jûgos que aquele de sesenta que leuara de sua terra, a fora os nauios de reimo, que tudo foy queimado & morta a mais de sua gente, que forão bem oyto mil homẽs, & ele foy ferido: & ainda aquele jûgo hia tão arrombado de bombar-dadas que escassamente se podia ter sobre a agoa, & leuaranno com grandissi-

mo trabalho a sua terra: & Pateonuz ho mādou varar, & ho teue sempre bē goardado, & quando outros señores ho vinhão ver & consolar de seu desbara to lhe dezia que elle estaua consolado, porq̃ naquella viagē ganhara muyta honrra, pois pelejara co a mais efforça da gente que auia no mundo, & que se saluara naquele jūgo, que ele teria sempre goardado pera testemunho de sua honrra, que os laos ouuerão por tamanha q̃ ainda agora falão neste feyto, & por ele ho fizerão despois rey de hũa cidade chamada Adema. E fti que por se Pateonuz ir ho não achou Iorge bō telho, & não ho achando se tornou pa a ilha das naos, & se foy dali cō Fernão perez aa fortaleza, com os outros capitães & gente que fora na peleja, de que forão mortos muy poucos. E chegados aa fortaleza, foy Fernão perez recebi do, assi dos noĩs como dos da terra, com tanta honrra & alegria que mais não podia ser, porq̃ coesta vitoria ficarão todos liures de guerra & de fome, & com muyta abastança. E porq̃ a fortaleza ficaua segura, & se acabaua ho anno que Fernão perez prometera ao gouernador de ficar em Malaca, & por estar descōtente de Ruy de britto, partio se pera a Índia no mes de Janeiro de mil & quinhentos & treze, & forão co ele Lopo dazeuedo no seu nauio, & Antonio dabreu em santo Antonio, & na sua nao foy coele Vasco fernandez cou tinho por ser desseyto ho seu nauio, & a capitania mōr do mar ficou a João lopez daluim.

Capit. cii. De como ho gouernador dis se a seus capitães que auia dir a Adē: & de como se partio.



O gouernador que estaua em Goa fazē do a fortaleza no pa sso de Benastari, lhe acabou a cerca em to do Janeiro de mil & quinhentos & treze: & assi acabou hũa torre de quatro sobrados toda de cãta ria com suas goaritas em cada quadra, & outra torre pegada nesta, que ficaua daltura com ho adar do seu primeyro sobrado, & estaua sobre ho rio, & era enmadeyrada sobre grossos piares, & cuberta a modo deirado que fazia ro sto aa terra firme pera o de jugaua a ar telharia grossa, & a o pē da torre gran de estaua hũ poço dagoa. E assi mādou edificar outra torre em Pangim, de q̃ as paredes parecião sobre a terra, & ou tras no passo de Noroã & no passo se co. E tēdo ho gouernador isto neste pō to, sabendo que vinha dō Garcia, em barcou se pera hirē ao mar roxo, & des pois de ele vido fez ainda detēga obra de cinco dias, em que despachou a hũ Francisco nogueyra, & a Gonçalo mē dez que fora feytor de Cananor pera q̃ fossem ābos de dous assentar a paz cō el rey de Calicut & lhes dar fortaleza como ho principe tinha dito a dom Garcia. E partidos estes tendo ho gouernador juntos os seus capitães na sua nao, lhes disse que as cousas que ele tinha por regimento del rey, não as auia de poer em cōselho se as faria ou não, & por isso lhes noteficaua que a deter minação del rey seu senhor era q̃ fosse a Adem pera a tomar se podesse, & des pois entrar ho estreito de Meca. E cō tudo se ouesse algũs incōueniētes pa aquela ida que lhos dissessem: todos dis serão que nao sentião nenhũ, mas que era necessário fazer aquella viagem que

el rey mādaua que se fizesse, & assi ho
 assinarão em hũ auto que se disse fez,
 & despois se tornarão os capitães aas
 naos & nauios da frota, q̃ erão dezoy-
 ro com hũa carauela. E os capitães a fo-
 ra o gouernador, erão estes, dō Garcia
 de noronha, Manuel de lacerda, Lopo
 vaz de sam Payo, dom Ioão de lima,
 dō Ioão deça, Pero dafonseca de cra-
 sto, Simão velho, Fernão gomez de le-
 mos, Ayres da silua, Simão dandrade,
 Antonio raposo, Duarte de melo, Ruy
 galuão, Iorge da silueira, Garcia de sou-
 za, Diogo fernandez de beja, & Ioão
 gomez cheira dinheiro. E hião nesta
 frota mil & sete cētos homēs Portugue-
 ses, & mil Canarins & Malabares: &
 deixaua ho gouernador quatro centos
 dos nossos e Goa a fora os da terra, &
 seys fustas nomar, & por capitão mōr
 delas Ioão machado, & na fortaleza
 de Benastarim por alcayde mōr Ruy
 pereyra, & assi ela como a de Goa muy
 ben bastiçada darteiharria. E ao outro
 dia despois deste conselho que digo, q̃
 era em Março de mil & quinhentos &
 treze, se partio da barra de Goa leuā-
 do a rota do cabo de Coardafū, & por
 achar bonanças no Golfam, se deteu
 mais dias do que leuaua gizado, pelo q̃
 lhe faleceo a agoa, & por isso a foy to-
 mar a çacotorā, dōde algūs mouros far-
 taquis que hi estauão fugirão cō medo
 da nossa frota. E antes que ho gouerna-
 dor surgisse, mandou a Ioão gomez q̃
 fosse espiar a ponta de Calancea se auia
 nela algũ barco de Fartaque, pera que
 ho tomasse por não ir dar noua de sua
 ida ou algũa nao do estreito, q̃ fizesse
 hi agoada. E tornandose Ioão gomez
 se achar nada, topou hũa nao de Chaul
 que hia pera ho estreito, q̃ ho gouerna-
 dor reteue pera se ajudar do seu piloto

na carreira Dadem porque ho não le-
 uaua. E porque ele sabia camanha cou-
 sa era Adem, & quão prestes tinha ho
 socorro, quis ir dali determinado no
 modo que auia deter no combate, por
 que pouco mais ou menos tinha enfor-
 mação do sitio Dadē: & ajūtando seus
 capitães, lhes disse. Todos señores sa-
 beis que em muyto mōr medo põe ho
 perigo que se não espera, que aquele
 pera que homem vay apercebido. Isto
 digo a proposito da cidade Dadem q̃
 himos cometer, do que seus morado-
 res estarão bem descuydados, porque
 de lhes parecer que na India teremos
 muyta occupação, estarão descuydados
 da nossa ida: & quão menos apercebi-
 dos esteuerem parela, tanto mayor es-
 panto terão de nossa chegada, q̃ como
 louuado seja nosso señor tem noua de
 quanto nos ajuda na India, hão de crer
 que pois os himos buscar, que auemos
 de fazer a eles o que fizemos a outros.
 E coeste credito muyto mōr medo nos
 hão dauar se os cometemos em chegā-
 do do que auerão se ho dilatarmos, por
 que auēdo dilação pode ser q̃ entrarão
 em si, & conhecerão q̃ sam homēs, &
 que tē armas offensiuas & defensiuas,
 & quererão prouar dita, & mais tendo
 ho socorro tão perto que lhe não tarda-
 ra nada. E por isso não auendo algũ im-
 pidimento que nolo impida, logo em
 chegando lhe ponhamos as mãos, ou
 pelas portas com vay & vês se as fecha-
 rem, ou polos muros a escala vista. E as-
 sentado isto se partio, & em saindo de
 çacotorā, lhe deu hũ temporal de vēto
 sul & susueste muy grande, em tão q̃
 as nossas naos cō a força dele perderão
 os caturos que leuauão por popa, & fo-
 rão assi ate aferrar a terra da costa do
 cabo de Coardafum pera dentro. E co-

steando dali foy afrota auer vista Da-
dem.

Capit. ciiij. Do sitio da cidade Dadê
& de sua nobreza, & de que senho-
rio he.



Ve hũa cidade porto de
mar na costa Darabia
trinta legoas das portas
do estreito de Meca, &
esta é doze graos da bā-
da do norte, a sua cerca era então ma-
yor que a Deuora, & a pouoação de de-
tro do tamanho de beja. Era muyto fer-
mosa de casas altas de sobrados & ter-
radas por cima, de muytas genelas &
chaminês a nossa maneyra, & tudo acá
felado de gesso. E assi os muros, torres,
cobelos & baluartes, pelo q se parece
de longe. Esta quasi como em ilha situa-
da ao pé de hũa serra q vê do sertão a-
cabar no mar, & he talhada a piq & ne-
la çarrão os muros da cidade, & a serra
por sua fortaleza, escusa ali tanto lanço
de muro quanto ela ocupa, & por isso
ho não ha ali: & desta banda estauão
duas torres & hũ baluarte bẽ artilha-
dos. Esta serra que digo se chama aizi-
na & he toda de pedra sem nenhũa ar-
uore nẽ herua, ao pé dela se faz ho por-
to da cidade, em que geralmente anco-
rão as naos estrájeiras & chamasse fo-
cate. Tẽ mais neste porto ao pé da mes-
ma serra hũa ilhetã q se chama Cira,
& a traueçsa dela hũ molde ao porto q
lho abriga dos leuantes, & no cabo de-
ste molde tẽ na terra firme hũ baluar-
te muy forte: & esta ilha não tem agoas.
Tem esta cidade duas portas, hũa da
bãda do sertão outra da bãda do mar,
tem outro porto q se chama Hugufu
detras desta serra da banda do leuante
abrigado de todos os ventos & de boõ
fundo, mas não he de tanta seruentia

como ho de focate: & desta banda sae
do mar hũ esteyro cõ que a cidade fi-
ca quasi em ilha, porq ho esteyro não
se torna ao mar, mas fazse em alagoas
per hũ campo, per que atraueçsa hũa
grande estrada a cidade, & ho esteyro
tem hũa ponte grande & fermosa por
onde se serue a cidade da terra firme, q
se chama Zebid, onde ho xequê Dadê
estã ho mais do tẽpo. Deste porto de
Hugufu a duas legoas defronte da ser-
ra Dadê estã hũa aldeã chamada Ru-
baca, em que auera dezaseys poços da
goa, donde vay por canos cayr em hũ
grande tanque hũa legoa da cidade, &
não ha nela outra pa beber se não esta
porque he a terra tão quẽte & seca que
logo se faz dous tres años que não cho-
ue, se não se ha algũa toruoadã. Pela cu-
miada desta serra daizina estã muy-
tos castelinhos q parecem do mar, &
sãm tantos que parece que forão mais
pera fermosura da cidade que pera for-
taleza, & fazemse neles fogos de noyte
quãdo ha inimigos, pera que socorrão
da terra. E com quanto esta terra he se-
ca, acidade he muy abastada de manti-
mentos. s. carnes, trigo, fruytas como
as nossas, arroz que lhe vay da Índia,
& he ho seu porto de grãde escala, pri-
cipalmente despois que os nossos ga-
nharão a Índia, porq as naos do estre-
ito de Meca cõ medo das nossas arma-
das não podião nauegar em seu tẽpo
verdadeiro, & por ser tarde quãdo tor-
nauão da Índia não podião entrar ho
estreito & ficauão em Adem, & por is-
so se forão hí morar muytos merca-
des de Iudã, & coestes & com os que
dantes morauão se fez de grande trato
& ha sempre no seu porto muytas naos
de Iudã que lhe leuão cobre, azougue,
vermelhão, coral, panos de seda & de

laã, & assi de Barbora & Zeyla com ouro & marfim, & do Malabar com especiaria & droga, de Cambaya cõ roupa dalgodão & muytas cousas ricas. He pouoada de mouros & dalgũs judeus, sam todos brancos, assi homens como molheres, & comunmente bem despostos, falão lingoa jê Arabica: he gête muyto viciosa & mímofa, & tratasse muyto bem no comer & no vestir, vestêse de panos dalgodão muyto finos, & de seda & de laã, não sam pera fazer guerra fora de suas casas, mas se os cometem defendêse bem: os fidalgos andão a caualo, porque ha antreles muytos & muyto bõs, & assi camelos de q se seruem nos seruigos de casa. Tem senhor sobre si, que se chama Xe q, grão senhor de terras & de tesouros, estaua sempre no sertão, como disse em boas cidades. Em Adê tinha hũ governador de nação Abexim chamado Mira mergena valente caualeyro com muyta gente de guerra.

Capit. ciiij. De como ho governador surgio no porto Dadê, & se apercebeo pera a combater.



Es pois do governador auer vista Dadem, que foy a quinta feyra da cea a noyte. Ao outro dia que foy festa feyra dẽdoenças ao meyo dia, chegou ao porto, & com quanto hia determinado, que em chegãdo se lhe desse combate, não pode ser por vêtar logo tanto leuante, & tão riço que as nossas naos corrião risco, & mais porque não poderão entrar no mais abrigado do porto, por amor das naos q ho tinham occupado, assi estrangeiras como naturais, que serião bẽ sessenta. E por isso aos

nossos lhes conueo surgir quasi fora do porto, & com a tormenta que fazia se deteuerão hũ pedaço em segurar a frota das amarras, que naos ouue hi que se não segurasão cõ menos de quatro ancoras. Esta tormenta & detença, começou de ser causa de se não tomar a cidade, porque se a cometerão em chegãdo, estauão os mouros tão medrosos da supita vinda dos nossos que se não ouuerão de defender, nem somente tinham portas a porta q estaua da bãda do mar. E como Mira mergena viu q ho não cometião, mandou logo pedir socorro aa terra firme, & fortaleceose ho melhor q pode. E pera antreter ho governador com enganos de paz, depois dacalmar ho vento, mandoulhe perguntar per hũ mouro de Cananor quem era, & que queria. E ho governador lhe respondeo que era capitão geral, & governador da India por el rey de Portugal, & q vinha ali pera poer a quella cidade a sua obediência, & despois ir buscar os rumes a Iudã & a çuez para pelejar coeles, por q lhe dizião os mouros da India q fazia là ho Soldão hũ armada pera a mãdar à India cõtra os Portugueses. & por lhes escusar trabalho & saberein quão pouco os temia os hia buscar. E ho governador deu assi esta resposta, porque sabia que os mouros sam muyto reboções, & hão grãde medo de feros. E Mira mergena algũ tanto ouue medo destes, & mãdou hũ presente ao governador de carneyros, galinhas & muytas fruytas, dizendo q a cidade era del rey de Portugal, & que se auia de fazer nela tudo quãto ele quisesse. Ho governador pera mais aflombrar os mouros, & os prouocar a se lhe entregarem, fez que não queria tomar ho presente, dizendo q os não auia de

tomar ate não assentar amizade. E por ho mellejeiro de Mira mergena aprear que ho tomasse, & que desse a amizade por assentada: o governador lhe disse que oulhasse bem o q dizia, porq cõ aquela cõdição tomava ho presente & q assi ho dissesse a Mira mergena & que se ele estava a obediência del rey de Portugal que abrisse as portas da cidade, & recebesse sua badeira & gête, porque alli ho fazião os reys & senhores da India. E mandou dizer aos mercadores estrangeiros & naturais, senhores das naos que estauão no porto que se viessem pera suas naos, & que lhes daua seguro, & lhes fazia tornar o que lhe os nossos tinham ja tomado. E isto lhes mandava dizer pera os tirar fora da cidade & ficar menos gente a Mira mergena, porque vendose com pouca se entregasse mais asinha. E porẽ como ele andava com enganos, respõdeo ao governador, q como ele estava naqila cidade por mão do Xequê, cujo governador era, não a podia entregar sem fazer coele algũ comprimento, q ja lho tinha mada do dizer, & que entre tãto lhe pedia q se vissem ambos na ribeira da cidade cada hũ com vinte homens. E os mercadores respõderão que se as suas naos não forão ja entradas dos nossos que eles se forão parelas, mas pois ho erão q melhor estauão na cidade. E logo pareceo ao governador nestas repostas, que os recados passados de Mira mergena erão dissimulações. E por que era tarde & não auia tempo pera nada, quis tambem dissimular coele: & respondelhe que era escusado verense ambos, se não dentro na cidade, & aos mercadores que lhes prometia de lhes mandar tornar tudo quanto dissessem q lhes faltava, por isso que não deixas-

sem de ir pera suas naos. E como Mira mergena viu que por aquele dia ho governador não podia cometer a cidade, & que tinha tempo pera se fortalecer, escreveu logo hũa carta pera ho defender, em q dizia que os mercadores naquela terra fazião o que ho senhor dela ou seu governador lhes madaua, & por isso a cada hũ deles & não aos mercadores auia descreuer, q eles lhe responderião, & que mal podera ele cuydar q indo os frangues pera tomar Adem, se auião de contentar dhũs poucos de paos. E entendendo ho governador por esta carta que auia de tomar a cidade por força, chamou acõselho os capitães da frota somete, & disse-lhes. Pois nosso senhor por sua piedade nos quis fazer tamanha merce, q fossẽmos os primeyros Portugueses que cometamos esta cidade, rezão he q confiados em sua misericordia nos esforcemos, & façamos de maneyra que se não possa dizer por nos, que se outros vierão ho fizerão melhor, & se assi ho fizermos vingaremos as brassẽias com q estes perros offendem a magestade diuina, & ganharemos fama, & adquiriremos proueito com tãto boõ seruiço, como sera ganhar hũa cidade tã populosa, escala de toda a nauegação dos mouros do mar roxo, & chaue de toda a fortaleza do estreito, que tomada tira toda a esperança ao Soldão de mandar armadas aa India, & a nós de todos os sobre saltos em q nos põe cada dia a vida dos rumes, & tirará a esperança dela aos mouros da India, & acabarão de se entregar por vassallos del rey meu senhor, no que receberemos grande descanso com ficar liures do trabalho da guerra: & pois acabada esta que temos antre as mãos se acaba pera nos tanta

fadiga, posto que agora a leuemos cõ pelear não nos pareça se não descansar pois coela ho alcançamos; & toda nossa vitoria consiste e pelearmos tambẽ q̃ ganhemos a porta da serra, & se a nã ganhemos não fazemos nada, porque como somos poucos, & ho socorro dos inimigos esta certo ser muyto endemiafia, tendo esta porta por sua tornarão a entrar facilmente, & por força nos hão de fazer recolher aas naos, & se lhe tomamos esta porta por mais q̃ venhão leuemente lhe defenderemos a entrada pola fortaleza do lugar por onde ha de ser. Por isso senhores vos peço muyto que isto leueis na memoria, despois de vos lembrar que pelejais por amor de nosso senhor. Todos responderão que assi ho farião, & que com sua ajuda esperauão de poder acabar aquele feyto, & que do mais tinham confiança em sua piedade que proueria tudo como era necessario. E ali se assentou que a cidade fosse cometida pela banda do mar, que era hũ lanço de muro tamanho como da porta doura de Lisboa ate a da ribeyra. & que os capitães fossem repartidos em duas partes, & hũa em que entrarião Manuel de lacerda, Ayres da silua, dom Ioão de lima, dom Ioão deça, Garcia de souza, Jorge da silueira, Duarte de melo, Antonio raposo, Ioão gomez cheira dinheiro, & Io hão fidalgo capitão da ordenança, hirião com ho gouernador & escalariaão a cidade pela parte que digo. E os capitães que ficauão, que erão Simão dandrade, Diogo fernandez de beja. Lopo vaz de sam Payo, Ruy galuão, Pero da fonsaca de crasto, Simão velho & Fernão gomez de lemos irião com dom Garcia, & em os que fossem com ho gouernador começando descalar, come-

terião a porta da cidade, que estaua pera ho mar, neste lanço por onde auia de ser ho combate, & alem desta porta escalaria Ioão fidalgo coma sua gente da ordenança; & tanto que sobissem ao muro, trabalhasse logo por ganhar a serra. E não pareceo bẽ que a cidade se escalasse por mais partes q̃ por esta, porque os nossos erão poucos como disse & tinham poucas escadas, & por muytas partes não poderiãõ dhũ golpe poer gente no muro que corresse por ele sem medo & decesse a cidade, o que seria ao contrayro escalando por aquela sã parte. E isto assentado, entẽderão todos em se confessar; & nesta noyte ou na passada fugio da cidade hũ Abexim Christão, que fora catiuo dos mouros indo em romaria pera Ierusalẽ, & estaua em Adem. E deste soube ho gouernador que Mateus ho embaixador do preste que na India diziaõ, que ho nã era, se não espia do Sol dão, q̃ era homẽ em que a mãy do preste tinha muyta confiança, & q̃ ho mandaua cõ recados a muytas partes. E assi lhe deu muyta enformação do preste & de seu senhorio. E como estaua catiuo nã lhe soube dizer nada do que os inimigos determinauão, se não affirmar lhe que se os nossos pelejassem bẽ que a tomarião; & assiera, por q̃ Mira merena se soube despois que estaua descõfiado dos seus ho ajudarem, & toda sua confiança tinha nos estrangeiros, & assi lho disse, & os animou pera a peleja. Lembrãdolhe quão pouco duraria sua ley naquelas partes se os nossos tomassem a cidade, & que muy cedo tomarião a casa de Meca & a destruyrião, o que seria muy grande desonrra de sua ley. E assentou coeles que toda sua força fizessem em defender a serra, onde

se recolherião se os nossos entrassem a cidade, & que dali se restaurarião com ho socorro que esperauão, & fizerão tranqueyras nas bocas das ruas q̄ sayão pera a ferra, em que assêtarão artelharia, & allí taparão a porta do mar com lemes de naos, tamanha era a pressa q̄ não poderão com mais, & esperarão o que os nossos farião.

Capit. cv. De como a cidade Dadê foy lescalada pelos nossos, & do que hes acontoceo.



O outro dia ante manhã, que foy vespora de Pascoa, se embarcou ho governador cō todos os capitães & gēte da frota, & em rompêdo ho dia abalarão pera a cidade, & hū capelão do governador que hia coele no seu batel leuaua vestida hūa sobrepeliz, & nas mãos aruorada hūa cruz de prata com hū crucifixo, & dezia alto como aquella imagē que vião representaua a de Deos verdadeyro crucificado por lhes dar a glória do paraíso, por isso se deuião desforçar pera exaltar sua sc̄tã fe, & allí outras cousas cō que mouia todos a deuacão, & coisto chegarão a terra, em que poiarão sem nenhū trabalho, porque os inimigos estauão todos recolhidos na cidade, & algūs apparecião sobre ho muro, mas tão poucos que não abastauão pera resistir aos nossos, que coisto receberão muyto grande danno, porque os capitães que hião ordenados pera escalar, ou por cobiza da glória da primeyra entrada na cidade, ou por se prezarem mais de bōs caualeyros que de bōs capitães quiserão sobir primeyro que a sua gente. E ho primeyro que pos a sua

escada no muro foy dom João de lima, & logo sobio por ela com hū paje seu chamado Diogo estaço natural Deuora que lhe leuaua ho seu guião, & hia diante dele. E vendo os mouros q̄ estauão sobre ho muro sobir estes dous acodirão logo ali, & começarão de lhes tirar muytas frechadas, zagunchadas & pedradas; & de tudo isto foy morto Diogo estaço, & dom João ferido de seys feridas & pisado de muytas pedradas, pelo q̄ ninguē quis sobir a pos ele. E vendo que ninguem sobia & que não podia resistir aos que lhe cōtrariã uo tornou-se a decer, bradando se auia algūs caualeyros que quisessem sobir por aquela escada & pos se ao pé delas. Acodio então dom Garcia de noronha & disse que ele queria sobir: o que lhe dom João estoruou, dizendo que não era bem que sobisse, porque acontecedolhe algū desastre se pderia muyto, & por isso não sobio dom Garcia & sobirão outros. Neste tempo tinha ja sobido ao muro Jorge da silueira, q̄ foy ho segundo que sobio a pos dom João & hū criado seu coele, & sobio se cōtra dição por os mouros q̄ estauão sobre ho muro estarem afastados daquele lugar onde sobio, & logo aruorou seu guião, dizendo. Vitoria, vitoria. E os nossos que tinham postas as escadas alioraçaranse tanto vendo ho sobre ho muro, que começarão muyto de pressa a sobir por elas, & sobio logo dō João deça, & coele Gaspar cão & hū Jorge dorta & outros ate oytto homēs; & isto sem resistencia, por ser perto donde sobira Jorge da silueira. E com quanto os mouros que estauão no muro erão poucos, não fugirão logo em vendo sobir os nossos, antes resistião muy fortemēte, p̄cipalmēte dō sobião Manuel de

lacerda & João gomez cheira dinheiro & forão feridos algũs dos nossos, antre os quais foy Antonio ferreyra fogaça, q̃ foy derribado da escada abaixo. E como os capitães erã os primeiros q̃ sobiã & a sua gẽte ficaua sem quẽ os mãdasse, começa dauer tamanha desordẽ no sobir, & carregar tanta gẽte sobre as escadas q̃ começarão de quebrar, & a primeyra foy a de Garcia de souza, ido ele tão pto do muro que sentindo quebrar a escada lançou as mãos a ele & ficou de pẽdurado. Ho governador estaua ali muyto agastado de ver a desordẽ dos capitães no sobir, & alli de sua gẽte, bradando a todos q̃ se não desordenassem porẽ aproueitaua pouco, q̃ ho aluorogo dos nossos era tamanho, & assi a desordẽ, que nem dauão polos brados do gouernador nẽ polas pancadas q̃ daua pa meter a gente em ordẽ. E vẽdo ele que brada a escada de Garcia de souza, mãdolhe acodir cõ outra por onde se deaceo: & Garcia de souza não quis tornar a sobir ao muro por escada & foyse ao longo dele, & logo hi pto estaua hũ cobelo q̃ tinha hũa bõbardeira rasteira cõ hũa bõbarda q̃ Garcia de souza cõ outros da sua nao afastou & entrou por ali coeles, q̃ ferião ate sesẽta homens, & apossouse do mesmo cobelo cõ determinação de se fazer ali forte ate etrar mais gẽte, pera q̃ feytose em corpo decessẽ à cidade & pelejasse com os mouros q̃ parecião muytos & estauão recolhidos pera a bãda da serra sem ousarẽ ate então de resistir aos nossos, q̃ como digose apressauão muyto a sobir polas escadas sem dar pelo q̃ ho governador lhes dizia, q̃ temẽdo o q̃ foy mandou aos alabar deiros da sua goarda q̃ possessem as alabardas por forquilhas de baixo das escadas pera as ajudarẽ a soste-

q̃ não quebrassem, mastudo isto não aproueitou nada, & as escadas q̃brarão, & quebrarão as alabardas & os alabar deiros cayrão debaixo da gẽte, de que hũs forão escala urados outros pisados, & cõ tudo aleuantarãse logo. E neste tẽpo quebrou tambẽ a escada dos da ordenança, tendo ja sobido sobre ho muro Anriq̃ homẽ hũ dos seus capitães cõ obra de cẽ homẽs, & João fidalgo ho outro capitão estaua ao pẽ do muro, a q̃ ho governador logo mandou q̃ fosse ao lōgo dele contra a ferra, & trabalhasse por sobir a ela, & dali decer à cidade, õde se ajuntaria cõ Anriq̃ homẽ que tambẽ hia pera lã. E mandandolhe ho governador isto, tornou sobre os nossos onde quebrarão as escadas, & achou de posse do cobelo a Garcia de souza & cõ seu guião leuantado: & assi outros polo muro q̃ estauão encima q̃ndo as escadas q̃brarão, q̃ forão Vicẽte dalbuquerque, Ruy palha de Sãtarẽ, loão gõçaluez de castelo branco, Manuel da costa feytor das p̃sas, loão datayde, & dõ Aluaro de crasto. E os nossos muyto aluorogados q̃ carregauão todos ao pẽ do cobelo pera entrar, & por q̃ não cabião pola bõbardeira, mandou ho governador destapar outra tambẽ rasteira q̃ estaua no muro a partada desta tão espaço quãto occupaua a roda do cobelo: & por esta q̃ ho governador mandou abrir apparecerão muytos mouros e hũ terreyro q̃ se ali fazia, a q̃ ho governador mãdou logo tirar pelos bẽsteiros & espigardeiros q̃ os fizerão afastar pera hũa ilhargã, & os nossos começarão dẽtrar, & ho primeyro foy ho clerigo q̃ leuaua a cruz, pedindo a todos por amor de nosso senhor q̃ entrassẽ, & logo entrarão. Ayres da illua, Antonio raposo, Duarte

de melo com ate corêta homês. E nisto chegou ali dô Garcia, q̃ indo cometer a porta q̃ lhe era encomêdada q̃ cometeisse, achou as portas muy bẽ fechadas q̃ não erão fortes, & tinhão hũas gre-tas por q̃ se via o q̃ estaua dêtro, q̃ era pouca gête, nẽ em duas torres q̃ goar-dauão a porta dhũa banda & da outra Bradará então os capitães por hũ vay & vê que dô Garcia mandara levar pa-quebrarẽ a porta, & os q̃ ho leuauão po-ferão tão pouca diligência q̃ quando che-gou tapauão de dêtro a porta de pedra & barro sem os nossos poderẽ estoruar q̃ a não tapassẽ, & nas torres & sobre ho muro auia muytos mouros q̃ derri-bauã de cima grãdes pedras, & cõ hũa derribarão a Simão dâdrade: & assi se acabou a porta de tapar. O q̃ vêdo dô Garcia, & parecêdolhe trabalho perdi-do estar ali mais, por lhe nã matarẽ os nossos se foy ôdestaua ho gouernador, rogando aos capitães & â outra gête q̃ estaua hi toda jũta q̃ entrassẽ pola bõ-bardeira q̃ mãdara abrir, & dô Garcia tambe lho ajudou a rogar, mas nenhũ dos capitães quis êtrar. E a causa disso, foy por q̃ dô Garcia não entraua, q̃ mo-straua q̃ era capitão môr & eles capitães pequenos, & ouuerão isto por tama-nha desonrra q̃ não quiserão entrar, & se dô Garcia entrara, eles êtrarão. E ho por q̃ tambe deixarão dêtrar, foy com enueja de Garcia de souza q̃ entrou pri-meiro q̃ todos, & se se tomara a cida-de, ele ouuera de levar toda a hõrra, & não querêdo entrar, não quis êtrar a ou-tra gête, q̃ se entrarão a cidade fora to-mada, por q̃ segũdo parecia os mouros não ousauão de bolir consigo. E bẽ se viu, por q̃ despois dentrarẽ Antonio ra-pozo, Ayres da silua cõ outros que disse aida q̃ erão poucos, nã ousarão os mou-

ros de os cometer. E esperando Ayres da silua q̃ entrasse mais gête pera se fa-zer em corpo & dar nos mouros q̃ ali parecião polas bocas das ruas que erão muytos, possẽ naq̃le terreiro q̃ se fazia diante do cobelo em q̃ estaua Garcia de souza, & vêdo q̃ tardaua a gête em entrar, requereo a Garcia de souza que decesse do cobelo & se ajutassẽ todos, & darião nos mouros. E ele lhe pedio q̃ sobisse & q̃ se farião fortes naq̃le co-belo ate entrar mais gête, por q̃ assi ho fizera ho cõde de Monsanto na toma-da Darzila, & q̃ isto seria melhor que irẽ cometer os mouros sendo tão pou-cos, pois dali a pouco os podião come-ter sendo muytos, & estaua mais certo desbaratalos do q̃ então estaua. E Ay-res da silua não quis, o q̃ tambe foy cau-sa de se a cidade nã tomar. E em quãto estauão nestas praticas polos rogos q̃ dô Garcia fazia â gête q̃ entrasse, pois os capitães não querião entrar. Hũ ho-mẽ que tinha ho guião de Manuel de lacerda (cujo nome não pude saber) fin-cou a lança na areia, & arracãdo da espa-da, & abraçãdo a adarga, disse q̃ lhe desse lugar q̃ queria êtrar, & entrou, & aposele entrarão hũ loão de meira & frey Christouão çarnache, caualeyro da ordẽ do spirtual de sam loão de Ieru-salẽ, q̃ agora he comêdador de Poiares jũto de Lamego, Baltesar môteiro do porto, Antri q̃ figueyra filho dhũ alcaí de d̃ Lisboa, & loão de caminha q̃ ago-ra he vedor da ifante dona Isabel: & es-tes erão da capitania de Manuel de la-cerda, q̃ nã quis êtrar coeles nẽ entrou mais ninguẽ. E cuydando eles que en-trassem, passarão auante, & forão dar Santiago nos mouros, assi Ayres da sil-ua & os outros que estauão coele, & en-tão deixarão de tirar os nossos espigar

deiros & bêteiros porque os não matassem. E cuydando os mouros que entrassẽ mais dos nossos, deixauãse estar com quanto erã muyto mais que eles, & defendianse dali muy bem, & os nossos matarão algũs deles, a fora muytos que os espingardeiros & bêteiros tinham mortos pola bõbardeira. E estádo nisto, Anrique homẽ que ficou no muro com os q̃ disse da ordenança foy correndo por ele ate chegar à terra onde sobio pera dẽcer a cidade, & os mouros que estauão nela ho não deixarão, & resistiranlhe tão fortemente cõ frechadas, & galgas que deitauão pela terra abaixo q̃ ho fez fugir cõ lhe matar algũa gente, & tão desmandada vinha que desbaratou a de Ioão fidalgo que queria sobir, & affihũs como os outros se desordenarão de maneyra que aida que ho governador acodio pera os fazer tornar a sobir nunca pode. E entẽdẽdo Mira mergena ho desbarato dos da ordenança que hião cometer a terra, & que nem polo muro nem pelas bombardeiras não entrãuão dos nossos mais que os que disse, ouue os que estauão dẽtro por perdidos; & armado de hũa faya de malha & de hũ capacete encima de hũ caualo, ajũta dos seus hũ boõ golpe pera ir sobre os nossos. E passando polo pé do muro onde estaua Jorge da silueira, como ho muro da parte de dentro não era daltura dhũ homem, lançou hũ mouro mão da haste do seu guião & leuouho; o que vẽdo Jorge da silueira como era caualeyro de muyto efforço, lançouse logo do muro abaixo antre os imigos pa cobrar o seu guião, & começou de ferir neles, em que fez muyto pouco danno porque acodio logo Mira mergena, & encontrouho cõ ho caualo & derribouho, & ali foy mor

to; & tambeẽ ho ouuera de ser dõ Ioã deça q̃ estaua abaixo do cobelo de Garcia de souza, & saltou em baixo pa lhe acodir, & quando ho vio matar retirou se pera ho muro, dondelhe deu a mão hũ bombardeiro chamado Gales, que ho ajudou a tornar a sobir, & dali se defendeo com outros algũs dos mouros que ali ficarão pelejando coeles. E Mira mergena passou auante & deu em Ayres da silua & nos outros nossos que estauão pelejando com os seus que cobrarão coração com a vinda de Mira mergena, & derão tão riço nos nossos que os fizerão retirar pera ho pé do cobelo onde estaua Garcia de souza, & neste retirar forão muytos dos nossos feridos, principalmente Ayres da silua, que dizem que ficou quasi sem acordio & Ioão de meira, a quem quasi deceparão hũa perna, & Ioão de caminha ouue hũa frechada em hũ dedo da mão dẽreyta de que despois ficou aleijado, & ficarão tão maltratados q̃ se os mouros apertarão coeles ouuerãnos de matar a todos, mas não ouusauão de se chegar muyto porq̃ ficauão descubertos da bombardeira por õde lhe os nossos espingardeiros & bêteiros q̃ estauão de fora tirauão. E Garcia de souza que estaua no cobelo, nẽ os outros que estauão sobre ho muro nã lhe podião acodir, porque tinhão bẽ que fazer em se defender dos mouros q̃ neste tpo os apertauão muyto cõ frechadas & pedradas, & eles lhe nã podião fazer nenhũ nojo porq̃ não tinhão laças, q̃ como auião descalar não as leuauão, & tambeẽ erã tantos, & ho cobelo tão peq̃no q̃ se nã podião reuoluer, & nẽ podião valer se a si nẽ acodir aos q̃ digo, q̃ nosso seõor saluou milagrosamẽte q̃ nã ferẽ todos mortos, porque estãdo neste cõ

flito, vendo os mouros que lhes não podião chegar cō medo de se descobri-
 aos nossos espingardeiros, determina-
 rão de os queymar, & foy com feixes
 de palha que algũs poserão nas pontas
 das lanças pera lhe chegarem de longe
 & se não descobrirem. E este ardil da
 palha inuentarão por não terẽ nenhũs
 artefícios de fogo, & ele foy o que fez
 saluar os nossos, porque posto ho fogo
 na palha foy tão grande ho fumo que
 se não vião hũs aos outros. E vendo os
 nossos como nosso senhor os ajudaua,
 sayranse com muyta pressa, & os muy-
 to feridos leuão os outros aas costas &
 a rasto, & assi se saluarão com sua ajú-
 da, que ele parece que foy o que orde-
 nou que os mouros os quisessem quey-
 mar daquela maneyra, que doutra ne-
 nhũ ouuera de ficar viuo.

Capit. cvj. De como morreo Garcia
 de souza & se saluarão os nossos que
 ficaram no cobelo.



Om tantas desordẽs,
 como polos peccados
 dos nossos aqui ouue
 pera não se tomar a ci-
 dade, ficarão os mou-
 ros tão vitoriosos que
 logo se ajuntarão todos diãte do muro
 & do cobelo, & cō grãde furia chouiã
 sobre os nossos pedradas, frechadas &
 zagunchadas, que vendo como eles os
 não podião offender polas causas que
 disse, chegauanse a eles tão sem medo
 q̃ os ferião a bote de zaguncho. E Gar-
 cia de souza preguntou ao gouernador
 (que bem via de fora ho aperto em q̃
 ele estaua) q̃ faria, & por ele ser tão es-
 forçado cauleyro como era ainda em
 tamanho perigo, não queria fazer cou-
 sa que se podesse chamar couardia, &

por isso se não quis deitar do muro a-
 baixo como algũs fizeraõ por lhe dize-
 rem de fora que ho fizessem. E ho go-
 uernador estaua tão agastado de per-
 der assi hũa cidade, que por desordẽs
 perdera, que lhe não respondeo: & dõ
 Garcia ordenou cordas pera lhe darẽ
 com lanças atadas hũas nas outras pera
 se decer por elas com os seus. E vendo
 Garcia de souza que lhe não respõdia
 ho gouernador, parecendolhe que nã
 tinha saluação, quis antes morrer co-
 mo cauleyro que como desesperado;
 lançandose do cobelo abaixo que era
 muyto alto, & tomando consigo a Gas-
 par cã, & a Diogo estaço Deuora tío
 do outro Diogo estaço, que leuaua ho
 guião de dom Ioã de lima, pos se dian-
 te de todos, & com grande furia lança-
 rão mão dalgũs zagunchos dos immi-
 gos que lhes leuarão das mãos, & coe-
 les se poserão por escudos dos outros,
 & certo que defederão que não entra-
 sem os immigos coeles; & Diogo esta-
 ço foy ferido de hũa pedrada no nariz
 q̃ quasi lho quebrou, & ouuera de cayr
 da grande dor que sentio, & Gaspar
 cã foy ferido de hũa frechada per hũ
 hombro, a fora terem ambos as adar-
 gas empenadas de frechas, & assi Gar-
 cia de souza, a que tambem derão hũa
 frechada na testa por debaixo da bor-
 da do capacete que lhe chegou aos mio-
 los, & dela cayo morto. E neste tempo
 estaua ainda dom Ioão deça sobre ho
 muro, que se não quis deitar abaixo co-
 mo os outros, posto que lhe dizião que
 ho fizesse em quanto se não acabauão
 da parelhar as cordas. E ele não querẽ-
 do, respõdeo a Manuel de lacerda que
 lho dizia, que o que seu pay nẽ auõs nũ-
 ca fizeraõ não auia ele de fazer q̃ se ho
 quisesse saluar q̃ possessem hũa escada,

& que deceria como sobira. E então se remedeou hũa escada de pedaços atados & por ela se deceo, & depois de deido ele, deu aos do cobelo hũa corda posta em duas lanças atadas hũa na outra tão alto era ho cobelo. E tomada a corda que era tão comprida como ele foy atada nas ameas do cobelo, & por ela se deitarão os nossos abaixo. E jã neste tempo se recolhia ho governador, & dom Garcia com os outros capitães, & sua gente com muyto grande desordem, & como por força porque recebiam muyto dano de doustiros q̃ Miramergera mandou asseltar nas duas bombardeiras por onde os nossos entrarão, & tambem porque começaua decher a maré cõ que se cobria a praya da cidade. E coesta pressa se embarcaram logo os capitães como virão embarcar ho governador & dom Garcia, & quasi que ficaua a gente por embarcar: & se os mouros sayrão a este tempo poderão os nossos ver-se em grande perigo, o que vendo Manuel de lacerda, nã se quis embarcar & deixou-se ficar ate se embarcarem todos, & mais mādou recolher todos os pedaços das escadas, porque não ficassem por testemunhas do desarranjo dos nossos. E estando nisto sendo os do cobelo todos deitados abaixo, appareceo sobrele Gaspar cão, que estaua na escada, õde se pos depois da morte de Garcia de souza, & ali defendia a entrada aos imigos, & tão embebecido estaua na peleja que não sentio que se recolhiam os outros, & quando se achou sô foy demãdar as ameas, onde as cordas não estauão. E Manuel de lacerda & Antonio ferreyra fogaça q̃ estaua coele & outros, lhe bradarão q̃ se fosse onde estauão, o que ele não pôde entender por os mouros estarẽ qua-

si pegados coele, & a grita ser muy grã de de dẽtro & de fora. E não achando ele as cordas, fez ho final da cruz & deixou-se cayr do cobelo abaixo, & quebrou hũa perna, & pelas feridas que trazia lhe arrebetou muyto sangue, & depois morreo disto na ilha de Camarão, & aposele saltou hũ bombardeiro da nao de Garcia de souza q̃ trazia hũa bẽsta debaixo do braço, & este ficou sã. E depois de todos embarcados, se embarcou Manuel de lacerda sendo depois de meyo dia, õde logo foy chamado do governador pera conselho, sebre se hirião tomar ho baluarte do molde que atraueslaua da ilha de Cira aa cidade, de que os immigos tirauão aas nossas naos (que estauão quasi pegadas coele) muytas bombardadas, especialmente aa nao de Manuel de lacerda que estaua mais a tiro. E estando ho governador em conselho com seus capitães como ho mandaria tomar, ho mestre da nao de Manuel de lacerda, que se chamaua Alvaro marreyro sem saber ho conselho em que ho governador estaua, começou de se agastar com as bombardadas que tirauão aa nao. & disse que não auia ele de sofrer que lhe tirasse hũ negro: & isto dizia polo bombardeyro mouro. E ajuntando os marinheiros da nao, saltão no esquife, & cõ essas armas que tinham, que erão lanças & espadas, foy abalroar ho baluarte, & como nele não estaua mais que ho bombardeyro que tiraua como vio os nossos fugio, & ho baluarte ficou em poder dos marinheiros, que acharão dentro vinte sete peças dardelharía de ferro, & antrelas auia algũas que tirauão pelouro de pedra do tamanho dos nossos camelos: & quando ho governador acabou ho cõselho

com os capitães que tomassem ho bualuarte; ele era tomado, de q ficou muyto ledo, & fez muyta honrra & merce a Aluaro marreyro & aos que forão co ele naquele feyto, & mandou recolher a artelharía. E com a tomada deste bualuarte, a gente que estaua muy escandalizada de se não tomar a cidade, se aluorçou de maneyra q dizia que lhe desfe bateria, & que desembarcassẽ pera issõ a artelharía, & coela derribassem hũ lango do muro pera entrar. O que ho gouernador não quis, dizendo que pera issõ era necessario fazer detença, & que não tinhamõ agoa em abastança, nẽa poderião tomar se não na ilha de Camarão q estaua das portas do estreito pera dentro, onde não podião ir se não com a moução dos leuantes q estaua no cabo, & acabãdo selhe a agoa de necessidade auião dinuernar naquele porto, & punhãse em cõdição dese perder, & pa tornar a tras auião desperardous meses & meyo pera se acabar ho inuerno da Índia, & nã podião tomar nenhũ porto dos nossos, quanto mais q naqueles dias que ali esteuessem poderia vir a cidade tamanho socorro q eles nã poderião coele, & por issõ lhes era forçado não se detêrem. Porem a verdade era querer ir ho gouernador a çuez & a ver vista da armada do Soldão & pelejar coela, ou quando não ir a Maçuã pa saber a verdade do preste, & fazer hi fortaleza se a não podesse fazer nas portas do estreito, & quando não podesse, ir inuernar a Ormuz & tomala. Mas isto nã dizia ele a ninguẽ, & trabalhou dali por diante e reuocar a frota fora do porto a toa, no que se de teue dous dias, em que mandou descarregar essas naos que estauão no porto & queymalas. E assi mãdou descobrir

ho porto Dagufu per Simão dandra de, Manuel de lacerda, Pero dafonseca de crasto & Simão velho, q forão em seus bateys pelo esteyto ate se poerem onde virão os piars da ponte q disse.

Capit. cvij. De como ho gouernador se partio pera ho estreito, & da descripção deste estreito.



O gouernador como tinha e segredo a sua ida ao estreito tanto que teue a frota fora do porto Dadem a derradeyra ou segunda oytaua de Pascoa se fez aa vela caminho das portas do estreito (que sam trinta legoas Dade) sem tomar parecer de pilotos nem dos capitães, do q todos teuerão muy grãde descontentamẽto. E os pilotos se ajuntarão & lhe forão requerer que não fosse ao estreito, porque não podião laa nauegar se não com leuãtes, cuja moução não duraria mais que ate fim de abril, que seria muy cedo, & pera se tornar aa Índia que seria inuerno, & que a não poderião tomar, & q se perderião: & pera inuernarem no estreito não tinhamõ se nã a ilha de Camarão, q ainda que teuesse agoa não tinha mãmimentos & que morreria a gente a fome, que oulhasse o q fazia porque se hia a perder. E ho mesmo requerimẽto lhe fizeram os capitães. E ele respondeo que sabia o que fazia, porque era por mandado del rey. E ainda q eles vião todos q era assi como dizião, & conhecião claramente q hião a morrer, a lealdade Portuguesa os forçaua ir por sua vôtade soltos sem irẽ presos cõ que sabião q os leuaua õde se auião bẽ dauêturar a morte. E proseguido sua viajẽ pos nela dous dias por amor do rei tpo q lhe fazia & achou q toda aqãla costa era lipa &

parcel de boõ fundo pera surgir em qualquer parte. & isto ate as portas do estreyto a que os mouros chamão Babel Mandeb, q̃ estão em altura de doze graos & dous terços da bāda donorte: he aquí ho mar muyto estreyto, & por isso lhe chamão as portas. Da bāda do sul vā a Abexia terra do preste a que os mouros chamão Ajē, & he na Ethiopia: & da banda do norte vā a Arabia deserta ou Petrea a q̃ eles chamão a ilha darabia. Nesta boca ou portas do estreyto estā hūa ilha a que os mouros chamão Mihū & jaz atraueçada neste estreyto da banda Darabia, he toda de pedra grossa, & miuda solta, não ha nela nenhūa agoa, nē aruore nem herua, & choue nela muy poucas vezes. Antre esta ilha & a terra firme se faz hū canal daltura de doze braças de menos largura hū pouco que Dalma da a Lisboa, & passam por ele todas as naos dos mouros que vāo pera dentro do mar roxo. E defrōte desta ilha estā outra ilheta tambē sem agoa, em que morāo os pilotos que leuāo as naos que vāo a Iudā que os mouros chamão rubēs, & sam grandes sabedores daquele mar no conhecimento dos baixos, & leuāo por cada hūa ate trinta cruzados, & de Mihum a esta ilheta se passa de baixa mar a pē enxuto. Fazse mais outro canal antre Mihum & a terra do preste, que tem de fundo altura de vinte cinco ate trinta braças, & de largura como de Lisboa onde chamão de barra a barra, & por este nauegāo poucas naos: chamão os mouros a este mar na lingua arabiga baharquezū, que quer dizer na nossa mar çarrado, porē mar roxo como lhe nos chamamos he mais pprio vocabulo, por auer nele muytas malhas dagoa vermelha como sãe

gue. E da causa desta vermidão não pude mais saber, senão que se causa do reuoluimēto da agoa com as marés, no que parece q̃ a lugares he ho fundo deste mar darea vermelha, & ainda se afirma que he todo, porque nele não ha correntes dagoas se não mōtante & juante que ētra dētro & sae pera fora, & por ser a parcelado & de pouco fundo, quando faz vento rijo se he ponēte cor re a agoa mais rijo pera fora, & se he luante pera dentro, & estes dous vētos sam os naturais que cursam neste mar, & terreno poucas vezes, nem ha nele traueçlões nē toruoadas nē outras nenhūas tormentas, & em todo tempo se pode nauegar em hūs nauios peq̃nos q̃ se chamão geluas q̃ andāo a remos, & a vela se lhe faz tempo pera isso. Das portas deste estreyto ate a cidade de çuez que he no cabo dele ha trezentas & cincoenta & cinco legoas, que he ho comprimento, & no mais largo tē trinta legoas, em que os mouros fazē tres repartições pera sua nauegação, & fazem deste mar doze gemas q̃ sam tres singraduras de dez legoas cada hūa, & repartēnas assi. Fazem quatro gemas (que he hūa singradura) de mar çujo ao longo da costa Darabia ate çuez cō ilhas, baixos & parçeis, que tem de fundo de noue ate doze braças, & as nossas naos podē nauegar por ele cō boõ tēto de diā mas não de noyte, & outras quatro tambē de mar çujo ao longo da terra do preste ate hū porto q̃ se chama coçaez, que estā quasi norte sul cō ho Torona costa Darabia ao pee do monte Sinay trinta legoas de çuez, & fazem outras quatro gemas de mar li popelo meyo do estreyto a q̃ chamão mar largo, que tē fundo de vinte cinco ate corēra & cinco braças, porē he tão

estreyto que os q̃ vão por ele vê terra
dambas as bandas. E os rubães que se
tomão não sam pera este mar limpo, se
não pera quando sam tempos contray
ros, pera buscarẽ qualquer das costas
& lhe darem surgidoyros, & antre aq̃
las ilhas & baixos: porque por este mar
largo mandão a via os pilotos que vão
da India, & nele a meyo estreyto estaa
hũa ilha que se chama Zebelçocor, &
alem dela contra Iudã está outra que se
chama çeibão, & tẽ boõs portos. Das
portas do estreyto ate a ilha de Cama
rão da bāda Darabia he tudo señorio
do xeque Dadem, & ao longo do mar
sam tudo aldeas, nem ha portos princí
pais, somente pôtas, que hũas abrigão
de leuātes outras de ponētes: & da ilha
de Camarão ate perto da cidade de Iu
dã q̃ sam cento & sesenta legoas, tinha
seu señorio hũ grande senhor mouro
chamado ho Xarife de gizem, q̃ teria
seycentos de caualo. E de Iudã ate To
ro que sam ceto & trinta legoas era de
Xarife porcate señor de Meca, & allí
dalgũs alarues que morauão por esses
desertos: & de Toro ate çuez ha trinta
legoas, & era do señorio do Soldão. E
nauegando ho gouernador caminho
das portas, mādou diāte a nao de Cha
ul que leuaua em sua conserua, & vinte
Portugueses nela, pera q̃ lhe tomassẽ
hũ rubão de que tinha necessidade pa
sua viajem: & allí ho fizerão. E ho go
uernador chegou com toda a frota aas
portas do estreyto vespera da vespera
da pascoela. E dando muytas graças a
nosso señor de ser ho primeyro gouer
nador que fora ali ter com armada, &
on se nunca chegara nenhũ Christão,
mādou saluar as portas com artelharía
de toda a frota, & despoys cõ as trõbe
tas, cõ grãdes gritas & festas de folias:

& foy toda a frota embãdeirada & sur
gió das portas pera dentro no pouso
dos leuantes.

Capit. c. viij. De como ho gouernador
chegou aa ilha de Camarão.



Porque leuaua pouca agoa
não se quis mais deter pa ir
a Maçua onde desejava de
de fazer fortaleza, por ser
do señorio do Preste, por
que vio que era ali mais proueitosa que
nas portas, nem em Camarão. E toma
dos os rubães de q̃ tinha necessidade se
guió a rota de Zebelçocor, & porq̃ de
la por diāte auia de nauegar polo mar
gujo da bāda Darabia, por onde as nos
sas naos não podião nauegar se não de
dia, mādou pubricar pola frota q̃ dali
por diante auia de surgir duas horas ā
tes de sol posto, porq̃ não se fizesse al
gũ mau recado se surgissem d̃ noite. E
surgindo aq̃le dia tomarã os nossos du
as naos de Barbora & de zeila, q̃ hião
pa Iuda carregada de mātīmētos: & da
gēte dela algũa foytomada, outra se sal
uou a nado. E despejadas as naos forão
q̃ymadas, & aos mouros mādou ho go
uernador decepar as mãos, & cortar os
narizes & orelhas, & mādou os lāçar
em terra q̃ era do señorio do xeq̃ Da
dẽ, & allí ho mādou fazer dali por diā
te a q̃ntos mouros tomou, somēte aos
de Camarão. E proseguindo daqui sua
viagẽ, querēdolhe os rubēs dar porto
ẽ hũa enseada dũ lugar chamado Luia
arribarão a terra: & ho rubão do gouer
nador q̃rendose mostrar mais sabedor
q̃ os outros, bradou q̃ fossem ā orça q̃ n
to podessem, & por aq̃le caminho não
dobroua hũa pôta & restiga detras dõ
de auiação de surgir. E indo sondado, mĩ
goaua ho cordel de tres & q̃tro braças
de cada golpe, como fundo dalfagues,

& não de parçel. E nisto deu a nao em hũ baco que estava em fundo de quatro braças & mea: & ho governador que se viu naquele perigo, prometeo a nossa senhora de mādār fazer em Goa a sua honrra hũa casa da auocação de nossa senhora da serra, que alli era ho nome da sua nao, & alli a mandou fazer depois, & mandou ao seu piloto q̃ surgisse no baixo, cuydando que fosse mais baixo a diante. E não querendo ho piloto, lhe disse ho governador que lhe cortaria a cabeça. E ele respondeo que cortasse, porque se surgisse que se perderia a nao, que logo sayo do baixo em cinco braças & meya, & então surgiu, & alli surgirá Lopo vaz de sam Payo, dō Ioão deça, Pero dasõseca de crasto, Fernão gomez de lemos & Simão velho que hião na esteira do governador & dom Garcia, Simão dandrade, Manuel de lacerda & Aires da silua q̃ hião ao pego, & todos lhe forão acodir em seus bateys. E os outros capitães q̃ hião diante não surgirão, pelo que ho governador auēdo disso menēcoria, mādou a Lopo vaz de sam Payo que ficasse na sua nao, ordenando como se tirasse dali, porque ainda não estava segura de todo, & foy e hũ batel a pos os outros capitães & mandou os surgir, & forão lhe todos ajudar a tirar a nao do banco reuocandoa cō os bateys, & sayo segura ao pego, & sem fazer nenhũa agoa, & dali mādou diante a dom Garcia cō algũs capitães nos bateys de seus nauiaos, perá que se posessem nos portos da ilha de Camarão que estava perto, & deteuesselẽ os mouros se a quisessem despejar: & quādo os nossos chegarão acharão que os mouros a despejauão, & se hião pera a terra firme com medo do governador que sabião que vinha,

& os nossos tomarão algũas geluas, em q̃ catiuarão homẽs & mulheres, & tomarão hũa nao do Soldão & outra de mercadores q̃ estauão furtas & duas q̃ estauão varadas. E depois disto chegou ho governador a Camarão q̃ está da bāda Darabia em quinze graos da parte do norte, & está tão longe da terra firme como de Lisboa a Almada: por antrela & a terra firme passam as naos que vão pera fora do estreito, & pera dentro. Tem boõ porto & seguro de todos os ventos & boa tença das ancoras. A terra em si he areosa, & somente em hũa parte que he alagadiça do mar, tem algũ aruoredo de mangues, porẽ muyto pequenos, tẽ muyta agoa, & em muytas partes, & e todas ha termedays derua tamanhos como hũ punho, & esta cria hogado tão como se fosse muyta & vigorosa, & alli ha muyto na ilha & gordo, & no mar muyto & boõ pescado. Aqui fazẽ todas as naos que nauegão ho estreito suas agoadas & carnajẽs, & era grande escala Dadẽ. Foy antigamente pouoada de muytos mercadores que tratauão na terra do preste, de que trazião muyto ouro, & Darabia lhe hião muytos mantimētos de trigo, carnes & fruytas como as nossas: & aida ho governador achou muyto rasto de quão nobre fora em outro tẽpo, alli em edificios antigos de casas como de mezquitas, & tudo de cantaria, & aqui achou que vetauão jã os poentes, que erão cōtrairos pera passar auante, & por lhe os rubaẽs dizerem q̃ ainda auião de tornar leuantes, se deu tanta pressa em fazer agoada, & carnajẽm, que a fez em sete dias, & neles forão tomados algũs meuros que ficarão na ilha sem poderem passar a terra firme, & antreles hũ que fora xeq̃ da ilha

de Dolaqua, & da de Maçua, & da é q se pesca ho aljofar, & hũ seu sobrinho. E tornado os ponêtes, ho governador se partio muyto cõtra vôtade de todos os da frota, parecendolhe que podesse chegar a Iudã. Era ho clamor da gente miuda muy grande cõtrele, dizêdo que os leuaua a morrer, & ele bem ho ouuia, mas dissimulaua. E estãdo de Iudã no mais q quatro dias de caminho, tornarão os ponêtes, & sobre perfia se deixou ali estar furto are se lhe acabar a agoa que tinha, & acabada se tornou a Camarão a tomar outra, & se tornou donde surgira dantes por lhe dizerem os rubaês que como sayse da banda do sul hũa estrela a que eles chamão tãria tornarião dousou tres dias de leuantes & que ho poerião da bãda da terra do preste, que era nauegação de dous dias & hũa noyte, & ali desejava ele de ir pera fazer fortaleza em Maçua por amor da amizade do preste q era Christão & poderoso, & imigo dos mouros, & q lhe daria socorro, assi de gente como de mantimêtos. E esperando pola estrela que digo, appareceo no ceo hũ final de cruz muyta clara & resprandecente, sobre que veo hũa nuuem que em chegãdo se partio em duas partes sem tocar na cruz nem encobrir sua claridade. E ho governador com todos os q virão esta cruz a a dorarão em giolhos chorãdo cõ deuacão: & daquela cruz tomou ho governador final que queria nosso senhor que fosse pera aquela parte, & assi ho disse a todos os capitães & pilotos que chamou pera isso, & que bem poderião ir às voltas. E os pilotos disserão que não podião nauegar sem vëto, & que assi como ho governador dizia irião dar em algũs baixos onde se perderião todos, & então se deixou ho go-

uernador estar furto ate q entrou Mayo. E vëdo que não auia remedio pera tornarẽ leuantes se não dali a dous meses & meyo, tornou-se a Camarão, & despois que chegou lhe resgatarão da terra firme os catiuos que tinha, q deu por mantimentos. E lhe foy dada hũ carta de Mira mergena, em que dizia que se espantaua muyto de serẽ os frangues os homẽs que conquistauão a Índia, & tinhão tamanha fama: & porem que a tinhão porque pelejauão com homẽs molharis, que como pelejarão cõ homẽs como erão os Dadẽ logo se foubẽra a verdade. Ao q ho governador respõdeo que a fama dos Portugueses era verdadeyra, & que não tinhão ganhada a Índia a homẽs molharis, se nã a turcos & a mouros do mar roxo, & se as escadas não quebrarão q ele perderã a vida & mais a cidade, & que em os nossos sobirem tãtos veria que homẽs erão, & como desejaũ de pelejar. Porem ainda que Mira mergena isto escreueo, nem elẽ nem ho xeque Dadẽ estauão sem muyto grãde medo desta entrada do governador no estreito. E tanto que ho xeque Dadẽ soube que os nossos poserão as escadas na cidade, logo ho mandou dizer ao Soldão pola posta de camelos corredores, & foylhe ho recado em quize dias. E ho Soldão lhe respondeo q se os frangues tinhão entrado ho mar roxo, que goardassem bem seus portos, & q ele goardaria os seus: & esta reposta deu porque estaua mal coele. E Mirocem que isto soube, despejou logo Iudã com medo dos nossos, & ho Soldão ficou tão a sombrado coesta noua polo q sabia do que os nossos tinhão feyto na Índia q partio logo pera cuez, cuydando q os nossos auiaõ ali dir desembarcar. E no cayro ouue

grande feultra, porque foy logo fama que alli como ho governador entrava polo estreito, alli os Christãos da Europa auião de dar por Alexandria entrando polo Mediterraneo, & que ho Xequi ismael era chegado com seu arrayal sobre Alepo que estã no cabo do deserto. E coesta noua ho governador de Damaico polo Soldão não quis ir a seu chamado, & se leuantou: & os mouros estauão todos muy assombrados, cuydando que se lhe garrava ho caminho per mar pera a casa de Meca, que perdia nisso grande perda, por as mais das esmolos que tinha lhe irẽ per mar em hũa nao chamada mucumari, que tinha pera isso.

Capit. cix. De como não ouue effeyto a paz que ho governador deixou assẽtada cõ el rey de Calicut, & doutras cousas que fizerão na India.



Artido o governador pera ho mar roxo, foy a Cananor a desordem tamanha cõtra ho seruiço del rey de Portugal, que ho feytor nullo que então era tornou a dar dinheiro a õzena aos mouros, ficando defeso polo governador que se não desse, & deu mil & quinhẽtos cruzados a Pocaracẽ, hũ mouro principal de Cananor que tinha cõprados ao feytor de Goa caualos del rey, em que se montauão doze mil cruzados q̃ auia dacabar de pagar despois que os vendesse. E estando ele em Cananor pãse ir caminho de Narisinga a vender os caualos, receandose ho feytor de Cananor q̃ nã tornasse de la, pediõlhe ho dinheiro que lhe tinha dado: ao q̃ ele disse q̃ não podia ate nã tor-

nar de Narisinga pera õde os tinha em pregados nos caualos: do q̃ ho feytor se queixou ao capitão, dizendo q̃ Pocaracẽ fugia pa Narisinga, & q̃ deuia aq̃le dinheiro a elrey d̃ Portugal, & crendo o ho capitão, mandoulhe q̃ ho fosse prender a pouoação dos mouros, porque ho não pode auer em outra parte, o q̃ foy contra ho regimento del rey, q̃ mandaua que nenhũ capitão de fortaleza prendesse nenhũ mouro nẽ gẽtio principal da terra onde a fortaleza estueisse: & isto por se a terra não aluoroçar cõtra os nossos, como se aluorou desta vez, porq̃ indo ho feytor pa prender Pocaracẽ acodio a gẽte da terra com suas armas, & derão sobrele, & se não fugira matarãno: & a gẽte ficoutão escãdalizada, q̃ quatro dias esteue leuatada cõtra os nossos, & ninguẽ não ousaua de ir a pouoação dos mouros. E alli ficara a cousa se se ho capitão não socorrera ao q̃ fora goazil de Cananor, q̃ ho governador fez tirar por ser inimigo do seruiço del rey de Portugal, & defendera ao capitão & officiaes da fortaleza que não falassem coele por essa causa, nẽ ho deixassem ir a ela. E coeste fez ho capitão que fizesse cõ elrey de Cananor q̃ prendesse Pocaracẽ: q̃ preso bradava q̃ não deuia nada q̃ estueassem a conta, & mostraua as cartas q̃ tinha comprados caualos & ho seguro do governador pa os leuar a Narisinga, requeendo q̃ ho não prendessem, porq̃ per sua prisão se perderião os caualos, E cõ tudo não ho soltarão ate q̃ não pagou ho dinheiro cõ todo seu ganho: & em quãto esteue preso foy roubado polo goazil, & por Mamele ho mouro q̃ se chamaua rey das ilhas de Maldiua, q̃ ambos querião mala Pocaracẽ, porq̃ era seruidor del rey de Portugal & amigo dos

Portugueses cujos inimigos eles erão. E vêdose Mamale fauorecido, não quis desistir do titulo q̃ tinha de rey como ficara ao governador; & também porque ho secretario q̃ estaua em Cananor dizia q̃ ele sabia certo q̃ aq̃uele anno auia de vir de Portugal outro gouernador, & q̃ pera este se deuião de goardar os q̃ ouuellem daissentar paz ou vassalajẽ com el rey de Portugal. E como era secretario crião todos, & coesta fama q̃ deitou se deixarão de fazer muytas cousas do seruico del rey de Portugal, & a principal foy a paz de Calicut que ficaua tão assentada. E el rey sabêdo o que Gaspar pereyra dezia da vida doutro gouernador, despedio a Francisco nogueyra & a Gôçalo mendez, dizêdo que pois auia de vir outro gouernador q̃ coele assentaria a paz. E assi despois que ho secretario foy em Cochi, disse a el rey de Cochim tantos males q̃ lhe vinhão desta paz, q̃ lhe fez desejar de a estoruar, & pera ho poder fazer ajudou a hũ grão señor cõtra el rey de Calicut q̃ tinha coele guerra, por q̃ sendo seu vassalo ho não queria ajudar e suas guerras. E esta ajuda lhe deu el rey de Cochim, porq̃ teuesse rezão de dizer ao gouernador q̃ não fizesse paz cõ el rey de Calicut porque tinha guerra co ele; & isto porque estaua no cõtrato de pazes que ele fez cõ el rey de Portugal em tẽpo do viço rey, que el rey de Portugal ho ajudasse sempre cõtra el rey de Calicut. E também Loureço moreno, Antonio real, & Diogo pereyra de Cochim erão cõ Gaspar pereyra em aconselharẽ a el rey de Cochim que fizesse isto, porq̃ querião todos mal ao gouernador, polos reprêder de muytas cousas que fazião contra ho seruico del rey seu señor. E a mesma fama de vir go-

uernador deitou ho secretario em Cochim; & em tanta dissulção hiã estes quatro, que Loureço moreno finãdo-se em Cochi, Afonso passoa q̃ viera de Malacã cõ Fernão perez dandrade, tomou hũas cartas que ele trazia pera ho gouernador, em que lhe scriuião culpas de Ruy de britto, & abriu as cõ hũ lo-hão viegas, q̃ também viera de Malacã, & mandou ho terlado das cartas a Ruy de britto cõ lhe dizer cujas erão, pelo q̃ Ruy de britto se vingou despois de quẽ as escreueo.

Capit. cx. Como el rey de Bintão quise ra por treyção tomar Malacã, & nã pode.



Endo el rey de Bintão que nẽ a treyção de Mutaraja podera auer effeyto pa tomar Malacã, nẽ ele tinha possibilidade pera a tomar por força, andaua muyto agastado por isso & nunca em outra cousa imaginãua: o que entêdendo hũ mouro escriuão de sua fazêda, Bengala de nação, disselhe q̃ se não agastasse, por q̃ ele lhe promettia de lhe tomar a fortaleza de Malacã, com tanto que lhe desse cartas suas de credito pera homẽs principais da cidade. E sabêdo el rey de Bintão ho ardil por o dẽ se ho escriuão fundaua, como sabia dele q̃ ho saberia fazer, deu lhe as cartas de credito que lhe pedia, & assi muyto dinheiro cõ que se partio caminho de Malacã, fingindo q̃ era mercador que se hia de Bengala assentar lá, & mostrou logo aparato de ter grande & rico trato, o que foy causa de ser logo conhecido do capitão & do feytor, cõ que tomou muy estreita amizade, & como era muy sagaz & manhoso nessas cõpras & vêdas daua muytos ardis

com que aproueitaua muyto a fazenda del rey de Portugal, & allí a do capitão, feytor & de todos os outros officiaes da fortaleza cō o que teue grãde amizade com todos & muyta familiaridade, principalmēte cō ho capitão & feytor com quē tinha entrada cada vez q̄ que ria, & parele nã auia neles occupação nenhũa, & em todo ho tēpo ētraua na fortaleza, que era o que ele desejava pa effeytuar sua treição. E como teue segura esta familiaridade com ho feytor & capitão, descobríose a esses mouros principais de Malaca, pera quē trazia as cartas del rey de Bintão, & deulhas dizendo pera o que vinha, & que el rey de Bintão lho encomẽdaua, porq̄ sem sua ajuda não podia dar fim ao q̄ desejava, & disselhe a familiaridade q̄ tinha com ho capitão & com ho feytor, & q̄ a do feytor estimaua muyto mais que a do capitão, porq̄ não auia medo se nã ao feytor que lhe parecia pa muyto, & por isso determinaua de ho matar primeyro que ho capitão, que polo que conhecia dele se ele ficasse viuo, posto q̄ mataste todos os outros da fortaleza, ele sō abastaria pera a cobrar, & que ja tinha dentro na fortaleza quem ho ajudasse, q̄ erã certos homēs principais de Bintão que forão catiuos, & estauão presos no apousentamento do alcayde mōr, & tinha quem lhos soltasse por peita, dando a entēder que era pera fugirem, & q̄ não queria deles outra coisa se não que lhe acodissem como ho capitão, feytor & alcayde moor fossem mortos & holiurassem dos nossos que auião dacodir, & que teuessem pera isso prestes a mais gente que podessem. O que lhe eles prometerão, mostrando q̄ folgarião muyto de ser Malaca tirada do poder dos nossos. E posto q̄ ho

desejauão nã ousauão de bolir cōsigo, porq̄ não tinhão cabeça q̄ os regesse. E q̄ se ele acabasse o q̄ dizia, alē de fazer tamanho seruico a Mafamede como a q̄le seria, eles ho farião ho mais principal de Malaca despois del rey. Animado coisto ho escriuão a fora a ousadia q̄ tinha de seu natural pera fazer qual quer treycão, buscou dia pa fazer esta & nã curou desperar mais, porq̄ nesta cōjunção adoeceo ho capitão, não que esteuesse em cama, mas não faya da fortaleza, & assentou de fazer o que determinaua hũ dia ao meyo dia, q̄ era ho tēpo pera isso mais desposto, porq̄ então repousauão todos. E ho capitão, & ho feytor estauão sōs, & auia menos gente na fortaleza q̄ em nhũa parte do dia. E tēdo dado auiso aos mouros pa q̄ esteuessem prestes, foyse à fortaleza às horas q̄ digo, & entrou logo dētro & deixou à porta ate trinta homēs q̄ sempre trazia cōsigo, q̄ sabião parte do feyto, & estauão auisados que como ouuissẽ rumor matastem ho porteiro, & ētrafsem & matastem dos nossos quãtos podessem. E entrado na fortaleza, foyse primeyro a casa do feytor, & antes que entrasse a ele pos se a hũa genela que estava parede meos com hũa casa do alcayde mōr, onde os catiuos de Bintão estauão presos, q̄ por peitas que derão lhes foy aquele dia deixado ho trôco aberto. E posto à genela, tirou hũa carta que trazia escripta em sua lingua, em q̄ dizia aos catiuos como hia matar ho feytor, que matastem eles ētre tãto ho capitão que estava foo, & leoha tãto alto q̄ os catiuos a ouuirão & entēderão & fizeramse prestes: & ele entrou onde estava ho feytor soo em sua camara lagado em hũ esquisse pa dormir a sesta, & começou de lhe dar conta de seustra

tos. E vindo sono ao feytor, reholueose pera a outra parte, & em se rebolueo do leua ho escriuão dhum cris & dalhe hũa crisada que ho passou de parte a parte: ho feytor como era muyto efforado & de grande acordo, dá consigo fora do esquite & lança-se por hũa esca da abaixo caminho da porta da fortaleza, bradando. Treycão, treycão, & ho escriuão confiado nos q̃ deixaua à porta que ho acabarião de matar não quis ir a pos ele, & ele correndolhe grandes enxurrados de sangue chegou à porta da fortaleza, & carrou ho postigo que estaua aberto, metêdo dous ou tres dedos do ferrolho pelas armelas, bradando. Treycão, treycão, & não pode mais meter porque cayo morto. E isto foy tão de supito que os do escriuão que estauão de fora não poderão acodir, por que parece que quis nosso senhor que desatentassem da porta, & quando acodirão era fechada, & ainda algũs meterão os crifes pelas gretas, cuydando q̃ ferissem quẽ fechaua ho postigo, que se eles acodirão a fortaleza fora tomada. Os catiuos em ouuido os brados do feytor, sairão logo dõdestauão, & quis Deos que acharão dous criados do alcaide moor com que se deteuerão em os matar, & aos brados destes se pos ho capitão em saluo, çarrando muy bem suas portas. E sentindo esta volta tres nossos que estauão na torre da menajẽ, bradarão muyto alto que auia teição na fortaleza, ao q̃ logo acodirão oyto dos nossos assĩ defarmados como andauão q̃ forão mortos polos do escriuão que estauão aa porta da fortaleza, & eles tambem não viuerão muyto, porque como os nossos acodirão matarãnos logo. E buscando maneyra pera abrir ho postigoda porta da fortaleza, êtrarão

dentro, & matarão ho escriuão & os catiuos de Bintão. E ouuido os mouros ho rume que hia na fortaleza, cuydando que teuesse ho escriuão sua treycão posta por obra, acodirão todos com suas armas pera se levantar contra os nossos, & quando os acharão senhores da fortaleza & morto ho tredoro, diffimularão, & differão ao capitão que lhe hião acodir, & fizeramse muyto de nouas da treycão do escriuão, & mostrarão folgar muyto com sua morte: porẽ a eles lhes pesou assiaz de ele não leuar auante o que começou, que eles fazião conta que a fortaleza era del rey de Bintão, & assi esteue ela tomada se ho nosso senhor não atalhara por sua misericordia, porque a fora a cousa estar assĩ armada, auia neste tempo pouca gente em Malaca, porque Ioão lopez daluim capitão moor do mar era aa laoa com tres nauios pera trazer certos bahares de crauo que hi mãdou Nacoda ismael do emprego q̃ leuou a Maluco, & sendo laa Ioão lopez, indo ter ao porto onde Patéonuz tinha varado ho seu sũgo em que escapara a lorge botelho, mandoulhe grandes presentes porque lho não queymasse, & dizen dolhe quanto se hontraua de ho ter ali, & offrecêdo se por muyto grande amigo dos Portugueses. E Ioã lopez aceitou sua amizade, & prometeolhe de nã fazer nenhũ mal ao jungo. E tomando ho crauo que hia buscar, tornou se a Malaca, onde tã bem ao tempo desta treycão não estaua lorge botelho que era darmada sobre Bintão. E neste mesmo dia pelejou com certas lancharas del rey, & as desbaratou cõ morte de muytos mouros, & sem morrer nenhum dos nossos. E por amor desta treycão se não fiou dali por diante de nenhum mouro na foz

talesa, & quando entrauão nela era cõ muyto recado. E sabendo el rey de Bintão a fim q̃ ouuera ho seu escriuão, perdeo a esperança por hũs dias de poder tomar Malaca por nenhũ ardil.

Capitulo. cxj. De como ho governador inuernou na ilha de Camarão, & das causas porque não fez hi fortaleza.



Quando o governador aquele inuerno em Camarão, mandou dar pendore a todos os nauios da sua frota: & pera saber se da pedra da ilha se poderia fazer cal, mandou que se fizesse. E quando a gente vio que se armaua forno pera isso, & despois fazer-se cal, ficou toda pasmada cuydando q̃ queria ho governador fazer fortaleza, & darlhe nouo trabalho sobre o que tinham passado na viagem, & passauão em inuernar naquela ilha sem terẽ que comer, & trabalharem no pendore que se daua aos nauios da frota, & assi ho dizião. E ho governador ho sabia, mas dissimulaua: & bem quiser a ele poder deixar ali hũa fortaleza, mas não se atreueo a fazela, porque pera a deixar segura tinha necessidade de ver primeyro ho porto de quez pera saber que força tinha criada ho Soldão, porque sendo grande ficaua a fortaleza em perigo de se perder, ou era necessario pera sua segurãça ficar ho governador sobrela com toda a frota, porque pera ir à Índia & mandarlhe de la socorro, não podia se não em Feucreyro, & ele auia de partir pera a Índia em Agosto, & pera ficar com toda a frota

em goarda da fortaleza não podia ser, que lhe era forçado tornar aquele anno aa Índia, porque quando partira de la não sabia ainda nenhũa noua de Malaca, nẽ deixaua assentado de toda a Calicut nema Diu, que vendoho tanto tẽpo fora da Índia, se poderião fazer em corpo & darlhe oppresam cõ tomar a gũa fortaleza. Assi que segurando ho estreito com a fortaleza de Camarão, que não seguraua sem ver quez arriscaua a Índia que era o principal daquela conquista. E pera tambem deixar parte de sua frota sem saber o que hia em quez, era muyto pouca cousa pera pelear com a armada do Soldão que se dizia ser muy grande, & que leuaria nas vnhas a nossa que ficasse, & ela leuada leuarião tambem a fortaleza. Assi que se teuera fora a duuida de quez, cuja vista foy a principal causa que ho fez entrar no estreito, podera fazer a fortaleza em Camarão, & deixarlhe no mar algũas carauelas latinas & nauios de remo, porque podem em todo tempo negar ho estreito, & atrauessalo de hũa banda a outra, & senhorearão toda a costa Darabia da porta do estreito ate ho Toro, porque os lugares que jazem nesta costa sãm pequenos, & por se nã verem destruidos pagarão parias, com que os nossos, assi os da fortaleza como da armada que lhe ficara forão pagos de seus soldos & mantimentos, & desta maneyra dera esta fortaleza grande trabalho aas terras do Xequedem que jazião naquela costa, porque lhes tolherão os mantimentos que lhes vão de Barbora, Zeyla & doutros lugares da terra do Preste. E não auendo armada do Soldão em quez, não auia outra que podesse impedir a nossa, porque se não podia fazer por não auer

em todo ho mar roxo lugar em que aja madeira pera isso nem ferro, nem outros materiais necessarios pera fabrica de nauios, saluo das geluas que disse que sam como grandes barcas: E algũas naos grossas que, a Camabaya & ao Malabar as vão fazer. Assim que por causa do gouernador não auer vista de quez, ouue por escusado fazer fortaleza em Camarão por todas estas rezões: & com quanto se não fez fortaleza, a gente como digo leuou assaz de trabalho com ho pendor das naos & nauios da frota, & com grandes doenças, & com não auer na ilha que comer mais que algũs camelos que ficarão amontados com a fugida dos mouros, que leuarão consigo quanto gado auia na terra: & tambem comia a gente desse pescado que pescava. E passado ho mes de Junho, vendo ho gouernador que se lhe chegaua a moução pera a Índia, & que lhe era forçado não entrar mais polo estreito deste ferro, mandou a João gomez que fosse na sua carauela fora ao mar & tomasse algũa gelua pera saber nouas do estreito & da armada que ho Soldão teria em quez, & que visse se podia aferrar a ilha de Maçuã ou a de Dolaqua, & Dolaqua estaa em quinze graos & meyo da banda do norte, & nouenta & cinco legoas da porta do estreito da banda da terra do Preste, de cujo senhorio foy: he pequena, & não tem agoa se não de cisternas, & estas em abastança, & assi tem muytos mantimentos que lhe vão da terra firme que estaa a vista dela, assi como riba tejo de Lisboa. Tem esta ilha muyto boõ porto. E por lhe vir muyto ouro da terra do Preste, era pouuada de muytos mercadores

mouros que não obedicião ao Preste com quanto a terra era sua. E partido João gomez, nunca pode topar nenhũa gelua, nem pode aferrar esta ilha na carauela por lhe ser ho vento contrairo, mas chegou tão perto que foy laa no seu esquife: & estando quasi pegado com terra, vio nela muyta gente & toda armada de terçados, arcos & frechas, & preguntarão aos nòs que querião. E dizendo eles que saber, se lhe comprarião algũas mercadorias, disserão os mouros que não a uia ali mercadores, se não gente de guerra, que goardassem suas mercadorias. E coesta reposta se foy João gomez, & correo a ilha em redondo & descobriolhe toda a costa, & por lhe ho gouernador não mandar que chegasse aa terra firme não chegou, & não foy a Maçuã porque estaa dali dez legoas, & foy ver a ilha de Nura onde se pesca ho aljofar que estaa derrador de Dolaqua. E ho aljofar he muyto & muy fino, & dali se tornou pera Camarão, leuando estas ilhas pintadas pera ho gouernador as ver.

Capítulo.cxiij. Da causa porque ho gouernador não quis fazer fortaleza na porta do estreyto, & do que fez em Adem.



Hegado Iohão gomez a Camarão q̃ foy meado Julho, partiose ho gouernador pera a porta do estreyto, onde chegou, sayo na ilha de Mihum pera ver se se podia fazer ali fortaleza, & por lhe não a.

char agoa, & por não ver çuez: & por amor do Xequé Dadem que estaua muy perto, & por não ter dôde se prouesse de mantimentos, lhe pareceo escusado fazela. E pareceolhe melhor pera goardar aquele porto, mandar ali cadaño hũa armada, em q̃ aueria menos trabalho de se prouer de mantimentos que hũa fortaleza. E tambem considerou que ainda que fizesse fortaleza & lhe desse hũa armada, que auia de star ali ho menos do tempo, porque estaua certo que desapegandose da fortaleza pera algũa parte, ou dando caça a algũas naos de mouros, que auia de ser cousa muy trabalhosa tornar tão asinha ao porto se não com outros ventos, & entre tanto ficaria a fortaleza lô & em muyto granderisco. E por todas estas rezões a não quis fazer, & por sinal que fora ali ter, mãdou aruorar em terra hũa cruz feyta de duas antenas, & mandou que dali auante se chamasse aquella ilha a da vera cruz, donde se partio pera Adem: & em partindo mãdou a Ruy galuão (por ter dele experiẽcia defforçado caualeyro) que fosse por capitão moor de loão gomez a descobrir a cidade de Zeila que está cinco legoas da porta do estreito pera fora, na costa da Ethiofia em onze graos da bda do norte, cuja comarca dà muyto trigo, muyta ceuada & muyto milho: ha grãde criação de gado grosso & miudo de q̃ se ordenha multidão de leyte, de que se faz manteiga sem medida: & de tudo isto se carregão naos pera fora, & assi de muyta cera brãca que ha na terra. Cria-se tambem nela muytos caualos, & nace infindo encenso macho. Esta cidade he de grande trato: he rasa & bem arruada, as casas sam de pedra & cal, & de sobrados & cubertas de ter

rados: tẽ as genelas & portas lauradas de maçanaria: he pouuada de mouros, que pola mayor parte sam pretos, assi homẽs como molheres, & outros sam brancos, tratãse muyto bem, assi no comer como no vestir, & andão a caualo. Chegado Ruy galuão a esta cidade quiser auer pratica com os da terra como leuaua por regimento do gouernador, & por eles não quererem, lhes queymou quantas naos estauão no porto, porq̃ não leuassem mantimentos aos lugares do mar roxo, que assi lho mãdou o gouernador: & nisto ho fez Ruy galuão muy efforçadamente, & aqui se deitou ccele hũ Abexim Christão q̃ fora catiuo do feytor que ho Soldão tinha em Iudã. E feyta esta destruyção no porto de Zeyla, partio-se em busca do gouernador q̃ hia caminho Dade, & chegou ao seu porto sem lhe acontecer no caminho cousa algũa. E furto no porto, achou muytas naos grossas & geluas varadas em terra bem pegadas ao muro, & afeitada nelas muyta arte lharia, que logo começou de jugar em surgindo a nossa frota, & assi auia na ilha de Cira mais fortaleza que dâtes. & no alto da serra desta ilha estaua armado hũ trabuco q̃ tiraua pedras darrezoadas grandeza, que tambem logo começou de lançar: porem quis nosso senhor que não fez nenhũ nojo aos nossos. E segundo pareceo pelo muro da cidade, auia nela mais gente que da outra vez, & muyto mais artelharia & melhor, & deitaua tamanhos pelouros como os nossos camelos, como se despois vio, que tornauão a tirar com os pelouros cõ que lhe os nossos tirauão. E como ho gouernador surgio, os mercadores da cidade lhe mandarão cometer resgate das naos que tinham no

porto. A que ele respondeo que as não auia de dar, se não por cinco Christãos Portuguezes que tinham catiuos em Adem, que forão catiuos no bargantim de Grigório da quadra como atras disse. E os mercadores não mã darão a isto reposta, & segundo depois pareceo foy polo remedio que tinham achado pera lhe não queymarem as naos que tinham em terra. E vendo ho gouernador que lhe não vinha reposta, quiserase vingar dos mouros com tomar a cidade, & tambem porque auia desperar no porto ate a lã noua Dagosto, & mais quatro dias a lem que erão obra de quinze dias de detença, & no cabo deles era ho verdadeyro tempo pera ir demandar a costa da India. E por todas estas cousas quiserá cometer a cidade, & ver se a podia tomar. E chamados todos os capitães a conselho, proposlhe sua determinação, que por todos lhe foy contrariada, dizendo que era cousa muy fora de rezão por vir na frota muy pouca gente & a mais dela doente, que quasi não auia quem mreeasse as naos se não os fidalgos que estes hião menos doentes, & na cidade auia dobrada gente da que acharão da outra vez, & ela muyto mais forte, de maneyra que parecia que se perderião se a cometessem. E vendo ho gouernador que todos erão contrelle no cometer da cidade, buscou hũ ardil pera cometer tomala sem parecer a ninguem que a cometia, & foy dizer que lhe queymassem as naos que estauão varadas, porque como elas erão os instrumentos com que negociauão suas fazendas & tratauão coelas, tanto moutaua queymarenilhas como queymar lhe a cidade, porque tão desabriga-

dos ficauão sem elas como sem ela. E isto dizia com tenção que vendo os mouros queymarlhes as naos sayrião da cidade a defendelas, & os nossos lhes auião de querer resistir, & dali se trauaria a peleja antreles de que poderia resultar tomarse Adem como se tomou a Goa, o que podera ser se os nossos forão tantos como forão no feyto de Goa, & tão sãos. E porque os capitães sabião que não era assi, forão tambem contra o que ho gouernador dizia, dizendolhe que posto que os mouros ficassem perdidos de todo cõ perderem as naos, muyto mais se perderia em perderse hũ sô dos nossos, pois estaua certo ainda que hum soo podesse queymar as naos correr muyto grande risco, quanto mais indo tantos como ele dizia que fossem, que de necessidade auião de morrer algũs, & estes auião de ser dos fidalgos q̃ não auia outros, & que se ele daria cincoêta naos por hũ Portuguez qualquer q̃ fosse, como queria auenturar cincoenta fidalgos por quatro naos. E vendo ho gouernador como lhe contrariauão em tudo, ouue menencoria, & coela disse que verdade era q̃ daria cincoêta naos por hũ Portuguez, porê que aueturaria cincoêta fidalgos por quatro vacas, & que ele nã queria que os fidalgos queymassem as naos, senão os marinheiros, & que eles ho farião sem os homẽs dar mas; & foyse muyto agastado pera a carauela de Ioão gomez que ja era chegado cõ Ruy galuão, & ali ajutou obra de cẽ marinheiros cõ mestres & pilotos & deulhes por capitão a Ioão teixeira bõ caualeiro, & como foy noyte mandoulhe q̃ saltasse ã terra & q̃ymasse as naos & ã partido deitolhes a bênção, dizendo. Meus caualeyros a benção de Deos

vã conuõseco, queymaime as naos des-
ses cões, que vos aueis de fazer me-
lhor que os homens darimas. E coisto
partirão muyto ledos indo ele em sua
companhia no seu esquife, em que le-
uaua suas trombetas, que tocarão cõ
hum som muyto esperto em os nossos
saltando em terra, a que acodirão o-
bra de trinta mouros que estauão em
vigia das naos, & os nossos como os
virão, hũs remeterão a eles, & outros
aas naos a lhe poer fogo com poluo-
ra: porem não pegou nelas se não
tão pouca cousa que lhes não fez ne-
nhum nojo, & isto por os mouros as-
terem cheas da goa receandose de lhas
os nossos queymarem. E vendo eles
quão pouco danno lhes fazião, con-
tentarãse com matar os mais dos
mouros que vigiauaõ, & sem acodi-
rem outros da cidade se tornarão os
nossos a recolher. E ho governador
lhes fez muyta honrra, principalmẽ-
te a Fernãdasonso mestre da nao san-
ta Maria de serra, & a Domingos
fernandez seu piloto, & a Bertola-
meu gonçaluez mestre da nao sam-
Gião que ho fizerão dauantajem dos
outros.

Capitulo.cxiiij. De como ho governa-
dor chegou a Diu, & do que passou
com Meliquiaz.



Quando ho governa-
dor que nã podia fa-
zer nhũ mal aos ãmi-
gos, & que auia aida
ali destar tãtos dias,
trabalhou por tomar
ho baluarte do molde que atraueßaua
da ilha de Cira aa cidade, & tomado
fez assentar no alto dele hum came-
lo nosso com que forão derribadas

muytas casas da cidade, & assi lhe des-
mãcharão duas vezes hũ trabucoq os
mouros tinhão armado: & isto fez hũ
Ioão Luis fundidor dardelharia muy-
to boõ bombardeiro. E assi mandeu
ho governador chegar bem ao muro
da cidade ho nauio de Ruy galuão,
que escolheo pera isso. E estando cer-
cado de grandes arrombadas, esbom-
bardeou muyto ousadamente as naos
q̃ estauão varadas, & lhes fez muyto
danno, de modo que a cidade ficou
assaz dãnificada. E sendo quatro di-
as Dagoßto, partiose ho governador
com toda a frota pera a India, & a-
uendo vista do cabo de Goardafum,
correo a costa do reyno de Vlconde
(que he a primeyra India ate ho rio
Indo). E chegando aa costa de Cam-
baya, auendo vista da cidade de Mã-
galor & da de Pate, foy demandar a
ponta de Diu, & por ser tarde a não
quis dobrar, & surgio com toda a fro-
ta, samente Simão velho & Ieroni-
mo de souza que hião diante, que do-
brarão a ponta & forão surgir defrõ-
te de Diu: do que ho governador ou-
ue muyto grande menencoria, porque
leuaua em tenção de tomar Diu se ho
achasse em desposição pera isso, o que
ele fizera se aqueles dous capitães não
forão diante, porque Meliquiaz esta-
ua em hũa quintaa sua duas legoas de
Diu, & tinha consigo toda a gẽte dar-
mas. E tanto que os nossos nauios sur-
girão, foylhe dado auiso per fumaças
& recolheose aa cidade com toda sua
gente: & quando ao outro dia chegou
ho governador não pode fazer nada
do que trazia determinado, & prẽdeo
Simão velho & Ieronimo de souza por
se adiatarẽ dele & surgirẽ primeiro, &
mãdouos meter debaixo da cuberta da

sua nao, & mandou que perdessem as capitancias dos navios que tinham. E depois de passada aquella menen-
coria os soltou & lhas tornou a dar. E surto ho governador, Meliquiaz homandou visitar, mostrando-se muy to ledo por sua vinda, & mandoulhe tanto pão, & tantas vacas & galinhas, & tantos carneyros, & tanta soma de fruta que abastou a toda a frota, & mandoulhe dizer que lhe perdoasse de lhe mandar tão pouca cousa, por que ele não era mais que hum almo-
xarife delrey de Cambaya, & que ele ho iria ver aa nao. E ho governador lhe respondeo que lhe não podera mã dar cousa com que mais folgara que aquele refresco, & que ho tomava co mo dhum homem que tinha por muy to grande seu amigo, & que folgaria muyto de ho ver pera falar coele cou sas que importauão muyto a ambos, & mandoulhe algũas peças, com que he pareceo que folgaria. Porem Mi liquiaz não ho foy ver nem ao outro dia, nem em tres mais que ali esteue, porque com quanto tinha paz coele, não se fiaua dele pera ho ir ver aa nao, & cada dia ho mandaua visitar com refresco, & lhe mandaua dizer que ho iria ver: & mandoulhe pedir que lhe mandasse os capitães pera os ver & fe stejar, pois ho não podia fazer a ele como desejaua. E ho governador os mandou pera verem Diu & sua dis-
posição, & Miliquiaz lho mostrou & todos seus almazées com as munições de guerra que tinha, & alli sua arma da de fustas, & banqueteu os & feste jou os ho mais que pode, & a todos deu peças, & todos se tornarão muy to contentes dele pera ho governador, a que contarão que Diu não era tão

forte como dizião, & que era mais for tificado com artelharía que por natu reza de seu sitio, como disse no liuro segundo. E nestes dias que ho gouer nador aqui esteue, concertou com Me liquiaz por recados que deixasse ali hum feytor com cobrè & esperiaria pera se gastarem em Diu & comprar roupa, & outras cousas que tinham va lia em çofala & em Malaca, & que podesse ali mandar fazer hũa soma de bizcoyto, por quanto auia trigo, & se poderia fazer sem nenhũa opresam: & deixou por feytor da mercadoria que auia de ficar a hum Fernão mar tinz euangelho & hum Iorge correa por seu escriuão. E pera fazer ho biz coyto a hum Christão nouo chama do andrade. E pesando depois a Milí quiaz de se fazer este bizcoyto por lhe os mouros dizerem que era pera ho governador tornar coele ao mar ro xo, ordenou de fazer como Andrade teuisse parte com hũa moura com que fugio pera ho sertão, & alli não ouue ho bizcoute effeyto. E vendo ho governador que Miliquiaz não ho queria ir ver aa nao, & entendendo bem ho porque, determinou de se ir, & mandando-se despedir, se fez hũa manhaã aa vela caminho da India, & como ho Miliquiaz viu aa vela, sayo com toda sua armada que serião bem cem navios de remo todos artilhados & apadeitados & fornidos de muyta gente. E sabendo ho governador que Miliquiaz ho hia ver per hũa fusta que mandou diante, virou sobrele com toda a armada, & saluando ho com toda a artelharía & grita dos nos sos & arroydo de trombetas, chegou Miliquiaz a bordo da capitayna na mais pequena fusta da sua armada, & ele

mesmo a governaua: & ho governador se pos abordo & fez lhe muyta cortesia, & falarão hū pouco, pedindo ao governador muyto perdão de ho não poder feruir como desejava, & q̃ era seruidor del rey de Portugal, & seu. E dandolhe o governador muytos agardecimētos, lhe mādou deitar na fusta quatro mouros de grāde resgate q̃ leuaua catiuos, & cō grandes offrecimētos damizade dhū & doutro se despedirão. E ho governador seguio a rota de Chaul, dizendo aos fidalgos da sua nao q̃ a q̃le mourosabia muyto, & q̃ sempre tinha leuātado hū pé pera dar hū couce, & q̃ ho não quifera ir ver a nao estando surto, porq̃ podera ser q̃ se entrara dentro q̃ ho não deixara sair, & q̃ viera despois de ir a vela por lhe mostrar a sua frota.

Capit. cxliij. De como ho governador achou em Chaul Tristão de ga com reposta da embaixada com que foy a el rey de Cambaya.



Artido o governador de Diu, mandou diātē a Antonio raposo no seu nauio, que fosse dizer a Goa como hia, & a Ruy galuão & a Ieronimo de souza ho mesmo a Cananor & a Cochī. E ele se foy dereyto a Chaul, onde Nizamaluco lhe mandou fazer grāde festa, & mādou muyto refresco & allí as pareas q̃ deuia. E por seu consentimēto deixou tãbē aqui ho governador feytoria com fazēda pera se feytorizar, & mais deixou hū loão faleiro pa fazer duas carauelas: & allí mādou daqui levar muyto salitre, enxofre, linho, trigo & arroz. E aqui achou Tristão de ga que tinha mandado com

embaixada a el rey de Cambaya sobre lhe dar fortaleza em Diu, & vinha com ele hū mestejeiro do mesmo rey q̃ deu de sua parte ao governador hū caualo muyto grande & feroso com hūas cubertas daceiro, & hūa sela do mesmo a sua maneyra & hūa adaga de sua pessoa, & pera el rey de Portugal hūa doutror: & allí deu hūa carta del rey ao governador, em que lhe dizia q̃ faria tudo o que ele pedia por seu embaixador como lhe diria Miligupī em sua carta a que se referia. E Miligupī escreuia ao governador q̃ el rey de Cambaya era contēte de dar feytoria em Diu, & fortaleza, & que cadāno se gastarião em Cambaya corenta mil quintais de cobre a preço de nouenta xerafins ho bahar, & allí se gastarião outras mercadorias de Portugal, & das de Cābaya da rião ao feytor de Diu as q̃ quisesse, & q̃ el rey de Cābaya queria mandar a Malaca hū stāte dos Guzarates, & que pedia seguro pero quantas naos de Cambaya lá fossem: & q̃ rogaua muyto ao gouernador que lhe mādasse a nao meri. E Tristão de ga disse ao governador que achara el rey de Cambaya na raya de seu reyno com hū poderoso campo de gente de pé & de caualo, & q̃ tinha guerra cō el rey do Mādo seu vezinho, & que quando ho vira lhe fizera muyboõ recebimento, & ho mandara agasalhar muyto bem, se não que tardara bem tres meses em ho despachar, dizendo que ele sabia que auia de vir outro governador de Portugal, & que isto sabia certo, porque ho secretario da India ho dissera ao seu embaixador que mandara ao governador quando viera de Malaca. E se tão cedo auia de vir outro governador, que pera que era fazer nenhū concerto pois o que viesse

ho desmarcharia se lhe viesse a vôtade: & q̃ despois de muyto trabalhofamête lhe fazer perder ho credito de vir outro governador, nã auia remedio pera conceder fortaleza em Diu, se não fey toria, & isto acôselhado de Meliquiaz, a quem Miligupim lhe dissera que pe sua muyto de se fazer fortaleza, & q̃ el rey daua fortaleza em Maim, ou em hũa ilha que esta no canal de Goga, onde outra veza daua, mas o governador a não quis aceitar, & em Mai disse Trião dega que era muyto longe de Cábaya, & q̃ farião as mercadorias muyto custo em as leuar lá, & que a ilha não tinha boõ porto pa as nossas naos. E por derradeiro dissera el rey que ele diria a Miligupim que escreuesse ao governador, & pois ele escriuia que el rey daua fortaleza em Diu que alli seria: porem não foy alli segũdo direy a diante. E cõ fiado o governador que seria verdade, despachou logo ho messejeiro del rey de Cambaya, a quem escreueo muytos a gardecimêtos da fortaleza em Diu, & que el rey seu senhor por ho amor, amizade & trato que folgara de ter coele, não mandara nũca fazer guerra a sua terra, & se suas naos & gente tinham recebido aglũ danno, fora por ajudarem seus imigos, assi como fizeram em Malaca & em Adẽ. E a Miligupim escreueo a gardecimêtos da parte del rey seu senhor mais mudamête por fazer bẽ as cousas de seu seruigo, dandolhe muyta esperança de receber por isso grandes merces, & q̃ dissesse a el rey de Cábaya q̃ ele tinha corregida a nao Meri pera lha mandar, & que logo lha mandaria: & pa a leuar ficou home ssejeiro del rey de Cambaya com ho governador, & mandou estas cartas a el rey. Despachadas estas cousas em Chaul, partio: ho

governador pera a vila de Danda que he de seu señorio, onde sabia q̃ estava metida hũa nao de mouros do Cayro, q̃ partindo de Calicut cõ outras pera ludã arribarão com ho temporal que disse a costa da India & meteranse por esses portos de Cábaya ate môte della. Esta vila de Danda esta na costa entre Chaul & Dabul: he muyto viçosa & a bastada de mantimêtos, & tẽ hũ muyto boõ porto em que podẽ entrar caracas quanto mais naos, tem defronte seys braças da terra firme hũa peq̃na ilha em que os mouros (de que Danda he poucada) tem hũa fortaleza do tamanho dos paços decima dẽ Lisboa: he em si muyto fermosa com muytos jardins de diuersos aruoredos & de muytos tanques da goa que a fazẽ grãdemẽte fresca, & tem ao derredor grandes varzeas que dão muyta soma darroz, & de linho. Esta ilha foy a primeyra cousa que os turcos ganhão quando tomarão a epresa do reyno de Daquẽ, & dali ho começão de conquistar. E chegado ho governador, mādou dizer ao tanadar de Danda que bẽ sabia que aq̃la nao q̃ ali estava era de mouros do Cayro nossos imigos que lha deuia dẽ tregar como a capitão mór del rey de Portugal, cujo vassallo era Nizamalucos señor de Chaul, q̃ tambẽ ho era da quella terra: & cõ licença q̃ ho tanadar de Danda mandou pedir a Nizamalucos pera entregar a nao, a entregou alli casco como aparelhos & toda sua carga q̃ forão tres mil quintaes de pimẽta & gengibre. E em quanto ho governador ali esteve, andou costeando aq̃la ilha de Danda de q̃ tinha noticia, & desejava de a tomar aos turcos, q̃ sabia q̃ era hũa das boas cousas q̃ auia naquelas partes, & q̃ era abatimẽto seu terena turcos,

& sabia q̃ tẽdo a q̃ ficaua el rey de Portugal seõor de Chaul de todo & de toda sua comarca: & pera se soste aq̃la fortaleza não erão necessarios mais de cẽ homẽs que a mesma ilha manteria, & a mais se mais quisessem, & q̃ estaua p̃to de Gos: & despois escreueo sobrisso a el rey seu seõor, mas não ouue effeyto. E etregue ho gouernador da naõ q̃ digo, soube q̃ os mouros leuarão per hũ esteiro dali a cico legoas hũs corẽta fardos de pimẽta, mãdou por eles a lorge dorta. & a Afonso Anriquez e dous bareys armados, & os donos da pimẽta quãdo os virão ir não ousarão de lhes resistir, & fugirão deixando a pimẽta q̃ eles leuarão ao gouernador, q̃ se partio logo pa Dabul, õde sabia que estauão outras naos de mouros da conserua q̃ digo, & mandou as pedir ao tanadar, q̃ respõdeo q̃ escreueria sobrisso ao Hidalcão seu seõor & faria o que lhe mãdasse. E por q̃ o gouernador viu q̃ auia dauer detẽça ate ir recado ao Hidalcão & tornar, não quis esperar, & tãbẽ não quis tomar as naos por ter paz cõ ho Hidalcão, & desejar dauer dele astanadarias da terra firme de Goa, & quister cõprimẽto coele desperar sua reposta. E como digo por q̃ auia dauernisso dilacão, & era necessario não se deter, deixou a Lopo vaz de sam Payo na sua naõ surta na boca da barra d Dabul cõ regimẽto q̃ não deixasse sair as naos nem outras nenhũas ate não ver seu mandado, & mandou ficar coele a Vicente dalbuquerque na naõ de Pero dalbuquerque seu primo: & mandado dizer ao tanadar que lhe leuasse a Goa a reposta do Hidalcão, se partio pa lã

Capit. cxv. De como partio de Portugal Ioão de souza de lima por capi-

tão mór das naos de carga, & do que lhe acontceco.

Neste anno de mil & quinhẽtos & treze, partio d Portugal por capitão mór darmada da India hũ fidalgo chamado Ioão de souza de lima. E os seus capitães a fora ele forão Anriq̃ nunez de lião & Frãscisco correa. E partindo de Lisboa a quatorze de Março, forão todos jũtos ate ho cabo de boa esperãça, õde se apartarão cada hũ por seu cabo cõ hũ grande tẽporal q̃ lhes deu naq̃la parajẽ. E seguindo a capitayna sua rota, foy ter sã a Moçabique a vinte dous de Junho da era sobreditã, q̃ foy a mais breue viagem q̃ ate então se fizera. E estãdo ali esperando polas outras naos, chegou Anriq̃ nunez despois dele dez ou doze dias: & vendo q̃ não chegaua Francisco correa, não se quis mais deter, por q̃ tinha derença em Melinde, a cujo rey leuaua hũ presente del rey de Portugal, & cartas pa ho soste em sua amizade. E partido pa Melinde, chegou lã e obra doytodias, & deu ho presente a el rey, & assi a carta de muytas palauras damizade, q̃ el rey de Melinde muy bẽ merecia por quãto fiel seruidor fora sempre del rey de Portugal, & quãto verdadeyro amigo dos nossos, socorrẽdo lhe sãpre e suas necessidades & agasalhando os como a seus vassallos. E em quãto se Ioão de souza aqui detinha, Francisco correa q̃ se apartou dele cõ ho tẽporal seguiu sua via jẽ pera Moçabiq̃: & cuidando q̃ fazia boa viagem hia por isso muyto soberbo, dizẽdo q̃ metido em hũ pipã leuaria hũna naõ a India. E indo assi, foy por fora da ilha de sam Lourenço sem ho saber: & auendo vista de la, cuidou q̃ era Moçabique, & foy a de mandar. E chegãdo perto de terra co-

chegou a ilha, & como sabia muyto em vez de tirar caminho da India, rodeou a ilha pa ir a Moçambique. E leuado esta rota despois de rodear a ilha q hia bẽ epegado, foy ter às ilhas de sam Lazaro; & indo por elas, começou da parecer hũ fogo em terra, & algũs dos nossos a tẽtarão parele, dizẽdo q parecia sinal que lhe fazião. E ho piloto disse q não era nada, q não auia ali de que fazer sinal, & sem lançar prumo pera saber q fundo auia por ali, indo quasi onde parecera o fogo (q auia hũa hora q vião) supitamente foy dar a nao em hũ parcel onde ailentou na areia & abriu, & por ser a agoa baixa se poderão os nossos saluar no batel & no esquife da nao, a q fizerão arrõbadas, & metẽdo ho matimento q poderão & ho cofre del rey se partirão pa Melide, õde chegarão qũ mortos cõ fome & cõ medo de se pderẽ no mar. E chegados a Melinde, remedeu os ho capitão mór cõ soldo q lhes pagou dos cofres del rey. E vindo hũa vez de terra Anriq nunez de lião & Francisco correa pera as naos, fazia ho mar tamanho escarceo cõ ho vento grãde q vetaua q cogobrou ho esquife em q hião, & afougouse Francisco correa cõ outros algũs, & Anriq nunez escapou às costas de hũ marinheiro q ho saluou; & despois disto partiose Ioã de Sousa pera a India & coele Anrique nunez, & chegarão a Goa quando ho governador estaua no porto de Diu q vinha Dadẽ. O q sabido por Ioã de Sousa, partiose pa Cochĩ, pa ele & Anrique Nunez descarregarẽ a carga q as naos leuauão & carregarẽ despeciaria.

Capit. cxvj. De como ho governador ouue as seys naos de mouros q arribarão à costa da India.

Chegado ho governador a Goa, achou hi hũ presente dhũs panos ricos da Persia q se chamão camarabã dos, q sã douro & seda, & hũ anel dhũ diamão de preço. E isto lhe mãdou hũ ebaixador do Xequismael, q ele mãdara a el rey de Daquẽ & ao Hidalcão cõ grãdes & ricos presentes, pa q tomisẽ as suas carapuças & os liuros da sua seita q eles não quiserão tomar. E este ebaixador pola fama q achou do governador, & pola q auia dele no cãpo do Xequismael, desejou de ter coele amizade & conhecimẽto, & por isso lhe mãdou aquele presente, & não achando o q ho leuou ao governador, o deixou cõ reca do parele q como chegasse ho iria ho embaixador visitar & tornou se parele. Aissi tambem achou ho governador em Goa hũ judeu Portugues morador em Ierusalem, que lhe deu da parte do goardião de sam Francisco de Ierusalẽ hũas cõtas tocadas em muytas reliquias, & hũa cãpainha da capela de nossa seõora do mesmo mosteiro com q tangião a missa, & por serẽ aqlas duas peças de muyta estima lhas mãdaua. Este judeu disse ao governador q ho goardião ficaua no cayro, onde fora a chamado do Soldão, & aissi achou hũa carta do Hidalcão q lhe mandou por hũ Bramene sendo ele ao mar roxo, & hũ diamão rico & tres turquesas, & dizia na carta q mandasse hũ homem de peso pa se acabar a paz q estaua começada, porq Digo fernãdez que là fora não leuaua mais poder q pera pedir as terras de Goa: õde estãdo ho governador lhe foy dada outra carta do hidalcão, em q lhe pedia muyto q lhe quisesse alargar as duas naos q estauão e Da bul, aissi por serem de mouros seus amigos, como por selhe fazer naq lo hõrra

muyto grande, pois sendo os mouros nossos inimigos, valia ele tanto por amigo del rey de Portugal que escapauão em seu porto. Ao q ho governador respondeo que bem sabia de quanto os senhores sentião fazerẽ os vassallos coufas contra seu regimento. E que ele era vassallo del rey de Portugal & seu governador, & que no regimento que tinha nenhũa cousa lhe era tão encomẽdada como a destruyção dos mouros, principalmente dos q quisessem guerra coele, & os de Calicut (q erão os por que lhe rogaua) a quiserão sempre com os nossos, & à treyção matarão muytos deles em tempo de Pedraluarez, & por isso não podia fazer o que lhe rogaua, & mais que oulhasse ele sem paixão, q se tendo a mesma causa que el rey seu senhor tinha, hũ seu capitão fizeisse o que lhe ele rogaua quanto folgaria coisso, & que pena lhe daria se ho fizeisse, & por hi veria se era rezão que fizeisse o que lhe rogaua. E vista polo Hidalcão esta resposta do governador, ouue se por satisfeyto, porem quis que pois ho não fazia por seu rogo que ho fizesse por justiça, dizendo q aquelas naos por dereyto erão suas, & que forão à costa com tẽpo, & pois estaua isto claro que como lhas queria tomar. Ao q ho governador respondeo q ir à costa se chamaua quando hũa nao se fazia em pedaços, ou abria & se perdia a mercadoria, mas que as naos estauão saãs & com toda sua carga, & que entrarão em seu porto como etrauão outras naos, & por isso não erão suas, q os dereyos da mercadoria bem os podia levar como señor do porto, porem que as naos & especiaria erão de nossos inimigos. E pois ele desejaua a amizade del rey seu senhor & sua, não deuia de receber

seus inimigos no seu porto. E vêdo ho Hidalcão que nem por ali ho podia levar, cometeo lhe que fizesse algũ partido com os mouros, porque não ficasse de todo destruydos, & que nisto receberia muyto boa obra. E porq não parecesse ao Hidalcão q ho governador chegaua ao tabo coele, & porque fazia ho proueito del rey seu señor cõ fazer prazer ao Hidalcão, fez concerto cõ os donos das naos que lhe dessem ametade da especiaria de graça, & a outra lhes pagaria com mercadorias. E estando pera acabar este cõcerto, veo ter à barra de Dabul hũa nao de mouros de Magadaxó, que auendo vista dos nossos porq nã podião fugir encalharã cõ a nao em terra, pera ôde logo fugirão, & Lopo vaz tomou a nao q achou carregada de cera & de marfim, cõ que pagou ametade da especiaria que auia de pagar aos mouros com mercadorias. E desta maneyra ouue de graça toda a especiaria, que foy tanta que a carregou na sua nao, & na em que estaua Vicẽte dalbuquerque & foyse a Goa, onde ho governador fez ho mesmo partido q fizera com os mouros que estauão em Dabul, com outros de Calicut que estauão em Cangicar, por ser tambem porto do Hidalcão, & isto sem lhe ele falar nisso pera ho obrigar. E em goarda desta nao de Cãgicar estaua Antonio nogueira capitão de hũa nao. E sabẽdo ho governador q estaua outra em Baticala, mandou laa Antonio raposo com recado a Damechatì governador por el rey de Narsinga, que com medo do governador a entregou logo, & outro tanto se fez em Mangalor, ôde tambẽ arribara outra nao de Calicut, & foy lã Fernão gomez de lemos. Assim que das seys naos que partirão pera Iudã como

disse nenhũa não passou de çacotorã, e cuja parajem lhes deu a tormenta com q̃ arribarão à costa da India, & todas forão tomadas & descarregadas pera se carregarem as naos que auião dir a quele anno pera Portugal, saluo duas q̃ ho gouernador deu a el rey de Calicut que lhas mandou pedir, dizendo que erão suas, & isto quando lhe pediu paz & lhe deu fortaleza em Calicut.

Capit. cxvij, De como el rey de Narsinga mādou hũa embaixada ao gouernador sobre os caualos de Goa.



Estando ho gouernador em Goa, chegou hũ embaixador d̃l rey de Narsinga, q̃ lhe trazia sua embaixada sobre fazer paz & amizade com el rey de Portugal, cō determinação de fazer guerra ao Hidalcão, & a outros senhores do reyno de Daquẽ: & assi que ho gouernador deixasse ir aos seus portos que tinha naquela costa os caualos Darabia & da Persia q̃ auião de ir a Goa. E a primeyra vez q̃ ho ebaixador foy ver ho gouernador, lhe deu hũas manilhas douro & pedraria, & assi algũs aneys & outras joyas ricas, & panos de Bisnegar que lhe el rey de Narsinga mandaua de presente, & a pos isto lhe propos sua embaixada. E como ho gouernador desejava muyto q̃ el rey de Narsinga fizesse guerra ao Hidalcão pera que se saysem os turcos do reyno de Daquem: ho primeyro pōto da ebaixada sobre que praticou foy esse, persuadindo com muytas rezões ao embaixador por o de el rey de Narsinga deuia de fazer esta guerra, a que lhe ajudaria com todo ho poder del rey

seu senhor, & mais tolheria q̃ não viesse mais gente branca ao Hidalcão do estreyto. O que pareceo bem ao embaixador, & lhe affirmou q̃ el rey de Narsinga estaua muyto abalado pera fazer esta guerra, & mais se fossem os caualos a seus portos como pedia. Ao q̃ ho gouernador respōdeo que antes ele daria os caualos a el rey de Narsinga que ao Hidalcão, mas deixalos ir a seus portos, pola perda que el rey seu señor perderia na renda dos dereytos que tinha deles. Que darlhe os caualos ates q̃ ao Hidalcão entẽdasse comprando lhe ele os dereytos, ou fazendo a isso hũ partido que fosse boõ pera ambos, & com condição que ele teuesse com el rey seu señor verdadeira paz & amizade. E ho embaixador disse que não trazia comissam pera ho cõcerto dos caualos: porem ho gouernador entẽdeo nele outra cousa, & por isso falou em al, o q̃ logo se pareceo porque dali a dous dias ho ebaixador tornou ao gouernador, & disselhe que posto que não trazia comissam del rey de Narsinga pera fazer partido cõ ele sobre os caualos, que lhe daria polos dereytos de mil caualos sessenta mil pardaos, mas que os mercadores q̃ os trazião os não auião de vender se não a el rey de Narsinga, & que lhe auia de dar hũa fusta das nossas q̃ fosse em sua goarda ate Honor. E que el rey de Narsinga quando mandasse a Goa por estes caualos, mandaria todas as mercadorias que soyão dir ao porto de Baticalã, & que as darias pelo preço q̃ lã valião. E ho gouernador não quis, & pedia cem mil pardaos, & mais que auião os mercadores de vender os caualos a quem quisessem, porque nã se fazendo assi este partido, el rey seu señor pedia muyto nos dereytos dos caualos,

& mais deffaziasse ho porto de Goa, q̃ coestes caualos ficaua dos melhores da India, & mais assentãdose Ormuz como ele esperaua em nosso senhor, & el rey de Portugal quisesse que os caualos fossem a Goa & não a outro nenhũ porto (o que podia tolher com a armada q̃ trazia) sem nenhũ cabedal podia ganhar tanto como na mina. E por isso por mais que ho embaixador apertou sobre ho governador assentar no parti do dos sessenta mil pardaos nũca quis, & despedioho com hũ presente pera el rey de Narsinga em nome del rey seu senhor, & forão dous caualos Arabios de preço de setecentos pardaos cada hũ, & vintoyto couados de veludo preto & trita de damasco, & seys barretes vermelhos. E primeyro q̃ se fosse, lhe mãdou o governador mostrar as estrebarias & caualos que el rey seu senhor tinha em Goa, & os alifantes; & assi as galés que mandaua fazer.

Capit. cxvliij. De como faleceo el rey de Calicut, & lhe succedeo Nambeadarim seu irmão.



Abendo ho governador que não ouuera effeyto a fortaleza que deixara assentado que se fizesse em Calicut, & a causa porque, como foy e Goa despedio dõ Garcia de noronha q̃ se fosse a Calicut, & tornasse a reformar a paz que assentara com Nambeadarim, q̃ tinha pera isso comissam del rey de Calicut, & que pedisse a fortaleza no lugar em q̃ lha dâtes dauão, & dandolha começasse logo de a edificar. E partido dom Garcia de Goa, foy ter a Cananor, onde soube as reuoltas que forão sobre a prisam de Pocaracẽ quã

do ho governador era ao mar roxo. E achou Pocaracem vsurpado de sua fazenda que lhe ho nosso feytor tomara por consentimẽto del rey de Cananor que fauorecia contrelhe ho goazil q̃ era seu imigo por ele ser muyto amigo do seruico del rey de Portugal: o que sabẽdo dom Garcia ho fauoreceo, & disse-lhe que se não agastasse pelo que lhe fora feyto & pola perda q̃ recebera, porq̃ ho governador lhe faria justiça & lhe satisfaria sua perda, & leuouho cõsigo pera lhe ajudar no negocio de Calicut, por quãto era conhecido do çamorim & de Nambeadarim & tinha credito coeles. E chegando ele a Calicut, soube que el rey de Calicut era falecido, & so cederalhe Nambeadarim seu irmão q̃ adaua occupado em assentar cousas do reyno pelo que não podia entender no negocio a que dom Garcia hia, & por isso ele se ouue dir pera Cochim a fazer a carrega das naos que auião de partir aquele anno pera Portugal, & deixou Pocaracẽ em Calicut pera que quãdo visse tempo conselhasse a el rey de Calicut, que poisele sendo principe procurar tanto que el rey seu irmão fizesse paz com el rey de Portugal & lhe desse fortaleza em Calicut, que agora q̃ era rey ho fizesse pois podia. E chegando dom Garcia a Cochim, soube como a el rey de Cochim lhe pesaua muyto da paz cõ el rey de Calicut, & muyto mais del rey de Portugal ter fortaleza na cidade, porque tendoha temia que tornasse Calicut a sua prosperidade, & q̃ se deffaria ho porto de Cochim & ele perderia muyto de suas rendas, & tornaria a ser tão pouca cousa como dâtes. E assi soube q̃ ele & el rey de Cananor, a quẽ pesaua tambem desta paz, cõselhauão secretamẽte a el rey de Calicut

que não fizesse a paz, nem desse fortaleza, & que se quisesse proseguir a guerra de seu antecessor contra os nossos, q̃ eles ho ajudarião com toda a despesa q̃ lhe fosse necessaria pera a guerra. E assi também soube que el rey de Cochim tinha muyto grande pesar de se tomar Goa & fosterse, que recebia nisso grande perda: porque não auendo hí Goa a quão os da nossa armada inuernãdo na Índia dinuernar em Cochim, & hi se aua de reformar a armada, & pera isto acodião muytos mantimētos a Cochim, de cujos dereytos ele leuaua tres mil cruzados, a fora outras cousas em que ficaua muyto dinheiro dos nossos com que Cochim se fazia muy rica, oq̃ não auia de ser inuernãdo os nossos e Goa. E foy certo que el rey de Cochim induzido de Antonio real & de Lourenço moreno q̃ querião mal ao governador escreueo a el rey de Portugal muytos males de se foster Goa como lhe eles também escreuerão, principalmēte Antonio real em que el rey tinha muyto credito, por se lhe ele mostrar em suas cartas muyto dorido de sua fazenda & grande aproueitador dela. E aos capitães & homēs que lhe parecia que auião de falar cō el rey, mostraua lhe em Cochim as boas obras q̃ ho governador mandaua fazer, & diziãlhes que dissēssem a el rey que ele as fazia, & as q̃ ele fazia que não erã boas, diziã q̃ ho gouernador as mādaua fazer: & coisto fazia com el rey de Cochim que nas cartas que escreuia a el rey que ho abonasse, dizendo quanto se doya de sua fazenda & quãto aproueitaua sendo tudo ao contrario. E em rãto ho abonaua el rey de Cochim que escreueo a el rey, q̃ quando ho príncipe herdeiro de Cochim quisesse tomar ho reyno q̃ lhe resistio

Gõçalo de siqueyra & os outros capitães como ja disse, q̃ Antonio real & Lourenço moreno forão os q̃ ho sosteuerão em seu estado, o que se soube pola reposta q̃ el rey de Portugal escreueo a esta carta q̃ ho governador vio. E por estas cartas taes q̃ el rey de Cochim escreuia a el rey de Portugal, & assi Antonio real, Lourenço moreno & Gaspar pereyra, mādaua ele naquela armada q̃ posses se ho governador em conselho com os fidalgos & capitães da Índia, se era bẽ fosterse Goa ou não, & que lhe mādasse o governador os pareceres de todos, pera fazer o que fosse mais seu seruigo. E isto cō outras cousas, mandou a Gaspar pereyra q̃ ho dissesse ao governador, a quẽ Gaspar pereyra queria mal como disse, & por isso sendolhe dadas estas lembranças e Cochim, começou logo de dizer pubricamente que el rey lhe mandaua que fosse ver Goa, & que se lhe parecesse que não era pera se foster que a mandasse derribar: & mais que mandaua que se não fizesse paz cō el rey de Calicut antes ho destruysem: & isto tudo por lhe parecer q̃ dānaua ho governador, & lhe fazia perder ho credito com a gente.

Capit. cxix. Do q̃ ho governador fez em Cananor.



Es pachadas pelo governador em Goa as cousas que tinham disso necessidade, par tiõse pera Cochim. E estando na barra de Goa atēs de sua partida forão hí ter coe le Fernão perez dādra de & outros fidalgos que ho hião ver, & pedir lhe licença pera se irem aquele anno pera Portugal: & Fernão perez lhe deu cõta de como fora desbaratada

a grande frota de Patehonuz, & da disposição em que deixara Malaca. E seguindo daqui sua rota foy ter a Cananor, onde foy necessario deterse pera tornar a soldar muytas cousas que se fizerao contra ho seruico del rey seu senhor em quanto ele foy ao mar roxo, assim como não disstir Mamele do titulo de rey das ilhas de Maldina, & madao fazer guerra ao rey da ilha de Candaluz, & em se tornar a Cananor ho goazil que eletinha feyto co el rey que ho lançasse fora por ser inimigo do seruico del rey seu senhor, & querer grãde mal aos nossos, & tambem porque soube a morte do camorim & da sucessam de Nambeadarim no reyno de Calicut. E estando aqui soube que era feyta hũa conjuração antre Antonio real, Lourenço moreno, Diogo pereyra de Cochim, ho vigayro geral, & Gaspar pereyra pera tratarem todos com a fazenda del rey seu senhor & ganharem coela quanto podessem, & assi ho fazião que aquele anno comprarão oytocentos quintais de calaim & obrigaârse a pagalo em pimenta a seus donos, & Antonio real compraua soldos aos nossos a cincoenta por cento & pagauallo em cobre, que lhe tornaua logo a comprar por muyto menos do que valião. E desta maneyra todos os portos da costa da Índia erão cheos de cobre, & assi de muyta pimenta que vendião aos mouros, o que era muyto defeso por el rey de Portugal. E assi Antonio real & Lourenço moreno fazião que dauão ho cobre dante mão aos vendedores da pimenta pera a feytoria: & Diogo pereyra hia se a serra com dinheiro seu & compraua a pimenta muyto barata, & na feyto ia vendia a polo preço que valia nela. E assi fazião outras muytas cousas cõtra ho regimẽ

to del rey de Portugal e muyto seu de seruico & destruyção de sua fazẽda. O que sabido pelo gouernador, destruy o esta cõpanhia, & de Cananor madao que ho vigayro geral se fosse aquele anno pera Portugal, pera onde tambem ouuera de madao Antonio real se não soubera que se queria ir, & a Diogo pereyra madao lhe q não esteuesse mais em Cochim & se fosse logo pera Goa, indo primeyro a Cananor pera se ver coele, & madao chamar Gaspar pereyra pera ho trazer cõsigo pois era secretario. E se lhe não fera por dar desauimento a carga das naos de Portugal, ouuera de priuar do officio de feytor a Lourenço moreno & mandalo pera lá: & isto sem nenhũ deles saber a causa porque, nem ho gouernador quis que aoubessem porque os não auia de castigar como merecião, por ho grande credito que tinhão com el rey seu senhor, em tanto q os isentaua dele, & lhe madao que não entendesse miudamente em sua fazenda. E chegado Gaspar pereyra a Cananor como se vio com ho gouernador, que foy na camara da sua nao, disselhe das lembranças que el rey de Portugal mandaua que lhe fizesse, dizendo q não ouuesse por mal fazer lhe sua alteza aquela honrra & merce, & confiar aquilo dele, porque ho mandara à Índia com grandes carregos. E ho gouernador porq ho conhecia, & sabia que el rey não mandaua aquelas lembranças se não por sua enformação & dos outros q disse, riõse do q lhe dizia, & disselhe que ele não se escadaliõzaua de lhe. S. A. madao q fosse seu lãbrador das cousas que comprião a seu seruico, antes lhe fazia niõ a mayor merce do mundo, porque como ele era homẽ não podia acertar e tudo, & mã

doulhe que lhe mostrasse as lêbranças, que forão estas.

Que posesse em pratica com os capitães & fidalgos da Índia se lhes parecia bem fosterse Goa, & lhe mdãasse seus pareceres.

Que não se tomasse nenhũa naõ Dormuz, por quanto el rey pagaua pa reas & era seu vassalo.

Que se não occupassem as naos da carga em cousa que lhes desuiasse não partirem a tempo, & que se corregessem com tempo pera se não dilatar sua partida.

Que dali por diante se não dessem quintaladas se não aos capitães, porq dantes dauanse a outros officiaes.

Que em nenhũ lugar da Índia se não dessem casamentos a nenhum dos nossos que casassem neles.

Que se tirassem os acrecentamentos dos soldos que dera ho visó rey.

Que se fizesse paz com el rey de Cambaya.

Que se cometesse a Meliquiaz que desse fortaleza em Diu, & q el rey ho faria senhor de Diu.

Que Tímoja fosse recolhido pelo governador, & muyto bẽ tratado.

Que não leuassẽ os meyrinhos das fortalezas nenhũas penas.

Que se fizesse paz com Malaca & ouuesse laa feytoria.

Que se tomasse Adem.

Que se aproueitalse bem a fazenda de sua alteza.

Que madaße infinar dos escrauos del rey a calafates, pedreiros, carpinteiros & a outros officios machanicos de edificar.

Que se tomasse assento de paz com Calicut.

Que se favorecesse el rey de Cochã

contra el rey de Calicut.

Que se mandasse Gõçalo fernãdez pera Portugal.

Que se prendesse Fernão caldeira paje q fora do governador, & assi hũ Nuno vaz, & que os mandasse presos pera Portugal, & que se mandasse pera laa loão serrão que el rey cuydaua q est uua ainda na Índia.

Que se assentasse paz com toda aco sta do Malabar.

Que se buscasse algũa maneyra pa não auer tantas despesas na ribeira de Cochim

Que lhe mandasse certas joyas.

Que se prouesse el rey de Cananor de cousas de que se agrauaua.

Que lhe mandasse os quadrilheiros & escriuães que achara culpados em furtos.

Que lhe mandasse algũs frades da terra do Preste se os ouuesse na Índia.

Que lhe mandasse dizer porque fizera Antonio real a nao noua e Cochã.

Que se favorecesse el rey Donor cõ tra Merlao seu irmão.

Que entendesse em certas culpas q se punhão a Diogo pereyra de Cochã.

Ouuidas estas lembranças polo gouernador, disse a Gaspar pereyra que bem sabia ele que as mais daquelas lêbranças não auia necessidade de lhas fazerem, porque as que podião auer ef feyto ele teuera cuydado de as poer em obra: & quãto a Goa ele a tomara com parecer de todos os fidalgos & capitães da Índia, que ho derão em quatro cõ selhos que teuera sobrisso, & q ho tornaria a tomar sobre o que el rey seu senhor mandaua aos que estauão em Cananor por sua pessoa, & aos q estauão ausentes lho mandaria pedir por escripto, & que ele faria as instruções & car

tas pera ver como fazia o que el rey seu senhor madaua; & assi foy feyto. E qua to aos fidalgos & capitães que estauão em Cananor, ho gouernador os ajutou em conselho, & disselhes estando Gaspar pereyra presente.

Capitolo.cxx. Do que se determinou em conselho acerca do que el rey de Portugal queria saber de Goa,



Ve a el rey seu senhor fora escripto da India q recebia grande deseruiço em se softer Goa, assi pelas grandes despesas que erão feytas nela, como por outras que parecia que se auião de fazer de necessidade, & por ser a terra muyto doctia, & morrer nela muyta gente, como porque ho Hidalcão & assi os rumes a uião de trabalhar pola ganhar, & pera isso lhe auião de fazer guerra cõtinuamente; & que as rendas de que se fazia fundamẽto q. S. A. teria nela como tinha do cabayo, era imposssiuel podela ter, porq ho cabayo a tinha a poder de muyta gẽte de soldo q trazia na terra firme, q sua alteza não podia trazer.

Etambẽ lhe fora escripto da India que Goa he porto principal pera se meterem nele rumes vindo à India, como estauão metidos nele quando ho gouernador foy sobrela a primeyra vez que se lhe deu, & que era muyto grãde incõueniente pera seu seruico deixala, assi por isso como por estar tão perto de Cananor & de Cochim, cujas fortalezas podião receber dela grãde dano se fosse d'ĩmigos, & mais por a ilha ser muyto fertil & poder manter quanta gente esteuesse nela, & ser abastada de madeira & officiaes pera corregimẽto

das naos, & assi materiaes pa todas as municoes d guerra q fossẽ necessarias.

E mais lhe fora escripto que ho Hidalcão folgaria de fazer qualquer boõ partido com ficar seu tributario, & q ficasse na ilha sua fortaleza forte & segura pera se defender, assi dos imigos de fora, como dos da terra, com tanto que a ilha ficasse por sua. Proposto isto aos capitães & fidalgos que estauão jũtos, derão todos seus pareceres, & concluyrão todos que Goa se deuia de softer por estas rezões.

Porq el rey pera softer as fortalezas da India, & lhe auerem medo os mouros dela & do mar roxo, & crerem que fazia fundamento de as softer, era necessario ter na India hũ corpo de gente em terra, assi pera se tirar dos grandes gastos que lhe fazia a armada q trazia, como pera dali acodir às fortalezas se teuessem necessidade, porque trazer somente armada a fora o que gastaua, andaua auenturada a perderse cõ hũa toruoadã que sobreuiesse, & parecia q não fazia fundamento da India nẽ de softer as fortalezas que tinha nela, por que perdida a armada ficauão elas perdidas por não terem gente que as desedesse, & auendo hũ corpo de gẽte em lugar forte, posto que se perdesse a armada ficaua cabedal com que se podesse restaurar, & cõ que se defendessem as fortalezas. E ho lugar pa estar este corpo não se podia achar de Diu ate Ceylão mais conueniente que Goa, afi por seu boõ porto como pola fertilidade da ilha, & pola abastança que tinha de carnes, pescados, trigo, arroz & doutros mantimentos, assi de sua colheita como das quatro ilhas de seu senhorio, & doutras terras comarcãs, & ser muyto sadia, assi de agoas como de

âres: & se os nossos forão doentes fora com ho trabalho quando fizerão a fortaleza, & q ho sitio da ilha era muyto forte, & alli ho da fortaleza, porq não tinha combate se não pela banda da vila velha que era a quarta parte. E da bda do mar tinha astres, & que não era trabalhosa cousa softerse, porque sempre se softeuera por muyto tēpo a todo ho poder de gente q ho Hídalção mādara sobrela, de que fora morta muyta & dos nossos nenhūs, & ja estaua desegano de a poder tomar, & por isso cometia paz. E segundo a experiencia que tnhão da guerra passada, & cō as fortalezas que Goa tinha nos passos abastarião quatrocētos homēs pa a defender a todo ho poder do mundo sem nenhuma oppressão, & leuādo cada hū destes seyscētos rs de soldo cada mes, & hū cruzado de mantimento, fazião de gasto por anno doze mil cruzados, que se pagarião do que Goa rēdia, por que as quatro ilhas estauão arrēdadas por treze mil pardaos segundo ho gouernador mostrou por carta de Fracisco coruinel feytor de Goa q lhe screuera entāo: & em quāto fora ao mar roxo renderão os dereytos dos caualos cinco mil pardaos a fora os doutras mercadorias, q forão dous mil & nouecētos, q erão vinte hū mil por todos no q elrey não punha nada de sua casa: & mais q aqueles homēs auião de fazer ho mesmo gasto, así como así estando em outra parte da Índia, & sem fazerem ho proueito q ali fazião, porque os q estauão nas fortalezas de Cochī & de Cananor, não fazião mais q goardar o q lhe metião dētro: e os de goa não somente ho goardauão, mas se elrey ali quisesse ter mais gente, poderia comer as rēdas das tanadarias de Caste, Antruz &

bardes, q sam na terra firme, que cō as rendas de Goa, erão perto de dozētos mil pardaos, cō que se podiã pagar todos os nossos q esteuessem em Goa, & sobejaria dinheiro, & elrey seria temido: & creriã os mouros q fazia fundamento de ganhar a Índia, & ho Soldão perderia a esperança que tinha de mandar armada pera lançar os nossos fora della, porq das quatro cabeças (que erã elle, elrey de Cabaya, elrey de Calicut & ho hídalcão) que determinauão de se fazerē em hū corpo pera lançar os nossos fora da Índia, ho hídalcão era a principal, & por ser senhor de Goa, de que se fazia todo fundamento, assi pa a frota como pera se ajuntar gēte por sua abastança, & estar em parajē, por o de de necessidade auião de nauegar todas as naos da Índia pera qualquer parte, & dali fazião conta de saltar com sua armada, assi as nossas q fossem de Portugal & a nossa armada da Índia, & as naos de nossos amigos q por ali auião de passar. E pois nosso senhor dera a elrey hūa cousa tão boa & tão principal na Índia como era Goa, & de q os inimigos fazião tātō fundamēto pa lhes fazer mal, q elrey a deuia de softer pa lho fazer a eles, & mais pois era sua sē mestura de ninguem, como as fortalezas de Cochim & de Cananor, & seus vassallos, & dali podia señorear sem cōtradição ate Chaul, & ate Cintâcora, & lançar fora do reyno de Daquem os turcos que ho senhoreauão, q erão mais pera temer por estarem na Índia q os rumes que vnhão por mar & erão estrangeiros. E por todas estas rezões se deuia de softer Goa, & não alargar se nem ao Hídalção cō ser tributario delrey & ficar fortaleza nossa na ilha. Tōmada esta cōclusão, que se affinou por

todos os capitães & fidalgos, mandou ho governador fazer tres vias dela pera a mandar a el rey seu senhor, como mandou por tres capitães que hião a quele anno pera Portugal. s. João de Sousa de lima, dom João de lima & Antonio dabreu.

Capitulo.cxx. De como ho governador assentou paz com el rey de Calicut, & de como se começou de edificar a fortaleza.



A dantes disto ho governador tinha mandado falar a el rey de Calicut pologoazil q̃ fora de Cananor, & por Pocaracem que a cabassem de fazer a paz que ficara começada com seu antecessor, pedindo-lhe que pois sendo ele príncipe procurara tanto de a fazer, que a fizesse agora que era rey. E ele bem desejava de a fazer, mas tinha muytos que lhe contrarião que a não fizesse, não digo a inda de Calicut nem de seu reyno, mas de fora: & estes erão os reys de Cochi & de Cananor polas causas que ja disse. E todavia despois que Gaspar pereyra foy fora de Cochim, que não matinou a el rey de Cochim que lhe pesasse desta paz: dom Garcia que ho persuadia a lhe não pesar, ho achou mais obediente aa rezão que dantes, & assi ho escreueo ao governador, que repredeu Gaspar pereyra na camara da sua nao. E pera lhe mostrar quão mal fazião, ele & outros que prouocauão a el rey de Cochim que lhe pesasse da paz com el rey de Calicut, mostroulhe hũ

capítulo de seu regimento, em que lhe el rey seu senhor mandaua, que dando lhe el rey de Calicut fortaleza fizesse paz coele: & deu-lhe juramento que não dissesse a ninguem daquele capítulo, porque el rey de Cochim não teuesse achãq̃ de se agrauar del rey seu señor, como tinha pera se agrauar dele por a paz que fazia com el rey de Calicut, a quem ho governador foy falar duas vezes sobre esta paz fazendolhe grandes abastanças de cousas que lhe el rey seu señor faria se desse fortaleza & outras cousas q̃ lhe pedia, q̃ el rey de Cochi, & el rey de Cananor, & algũs dos nossos lhe fazião entêder que erão falsas, que ho governador lhas prometia por que lhe desse fortaleza, & despois de a fazer as não auia de cumprir, porque a uia de vir outro governador. E a fora el rey de seu natural ser boõ & fiel, & inclinado a toda virtude, prouocaranno muyto a não crer estas cousas, a raynha, que era a sua mulher principal, & tambem hũã sua irmã dele: & não somente não quis crer o que lhe ellas dizião, mas ainda por lhe algũs mouros de Calicut contrariarem que não fizesse esta paz, os lançou fora da cidade & os não cõsentio nela, não estimando os dereytos que lhe pagauão de suas mercadorias, que erão muytos, & a algũs senhores seus vassallos que erão da mesma openião, respõdeo que ele queria restaurar Calicut a seu estado primeyro, & não acabalo de destruyr como seu irmão começara em ter guerra cõ os nossos, & isso não se podia fazer se não por paz, & por isso a fazia, & não deixaria de a fazer posto que lhe custasse do seu: & assi ho fez, que deu fortaleza ao governador da segunda vez que foy a Calicut no lugar em que

ele quis, & que teuesse elrey hí feytoria, onde lhe daria pimenta quanta quisesse a troco de mercadorias que foy couisa que se nunca vio na Índia, & que ho gengibre se comprasse na praça ao preço da terra, por q̃ não ouuesse nisso nenhum êgano, & que pagasse a valia da fazenda que se tomara em tempo de Pedraluarez, & pagasse de tributo cada anno ametade da renda dos seguros das naos, de que cō a paz auião dir ao porto de Calicut grande soma delas, & por isso tambem a renda dos dereytos auia de ser muyta. E a fora esta fortaleza de Calicut segurar muyto ho estado da Índia a elrey de Portugal por Calicut ser hũa das quatro cabeças da Índia que fazião conjuração pera deita-reos nossos fora dela, com que ho Sol dão que era a quarta ficaua de todo de fesperado disso, forraua elrey de Portugal ho gasto do castelo de cima de Cochim que não sostinha se não por amor da guerra de Calicut, & cento & cincoenta mil rs que daua cadanno ao senhor de Repelim porque não a judasse a elrey de Calicut, & deixasse vir de sua terra pimenta a Cochim, & tenha que pagaua a Candagorã, & a outros escriuães gentios por negociarem a pimenta, & mais com a fortaleza & feytoria de Calicut, se podia escusar ho gasto da feytoria de Cananor que era sem nenhum proueito: & tambem dar-se esta fortaleza foy hum grande açoute pera os mouros, & desesperarem de os nossos poderem sayr nunca da Índia, a fora os que tinham recebidos com a entrada do gouernador no mar roxo por saberem que não podião nauegar por ele seguros. E com a entrega das naos dos mouros do Cayro que se fez em

Danda, Dabul, Cintâcoã, Baticallã, & Mangalor, que virão que era de puro medo dos nossos que se tinham por tão arreygados na Índia & tão poderosos nela, que conuinha aos reys & senhores dela fazer-lhe a vontade pera que os não destruysem: & por isto que elrey de Calicut sabia folgou de dar fortaleza ao gouernador. E elrey de Cananor posto que da primeyra lhe pesaua coesta paz & a estoruaua, por derradeyro lhe pareceo bem, & entrou nela pera a ter com elrey de Calicut, & mandou por seu embaixador aconselhar a elrey de Cochim que fizesse outro tanto, & deixasse a guerra pois ho çamorim era morto.

E assentada esta paz de tanta honra & proueito pera elrey de Portugal, começouse a fortaleza de edificar perto do çarame delrey na ribeyra do mar no pouso das naos de Calicut, & remanso do arrecife, que lhe podião focorrer por mar sem trabalho. Era mestre da obra Thomas fernandez, que ho foy das outras fortalezas: goar da della, & dos nossos Francisco nogueyra, a que ho gouernador prometeo que feyta a torre da menajem & a porta çarrada, se chamasse capitão dela. Feytor & pagador das obras hũ Gonçalo mendez, & seu escriuão Iohão Serrão. Elrey de Calicut deu muyto grande ajuda nesta fortaleza, alli com muytos pedreyros, carpinteiros, como com muyta gente de trabalho, & assi com grande soma de cal, & de pedra, & abastança doutros materiaes necessarios, mostrando sempre muyto boa vôtade a esta obra: & fauorecendo os nossos com amor, & mandando aos seus que lhe fizessem todo boô galalhado que podesse ser. E

pera mayor ratificação da paz que tinha assentada, nas naos que estauão de caminho pera Portugal, mandou hum embaixador a el rey de Portugal pola confirmação desta paz, porque coessa condição a assentou ho governador. E escreueolhe, que desejando ele de ter coele paz & amizade despois q̄ reynara, deixara de prosseguir a guerra, & posto que a teuesse assentada cō seu governador, pa mor firmeza queria que fosse confirmada por ele per carta assinada de seu sinal & selada de seu selo, em que lhe pedia que se posesse que lhe mandaria quantas mercadorias se podessem gastar em Calicut, & que mandasse hi carregar algũas das naos que mandaua aa India. E estas que ouuessem de carregar em seu porto, fossem dereytas a ele sem descarregar em primeyro em outro, porque ho aueria ele por grande merce, & que esta carta & reposta de sua embaixada, lhe mandasse per hum homem honrado, que lhe fosse dirigido por embaixador, porque coisso tornaria Calicut a seu primeyro estado & cobraria ho credito que tinha dâtes, & que esta merce lhe merecia pois fizera a paz de tão boa vontade & com as condições que ho governador quiserá, & deixara por amor de sua amizade as mercadorias dos mouros do Cayro, & as do Soldão, de que recebia muyto proueito. E assi lhe fazia nesta carta offrecimêto pera lhe deixar fazer no rio de Chale as naos & galés que quisesse porque era pera isso: & coesta carta deu ao embaixador hum presente de muytas joyas douro & pedraria de preço. Et tambem ho governador escreueo a elrey, pedindolhe muyto que confirmasse o que assentara com elrey de Calicut pois ho

fizera com sua autoridade.

Capítulo.cxxij. De como ho governador soube que dauão capitulos dele a elrey de Portugal.



Azendole a fortaleza em Calicut, & estando ho governador em Cananor, lhe disse hũ dia Antonio raposo estando soo coele q̄ Gaspar pereyra mandaua capitulos dele a elrey de Portugal: & que a maneyra porque ho soubera, fora que ho mesmo Gaspar pereyra lhe descobrira que dom João deça, Manuel de lacerda, dom João de lima, Fernão gomez de lemos, João gomez cheira dinheiro & Gonçalo pereyra tinham feytos capitulos do governador, que assinasse ele também neles, ou escreuesse a sua alteza so brisso, & que ele lhe preguntara que auia de escrever. Ao que Gaspar pereyra respondeo, que bem sabia ele que ouera ho governador hum cofre cheo douro dos mouros de Benastarim, & por isso os alargara sem conselho dos capitães, & que ninguẽ não sabia parte disto se não dô Garcia seu sobrinho. E que isto sabia ele, porque estando ho governador pera dar combate aa fortaleza, lhe mandara dizer dom Garcia que ja tinha acabado: & em lhe dizêdo aquilo, dissera ele a Gaspar pereyra q̄ estaua coele. Afastaiuos assi pera laa: & era porque não ouuisse o que dom Garcia lhe mandaua dizer q̄ lhe dauão q̄ era ho cofre cheo douro como despois soubera. E Antonio raposo lhe dissera, q̄ ele estaua a esse tẽpo no mar na sua nao q̄ não sabia parte disso, mas q̄ lhe mostrasse os capitulos q̄ auia da sinar,

& ele lhos mostrara, & dizião q ouue, ra hũ cofre douro e Benastari por deixar ir os mouros e saluo: q das presas que tomava não daua a gente suas partes se não o q queria, que não daua de comer aos capitães, que não daua os officios nem as capitãias aos criados del rey, q nunca falaua verdade cõ os reys & senhores da India, q deixaua gouernar a India a Francisco dalbuquerque, & a Alexandre dataide christãos nouos q trazia por seus lingoas. E acabãdo ele Antonio raposo douuir estes capitulos, lhe diffiera que queria ver os assinados deles, & por ventura os assina-ria, & q Gaspar pereyra lhe respõdera que não fizesse assi, mas que escreuesse sobriisso a el rey & ao bispo dagoarda. E preguntando ele de q maneyra auia descruer, lhe diffiera q escreuesse a el rey, q bem sabia. S. A. quantos desejos teuera sempre de ho seruir, polo criar & ser sua feytura: & por isso era obrigado a lhe descobrir & dizer toda a verdade da India, por q não ho fazêdo assi, lhe parecia q erraua a Deos & a ele, & apos isto poeria os capitulos. Ao que Antonio raposo respõdera que aquilo era cousa de muyto peso, por isso era necessario cuydar nullo: & isto pa lho descobrir. E o gouernador lhe disse q se calasse, & ouue dele a minuta dos capitulos, não pera os toruar, mas pa mostrar a verdade das cousas da India, & a grande malicia de Gaspar pereyra, a que despois disto tomou em hũa casa cõ dõ loão de lima, loão gomez cheira dinheiro, lorge de melo & Diogo fernandez de beja: & disselhes que lhe releuaua muyto, q lhe dissesse hũa cousa que eles sabião, & q lhes juraua polo juramêto dos sanctos euãgelhos, em q pos a mão de lhes nũca ir mal por sua

causa se lhe dissessem a verdade, antes os louuaria muyto. E dizêdo eles q lhe dirião o q soubessem, disselhes q Gaspar pereyra q ali estaua dizia q eles cõ outros capitães q nomeou fazião capitulos dele, q lhe dissessem se era verdade, ou se sabião que os fazia, por q ele mandaua os mesmos capitulos a el rey seu seõor se lhos eles nã quisessem mandar. E todos affirmarão pelo juramêto dos euangelhos q tal não fizerão, nem sabião que ho fizesse: leolhe então os capitulos. E tornãdo eles a jurar q os não fizerão, nẽ sabião quem os fizesse, mãdou fazer hũ auto do q passaua a Antonio dafonseca escriuão dante ho seu ouidor q estaua presente, & ouuiu tudo: & a qles capitães ho assinarão, mostrãdo se muyto espantados dos capitulos, & de dizer Gaspar pereyra q eles cõ outros os fazião, & differrão ao gouernador q lhe pregutasse dõde ho sabia. E ele disse q não era necessario, q ele sabia o q auia de fazer. E sabido isto pelos outros capitães, conselhauão que mandasse Gaspar pereyra pera Portugal, cõ escreuer a el rey a causa por q ho mandaua, & assi ho auto q se fizera sobre os capitulos. E o gouernador não quis, dizêdo q faria primeyro tirar de uassa pelos capitulos ao mesmo Gaspar pereyra, & q coela ho mãdaria pa Portugal, pera q el rey lhe desse ho castigo q merecesse: o q não pareceo bẽ aos capitães, & dizião que pera assese go da India era bem mandalo a Portugal. E vendo ele q se descobria sua maldade, & q ho gouernador mandaua fazer autos dele pera os mandar a Portugal, co meçou de dizer que ho gouernador ho fazia por mal q lhe queria, polas lêbrãças q el rey mãdara q lhe fizesse, & por q lhas fizera. E ho gouernador foy tão

prouído que manhosa mente lhe fez confessar perante testemunhas, oq̃ lhe respondeo quando lhe fez as lembranças, & fez tirar as testemunhas & au-tuar seus ditos, porque se temeo de mu-dar Gaspar pereira sua reposta em al-gũ tempo.

Capit. cxxiij. De como foy discu-berto ao governador que Anto-nio real mandaua delle capitu-los a el rey de Portugal.



Esta conjunção foy dito ao governador per hũ Antonio madeira q̃ ho anno passado mandara Antonio real hũa carta a el rey de Portugal que lhe escreuera Diogo pereyra de Cochĩ, cujo terlado lhe ele vira em hũ sacõ, & a lera, & que dizia nela muyto mal dele a el rey. E se lhe não parecera que ele estimãua pou-coos mexericos que Antonio real escre-ua a el rey das cousas da India, que ele terladara aquela carta & outras que vi-ra que ele escriuia a el rey, que lhe não lembrauão tambeẽ como a do anno pas-sado, posto que lhe não lêbraua toda. E como isto era cousa que tanto importa-ua ao governador, rogoulhe q̃ lhe disse-se o que lhe lembraua, & que fosse fiel-mente. E ele lhe disse que escreuera, q̃ despois que ele governaua a India não gastara ho tempo se não em guerrejo-nes com nigrinhos nuus & sem armas, & em fazer fortalezas em lugares de pouco proueito & de muyto gasto, & em matar gente sem necessidade, & q̃ sempre punha sua pessoa em saluo, & em lugar sem perigo; & que nunca se fi-zera fortaleza de tão pouco proueito, & de tanto gasto, & de tantas mortes

domes como a de Goa, & que lhe pare-cia mais seu seruico mādala deffazer q̃ sostela, porque ho Hidalcão comia as rendas dela & aproueitaua as terras, & el rey não tinha dela nenhum prouei-to, & isto podia saber per seus feytores & escriuães.

E que não cresse el rey q̃ os homẽs q̃ ho governador casaua na India erão os que ele cuydaua, & que ate ho pre-sente não erão casados se não bargãtes que fugião cada día pera os mouros, po-los enganos & falsidades que lhe ho go-uernador fazia nos casamẽtos, que des-pois de os ter casados, descontaua a ca-da hum corenta ou cincoenta pardaos polas mulheres em seus soldos, & cuy-dando que tinham mulheres, achauãse cõ esclauas, & como a taes as tratauão. E estas sam as mulheres que forão to-madas em Goa, & ho governador ti-nha aquela maneyra pera as vender & aproueitar-se delas.

Que casara ho governador hũ cria-do seu chamado Fernão caldeira, a q̃ deu em dote de casamẽto hũ nauio cõ certas fustas com regimento & poder, como se fora governador; & por virtu-de dotal poder tinha roubada toda a India & aluorçada toda a costa, & ti-nha tomadas muytas naos de Cábaya & Dormuz, & doutros muytos luga-res de paz, & lhe rompia os cartazes & seguros, & despois as metia no fundo, & mataua a gente delas por não ser des-cuberto; que vindo ho governador de Malaca, lhe fora feyto queixume dele, & por lhe não dizerem os mouros que lhe não fazia justiça dele, ou se não presumir que consentia no que ele fizera, mandara tirar hũa inquirição á sua vôtade por Pero dalpõe que era seu ouuidor, & por Francisco coelho

seu escruião, que leuauão todas as partes que erão dos defuntos de Malaca, por serem priuados do governador, & fazer coeles todos os enganos & falsidades que queria fazer na inquirição, & por muyta fazenda que lhe Fernão caldeira peitou, holiuou de tudo o que tinha feyto.

E q̃ ho governador nunca era farto de naos pera fazer guerrejones, & não tinha carregos das naos da carga, de q̃ elrey auia dauar mais proueito que dos guerrejones: & pa saber se era assi, lhe mādara a nao nazaré pera se ir nela, & a leuar carregada, & q̃ ho governador a tomara sem necessidade, se não por lhe fazer má obra & toruar sua ida, & por se doer pouco da fazêda del rey, & não lhe lembrar a gârde perda que recebia em não carregar, & porq̃ fazia sempre tudo a seu saluo, que fizera cõselho com mestres & pilotos se mādaria esta nao ou nã, & todos lhe disserão q̃ mādasse q̃ estaua pera isso. E ele lhes dissera que iria a seu risco de todos, por isso que vissem o que fazião, & q̃ a fossem bem oulhar outra vez, & outras ameaças, & eles então com medo se dissimulã, dizendo que não era pera ir: & estes erão os proueitos que fazia na Índia.

Que não sabia porq̃ el rey não vsaua ho costume Ditalia, que era tomar conta a todo ho capitão & governador na fim do anno do que fizera nele: por que sabêdo q̃ selhe auia de tomar cõta, não fazia as cousas que ho governador fazia, & que homẽ era Gaspar pereyra pera lhe tomar esta conta.

Que a isenção que lhe elrey mādara de Pero mazcarenhas quisera q̃ fora do governador, porque soube que elrey que qual quer capitão q̃ estueisse e

Cochim deuia de ser isento do governador da Índia, porque doutra maneyra não se faria a carga das naos a tẽpo diuido: porq̃ ao tẽpo que elas auiaõ de carregar se hia ele darmada, & leuaua quãtos calafates & carpinteiros auia na Índia & todas as cousas necessarias pa adubio das naos & muy desnecessarias pera onde hia, nem menos deixaua em Cochim barca nem batel pera a carregação das naos, se não leuaua tudo pera os guerrejones.

Que quando se partio pera ho mar roxo lhe não deixou nenhũa gente da ordenada a fortaleza nẽ quẽ vigiasse, & q̃ deixou a torre da menajẽ, & hũa sala & duas torres cheas de putas, onde não entraua nenhũ homem so pena de morte, & a q̃les erão os homẽs darmas que deixaua em guarda da fortaleza.

Que quãdo viera de Malaca se ajuntara em Cochim com sessenta putas q̃ mandara trazer de Goa & as tinha em hũa torre, & assi como acabaua de comer se metia sô coelas, o q̃ fizera todo aquele inuerno, em que nenhũa pessoa lhe podera falar, nem despachar coele, & que Mafamede não teuer mais deleyte com moças virgẽs do que ele teuera aquele inuerno, & que a gente andaua clamando sem a ele querer ouuir.

Que não sabia pera que el rey queria que ouuesse na Índia igrejas, nem pera que mādaua là vigayros, pois não auiaõ de valer aos homẽs: q̃ Ioão Fernandes vigayro geral que laa mandara fora desonrrado & tirado da igreja pola defender. E que ho governador fizera vigayro de sua mão a hũ frade bebado bombardeiro chamado frey Iohão, porque lhe descobria as confissões: & vendo os homẽs que lhe não valiaõ as igrejas fugiaõ pera os mouros.

Que ho anno que ele fora capitão de Cochim, & Diogo pereyra feytor q se correjerão muytas naos pera andar armada, & carregarão muytas pera Portugal, & não se gastarão mais de trinta & tantos mil cruzados, & despois de Loureço moreno ser feytor erão gastados cento & tantos mil, não se corrigendo a metade das naos que forão corrigidas no tempo que Diogo pereyra fora feytor: q homẽ era Diogo pereyra mais sufficiẽte pera ser feytor de Cochim que Loureço moreno, & de seu cõselho, lhe deuia el rey de dar a feytoria, porque tinha mais cuydado de lhe aproueitar sua fazenda que denriquecer, o que não fazião Loureço moreno nem ho seu capitão môr.

E que andando ele seruindo el rey em varar as naos, que mandara ho governador entrar de noyte em sua casa dous rapazes seus criados pera lhe casarem com duas escravas suas, como casarão, & lhe roubarão muytas cousas de casa: & vêdo despois que era mal feyto remetara ho feyto ao vigairo mais cõ vergonha que com vontade, & disse q ho que dizia era ho terço por q ho mais lhe esquecia, & que dizia por derraideiro que goardasse el rey as cartas que lhe screuia, & que indo ho governador a Portugal lhas mandasse ler perãtele: & se não prouasse tudo, q lhe mãdasse cortar a cabeça, & q aqlas cartas forão nas naos scã Maria da luz, & scã Maria da juda, & hião cõformes cõ as que Ioão serrão escreuera a el rey sobre Fernão caldeira, & q seu filho de Ioão serrão as leuara. E q ho notairo destas cartas fora Diogo pereyra, porque Antonio real não sabia notar, somente dizia a Diogo pereyra os casos sobre q queria escrever, & ele escriuia com aquela

cor que lhe parecia necessaria. E as notas destas cartas ficauão na mão Antonio real, & dali as terladava em boa letra hũ Garcia gõgalez que viera de Portugal com Gaspar pereyra, & que ele lera todas as terladadas por ser seu amigo.

Capit. cxxiiij. De como ho governador mãdou tirar testemunhas sobre os capitulos q Antonio real daua dele



Abido isto pelo governador, assentou consigo pelos capitulos que Gaspar pereyra queria dar dele, & polos q Antonio real tinha dado, que por enformação dambos de dous lhe mandara el rey seu senhor fazer as lembranças que lhe mandara fazer acerca de Goa & doutras cousas, & deu muytas graças a nosso senhor por lhe descobrir aquela mina de cartas, & dondelhe vinha ho mal pera ho remediar com tempo, antes que lhe fizesse dãno. E pera se mais affirmar se era verdade o que lhe dissera Antonio madeira, mãdou chamar a sua casa Diogo pereyra que estaua em Cananor, & segurando ho por juramento de nunca lhe fazer mal nem lhe ser feyto por sua causa, lhe preguntou a verdade dos capitulos que lhe dissera Antonio madeira. Ao que ele respondeo que bem conhecia que lhe tinha errado, q lhe perdoasse polo amor de Deos, & que lhe diria a verdade. E dizẽdo ho governador que lhe perdoava, lhe confessou algũas cousas, falando como quem auia medo que não oussava de falar. O que conhecendo ho governador, lhe disse que se espantaua muyto dachar Anto

nio real quem fosse por ele ao inferno, & ele não quem quisesse ir ao parayso com dizer a verdade a el rey: & a isto lhe tornou Diogo pereyra outra vez a pedir perdão. E perdoandolhe ho governador, & segurandoho de não receber nenhũ mal por dizer a verdade, lhe confessou todos os capitulos q̃ lhe dissiera Antonio madeira, & q̃ era verdade que ele fizera a carta em q̃ forão, & isto com juramento, & q̃ dizia muyto mais cousas que aquelas dos capitulos, & assi em outras que escreuera átes dela. E ho governador lhe disse q̃ era necessario auer lhe todos os terlados da quelas cartas pera mostrar a el rey seu senhor os enganos q̃ lhe Antonio real tinha escripto, se não que seria necessario mandar a Portugal a ele Diogo pereyra pera q̃ desse rezão de tudo a sua alteza, & por ele se tiraria hũa inquirição de quanto tinha escripto. E ouuido ele isto, lhe pediu por amor de nosso senhor q̃ não fosse el rey sabedor de tal cousa, prometêdolhe dauer os terlados que lhe pedia, & que ho da carta que dizia Antonio madeira lhe daria logo, & assi lho deu. E auido este terlado, o governador mādou ao bacharel Antonio de vilhana ouuidor da Índia que cõ ho seu escriuão tirasse por testemunhas Antonio madeira & Garcia gõçaluez acerca dos capitulos que virão que Antonio real mandara dele a el rey na carta que lhescreuera, & assi em outras, & ambos testímunharão os capitulos que atras disse, & conformarão ambos em seus testemunhos, se não que Garcia gõçaluez disse mais que Antonio madeira, que na ida de Malaca & tomada dela morrerão ao governador setecẽtas pessoas de doença, de trabalho & de fome, & que ho proueito q̃ el rey auia

dauer ele ho veria: & que querendo ho governador partir de Malaca, lhe leuauão os doentes pera os mandar levar à Índia, & ele não queria mandar que os leuassem, & dizia que coeles auia de foster Malaca pelo que eles morrião de pasmio, & quando se fora pera a Índia ninguem ho soubera, se não quando se fizera à vela, ao que a gente acodira á praya. E fora cousa espantosa as pragas que lhe rogauão, & apupadas que lhe dauão por se ir assi, & que a gẽte andaua cramado sem lhe nũca dar as partes que lhes vinhão das presas, nêlhes pagar soldo: & que as presas erão de quẽ primeyro chegaua, & que alargara os mouros de Benastarim porque lhe peitarão, & que faria el rey bem de mādare por dous judeus que trazia, que sabião quãtas royndades fazia, & q̃ erão seus lingoas, secretarios & despenheiros: & que por estes saberia como passauãoas cousas da Índia. E tiradas estas duaste stemunhas, foy tambem tirado Diogo pereyra por testemunha se escreuera aqueles capitulos a Antonio real, & jurou que si. E despois de tudo isto estar assi feyto, veoter Antonio real a Cananor nas naos q̃ se hiã opera Portugal q̃ auião hi dabarrota. E ho governador ho mādou chamar à camara da sua nao estando coele muytos fidalgos & capitães, assi dos que hião pera ho reyno como dos que ficauão na Índia, & esta ua hi ho ouuidor da Índia & Antonio dasõseca seu escriuão, & Gaspar pereyra: & perante todos mandou ler os ditos das testemunhas pelos capitulos. E lidos, lhe foy dado juramento por Gaspar pereyra, que ho mandou ho governador se era verdade o que dizião a q̃les capitulos, & se sabia quẽ os fizera: jurou que não sabia parte daqueles ca-

pítulos nem os mandara fazer, nẽ era verdade o que se continha neles. E despois disto mandou ho governador ler perante todos a carta que Diogo pereyra ra dissera que Antonio real escreuera a el rey: & lida ho ouuidor da India deu juramento a Antonio real que jurasse se escreuera ele aquela carta a el rey, & assi outra que lhe tambem escreuera Diogo pereyra. E ele jurou que era verdade q̃ Diogo pereyra escreuera hũa carta que ele mandara a el rey per Manuel de crasto capitão da nao sc̃ta Maria da juda. E dizendolhe ho governador que desse ho terlado dela, ele disse que ho não tinha. E de tudo isto que se aqui passou foy feyto hũ auto pelo escriuão do ouuidor, que ho governador mandou a el rey com os ditos das testemunhas sobre os capitulos, pera q̃ foubesse a verdade: & algũs cuydarão que ele quisesse castigar Antonio real, porrem ele não quis nẽ por todas estas cousas lhe deixou de dar boa embarcação, nem a ele nem a Gaspar pereyra, & a Diogo pereyra disse nenhũa mã palavra, se não quando leo a carta publicamente, lhes disse que se espantaua de serem tão inimigos das cousas do seruiço del rey seu senhor, & tão enuejosos de as verem acabadas com boõ cuydado, que trabalhauão com seus enganos & falsidades de dãnar hũ homem que com tanto desejo & amor ho seruia na India. E porque muytos dos fidalgos & capitães isto sabião, tiuerão grande descontentamento de ver a falsidade dos capitulos, & pera dizerem a verdade a el rey, lhe escreuerão os mais deles hũa carta em que se assinarão, & quiseranna meter no maço do governador pa el rey, mas ele nã quis porq̃ não cuydasse el rey que a pedira: & como Gas-

par pereyra queria mal ao governador por lhe tornar esta carta em vituperio dizia que ele fizera fazer aquela carta aos capitães, não pera a mandarem a el rey, se não pera q̃ enganassem coela ao governador que não deteuessela que le anno a Antonio real & ho deixasse ir pera Portugal. E parecendo a Gaspar pereyra q̃ faria pesar ao governador, aconselhou a Antonio real que antes de sua partida mostrasse ao governador publicamente hũa carta que tinha del rey assinada por ele, & passada pola chancelaria da capitania de Cochim, & outras duas cartas, hũa pera fazer hũ nauio, & outra pera poder tratar com pimenta: & isto pera lhe mostrar quãta merce lhe el rey fazia & quanto folgaua cõ seu seruiço. O que ele fez estãdo ho governador bem acompanhado de capitães & fidalgos que forão coele ao mar roxo & leuarão lá a vida que disse, que todos embruscarão vêdo tãtas merces a hũ homem que leuaua boa vida e Cochim, & logo murmurarão daquilo: & por isso pesou muyto ao governador do alardo que Antonio real fez de suas cartas, & secretamente ho reprêdeu disso. E ele lhe disse q̃ ho diabo hotomara, & que Gaspar pereyra lho fizera fazer, & descobrio ao governador ho concerto per juramẽto, q̃ ele, Diogo pereyra, Lourenço moreno, ho vigayro & Gaspar pereyra tinhão feyto pera tratarem com a fazenda del rey, & isto dizia porq̃ se hia pera Portugal. E acabadas as naos da barrotar e Cananor, partiranse pera Portugal & forão cinco bẽ carregadas despeciaria.

Cap. cxxv. Decomo o governador fez eteder a el rey d Cochim q̃ nã era agrauado na paz cõ el rey de Calicut.



Stando ainda ho governador e Cananor, chegou hi ho mestejeiro do embaixador do Xequé ismael, q̃ fora a el rey de Daquẽ, & ao Hidalcão, que como disse ho fora buscar a Goa & não ho achou por ser no mar roxo, E sabẽdo ho embaixador q̃ era vindo, tornou ao mãdar visitar, & não ho achando ho mestejeiro ho foy buscar a Cananor, onde soube que estava, & deu lhe ho recado do embaixador, q̃ era q̃ sabendo ele as grandes cousas q̃ tinha feyto na India, desejava muyto de ho ver, & por ho nã poder fazer ho mandava visitar, & offrecer selhe por amigo. E deste mestejeiro soube ho governador, q̃ alli ho embaixador pera el rey de Daquem & pera ho Hidalcão, como o que fora a el rey de Cambaya, leuava cada hũ cem ecaualgadas, & baixelas de prata de seu seruiço: & que os reys a que hião dirigidos não quiserão tomar as carapuças que lhes leuava da parte do Xequé ismael nẽ os liuros da sua seita. E vendo ho governador que ho mestejeiro do embaixador era inclinado a ver as cousas dos nossos, mandoulhe mostrar a fortaleza, & porque estava de caminho leuou ho cõsigo, & detendose em Calicut, lhe mādou tambem mostrar a fortaleza, que estava em tanta altura que podião assentar nela artelharia, & era quadrada & na quadra q̃ ficava na banda do mar estauão duas torres de fora do muro, & antrelas da parte de dentro estava a torre da menajẽ pegada no muro em que estava, & ao pé dela hũ postigo pequeno pera receber socorro por mar. Nos outros dous cãtos que ficauão da banda da cidade tinha duas torres, &

hũa mayor hũ pouco que baluarte & mais alta na porta da fortaleza que ficava daquela parte, & suas bombardeiras ao derredor, & as torres q̃ goardauão ho pé do muro. E vista esta fortaleza, em cuja goarda ficou no mar dom Garcia com parte da armada ate ser tempo de se recolher, partio se ho governador pera Cochim, onde despachou ho mestejeiro do embaixador, & lhe deu hũ presente que lhe leuasse, & se mostrou muyto grande amigo do Xequé ismael, & lhe mādou pedir por sua carta q̃ da sua parte fizesse muytos offrecimentos damizade ao Xequé ismael, & q̃ tudo faria por amor dele, porque sabia q̃ el rey de Portugal se aueria por muyto seruido disso. E por estas palavras & boõ galalhado, mādou despois ho xequé ismael hũ embaixador ao governador, como direy a diante, & despachou bem hũ Miguel ferreyra que lhe mandara com recado. E despois q̃ ho governador foy em Cochim, com quãto el rey se daua por agrauado dele pola paz com el rey de Calicut, & por q̃ lhe dizião que a carregação das naos auia lá de ser dali por dãte, foy ho ver. E praticando sobristo, disselhe ho governador que não tinha rezão de se agrauar da paz cõ el rey de Calicut, por que el rey de Portugal lhe tinha bẽ satisfeyto os seruiços que lhe fizera, & q̃ a guerra que tinha dantes com Calicut era pola treyção que fizera ho camori, & pois era morto, el rey seu senhor que ria auer piedade dos mercadores gentios de Calicut, & del rey, que se metia em suas mãos, & mais não sendo sua tẽção de fazer guerra se não a mouros, como se via nos lugares que lhes tinha tomado, & por isso se el rey de Coulaõ fizesse como el rey de Calicut tambẽ

se lhe daria paz. E por esta ser a tẽção del rey seu senhor, & ele ganhar coele, deuia de querer paz com el rey de Calicut & não agrauar-se, que bem via ele que ho preço da pimenta de Cochim & os custos que fazia ate Portugal, não deixauão ganhar nela cousa q̃ abastaf se às desordenadas despesas que fazia com a grande armada que trazia na India por amor da guerra. Ao que el rey de Cochim disse que bẽ via tudo, porẽ que ele auia de ter guerra com Calicut, porque assi o queria seu costume. E ho governador lhe respondeo que se a teuesse pareceria contrariar as cousas del rey, como era Calicut pois tinha nela tanta parte; & q̃ a obrigação pera lhe fazer guerra era muy pouca, ou nhũa, pois ho camorim era morto q̃ fora causa da guerra. E a isto preguntou el rey onde se faria a carrega das naos, & ho governador disse que õde a especiaria fosse mais barata, que assi ho fazião os mercadores, & pois ho fazião, que assi ho auia de fazer el rey seu senhor, q̃ razão era que teuesse a sua mercadoria a liberdade que tinhão as dos mouros. E coestas & cõ outras rezões que ho governador deu a el rey de Cochim, ficou ele desagrado do governador, & ouue por bem a paz com que dantes lhe pesaua.

Capit. cxxv. De como ho governador deu a capitania de Malaca a Jorge dalbuquerque, & mandou Diogo fernandez de beja com embaixada a el rey de Cambaya.



Ntrado laneiro do anno de mil & quinhẽtos & q̃torze, quisera se ho governador fazer prestes para a Ormuz a ver se podia acabar e

paz a fortaleza q̃ lhe ficara começada, mas não pode porq̃ achou que as naos & nauios de sua armada adauão todos tão abertos & fazião tanta agoa que se hirião ao fundo se nauegassem, & que de necessidade se auião de tirar a môte pera se corregerem. E vendo ele q̃ não podia sayr aq̃le anno fora da India, pos em conselho se inuernaria em Goa, ou e Cochim pa fauorecer a fortaleza de Calicut, em que ainda aq̃le año auia que fazer. E chamando a conselho, foy acordado que dõ Garcia por amor da fortaleza de Calicut inuernasse e Cochim com a gente cõ que lhe podesse focorrer auendo disso necessidade, & q̃ ho governador cõ ho resto da gente fosse inuernar a Goa: & isto porq̃ em Cochim não auia dinheiro pera pagar mantimẽto aos lascaris, nem auia mercadoria pera lhe ser dada em descõto, porque ho feytor a tinha toda vẽdida aos mouros (com que tinha trato) fiada por tres annos, que enriquecião coela, & el rey não tinha cõ que pagar aos q̃ ho seruião: do q̃ ho governador repredeo ho feytor muy asperamẽte, & lhe disse que como não tinha ele dinheiro pois deuia de ter ho cabedal de seys naos que se perderão & se saluarão os cofres, & q̃ não tornarão pera Portugal, & assi diuidas dos mouros do anno passado, que passauão de quinze mil cruzados, & de tudo isto a armada não fizera nenhũ gasto, nẽ fora nela hũ vintem pera se pagar soldo nem mantimẽto aos Lascaris, por q̃ tudo se pagara de algũa pimenta que ele leuara ao estreito. Ao que ho feytor não respondeo palavra, achandose alcançado, & ho governador não apertou mais coele, por q̃ lhe defendia el rey que não entẽdesse miudamente em sua fazenda, & isto

a petição do mesmo feytor & Dantonio real quando estaua na Índia, porq̃ se temião do gouernador que bem sabião quanto oulhaua pola fazenda del rey. E sabêdo ele que auia dir inuernar a Goa, despachou a hũ seu parente que auia nome Iorge dalbuquerque por capitão de Malaca, porque por algũs respeitos que sentia serem seruiço de deos & del rey, mandaua vir Ruy de britto pera a Índia: & coesta capitania q̃ deu a Iorge dalbuquerque, conuidou primeyro a Pero mazcarenhas, & pola nã que rer lha deu. E ao mesmo Iorge dalbuquerque que deu hũ regimento de coufas que auia de fazer em Malaca, & lhe deu algũa gente q̃ leuasse em hũa nao em q̃ auia dir. E deixandoho prouido de tudo, partiose de Cochim, & de camininho visitou a fortaleza de Calicut q̃ estaua em boa altura: & prouida tambem a de Cananor, se foy camininho de Goa, & chegado a ela, porq̃ por carta de Meligupim tinha promessa de lhe elrey de Cambaya querer dar fortaleza & feytoria em Diu, pareceo-lhe bẽ com conselho de lhe mandar sobristo seu ebaixador pera auer effeyto. E ho embaixador foy Diogo fernandez de beja, & coele lames teixeira por sota ebaixador, & hũ Francisco paez escriuão da ebaixada, & ligoa Duarte vaz, & hião com Diogo fernandez per mādado do gouernador algũs caualeyros criados del rey, & a todos ho gouernador fez merce pera se ataiarem pera esta ida: & Diogo fernandez & eles auião de ir na naorumẽ, & ate Chaul auia dir em sua conserua a nao Enxobregas, que dali a auia Diogo fernandez de mandar a Diu pera õde hia carregada de mercadoria que se auia de entregar a Fernão martinz euangelho que laa

estaua por feytor, & d̃ Chaul auia Diogo fernandez de ir desembarcar a hũa cidade chamada gurrate na enseada de Cambaya, donde lhe auia de ser dado camininho por terra pera õde esteuasse el rey de Cambaya. E tudo isto era assi ordenado por Meligupi senhor de gurrate, & primeyro que Diogo fernandez partisse de Goa, q̃ foy em Feureyro, mandou diãte pedir seguro a etrey de Cambaya por Pero queymado, & por hũ bramene chamado Anagapatu, pera ele & pera toda sua cõpanhia, & isto como que lho mandaua pedir de gurrate, porque quãdo hi chegasse ho achasse & fizesse menos detença. E partido Diogo fernandez, despachou ho gouernador a Pero dalbuquerque seu primo que fosse ao cabo de Gardafum fazer presas, & desse vista a Adem, & da hi fosse a Ormuz a recadar as pareas que se deuião de dousãnos, & soubesse del rey & do seu goazil, se lhe deixarião acabar a fortaleza que deixara começada, & ter hi feytoria. E mais lhe mādou que fosse descobrir a ilha de Baharem de que tinha fama que era muyto rica, & deulhe a capitania moor de quatro naos, ele capitão de hũa, & das outras Ruy galuão, Antonio raposo & Ieronimo de souza. E despachado, se partio pera ho cabo de Gardafum.

Capit. cxxvij. De como Pero dalbuquerque foy a Ormuz, & do q̃ lã fez.



Nde chegado tomou duas naos de Meca que hião de Cambaya, & sentidoho os mouros arribarão a Ormuz bem cincoenta naos cõ medo dele, & na antrada de Mayo se foy a Ormuz, em que ja não reynaua el rey ga

far dim, que ho mãdara matar Raix no radim por ser goazil despois de morto Cojeatar, a quem el rey çafardim não queria que succedesse no goazilado: & morto el rey çafardim succedeo no rey no seu irmão Raix turuxa que fez goazil a Raix noradim, & destes foy Pero dalbuquerque bẽ recebido, & por q̃ ele auia de ir descobrir Baharem, não se quis mais deter, & seguiu sua rota pera esta ilha, que està no sino persico, ou mar da Persia duzentas legoas Dormuz em vinte tres graos & meyo: he ilha grãde, & muyto viçosa dagoas, or talica, & daruoredó. He pouoada de mouros que obedecião a el rey Dormuz, de cujo senhorio soya de ser, & então a tinha tomada hum capitão do Xexeque ismael: nace ao derredor dela no mar muyto aljofar & perlas que os morados dela pescão & vêdêno a mercadores estantes que ganhão muyto, & ho senhor da terra tem disso grandes dereytos, & daqui leuão os mercadores este aljofar & perlas, não somete per toda Persia & Arabia, mas pa a India. E sendo Pero dalbuquerque cõ sua armada tanto auante como esta a Baharem, achou que os ponentes ventauão ja muyto, que lhe impedirão sua viajẽ, & porque pera esperar por leuantes seria muyto tarde pera tornar à India ao prazo que lhe posera ho governador, não se quis de ter & tornou-se pera Ormuz, & chegando a Reyxer dous dias de caminho de Baharem, achou hi Mirabuçaqua hum capitão do Xexeque ismael que dali começaua de fazer guerra por mar a el rey Dormuz, & tinha tomadas vinte terradas que ele ali trazia armada, & por rogo de Pero dalbuquerque as alargou. E ficando muyto amigos, partiõ-se Pero dalbuquerque

& tornou-se a Ormuz, onde inuernou. Estando aqui, falou com Raix noradim, & com el rey Dormuz, & pedio-lhes da parte do governador a fortaleza que hi deixara começada. Do que se eles escusarão, dizendo que el rey a tinha tomada pera si & a metera com os seus paços: & pera que queria ho governador fortaleza naquela cidade, pois ela era del rey de Portugal & lhe pagaria pareas, que se quisesse hi ter feytoria tão segura podia estar sua fazenda como em sua casa, quanto mais que esperauão cada dia recado del rey de Portugal, que o que ele mandasse que isso farião, porque pareceria mal não esperarẽ por reposto da embaixada que mandara ho rey que falecera. Pero dalbuquerque viu que aquilo era escusa, & não quis falar mais nisso, & pediu as pareas que se deuião, que erão dez mil xerafins que lhe pagarão: & tambem em quanto aqui esteue vendeo algũas prelas q̃ fez nesta viajem, que tomou a mouros de Meca nossos inimigos que nauegauão sem seguros do governador. E por fazer estas sem peleja as digo assi em soma. E elas vendidas, assomou ho dinheiro a trinta & cinco mil xerafins, que com os das pareas erão corenta & cinco mil a fora hũa nao carregada de roupa branca que ficou por vender: & vindo ho tempo, se partio coeste dinheiro caminho da India.

Capitulo. cxxviii. De como chegou Jorge dalbuquerque a Malaca, & foy entregue da capitania.



Chegado Jorge Dalbuquerque a Malaca, q̃ foy em Iulho de mil & quinhẽtos & quatorze, mostrou a

prouissam que trazia do governador a Ruy de Brito perate todos os officiaes da fortaleza & outras pessoas principaes dela, & assi perante ho capitão do mar & seus capitães, em que lhe mandaua entregar a capitania de Malaca, & que ele se fosse pera a Índia, a que Ruy de Brito obedeceo, & lhe entregou logo a fortaleza, dandolhe Iorge dalbuquerque hum conhecimento de como a recebia, & com quanta gente, & com quantas peças d'artelharia, que foy feyto por hum tabalião publico. E como Malaca estaua em paz & muyto farta, & abastada, não teue Iorge dalbuquerque q' fazer logo pola primeyra mais que leuar boa vida, & Ruy de Brito ficou em Malaca ate Dezembro que era a moução da viasẽ da Índia. E estãdo ele pera se partir, chegou a Malaca el rey de Campar de que ja disse atras que fora ho primeyro que pedio amizade ao governador, & sempre dali por diante foy muyto amigo; dos nosos, nem então não hia se não a visitar ho capitão de Malaca, & saber se tinha necessidade de sua ajuda, porque adaria de muyto boa vontade ate perder nisso seu estado. E recebendo muyta honrra de Iorge dalbuquerque, & merce em nome del rey de Portugal, se tornou pera sua terra despois de star algũs dias em Malaca. E por esta amizade que Iorge dalbuquerque entendeu nele, desejou de ho fazer bendara de Malaca, que era tamanho officio q' no tempo del rey de Malaca era a segũda pessoa depois dele: & sabendo dele que ho seria se lho ho governador desse, mandoulho pedir per hũa carta que lhe escreueo per Ruy de Brito quando se foy, dizendolhe que muyto mais ennobrecida auia de star Malaca com ser

bendara el rey de Campar que Nina-chatu hum mercador, porque assi gentios como mouros se desprezauão de ser mandados por ele, & não se desprezarião de ho ser por el rey de Campar: & assi outras muytas rezões que sam largas de contar.

Capitulo. xxix. em q' se escreue ho reyno de Cambaya, & de quão poderoso he ho seu rey, & dõde começarão os reys de Cambaya.



Espachado Digo fernandez de beja, partio se caminho de Chaul com sua companhia e Feuerero, & por ho tempo ser ja quasi contrairo a sua viajem, chegou laa em vinte sete dias, & dali mandou logo a nao Enxobregas a Diu, & ele seguiu sua viajem pera currate hum lugar do reyno de Cambaya, que he dos principaes reynos da Índia, confina do leuante que he polo sertão com dous grandes & ricos reynos, hum se chama Mandou, outro Sangã, & do ponente com ho mar Indico, & do norte com ho reyno de Dulcinde, & a qui começa a sua costa em hũa cidade chamada Mangolor: & dura ate quasi Chaul que he da banda do sul, que he ho primeyro lugar do reyno de Daquem com que Cambaya comarca por esta parte. E a costa he de muytas legoas, & ha nela muytas cidades de bõs portos que sam muyto ricas. He geralmente muyto abastado de todo genero de mantimentos, em tanto que em qualquer parte dele seys legoas de terra, podem abastar de mantimẽtos seys

meles a hum grande exercito. He terra muyto vigosa & de muytas caças, asy de monte como de ribeyras: he de grande criação de gado grosso & miúdo. Crianse tambem muytos caualos, a inda que pequenos, de fora lhe vem muyto ouro & grande soma de prata: ha nele hũa pedraria dalaquecas, de que se fazem muytos bríncos que vão ter aas nossas partes. He pouoado este reyno polo sertão de gétios, & nos portos de mar pola mayor parte de mouros, antre os gentios ha hũs que se chamão resbuto, que quando os reys deste reyno erão gentios (porque agora sam mouros) erão caualeyros & defendião ho reyno, & ho governauã, & despois que os mouros ho tomarão recolheranse aas montanhas sem nunca se lhe quererem entregar, & ali viuem, & dali lhe fazem guerra ás vezes & eles se governão per si que não tem rey nem senhor que ho faça. Ha outros gentios a que chamão Baneanes, que não comem cousa nenhũa que padeça morte, & tem por ley de a não matar, nem ver quando a matão, & os pobres lhes leuão aues viuas & dizelhe que as querem matar, & eles as comprão por mais do que valem porque as não matem, & despois as soltão, & tambem comprão os condenados a morte pela mesma causa, & tanto estimão de matar que quando acendem candeas tēnas em alenternas por se não matarem nas candeas as berberetas. E se lhe comem algũs piolhos, mandão chamar outros da sua ley que viuem apartados do mundo como heremitas, & tēnos por santos, & estes lhos tirão & os põe em si por seruigo dos seus idolos. Estes Baneanestem os mouros em tanta veneração, que on-

de quer que os achão catiuos os resgatão logo, sam muyto namorados, & andão bem atauiaados ao seu costume, & casam, & tem molheres muyto fermosas. Ha outros gentios que se chamão Bramenes, que sam antreles sacerdotes, & tem em grande reuerência ho numero de tres, & confessam auer hum soo Deos verdadeyro, criador de todas as cousas, & que sam tres em hũa soo pessoa, & quando rezão, rezão tres vezes a estas pessoas, & tem que Deos verdadeyro tem outros muytos deoses que governão por ele, em que tambem creem, pelo que parece que aquella terra foy de Christãos, & por tempo se veo a perder a Christindade nela. E estes bramenes achandose onde estão nossas igrejas, êtrão nelas & adorão as imagẽs, pregũtando sempre por santa Maria, como que tem dela conhecimento. Destes não casam se não os hirmãos mais velhos, & no mais que hũa soo vez, & com hũa soo molher, nem ela não casa mais morto ho marido. E ele a mata com peçonha se lhe faz adulterio, tirando se ho cometem com os hirmãos de seus maridos, porque a estes he lícito dormir coelas. Neste reyno dizem que ha sesenta mil pouoações antre grandes & pequenas, & muytas sam cercadas & arruadas, & de casas altas de pedra & cal como em espanha: chama se do guzarate & tambem de Camba, por amor de hũa cidade que tem ho mesmo nome, que he hũa das principaes de todo ele, està oytto legoas do mar por hum pequeno rio acima por onde lhe leuão as mercadorias que lhe vão per mar, & he muyto grande & fermosa com casas lauradas por dentro de maçanarias & pinta

das douro, & de diuerſas côres, & todas com jardins muyto freſcos, & tem derredor muytas hortas de ſingulares agoas, & muy ſabroſas fruytas. Ha nela grandes mercadores, aſſi gentios como mouros, naturaes & eſtrangeiros, & todos muyto ricos, que tratão em todas as partes, & temrem todas muyto credito, & tem nelas ſeus feytores & eſtantes. Eſtes ſe veſtê de ſedas & brocados, & calção no inuerno brozeguis, marroquis laurados douro, & çapatos de pontilha, & nas cabeças fotas muy ricas, & coſtumão muyto cheiros & perfumes & outros deleytes; ha muytos officiaes machanicos que fazem obras tão ſotis como em Frandes, & tecem panos dalgodaõ brancos & pintados, brocadilhos, veludos, cetins, chamalotes & alcatifas. E aſſi ha grandes lapidairos & falſificadores de pedraria. Coſtumanſe nela hũas carreras com leytos de tauoa do pintados, & çarrados com porta, que tem pera viſta hũas janeletas de geloſia, & eſtas carretas trazem caualos, & andão coelas homẽs a ganhar pola cidade em levar peſſoas de hũas ruas pera as outras, aſſi a ver parentes, ou amigos, ou feſtas, ou pera ver a cidade, & ali vão muy ſecretamente, levando dentro muſica de vozes, & inſtormentos aa ſua maneyra com que ſe deſenfadão. Ha tambem como diſſe outras muytas & muy ricas cidades pela coſta, & pelo ſertão, & as mais da coſta eſtão na enſeada que diſſe que faz eſte reyno, que começa em Diu, & acaba em outra cidade chamada Damão. E neſta enſeada enche a maré & vaza tanto que eſpraya duas & tres legoas & mais, & he muyto perigofa por auer nela

muytos rochedos, & ha antreles grãdes pégos, em que ſe as naos não fição de baixa mar perdenſe nos rochedos, & por iſſo he neceſſario entrar nos portos deſta enſeada com pilotos da terra. As naos de Cambaya ſam ſem quilha & coſidas com cayro como as do Malabar, & carregão muyto, porque não tem cubertas. El rey de Cambaya he mouro, & tem bem ſeyſcêtas molheres com que dorme, & ſerueſſe com muyto grande eſtado, & muy polidamente como os reys nas noſſas partes: & por ſer ſenhor de tamanho reyno tinha muyta renda, & muyto grande teſouro, & trazia gente ſem cõto em ſua corte, principalmente darmas de caualo, & ſam bõs caualgadores, trazem eſcudos redondos, & algũs ſayas de malha, & os caualos acubertados. Antreſta gête darmas os mais ſam eſtrajeiros. ſ. Turcos, Abexins, Mamelucos, Coraçones, Turquimaẽs, Arabios & Perſſos, que ſe ajuntão aquí, aſſi por a riqueza da terra, como polos grandes ſoldos que lhe pagaua el rey. Trazia tambem el rey muytos alifantes, que compraua por muyto dinheiro, com que fazia a guerra a ſeus inimigos: trazem neſtes alifantes caſteſos de madeyra em que andão quatro & cinco frecheiros ou eſpingardeiros, & ſe os alifantes nã foſſem tão doridos pelejão muyto bem, porque ferem os caualos & a gente dos inimigos com os dentes: porẽm ſe ſam feridos fojem logo, & deſbaratão os da ſua parte. Eſtes reys de Cambaya auia pouco que erão reys, que ſoyão de ſer capitães do emperador de Deli hum grandiffimo reyno no ſertão da India: & era ſenhor deſte reyno, & do de Dulcinda, & do de

Sangã, do Mando, do Daquem, de Narlinga, & deste de Cambaya & tinha em cada hum hum capitão que ho governaua. E concertandose todos de lhe tomarem ho senhorio, se lhe leuantou cada hum com ho reyno que governaua, & se chamou rey dele, & ele ficou soamente com ho de Deli em que residia. E este rey que então reynaua em Cambaya, era ho quarto contando do primeyro que se leuãtou: & hum destes foy criado com peçonha, que assi ho quis seu pay polo não matarem coela: porque os reys de stas partes costumão muyto mandar se matar hũs aos outros coeste genero de morte. E as molheres com que dormia por não morrerem leuauanse todas com çumo de limões, & despois comião outras cousas cõtra a peçonha.

Capitolo. xxx. De como Diogo fernã dez de beja chegou a çurrate, & partio da hí pera Champanel.



Proseguinto Diogo fernandez sua viagem chegou aa boca do rio de çurrate por õde ella estaa obra de duas ou tres legoas do mar: he hũa cidade pequena rasa com çasas como ja disse, & chegou aqui a quinze de Março. E sabendo na barra como não era ainda vindo Pero queymado com ho seguro del rey, ho mandou pedir ao regedor da cidade, que era inouro & chamauase Destrocão, que logo lho mandou, & que lhe fosse feyto grande recebimento, que assi lho tinha mandado elrey de Cambaya que ho fizesse, porque sabia que auia de tr ho nosso embaixador, & sayrão a

recebelo Meâcofe & Meâbabu capitães del rey, & hum irmão de Meligupim acompanhados de muyta gente & leuarão caualos pera os nossos & carretas pera ho seu fato: & Destrocão não sayo coeles por estar doente de boubas. E recebido ho embaixador com muyto amor dos capitães, mouros leuaranno aa cidade a casa do regedor, de que tambem forão muybem recebidos, & lhe mandou logo dar hũa cabaya que hetraçoda terra, & outras aos que hião coele que assi costumão de fazer aos estrangeiros, porque vestindose do trajo da terra parece hum grande sinal damizade, & que estão seguros na paz, & ho embaixador as não queria tomar, dizendo que não auião de tomar cousa alguma se não do rey com que viuião. E dizendolhe ho regedor que elrey de Cambaya lhas mandaua dar, & que ho aueria por grande çonrra se as não tomasse, as tomou & vestio logo com os de sua companhia, dizendo que ho fazia pois era del rey de Cambaya, & por estarem em sua terra, & por comprirem seu costume. E dali foy ho embaixador leuado aa sua pouxada, que foy em hũas çasas de Meligupim que erão grandes & ricas. E logo ao outro dia mandou ho embaixador hum presente ao regedor por Duarte vaz & Francisco paez, & assi por outros dos nossos, mandandolhe dizer que pois por lhe fazer honrra tomara as cabayas, que tomasse aquele presente por amor do gouernador, & por lhe fazer a ele honrra, & que lhe perdoasse por ho presente não ser segundo seu merecimento, porque como era homem que andaua sempre com as armas aas costas, que não po-

dá dar cousas ricas : & assi mandou presentes a todos os capitães , & ao irmão de Meligupim , & ao seu feytor , & todos os receberão de boa vontade & folgarão coeles , posto que ho regedor se encareceo em tomar ho seu. E mandados estes presentes , forão visitar ho embaixador , ho filho herdeiro de Meligupim , & duas filhas por lhe fazer honrra , que he a mayor que se pode fazer , & a estes deu ho embaixador algũas peças ricas. E logo neste comenos se começou de soar que Meligupim estava agrauado del rey de Cambaya , & se fora da corte por algũs dessauores que lhe fizera , & que el rey partia muyto de pressa socorrer a hũa fortaleza que se lhe leuantara , & era muy longe . E sabêdo ho embaixador isto , não quis partir pera a corte ate não saber a certeza de tudo , & por se escusar do regedor que lhe dizia que partisse , disse que não era vindo ho seguro del rey , com que chegou Pero queymado a vinte sete de Março , & trouue hũa carta del rey pera ho regedor , em que dizia que desse aos nossos todo ho necessaria pera seu caminho ate a cidade de Madaua , onde ho embaixador auia dir falar a el rey , & outra de Meligupim pera ho governador , em que se auia por mofino de não estar na graça del rey como dantes pera ho servir , como sempre desejava . E ambas as cartas hião abertas , & ho embaixador as viu : & sabendo ele por Pero queymado ho dessauor de Meligupim , & que se fora pera a cidade de Champail , & el rey ido a socorrer ho castelo que se lhe leuantara que era muyto longe , quiserase dali tornar por ter regimento do governador que por ne

nhum modo inuernasse em Cambaya , hora ouuesse concerto antre el rey & ele , hora ho não ouuesse. E que ho tempo da moução pera tornar aa Índia , era ja tão curto que como abalasse de gurrate auião por força dinuernar em Cambaya , pera o que não leuauão a despesa necessaria por ho governador fazer conta que não auião laa dinuernar , & se ho fizesse seria com seu grande abatimento & desonrra , & com passar ho regimento que lhe ho governador dera : & por isso determinou de se tornar de gurrate tanto que chegasse a nao rume , em que ho embaixador mandara ver per ho capitão della os lugares em que se podia fazer fortaleza. E determinando de se tornar ho mandou dizer ao regedor , dizendo as rezões que pera isso tinha , que elle contrariou com dizer que como se auia de tornar tendo seguro del rey , & estar tudo prestes pera seu caminho por seu mandado , & que conta lhe daria se fosse sem ir a ele pois vinha a isso , & que se de todo se quisesse ir que primeyro ho auia descreuer a el rey , & vindo seu recado farião o que mandasse. E vendo ho embaixador a vontade do regedor , & por não ser chegada a nao deixou se estar ate ver o que el rey respondia ao regedor que lhe logo escreueo , & ele escreueo a Meligupim tudo o q̃ passaua , pedidolhe q̃ lhescreuessa miudamête o q̃ era bẽ que fizesse , & lhescreuessa o q̃ lhe mandara dizer e segredo por Pero queymado , & a Ganapatu pa lhe ho governador dar a isso credito. E nisto chegou a nao rume , & ho embaixador se quiserá ir , & não foy por ho regedor lhẽ baraaça a ida dizendo que auia descreuer a el rey como a nao era chegada ,

& deu-lhe a entender q̃ sabia onde fora, & que sospeytava a que. E por entender no regedor que ho não auia de deixar ir, & dandolhe a entender que ficaua por fazer a vôtade a el rey de Cambaya ficou, & ho regedor mandou mostrar ao lingoa & escriuão da embaixada hũa carta del rey, em que lhe escreuera q̃ em todo caso fosse ho ã baixador velo. Etêdo p̃stes sua partida se partio aos vintoyto de Março pa a cidade de Madauã onde el rey estaua. E ho regedor & feytor de Meligupim lhe derão trinta & tres caualos, que tãto serão necessarios pera os que auão dir a caualo, & doze carretas pera ho fato, & vinte piães da terra frecheiros, & hum capitão de gête de caualo chama do Meaçamadim. E com toda esta companhia que era muy grande começou ho embaixador seu caminho, & sendo hũa jornada ou duas de çurrate, lhe derão a reposta de Meligupim a sua carta em que aprouaua sua ida a el rey. E depois desta carta, mais a diante lhe foy dada outra sua, em que dizia que tâto que aquela vísse se fosse a Champanel onde ele estaua, que he hũa cidade das mayores que el rey tem & a mais forte. Estaa no sertão trinta legoas do mar si tuada em hum grande campo, em que se leuanta hũa serra pequena em redõ deza, mas muyto grãde em altura, em tanto que pola parte mais baixa tem quatrocentas braças daltura, & he toda cercada de rochedo. Nesta serra está si tuada a cidade cercada de muros & torres, & dentro desta primeyra cerca tẽ outras seys & todas de muros muy fortes: a primeyra cerca não tem mais que hũa soa entrada por hũa porta muyto alta feyta ao picão, & entrão por baixo do chão trinta ou corenta braças. E

diãte desta porta estaua hũa caua muyto funda de largura de cem passos com hũa pôte leuaciga. Nesta cidade estão hũs paços dos reys de Cambaya, que ocupão tanto espaço como Euora, & sam cercados de muro, q̃ se serue por tres portas de ferro, & dentro não poufa mais que el rey com suas molheres, & os recebedores de suas rendas que andão na corte, & os officiaes de sua casa, & estão os almazẽs de armas & munições de guerra, & todo ho mais sam jardins que dão fruytas como as nossas com fontes de jaspes, & estão todos ao derredor de muytas casas de prazer, de que as mais sam de hum sobrado, & as outras terreas, & quasi todas abertas por duas partes, & hũas tẽ as paredes lauradas douro & dazul, & outras brãqueadas com betume de gessão & claras dous, & outras confeyções com que ficão tão aluas & resprandecentes que fazem perder a vista, & ho chão he la drilhado dazulejos: seria esta cidade de cento & trinta mil fogos.

Capitolo. cxxxj. De como ho embaixador se vio com Meligupim na cidade de Champanel, & de como se partio pera a corte del rey de Cambaya.



Esta cidade chegou ho embaixador aos quatro dias Dabril ao meyo dia, & decese em hũa horta pera ali se despir dos vestidos de caminho, & ir ver Meligupim, que sabendo que era chegado, lhe mādou caualos pa sua pessoa & pa os de sua cõpanhia, & mādou muyta gête de caualo q̃ ho acõpanhasse & muytos tan-

geres que ho acompanharão ate a casa de Meligupí, q ho sayo a receber â primeyra casa das suas, & lhe fez todo ho gasalhado que se podia fazer; & ho embaixador lhe deu ho presente que lhe ho governador mandaua, & mais hũa carta, & despois lhe mostrou ho presente que ho governador mandaua a elrey de Cambaya. E porque Meligupim ho ouue por pouco, conselhou ao embaixador que lhe acrecentasse mais hum bacio dagoas mãos de prata dourado per partes, & hũa albarrada do mesmo, & hũa adaga forrada dourado, punho & bainha, & muyto bem obrada, & estas tres peças erão do embaixador. E sabendo Meligupim como ho governador mandaua pedir a elrey hũa fortaleza em Diu pera goar da da muyta fazenda que elrey seu senhor auia hí de ter; & pera conseruação da paz, disse que era muyto bem pedir fortaleza, posto que Meliquiaz escreuera muytas vezes a elrey que ho governador lhe pedía em Diu hũa fortaleza, & que lha não desse, porque a não queria se não pera lhe tomar sua terra: & não lhe dando fortaleza, não ouuesse medo de lhe tomar Diu que estaua muyto forte. E passados tres dias, partiose ho embaixador pera Madauã onde elrey estaua, mandandolhe Meligupim dar caualos, & a lamestexeira pera ho caminho, & outros que leuassem a destro pera a entrada dalgũs lugares, & assi outras carretas, & quatro camelos que lhe leuassem tẽdas se lhe fossem necessarias: & assi mandou coele hum homem principal de sua casa & seu capitão ate Madauã cõ seys de caualo & vinte de pee, & ho auisou que não poufasse se não õde lhe aquele seu capitão dissesse. E antes de

chegar a Madauã (que he hũa cidade mayor que Champanel & mais nobre de edificios) foy aquele capitão dizer ao goazil moor delrey de Cambaya que se chamaua Codamacão a vinda do embaixador. E por quãto elrey era aa caça, & não se sabia certo se tornaria aquele dia, mãdou Codamacão dizer ao embaixador que ficasse aquela noyte em hũa sua horta junto da cidade a telhe mandar recado. E ao outro dia logo pola manhaã, mãdou Codamacão hum turco principal de sua casa com trinta de caualo, & diante muytas trobetas & outros instromentos, pera que fosse com ho embaixador a sua casa onde auia de pouisar em hum apousentamento apartado sobre si. E os nossos hião espantados da multidão da gente que auia na cidade, assi de caualo como de pee, & todos com atauios muy custosos, & assi da nobreza dos edificios da cidade, & a gente que se ajuntaua a ver os nossos lhe impidia que não podessem passar, & deteueranse muyto ate chegara casa de Codamacão, a cuja porta estaua Melique quadragi filho do regedor de gurrate que era paje delrey elperando polo embaixador, a que fez muyto grande cortesia, & ho leuou a Codamacão. E despois de seu recebimento ho embaixador lhe deu ho presente que lhe leuaua do governador, que forão duas peças de cetim, hũa roxo outro pardo; & outras duas, hũa de camarabado verde, & outra de damasco branco. Dezoytocouados de grã, & hũa albarrada de prata, & alem disto hũa taça que ho embaixador acrecentou mais de sua casa, porque nele estaua ser seu despacho boõ ou mau por ser ho mais priuado que elrey aa quele tẽpo tinha: & assi lhe deu a carta

do gouernador. E mostrâdo Codamação que folgaua muyto com ho presente, recolheose ho embaixador pera as suas pousadas, que erão muyto boas & cercadas, & em que todos os que hão com elle couberão aa sua vontade. E Codamação lhe mandou muyto largamente de comer; & ao outro día antes de comer lhe mandou recado do paço que fosse falar a el rey, que assi ho mandaua, & pera hirem, lhe mandou muyto bõs caualos, & a todos os seus, & foy coele Melique quadragi, & muyta gente de caualo & de pé que forão do paço pera isso, & com muytos & diuersos instromentos. E com muy grande aparato abalarão pa ho paço, indo ho embaixador & todos os nossos muyto bẽ vestidos. Eleuauão ali tres dos nossos ho presente que ho gouernador mãdaua a el rey, que era hum colar douro esmaltado, & hũ punhal forrado douro, bainha & tudo, & anilado que parecia muyto bem, & a adaga do embaixador posta em hũa arelhana douro, & ho seu bacio dagoas mãos & albarrada, & hũa peça de borcado verde da Persia, & duas da China, & noue couados de veludo preto, & assi chegarão aos paços que erão terreos (que assi ostinha ho emperador de Deli quando senhorauea Cambaya.) E entrado ho embaixador nos paços com Melique quadragi, despois de passar por muytos patios & casas chegarão a hum muyto grande, onde a hũ cabo em hũa capelinha defronte da porra estaua el rey deitado em hum catle vestido em hũa cabaya branca de pano dalgodão fino, & na cabeça hũa fota do mesmo, & muyta gente em pee posta em ordem dhum cabo & do outro todos grandes senhores & capitães de gente que tinham muyta

renda; & em ho embaixador ho vêdo lhe fez hũa mesura ao nosso costume com todos os nossos. E logo ele & Iames teixeira por seu mandado se chegarão pera onde estaua, & junto do catle, lhe fizeram cada hum sua mesura. E el rey os recebeu com muyto galhardo, & postos ambos empee junto de Codamação & doutros senhores, forão os outros nossos de douse em dous fazer suas medidas a el rey que assi ho mandou ele, & dali se tornarão onde estauão, & mostrando a todos muyto bo rosto, & dando a entêder que folgaua de ver a nossa cortesia. Feyto este recebimento, lhe apresentou ho embaixador ho presente que digo, com que el rey mostrou que folgaua muyto, tomãdoalgũas peças na mão, principalmẽte ho veludo preto, & oulhandoas & falando nisso com aqueles senhores que hiestauão. E visto ho presente, tomou a carta do gouernador, q̃ ele leo logo, & lida lhe disse como ho gouernador lhe mãdaua sua çalema, & estaua a seu feruiço com toda a armada, & com todos os Portugueses: folgou ele muyto coisso, & perguntou polo gouernador como lhe hia & onde ficaua. Esta pratica foy desta maneyra, falaua ho embaixador ao seu lingoa, & este falaua a outro del rey, & ho del rey falaua a outro que ho dizia a el rey, porque assi ho costumaua, & se costuma ainda agora & tẽno por grãde estado. Acabada esta pratica, mandou el rey a Melique quadragi que leuasse ho embaixador & aos nossos a hũ cabo do patio a darlhe as cabayas, as do embaixador & de Iames teixeira de brocado & as dos outros de veludo, & eles as vestestirão, dizêdo ho embaixador q̃ ho fazião por lho el rey mãdar, mas q̃ aq̃le nã era seu

costume. Vestidas as cabayyas, tornaram outra vez a fazer reuerência a el rey ao nosso modo, & ele disse ao embaixador q se foisse embôra pa a pouxada, & q disse tudo o q queria a Codamacã & q logo seria despachado: & assi se tornou acompanhado como foy, & sendo na pouxada, chegou Melique q dragi, & coele hũ homẽ que trazia hũ bacio grande cheo de moedas de prata mouriscas, que se chamão madrafaxos, & deu os ao embaixador, & a lames teixeira da parte del rey que lhos mandaua pera lauaçem das camisas, & eles se poserão em os não tomar, dizendo q ho não costumauão. E por lhe ele dizer q el rey ho aueria por injuria, & lhe parecia que desprezauão suas cousas, & aueria muyto grande menencoria, os tomaram, & assi duzentas tangas q lhe el rey mandou dar cada dia pera seu comer, que erão quinze pardaos douro. Etudo ho embaixanos mãdaua entregar a Pero queymado pa q o gastaſse.

Capit. cxxxij. De como ho embaixador foy despachado del rey de Cábaya, & de como se tornou a çurrate.



O outro dia falou ho embaixador com Codamacão, & lhe disse como ho governador mãdaua pedir a el rey hũa fortaleza em Diu, porque assi lhe escreuera el rey seu señor q ho fizesse, porque dandolha aueria sua amizade cõ el rey de Cambaya, & sua fazenda estaria mais segura, porque auia de ser muyta, & ele auia de ter por isso grandes proueitos. Ao que Codamacão disse, q como pedião agora fortaleza em Diu, se ateli não pedirão se não feytoria, & q el rey a começara de dar a Trif

tão degã quando lá fora com embaixada, & pa amizade & trato abastaua feytoria, porq nome do fortaleza era muyto grande cousa. Ao q ho embaixador respondeu que el rey de Portugal não auia de fiar sua gente & fazenda de ne nhũa terra na Índia sem fortaleza, & ainda muyto boa por não matarẽa gente, & lhe roubarem a fazenda como fizerão em Calicut, Coulaõ & em Malacca, em q se teuera fortalezas como então tinha em algũs deles tudo esteuera seguro, & não fora quebrada a paz nẽ a amizade: & porq el rey seu senhor a queria ter verdadeira cõ el rey de Cábaya pedia fortaleza em Diu, quanto mais q pera hũ tamanho señor como ele era não deuia dauar por muyto hũa fortaleza em seu reyno sendo dhũ rey seu amigo, & de que auia de ter muyta honrra & pueito. E assi lhe deu outras muytas rezões pera se lhe dar a fortaleza. E passando sobristo muytas mudezas, disse Codamacão q por amor do guernador ele diria tudo a el rey, & ho despacharia ho mais cedo q podesse, & assi ho fez que dahia dous dias que forão a vinte Dabril lhe deu ho despacho, dizẽdo que dizia el rey que posto que ele tinha dada feytoria em Diu ao gouernador, & ate então lhe não mandara falar em fortaleza, lhe prazia dalla em çurrate, ou feytoria em qualquer lugar de seu reyno onde a ho gouernador quisesse. E isto disse ho Codamacão com hũ contentamento como que tinha acabada grande cousa, ou ho fazia com malícia por temporizar com ho embaixador, que na verdade se ele quisesse el rey dera fortaleza em Diu, por em ele não quis por não encontrar a Meliquiaz que não queria ver lá fortaleza nossa. Ouuido ho despacho polo

embaixador, agradeceo a Codamação
ho trabalho que nisso leuara, & a boa
vontade que tinha, & disselhe que não
auia daceitar fortaleza se não em Diu,
que assi lho mandara ho governador,
por Diu ter boõ porto & poderem as
nossas naos entrar dentro, & que se po-
dião tirar a monte se fosse necessario
& inuerner hi, o que não podia ser em
currate, onde a fora estes incõueniêtes
auia outro, que era ficarẽ as nossas naos
tres legoas do porto. Do q̃ se Codama-
cão mostrou muyto descontente, dizẽ
do que como não punha na cabeça o q̃
el rey daua. E ho embaixador disse que
punha por serem palauras del rey, mas
que não podia aceitar fortaleza se não
em Diu, & que ele deuia de pensar muy-
to bem (pois era peõsoa em q̃ el rey cõ-
fiaua tanto) quanto proueito & honrra
era del rey de Cambaya o q̃ lhe ho go-
uernador mandaua pedir, & que deuia
daconselhar a el rey que ho fizesse, por
que seus portos se tornassem a enobre-
cer, & a render o que rendião, & ainda
muyto mais: & que as suas naos lhe tra-
rião seguramẽte toda a riqueza do mũ-
do & nauegarião seguras. E tãtas rezõ-
es lhe deu, que ele disse que por amor
do governador tornaria a falar a el rey,
& pera que teuesse disso mais lembrã-
ça & ho fauorecesse, lhe mãdou ho em-
baixador hũ barnegal de prata & hũ
castiçal que erão seus, dizendo que lhe
mandaua aquilo por ser cousa de Por-
tugal cõ que lhe parecia que folgaria,
& assi disse ele que folgaua. E dali a qua-
tro dias lhe disse que dizia el rey, q̃ po-
lo irem ver de tão longe, era contẽte de
dar ao governador fortaleza em hũ de
quatro lugares, Bombaim, Currate,
Maim, Doubez, & feytoria e Diu ou
onde quisesse, & q̃ escolhesse hũa cou-

sa daquelas se hia por paz, porq̃ ele não a-
uia de tornar a falar a el rey porque au-
ria grande menencoria, & que se qual-
quer daquelas cousas não quisesse, que
lhe não parecia boõ ho coração do go-
uernador. E com tudo isto ho embaixa-
dor não quis aceitar nenhũa daquelas
fortalezas, & deulhe as rezões que lhe
tinha dadas, porque a não aceitaua em
currate. E corrẽdo por esta materia de
palaura em palaura, disse Codamação
que se auendo paz antreles as suas naos
auião de nauegar seguras, não leuando
nenhũa especiaria pera Adem ou pera
ho estreito, se lhe tolheria ho governa-
dor que não fossem lã. Ao que ho em-
baixador respondeu q̃ não era rezão,
que tendo el rey de Cambaya paz & a-
mizade com el rey de Portugal mãdaf-
se suas naos a Adem & ao estreito, com
quem ele tinha guerra, porque a verda-
deira amizade auia de ser amigo dami-
gos, & inimigo d' inimigos. E disto não po-
dia fugir el rey de Cambaya, por q̃ assi
ho leuara despachado Tristão degã:
o que Codamação negou, posto q̃ lho
mostrarão polo liuro do escriuão de
Tristão degã, & disse q̃ não sabia par-
te de tal despacho nem doutro nenhũ
se não teuesse a chapa del rey, q̃ he ho
seu selo, & mais que não sabia que pro-
ueito vinha a el rey de Cambaya da a-
mizade del rey de Portugal se lhe tira-
ua a nauegação do estreito donde rece-
bia ho mayor ganho de suas rendas, &
se ele isto não teuesse, que não sabia q̃ a-
uantajem lhe fazião, pois a Meliquiaz
q̃ era seu escravo tinha ho governador
dados mais priuilegios. E ho embaixa-
dor lhe disse, que posto que el rey de
Cãbaya não podesse mandar ao estre-
ito, que podia mandar a Ormuz, a Ma-
lacã, Pegũ, Martabão & Bengala, õde

se fazia tanto proueito, & mais que em Adem & no estreito, & alli em outras partes q̃ tinham paz com el rey de Portugal, & estauão a seu seruigo: & q̃ soube q̃ ho governador estaua prestes com a armada da India esperando pela de Portugal pera ir logo sobre Adē, & a moução passada deixara de mādarlā muytas naos por rogo de Meliquiaz, que lhe mandara pedir que ho fizesse assi por se não perder Cambaya de q̃ erão lā muytas naos, & que ele faria cō el rey de Cambaya que lhe desse fortaleza ē Diu, & por isso ho governador as deixara de mandar. E assi lhe disse, que se Adem fizesse concerto com ho governador, que tendo el rey de Cambaya paz com el rey de Portugal poderião as suas naos ir lā não leuando especiaria. E com tudo isto Codamacão disse que não auia de tornar a falar a elrey no despacho: & desesperado disso, ho embaixador lhe pediu que lhe mandasse fazer ho despacho que lhe el rey daua pera ho leuar ao governador, & lhe dar rezão de si. E feyto ho despacho, se foy ho embaixador despedir delrey, q̃ a fora as cabayas q̃ lhe derão como da primeyra vez, lhe mandou dar a ele & a Iames teixeira senhas, adagas ricas, & senhas peças de camarabandos: & Codamacão lhes deu pera ho governador hum terçado rico & hūas peças de beatilhas muyto finas do deli que antre les seruem de fotas, dizēdo que aquilo mandaua el rey ao governador ē sinal damizade, & lhe mandaria hūa alimaria chamada ganda, que lhe leuarião a currete.

Capit. cxxxiiij. De como ho embaixador foy inuernar a currete, & despois se partio pera Goa.



Espedido ho embaixador, partio-se ao outro dia, q̃ forão vinte seys Dabril auendo dez que estauão em Madaua, & ele & os seus tornarão nos caualos & carretas de Meligupim, q̃ esperarão todo este tempo pera os tornar a currete, & no caminho achou hū Portugues chamado Antonio afonso, q̃ lhe ho governador mandaua com cartas & com dinheiro, & chegou a currete a oyto de Mayo, onde lhe foy forçado inuernar por amor dos ponētes, que erão ja tão forçosos q̃ derão ā costa cō as naos & zābucos, & mais não tinha embarcação em q̃ podessem ir. E auendo dez dias que era chegado, chegou a ganda, que era hūa alimaria quasi da grossura de hūa pipa & curta dos braços & das pernas, & toda cuberta de cōchas pelo corpo, saluo a barriga, & a cabeça como de porco, & no meyo da testa hum corno muyto agudo de comprimento dhum palmo ou mais. Estas alimarias se criã em desertos do sertão da India, & chamam-lhe os Indios gandas, & cuydo q̃ sam os Rínoçerōtes que Diodoro diz que pelejão cō os alifantes & os matão. Esta trouue hū capitão del rey de Cambaya bem acompanhado de gente, & alla entregou ao embaixador cō grã de festa de tangeres. E ho embaixador lhe deu hūa peça de cetim branco, & dez pardaos em dinheiro. E inuernando ho embaixador em currete em Julho, mandou Pero queymado a Madaua com cartas a Codamacão sobre sete escrauos Christãos q̃ lhe fugirão do caminho indo pera currete, que soube q̃ estauão em sua casa. E lidas por Codamacão as cartas, nã quis dar os escrauos, & disse a Pero queymado q̃ os to-

masse se os achasse, & nem respondeo ao embaixador nem menos a Melique quadragi, a quem escreueo sobre ho caso. E vendo ho embaixador que não tinha remedio pera auer os escravos, entendeo em buscar embarcação: o q sabendo Meâbabu & Meâcoje, lhe disserão que não buscasse embarcação, por q eles tinham cuydado de lha dar quando fosse tempo, que assi lhe tinha mandado el rey de Cambaya, & q lhe dissessem quantas naos auião mester pera lhas fazerem prestes. E dizendo ho embaixador q os feitores de Meligupim tinham cuydado de lhe buscar a embarcação por seu dinheiro, eles ho não quizerão consentir, & que auião de tomar a embarcação que lhe el rey daua, pedindolhe que a tomassem, por q lha darião muyto boa. E aconselhando lhe os feitores que a aceitasse, ho fez assi, & disse q abastaria hũa nao de ate trezentos & cincoenta candis que he hũa medida que se costuma na terra, & outra pequena pera leuar a Ganda. E aos vinte dias Dagosto fizeram trazer hũa nao grande & boa ao cays de currate, q ho embaixador disse que abastaua pa tudo, & q não auia necessidade de mais: & pedindo ho mestre da nao ho frete ao embaixador, disselhe que ho pedisse a Meâbabu & a Meâcoje, que tinham cuydado de ho pagar, & mādou lhes dizer por seu recado que não pagara ho frete pelo que lhe eles tinham dito, & eles fizeramse muyto menencorios do mestre & ameaçarão, & mandarão dizer ao embaixador que se lla mais fosse que ho lançasse pola porta fora. E isto tudo era falso, porque eles quizerão q ho embaixador pagara ho frete, porque lhes ficara ho dinheiro que tinham del rey pera ho pagar, & assi a

matalotajem que fosse necessaria. E vendo que era necessario pagar tudo pelo q tinham dito ao embaixador pois ele se pegaua a isso, fizeram fugir ho mestre da nao & os marinheiros, & fingirão que lhe pesaua disso, & fizeramse muyto menencorios do embaixador, dizendo que ele os fizera fugir. E tâtas cousas fizeram, que desesperando ho embaixador dauer por eles embarcação, a ouue dos feitores de Meligupim que lhes tinha mandado q lha dessem & assi tudo ho de q teuesse necessidade pera sua viajẽ: & eles lhe buscarão tres zambucos, q se chamão corûbas â cûsta de Meligupim. E auêdo Meâbabu & Meâcoje menencoria disso, mādarão hũa noyte lançar polas ruas de currate bem cincoenta vacas mortas & acutiladas, & lâgarão fama ao outro dia que os nossos fizeram aquilo: & assi ho disserão aos feitores de Meligupim, que erão Baneanes, porque os indignassẽ contra os nossos & lhes não dessem embarcação: por q se não pode fazer mayor pesar aos baneanes que matar lhe vacas, que elles adorão. Porẽ os feitores não ho crerão, porque sabião q os nossos se fechauão com sol: & assi ho disserão, & que sabião a verdade, q os mouros matarão as vacas. Que não contentes cõ esta treição, vendo que lhes não aproueitaua, quizerão deter ho embaixador com dizerẽ que lhe auião de ver ho fato quando se embarcasse: & estiuẽrão dous dias sem ho mandar ver, mādandolhe ho embaixador muytos recados sobriisso, ate que foy lames teyxeira falar lhe, acõpanhado de sete ou oito criados del rey, & leuou ho despacho del rey, & ho seguro que lhe tinha dado, & faloulhes muyto aspero por q os não despachauão, & querião q per-

dessem mais tempo do que tinham perdido. E eles se desculparão, & então apertarão muyto q̃ lhes querião pagar a embarcação. E depois de gastadas sobriſſo muytas palauras, diſſe Iames teixeira q̃ a embarcação era paga per Manichete feytor de Meligupim que ſe auieſſem coele, cō tanto q̃ não ficafſe deſcontete. E coifto ficarão amigos, & lhe mostrarão hũa carta de Meli quadragi, em que dizia que el rey ſoubera como ho ebaixador ſe queria ir, q̃ dizia que ſe foſſe embora cō todos os ſeus, & q̃ lhe mandafſem algũs panos, & que lhos não mandauão por q̃ adoe cera Codamação que os auia de deſpachar, que ſe os noſſos quiſeſſem esperar q̃ lhos mādarião, & ho ebaixador não quis. E recõciliado com Meâbabu & Meâcoſe cō que eſteuera de quebra polas couſas paſſadas, ſe foy embarcar com os noſſos, com ho meſmo aparato que foy recebido quãdo chegou, & partiſe pera a Índia a treze de Setebro.

Capit. cxxxiiij. De como Iorge botelho, & outros capitães deſbaratarão el rey de Linga, & do mais que paſſou em Malaca.



Este tempo chegou recado do gouernador a Iorge dalbuquerque q̃ mandafſe chamar el rey de Campar, & q̃ ho fiſſe bẽdara de Malaca. E porque Iorge dalbuquerque ſabia que Iorge botelho era muyto conhecido em toda aq̃la terra & ſabia a lingoa, rogoulhe q̃ foſſe por el rey de Campar, & mādou coele outro capitão que ſe chamaua Aluaro vaz, & deulhes hũa fuſta & duas lancharas em que foſſem com algũs dos

noſſos & gente da terra. E indo Iorge botelho pera Campar, achou noua que el rey eſtaua cercado por el rey de Linga vaſſalo del rey de Bintão q̃ era muy boõ caualeyro, & iſto por ſer amigo dos noſſos; & por q̃ Iorge botelho ſoubes que a gente que tinha era muyta, & a ſua quaſi nada mādou ho dizer a Iorge dalbuquerque & pedir-lhe ajuda, & ele mandou Triſtão de Miranda, Antonio de miranda dazeuedo, Ayres pereyra de berredo todos capitães, & por ſeu capitão mór Francisco de melo, & a fora a gente Portugueſa que ſerião cẽ homẽs, hião ſete ou oyto lancharas cō gente da terra. E partidos de Malaca chegarão à boca do rio de Campar onde eſtaua Iorge botelho, & dali entrarão todos ho rio & forão por ele ate a eſtrada dhum eſteyro, onde ho rey de Linga tinha feyta hũa tranqueyra muyto forte, & tinha ali ſua gente & armada, & fazia a guerra a el rey de Campar, cuja cidade eſtaua polo eſteyro acima. E entrando os noſſos por eſte eſteyro, acharão tão eſtreyto, & cercado de ribas tão altas q̃ ſenão atreuerão a ir por ele, porque temerão q̃ ſabẽdo os inimigos ſua ida acodiſſem logo, & os mataſſem de cima das ribas ſem ſe eles poderem defender, & mais como ho eſteyro era tão eſtreyto poder-lhe hião queymar a frota. E por iſto pareceo bẽ a todos q̃ ſe tornafſem, & ſe poſeſſem no rio largo à boca do eſteyro, & ali tolherião os mantimẽtos aos inimigos, que por eſta cauſa ſayrião a pelear coeles, como ſayrão tanto que ho ſouberão, & era hũa frota doyteta lancharas, em que andauão bem ſeys mil homẽs os mais deles frecheiros, não ſõmente de frechas darcõ, mas de zarauatana, & os noſſos ſerião ſetecentos homẽs, cẽ Por

tugueſes & os outros da terra. El rey de Linga hía diâte a remos em hũa lancha ramanha como hũa grande galega & leuaua nela duzentos homẽs cõ padefes q̃ os cobrião todos, & lanças muy boas, & como a maré decia rija hía a lancha a todo tira, & dâ de ſupito com lorge botelho q̃ eſtaua em hũa lancha na boca do eſteyro com obra de vinte Portugueſes, deſpigardas, & bêſlas, & algũs frecheiros da terra: & em ele vendo a lancha del rey, mada deſparar ſua artelharía que deu pelos remeyros de hũa banda, & leuou algũs deles mortos, & os outros cõ medo deixarão ho remo, & baquearãſe que foy cauſa de ſe atraueſſar a lancha na boca do eſteyro, & por ſer eſtreyto encalhou ſe poder paſſar, & as outras q̃ hião apes dela ſe deteuẽrão nela, & ficarão amõtoadas, que parece que foy milagre de noſſo ſenhor, porq̃ ſegundo a multidão de gẽte que erão, os noſſos ouuerão de paſſar mal. E como lorge botelho viu aquilo, começa deſforçar os ſeus, dizẽdo que Deos era coeles, & lhes daua os inimigos nas mãos, que os aferraſſem: & aſſi ſe fez, porẽ eles não ouſarão deſperar, que em os noſſos abairroando ſe lançarão ao rio, por mais que el rey de Linga lhe bradou q̃ ho não fizeſſem. E vendo ele que lhe não aproueitaua, lançouſe tamẽ & foy ſe a terra nadãdo. E niſto acode Francisco de melo cõ os outros capitães, & eẽrão pola lancha del rey & dão nas outras, q̃ aſſi ſe hião deſpejando como os noſſos entraũ, & todos ſe acolhião a terra ſem ouſarẽ de os esperar. E tudo iſto como digo foy milagre de noſſo ſenhor, porq̃ deu tra maneyra não era poſſiuel que tanta multidão de gente como erão os inimigos, oueſſem tamanho medo de tão

poucos como erão os neſſos, q̃ ouuerão aqui muyto deſpojo. E deſbaratados os inimigos, veo el rey de Campar q̃ logo ſoubẽ a noua, & derálhe a lancha em que andaua el rey de Linga, que ele eſtimou muyto por ſe auer antreſes por grande hõrra, & as outras, delas forão tomadas, & as mais queymadas. E ſabendo el rey de Campar ho recado q̃ lhe leuauão pera ir gouernar Malaca, fez ſe preſtes ate ho outro dia com molher, filhos & toda ſua caſa: & os noſſos ſe partirão coele, & na boca do rio acharão Ioão lopez daluim com certas lanchas que lhes apreſentou hũa prouiſam de lorge dalbuquerque, em q̃ lhes mandaua que lhe obedeceſſem todos, & foſſem coele ſobre Bintão pera ho deſtruyrem. E como todos os mais daqueles capitães erão fidalgos, deſprezaranſe de ir debaixo da capitania de Ioão lopez a hũ feyto tão hontrado como fora tomar ſe Bintão, de q̃ ele auia de leuar toda a honrra, & por iſto ordenarão como não foſſem, & tornarãſe todos a Malaca. E por lorge dalbuquerque entẽder as couſas como fora, os prẽdeo a todos: & ao outro dia ſoltou lorge botelho, & rogou he que foſſe cõ Ioão lopez a Bintão, porque cõpria muyto a ſeruico del rey ſeu ſenhor deſtruyr ſe aquella força q̃ ali ſe começaua de criar: & que ſendo caſo q̃ não podeſſem entrar Bintão, que ſe tornaffe Ioão lopez pera Malaca, & ele ficaffe laa cõ toda a armada, porq̃ tolheſſe os mantimẽtos a el rey, & lhe fizeſſe todo o mal que podeſſe, & nã ſe foſſe da hi ſem ſeu mãdado. E partido Ioão lopez pera Bintão, ordenou ſe a couſa de maneira, que nem ele ho entrou, nem lorge botelho ficou laa, & tornarãſe pera Malaca, onde ſabẽdo Ninachatu que el rey de

Campar hia a Malaca pera ser bendâ-
ra, crêdo que ficaua desonrrado se lhe
tirauão ho officio, quis antes morrer
honrrado, & matou se com peçonha q̃
comeo: & logo el rey de Campar foy le
uantado por bendara com muyto gran
de festa, & muyto grãde prazer de to-
dos, & despois que ele gouernou se en-
nobreco Malaca muyto mais q̃ dâtes.

Capítulo.cxxxv.De como chegou aa
Índia Christouão de britto capitão
moor das naos da carga:& de como
ho gouernador determinou de ir so
bre Ormuz.



Stãdo ho gouernador
em Goa, em Setebro
de mil & quinhentos
& quatorze chegou hí
Christouão de britto,
que partio aquele año
de Portugal por capitão môr da arma-
da pera a Índia, de que forão capitães a
fora ele Francisco pereyra coutinho,
Luys dantas & Ioão de melo: & com
Christouão de britto hia Nicolao fer-
reyra, que fora por embaixador del rey
Dormuz ho antecessor do que reyna-
ua, a el rey de Portugal sobre lhe confir-
mar sua amizade, & descarregalo que
não pagasse cadanno mais de dez mil
xerafins de pareas, porque pagaua quí-
ze mil, fazendose muyto pobre, & que
não podia pagar tanto. E ho embaixa-
dor como foy a Portugal, quis lhe nos-
so senhor dar graça pera que se fizesse
christão, & deixasse de ser arrenegado
como era dantes. E deixando a falsa sei-
ta de Mafamede, reconciliou se com a
sancta igreja catholica, o que foy feyto
com grande festa que el rey mādou fa-
zer: & reconciliado disse a el rey a ver-

dade Dormuz, & camanha cousa era:
& quanto rendia, & quão tiranizado
estaua por Cojeatar: por isso que não a
largasse cousa nenhũa das pareas, & q̃
ho deuia de mādar tomar. E el rey por
temporizar cō el rey Dormuz, respõ-
deolhe acerca das pareas que na Índia
tinha seu gouernador sobre quem des-
carregaua todos os negocios dela, q̃ ele
faria nisso o que lhe bem parecesse que
lhe mandasse recado. E ao gouernador
escreueo o que escriuia a el rey, & que
se podesse tomar Ormuz sem ho des-
truyr que ho fizesse, encomẽdandolhe
muyto que se lã fosse q̃ ficassem as cou-
sas da Índia tão seguras que não rece-
bessem nenhũ trabalho, porque cōser-
uar ho ganhado era mais q̃ ganhalo
de nouo: & tomando Ormuz fizesse a
igreja principal da auocação de nossa
senhora da conceição, assi como a de
Lisboa. E vêdo ho gouernador esta car-
ta, posto que estaua determinado pera
ir a cues pelejar com a armada do Sol-
dão, mudou se desta determinação por
estas rezões, porque posto q̃ foisse grã
de cousa desbaratar a armada do Sol-
dão que cadão abalaua a Índia cō sua
vinda, & estoruar a romaria dos mou-
ros a Meca, & cõcertar se cō ho Preste,
não fundia mais nem aprobeitaua, que
tolher aos mouros as mercadortas que
leuauão polo mar roxo que não indo fi-
cauão as que hião de Portugal de muy-
to môr prego: & porem acabado do go-
uernador desbaratar a armada do Sol-
dão, auia se de tornar a Índia, & pagar
mãtimeto a gẽte das feytorias del rey,
& soldo que se lhe deuia, & elas ficauão
muy desprouidas de dinheiro & mer-
cadorias, por q̃ a carga das naos & ho
mao cuydado dos feytores egolia tudo
& a gente ficaua sem remedio. E indo a

Ormuz, senhoreádo ho de todo como esperaua em nollo seño teria ali com que prouer a gēte, & poderia espalmar a armada, & esperar a dos rumes no tēpo verdadeyro em q̄ podia ir à India, & ganhar se hia tanto no trato dos caualos pera os leuar a Goa, q̄ el rey de Narsinga & ho Hidalcão andauão a quem mais daria por eles, & ou aueria por isso Baticala, ou a terra firme de Goa: & a fora isto melhorauasse grãdemēte o estado del rey na India, cō ter por seu hū reyno tão rico como aq̄le. E ele ganhado, dali poderia mais facilmente tapar ho mar roxo q̄ da India por q̄ lhe ficaua mais pto, & fechandose ho mar roxo, dauasse laida à especiaría por Ormuz, do q̄ resultaua muy grossa rēda a el rey de Portugal, como o gouernador tinha por esperiēcia no anno q̄ entrou ho mar roxo, q̄ forão a Ormuz mais sefenta naos do q̄ dātes hião. E por estas rezões mudou a ida do mar roxo a Ormuz, E o q̄ lhe fez ainda assentar mais nisto, foy q̄ chegou Pero dalbuq̄r̄q̄, & lhe disse q̄ el rey Dormuz tomara a carapuça do Xeque ismael, & a sua oração, & que Raix noradim goazil Dormuz Persio de nação lhe parecera muyto inclinado a entregar se Ormuz ao xeque ismael: & que era homē velho & tinha consigo muytos filhos, & estaua e sua mão ho tesouro del rey, & sua fazēda, & q̄ ho Xeque ismael começaua de fazer guerra a Ormuz, & contoulhe o q̄ passara cō ho seu capitão que estaua e Reixer. E disselhe també das muytas naos q̄ achara e Ormuz por amor de sua ida ao cabo de Goardasum, q̄ cuydauão os mouros q̄ auia dētrar ho mar roxo. E assentando ho gouernador de ir a Ormuz, calou ho consigo & começou de aperceber pera isso, dizendo q̄

era pera ho mar roxo: & nisto chegou Diogo fernãdez de Camabaya, onde fora por embaixador & trouue a reposta que disse. E determinandose ho Gouernador em sua ida a Ormuz, partio se pera Cochim peraver a fortaleza de Calicut, que achou quasi acabada, & era da maneyra que disse, & chegado a Cochim despachou as naos pera Portugal, em que mandou a gāda a el rey & algũas joyas de prego dessas que lhe mandauão os reys & senhores da India. E prouidas as fortalezas, de Cochĩ, Calicut & Cananor, tornou se a Goa com toda a armada que auia de leuar a Ormuz: & porque lhe ho Hidalcão tinha mandado dizer, que lhe mandasse hū homem de confiança por embaixador, & que assentaria coele suas cousas, porque por cartas não auião nũca dacabar. Mandou ho gouernador a isso Ioão gongaluez de castelo branco em que confiua muyto, & deulhe sua instrução do que auia de pedir ao Hidalcão, que erao as tanadarias que auia de Banda ate Chandagara q̄ erao vitelegoas, & quando não quisesse que desse as de Antruz, Bardes & Salsete, & se as não quisesse dar liuremente q̄ as desse, com condição que lhe dessem a terça parte do q̄ elas rendessem, & q̄ esta terça lhe pagarião em caualos ou alifantes. E que alem de por esta causa ficar paz perpetua & amizade antrele & el rey de Portugal, lhe concederia que os mercadores que trazião os caualos, os não vendessem a outrem se não a ele, no que ganharia cento & cincoēta mil pardaos. Por e el rey de Portugal ganhaua outro tanto se lhe dauão estas tanadarias, & assi hia na instrução q̄ Ioão gongaluez se deixasse andar cō ho Hidalcão ho mais tempo que podesse. E

partio-se de Goa em Fevreyro acompanhado de dez Portuguezes de cavallo, & obra de cem piães da terra, porq̃ como hia a negocio de tanta importancia, mādou ho governador coeste estado, pera q̃ ho teuesse ho Hidalcão em muyta estima, como teue despois q̃ lá foy, & fez-lhe muyta honrra & galhardo. E Ioão gonçaluez lhe deu hum presente que lhe mandaua ho governador, que era hũ alifante & dous caualos & hũas coyraças postas e veludo azul, & hũ estoque, & hum punhal ricos, & duas peças de grãa. E ho Hidalcão estaua e seu arrayal hũa legoa de Visapor a principal cidade de seu senhorio, o de ainda que tem muytas he seu costume andar sempre no campo. E ho Hidalcão não tomou nenhũa conculsaõ cõ Ioão gonçaluez, dizendo que dera as tanadarias por lhe ho governador dar a compra dos caualos se ele ouuera deitar na Índia pera sempre, mas que auia de vir outro; & que se lhe outrem desse mais pelos caualos q̃ lhos daria, & por isso não auia da lsentar partido com nenhũ governador se não com el rey de Portugal, a quem queria mandar seu ebaixador. E esta foy a reposta que deu despois de Ioão gonçaluez andar lá onze meses.

Capit. cxxxvj. De como ho governador chegou a Ormuz.



Rouida a fortaleza de Goa pelo governador de todo ho necessario, & alli hũa armada de setefustas que auia de fitear na costa com a nao rume, ebarcou-se com todos os capitães da frota, que

erão dõ Garcia de noronha capitão da nao nazaré em que hia o governador, Ayres da silua da nao bota fogo, Diogo fernandez de beja da nao frol da rosa, Pero dalbuquerque da nao bastiayana, Simão dandrade da nao Enxobregas, Vasco fernandez coutinho da nao garça, Jorge de brito da nao sancta Ofemia, Lopo vaz de sam Payo da nao santa Cruz, Antonio raposo do nauio ferros, Ruy galuão doutro, Pero ferreyra dataforea, Nuno martinz raposo da carauela annunciada, Ioão de meira da carauela sam Jorge, Ioão gomez da carauela Santiago, Francisco pereyra da carauela sã Nicolao, Ioão pereyra da carauela Sãtiago, Fernão de resende doutro, Siluestre corçol da galé grãde, Manuel da costa da galé Santiago, Ieronimo de souza da galé sam Vicente, Fernãdeanes do bargantim Santiago, Pedro corço capitão doutro. E chamados estes capitães a conselho, & alli dõ Ioão deça capitão de Goa, & dõ Sãcho de noronha alcayde mór, & Nicolao ferreyra ebaixador del rey Dormuz, perante ho secretario Pero dalpõe lhes disse q̃ ele tinha sua armada prestes, & a gente embarcada, que ferião mil & quinhentos Portuguezes, & seyscentos Malabares; & que el rey seu senhor lhe mādaua entrar ho mar roxo & fazer fortaleza em Adẽ, & que sobriiõ lhe escriuia cadãno, & alli sobre Ormuz, que desejava de ho ter & ser senhor dele, segundose cõtinha mais largamente em hũa carta q̃ mostrou que sua alteza lhescreuera aq̃uele año, & que tinha por noua certa que el rey Dormuz tomara a carapuça do Xequelismael & sua oração, & q̃ se dizia antre os mouros (como sabia ho embaixador Nicolao ferreyra) que Ormuz se auia

dentes e aão Xeque ismael. E por lhe el rey escreuer muyto apertadamente sobre Ormuz, queria saber deles seus pareceres sobre este feyto Dormuz, se seria mais seruigo del rey ir com aquela armada seguralo do Xeque ismael, cu ir sobre Adem & entrar ho mar roxo. E dando cada hũ deles sobristo seu parecer q̃ assinarão, acordarão cõ ho gouernador que era muyto mais seruigo del rey ir segurar Ormuz que a nenhũ dos outros cabos; & q̃ seguro Ormuz dele, se podia mais facilmete tomar Adem, & entrar ho mar roxo que da India. E assentado isto sem ho saberem mais que os que forão presentes no conselho, partiose ho gouernador pa Ormuz quarta feyra de ciza vinte hũ dia de Feureyro, de mil & quinhentos & quinze; & aos vinte seys de Março quasi sol posto foy surgir no porto Dormuz. E em chegando foy a ele hũ mouro chamado Acem ale da parte del rey a darlhe a boa hora de sua vinde, & dizerlhe que vinha pera sua casa, & mandoulhe por ele hũ presente de fruyta seca, & coufas de açucar. E ho gouernador respondeo a Acem ale, que se aquilo assi fosse como lhe el rey mãdaua dizer, que ele ho trataria como a filho, nẽ vinha ali senão pera cõseruação da terra. E porque não entrasse mais gente das mas da que estaua na cidade, mandou vigiar a ilha per algũs capitães, & que não etrasse nenhũ nauio sem ser visto, & achando neles gẽte das mas a mata, semto que mandou dizer a el rey pera que ho mandasse pregoar. E auẽdo do us dias que era chegado, mandou a terra Nicolao ferreyra a dar a el rey a resposta de sua embaixada, ficando por arrefens hũ sobrinho de Raix noradim. E a resposta foy p duas cartas, hũa em

q̃ el rey de Portugal remetia a resposta da petição de Raix çafardim ao gouernador, & a outra sobre ho mouro caçador da onça que el rey mandara coela ao papa. E sabendo ho gouernador q̃ el rey dormuz não dissiera nenhũa couza a Nicolao ferreira sobre a resposta de sua ebaixada, per cõselho dos capitães lhe mãdou pedir por Diogo fernãdez de beja & polo secretario a fortaleza q̃ deixara começada pera se acabar; & lhe mandasse dar apouentamento na cidade pera os capitães por quanto auia de star nela oyto meses, & que mãdasse abrir a porta da fortaleza q̃ estaua pa ho mar, & çarrar outra que estaua aberta pera os seus paços. E el rey lhe mandou pedir a fortaleza que estaua começada por estar tão perto dos seus paços, & que lhe daria lugar pera fazer outra õde quisesse, & lha faria a sua custa: do que ho gouernador foy contente, com tanto q̃ lhe desse el rey em arrefens hũ filho de Raix noradim, & hũ seu sobrinho de comprir o que prometia. E sobristo ouue aida algũs recados por sospitarẽ os mouros que pederia ho gouernador pa fazer a fortaleza as casas del rey ou a mezquita,

Capit. cxxxvij. De como ho Xeque ismael mãdou hũ embaixador ao gouernador sobre amizade com el rey de Portugal.



Stando ho gouernador neste porto Dormuz chegou hum Miguel ferreyra q̃ ele tinha mãdado ao Xeque ismael com cartas, em que lhe offrecia amizade & liança com el rey seu seõor, & sua ajuda cõtra seus

inimigos. E como ho Xequé ismael tinha fama do que ho governador fizera na conquista do reyno Dormuz, & na Índia despois que começou de a governar: & assi sabia ho gafalhado que fizera ao mellejeiro do seu embaixador, & os offrecimentos damizade que lhe mandara por ele, folgou muyto de ter por amigo hū rey tão poderoso como ho de Portugal, & a seu governador. E não fômete despachou bem a Miguel ferreyra, fazendolhe muytas merces, mas ainda despachou hum embaixador com cartas damizade pera el rey de Portugal, & pera ho governador: & assi prefêres de cousas ricas. E este foy Coge alijão ho mellejeiro que ho foy a vilitar da parte do embaixador, que foy por seu mandado ao Hidalcão, em cuja companhia foy Miguel ferreyra, & estaua em Ormuz quādo ho governador hi chegou. E sabêdo ele per Miguel ferreyra como ho embaixador do Xequé ismael estaua na cidade, mandou por ele algūs dos capitães da frota que forão nos seus bateys vestidos dos melhores vestidos que tinham, & os bateys embandeirados, & com muytos atabales & trombetas, de modo que ho embaixador foy leuado com grande festa. E ho governador estaua com todo seu estado vestido darreyo cō quātos estauão coele, & a tolda da nao armada & alcatifada. E em chegando ho embaixador, desparou a artelharía da nao, de que ele ficou espantado, & assi de ver a muyto grande magestade cō que ho governador estaua, que parecia hum muy poderoso principe, assi em sua pessoa como na companhia dos capitães & fidalgos que estauão coele. E recebído ho embaixador por ele, que se assentou, lhe deu duas cartas em lin-

goa Persiana, hūa pera el rey de Portugal, & outra parele. E a pera el rey de Portugal tornada ē nossa lingua, dizia.

Ao grande rey senhor de grandeza, & senhor dalta coroa, & da hōrra antre os reys. Esteyo dos reys da ley do mexias: arreyo dos reys Christãos, rey grã de & grande antreles, rey de grande coração, & senhor bem auenturado, caualleyro de Portugal & de sua grandeza, assi como rosas de boō cheiro, assi sã suas merces, & como almizquere de boō cheiro, cheira ho muyto amor com que vos escreui tudo isto, porque he assi, & todo meu coração & vontade he que sempre seiais grande & de alto estado, que vosso lugar he alto. Façouos saber q̃ em hum tēpo boō, hū de meus seruidores foy por onde estaua ho grãde senhor gabado & escolhido dos reys: ho vosso grande governador, & arreyo dos governadores Christãos capitão moor, meus homēs chegarão a elle. & lhes fez muyta honrra, & lhes amostrou amor & amizade, & os aiudou & despachou bem, & mos enuiou. E não ha duuida q̃ este feyto foy damor, que nossos corações tinham em ausencia, do que foy causa ho vosso governador, & ho declarou, assi como ho sol he claro, & por isso lhe mandei meu embaixador Coge alijão pera mais affirmar & enfortalecer ho amor & amizade, assi como vos melhor quizerdes, & seia sempre esta boa amizade antre nos, & nossos mellejeiros, & cartas vão sempre & venhão, & aia sempre cadea da mor.

E a carta do governador, tornada tãbẽ da mesma lingua Persiana, dizia,

Pera ho grande senhor quetê ho mando, & estejo dos governadores, & grandes da ley do Mexias. Cavaleyro grãde, & fortelião do mar de grande coração. Senhor capitão mór, que em meus olhos & minha graça & coração, muyto me contentastes. & sois grãde em minha vòta de. & isto he verdade, assi como ho he, q̃ ha clari dade quando amanhece, nem ha duuida nisso, como a não ha em cheirar ho almizquere, & que ro que seiais sempre grande & alenatado em bẽ, & q̃ seiais sempre alumiado em vosso caminho, assi como vosso coração deseia. Façouos saber como veyo Coge alião, & me disse vosso amor, & vossa boa vontade, & algũas palavras q̃ lhe dissestes, que passarão antre vos & ele, mas disse muyto bem ditas, & me obrigarão a acrescentar amor & amizade atre nos. & por tãto vos mandei Coie alião, pera que vos diga algũas cousas que lhe disse, & volas faça entender: & peçouos que façais o que vos ele pedir, & que ho nã detenhais, & ho despacheis cedo, & mo enuiay: & mandai-me algũs mestres bombardeiros, & eu os contentarey como elles quizerem. Isto vos peço por nossa amizade que ho façais, q̃ toda minha esperança he em vos, & sempre vãto & venhão noossos mesteieiros: qualquer cousa que vos demim cõprir mandaimo dizer, & cõfiay muyto em minha amizade.

Lidas pelo gouernador estas cartas, esteue cõ ho embaixador hũ grande pedaço praticando em muytas cousas, & disse-lhe que ho despacharia muyto cedo, & tornou ho a mandar a terra pelos capitães que forão por ele.

Capit. cxxxviii. De como Raix noradim goazil Dormuz entregou ao gouernador a fortaleza.



Ndado os recados del rey Dormuz pera ho gouernador acerca de dar a fortaleza pa se tomar cõcrusam,

foy Raix noradi falar ao gouernador, & forão por ele algũs dos nossos capitães com grande tolenidade, o que ho gouernador fazia por lhe ganhar a vòtade & fazer a fortaleza em paz, como lhe mandaua el rey seu senhor. E em arrefens de Raix noradim ficou na cidade Diogo fernãdez de beja: & por Raix noradim ter os pés muyto inchados de corrimentos & não poder sobir aa capitaina, lhe falou ho gouernador na galé de Siluestre corço, cuja popa estaua alcatifada, & armado hũ dosel de borcado, & ho gouernador assentado em hũa cadeira rica destado, & tinha vestido hũ pelote de damasco pto, & hũa loba do mesmo aberta polas ilhar gas, & hũa carapuça de veludo preto, & calças destamete de milão, & hũ collar dombros que valia tres mil cruzados, que ele mādara fazer pera ho estado da India, & na cinta hũa espada rica: & todos os capitães forão vestidos de festa, & assentados. E chegado Raix noradim, ho gouernador se levantou, & mandoulhe dar hũa cadeira em que se assentou. E despois de lhe dar as encomendas del rey Dormuz, disse-lhe q̃ tinha q̃ falar coele algũas cousas de segredo: & logo ho gouernador mandou despejar a popa da galé. & não ficarão mais que dom Garcia & hũ sobrinho de Raix noradim & Acem ale, & Alexandre dataide lingoa & ho secretario. E ficando sòs, disse Raix noradim ao gouernador, que posto q̃ ele tinha feyto merce a el rey Dormuz da fortaleza que estaua começada, com tanto q̃ lhe desse lugar pera fazer outra, por q̃ os materiaes parela serião muyto maos dajutar, ele lhe tornaua a fazer seruigo da q̃ estaua começada como a seu pay

(que nessa conta ho tinha) & assi esperaua q ho fizesse coele como cõ filho, & mais sendo ele & todo ho reyno del rey de Portugal, & seu. Eporem q pera mais segurança da gête da terra, & dos mercadores ele lhe prometteffe cõ juramento em sua ley que foilem sempre amigos damigos, & imigos dímigos, & ele juraria por parte dñey Dormuz outro tão, & que sempre estaria a obediência & mādado del rey de Portugal, & ao seu q estava em seu lugar, & assi ho jurarão ambos cada hũ em sua ley, & assinarão hũ auto que disso fez ho secretario. E isto acabado deu o gouernador hũa cabaya de brocado a Raix noradim que logo ali vestio, & mādou lhe deitar ao pescoço hũ ramal de cõtas douro grossas que tinha cem cruzados: & mandou dar a seu sobrinho outra cabaya de cetim cramefim com os botões douro, & a Acem ale cincoenta cruzados & cinco couados de carlata, & mandou a el rey per Nicolao ferreyra, que foy em companhia de Raiz no radi hũ colar douro esmaltado, & por Acẽale hũa bandeira das armas reais de Portugal, pera que a mandasse aruar sobre seus paços por sinal de paz & obediência. E assi foy feyto cõ grande festa de desparar toda sua artelharia, a q a nossa frota respodeo: & isto se fez a te ho meyo dia do derra deyro de Março, que foy vespera de ramos. E logo dali ate noyte mandou Raix noradim comẽçar dabrir a porta da torre qua sayaa ao mar. E ao outro dia domingo de ramos a mandou ho gouernador acabar dabrir, & mādou dõ Aluoro de crasto & Antonio dazeuedo com gente armada, pera q esteuessẽ em guarda dos que abrião a porta, que foy abera quasi ao sol posto, & logo os nossos se mete-

rão na torre & ficou e seu poder: & como anoyteceo a foy o gouernador, verindo coele dõ Garcia & algũs fidalgos & caualeyros, & a entrada se assentou e giolhos de prazer, & deu muytas graças a nosso senhor por lhe tornar aq̃la torre tão em paz. E logo a segũda fey ra mandou cercar toda a ponta em que estava a fortaleza de hũa paliçada de cestos cheos darea & sua padessada por cima, & átre cesto & cesto hũa bõbarda, & isto pera a fortaleza ficar mais segura se os mouros quisessem fazer treyção como da outra vez: & tambem pera segurança dos officiaes que auião de trabalhar de dẽtro da paliçada, assi como pedreyros, ferreyros, & carpinteiros, q logo comẽçarão de trabalhar, & assi mandou arracar pedra, & cauar geiço q se cozia pera se fazer cal. E em guarda desta gente, porque estava afastada da cidade mandou estar Frãcisco pereyra com ho seu nauio, onde se recolhiao de noyte os que trabalhauão na pedreira. E dali a dous dias se comẽçou de descarregar mercadoria pera a feytoria. E dõ Garcia se foy a terra pera estar lá coeles & fauorecer a fortaleza, & ho gouernador ficou na frota cõ outros. E desta maneyra tinha ho mar & a terra muyto seguros, não sòmente da parte dos nossos, mas tambẽ da del rey Dormuz, q cada dia mādaua de comer ao gouernador, & assi tinha cuydado dele como se fora seu pay. E Raix noradi lhe acõselhaua q ho fizesse, & folgaua muyto cõ a vinda do gouernador, porq esperaua de ser vingado por ele de hũa muyto grã de treyção q lhe tinha feyta hũ seu sobrinho chamado Raix hamet, q sendo ele goazil ho me teo dentro no paço cõ dous irmãos seus, & ho fez guarda mór del rey, a quẽ

fazia que lhe fizesse merce & hõrra. E auendo hũ anno que estaua no paço, co meçou de pedir a el rey Dormuz que ho fizesse goazil, & lhe desse as casas que forão de Cojeatar. Do que se el rey escusou per muytas vezes; & polo tirar daquele proposito ho mandou dar ma da fora Dormuz, dizendo a Raix noradim a causa porque. E porem Raix hamet não quis laaãdar muyto, & tornou com ho mesmo proposito, & com muyto mayor soberba. E estãdo Raix noradim doente em cama hũa noyte de grande tempestade com ajuda de seus irmãos que dormião dentro no paço, entrou na camara em que el rey dormia com sua mulher tendo dentro no paço toda a gente q̃ fora coele darma da. E tomandoho pola mão com hum terçado nuu sobrele, lhe disse q̃ se via ele que ho podia matar. E el rey cõ medo da morte se lhe lançou aos pés dize dolhe que faria tudo quanto quisesse, & que ho não mataffe. E ele lhe deu a vida com condição que auia de gouernar ho reyno, & ter em seu poder a ele & a toda sua casa & fazêda & seu tesouro, & por sua mão se auia de gastar, & assi auia de ter ho seu finete, & q̃ auia de fazer tudo quanto lhe mandasse: & q̃ Raix noradim teuesse nome de goazil, mas que não auia de gouernar nenhũa cousa. E assi se fez por Raix noradim estar doente & não poder acodir, & ele ter muyta gente & se apossar do paço, & ter el rey como preso, que ho não deixaua sayr dele sem ir em sua cõpanhia, nem falar com ninguem sem estar presente. E como el rey Dormuz & Raix noradim andauão disto muyto sentidos, determinarão de se vingar de raix hamet pelo gouernador, a que Raix noradim ho mandou dizer por

Alexandre dataide, pedindolhe q̃ lhe fizesse justiça daquele tirano, & que se ele quisesse fazelo que el rey lho mandaria dizer, porque auia tamanho medo de Raix hamet q̃ ate não saber sua vontade não queria bolir com nada.

Capitolo.cxl.De como o gouernador mādou matar Raix hamet por seus capitães.



Logo ao outro dia, falãdo el rey com Alexandre dataide em cousas que lhe ho gouernador mandaua requerer, lhe disse aa poridade que Raix hamet que hi estaua ho tinha preso, & fora de todo seu poder, que ho dissesse assi a seu pay ho gouernador (que assi lhe chamaua por lhe ele chamar filho) E sabẽdo ho gouernador isto, ordenou de se ver em terra com Raix noradim como que auião de falar sobre seus negocios, & mandou por ele a Antonio raposo, & a Nuno martinz raposo & ho secretario, & acõpaharãno Raix mado far irmão de Raix hamet, & muytos mercadores honrrados naturais Dormuz, que beijarão a mão ao gouernador, que lhes disse que pois el rey Dormuz era vassalo del rey seu senhor, q̃ lhe auião ali de jurar, q̃ auião d̃ ser sempre fieis a el rey Dormuz, obedecẽdo, lhe e tudo, & gastãdo por ele as vidas, & fazêdas se cõprisse, & q̃ nã conhecesse por gouernador del rey, & do reyno se nã a Raix noradi: & assi ho jurarão todos, & tambẽ Raix mado far, posto q̃ se mostrou nisso hũ pouco ríguroso. E ho gouernador lhes jurou de os manter em justiça, & defender el rey de todos seus inimigos. E isto fez porque nenhũ daqueles obedecesse mais a Raix

hamet, & se não alucroçasse quando otirasse de governador. E feytos estes juramētos, ficou sō com Raix noradi, que lhe cōtou perante ho secretario & lingua toda a treição de Raix hamet; pedindolhe muyto da parte del rey, & da sua q̃ os liurasse daq̃le tirano. E elle lho prometeo, & disselhe que por isso dera aquele juramēto aos mercadores, & concertarão ambos que se visse com elrey no madraçal òde pousava Simão dāndrade q̃ era perto da fortaleza (& estes madraçais sã como antre nos os estaos), & que ali lançaria mão de Raix hamet, & ho prēderia; & disto lhe mādaria a certeza do que elrey queria q̃ se fizesse, porque ainda ho não sabia. E despois desta vista, cōcertarão polo secretario & por Alexandre dataide, q̃ ao outro dia que era quinta feyrá fosse a vista no madraçal como assentarão: & não estauão cō ho governador mais que os capitães & fidalgos da armada, & estarião desarmados, & ho seu paje lhe teria as suas armas, & desta maneyra iria el rey. E a q̃rta feyrá à noyte foy ho governador a terra a falar com dō García, & com os outros capitães, a q̃ em conselho deu conta do q̃ esperaua de fazer. E assentou se que indo Raix hamet ali ho prendessem logo, & pera isto fossem todos os fidalgos & capitães armados secretamente: & que Pero dalbuquerque fosse ho primeyro que lançasse mão dele, & q̃ não deixassem entrar com el rey mais que ele & Raix noradim, & Acem ale ho lingua, por q̃ o governador se temeo q̃ Raix hamet pola tirania q̃ fazia se temesse dalgũa cousa, & leuasse armados secretamente os que entrassem cō el rey, & se ho prēdessem, aueria hi algũa briga em que morrerião algũs. E parece q̃ ho gouer

nador adiunhou, porque assi ho tinha Raix hamet determinado, & dissesse despois q̃ pera matar ho governador & os nossos capitães que fossem sem armas. E a fora isto se assentarão mais outras cousas que se auião de fazer neste feyto. E ao outro dia hũa hora ante me nhaã foy ho governador a terra com todos os capitães que estauão no mar, & leuauão todos sua gente armada, & assi tinhão os que estauão em terra: & tambe os Malabares estauão prestes com suas armas. E toda esta gente ficou na praya, & ho governador com os capitães & fidalgos armados secretamente, & ecima vestidos muyto ricos, se meteo no madraçal de Simão dāndrade. E vendo Raix noradim a nossa gēte armada, mandou armar a del rey, pregūtando primeyro ao secretario se ho mandaria: & naquela gente del rey entraruão obra de duzētos de Raix hamet, q̃ se armarão de sayas de malha a fora os que auião de ir com el rey q̃ as leuauão secretas. E armados estes de Raix hamet das armas descubertas, pos elle hũ terçado & hũa adaga muyto ricos, & foy se primeyro a casa do governador, que ja tinha ouuido missa: & como era soberbo entrou logo dentro como homē desasfegado, & foy ter onde staua ho governador, q̃ ho recebeu muyto bẽ, dizendo que folgaua cō sua vista, & preguntoulhe por elrey. E despois de dizer que vinha atras, disselhe o governador q̃ como trazia ele armas, pois estaua no concerto q̃ nenhũa das peçoas q̃ entrasse cō el rey naquella casa auia de trazer armas, por isso q̃ as tirasse. E ele dando a etēder q̃ se não entēdia aq̃lo nele sayose pa fora. E e saindo che gou elrey a porta, & Raix noradi & seu filho Raix xarafo, cō muitos fidalgos

a pé de redor del rey, & diãte as trôbetas & atabales do gouernador fazendo grande arroido. E em el rey descaualgãdo, & entrando no recebimento do maldraçal, achou Raix hamet, q̃ lhe disse q̃ não entrasse, por q̃ ho gouernador tinha dêtro homẽs armados. E fiandose el rey no gouernador disse q̃ auia de entrar. E ouindo isto Alêxandre dataide, que estaua pegado cõ el rey, tomou pola mão a Raix hamet, & como q̃ ho queria segurar, disselhe: Ora vem cá, quero que vejas que não he nada o que dizes, porque tudo he por seruiço del rey. E leuãdo ho assi pela mão, che gou coele aa porta da casa onde ho gouernador estaua, & segurandose Raix hamet com el rey que lhe ficaua nas costas entrou logo, & apos ele el rey, com quem entrarão Raix noradim & Raix de lamixa seu filho, & Acem ale. E logo dom Garcia que guardaua aquela porta a mãdou fechar a Manuel velho, & a Diogo homem que tinha consigo, & não deixarão entrar Raix madofar iruão de Raix hamet, que quísera entrar dentro com a gente que leuaua armada secretamente pera matar ho gouernador & os nossos. E quis nosso senhor q̃ pera se aquele feyto fazer sem perigo, que entrou Raix hamet diante del rey, que se entrara coele ouuera da uer bñga sobre ho entrar dos seus, que quísero entrar por força: mas do Garcia cõ algũs capitães fecharão muy bẽ as portas: & entre tanto Alêxandre da taide chegou cõ Raix hamet onde ho gouernador estaua, que se leuãtaua da cadeira pera ir receber el rey: & vendo Raix hamet aida cõ as armas, disselhe que as tirasse, q̃ não vinha assi bẽ: & dizêdo isto deteu-se. E raix hamet efforçandose nos armados secretos que lhe

parecia que auião de entrar cõ el rey, parece que quísera fazer o q̃ tinha determinado, & todo aluorogado foy com a mão ao tergado: & ho gouernador q̃ tinha olho nelle em ho vêdo ir cõ a mão leuou ho polo braço, & olhãdo pera Pero dalbuquerque, disselhe: Tomayo lá. E dizendo isto abalou pera el rey: & pero dalbuquerque se meteo riço atre ho gouernador & raix hamet, q̃ neste instante querendo poer em obra seu proposito: gou mão ao gouernador dhũa beca de veludo que tinha, & ele holãgou de si dizendo a Pero dalbuquerque q̃ ho tomasse. E em lançãdo mão dele a codẽ todos esses fidalgos & capitães q̃ hi estauão, & juntamẽte arrancão hũs de punhaes, outros de espadas, & em hũ momento ho passarão todo, & derão coele no chão morto, sem ele poder bradar: & aida não foy no chão quando foy despojado de quãto trazia & ficou nuu & assi ho deitarã na praya por hũa porta que sayã a ella. E fora não se ouiu ne nhũa cousa do rumor q̃ nisto ouue por amor das nossas trôbetas q̃ tangião todas, que assi ho mãdou ho gouernador pera q̃ com ho ruydo do tanger não se ouuisse o rumor, & mais q̃ não cuydas se a gente del rey que não deixarão entrar, q̃ se fazia algũ mal em sua pessoa. E q̃ndo cayo Raix hamet estaua el rey ja perto do gouernador: & vendo assi matar aquelle homẽ, cõ se ver dentro sem ter dos seus mais dos que digo, assi ele como elles ficarão sem sangue com medo, & se poderão fugir fugirão. E ho gouernador que isto entendeu, chegou-se a ele cõ ho barrrete na mão, riãdose, & pedindolhe perdão de se matar aquelle tredoro em sua presença, porque a sua descortesia de querer arrancar do tergado, & de lhe lança-

mão da bécalle fizera mǎdar que ho mataſſem. E por entender em el rey, que eſtaua tão fora de ſi que lhe não podia reſpõder, ho começou dabraçar & eſforçar, dizêdo que não fizera aquillo ſe não por ſeu ſerviço, que aq̃le tirano lhe tinha tomado ho reyno & ho trazia catiuo, & por iſſo ho matara. E a iſto diſſe el rey q̃ fizera bem. E Raix noradim que conheceo q̃ ho governador falaua verdade, ajudou tambem el rey a cobrar eſforço. E neſte tempo a ſua gente q̃ ficou de fora, & aſſi a de Raix hamet fazião grande matinada, bradãdo & prouando ſuas forças de quebrar as portas, & começauão de as picar cō machadinhas, & ſempre fizeram algũa couſa ſe não ſobreuierão neſta conjuração os capitães da ordenança com ſua gente, & metenſe por antre os mouros & a porta do madraçal, & ficarão ſenhores dela fazêdo apartar os mouros: que aſſi ſe aſſentara no conſelho do dia paſſado, que ſe fizeſſe tanto que el rey foſſe dentro.

Capítulo. cxlj. De como os irmãos de Raix hamet ſe forão Dormuz, & ficou tudo em Paz.



Vãdo os mouros virão vir os noſſos da ordenança & ſenhorearſe da porta, & virão que os nã qui ſerão deixar entrar com el rey, nem entrarão coele mais que tres peſſoas, crendo que era morto ou preſo: & aſſi ho diſſerão eſſes ſeus, & ho meſmo diſſerão os de Raix hamet por ele. E como ali eſtaua junta a mór parte do pouo da cidade, começou ſe deſpalhar eſta noua por eles, & aleuantouſe hũ rumor tão grãde que era couſa deſpanto, porque

hũs bradauão por el rey outros por Raix hamet, & Raix madofar os aluorocou de maneyra (certificandolhe que el rey era morto ou preſo) que ſe indinão contra os noſſos, & começauão de queter trauar peleja coeles. E aſſi fora ſe ho governador não acodira a iſſo, q̃ ouuindo os brados que hião fora, & imaginandõ o que os mouros auião de ſoſpeitar pelas cauſas que cuue pera iſſo, rogou a el rey que ſe ſobiſſem a hũ terra do do madraçal, & diſſeſſe a gẽte que eſtaua em ſua liberdade: & aſſi foy feyto, & ſobio coeles Raix noradim. E vendo a gente el rey & Raix noradim, fizeram grandes alegrias, & ele lhes diſſe que eſteueſſem quedos & não bolieſſem conſigo ſe não que mǎdaria matar quem fizeſſe ho contraio: & mandou que toda ſua gente ſe apartaſſe a hum cabo, & ho meſmo mandou Raix noradim a hũ ſeu filho que era capitão de certa gente del rey, & aſſi foy feyto. O que vêdo Raix madofar, ſe doeo de ſer feyto algum mal a ſeu irmão, & começou de bradar por ele, & dizia que lho deſſem ou lho moſtraſſem. E el rey lhe diſſe que ele com todos ſeus irmãos ſe foſſem logo fora da ſua cidade, & do ſeu reyno, & lhe deſpejaſſe ſuas caſas. Ao que ele reſpondeo que ſi faria, com tanto que lho deſſem ſeu irmão: & vendo que lho não dauão ſe recolheo com ſua gente aos paços del rey (onde Raix hamet deixou por goarda ſeu hirmão Raix ale) & apercebeoſe pa ſe lhe deſſem combate, porque ele não ſe temia del rey, nem deu por algũs recados que lhe mandou ſobre lhe deſpejar os paços & ſe ſayr da cidade, nem ho fizera ſe não fora com medo do governador que ho mandou ameaçar pelo embaixador do Xeque iſmael ſe não

despejasse os paços, & fez mostra de ho mandar cōbater cō mandar trazer das naos todas as escadas q̃ trazião, & obra de cincoẽta tiros encarrutados q̃ mādou levar ao terrado da nossa torre que estaua pegado com os paços. E ṽe do isto Raix modafar, & sabẽdo q̃ seu hirmão era morto, não quis q̃ lhe fizesse sem outrotanto. E cō seguro do gouernador & del rey que os deixauão ir com suas molheres, filhos, parêtes, criados, & toda sua fazenda, & assi lhe darião hũa pouca que tinham mādada a India & lhe dauão embarcação & não mādaria a pos eles, se forão: indo primeiro ho escriuão do thesouro del rey ver se leuauão algũa cousa dele ou doutra fazenda sua, de que não leuando cousa algũa se forão embarcar ao cabo da cidade, & partirão pera a terra firme. E q̃n do foy ao despejar do paço ho gouernador ho mandou entregar a hũ filho de Raix noradim. E posto que ho gouernador ho podera tomar, & assi el rey q̃ tinha em seu poder, não quis respeitando a muytas cousas de que tinha necessidade que lhe faltarião, aluorocãdofe a terra, que estaua certo aluorocarfe. E por tambe goardar a fẽ a el rey, que se lhe metera nas mãos: a que trabalhaua muyto por fazer crer que ele não fora a Ormuz se não pera ho conseruar & acrecentar seu estado.

Capit. cxliij. De como fugirão sete dos nossos pera a terra firme, & do que Raix noradim fez sobriſſo.



Este negocio durou ate ho sol posto: & todo este tẽpo el rey esteue sobre ho terrado, em q̃ se foy mostrar a gente, & ali comeo, & todos ho vião, & assi quanta cortesia & ga-

lhalhado lhe fez ho gouernador, & despejados os paços & tudo pacifico, el rey se foy pareles, indo diãte os nossos abales & trôbetas, & as suas, & apos elas asua gẽte darmas, & logo el rey armado em hũas coraças de veludo brãco cō todas as outras peças darmas necessarias q̃ ho gouernador lhe deu q̃n esteue no terrado, por lhas ele pedir, q̃ lhe parecerão bẽ algũs dos nossos q̃ vio a mādada q̃la maneira. E hia a caualo, & de tras dele a pé dom Garcia & outros capitães & fidalgos dos nossos: & Raix noradim & outros senhores & fidalgos dos seus. E hũ pouco acima do madragal dõde el rey sayo, estaua ho gouernador esperandco cō algũs capitães dos nossos tambe a caualo, & assi muyta gẽte armada: & ajutãdofe el rey cõtinuarão caminho dos paços. E era fermosa cousa de ver a gente sem cõto q̃ hia, & estaua polas ruas, & sobre os terrados pera ho ver. E porque ho caualo do gouernador era fazedor, não pode ir junto com el rey, & hia diãte fazendo terreiro, que doutra maneyra não poderão romper polas ruas segund a gente era muyta, & toda biadua dando graças ao gouernador por q̃ lhe leuaua seu rey tão honrradamente. E chegados aos paços q̃ sam a fortaleza da cidade, ho gouernador perãte toda a q̃la gente, & ho embaixador do Xe q̃ ismael & seu capitão a entregou a el rey & a Raix noradim seu goazil. E eles cõfessarão q̃ a recebião de sua mão. E quando o gouernador se espedio del rey, ele se lhe abaixou todo, dizẽdo q̃ era seu pay, & como filho conheceria sempre a q̃la merce q̃ lhe fizera: & por ser noyte ho gouernador foy dormir aa nossa torre. E dos pois desta morte de Raix hamet ficou a cidade muyto asselliga.

da, & true muyto crédito no governador que queria sua conservação, & mais vendolhe fazer tanta honrra a el rey, & que lhe podera tomar a cidade & a fortaleza se quísse pois a teuera em seu poder. E ao outro dia mādou ho governador logo pola manhaã visitar el rey, que lhe mandou dizer que auia do us meses que não dormira tambem como aquella noyte, & fez muyto gafalha do aos nossos, dizēdo que leuarão por ele muyto trabalho no dia passado. E Raix noradim lhe daua tambem muytos agardecimētos, & logo aq̃la noyte mandou el rey tirar a vigia que estaua nos seus paços da parte da nossa fortaleza, & assis bombardas q̃ tinha dantes daquela banda. E ao outro dia depois da morte de Raix hamet que foy festa feyra, foy el rey á mezquita a fazer sua oração o que auia muytos dias q̃ não fazia. E porq̃ el rey tiraua desta oração do xeque ismael algũa cousa q̃ Raix hamet acrecetara nela, & ho embaixador se aqueixou disto ao governador, dizēdo que el rey ho fazia por seu medo, mādou ele pedir que ao menos ate sayr ho embaixador do Xeque ismael com que auia de mādar hũ dos nossos por ebaixador dissesse a oração como dātes, & assi foy feyto. E tambem por rogo do governador forão degradados Dormuz muytos sodomiticos q̃ auia na cidade que tinham putaria dhomēs, assi como antre nos de molheres; & por seu rogo fez el rey cōprar obra d̃ doze mil xerafins da nossa mercadoria que erão necessarios pera as obras da fortaleza, & não quis pedir dinheiro tão cedo a el rey posto que ho deuia, porque não parecesse q̃ viera a Ormuz com necessidade dele, & pera deixar criar mais rayzes na amizade, que el rey ti-

nha de cada vez mais coele; & auendo quatro dias q̃ fora a morte de Raix hamet, ho foy ver & leuoulhe diante hũ presente, em que entrava hũ caualo selado cō hũa sela goarnecida de prata, & hũ terçado, & adaga, & cinto ricos goarnecidos douro anilado, & duas peças de brocadilho & tres de seda, & pãdō Garcia outro caualo selado & hũa peça de brocadilho, & duas doutra seda, & pera cada capitão hũa de seda, outra de brocadilho. E nesta vista pediu ao governador algũs mouros cativos q̃ anduão a remo nas galés, & elle hos deu cō tanto que lhe desse remeyros a soldo. E despois desta vista por rogo do governador, mandou el rey apregoar que ninguē não trouuesse na cidade arco nem frechas, & isto cō cōr q̃ se temia dalguē ho matar por amor de Raix hamet. E a verdade era por tirar as frechas aos mouros, que erão as armas de que se mais temia. E porq̃ ja tinha tiradas estas armas, pera q̃ ficasse tão senhor dos mouros que lhe não podessẽ fazer treição como da outra vez, & assi pã que teuesse sempre sua gente prestes, posem costume q̃ todos os seus capitães quando sayão fora de casa leuauão sempre sua gente armada de lanças, adargas & espadas, & mais q̃ cada quatro dias ou cinco fosse cada hũ per si ver el rey, & leuasse a gēte desta maneyra dentro ao paço. E el rey folgaua de os ver assi, & muytas vezes fazia merce de caualos aos capitães. E continuando se assi isto, aos dezoyto dias de Mayo achou o governador menos dos nossos Pantalião mestre dos calafates, Ioão afonso calafate da nazaré, Antonio frz marinho q̃ fora a Malaca cō ho governador, & hũ galego seu homẽ da goarda, & outro q̃ se chamaua dalui

to q̃ ja fôra mouro, & dous homẽs da ordenaça & hũ escrauo Christão q̃ fu girão todos pera a terra firme. E sabendo ele isto mandouho dizer a el rey, pe dindolhe muytoque lhos ouuesse, por que ele faria merce a quem lhos trouuesse. E el rey & Raix noradim poseirão tal diligencia sobrisso que se ouerão. E aos vinte hũ dia de Mayo trouue Jorge dorta sete da terra firme, ôde foy por eles por mandado do gouernador, & ele os mādou justificar muy crua mente, saluo a Ioão a fonso calafate, & a Antonio fernandez marinheiro, porq̃ ho ajudarão a saluar na naoem que se perdeo indo de Malaca pa a India, & do escrauo fez merce a Ieronimo de fousa, que tambem foy pera dar goarda a hũa terrada em q̃ foy Jorge dorta.

Capit. cxliij. De como ho gouernador mandou a Fernão gomez de lemos cõ embaixada ao Xequẽ ismael, & de como chegou ao seu campo.



Assessegado assí este aluorço, porq̃ se chegaua ho tempo da partida do ebaixador do Xequẽ ismael despachou ho o gouernador muyto bem, & despois de partido, porque ho Xequẽ ismael lhe mandara rogar que lhe mādasse hũ homẽ principal com que assentasse amizade, pera q̃ a ouuesse por firme, lhe mandou hũ embaixador pera isso. E este foy hũ fidalgo chamado Fernão gomez de lemos, que por ir da parte de tão alto príncipe como era el rey de Portugal a outro dos mayores de toda Asia, quis que fosse bem acompanhado, assí de gente de caualo como de pé, & foy por sota ebaixador outro chamado Ioão de fousa, & por escriuã

do ebaixador hũ Gil simões moço da camara del rey de Portugal, & mādou coeles hũ boõ presente, como direy a diante. E prestes de todo ho necessario pera seu caminho q̃ auia de ser por terra, partio Fernão gomez Dormuz cõ sua companhia a hũ sabado à tarde cinco de Mayo, & passado à terra firme ao porto de Bander q̃ está na terra firme tres legoas Dormuz, foy ter coele ao domingo pola manhaã Habraham beque hũ mouro capitão do Xequẽ ismael, que auia muytos dias que estava em Ormuz, & se hia pa a corte do Xequẽ ismael, & Fernão gomez hia em sua companhia. E este era senhor de hũa cidade chamada Dragner, & passouse primeyro à terra firme q̃ Fernão gomez pera lhe comprar camelos, & tinhalhe comprados corêta, que tantos lhe erão necessarios pera as cargas que leuaua, & dali em companhia da Brahẽ beque partirão pa ho campo do Xequẽ ismael q̃ estava dali a muytas jornadas quasi no cabo da Persia que eles andarão em tanto espaço que a hũa sesta feyra vinte dias de lulho chegarão aa cidade de Caixão dez jornadas donde estava ho câpo. E à entrada desta cidade, os sayrão a receber Mirabuçaca, & os embaixadores del rey de Daquem & do çabayo, donde partirão todos jutos: & tẽdo os nossos andadas trezêtas & vinte cinco legoas despois que partirão Dormuz aos vinte tres Dagosto chegarão ao campo, donde os sayo a receber ho gouernador do Xequẽ ismael acõpanhado dalgũs capitães, & leuaua dous mil & quinhêtos de caualo. E entrados no meyo do campo onde estauão as tẽdas deste gouernador, mandou ele armar junto delas as dos nossos: & despois de serem apouentados, mandou ho xequẽ

ismael visitar a Fernão gomez, mandandolhe a boa hora de sua vinda, & coisfo muytas truytas de que aquele dia fizera grande pescaria.

Capit. cxliiij. Em que conta como se leuantou ho Xequé ismael & ho seño-rio que tem.



Ste grande príncipe chamado Xequismael, a que comūmente chamamos eufio, & é lingua psiana Xatamaz, & Xa, veo a ser tamayho senhor, & tão poderoso por esta maneyra. Seu pay foy mouro, & chamouse Aidar, & foy xequé de hũa vila chamada Ardeuil, & doutros lugares & aldeas na Persia: foy casado com hũa filha del rey de Guilão tambẽ em Persia de q̃ ouue quatorze filhos & cinco filhas, & antrestes foy ho Xequismael, que quando naceo foy tirado seu nascimento por muytos astrologos, que disserão dele muyto grandes cousas, de q̃ muytas forão despois assi, & hũ deles ho furtou a seu pay sendo de idade de dez annos, & ho leuou a hũ lago q̃ está em Armenia de comprimento de dez legoas, & de largura de seys, em que se fazem tres pequenas ilhas muyto viçosas daruoredos, em que morão muytos religiosos armenios, & entregou o a hũ deles pera que ho criasse. E ele ho fez assi, & lhe insinou a sua lingua, & a ler & escreuer nela. E passados algũs annos sendo ho pay do Xequé ismael morto em hũa batalha por seus inimigos, & presos seus filhos, & tomada sua terra. Foy aquele astrologo polo Xequismael, & contoulhe a morte de seu pay & prisão de seus irmãos, & perda de sua ter-

ra, & que polo saluar desta destruyção sabendo o que auia de succeder ho pose-ra naquelas ilhas, onde tornaua por ele por ser chegado ho tempo em que auia de começar de fazer o que achaua por astrologia. E certificandolhe que auia de ser hũ dos grandes príncipes de toda Asia, ho leuou ao reyno de Guilão, cujo rey era seu auô, a quem ho astrologo contou todo seu nacimiento, & por isso lhe deu sua ajuda de gẽte de caualo, pera ir cobrar seu senhorio, o que ele fez logo com grande destruyção de seus inimigos, & quanto se roubou tudo deu aos soldados que ho ajudarão, sem querer pa si nenhuma cousa, & recolheo pera si quantos mal feytores auia pola terra, a q̃ fazia muytas merces, & não somente os do seu senhorio, mãs doutros algũs q̃ despois tomou, & como todos ouuião a fama da nobreza que vsaua com os seus soldados, acodirão tãtos a receber seu soldo que em pouco tempo se ajutarão coele corêta mil homens de caualo. E como se viu assi poderoso de gẽte, quis fazer outra seyta que no modo de oração & algũas cousas outras era differente da de Mafamede, dizendo que assi ho mãdaua Ale, hũ homem que os mouros teuerão por propheta santo, de que ho xequé ismael dizia ser ho parente mais chegado, que affirmava ser mais santo q̃ Mafamede & mais estimado de Deos, & contradizêdo q̃ Mafamede não fora propheta. E diuulgada esta seyta antre os seus pera serẽ conhecidos dos outros mouros que fossem da seyta de Mafamede, mandou que todos os da sua trouuessem nas cabeças hũs barretes ou carapuções vermelhos que terião doze verdugos ao comprido, & hũa tromba em lugar de cucuruto que sayria fora hũ palmo. E

estes carapuções com os liuros da sua seyta mandou a todos os reys & xeques da Persia, rogádo-lhes q fossem de sua openião, ameaçando os q ho não quisessem ser q os auia de destruyr, como destruyro a muytos q o nã quizerão fazer. E por desprezo da seyta de Mafamede derribaua os alcorões, & fazia estrebarias das mezquitas, & deffazia as cidades, & mataua a gête cõ diuersos generos de tormentos, pelo q muytos xeqs & reys cõ medo tomarão sua seyta, & se fizeram seus vassallos, & tributarios, & è pouco tpo se fez seño de toda pãa & dâbas as armenias, & de grã de parte Darabia, & da India primeyra, sem qrer q lhe chamassem rey, nẽ emperador, nẽ quis nunca assentar em nenhũa cidade de seus señorios, em q ha muytas & muyto grãdes & abastadas, principalmẽte è Persia: & andaua sempre no cãpo cõ hũ arrayal de trinta & cinco mil tẽdas brancas feyto todo è ruas por tão boa ordẽ que parecia hũa cidade muy bẽ assentada. As tẽdas do Xequè ismael estauão no meyo do arrayal, & jũto coelas as d̃ suas molheres, & ao derredor se fazia hũ grãde terreyro, q estaua despejado õde sayão as bocas das ruas principaes do arrayal. E cõ qnto assĩ andaua no cãpo, seruiasse cõ muyto grãde estado, & tinha todos os officiaes d̃ sua casa, & corte, assĩ mōres como peqnos, como tẽ os principes, & todos tinhão muyta rēda, & era ho seu cãpo hũa muyto grãde & fermosa corte, em q andauão reys seus vassallos & grãdes capitães. E os reys erão, el rey de Guilão, el rey de Xiruão, el rey de Mazãduão, & a fora estes lhe pagauão pareas quatorze reys q não andauão coele no cãpo, & assĩ tinha outros muytos q erão seus vassallos, mas não paga-

uão pareas. Dos principaes capitães q andauão coele erão, Dormiscão que tinha trezētos mil cruzados de rēda, coltanquiler seño da cidade de Xiraz, & seu veador q tinha trezētos & cincoēta mil, Mirzaliotẽ governador da cidade de Caixão q tinha duzētos & cincoēta mil; outros dous capitães estauão fora do cãpo por frõteiros cõtra ho turco, & hũ tinha trezētos mil cruzados de rēda, & outro trezētos & cincoēta mil, & corenta & oyto capitães, outros de muyta gête q nenhũ nã decia de cincoēta mil cruzados de rēda. E todos estes & os officiaes da casa & corte do Xe q ismael tinhão q si tamanhas tẽdas como as suas, & por dẽtro entretalhadas de cetins & veludos de cores, & tinhão as cordas de seda q era fermosa coufa de ver: & cada hũ destes capitães & seño restinhão trõbetas & atabales, q cada dia ao poer do sol tangião hora & mea por ordenança q atroauão todo ho cãpo. Andauão mais neste cãpo muytos embaixadores de reys & grãdes señores, & antreles hũ del rey de Iorgia Chrião q confina cõ as terras do Xe q ismael: atre toda a gête deste campo q era sem cõto, assĩ de caualo como de pẽ, tinha ho Xequè ismael pera goarda de sua pessoa cinco mil de caualo, q chamão corchis, & destes ho vigiaũão cada noyte mil homẽs armados d'armas defensiuas & offensiuas, & em pẽ, & cada hũ tinha nas mãos dous seixos peqnos, & de qndo è quãdo tocauão hũs cõ os outros, começado hũ primeyro, & respõdendo logo os outros q fazião grãde matizada. E a estes q assĩ vigiaũão, se daua ao outro dia de comer da cozinha do Xe q ismael, q he casado & tẽ tres molheres pricipais filhas de tres reys seus vassallos del rey de Guilão, de

Xirvão de Mazãduão. E cada hũa trazia cõfigo noue noues de damas, filhas de grãdes señores & homẽs principaes, a fora muitas escrãuas de muito preço q̃ sãõ grãdes musicas así de cãtar como de tanger harpas, frautas, & outros instormẽtos de cordas. E estas cõ suas tẽdas logo junto das do Xeque ismael. A este apouento chamãõ arame: & he muy suntuoso, & rico porq̃ todas as tẽdas sãõ de sedas de diuerfas cores com muitos entretalhos de borcado & teladouro & de prata. E cada hũa destas rainhas tem noue setes de camelos pretos de guedilha cõ muytos cascaueis pelos peitos & pelas mãos pera leuarẽ suas tẽdas & fato. E a fora este arrayalẽ q̃ se apouenta ho Xeque ismael cõ sua gẽte de corte & de guerra: ha outro de cinco ou seis mil tẽdas em q̃ andãõ quãtos officiaes machanicos & mercadores sãõ necessarios pera hũa nobrecidade & este se assenta hũa legoa ou duas de toutro do Xeque ismael.

Cap. cxlv. De como Fernão gomez dẽlemos deu ao Xeque ismael a ebayxada & presente q̃ lhe leuaua.

Despois q̃ le mãdou vistar Fernã gomez lhe mãdou ho gouernador de gear & dali por diãte e quãto andou no cãpo dauã sempre de comer a ele & aos nossos à custa do Xeque ismael & assi pa seus caualos & velas de cera pera se alomearẽ & tudo e muyta abastãça. E ao outro dia que foy sabado foy ho Xeque ismael à caça & iriãõ coele oito mil de caualo ele no meio de todos q̃ lhe não chegaua ninguẽ cõ hũ tiro de pedra, sõmente ho seu gouernador q̃ hia falãdo coele. E este dia deu ho gouernador bãquete a Fernão gomez & a todos os de sua cõpanhia &

foy por ele à sua tenda el rey dos Lõres & foy tãbẽ cõuidado ho embaixador del rey de Gorgia. E ho embayxador cõ todos os seus erãõ homẽs de grãdes corpos & mẽbrudos & muyto aluos & atauia dos pobremẽte de camisas colchoadas dẽ grossura de q̃tro dedos por amor do grãde frio q̃ faz e sua terra: ho mais erãõ roupas forradas de cabritas ate as carapuças. E calçauãõ botas ao nosso modo. Estas tẽdas do gouernador erãõ muyto ricas, os q̃ comerãõ no bãquete forãõ muytos & antre todos se fez a hõrra principal a Fernão gomez & durou atenoite em que ouue muytos & diuerfos mājares: & diuersidade de vinhos & fruytas & em quãto comerãõ sẽpre tocarãõ: muytos instormẽtos de musica ao nosso costume: & antes de se começar ho banq̃te deu ho gouernador a todos os nossos camisas de seda & cabayas de borcado, & vestidos destas roupas comerãõ: a cabado ho banq̃te passou ho Xeque ismael q̃ tornaua da caça & os nossos sairãõ fora das tẽdas pera ho ver & em ho vendo pose rãõ todos as cabeças no chãõ & ho gouernador se foi parele com hũ barrete dos nossos na cabeça, q̃ ho Xeque ismael folgou, muyto de ver & desprio hũ roupão de ceti verde forrado de raposos & mãdou o a Fernão gomez, & assi muytas truitas de q̃ fizera grãde pescaria: A quarta feira seguinte q̃ Fernão gomez auia de dar ho presente q̃ leuaua ao Xeque ismael forãõ porele à sua tenda muytos capitaẽs cõ muyta gẽte de caualo q̃ ho leuarãõ muy hõrradamẽte & tãgendo diante muytas trõbetas & a tabales, & a tiro despigar da da tẽda do Xeque ismael foy descarregado dos camelos em q̃ hia ho presẽte q̃ lhe leuauãõ, q̃ forãõ hũ falcão & hũ berço

de metal com todo seu aparelho pera poderem tirar: seys espingardas cõ todo seu comprimẽto, hũ corpo d'armas brancas todo inteiro com sua fralda de malha fina, dous corpos de coiraças postos em veludo carmesim cõ suas escarcelas à redonda, hũa espada cõ ho punho bocal & conteira d'ouro, & bainha de veludo preto cõ hũs botões de fio d'ouro & borlas de retros verde, com hũas cintas goarnecidas d'ouro, hũ punhal d'ouro, & anilado ẽ hũa arelhana d'ouro, quatro bẽstas com todo seu almazem, duas lanças com os aluados, & cõtos forrados d'ouro batido, hũa capa de veludo negro da feyção das do Xeque ismael cõ cento & oytẽta & hũ rubis de preço encastoados ẽ ouro, duas manilhas d'ouro, hũa muyto grãde cõ hũ robĩ tãbẽ grãde, & seys peq̃nos, & vinte noue diãmães, & a outra mais pequena com hũ olho de gato grãde, & dous robis meãos, & vinte dous pequenos, & sesenta & dous diãmães de corja com tres esmeraldas meãs & seys pequenas, q̃tro aneys d'ouro, anilados os tres deles cõ tres robis grandes muyto finos, outro com hũa çafira, & vinte sete robis ao derredor, hũa joya de peçoço com hũ robĩ grande finíssimo, & tres meãos, & vinte pequenos cõ duas turq̃sas, & tres perlas da feyção de perlinhas, & hũa muyto grande, hũa peradambar com cem robis & sessenta diãmães pequenos cõ hũa cadea d'ouro da relhana, cinco portuguezes d'ouro, & cinco cruzados, & cinco catholicos d'ouro da moeda de malaca, ã mil & corẽta ãs cada hũ, & cinco manueys d'ouro da moeda de Goa de trezẽtos & corẽta ãs, & cinco tostões, & trita quĩntaes de pimenta, & vinte de gíngibre, & dez de crauo, & cinco de canela, & vinte daçu

car, & hũ de cardamomo, & dez de stannho, & dez de cobre, & duas faraçolas de bejoim, & seyscentas peças de beatilhas de Bengala. E de scarregado tudo, isto perante ho gouernador & as beatilhas mandou leuar a homẽs denoue ẽ noue, & a outros as joyas & peças em bacios de prata: & outros leuauão nos braços as armas brancas & coiraças, & assi outros as outras cousas todos a fio, q̃ occupaua grãde espaço: & nesta ordẽ a trauessarão perante ho Xeque ismael arredados hũ tiro de pedra da sua tenda, q̃ ho vio tudo muyto bẽ. E passado foralhe falar Fernão gomez & os q̃ hião cõ ele, em cõpanhia do seu vedor & do seu porteiro morto: ele estaua em hũa tenda ẽtrelhada de borcado & veludo azul, assentado em hũ estrado de hũ couado em alto, alcatifado de muy ricas alcatifas & almofadas: & tinha diãte de si hũ tanq̃ dagoa em q̃ andauão algũas truytas. Da sua mão direita estaua elrey de guilão q̃ parecia homẽ de sessẽta ãnos: & jũto dele o capitão da goarda irmão do gouernador da casa do Xeque ismael, & outros dous capitães. E da parte esquerda Dormiscão & elrey dos Lores. ho ẽbaixador delrey de Gorgia, & outros dous capitães, e outros detras. E polo câpo aueria, xxx. mil pessoas. Chegando Fernão gomez diãte dele beyjoulhe ho pé & despois a mão: e outros primeiros q̃ lha beyjassẽ, beyjarão ho chão tres vezes. E despois de lhe Fernão gomez dar a carta q̃ lhe leuaua D'alfonso dalbuquerque, mãdou ho assentar ãtre elrey de Guilão & ho capitão da goarda: & aos outros da q̃lla bãda. E assentados pregũtou ho Xeque ismael a Fernão gomez polo seu nome & polos dos outros nossos, & ele lhos disse: & o Xeque ismael mandou aos reys & capitães q̃ estauão

coele que lhos nomeassem, & ele também os quis nomear, mas nem ele nem eles os poderão pronunciar, somente ele pronunciou ho nome de Fernão gomez, & cayolhe tanto é graça que mandou ao seu governador que da hi por diante se chamasse Fernão gomez de lemos; & isto com muyto riso, que assi era ele homem risonho & bem assombrado, & seria de trinta & cinco ânos, grosso & destatura meaã, aluo & cheo do rosto cõ a barba rapada & ho buço comprido. E despois de preguntar a Fernão gomez polo nosso Papa se era viuo, & quantos reys auia na Christindade, & de que idade era el rey dom Manuel, & quantos filhos tinha, & se era ho governador da Índia rey, mandou trazer as armas brancas, coyraças, lanças, espingardas & bêstas, & tudo lhe pareceo muyto bem.

Capit. cxlvj. De como Fernão gomez de lemos, & os nossos que hião coele comerão com ho Xequé ismael.



Cabada esta pratica em que ho Xequé ismael não preguntou mais que o que digo, disse ele a Fernão gomez q̃ auia de jatar coele: & antes que posessem a mesa ao Xequé ismael, foy dado de comer à gente que estaua de fora da tenda, & derã-lho sem toalhas, & despois de ho terẽ diante, derão agoas mãos ao Xequé ismael em hũa bacia de prata com hum agomil do mesmo, & alimpouse a hũa toalha de seda azul laurada douro, & despois lhe estenderão diante hũa alcatafa, & sobre la hũas toalhas redondas de seda listradas & sobrelas muytas &

diuerfas igorias embategas de prata: & a esta mesa nã chegaua outra pessoa se não ho trinchante que lhe cortaua engiõlhos, & em outras mesas comerão Fernão gomez, & os de sua companhia com aqueles reys & capitães que digo na mesma tenda. E ho Xequé ismael não começou de comer ate que as igorias não forão postas a todos os outros: & por fazer honrra a Fernão gomez & aos nossos mandaualles de todas as suas igorias, posto q̃ todas erão hũas, & sobre mesa vierão muytas fruytas verdes, & daçucar sobre que bebo muyto vinho, que assi se costuma: & ho Xequé ismael era o que mais bebia, & bebia por hũa taça de pedra encastoadã é outra douro, & leuaria meacana, & por hũa porcelana douro q̃ leuaria outro tãto, & ho vinho era puro, & ele ho deitaua por sua mão: & mandou ao governador que desse de beber aos nossos, & cada vez que lhes daua de beber lhe mostraua a taça, & se não era bem cheia mandaualha encher, & de cada vez que ele bebia mostraua a taça cheia aos nossos, dizendolhes que ele sô bebia mais que eles, ao que Fernão gomez respõdeo que bebiria, por que seria ho seu vinho agoado, & por isso ho xequé ismael lhe mandou dar a porcelana por onde bebia cheia como estaua, pera que visse se era ho vinho agoado, & mandoulhe que a bebesse, & Fernão gomez descãsou tres vezes em a beber: & despois mandou dar aos nossos hum frasco de vinho que tinha diante, & assi esteue rindo & folgando coeles das dez horas do dia que começou ho jantar ate a noyte, & mandoulhes dar camisas acolchoadas, & cabayyas de borcado forradas de cetim: despois disto se mudou ho arrayal pera da

li a quatro legoas, & os nossos forão cõ as molheres do xeq̃ ismael, & dos grãdes de sua corte que serião bẽ seys mil, & hão a caualo como homẽs, os mais deles brancos com xareis de bocado, & elas veltidas de sedas & bacadõs, correndo & escaramuçado. E em todo ho tempo que Fernão gomez esteue no arrayal recebeo muyta honrra do Xeque ismael, & lhe fez muyta merce, porque se gloriãua ele muyto de dizer que não sòmente os senhores mouros Dãia lhe mandauão seus embaixadores, mas ainda os frangues que habitauão em ponente lhos mandauão, desejando sua amizade, & por isso fazia aos nossos muyta honrra. E estando aquí ho arrayal, fez ho Xeque ismael hum môte, & foy desta maneyra. Mandou cercar tres ou quatro legoas de terra muy fragosa, & de serras muy altas, & isto por muyta gente posta em ala que leuarão diãte de si muyta caça ate a aijũtarem em hũ grande cãmpe, & ali foy cercada da gẽte como que esteuera em hum curral, & perante Fernão gomez que mandou chamar pera ho ver entrou naquela cerca em que aueria ate mil & quinhẽtas cabeças dalimarias. s. veados, gazelas, carneyros, bodes bravos, vifos, adiuẽs, lobos, & porcos, de q̃ despois de matar muytos às frechadas, matou muytos com hum terçado, & fẽdã hũa daquelas alimarias por grãde que foisse em duas partes dandolhe polo lombo da cabeça ate ho rabo, & assi andou ate que cansou, & então ètrarão Dormiscão, & ho capitão da goarda, & ho gouernador, que acabarão de matar todas aq̃las alimarias. E feyto isto, bebeo ho Xeque ismael sobre pipinos, & amoras de silueira, & mãdou dar de beber a Fernão gomez, a que pregun-

tou se caçaua assi el rey de Portugal: & disse lhe que ja lhe acontecera em dous montes matar de hũa vez vinte mil cabeças, & doutra cincoenta & duas mil. E acabada esta caça que digo do Xeque ismael, se foy a pescar truytas com hũa tarrafa que deitaua por sua mão.

Capit. clvij. De como ho Xeque ismael despachou a Fernão gomez de lemos, & de como mandou outro embaixador ao gouernador Afonso dalbuquerque.

Vendo hum mes que Fernão gomez estaua no arrayal, ho gouernador por mandado do xeq̃ ismael lhe deu a reposta de sua èbaixada, que foy esta.

Que se el rey de Portuga desejaua sua amizade, como lhe mãdaua tomar a cidade Dormuz que era sua, & lhe pagaua dous mil xerafins de pareas, q̃ as palauras nã respondiã cõ as obras. E com tudo que ele era seu amigo, & folgaria com sua amizade.

E quanto a mandar embaixadores a Portugala viagem era muy longa, assi por mar como por terra, & auer desperar a reposta seria cousa muy longa pacontra ho turco que ele determinaua dentrar aquele anno seguinte.

E acabando a guerra do turco, esperaua de entender na de Meca, pera o que tinha boa maneyra.

E pois ho gouernador da India lhe prometia passajẽ pera sua gente cõtra Arabia, que ele mandaria Abrahẽm beque, & Bedim jambeque seus capitães com doze mil homẽs pera tomarem Catifa, & Baharem que erão seus que

se lhe leuâtãrão, que lhe pedia que lhe desse embarcação pera esta gente, & naquilo ho queria esprementar por amigo.

E quanto aa sua gente que a mandaf se defender que não andasse com ho çabayo, que ho çabayo era de sua ley, & trazia sua diuifa, que não pareceria bem defendelo: porem que mandaria rogar ao çabayo que fizesse paz com ho gouernador da India que era seu amigo, & fizesse tudo o que lhe pedisse.

E quanto ao que lhe mandaua dizer acerca de suas fortalezas fronteiras Dormuz, que elle escreuia aos capitães delas que fizessem tudo o que lhes ho capitão moor mandasse, & q̃ ao mais da embaixada, elle escreuia miudamente ao gouernador.

E coesta repolta deu ho gouernador da parte do Xequê ismael a Fernão gomez trezentos cruzados, & hũ terçado goarnecido douro, & cento & cincoenta cruzados a Francisco de Sousa, & outro tanto a Gil simões escriuão da embaixada, & ho mesmo a Gaspar martinz lingoa. E despedido Fernão gomez & os nossos do Xequê ismael pera se partir, que foy aos quinze de Setembro, lhe mandou dizer que esperassem na cidade Tabriz, porque queria mandar outro embaixador ao gouernador: & assi ho fez Fernão gomez, & ali lhe foy feyto grande recebimento, & deteu esse ali vintedias esperando polo embaixador que foy ter coele, que era hum mouro muyto hõrado chamado Habedalá calípha, por quem ho Xequê ismael mandou ao gouernador cinco caualos muyto fermosos, & hũa sela douro, & muytos vestidos de borcado forrados de seda, & muytas peças de borcado & de sedas,

& camelos carregados de fruytas, & deinhos dexiraz que sam os melhores daquela terra. E partidos de Tabriz todos em companhia, forão por outro caminho desuiado do que Fernão gomez leuou quando foy com Habrahê beque: & chegados aa cidade de Lara onde fazem as tangaslarins, cujo rey he tributario do Xequê ismael, partirão pera Ormuz, onde não acharão ho gouernador, como direy no quarto liuro.

Capit. cxlviii. De como ho gouernador ouue em seu poder a artelharia del rey Dormuz, & de como mandou os reys cegos pera a India.



Om todas as mostras damizade que ho gouernador via em el rey Dormuz, & em Raix noradĩ como atras disse sempre se recataua deles, porque a fora serem mouros, & não goardarem nenhũa verdade, sabia que Raix noradim lhe auia de pensar em estremo com a nossa fortaleza em Ormuz, porque auia de perder ho mando que tinha dantes, & por isso a auia de contrariar se poderse, & mais tendo muytos filhos que ho ajudassem, muytos parentes & muyta valia, & como a rezão lhe fazia ter esta sospayta trabalhaua por atalhar a tudo hode que se poderse seguir o que sospaytaua, & por isso quis auer toda a artelharia que el rey tinha. E fingindo ter necessidade dela por amor dos rumes que esperaua, mandoulhe dizer por dom Garcia que bem sabia a noua que auia da vinda dos rumes que vinhão buscalo, & porque ele cõ

ajuda de nosso senhor esperava de pe-
lejar coeles naquele porto & desbara-
talos diante delle, mandava recolher
algũa artelharía que tinha na fortale-
za: & porque não era rezão que ficaf-
se sem ella, lhe pedia que lhe empres-
tasse quanta teuesse. E ho governador
disse a dom García que se não sayse do
paço ate a artelharía não ir diante dele,
& quandoa el rey não quisesse dar por
sua vontade que lha tomasse por força:
& pera ião mandou coele a môr parte
dos capitães com a gente de suas capi-
tanías armados os mais deles secreta-
mente darmas defensivas, & mandou
lhes que assi como fossem entrando po-
los paços, assi fossem tomando as por-
tas pera q̃ fizessem mais facilmtêe ao
que hião. Elles ho fizeram assi, que
quando dom García chegou a el rey,
ja todas as portas ficauão tomadas, &
deulhe ho recado, não estando mais
presentes que ho secretario & Alexan-
dre detaide língua & Raix noradim,
& outros senhores & fidalgos estauão
hi, porem afastados que não ouuião.
E dado ho recado, respondeo Raix no-
radim que quanto el rey tinha tudo era
do governador, & tudo lhe daria, &
que fora escusado pedilo por tal pessoa
se não pelo menor de sua casa. E ainda
que ele isto disse foy mais por necessi-
dade que por vontade, porque bem
entendeoo que lhe pedião, & como, &
quisera dilatar com fazer que se não a-
chava a chaue da casa da artelharía, no
que dom García apertou tanto por ser
tarde que fez quebrar os cadeados da
porta do almazem, & tanto que foy a-
berta mandou logo tirar a artelharía &
poela na praya, o que se acabou passa-
das tres horas da noyte. E era fermosa
coufa de ver, porque a fora serem muy

tas peças erão todas grossas, & os tai-
cões erão tamanhos como esperas, &
tinha cada hum duas camaras, & da-
qui a mandou ho governador logo re-
colher: & ao outro dia lhe leuarão a ar-
telharía que estaua nas torres ao derre-
dor da cidade, assi grossa como miu-
da, de que a môr parte era de metal, &
toda muyto boa. E assi mandou el rey
por rogo do governador vir de Maz-
cate, & Calayate hũa galê & dous bar-
gantins com toda sua artelharía que lá
andauão darmada. E auida esta artelha-
ría, ho governador mandou pedir a el
rey algũas casas velhas que estauão
junto da fortaleza da banda do sertão,
dizendo que tinha necessidade de as
meter com a fortaleza, porq̃ ho chão
que tinha pareia era muyto pequeno
pera se poderem alojar mil & quinhê-
tos homens, & mantimentos pareles,
& estrebarias pera cem caualos, & a
feytoria que auia de star dentro: & a
fora isso que a fortaleza era cercada
dagoa com preamar dagoas viuas, &
não podião ir aa cidade se não per mar
o que era muy grande opressam pera
os que morassem dentro, por isso que
lhe auia de dar seruentia por aquelas
casas, & alli lhe mandou dizer que
bem sabia como trazia muyta gente
de soldo, & que lho pedião, & que a
mercadoria que se vendia escassamê-
te abastaua pera mantimento, & que
lhe pedia que esteuessem aa conta so-
bre ho dinheiro que lhe deuia das pa-
reas, & que lho desse, mandandolhe
por apontamentos os annos que erão
pagos, & a quem os pagarão, & quan-
to acada hum, & os que tnhão por
pagar. Estes recados se derão primey-
ro a Raix noradim que soffreo mal pe-
dir ho governador as casas dizendo q̃

erão apoufentamētos del rey, & poufa
uão nelas muytos cegos de sangue real
cō suas molheres. E despois de muytas
rezões disse que a cidade & ho reyno
estauão nas mãos do governador, que
fizesse o q̃ quisesse, & quato ao dinhei-
ro das pareas, feyta a conta se achou se-
rem diuidos oytenta & cinco mil xera-
fins, de q̃ Raix noradim quísera tirar a
quinta parte, dizendo que ho viso rey
lhe tirara cinco mil xerafins de quinze
mil que auia de pagar cadāno, & por is-
so, lhe auia de contar a dez mil por an-
no. E ho secretario lhe disse que era es-
cusado falar nisso ao governador, porq̃
ho contrato que ele fizera cō el rey çar-
fardim antecessor do que reynaua, lhe
entregara ho reyno com condição que
das rēdas dele pagasse ca dāno quinze
mil xerafins a elrey de Portugal, & que
bem sabia ele as muyto grandes despe-
sas que erão feytas naquela armada, &
em outras que ali vierão que lhe auia
de ser pagas aa custa do reyno, que assi
ho tinha ho governador protestado a
Cojeatar & a el rey çarfardim quādo se
lhe levantarão com a fortaleza, & cō
os Christaos q̃ lhe tomarão, que seria
boō não lembrar estas cousas cō pedir
a quinta parte do que diuia, & a Raix
noradim lhe pareceo assi, & rogou ao
secretario que ho não dissesse: porem o
q̃ ho secretario respondeo foy por ins-
trução do governador, q̃ logo se receou
de Raix noradim falar na quita que fi-
zera ho viso rey. E por derradeiro falā
do Raix noradim com el rey, deranse
as casas ao governador, & ho dinheiro
se começou de pagar & foy pago pou-
co & pouco: & neste tempo foy ho go-
uernador visitar el rey ao paço, & pri-
meyro que chegasse sayo Raix noradim
fora das portas a recebelo. E chegando

a elas sayo de dētro Raix delamixā por-
teiro moor del rey, & disselhe que ele
lhe entregara aquela porta, que estaua
ali como hum seu escravo. E el rey ho
foy receber tres ou quatro casas antes
daq̃lla em que auia de estar: & em che-
gando a ele que se abraçarão, foy pera
lhe beijar a mão com prazer, ou com
medo, & ele a tirou muyto riço fazēdo
lhe hũa mesura quasi cō ho giolho no
chão, & el rey ho beijou na cabeça, &
ho leuou abraçado ate onde se assenta-
rão, chamandolhe sempre pay, & que
não tinha outro bē se não ele. E ho go-
uernador fazendolhe grandes offreci-
mentos, & quando se foy tornou el rey
coele ate onde ho fora receber, & ou-
porque ho governador ho liurara da tí-
rania de Raix hamet, ou por lhe auer
medo era lhe tão sujeito que ate quan-
do auia dir aa mezquita lhe mandaua
pedir licença, & nenhum dia passaua
sem ho mandar visitar, & lhe mandar
muytos presentes de fruytas & outras
cousas de comer: & Raix noradim ho
visitaua quasi cada dia, & falaua lhe
muytas vezes na morte de Raix ha-
met, dandolhe por isso muytos agar-
decimentos, & todos os mouros comū-
mente lhe tinhão muyto amor, & por
outras terras por onde hião dizião de
le tanto bē, & engrandecião tanto suas
cousas que muytos reys & senhores do
sino p̃fico pera dētro ho mādārão visi-
tar per seus ēbaixadores, pedindolhe a
mizade, & mādandolhe grādes presē-
tes. E os primeyros forão el rey de Lā-
ra q̃ lhe mandou dous caualos, & Mira-
bucaca governador de Baharē polo xe-
q̃ ismael, q̃ tábē lhe mādou caualos, &
cada dia etrauão ē Ormuz muytos des-
tes ēbaixadores, & a corte del rey Dor-
muz se enobrecia coeles cadauez mais.

E vende ho gouernador que Ormuz estaua tão assentada que não auia com sa que a podesse aluoroçar se não os cegos de sangue real, de que se poderia tomar algum filho que se fizesse rey, porque assi ho fazia quem em Ormuz queria ser tirano, mandou os pedir a Raix noradim & a el rey com dissimulação que os queria ver & falar coeles, & mandoulhos, & erão por todos quinze que forão reys Dormuz, & cada hũ tinha molheres, filhos & criados que era hũa grande familia. Estes todos mandou despois ho gouernador pera a India na nao Belem em que se foy dom Garcia muyto contra vontade do gouernador por se ir em tal tempo, & forão entregues ao mestre, piloto, & ao escriuão da nao per conhecimento, pera que os entregassem ao capitão de Goa & ao feytor que os teuessem a boõ recado. E a fora ho gouernador mandar estes pera Goa por não darem toruação no reyno, mādou os porque se a pagasse alinhajem real, & se elrey Dormuz morresse sem filhos ficaria ho reyno a el rey de Portugal, que tirados os gastos que erão necessarios fazerense nele recolheria ho resto do que rendesse poendo hũ gouernador que ho regesse. E com a ida destes cegos ficou a terra sem nenhuma sospeita dauer nela aluoroço.

Capítulo. clíx. De como el rey de Campar que era bendâra em Malaca foy degolado por treyção del rey de Bintão.



Este tempo elrey de Campar q̃ era gouernador dos mouros & gentios em Malaca, fazia tambem seu officio que a no

breza da terra hia de cadauez em crecimento, & muytos fugião de Bintão & se tornauão a morar a Malaca por amor del rey de Campar, do que el rey de Bintão tinha muyto grande dor porque se via destruyr sem nenhũ remedio, porque de quantos tinha buscado pera atraer a el rey de Campar em sua amizade nenhum lhe aproueitaua. E como desesperado, pera se vingar dele, mandou aos de sua armada que lhe tomassem dous ou tres paraos de Malaca da gente da terra q̃ hia tratar por esses rios, & tomados leuaranlhos, & perguntou aa gente donde era como que ho não sabia. E sabendo que erão de Malaca, queixou se com aquelles que os tomarão, dizendo logo em sua presença, que pera que os tomauão que erão todos seus filhos pois erão de sua terra, & mandou os pera Malaca com lhes fazer merce, dizendolhes que se fossem logo pera suas casas, & que dissessem aos outros moradores que cedo seria em Malaca, porque seu filho elrey de Campar lhe auia de dar a fortaleza. Chegados estes a Malaca, differão a muytos o que passarão com el rey de Bintão, & ho que lhe ouirão. E isto souberão os filhos de Ninachatu, que como querião mal a el rey de Campar por amor que lhes parecia que fora causa da morte de seu pay, differão no logo Abertolameu perestrelo que chegara então da India por mandado do gouernador pera ser feytor de Malaca, & prouedor da fazenda, & coele seu irmão Rafael perestrelo pera ir descobrir a China. E com Bertolameu perestrelo tinhão os filhos de Ninachatu muyta amizade, & por isso lhe disserão o que ouirão del rey de Campar,

que ele logo disse a Iorge dalbuquerque, que, enformandose dos que ho ouvirão a el rey de Bintão teue q̃ era verdade, & consultou com Bertolameu perestrelo de mandar cortar a cabeça a el rey de Campar. E affirmandose neste conselho com outros algũs mais, come teo a Iorge botelho que ho fosse prender, & ele lhe disse que oulhasse bem o que fazia, porque bem sabia quão manhoso era el rey de Bintão, & q̃ matara a seu filho pera ter coisso entrada em Malaca, que lhe parecia que vrdira aquilo pera fazer matar el rey de Campar, porque lhe não queria dar a fortaleza por treyção, & que lhe lembrasse quãto el rey de Bintão perdia em el rey de Campar governar Malaca, por quãta gente se lhe hia parele despois que a governaua, & por quão contente os da terra estauão dele, & que ate aquele dia juraua q̃ sempre conhecera dele muyta amizade cõ os nossos, & muyta lealdade pera ho seruigo del rey de Portugal: & q̃ lhe deuia de crer isto pois lhe mandara que fosse espia, & que nunca lhe sentira tal cousa, & que assentasse bem no que auia de fazer, & que não ficasse aquilo com tão mau conselho, como fora ho com que ho governador mandara de golar. I uão timutara ja de que se seguira tanta guerra a Malaca. E com tudo isto Iorge dalbuquerque estaua tão determinado em matar el rey de Campar, que mandou a Iorge botelho sopena de cair em crime de lesa majestade que ho fosse prender, dizendo que não auia ninguem que ho fizesse. E isto tudo foy em casa de Iorge botelho, que vendo que não podia al fazer se foy a casa del rey de Campar, que posto que entẽdo que ho hia prender como não tinha culpa foyse coele

â fortaleza com muyto repouso: & Iorge botelho ho entregou pola mão a Iorge dalbuquerque, dizendolhe que não mataste ho inocente, & alli outras coufas em seu fauor. E por Iorge dalbuquerque ter tirada a inquirição pelos que forão leuados a el rey de Bintão do que lhe ouvirão, parece que tinha dada sentença contra el rey de Campar q̃ morresse degolado, & logo dali ho forão degolar à praça cõ pregão que publicaua a causa de sua morte, que ele primeyro que ho degolassem disse muytas vezes que ho matauão sem culpa: & muytos ouue que disserão que Bertolameu perestrelo teuera a culpa de sua morte, prouocãdo a Iorge dalbuquerque que ho mandasse matar. E se foy assi ou nã Bertolameu perestrelo não durou despois mais de dezafete dias, & despois dele morto partio seu irmão Rafael perestrelo a descobrir a costa da China em hũ jungo, leuando dez dos nossos em sua companhia, & foy là, & tornou a malaca com fazer muyto grande ganho na mercadoria no que leuou.

Capit. cl. De como Iorge botelho foy descobrir ho rio de Siaca, & da treyção que lhe quisera fazer el rey de Bintão.



Om a morte del rey de campar ficãdo os nossos e grã de descredito com a gẽte da terra que todos afirmauão q̃ el rey de Campar morrera sem culpa, & que fora treyção del rey de Bintão, & tinhão os nossos em conta de muyto crueis, & por isso muytos mercadores fugirão de Mala-

ta, & como se soube por derrador não
ousauão de ir a ela pelo que succedeo na
cidade grande fome, em tanto q̃ muy-
tos morrião dela, & ho arroz da for-
taleza se daua por regra muy estreita.
E pera se buscar & auer antes q̃ faltas-
se de todo, determinou Iorge dalbu-
querque em conselho que se descobris-
se hum rio chamado Siaca, que hia ter
a Menancabo, porque não auia outro
de que se mais perto ouuesse mantimē-
tos, posto que ho rey delle era sujei-
to a elrey de Bintão. E no mesmo cō-
selho se acordou que fosse Iorge bote-
lho descobri-lo, porque era muyto co-
nhecido antre todos os daquelas par-
tes, & tinha coeles grande credito, &
sabia a lingoa, & foy no nauio santa He-
lena com duas lancharas em sua com-
panhia em que hião algũs dos nossos,
& os mais era gente da terra, & quã-
do partio fizeranse por elles muytas
orações em Malaca pola necessidade
que auia de trazer mantimentos. E che-
gado ao rio entrou por ele: & era fer-
mosa cousa de ver, porque dhũa par-
te & doutra auia muytas quintãs, que
se chamão duções na lingoa da terra,
em que auia muytos laranjais, & outras
arvores de fruyto. E ho rio a lugares
era de largura de tiro de bombarda,
& de berço, & de béstia. E não podē-
do Iorge botelho tomar lingoa, por
que toda a gente fugia com medo da
nossa frota, meteo ē hũa almadia obra
de dez Christãos de Malaca que leua-
ua, & mandou os diante pera que to-
massem lingoa, o que eles fizerão, &
tomarão dous homens, & hum deles fo-
ra catiuo de Iorge botelho, que ho cati-
uou andando darmada, & lhe deu des-
pois liberdade: & assi ho disse ele a Ior-
ge botelho, que lhe deu algũs panos

& outras cousas, & mandouho que
fosse diante, & dissesse aos da terra
que não fugissem, porque não hia fa-
zer guerra se não paz com elrey de
Siaca, & dali por diante nunca mais
ninguem fugio, & quasi cada dia hião
falar a Iorge botelho, & lhe dauão no-
uas delrey de Siaca, & que tinha seu
assento em hũa pouoação à borda do
rio onde era mais estreito. E chega-
do ali elrey, mandou logo saber dele
o que queria, ele respondeo que as-
sentar paz & amizade em nome do ca-
pitão de Malaca, & que hũs de hũa
terra fossem seguros a outra. E como
aqui auia muytos da propria terra que
conhecião a Iorge botelho, disserão
tantos bens delle a elrey que folgou
dassentar a paz & amizade, que lhe
offrecia, & despois dassentada quisera
Iorge botelho passar auante ate Menā-
cabo, & verse cō ho rey da mina grã-
de (que ha ali muytas douro como ja
disse) pera assentar coele trato & ami-
zade, porq̃ como ouuesse trato hirião
os mercadores a Malaca com ouro, &
leuarião tambem mantimētos, & que-
rendo là ir soube como passando dali
era ho rio tão baixo que não auia de po-
der ir por ele: & porisso lhe escreuto
hũa carta, em que lhe cõtava sua deter-
minação, pedindolheq̃ pois là não po-
dia ir ouuesse a amizade por assētada,
& mandasse os seus mercadores a Sia-
ca a fazer ē coele mercaderia: porq̃ leua-
ua muyta roupa, & mādou coesta carta
oyto christãos de Malaca, & hũa guia
q̃ lhe deu elrey de Siaca. Partidos estes
coesta carta, chega ao outro dia hũ em-
baixador delrey de Bintão a elrey de
Siaca sēo Iorge botelho saber. E era a
ēbaixada, q̃ se elrey de Siaca desse a ca-
beça de Iorge botelho a elrey de Bintão

que ho casaria cõ hũa sua filha, & par-
ziria coele seu estado pelo meyo, por
q̃ Iorge botelho era o q̃ ho destruya. E
como esta promessa del rey de Bintão
era tamanha, venceose el rey de Siaca:
& determinando de a ganhar mādou
logo apos os que leuauão a carta de Ior-
ge botelho pera os fazer tornar. E que-
rendo nosso senhor que isto não ouues-
se effeyto, ordenou q̃ morasse naq̃la po-
uoação hũ homẽ, que q̃ndo foy a bata-
lha dos nossos cõ Patehonuz, Iorge bo-
telho tomou e hũ jungo cõ sua mulher
& filhos q̃ hia catiuo, & ho soltou cõ to-
da sua familia. E lēbrado este de tama-
nho beneficio, sabēdo a treyção que se
ordenaua cõtra Iorge botelho, logo na
quella noyte se foy a nado ao seu nauio
secretamente, & contoulhe o que passa-
ua: & que aquella noyte se despouoauão
todos os duções da gente nobre q̃ mo-
raua neles, pera el rey consultar coeles
como faria, & q̃ auia de mandar pedir
ajuda a el rey de Bintão quādo ho não
podessem tomar. E dado este auiso, tor-
nou-se com muyto boa paga que lhe Ior-
ge botelho deu por ele. E sabendo ele a
treyção q̃ se lhe ordenaua, deixou ho
nauio & metose em hũa das lâcharas,
& com as outras duas se pos a sombra
de terra porque ho não vissem: & reco-
lhendose os grandes da terra pera a po-
uoação, tomou hũ parao grande em q̃
achou hũ vedor da fazenda del rey de
Siaca, & prēdeo o debaixo de cuberta,
mandando dizer a el rey q̃ ho mesmo
auia de fazer a ele pola treyção que lhe
ordenaua: & se Iorge botelho leuara gẽ-
te que ho ajudara, ele destruyra el rey
de Siaca.

Capit. clj. Como Iorge botelho affen-
tou amizade com el rey de Menāca

bo, & de como Francisco de melope
lejou cõ hũa armada del rey de Bin-
tão, & a queymou.



Vendo que não podia, &
temendose q̃ lhe matastẽ
os seus mellejeiros que mād-
aua a el rey de Menanca-
bo, determinou de ir a di-
ta ate onde podesse nadar ho nauio, &
as lancharas, & dali buscaria maneyra
pera mandar recado a el rey, se os seus
mellejeiros fossem mortos, que nosso
senhor lhe quis goardar por mais que
el rey de Siaca trabalhou por lhos ma-
tar. E indo ter coeles aq̃les que ele man-
daua a isso, ouuerãlhe medo por que se
lhe defenderão muyto bẽ, & fizerãnos
fugir, & a guia tambem fugio coeles. E
vendose os mellejeiros sem ela forão
se a Campar, que era hí perto õde auia
muytos q̃ conhecião a Iorge botelho:
& algũs destes sabēdo q̃ os mellejeiros
erão seus, & onde querião ir leuarãnos
a el rey de Menācabo, q̃ como disse he-
gentio & seño de grande soma de mi-
nas douro, & quādo soube que erão de
Malaca, & vio a carta que lhe leuauão,
fez lhe muyto gafalhado, & respondeo
a Iorge botelho que folgaua muyto de
ter amizade & trato com os nossos, &
pois ho seu nauio não podia chegar aa
sua cidade, que ele mandaria laa os seus
mercadores a tratar coeles. E assi os
mandou, & a mercadoria que leuarão
foy ouro, & mantimentos & aguila,
que na terra não ha outra, a cujo tro-
co tomarão a roupa do nauio, & assi
quanto pano os nossos leuauão, que
não lhes ficarão ceroulas, nem cami-
sas que tudo lhes tomauão por ouro.
E estando aqui Iorge botelho, recean-
dose Iorge dalbuquerque que el rey

de Bintão mandasse sobrele, mandou a Francisco de melo ho galego que ho fosse fauorecer, & deulhe a capitania mór de hũa armada de noue lancharas, cujos capitaes a fora elle, forão Francisco fogaça, Ioão salgado, Carlos carualho, Ruy mēdez, Diogo mendez Cristouão díaz, Diogo díaz & outro cujo nome não soube. E sabēdo elrey De bintão como esta armada hia ē busca de Iorge botelho, mādou logo outra pera q̃ fosse pelejar coela & atomaſſe; & assi ho nauio d̃ Iorge botelho, & foy de vinte quatro lâcharas. E seys delas erão muyto grādes aque na sua lingoa chamāo garopos. E sēdo a noſſa armada dentro no rio onde estaua Iorge botelho, chegou a dos imigos & entrou tã hē dētro. E aduas legoas da foz achado q̃ ho rio se fazia em dous braços, & não sabēdo por q̃ lirião os noſſos repartirã se em duas partes de doze lâcharas cada hũa, & huās forão por hũ braço & outras por outro, o que foy logo sabido por Francisco de melo. E chamando a conselho os outros capitaes acordarão de ir receber os imigos ao caminho, assi por lhe mostrarē q̃ os não temião & lhe q̃bratē coisso os coraçōes, como por tener q̃ a gēte da terra se leuātasse contreles vēdo ho poder dos imigos q̃ era grāde por serē bē milhomēs & eles q̃ não chegauão a cēto. E indo em busca dos imigos derão cō hũa parte das lâcharas q̃ hião todas encadeadas em ala, por cercarem todo ho rio q̃ os noſſos não podessẽ fugir, q̃ cuydauão eles q̃ ho auião de fazer em os vendo. E estando coesta soberba como virão os noſſos derão hũa grande grita & tocarão seus instrumentos de guerra & os noſſos despararão sua artelharia, & assi forão ate chegarem hūs aos

outros & Ioão salgado foy aferrar com hũ dos garopos q̃ trazia mais de cēhomēs & ele algũs dez ou doze, & como os imigos erão tatos, entrarão coeles logo de roldão ferindoos de muytas frechadas & lâçadas, & por muyto bē que os noſſos pelejauão forão todos feridos & mortos os mais deles sem lhe nenhũ dos capitaes poderē acodir por todos terē aillaz q̃ fazer em se defender dos imigos q̃ trabalhauão quāto podião por los aferrar, & eles por q̃ os não aferrã sem jugādo cō sua artelharia & tirādo lhe cō muytas lâças de fogo & panelas de poluora q̃ lhe lâcauam dētro nos nauios com q̃ se pegou ho fogo neles, por que dos primeyros saltou nos outros por estarem todos encadeados, & assi se ateou q̃ se não podia apagar; & arderão dez cō os mais dos q̃ estauão dētro & os dous fugiram quando virão sua destruiçam & foram varar em terra, por onde agēte deles fugio, & ados outros toda foy morta de fogo, & isto se fez do meo dia ate a vespera, & os noſſos a fora os mortos q̃ disse ficarão todos feridos, & muyto cansados. E auēdo mea hora q̃ isto era passado, quādo acodem as outras doze lancharas dos imigos, que parece q̃ achandose perto ouuirão ho tō das bombardadas, & acodirão: & quando os noſſos as virão ficarão muyto tristes por quāo cansados & feridos estauão, & Francisco de melo os efforçou, dizēdo que esperassem em noſſo senhor, que os não liurara dos primeyros pa os deixar morrer a mãos daqueles, & q̃ lhe auia dacabar de dar a vitoria, pa q̃ vissem os imigos camanho era seu poder. E nisto chegarão os imigos, & começouse a peleja muyto mais braua q̃ dātes, & os noſſos não pelejauão se não cō a artelharia &

cō artificios de fogo, & foy medonha
 coufa de ver a perfia que teuerão os i-
 migos sobre aferrar os nossos ſintindo
 que raiſe ſtaão, & eles por ſe defeder.
 E ſobriſto meterão duas lincharas dos
 inimigos no fundo, & arrombarão al-
 gũas das outras, & matarão muyta gen-
 te, & niſto ſobreueo a noyte que os a-
 partou, & por os inimigos terem muy-
 tos mortos da noſſa artelharía, &
 queymados dos arteſicios de fogo. E ſa-
 bendo o q̃ acôtecera às outras doze lã-
 charas, não ouſarão deſperar & forão
 ſe aq̃la noyte caminho de Bintão: & he-
 de crer q̃ noſſo ſeñor ho quis aſſi, por q̃
 ſe tornarão a pelejar ſegũdo os noſſos
 eſtaão caſados & feridos não eſcapa-
 ra nenhũ. E morrerão ali logo & deſpo-
 is na fortaleza trita & cinco, & foy muy-
 to não morrerẽ mais, tantas forão as fe-
 ridas & tamanhas. E vêdo Frãciſco de
 melo como os inimigos erão oidos, & que
 lorge botelho podia ficar ſeguro & a-
 cabar ſua mercadoria q̃ aida não tinha
 acabada, deixouho & foyſe a Malaca
 pera ſe curarẽ os feridos. E ſicando lor-
 ge botelho, ſobejou ainda muyto ouro
 aos Menãcabos de q̃ eles teuerão algũ
 deſgoiſto. E ſintido lho lorge botelho,
 diſſelhe q̃ ſe foſſem coele a Malaca, &
 q̃ là ho acabarião de gaſtar, & q̃ ſe lhe
 obrigaria a tornalos a trazer ſeguros,
 cō tanto q̃ primeyro auião de cōprar a
 roupa da ſeytoría q̃ outra nhũa: & aſ-
 ſi ſe fez, & leuou os a Malaca õde quã-
 do chegou ja não era capitão lorge dal-
 buquerq̃, ſe nã lorge de britto copeiro
 moor q̃ foy com Lopo ſoarez, como di-
 rey no quarto liuro.



Este anno de mil & quĩ-
 nhêtos & quĩze, ouue el
 rey de Portugal por ſeu
 ſeruiço q̃ o gouernador
 Aſonſo dalbuquerque deſ-
 canſaſſe de ſeuſ trabalhos & ſe foſſe pe-
 ra Portugal, & deu a gouernança da Índia
 a Lopo ſoarez q̃ là fora por capitão
 mór de hũa armada, como diſſe no li-
 uro primeyro, & deulhe hũa frota de
 treze naos groſſas, cujos capitães a fora
 ele forão Chriſtouão de tauora, q̃ leua-
 ua a capitania de çofala, dõ Goterre caſ-
 telhano, q̃ leuaua a de Goa, Simão da
 ſilueira, q̃ leuaua a de Cananor, lorge
 de britto copeiro mór, q̃ leuaua a de Ma-
 laca, Diogo mēdez de vaſcõcelos, q̃ le-
 uaua a de Cochi, Aſõſo lopez da coſta,
 Lopo cabral, Aluaro barreto, Simão
 dalcaçoua pa ir à Chína, Aluaro telez
 por capitão de Calicut, Frãciſco de ta-
 uora, dõ Garcia coutinho. E neſta frota
 foy Mateus ho ebaixador q̃ mandou a
 may do preſte como diſſe atras, pera q̃
 Lopo ſoarez homãdaſſe ao preſte cõ
 hũ embaixador q̃ lhe el rey de Portu-
 gal mandaua q̃ foy hũ fidalgo chama-
 do Duarte galuão de muyto merecimẽ-
 to por muyto ſeruiço q̃ tinha feyto aos
 reys de Portugal do tpo del rey dõ Aſõ-
 ſo ho quĩto ate aq̃le, aſſi e tomadas dos
 lugares dalẽ, como em ir por capitão e
 armadas de ſocorros q̃ eſtes reys mada-
 uão a ſeus amigos, como e ir por emba-
 xador muytas vezes aos reys da Chriſ-
 tidade, & ao eperador ſobre couſas de
 muyta importácia, em q̃ moſtrou ſer
 muyto prudẽte, negociando ſempre a
 muyto cõtẽtamẽto dos reys q̃ ho mada-
 uão. E por iſto q̃ el rey dõ Manuel dele
 ſabia lhe daua a capitania de tres naos
 pera ir na meſma conſerua do gouerna-
 dor: o q̃ ele não quis aceitar, dizẽdo q̃
 era velho, & não queria carregos q̃ lhe

Capit. cliij. De como partio de Portu-
 gal por gouernador da Índia Lopo
 ſoarez, & de como chegou laa.

desasselegassê ho spū, & mais fazê-
do aq̃la viãjê pera seruir a nosso seño-
& ajuntar a Christindade de Ethiopia
cô a nossa. Coesta frota q̃ digo, se par-
tio Lopo soarez a sete Dabril, & cô to-
da a frota foy ter a Moçambique, ôde a
chou dous nauios, de que era capitão
môr hũ Ruy figueira q̃ fora descobrir
a ilha de sam Lourêço pa assentar fey-
toria, & não a podendo assentar se foy
a Moçambique. E aqui deixou ho gouer-
nador a Christouão de tauora pera ir
ser capitão de çofala, & deu a sua nao a
Fernão perez dandrade q̃ auia dir as-
sentar trato & amizade na China, & è
Bêgala, & auia dir por capitão môr de
tres naos q̃ logo leuara ordenadas de
Portugal. E partido ho governador de
Moçambique, foy surgir na barra d̃ Goa
a dous de Setebro do mesmo año, estã
do Afonso dalbuquerque em Ormuz. E
q̃ndo foy sabido è Goa q̃ hia outro go-
uernador, assí os nossos como os gêtios
& mouros ficarão muyto tristes, & di-
zião q̃ el rey de Portugal não q̃ria a In-
dia pois tiraua de governador Afonso
dalbuquerque, que parecia q̃ nosso seño-
r fizera pa a gouernar. E não ouue na ci-
dade nenhũ aluorço cô a vinda do go-
uernador, q̃ deixou è Goa por capitão
a dõ Goterre, & tirou a dõ Ioão deça,
& de Goa foy ter a Cananor, cuja capi-
tania deu a Simão da silueira, & viose
cô el rey de Cananor, a q̃ deu hũ rico
colar q̃ lhe mãdaua el rey de Portugal:
& de Cananor se foy a Cochí a despa-
char as naos de carga, & deu logo hũa
armada a seu sobrinho dõ Ioão da sil-
ueira, pera q̃ fosse fazer presas às ilhas
de Maldiua.

¶ Capit. cliij. De como el rey de Baha-
rê, & el rey de Baçorâ & outros reys
& grandes seño-
res mouros manda-

uão visitar o gouernador, & outros
ho hião ver.



Estituydo ho gouernador
na cidade Dormuz, & fey-
ta a fortaleza per q̃ el rey
de Portugal tornou a ser se-
nhor do reyno como era dâtes sem a el
rey Dormuz aproueitar ser vassalo do
Xe q̃ ismael & pagarlhe pareas: foy ho
espâto disto muyto grãde p toda Per-
sia, & Arabia, & da hi por outras proui-
cias, & nestas duas não falauão os reys
& seño-
res delas è outra cousa, & tinhã
no por muy grãde marauilha: & não a
uia nenhũ que não teuesse ao gouerna-
dor è muyto grãde cõta & estima, por
ho reyno Dormuz ser a cousa mais ri-
ca & poderosa de todas aq̃las partes, &
ho gouernador ir de tão lóge acõquis-
talo, & por isso desejaũo todos sua ami-
zade & liãça. E os primeyros q̃ lhe mã-
darão sua èbaixada damizade cõ pre-
sentes, forão el rey de Lara vassalo del
rey Dormuz, & el rey de Baharê, & d̃
catifa è Arabia, tambẽ seu vassalo, cu-
jo èbaixador deu ao gouernador da sua
parte tres caualos arabios, & hũa carta
que dizia na nossa lingoa.

Pera ho grãde rey, & amerceador ho
melhor dos reys neste tpo o q̃ he nomeado
em todas as lingoa, Rey do mar & se-
nhor de lugares, ho capitão moor a que
Deos acrecete sua vida: despois das sau-
des & amizades, vos faco saber como
estou de saude & paz. Façouos saber co-
mo nos el rey ho honrrado soubemos de
pouco tpo pa ca como viestes a Ormuz,
& como soys amerceador & fazedor d̃
iustica, & assi vay vossa fama por to-
do ho mundo, & folgay muyto que an-
tre mi & vos Vão sempre messeiros:

La mando meu meſſageiro a voſſo ſeruiço, & vos leua tres cavalos, poſto que não ſeão pertencêtes, ſe achar algũs bõs logo volos mãdarey. Recebey a tenção do amor & da amizade, ſe algũa couſa mandar des, mãdaimo dizer por que ho farey, enuiouos minhas encomendas.

E a poſeſte embaixador chegou outro de Mirabuçaca capitão geral do Xeque iſmael na frontaria de Arabia muyto grande ſenhor em ſua terra. Eſte tendo tãbẽ fama do gouernador, pola vntade que ſabia que lhe tinha ho Xeque iſmael ſeu ſenhor lhe mandou por hũ ſeu embaixador ofrecimentos damiza de cõ hũa carta que dizia em noſſa lin goa.

Ao grande ſenhor de mando, gouernador & grande capitão dos grãdes, & mayor dos mayores, capitão de muytos capitães deſte tempo, lião bem auenturado, capitão mor & gouernador das Indias. Eſte ſomenos ſeruidor & verdadeiro em amor, deſejoſo de vos fazer muytos ſeruiços como ſeruidor: mil vezes vos enuiouo dizer que ſou voſſo ſeruidor & quero voſſo bẽ: & digo a brados que ſou voſſo ſeruidor, & por iſſo me foy neceſſario fazer eſta carta. La vos mãdo Coge alachatim Maſamede a voſſo ſeruiço, que vos diga o que lhe diſſe acerca de noſſa amizade, & de ſermos ãos hũ. Tẽ deo por firme & por certo, & não ſeias eſquecido de nos: eſcreueime ſemp qualquer couſa ou ſeruiço que de m̃ quiſerdes, & mãdaimo que eu ho farey, & niſſo me fareis muyta merce: Não vos eſcreuo mais, ſe não que deos acrece te voſſo eſtado.

E deſpachados eſtes dous embaixadores muyto bẽ, & mãdãdo ho gouernador coeles ſeus embaixadores a eſtes reys, deſpois de laa ſerẽ lhe veyo outro embaixador del rey de Baçora em Arabia no cabo do ſino Perſico, cujo embaixador lhe deu outra carta que dizia.

Faço ſaber ao grã capitão, o que faz iuſtiça & mãda no mar & na terra, & o que faz bẽ no mar & na terra: noſſas vontades ſam todas hũas, & nos a voſſo mandar & obediência. Voſſo fazer de iuſtiça he aſſi como todos ho querem, & de vos amerceador quero que nos hõreis como hõrraſtes a Bejabeque, & a Mirabuçaca com cartas & meſſagẽs. Nos que remos pazes a voſſo ſeruiço, & tudo o que vos quiſerdes em toda couſa, & em o que poder a terra he voſſa, & os vaſſallos voſſos, & os filhos filhos voſſos: & ẽ tudo o que mãdar des vos obedeceremos. La vay a voſſa merce Cide ho honrrado Maſamede, em lugar de minha peſſoa: ſe voſſa merce mandar algũa couſa a cle ho diga, & ele nos eſcreuera, & nos obedeceremos, ou mãday coele voſſo meſſeigero. Minha tenção he, que não auemos meſter entre nos medianeiros, & o q mãdar des a Cide, mãdailho como ſe ho mandaffeis a m̃: & os vaſſallos meus ſam voſſos, não os engeiteis de voſſa viſta.

Tambẽ a eſte embaixador fez ho gouernador muyta honrra, & deſpachou ho muyto bẽ, fazendolhe merce, por q ſoubefſem os mouros qnam bẽ acerta ua quem ho queria ter por amigo. E os mouros de Ormuz ſe eſpãtaũo muyto deſtes reys & ſenhores mandarem

seus embaixadores ao governado, & mais q̃ndolhes eles cõtãuão a grãde fama q̃ hia dele por suas terras, & coeſtes embaixadores & cõ outros era a gẽte tãta em Ormuz q̃ não cabia, & parecia hũa corte de hũ grande rey, & não auia dia q̃ ho governador não fizesse merce a estes embaixadores, & os mouros da terra se espantauão como tinha tanto que dar. E vendo ho governador como os reys & senhores comarcãos folgauão com sua amizade pera os prouocar que folgassem mais coela & a desejassem, mandaua lhes tambem seus embaixadores, mādãdolhes presentes de muyto preço, pelo q̃ de todos era cada vez mais estimado por os mouros serẽ muito inclinados a lhe darẽ: & dhũs aos outros hia a fama, q̃ não auia nenhũ que nã desejasse de ho ver, & muytos mouros honrrados vinhão de muyto longe a Ormuz no mais que a vela: & algũs q̃ não podião ir & alli senhores mada, uão grãdes pintores q̃ lho tirassem pelo natural, pera q̃ ho vissem pintado. E todas estas diligencias fazião pola grãde fama q̃ auia antre os mouros de seus muyto grandes feytos nas armas, & de suas singulares virtudes: de modo que ho tinham todos em muyto grãde estima & veneração. E dos embaixadores & doutros mouros q̃ ho hião ver & tirar pelo natural erão cada dia tãtos na fortaleza que se não podião os nossos defender deles, & se os deitauão fora pedião com muyta piedade q̃ lho deixassem ver, porq̃ não hião a mais q̃ a vela. E esta importunação dauão porq̃ ho governador sayia poucas vezes fora por se achar mal de camaras, & quãdo hia fora da fortaleza, erão sem cõto os mouros q̃ ho estauão esperando, & pachegarẽ a ele, & ho verem bẽ, hũs lhe

fazião orações de seus grãdes lououres em sua lingua, & outros lhe dauão algũa coisa, & lhe beijauão a mão com que a tomava, & ele como os via detinha ho caualo pera lhe falarẽ, & eles ficauão muyto contẽtes & dizião de cada vez mais bẽ dele. E hia sua fama em tanto crescimento, que nunca foy tamanha de capitão de nação algũa. E indo sua doença de camaras de cada vez peor, aos vinte seys dias de Setembro fez a juntar todos os capitães de sua armada, & lhes disse que bem vião q̃ era velho, & doente de hũa doença q̃ mataua estando falado: & porq̃ ele por essa causa queria puer a conseruação do reyno Dormuz & daq̃la fortaleza q̃ fazia, lhes rogaua a todos q̃ lhe dessem as menajẽs de obedecer a pessoa ou pessoas a q̃ ele cometesse seu poder despois de sua morte ate elrey seu seõnor prouer. E todos disserão q̃ aquilo era muyto bẽ feyto, & q̃ nosso seõnor lhe daria saude, como ele & eles desejauião. E dandolhe suas menajẽs, fez o secretario Pero dalpõe hũ auto disso q̃ todos assinarão. E cercandose ja neste tẽpo a fortaleza de muro, mandou fazer prestes sua armada pera se partir pera a India: & vindo homes Doutubro por se achar peor, fez seu testamẽto. E aos vinte dias destes mes, mādou dizer a Pero dalbuqrque seu sobrinho pelo secretario, q̃ por ele sentir delrey Dormuz q̃ folgaria q̃ ele ficasse por capitão daq̃la fortaleza, & alli os nossos, & tãbẽ pola ele merecer, lhe fazia merce dela em nome delrey seu seõnor com quatrocentos mil rs dor denado cadãno, & duzentos quintaes de pimenta ao meyo, & dali por diãte teuesse cuydado dela. Polo que lhe foy beijar as mãos ao outro dia, & ele lhe deu ho regimẽto que lhe auia de ficar,

E assi lhe entregou hũa armada de tres nauios, & hũa fusta pera seruiço da fortaleza, & goarda da costa dos noutaqs que sam costeiros. E os capitães forão dos nauios, loão de meira, Fernão de refende, lorge dorta, & da fusta Antonio homem: & porque ho guernador de todo nã podia sayr fora por sua doença, se mandou despedir del rey Dormuz pelo secretario, mandandolhe pedir pdaõ de ho nã ir ver por sua doença com muytos offrecimentos. O que el rey lhe mandou muyto agradecer, mostrãdo muyto pesar de se achar tão mal, & quiserão ir ver se lhe ho secretario nã o conselhara que nã fosse, porq ho nã auia de poder ver se nã no bacio, & por isso el rey nã foy, & mādou lhe pedir que lhe nã deixasse por lingo Nicolao ferreyra por quanto era homem reuoltofo, & que lhe poderia ordenar algũa cousa por onde el rey de Portugal perdesse ho credito dele. E ho guernador ho fez assi, porque el rey lho merecia por quão seu amigo se mostraua, que cada dia ho mandaua visitar por Acem ale, mandandolhe sempre muytos presentes, & acodindolhe sempre com dinheiro pera as despesas da fortaleza, & mandandoho visitar muytas vezes por Raix noradim.

Capítulo. cliiij. Das nouas que ho guernador soube da India, & de como faleceo de sua doença chegando aa barra de Goa.



Quando o guernador prestestudo o q era necessario pa sua partida, partiose aos oytto dias de nouembro, & embarcouse pola festa

na nao de Dlogo fernandez de beja, & esteue o que ficaua do dia & a noyte seguinte defrõte da pedreira. E ao ourro dia se fez aa vela, & logo ao sabado foy ter coele Acem ale com duas terradas carregadas de refresco, s. vacas, carneyros, galinhas & fruytas que el rey Dormuz lhe mandaua, & assi muytas conseruas & bizcutos. E segundo se entẽdeo em Acem ale, ele hia ver se era ho guernador morto, porque como embarcou pela festa, & ho nã virão nenhũs mouros embarcar, cuydarão que era morto, & assi ho disserão a el rey: & mais porque auia dias que ho nã virão, nẽ falara a el rey antes de se ir embarcar: & porque despois de ser no mar se achara melhor, mandou q lhe falasse Acem ale, que quando ho vio lhe beijou a mão com muyto grande prazer polo ver viuo, & disselhe que lhe mandaua el rey Dormuz aquele refresco, & saber como hia. E dandolhe ele agradecerimentos disso, lhe mandou dizer como se achaua melhor despois que fora no mar, encomendandolhe muyto a fortaleza, porque era a melhor cousa q tinha no reyno pera cõseruação de seu estado, & fez merce a Acem ale de trinta xerafins, & dez a cada hũ dos mestres & pilotos das terradas q erão quatro, & mandou os conuidar com vinho de Portugal, & assi se forão contentes a Ormuz, onde disserão que ho guernador hia viuo. E sendo ele tão auãte como Calayate, pareceo hũa nao de mouros ao mar que vinha da India, & por saber nouas da India, mandou, que a fizessem arribar aa capitaina, & que lhe leuassem ho capitão & piloto dela, & deu juramẽto dos santos euãgelhos a Alexandre datay de lingoa, q nenhũa cousa lhencobrisse das nouas

que os mouros dessem da India: & ele ho fez assi, & os mouros hião de Cambaya, & desculparan-se ao governador de não arribarem a ele logo, por q̃ lhes pareceo q̃ não hia ali pola palas poucas naos que virão, & disserão que lhe traziaõ cartas de Cideale ho torto, & hũ embaixador do Xequel ismael que esta ua em Cambaya, em que lhe escriuião que era chegado à India. Lopo soarez por governador com hũa armada de doze naos. E indo logo pelas cartas, achouse que era assi, & que todas as fortalezas da India vinhão providas de capitães, & hũ deles era Diogo mendez de vasconcelos pera Cochim, & Diogo pereyra por feytor que ele mãdara presos pera Portugal polos insultos que fizerão, como atras disse, & assi contaua os nomes de todos os capitães, & dizia na carta de Cideale q̃ lhe não escriuia Meliquiaz polo grande pesar que tinha de ho el rey de Portugal mãdar ir da India, que lhe parecia que não seria bem ir-se pera Portugal, pois el rey conhecia tão mal as suas cauallarias, & lhe galardoaua tâ mas seus seruigos. E despois de idos os mouros, ho governador com grande paixão q̃ teue del rey de Portugal mandar Diogo mendez & Diogo pereyra com carregos mandando os ele presos, que era final que ho não ouuera por bem, disse muyto agastado. Mal com el rey por a mor dos homẽs, & mal com os homẽs por amor del rey: acolhamonos à igreja velho doytado. E despois que se lhe foy ho impeto daq̃la paixão cõ algũas palauras consolatorias que lhe disserão sobrisso, deu graças a nosso senhor por em tal tempo chegar governador à India estando ele tão perto da morte, &

não podia ser se não q̃ falaua el rey cõ algũ anjo, que ho auisaua das cousas de que a India tinha necessidade: & q̃ lhe parecia que nosso senhor tinha cuydado dela pois a socorrera em tal tempo. E primeyro q̃ se os mouros partissem, lhe mandou tomar todas as cartas que leuauão doutros mouros de Cambaya pera algũs Dormuz, porque não soubessem que era chegado outro governador que temia que desse aquela noua toruação a fortaleza. E dali por diate se achou de cada vez peor, de maneira que sabado quinze dias de Dezembro à noyte que foy surgir na barra de Coa auia quatro dias q̃ trazia saluço, & esta ua tão fraco que logo arreueflaua quanto comia. E despois de furto, ve o ter co ele frey Diogo vigayro geral da India, q̃ ele mandou chamar polo capitão do bargantim: & assi veo mestre Afonso medico q̃ lhe leuarão algũ vinho vermelho fresco de Portugal q̃ desejava: & aq̃la parte da noyte esteue sempre em seu acordo falando com seu confessor, & hũa hora antes que falecesse se lhe toruou a fala. Estando lhe lendo a paixão de que era muyto deuoto, & em q̃ dizia que leuaua sua esperança de salução, deu a alma a nosso senhor domingo ante manhaã de zafseys de Dezembro de mil & quinhentos & quinze, ve stido em ho abito de Santiago, de cuja ordem era caualeyro, que sempre teue por patrão & auogado diante de nosso senhor, a quem muyto deuotamẽte pe dió perdão de seus peccados antes de seu falecimẽto. E falecido foy posto na tolda da nao sobre hũ catle que estava cuberto com hũ pano de brocado, com hũa almofada do mesmo à cabeceira, & como tinha ho rosto descuberto pa-

recia q̃ estaua dormindo, & nisto era ho pranto muy grande na nao, assi de seus criados como dos outros, & dali se espalhou polas outras naos, o de todos tinham grande sentimeto por perderem tal governador. E sendo menhaã clara chegou Simão dadrade q̃ ficara atras, & querendo entrar pera dentro do rio, mandaram lhe dizer os outros capitães que esperasse pera acõpanhar ho corpo do governador ate a cidade. E ele não quis se não irse, mostrando grãde prazer de seu falecimento, cuydando que daua nisso cõtetameto a Lopo soarez.

Capit. clv. De como foy sepultado ho corpo do governador, & de suas notauis virtudes.



Es pois que aprouue a nosso senhor de leuar desta vida este tão esforçado & famoso capitão, foy aberto seu testameto, em que se achou que mandaua que seu corpo fosse enterrado em nossa senhora da serra que está na cidade de Goa, o de logo foy recado pera q̃ os clerigos & leygos se percebessem pa as derradeiras hõrras que auião de fazer a quem ganhou aquela cidade, o de ho rebate de nouas tão tristes deu affaz de toruação, especialmẽte ouuindo dobrar os sinos, q̃ a todos certificarão ser a noua verdadeyra, que ainda algũs a não podião crer. E como todos tinham amor de pay ao governador, hũs polos casar, & lhes dar fazeda pera sustetameto de suas vidas, outros porque por natureza se inclinauão a isso polas virtudes que auia nele, não ouue nenhũ que não mostrasse no rosto a magoa que tinham no cora

ção, & hũs com os outros fazião ajutametos por essas ruas falando na morte Dafonso dalbuquerque, q̃ trazia a memoria a muyta honrra & louuor que ganhara na vida, assi em seruir a nosso senhor como a el rey, affirmando todos que nũca iria aa India outro tal. E nisto chegou ho seu corpo ao cays, onde ho estauão esperãdo os clerigos & frades com suas cruces, & todas as confrarias com sua cera, & ho capitão da cidade com todos os fidalgos & gente outra q̃ auia nela. E tirado no batel no catle em que hia, foy posto em terra pera ho encomẽdarem. E como vinha vestido no habito de Santiago, & hũa rede dourada na cabeça com hũa carapuça & beca de veludo negro, & a barba branca q̃ lhe chegaua ate a cinta & ho rosto descuberto com os olhos meyo abertos parecia viuo. & quãdo assi ho virão todos que conhecerão ho desemparo que ho estado da India recebia por sua morte, foy tamanho ho choro que todos aleuatãtarão, que mais forão lagrimas que os clerigos chorarão que palauras q̃ pronunciarão pera ho encomendar. E tomãdo ho coeste pranto debaixo de hũ palio que leuauão fidalgos, começarão de caminhar pera nossa senhora da serra. E entrando pola cidade parecia que se fundia toda cõ gritos das molheres que ele casara, que todas sayrão a velo. E postas todas em cabelo, & dando cõ as mãos nos rostos lamentauão sua orfindade, dizẽdo hũas que perdião pay & outras senhor: & assi ho chorauão comunmente Christãos, gentios & mouros, & toda a cidade se não ouuia outra couza se não choros, soluços & suspiros, & coeles foy aq̃le corpo leuado a nossa senhora da serra, o de depois de se dizerem em hũa pregação seus grã

des lououres foy sepultado, & posta sobre sua sepultura hũa effa de veludo negro & damasco, por se não achar veludo que abastasse; & sobre a effa foy dependurada a bandeira que leuaua nas batalhas, & suas exequias durarão hũmes, & da hi por diãte se lhe disse cada dia hũa missa, que ele deixou pera sempre. E despois de ser sepultado, ainda ho pranto durou na gête o que ficaua, do dia & toda a noyte seguinte, não somente nos nossos, mas nos gentios & mouros, porque todos ho tinham por pay; & assi os emparaua ele, & os mantinha em paz & em justiça, por q̃ a fora ho esforço que lhe nosso senhor deu pera a guerra, dotoulhe tanta prudência que nenhũa cousa lhe ficaua por saber que fosse necessaria pera boa governança da repubrica. E posto que algũs ho quizerão tachar de mal sofrido antes de ser governador, & dizião que era doudo, & por isso acõselhauão ao visorrey que lhe não entregasse a governança como el rey de Portugal mãdaua por sua prouisam, do que se vio ho contrairo despois que lhe foy entregue, que lhe sobejaua sofrimento & paciencia, em tanto que indo hũ dia por hũa rua, algũs que lhe querião mal por lhe não pagar seu soldo, por mingoa de não ter dinheiro, lhe deitarão ourina de hũa janela & ho molharão; & ele dissimulou fazendo q̃ ho não entedia, nem sòmete quis entender aqueles que hião coele que lho differão. E outra vez hũ homẽ por priuar coele, disselhe q̃ outros dizião mal dele publicamẽte, & ho injuriãuão cõ nomes muy infames, que seria bẽ que os castigasse. E ele respondeo q̃ ho não auia de fazer, por q̃ eles tinham rezão pois continuamẽte trabalhauão, & elle lhes não podia dar ho galardão de seus

trabalhos; & da gastados disso se espartaua como lhe não fazião mal, quanto mais dizerẽno dele, q̃ folgaua muyto de quebrarem sua furia no que tocava a sua peiçoã, antes que no que tocava ao seruico delrey seu senhor. Vindo outra vez a ele hũ lascari cõ grãde necessidade segundo mostraua a pedirhe algũ soldo do que lhe era diuido, não lho podendo ele dar polo não ter rogoulhe q̃ por algũs dias ho buscasse emprestado por seus amigos. E escusandose ho lascari, dizẽdo q̃ ho não achaua sem penhor, & que não tinha outro que desse se não suas armas, q̃ lho desse ele, & lançãdo mão à barba acertou de tirar quatro ou cinco cabelos sem ho q̃rer fazer, & quando os vio mostrou que ostirara por sua vontade & por cõtentar ho lascari, deulhos dizendo que buscasse dinheiro sobreles, por q̃ não tinha outro penhor que lhe dar. E ho lascari muyto ledo leuou os cabelos, & achou dinheiro sobreles com que supriu sua necessidade. E o que tinha os cabelos e penhor, sabendo q̃ ho governador tinha dinheiro foylhe dizer q̃ os desempenhasse; o que ele fez muyto ledo, & lhe fez merce por dar ho dinheiro sobre os seus cabelos. E estas obras não erãose não de quem por si so, & nã por doudice queria temperar tantas vontades como auia na gente de sua armada. E coestas manhas & com outras soube tambem granjear ho cargo que tinha, que estando tantas mil legoas de Portugal, & com tão pouca gente como disse tomou aos mouros a cidade de Goa, & a de Malaca, & a fortaleza de Benastarim, & fez a de Calicut, & conquistou por força darmas ho reyno Dormuz, & despois de se lhe levantar ho tornou a fugigar, & fazia tremer toda a India.

& tendo tão pequena armada a sabia repartir, de maneyra que continuamente trazia navios da armada de Cochim ate Chaul que goardauão aquela costa em quanto duraua ho verão, de modo que nem hũ grão de pimenta se podia tirar da Índia sem sua licença, nẽ podia entrar na Índia por mar nenhũ estrãjeiro que ho não soubesse. Era tão diligente no proueito da fazenda del rey seu senhor q̃ sempre em Goa, & outros lugares que se presumia dauer cerco, tinha e suas feytorias certas casas cheas de trigo, arroz, carnes, pescados & outros mantimẽtos, de q̃ ele tinha as chaves: & quando via que não auia cerco, daua ho trigo & ho arroz aos casados e descõto de seus mantimẽtos. E coeste regimẽto não auia necessidade dalma zem de mantimẽtos, nem se gastauão ordenados cõ os almoxarifes deles como agora. E hũ homẽ de cada hũa das feytorias tinha cargo de comprar estes mantimentos. E a fora estas cousas fez

outras muytas que serião largas de cõtar, mas falando em soma nenhũa virtude lhe faleceo pera ser tão singular capitão como ho forão os singulares q̃ ouue antre barbaros, gregos & latinos. E sobre tudo temeo sempre muyto a nosso senhor, & foy muyto amador de seu seruiço, & teue grande deuacão na sua sacratissima paixão, & na sua gloriosa madre nossa seõora, tanto que nũca por menencoria que ouuesse jurou por eles, nem pos neles a boca irosamente, nem em nenhũ santo, nem dizia mais que renego da vida em que viuo. E por ser muyto amigo do seruiço del rey, teue muytos inimigos, & foy muyto manifesto nas cousas que comprião a honra del rey, & a sua, & muy liberal pera os pobres: foy muyto airoso, & bem apessoadado, discreto, & tinha graça em tudo o que dizia, & foy muyto dado a dizer palauras sentenceoas, & folgaua de as ouuir.

LAVS DEO.

Foy impresso este terceiro liuro

da historia da India em a muyto nobre & leal cidade de Coimbra

por Ioão de Barreira, & Ioão Aluarez empreffores delrey na

mesma vniuersidade. Acabou se aos doze dias

do mes Doutubro. De

M D. LII.

Tauoada deste liuro terceiro.



Apitolo primeiro. De como dom Fernão cortinho marichal de Portugal determinou com ho governador Afonso dalbuquerque q̃ fossem sobre

Calicu. E de como forão auisados da despo
sição de Calicu. Pagina. 1.

Capit. ij. De como ho governador, & ho marichal partirão pera Calicu. E chegarão lá: & de como o governador desembarcou primeiro & a causa porque. 2.

Cap. iij. Do que ho governador disse ao Marichal porque desembarcou primeyro: & de como matarão ho marichal: & os nossos forão desbaratados. 4.

Capit. iiij. Do danno que receberão os nossos dos inimigos, & do que os inimigos receberão deles, & do mais que passou. 8.

Cap. v. Do que ho governador fez despois q̃ foy em Cochim. E de como se perderã nos bayxos de Padua Bastião de Sousa & Francisco de Sã, indo pera Portugal. 10.

Cap. vj. Do que acõteceo a Pedra fõso da guiar na viagem, & de como chegou a Portugal. 10.

Capit. vij. de como indo ho governador pera ho estreyto do mar roxo: deixou a ida por saber q̃ fazião Turcos hũa armada na ilha de Goa. 11.

Capit. viij. De como estã situada a cidade de Goa, cabeça do senhorio do çabaio. 14.

Capit. ix. De como ho governador chegou à barra de Goa, & de como dom Antonio de noronha tomou os dous baluartes da barra. 16.

Capit. x. De como ho governador sabendo o que dom Antonio tinha feito, entrou pera dẽtro de Pãgim: & do recado que mādou à cidade. 17.

Cap. xj. De como a cidade de Goa foy entregue ao governador: & do que fez despois de trar nela. 18.

Capit. xij. De como ho governador mandou duas çbayxadas, hũa a el rey de Narsinga outra a el rey de Vẽgapor, pera fazer amizade coeles. 20.

Cap. xij. De como fortalecẽdo ho governador a cidade de Goa ouue hũa amotinacã antre os nossos & por cujo conselho. 21.

Cap. xiiij. De como Antão nogueira tomou hũa nao de mouros no cabo d Goardafum & de como leuãdo dõ Afonso de noronha pera a India se perdeu na costa de Cãbaya & morreo dõ Afonso & os outros forão catiuos. 22.

Cap. xv. De como ho Hidalcão se partio cõ grãde exercito pera tomar Goa & de como Timoja foy lançado das tanadarias da terra firme. 24.

Ca. xvj. De como Pulatecã assentou arrayal sobre a ilha de Goa defronte de Benastari, & de algũs recados q̃ ouue antre ele & ho governador. 26.

Cap. xvij. De como as jangadas dos inimigos forão acabadas & do mays que passou atreles & os nossos. 26.

Cap. xvij. De como çufolarim & çufogogica pitães do Hidalcão entrarão a ilha, & do que fizerão nesta entrada Jorge da cunha Frãcisco de Sousa mancias & Frãcisco pereira cortinho. 29.

Cap. xix. De como os mouros & gẽtios da cidade se leuãtarão contra os nossos, & do q̃ fizerão Nuno vaz de castelo brãco & outros, & de como sabẽdo ho governador que a ilha era entrada se recolheo à cidade. 31.

Capit. xx. De como Pulatecã entrou na ilha de Goa cõ ho resto da sua gẽte: & pos cerco à cidade, & do que ho governador fez despoys disso. 34.

Capit. xxj. De como Pulatecã combateo a cidade, & da resistencia que achou nos nossos. 37.

Capit. xxij. de hũ auiso que deu Ioão machado ao governador da determinacã dos inimigos, & do mais que despois foy. 39.

Capit. xxiiij. De como Pulatecã cometeo cõ certo ao governador, que ele não quis, & de como ho Hidalcão chegou ao arrayal. 41.

Capit. xxiiij. De como ho governador despojou a cidade, & a causa porque. 44.

Cap. xxv. De como sabendo ho governador que não podia sair da barra sem grande perigo, inuernou no rio de Pangim, & do que acõteceo ja Fernão perez dandrade, & a dom Ioam de lima. 46.

Capit.xxvj. De como ho governador foy terea do deftancias d'artelharia de todas as partes do rio, & do muyto grande trabalho q os nossos paffauão, afli de fame como de guerra. fo.49.
 Capit.xxvij. De como ho governador deu na fortaleza de Pangim, & defbaratou Pula tecão, & ho fez fugir & tomou a artelharia da fortaleza. 51.
 Capit.xxviii. De como ho hidalção cometeo amizade ao governador, & ele a não quis, & a causa porque. 54.
 Capit.xxix. de como ho governador mādou enforcar hū caualeiro chamado Ruydiaz & de como se seguiu por iffo prender certos capitães. 57.
 Capit.xxx. De como ho governador sabendo que os migos auião de pelejar coele, mandou a dō Antonio q cō outros capitães fol se pelejar coeles & se percebeo pa iffo. 59.
 Capit.xxxj. De como dom Antonio pelejou cō çifolarim & ho desbaratou & do q fizeram Simão dandrade & Fernão perez dādrade & como dom Antonio foy ferido mortalmente. 61.
 Capit.xxxij. De como faleceo dō Antonio & dalgũs recados q ouue ācre ho hidalção & ho governador, sobre concerto, q não ouue effeito. 63.
 Capit.xxxiij. De como o governador mādou os doentes a Anjadina, & de como ouue mantimentos. lxxv.
 Capit.xxxiiii. De como ho governador se partio do rio de Pangim, & do perigo q paffou ao sair da barra, & de como chegarão naos de Portugal. 67.
 Capit.xxxv. De como indo Francisco pãroja a Sacotorã pera trazer dom Atonfo tomou a nao meri, & de como Duarte de lemos se partio pera a India. 69.
 Capit.xxxvj. Dalgũas coufas q se fizerão na costa do Malabar estando ho governador em Cananor, & de como chegou Duarte de lemos a Cananor, & forão soltos Simão dandrade & os outros. 70.
 Capit.xxxvij. De como soube Duarte de lemos q se auia dir pera Portugal, & de como ho governador mādou recado a el rey de cābaya sobre os catiuos q tinha. 72.
 Capit.xxxviii. de como hū principe de Cochí que andaua leuātado pedia ho reyno, & de como querēdolho el rey de Cochim entre-gar foy contrariado polos nossos. 73.

Cap. xxxix. De como ho governador chegou a Cochim, & de como nenhū dos capitães da carreira quiferão ir a Goa cō ho governador. 75.
 Cap.xl. De como ho principe leuātado quife ra tornar a Cochim, & foy defbaratado p Nuno vāz de castelo branco, & per Loure ço moreno. 79.
 Capit.xlj. De como ho governador partio pe ra a cidade de Goa. 80.
 Capit.xlij. De como ho governador tomou a cidade de Goa com grande deſtroição dos immigos. 82.
 Capit.xliij. Do grande & rico deſpojo q foy a chado em Goa, & do mais que ho gouernador fez. 87.
 Capit.xliiij. De como ho governador fez afor taleza de Goa. E do que fizerão Fernão pe rez & lorge botelho. 89.
 Cap. xlv. Do que Duarte de lemos fez em Co chim, & do que Francisco de ſã, & Manuel da cunha fizerão em Canonor. 91.
 Capit.xlvj. De como el rey de Cambaya mādou ao governador Diogo correa & Francisco pereira de berredo. 93.
 Capit.xlvij. dos embaixadores que os reys da India mandarão ao governador, & de como ho governador arrēdou as tanadarias da terra firme a Merlao hirmão del rey de Honor. 94.
 Capit.xlvij. De como ho governador mādou Diogo fernández de beſi aderribar a fortaleza de çacotorã, & do que ho governador paſſou cō Diogo mēdez de vaſcócelos. 97.
 Cap. xlix. De como querendo Diogo mēdez de vaſconcelos fugir pera Malaca foy pre ſo, & do mais que ſe fez. 100.
 Cap.l. De como indo ho governador pera ho mar roxo, mudou ſua ida pa Malaca. 103.
 Capit.lj. Do q aconteceo ao governador indo pera malaca ate a char elrey de Pacē. 104.
 Cap.lj. Do cōcerto q ho governador fez cō el rey de Pacē, & como chegou a Malaca. 107.
 Capit.liij. De como Ruy daraujo auifou ho gouernador do q decerminaua el rey de Malaca, & do mais que ſucedeo. 109.
 Capit.liij. De como Fernão perez dandrade pos fogo ā cidade, polo que el rey mandou Ruy daraujo & os outros. 111.
 Cap.lv. Como vēdo ho gouern. q el rey queria guerra aſſentou dedar na cidade. 113.
 Cap.lvj. Como ho governador cometeo acida de, & ganhou a pãte, & ſe tornou ā frota. 115.

- Capit.lvij. De como Timutaraia mādou pedir seguro ao gouernador, & como ho gouernador mādou hū mēssegeiro a el rey de Sião. 113
- Capital.vij. De como ho gouernador se apercebeo pera tornar a pelejar com os imigos & como assentou que ho fizesse. 128
- Capit.lix. De como ho gouernador desbaratado el rey de Malaca lhe tomou a cidade & ho fez fugir dela. 123
- Capit.lx. Do que ho gouernador fez em Malaca despois que a ganhou. E do que el rey fez despois que a perdeu. 126
- Capit.lxj. De como ho gouernador por apagar a moeda dos mouros mādou laurar moeda em Malaca, & foy apregoadã. 128
- Capit.lxij. Em que se escreue ho grão reyno de Sião: & de como el rey de Sião mādou hū embaixador ao gouernador. 129
- Capit.lxiiij. Dos muytos embaixadores que forão ao gouernador dos reys comarcãos de Malaca. 133
- Capit.lxiiij. De como Pulatecão entrou hūa noite na ilha de Goa, & da treição q̄ ordenou aos nōssos. 134
- Capit.lxv. De como ho capitão de Goa pelejou com os imigos & os desbaratou, & de como despois foy morto. 136
- Capit.lxvj. de como Pulatecão assentado seu arrayal em Benastarim hia correr a cidade, & como lhe os nōssos sayã. 139
- Capit.lxvij. De como ho hidalção deu a conq̄ista de Goa a Roçalcão, & do engano que Roçalcão fez aos nōssos, & deitou fora Pulatecão. 140
- Capit.lxviii. De como cayo hū pedaço de muro da cidade, & do grande trabalho q̄ os nōssos teuerão em ho defender. 142
- Capit.lxix. De como polo grande trabalho que hia na cidade algũs dos nōssos fugirão pera os mouros. E de como loã machado se foy pera os nōssos. 143
- Capit.lxx. De como despois de passado loã machado pera a cidade apertou Roçalcão mais ho cerco. E de como Francisco pereira de berredo foy por mantimentos, no q̄ passou grande perigo. 146
- Capit.lxxj. Do q̄ fez Diogo fernãdez de beja indo a Ormuz, & de como foy socorrida Goa despois que entrou ho verão. 148
- Capit.lxxij. De como Roçalcão acabou a fortaleza no passo de Benastarim, & do mais que se fez em Goa. 150
- Capit.lxxiiij. De como ho gouernador soube a treição que Timutaraia ordenaua, & de como prendeo a elle & a outros. 152
- Cap.lxxiiij. de como Timutaraia & os outros forão degolados por tredores. 155
- Capit.lxxv. De como foy Antonio dabreu a descobrir a ilha das maçãs, & a do crauo, & de como ho gouernador mandou hū embaixador a el rey de Sião. 155
- Capit.lxxvj. de como se leuanton Patequatir & de como ho gouernador proveo Malaca querendose ir pera a India: & de como lhe fugio el rey de Pacē. 157
- Cap.lxxvij. De como os mercadores de Malaca conselharão ao gouernador que não se fosse, & do que lhes respondero. 159
- Capit.lxxviii. De como nauegando ho gouernador pera a India, se perdeu a sua nao & do que aconteceu a Simão dādrade. 161
- Cap.lxxix. De como ho gouernador chegou a Cochim, & de como deu a capitania de Goa a Manuel de lacerda. 162
- Capit.lxxx. Do que ho gouernador fez em Cochim: & de como hū rey das ilhas de maldiua se fez vassalo del rey de Portugal. 164
- Cap.lxxxj. De como os imigos tomarão a barcaça, & os nōssos a tornarão a tomar. 166
- Capit.lxxxij. De como Fernão perez tornou a cometer Quatepatir, & a pda q̄ recebeo. 168
- Capit.lxxxiiij. De como Fernão perez foy buscar ho Lassamane pera pelejar coele, & do socorro que chegou da India. 169
- Capit.lxxxiiij. De como Fernão perez foy buscar mantimentos, & da fame que auia entre os imigos. 171
- Capit.lxxxv. De como desbaratado Quatepatir por Fernã perez fugio a ilha da laoa. 172
- Capit.lxxxvj. De como Fernão perez foy ao estreito de Cincapura, & de como Antonio dabreu tornou a Malaca. 174
- Capit.lxxxvij. Do que passotem Goa, & de como foy morto Mēdafonso de tangere em Benastarim. 176
- Capit.lxxxviii. Dos capitães mores da carga que chegarão a Cochim, & de como ho gouernador se partio pera goa. 177
- Cap.lxxxix. Do q̄ ho gouernador fez em Cananor, & do que soube que determinaua ho soldão, & ho hidalção acerca do socorro de Benastarim. 178
- Capit.xc. De como ho gouernador chegou a goa, & cercou por mar a fortaleza de Benastarim, & lhe deu bateria. 180

- Cap. xxi. De como ho governador se tornou a Goa, & do que lhe acôteceo cõ os mouros que hão a correr a cidade. 183
- Capit. xxi. De como ho governador cereou a fortaleza por terra: & de como os mouros lhe derão rebate hũa noite. 185
- Capit. xxiij. De como Rogalcão fez concerto com ho governador pera lhe dar a fortaleza, & lhe foy entregue. 187
- Capit. xxiij. Do que ho governador mandou dizer a Rogalcão, & da justiça que fez nos nossos que se lançarão com os mouros. 189
- Capit. xcv. Do que ho governador fez despois que tomou a fortaleza de Benestari. 191
- Capit. xcvj. De como ho governador soube q hũ embaixador do Preste pera elrey de Portugal estaua preso em Dabul: & quem foy ho Preste, & onde teue seu señorio. 194
- Capit. xcvij. do que dezia a carta que a mãy do preste mandou a el rey de Portugal, & do mais que passou em Goa. 197
- Capit. xcviij. Como dõ Garcia foy fazer a cartrega a Cochim, & de como Nambearim assentou coe paz 200
- Cap. xcix. De como Pate honuz foy sobre Malaca: & do q os nossos fizera. 202
- Capit. c. De como os nossos começaram de pelear cõ os inimigos, & porq não acabará. 203
- Capit. cj. De como Pate honuz sem oular de pelear com Fernão perez lhe fugio, & da destruição que os nossos fizera nele. 205
- Capit. cij. De como ho governador disse a seus capitães que auia de ir a Adem, & de como se partio. 209
- Capit. ciij. Do sitio da cidade Dadê, & de sua nobreza, & de que senhorio he. 211
- Capit. ciij. De como ho governador surgiu no porto dadê & se apercebeo pa a cõbater. 212
- Capit. cv. De como a cidade Dadê foy escalada polos nossos, & do q lhes acoteceo. 215
- Capit. cvj. De como morreo Garcia de souza, e se saluara os nossos q ficauã no cobelo. 219
- Cap. xviij. como ho governador se partio pa ho estreito & da descrição delle. 221
- Cap. cxiiij. De como ho governador chegou a ilha do Camarão, & do q hi passou. 223
- Capit. cix. De como não ouue effeito a paz q ho governador deixou assentada com elrey de Calicut, & doutras cousas que se fizeram na India. 226
- Cap. cx. De como el rey de Bintão quísera to mar Malaca por treição & não pode. 227

- Cap. cxj. De como ho governador itternouẽ Camarão, & porq não fez hi fortaleza. 230
- Capit. cxij. Da causa porq ho governador não fez fortaleza na porta do estreito, & do que fez em Adem, 231
- Cap. cxij. De como ho governador chegou a Diu, & do que hi passou cõ Meliqueaz. 234
- Cap. cxiiij. De como ho governador achouẽ Chaul Tristão degã cõ a reposta da embaixada que mandou a el rey de Cãbaya. 236
- Capit. cxv. De como partio de Portugal loão de souza de lima por capitão mór das naos de carga, & do que lhe acoteceo. 238
- Capit. cxvj. De como ho governador ouue as seys naos de mouros que arribarão aa costa da India. 239
- Capit. cxvij. De como el rey de Narsinga mandou hũ embaixador ao governador sobre os caualos de Goa. 241
- Cap. cxvij. De como faleceo el rey de Calicut & lhe succedeo Nãbeadarim seu irmão. 242
- Cap. cxix. Do que ho governador fez em Cananor. 243
- Cap. cxx. Do q se determinouẽ cõselho, acerca do que el rey de Portugal queria saber de Goa. 246
- Capit. cxxj. De como ho governador assentou paz com el rey de Calicu, & se começou a fortaleza. 248
- Cap. cxxij. De como soube ho gouern. q dauã capitulos dele a el rey de Portugal. 250
- Capit. cxxiiij. De como foy descuberto ao gouernador que Antonio real mandaua dele capitulos a el rey de Portugal. 252
- Capit. cxxiiij. De como ho governador mandou tirar testemnhas sobre os capitulos que Antonio real daua delle. 254
- Cap. cxxv. De como ho governador fez entender a el rey de Cochim q não era agrauado na paz com el rey de Calicut. 257
- Cap. cxxvi. como ho gouerna. deu a capitania de Malaca a lorge Dalbuquerque, & mādou Diogo frz de beja cõ embaixada a Cãbaya. 258
- Cap. cxxvij. Do q fez Pero Dalbuqr que q foy por capitão mor ao cabo de Goardafũ. 259
- Capit. cxxviiij. como lorge dalbuquerque chegou a Malaca, & se entregou da capitania. 260
- Cap. cxxix. Em que se escreue ho Reyno de Cãbaya, & donde começaram os seus reys. 261
- Cap. cxxx. De como Diogo fernãdez de beja chegou a gurrate, & partio dahi pera Chãpanel. 264

- Cap. cxxj. De como ho embaixador se vio cō
Meligupim, & de como se partio pera a cor
te del rey de cambaya. 266
- Capit. cxxxij. De como ho embaixador foy
despachado del rey de Cambaya, & se tor
nou a çurrate. 269
- Cap. cxxxij. De como ho embaixador inuer
nou em çurrate & se partio pa Goa. 271
- Capit. cxxxij. De como lorge botelho & ou
tros capitães desbaratarão el rey de linga,
& do mais que passou em Malaca. 273
- Cap. cxxxv. De como chegon à India Christo
uão de hrito capitão mór das naos de carga
& de como ho governador determinou de
ir tomar Ormuz. 275
- Capit. cxxxvj. De como o governador chegou
a Ormuz. fo. 277.
- Capit. cxxxvij. De como ho Xequé ismael mã
dou hū embaixador ao governador, sobre
amizade com el rey. fo. 279.
- Capit. cxxxvij. de como Raix norandim, goa
zil dormuz entregou ao governador a for
taleza. fo. 280.
- Capit. cxl. De como ho governador mandou
matar Raix hamet per seus capitães. fo. 282
- Capit. cxlj. De como os hirmãos de Raix ha
met se forão Dormuz & ficou e paz. fo. 285.
- Capit. cxlij. De como fugirão sete dos nossos
pera a terra firme, & do q Raix noradim
fez sobrisso. fo. 286.
- Capit. cxliij. De como ho governador mãdou
Fernão gomez de lemos por embaixador
ao Xeq ismael, & chegou ao seu câpo. 288

- Capit. cxliij. Em que conta como se leuantou
ho Xequé ismael, & do senhorio q tē. 289.
- Capit. cxlv. De como Fernão gomez de lemos
deu ao Xequé ismael a ébaixada & presen
tes que lhe leuaua. 291.
- Capit. cxlvij. De como Fernão gomez foy des
pachado, & foy coele outro embaixador do
Xequé ismael ao governador. 294.
- Capit. cxlvij. De como ho governador ouue a
artelharia del rey Dormuz, & mandou os
reys cegos pera a India. 295.
- Capit. cxlix. De como el rey de Campar q era
bendara em Malaca foy degolado por trei
ção del rey de Bintão. 298
- Capit. cl. De como lorge botelho foy descobrir
ho rio de Siaca, & da treição que lhe quise
ra fazer el rey de Bintão. 299
- Capit. clj. De como lorge botelho assentou a
mizade com el rey de Menácabo: & de co
mo Francisco de melo pelejou com hūa ar
mada del rey de bintão & a queimou. 301
- Capit. clj. De como partiõ de Portugal por go
uernador da India Lopo soarez, & de como
chegou laa. 303
- Cap. cliij. De como el rey de Baharē, & el rey
de Baçora, & outros reys mandauão visitar
ho governador, & outros ho hião ver. 304
- Capit. cliij. Das nouas que ho governador sou
be da India, & de como faleceo de sua doen
ça, chegando à barra de Goa. 307
- Capit. clv. De como foy sepultado ho corpo do
governador, & de suas notaueis virtudes. 309

Fim da tauoada.